



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

THAIS DULTRA PEREIRA

**DO *APFB* AO ALiB:
A FAUNA NA BAHIA E EM SERGIPE, ONTEM E HOJE**

Salvador
2024

THAIS DULTRA PEREIRA

**DO *APFB* AO ALiB:
A FAUNA NA BAHIA E EM SERGIPE, ONTEM E HOJE**

Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal da Bahia (UFBA), Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora, área de Concentração História e Funcionamento das Línguas Naturais, linha de pesquisa Dialetologia e Sociolinguística.

Orientação: prof^ª Dr^ª Jacyra Andrade Mota.

Salvador
2024

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Dultra Pereira, Thais

Do APFB ao ALiB: a fauna na Bahia e em Sergipe,
ontem e hoje / Thais Dultra Pereira. -- salvador, 2024.
416 f.

Orientadora: Jacyra Andrade Mota.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Língua
e Cultura) -- Universidade Federal da Bahia,
Instituto de Letras, 2024.

1. Léxico. 2. Fauna. 3. Projeto ALiB. 4.
Dialetoлогия Pluridimensional. 5. Geolinguística. I.
Andrade Mota, Jacyra. II. Título.

THAIS DULTRA PEREIRA

DO APFB AO ALiB: A FAUNA NA BAHIA E EM SERGIPE, ONTEM E HOJE

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Língua e Cultura, Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

Salvador, 26 de abril de 2024.

Banca Examinadora	
Dr. ^a Jacyra Andrade Mota - Orientadora Universidade Federal da Bahia – UFBA	 Documento assinado digitalmente JACYRA ANDRADE MOTA Data: 14/11/2024 17:05:49-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
Dr. ^a Silvana Soares Costa Ribeiro Universidade Federal da Bahia – UFBA	 Documento assinado digitalmente SILVANA SOARES COSTA RIBEIRO Data: 28/10/2024 12:08:54-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
Dr. ^o Gredson dos Santos Universidade Federal da Bahia – UFBA	 Documento assinado digitalmente GREDSON DOS SANTOS Data: 29/10/2024 12:29:58-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
Dr. ^a Vanderci de Andrade Aguilera Universidade Estadual de Londrina – UEL	 Documento assinado digitalmente VANDERCI DE ANDRADE AGUILERA Data: 14/11/2024 10:50:12-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
Dr. ^a Norma da Silva Lopes Universidade Estadual da Bahia -	 Documento assinado digitalmente NORMA DA SILVA LOPES Data: 14/11/2024 14:53:39-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br

Dr.^a Edleise Mendes Oliveira Santos (Suplente)
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Dr.^a Marcela Moura Torres Paim (Suplente)
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Dr.^a Elisângela dos Passos Mendes (Suplente)
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia da
Bahia – IFBA

Dr.^a Beatriz Aparecida Alencar (Suplente)
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de
Mato Grosso do Sul – IFMS

À Marina, linda e serelepe, por me fazer
(re)existir e resistir como mãe.

À Roseri e à sua maternagem infinita.

À Maria José Quadros Dultra (*in memoriam*):
consequimos, Dindinha.

E a todas as mulheres-mães-cientistas que,
assim como eu, nunca desistem.

Nós não estamos sozinhas.

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares – os Dutra e os Pereira – em todas as suas esferas e divisões: meu pai, irmãos, primas, primos, tios e tias, avôs e avós, “[...] aqui ou noutra lugar, que pode ser feio ou bonito”, nas palavras de Djavan. Nas muitas “temporadas” desse percurso acadêmico, precisei e contei com cada um de vocês.

À professora Jacyra Mota, minha querida e amorosa orientadora. Ontem, no mestrado. Hoje, ao finalizarmos este doutorado, registro aqui os meus mais sinceros agradecimentos e a minha imensa gratidão. Primeiro, por continuar ao que chamo de “segunda edição” desta jornada; segundo, pela generosidade e firmeza em todas as orientações e conselhos. Seus *insights*, tão assertivos, foram muito bem-vindos, e os são sempre.

À professora Suzana Cardoso (*in memoriam*), por me encantar desde as primeiras ideias, os primeiros passos desse engatinhar nas trilhas da Dialectologia, por caminhos nem sempre poéticos, nem sempre suaves, nem sempre lineares. Mas sempre contínuos. Sigo firme.

À CAPES e ao CNPq, pela concessão da bolsa de doutorado na fase inicial desta pesquisa. Agradeço também à Universidade Federal da Bahia (UFBA) e ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC), pela estrutura e suporte oferecidos ao longo do curso de doutorado, mesmo após o reingresso, e vale dizer, também, em tempos de pandemia.

Ao Projeto ALiB, chamado por todos como “família ALiB”, pois, ao que parece, cabe os que quiserem verdadeiramente assumir o compromisso com os estudos dialetais. Ao Comitê, pela cessão à análise dos dados inéditos, e aos bolsistas, sempre solícitos nos momentos em que precisei acessar não só os dados do Projeto, como também os arquivos do *APFB* e do *ALS*, a “nossa” biblioteca e os “nossos” atlas. Os bastidores dos nossos *workshops*, seminários, congressos, aulas, atividades, resenhas e celebrações são a nossa melhor parte.

À professora Silvana Ribeiro, tão querida, pelos incentivos (muitos), nos momentos menos esperados desse caminhar acadêmico. Sua presença foi inspiradora, e suas orientações, fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço a competência, o olhar acurado aos mínimos detalhes, a paciência e o apoio constantes.

À Marcela Paim, ora como professora de estágio, ou das disciplinas da Pós, ora como supervisora do curso para revisora do ENEM e, agora, como uma das colegas na organização do *Documentos 9* (no prelo), junto com Ana Rita, Sandra Prudencio e Renata Carvalho, a quem expressei minha gratidão por mostrar que os espaços não são verticais e nem têm que ser distantes. E podem ser um pouco rosas.

Aos professores do PPGLinC de ambas edições do doutorado, quando dos cumprimentos dos componentes curriculares, entre os quais destaco especialmente Ilza Ribeiro (*in memoriam*), Dante Lucchesi, Josane Oliveira, Clézio Gonçalves e Gredson dos Santos, além das nossas “divas” Jacyra Mota, Silvana Ribeiro, Marcela Paim e Suzana Cardoso (*in memoriam*), já mencionadas.

Aos colegas da Pós, especialmente: Márcia Verônica Macedo, por confiar os seus livros, ainda no processo seletivo, quando nem me conhecia direito; Amanda dos Reis, pela revisão amorosa e competente do material para a primeira Qualificação, que não chegou a acontecer,

mas que ajudou, e muito, para a segunda versão; Lanuza Lima, pelo otimismo e perseverança ímpares; Hilmara Moura, pelos “aprontes”; Ana Paula Carneiro, por toda a sua ternura; Geisa Costa, pelas valiosíssimas conversas de corredor sobre as idas e vindas da academia e da maternidade; Rosana Pitta, pelas deliciosas risadas e sonhos; Talita Souza, pela doçura de se ter os pés no chão; Taiane Prata, pelas sextas, sempre de branco, para que eu me lembre sempre de onde viemos; Paulo Henrique Lopes, pela resiliência e perseverança, e Robeivaldo Santos, com quem dividi, muitas vezes, as angústias e dificuldades durante e após as aulas.

Aos meus queridos professores da União Metropolitana de Educação e Cultura (UNIME), Sandra Prudencio e Renata Carvalho, Sílvia Gonçalves, Maria Cristina Figueiredo, Maria do Carmo Pascoli, Denise Carrascosa, Nair Guimarães, Tatiane Lucena, Orlando Freire, José Amarante Sobrinho, Rerisson Araújo e Klebson Oliveira (*in memoriam*). Essa tese começou com vocês, minhas inspirações primeiras.

Às heranças afetivas da época da UNIME, e que perduram no hoje, Sílvia Rodrigues e Diego Cardoso. E também Ticiane Caldas dos Santos, presente em muitas temporadas e bastidores, da tese e da vida, porque amor é isso.

Ao Centro Universitário UniRuy Wyden (Antiga Faculdade Ruy Barbosa) e à extinta Faculdade Área 1, onde comecei minhas andanças pela docência no ensino superior, para cobrir a licença maternidade de Marla Oliveira, hoje, minha amiga e parceira.

Ao Centro Universitário Faculdade Metropolitana de Camaçari (UniFamec), por me abrir as portas profissionais em momentos difíceis, onde (re)encontrei mulheres queridas e potentes como as professoras Cláudia Opa e Luciene Reis, hoje, amigas de trabalho e da vida.

Às heranças do ensino médio no Colégio da Polícia Militar (CPM – Dendezeiros), Roberta Ramalho (Betinha), Fernanda Carvalho (Fred), Luciana América (Lulu) e Tarsila Adileu (Tarsi), por me ensinarem que a palavra convence, mas o nosso exemplo nos arrasta a caminhar juntos, onde quer que estejamos.

Ao Centro Territorial de Educação Profissional (CETEP-RM): aos colegas e estudantes, especialmente à gestão escolar – Mônica Araújo e Cristina Alinne (Diretora e vice-Diretora atuais), e Márcia Vivas (Diretora anterior), manifesto minha sincera gratidão.

Vocês são o meu “chão da escola”, agora, como efetiva – “deixe ela”. Agradeço por me mostrarem que, embora desafiador, difícil e até insano, é possível ser mãe solo, escrever uma tese, ser professora e ainda passar em um concurso público.

Dessa “galera” do CETEP-RM, destaco Alexandre Neves, por fazer meus gráficos, e Matheus Máximo (Vida), por cuidar dos meus alunos nos momentos difíceis de ausência.

Afinal, “Tudo vale a pena, quando a alma não é pequena”, não é mesmo, Pessoa?

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Há, sem dúvida, muitas pessoas preciso agradecer nesta jornada. Aos que já foram mencionados, reitero minha gratidão, pois cada um teve um papel essencial. Destaco, aqui, aqueles que, de maneira ainda mais especial, seguraram minha mão; surgiram no meio do caminho, seja para permanecer até o final ou apenas para cumprir seu propósito; nasceram; se despediram, rumo a outro plano; me abraçaram e não me deixaram cair. E houve os que, em alguns momentos, até me carregaram.

Agradeço, carinhosamente, às minhas mulheres-guardiãs: esses seres iluminados que existem para me mostrar que o amor chega e vem de todos os lados, em todas as cores, de onde e quando menos se espera.

Roseri Dultra sempre será a primeira da lista. Se eu tivesse que escolher infinitas vezes vir a este mundo, em todas seria ao seu lado, como sua filha. Sem sua presença única, em tantos momentos de erros e acertos, suas sacadas certeiras e providenciais, essa pesquisa já teria ficado para trás há muito tempo. Seu jeito acolhedor, gigante, onipresente, assertivo e amoroso, são inexplicavelmente maravilhosos. Gratidão e amor, mainha.

À minha filha, Marina. Ah, minha Fufi... Te agradeço tanto... tudo começa e termina em você, minha criança. Na urgência dos dias, desde a sua chegada. A pessoa que fui, se esvai, e dá lugar a uma mulher-mãe que aprende e reaprende, errando, caindo, em meio às suas-minhas lágrimas. É tudo muito e junto, porque maternar dói, é imenso, assustador, magnífico e aterrorizante. Sem meio-termo. Há leite materno, sangue, insônia, brinquedos, seus desenhos, rabiscos, letrinhas, gatos, birras, insônias de novo e muito amor nessa nossa maternidade real modo *hard and so sweet*. Sem rodeios ou devaneios. Um parágrafo é pouco, óbvio, mas foi o que coube nesse aqui. Mamãe ama.

Ao meu querido pai, Valter Alves Pereira, o meu *Little Dad*, o vovô Valter, pelo exemplo de vida e superação, e, na reta final, com quem compartilhei esse meu “trabalhando na tese”, e a Nildinha Guimarães, minha segunda mãe, pelo apoio em momentos de atravessados altos e baixos, sempre com muito afeto e amor.

A Joel Leal, meu companheiro-príncipe, minha melhor música e poesia, meu dueto, minha Estrela Maior e meu presente, por me ensinar todos os dias, na nossa doce rotina, que o amor é (re)construção em vez de descoberta. Obrigada pelo (re)aparecer e pelo seguir e ficar. Te amo.

À Danielle Dultra, minha prima e irmã de coração, e à sua linda família: Idalmar Teixeira, Malu e Flor, por me acolherem, a mim e à Marina, em sua casa em Teofilândia, num período terrível de medos e incertezas provocados pela pandemia da Covid-19. Além da amizade que compartilhamos ao longo de toda uma vida, o amor de vocês se manifestou de maneira tangível nesse momento inesperado e, ao mesmo tempo, tão necessário, marcado pela trilha sonora de “Acabou Chorare”, música minha e de Flor: *Tin gon tin gon gon gon guin/ Acabou chorare, ficou tudo lindo/ De manhã cedinho/ Tudo cá cá cá, na fé fé fé/ No bu bu li li, no bu bu li lindo/ No bu bu bolindo...* Amo vocês.

A Antônio Roberto Xavier, meu segundo pai, e à Zuleica Xavier, sua irmã (a tia Zuca), pelos momentos de refúgio no sítio Querência, principalmente nos tempos de caos pandêmico, e por todo o carinho com Marina.

A Creuza Peixinho, a vovó Creuza, por todo amor e cuidado dedicados à minha filha.

À Dailene Almeida Pereira Dultra, minha amora e cunhada linda, pelos melhores “esquemas vídeo-game” do mundo, pela ajuda providencial, muitas e muitas vezes, com Marina, e por ser a mãe do meu filho Bento.

Ao exemplo de luta e resistência, Waneska dos Anjos, pela amizade, parceria e amor, e por me lembrar, todos os dias, entre outras coisas, que “uma sobe e puxa a outra” e “tese boa é tese pronta”, sem nunca perder a ternura.

À minha amiga linda Marla, comigo desde os tempos da Ruy, com quem contei nos dois (quase três) anos finais, mesmo à distância. Seu incentivo quase que diário, através dos áudios de WhatsApp, a força mútua nos concursos prestados, a participação na minha rede materna de apoio, as palavras amorosas, e, claro, a leitura técnica e revisão, foram fundamentais para o término desta tese.

A Vera Lúcia Barbosa dos Santos, pelos cuidados carinhosos e por, muitas vezes, garantir café, almoço, janta e lanches prontos, para que fosse uma demanda a menos no percurso da escrita. Essa é a sua maior linguagem do amor.

A Ana Rita Carvalho e Leandro dos Santos, com quem divido o grupo mais babadeiro de todos os tempos, e todo e só nosso: meus amigos do ALiB para a vida. O que seria de mim sem vocês?

Ao grupo “Noites Traíçoeiras”, pelas *lives* musicais de emergência durante os dias e noites intermináveis de pandemia, e por serem meus amigos mais que especiais. Vocês sempre serão o meu lado B.

À Débora Diaz e Jérssica Viana, minhas irmãs de alma; Zelina da Costa, que, com sua escuta sempre amorosa e conselhos atemporais, sempre me vem com uma música: “agora que subi ladeira, sossego”; a comadre Juliana Cardoso (a dinda Júlia), que, mesmo longe, está perto; Suzana Ferreira (Suzy), minha parceira em todos (eu disse todos) os projetos; Ítala Geraldine, minha nutri; Rita Viana (Ritinha), inspiradora; Márcia Muniz, mulher gigante; Ellen Borges, puro charme e carisma; Alana Palma, minha tapioca; Lorena Adélia Oliveira, a mulher mais sarcástica e ao mesmo tempo mais amorosa do mundo; a Suzzan Anauara Sá, minha índia branca; a Thais (Tatai) e Fernanda Oliveira (Nanda), Poliana, Ara e Júlia Ikeda Brasil, presentes desde a infância. Vocês são meus bastidores em todas as versões de vida e de academia possíveis, meu kit de sobrevivência, meu colo e meu refúgio, como boas amigas que são.

A Marcus Vinícius Cunha (Nito), por correr comigo a minha primeira (e talvez única) meia maratona dessa minha existência e por me mostrar, com seu exemplo, que é possível viver um dia de cada vez: “Primeiro as primeiras coisas. Você já é doutora, ingressar e finalizar será só questão de tempo”, você me disse, quando fui reprovada em uma das tentativas de reingresso. E olha onde estamos? “Nada mal, hein?”, nas palavras de dona Neide Cunha.

À família Moura, em especial, Manuela e Adriano (Adri), pela amizade sincera nessa existência, e por trazer às nossas vidas as crianças-cristal Felipe (*in memoriam*), Cecília, Pietro e Maia.

Aos adultos, que eram adolescentes, Lorenzo Mariano, Brenda e Lorena; aos adolescentes (e/ou pré-adolescentes), que eram crianças, Eduarda Lamego, Miguel Giuliano, Iasmin,

Gabriel, Ana Luiza, Alícia, Davi Luca, Kiara e Elissa Maria; às crianças, que nasceram nesse período, Noah e Hadassah, Iza, Maria, João e Laurinha e, especialmente, a Bento, o neném pretinho da titia, e Lígia Maria, meu pão de queijo. Já se passaram doze anos... e não é que esse povo cresceu, enquanto eu escrevia?!

Às queridas Grazi Santoro, Denise Cabral e Cláudia Leiria, e à Associação Alcoolismo Feminino – nosso jardim de girassóis – por estenderem as mãos àquelas que ainda sofrem, e por caminharem de mãos dadas comigo e com as que perseveraram. Só por hoje, funciona.

À Maria Luiza Gusmão Pitta, pela sua competência e amorosidade, porque não se cruza, nunca, uma linha de chegada dessas sem um bom acompanhamento terapêutico.

Às lindas e fortes “Escrevivalentes” Ivanete da Hora Sampaio, Deise Viana Ferreira, Marta Alencar dos Santos, Raquel Alves dos Santos Nascimento, Gilmar Carneiro da Silva Freitas, Daniele do Nascimento Silva, Daniela Batista Santos, Ana Fátima dos Santos, Marília Pereira, Natália Carneiro Monte, Ana Margareth Gomes, Margareth Santos, Irlena Moreira, Cris Paixão, Camila Sequetto Pereira, Andrea Castiglioni, Edinage Carneiro, Cátia Silene e Patrícia Figueiredo, minhas companheiras de escrita diária, com quem aprendi que fazer uma tese pode até ser doloroso, mas não precisa ser solitário, tampouco sem afeto.

A Vinícius, John, Valdivany e Sarah Elisa Pereira, meus irmãos.

A Walter Alves Pereira júnior (tio Ninho), Vitor Dultra (tio Bibó), Flávia Almeida (tia Flávia – preta); Vinícius Viana (tio Vini) (*in memoriam*) e Lule Moraes (a dinda Lule): meus penseiros, confidentes, militantes dessa e de outras vidas que, além de irmãos, são os melhores amigos que a vida me deu. “Agora, já pode tocar as nossas”.

A todos e a cada um e cada uma de vocês,
Muito obrigada, axé!

“Isso é pra te levar no Ilê
Pra te lembrar do Badauê
Pra te lembrar de lá

Isso é pra te levar no meu terreiro
Pra te levar no Candomblé
Pra te levar no altar

Isso é pra te levar na fé
pois Deus é brasileiro
Muito obrigado Axé [...]”

Muito obrigado axé
(Brown, 2009)

RESUMO

Esta Tese de Doutorado se propôs à análise do léxico da fauna (e/ou de parte dela), sob o viés diatópico, a partir da observação dos dados inéditos do Projeto ALiB, em comparação com o *Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB* (Rossi, 1963) e o *Atlas Linguístico de Sergipe - ALS* (Ferreira *et al*, 1987), com o intuito de investigar as onze localidades coincidentes em dois Estados do Nordeste: nove na Bahia (Barra, Caetitê, Carinhanha, Itaberaba, Jacobina, Jeremoabo, Santa Cruz Cabralia, Santana e Vitória da Conquista) e duas em Sergipe (Propriá e Estância), nas diferentes sincronias. O aporte teórico fundamentou-se nos princípios concernentes às pesquisas dialetais, que incluiu a delimitação do *corpus* e o uso de metodologia apropriada, sendo a Dialectologia Pluridimensional a disciplina que alicerça o estudo e a Geolinguística, o método. Para investigação do tema, surgiram os seguintes questionamentos: (i) se há a possibilidade, a partir do levantamento de dados nas regiões selecionadas, de traçar isoglossas e mapear os aspectos semântico-lexicais da fauna; e (ii) de que maneira os fatores extralinguísticos influenciariam (ou não) as escolhas dos falantes. Sobre as hipóteses, acreditou-se na viabilidade de se traçar isoglossas e reconhecer diferenças e/ou semelhanças lexicais no confronto dos dados encontrados nos documentos, com consequente comprovação da variação linguística na área temática selecionada, para as referidas localidades. Além disso, acreditou-se na comprovação da influência de fatores extralinguísticos refletidos nos aspectos semântico-lexicais e na identificação de lexias em vias de desaparecimento. Quanto aos objetivos, esperou-se: (i) descrever a fauna, a partir do exame das localidades selecionadas, nos dois estados; (ii) identificar peculiaridades semântico-lexicais; (iii) avaliar modificações que se tenham operado no percurso do tempo; (iv) verificar a influência de fatores extralinguísticos e (v) elaborar cartas linguísticas. O presente estudo justificou-se pela necessidade de descrição da realidade do português brasileiro, ao fornecer à comunidade linguística informações com base em dados empíricos. No que se refere à metodologia, interessaram à pesquisa os dados obtidos pelo Questionário Semântico-Lexical (QSL) (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001), área temática fauna, em correspondência nos atlas e dados do Projeto ALiB levantados, o que resultou na investigação de: seis questões, mais as seis cartas correspondentes à fauna (e/ou de parte dela) nos atlas, nas onze localidades coincidentes nos *corpora*. A análise de dados estruturou-se em duas perspectivas: (i) semântico-lexical e (ii) geolinguística. Acredita-se que os resultados aqui divulgados venham a contribuir para o conhecimento da língua portuguesa falada no Brasil, mais especificamente dos usos que dela se fazem nas localidades em recorte do Estado da Bahia e de Sergipe.

Palavras-chave: Léxico. Fauna. Projeto ALiB. Atlas linguísticos. Dialectologia Pluridimensional. Geolinguística.

ABSTRACT

This Doctoral Dissertation proposed the analysis of the lexicon of fauna (and/or part of it), under a diatopic bias, based on the observation of unpublished data from the ALiB Project, in comparison with the *Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB* (Rossi, 1963) and the *Atlas Linguístico de Sergipe - ALS* (Ferreira *et al.*, 1987), with the aim of investigating the eleven coinciding localities in the two Northeastern States: nine in Bahia (Barra, Caetité, Carinhanha, Itaberaba, Jacobina, Jeremoabo, Santa Cruz Cabrália, Santana and Vitória da Conquista) and two in Sergipe (Propriá and Estância), in different synchronies. The theoretical contribution was based on the principles concerning dialectal research, which included the delimitation of the *corpus* and the use of appropriate methodology, with Pluridimensional Dialectology being the discipline that underpins the study and Geolinguistics, the method. To investigate the topic, the following questions arose: (i) whether there is the possibility, based on data collection in the selected regions, of drawing isoglosses and mapping the semantic-lexical aspects of the fauna; and (ii) how extralinguistic factors would influence (or not) speakers' choices. Regarding the hypotheses, we believed in the viability of drawing isoglosses and recognizing lexical differences and/or similarities when comparing the data found in the documents, with consequent proof of linguistic variation in the selected thematic area, for the aforementioned locations, in addition to proving the influence of extralinguistic factors reflected in semantic-lexical aspects and the identification of names on the verge of disappearance. As for the objectives, we expected: (i) to describe the fauna, based on the examination of the selected locations, in the two states; (ii) identify semantic-lexical peculiarities; (iii) evaluate changes that have occurred over time; (iv) verify the influence of extralinguistic factors and (v) prepare linguistic maps. The present study was justified by the need to describe the reality of Brazilian Portuguese, by providing the linguistic community with information based on empirical data. With regard to methodology, the research was interested in the data obtained by the Semantic-Lexical Questionnaire (QSL) (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001), fauna thematic area, in correspondence with the atlas and data from the ALiB Project collected, which resulted in the investigation of: six questions, plus the six maps corresponding to the fauna (and/or part of it) in the atlas, in the eleven coinciding locations in the *corpora*. Data analysis was structured into two perspectives: (i) semantic-lexical and (ii) geolinguistic. It is believed that the results published here will contribute to the knowledge of the Portuguese language spoken in Brazil, more specifically the uses of it in the localities in the State of Bahia and Sergipe.

Keywords: Lexicon. Fauna. ALiB Project. Linguistic atlas. Multidimensional Dialectology. Geolinguistics.

RESUMEN

Esta Tesis Doctoral propuso el análisis del léxico de la fauna (y/o parte de ella), bajo un sesgo diatópico, a partir de la observación de datos inéditos del Proyecto ALiB, en comparación con el Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB (Rossi , 1963) y el Atlas Linguístico de Sergipe - ALS (Ferreira et al., 1987), con el objetivo de investigar las once localidades coincidentes en los dos estados del Nordeste: nueve en Bahía (Barra, Caetité, Carinhanha, Itaberaba, Jacobina, Jeremoabo , Santa Cruz Cabrália, Santana y Vitória da Conquista) y dos en Sergipe (Propriá y Estância), en diferentes sincronías. El aporte teórico se basó en los principios propios de la investigación dialectal, que incluyeron la delimitación del corpus y el uso de una metodología adecuada, siendo la Dialectología Pluridimensional la disciplina que sustenta el estudio y la Geolingüística el método. Para investigar el tema surgen las siguientes interrogantes: (i) si existe la posibilidad, a partir de la recolección de datos en las regiones seleccionadas, de trazar isoglosas y mapear los aspectos semántico-léxicos de la fauna; y (ii) cómo los factores extralingüísticos influirían (o no) en las elecciones de los hablantes. En cuanto a las hipótesis, creímos en la viabilidad de trazar isoglosas y reconocer diferencias y/o similitudes léxicas al comparar los datos encontrados en los documentos, con la consiguiente evidencia de variación lingüística en el área temática seleccionada, para las localidades antes mencionadas, además de demostrar la influencia de factores extralingüísticos reflejados en aspectos semántico-léxicos y la identificación de nombres al borde de la desaparición. En cuanto a los objetivos, esperábamos: (i) describir la fauna, a partir del examen de los lugares seleccionados, en los dos estados; (ii) identificar peculiaridades semántico-léxicas; (iii) evaluar los cambios ocurridos a lo largo del tiempo; (iv) verificar la influencia de factores extralingüísticos y (v) elaborar mapas lingüísticos. El presente estudio se justificó por la necesidad de describir la realidad del portugués brasileño, proporcionando a la comunidad lingüística información basada en datos empíricos. En cuanto a la metodología, la investigación se interesó por los datos obtenidos por el Cuestionario Semántico-Léxico (QSL) (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001), área temática de fauna, en correspondencia con el atlas y los datos recolectados por el Proyecto ALiB, que resultó en la investigación de: seis preguntas, más los seis mapas correspondientes a la fauna (y/o parte de ella) del atlas, en las once ubicaciones coincidentes en los corpus. El análisis de los datos se estructuró en dos perspectivas: (i) semántico-léxica y (ii) geolingüística. Se cree que los resultados aquí publicados contribuirán al conocimiento de la lengua portuguesa hablada en Brasil, más específicamente sus usos en las localidades del Estado de Bahía y Sergipe.

Palabras clave: Léxico. Fauna. Proyecto ALiB. Atlas lingüístico. Dialectología multidimensional. Geolingüística.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Síntese dos estágios históricos da Semântica_____	67
Quadro 2	Classificação dos dicionários quanto ao critério de extensão de nomenclatura_____	84
Quadro 3	Atlas linguísticos brasileiros e a investigação da área temática fauna_____	98
Quadro 4	Levantamento das cartas produzidas a partir das questões da fauna coincidentes nos atlas brasileiros_____	103
Quadro 5	<i>APFB</i> : Distribuição dos pontos por localidade e divisão geográfica_____	105
Quadro 6	<i>APFB</i> : distribuição dos informantes por ponto, localidade, sexo e idade_____	109
Quadro 7	<i>ALS</i> : Distribuição dos pontos por localidade e divisão geográfica_____	114
Quadro 8	Distribuição dos informantes do <i>ALS</i> por idade/sexo_____	116
Quadro 9	<i>ALS</i> : distribuição dos informantes por ponto, localidade, sexo e idade_____	117
Quadro 10	Questões do Projeto ALiB selecionadas para a investigação da fauna_____	129
Quadro 11	Lemas com números das questões do Projeto ALiB e cartas correspondentes no <i>APFB</i> e <i>ALS</i> _____	129
Quadro 12	Localidades coincidentes no <i>APFB</i> e Projeto ALiB, distribuídas por ponto de inquérito_____	132
Quadro 13	Localidades coincidentes no <i>ALS</i> e Projeto ALiB, distribuídas por ponto de inquérito_____	133
Quadro 14	Levantamento do perfil dos informantes do <i>APFB</i> _____	134
Quadro 15	Levantamento do perfil dos informantes do <i>ALS</i> _____	135
Quadro 16	Levantamento do perfil dos informantes do Projeto ALiB para a Bahia_____	136
Quadro 17	Levantamento do perfil dos informantes do Projeto ALiB para a Sergipe_____	138

Quadro 18	Síntese dos dicionários de usos gerais da língua portuguesa utilizados para análise lexicográfica _____	140
Quadro 19	Síntese dos dicionários especializados e/ ou temáticos utilizados para análise lexicográfica _____	140
Quadro 20	Disposição das cartas-resumo elaboradas com base nos <i>corpora</i> _____	148
Quadro 21	Síntese das denominações para <i>a cria da ovelha logo que nasce</i> conforme registros nos dicionários de usos gerais da língua portuguesa _____	170
Quadro 22	Síntese das denominações para <i>a cria da ovelha logo que nasce</i> em dicionários especializados de língua portuguesa _____	170
Quadro 23	Feminino e diminutivo para <i>a cria da ovelha logo que nasce</i> nas cartas 131 <i>APFB</i> e 132 <i>ALS</i> _____	184
Quadro 24	Feminino e diminutivo para <i>a cria da ovelha logo que nasce</i> no <i>APFB</i> , <i>ALS</i> e Projeto <i>ALiB</i> _____	185
Quadro 25	Síntese das denominações para <i>a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas</i> nos dicionários de usos gerais da língua portuguesa _____	199
Quadro 26	Síntese das denominações para <i>a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas</i> nos dicionários especializados da língua portuguesa _____	200
Quadro 27	Síntese das denominações para <i>uma galinha sem rabo</i> conforme registros nos dicionários de usos gerais da língua portuguesa _____	228
Quadro 28	Síntese das denominações para <i>uma galinha sem rabo</i> conforme registros nos dicionários especializados _____	229
Quadro 29	Localidades, por pontos de inquérito, com ocorrência de <i>suro</i> com base na carta 113 para <i>uma galinha sem rabo</i> do _____	237

	<i>APFB</i> _____	
Quadro 30	Localidades, por pontos de inquérito, com ocorrência de <i>suruco</i> com base na carta 113 para <i>uma galinha sem rabo</i> do <i>APFB</i> _____	237
Quadro 31	Localidades, por pontos de inquérito, com ocorrência de <i>suro</i> com base na carta 113 para <i>uma galinha sem rabo</i> do <i>APFB</i> _____	238
Quadro 32	Síntese das denominações para <i>gambá</i> conforme registros nos dicionários de usos gerais da língua portuguesa _____	255
Quadro 33	Síntese das denominações para <i>bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado</i> conforme registros nos dicionários especializados _____	256
Quadro 34	Proporções: possibilidades de cruzamento entre animais intersexo e animais mochos _____	278
Quadro 35	Síntese das denominações para <i>uma cabra sem chifres</i> conforme registros nos dicionários de usos gerais da língua portuguesa _____	282
Quadro 36	Síntese das denominações para <i>uma cabra sem chifres</i> conforme registros nos dicionários especializados _____	283
Quadro 37	Síntese das denominações para <i>um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado</i> , conforme dicionários de usos gerais da língua portuguesa _____	303
Quadro 38	Síntese das denominações para <i>bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado</i> , conforme dicionários especializados _____	303
Quadro 39	Decréscimo da interrelação som-sentido, com conseqüente redução da motivação entre expressão e conteúdo nos nomes compostos para <i>sanguessuga</i> _____	320
Quadro 40	Síntese das ocorrências para <i>cria da ovelha</i> nos <i>corpora</i> _____	329

Quadro 41	Síntese das ocorrências para <i>galinha d'angola</i> nos <i>corpora</i> _____	331
Quadro 42	Síntese das ocorrências para <i>galinha sem rabo</i> nos <i>corpora</i> _____	333
Quadro 43	Síntese das ocorrências para <i>gambá</i> nos <i>corpora</i> _____	335
Quadro 44	Síntese das ocorrências para <i>cabra sem chifres</i> nos <i>corpora</i> _____	337
Quadro 45	Síntese das ocorrências para <i>sanguessuga</i> nos <i>corpora</i> : variação lexical__	339
Quadro 46	Síntese das ocorrências para <i>sanguessuga</i> nos <i>corpora</i> : variação fonética	340
Quadro 47	Dicionarização - <i>cria da ovelha logo que nasce</i> _____	366
Quadro 48	Dicionarização - <i>ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas</i> _____	370
Quadro 49	Dicionarização - <i>galinha sem rabo</i> _____	374
Quadro 50	Dicionarização - <i>bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado</i> _____	379
Quadro 51	Dicionarização - <i>cabra que sem chifres</i> _____	382
Quadro 52	Dicionarização - <i>bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado</i> _____	384
Quadro 53	Dicionarização - <i>cria da ovelha logo que nasce</i> : obras especializadas__	388
Quadro 54	Dicionarização - <i>ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas</i> : obras especializadas _____	394
Quadro 55	Dicionarização - <i>galinha sem rabo</i> : obras especializadas _____	399
Quadro 56	Dicionarização - <i>bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado</i> : obras especializadas _____	404
Quadro 57	Dicionarização - <i>cabra que não tem chifres</i> : obras	408

especializadas_____

Quadro 58 Dicionarização - *bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado:* obras especializadas_____

411

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Primeira fase dos estudos dialetais no Brasil_____	54
Figura 2	Segunda fase dos estudos dialetais do Brasil_____	55
Figura 3	Terceira fase dos estudos dialetais em linha do tempo_____	58
Figura 4	Representação do “quarteto mágico” e saberes lexicais_____	82
Figura 5	Esquema tipológico dos dicionários e enciclopédias utilizados na tese com distribuição de autores_____	87
Figura 6	Legenda das Cartas Experimentais Conjuntas Lc – galinha d’angola_____	147
Figura 7	Cartas Experimentais Conjuntas Lc – galinha d’angola – recorte_____	147
Figura 8	Destaque para presença de <i>bezerro</i> : APFB, Santa Cruz Cabralia (ponto 9)_____	150
Figura 9	Destaque para presença de <i>bodinho</i> : Projeto ALiB para a Bahia, Santana (ponto 92)_____	148
Figura 10	Cria da ovelha, raça Santa Inês_____	168
Figura 11	Cria da ovelha, raça Morada Nova_____	169
Figura 12	Cria da ovelha, raça Dorper_____	169
Figura 13	Ovelha amamentando a cria, raça Somalis_____	170
Figura 14	Carta Experimental Conjunta APFB/ALS: L1a – Cria da ovelha_____	190
Figura 15	Carta Experimental ALiB para BA e SE: L1b – Cria da ovelha_____	192
Figura 16	Galinhas-d’angola (<i>Numida melagris</i>)_____	197

Figura 17	Galinha-d'angola	pintada	(<i>Numida vultrina</i>)	198
Figura 18	Galinha-d'angola	pintada, com crista	(<i>Numida cristata</i>)	198
Figura 19	Carta Experimental Conjunta	APFB/ALS: L2a	– Galinha d'angola	214
Figura 20	Carta Experimental ALiB para	BA e SE: L2b	– Galinha d'angola	217
Figura 21	Galinha Araucana: macho	- subespécie	<i>Kollonca de Aretes</i>	226
Figura 22	Galinha Araucana: fêmea	- subespécie	<i>Kollonca de Aretes</i>	226
Figura 23	Galo: espécie	Araucana - subespécie	<i>kolloncas</i>	226
Figura 24	Galinha: espécie	Araucana - subespécie	<i>kolloncas</i>	226
Figura 25	Ovos de Araucana em tons de azul e verde misturados com ovos de outras colorações provenientes de outras galinhas caipiras			227
Figura 26	Carta Experimental Conjunta	APFB/ALS: L3a	– Sem rabo (pinto, galinha)	244
Figura 27	Carta Experimental ALiB para	BA e SE: L3b	– Sem rabo (pinto, galinha)	246
Figura 28	Nhambu, família	<i>Tinamidae</i>	(<i>Crypturus variegatus</i>)	248
Figura 29	<i>Didelphis aurita</i>		(gambá-de-orelha-preta)	252
Figura 30	<i>Didelphis aurita</i>		(gambá-de-orelha-preta)	252
Figura 31	<i>Didelphis imperfecta</i>		(gambá-amazônico)	253
Figura 32	<i>Didelphis imperfecta</i>		(gambá-amazônico)	253
Figura 33	Carnívoro da família	<i>Mephitidae: Conepatus semistriatus</i>	(cangambá)	255
Figura 34	Carta Experimental Conjunta	APFB/ALS: L4a	– Gambá	271
Figura 35	Carta Experimental ALiB para	BA e SE: L4b	–	275

	Gambá_____	
Figura 36	Caprino da raça Toggenburb_____	281
Figura 37	Caprinos da raça Toggenburb_____	281
Figura 38	Caprinos da raça Saanen_____	282
Figura 39	Carta Experimental Conjunta APFB/ALS: L5a – Cabra sem chifres_____	291
Figura 40	Carta Experimental ALiB para BA e SE: L5b – Cabra sem chifres_____	297
Figura 41	Sanguessuga <i>Hirudo medicinalis</i> _____	300
Figura 42	Sanguessuga em uso medicinal_____	301
Figura 43	Carta Experimental Conjunta APFB/ALS: L6a – Sanguessuga_____	315
Figura 44	Carta Experimental ALiB para BA e SE: L6b – Sanguessuga_____	316
Figura 45	Carta Experimental Conjunta APFB, ALS e Projeto ALiB para BA e SE: L1c – Cria da ovelha_____	331
Figura 46	Carta Experimental Conjunta APFB, ALS e Projeto ALiB para BA e SE: L2c – Galinha d'angola_____	333
Figura 47	Carta Experimental Conjunta APFB, ALS e Projeto ALiB para BA e SE: L3c – Sem rabo (pinto, galinha)_____	335
Figura 48	Carta Experimental Conjunta APFB, ALS e Projeto ALiB para BA e SE: L4c – Gambá_____	337
Figura 49	Carta Experimental Conjunta APFB, ALS e Projeto ALiB para BA e SE: L5c – Cabra sem chifres_____	339
Figura 50	Carta Experimental Conjunta APFB, ALS e Projeto ALiB para BA e SE: L6c – Sanguessuga_____	341

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Produção de bovinos em localidades baianas na década de 60 e anos 2000_____	155
Gráfico 2	Produção de bovinos em localidades sergipanas na década de 60 e anos 2000	156
Gráfico 3	Produção de ovinos em localidades baianas na década de 60 e anos 2000_____	157
Gráfico 4	Produção de ovinos em localidades sergipanas na década de 60 e anos 2000__	157
Gráfico 5	Produção de caprinos em localidades baianas na década de 60 e anos 2000__	158
Gráfico 6	Produção de caprinos em localidades sergipanas na década de 60 e anos 2000_	159
Gráfico 7	Produção de galináceos em localidades baianas na década de 70 e anos 2000_	161
Gráfico 8	Produção de galináceos em localidades sergipanas na década de 70 e anos 2000_____	162
Gráfico 10	– Percentuais para <i>a cria da ovelha logo que nasce nas cartas 131 APFB e 132 ALS</i> _____	178
Gráfico 9	Percentuais para <i>a cria da ovelha logo que nasce nos corpora para APFB e ALS</i> _____	181
Gráfico 11	Percentuais para <i>a cria da ovelha logo que nasce nos corpora</i> – Projeto ALiB para Bahia e Sergipe_____	182
Gráfico 12	Percentuais para <i>a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas nas cartas 114 APFB e 116 ALS</i> _____	206
Gráfico 13	Percentuais para <i>a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas nos corpora para APFB e ALS</i> _____	209
Gráfico 14	Percentuais para <i>a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas nos corpora</i> – Projeto ALiB para Bahia e Sergipe_____	210
Gráfico 15	Percentuais para <i>uma galinha sem rabo nas cartas 113 APFB e 115</i>	235

	<i>ALS</i> _____	
Gráfico 16	Percentuais para <i>uma galinha sem rabo</i> nos <i>corpora</i> para <i>APFB</i> e <i>ALS</i> _____	239
Gráfico 17	Percentuais para <i>uma galinha sem rabo</i> nos <i>corpora</i> – Projeto ALiB para Bahia e Sergipe_____	240
Gráfico 18	Percentuais para <i>gambá</i> nas cartas 141 <i>APFB</i> e 128 <i>ALS</i> _____	263
Gráfico 19	Percentuais para <i>gambá</i> nos <i>corpora</i> para <i>APFB</i> e <i>ALS</i> _____	266
Gráfico 20	Percentuais para <i>gambá</i> nos <i>corpora</i> : Projeto ALiB para Bahia e Sergipe_____	267
Gráfico 21	Percentuais para <i>uma cabra sem chifres</i> nas cartas 132 <i>APFB</i> e 133 <i>ALS</i> _____	286
Gráfico 22	Percentuais para <i>uma cabra sem chifres</i> nos <i>corpora</i> para <i>APFB</i> e <i>ALS</i> _____	288
Gráfico 23	Percentuais para <i>uma cabra sem chifres</i> nos <i>corpora</i> : Projeto ALiB para Bahia e Sergipe_____	290
Gráfico 24	Percentuais para <i>sanguessuga</i> nas cartas 128 <i>APFB</i> e 127 <i>ALS</i> _____	307
Gráfico 25	Percentuais para <i>um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado</i> nos <i>corpora</i> para <i>APFB</i> e <i>ALS</i> _____	311
Gráfico 26	Percentuais para <i>um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado</i> nos <i>corpora</i> : Projeto ALiB para Bahia e Sergipe_____	312

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Distribuição dos informantes do APFB por idade _____	110
Tabela 2	Distribuição da rede de pontos por Região em comparação com a proposta de Nascentes em Bases _____	121
Tabela 3	Rede de pontos: Projeto ALiB, Nascentes em Bases, APFB e a tese, em comparação _____	123
Tabela 4	Comparativo: rede de pontos – Projeto ALiB, Nascentes em Bases e ALS _____	124
Tabela 5	Número de ocorrências/percentuais para a cria da ovelha logo que nasce no APFB e ALS _____	177
Tabela 6	Respostas para a cria da ovelha logo que nasce nas cartas 131 APFB e 132 ALS _____	119
Tabela 7	Número de ocorrências / percentuais para a cria da ovelha logo que nasce nos corpora para APFB e ALS _____	181
Tabela 8	Número de ocorrências / percentuais para a cria da ovelha logo que nasce nos corpora: Projeto ALiB para Bahia e Sergipe _____	182
Tabela 9	Síntese das ocorrências e percentuais totais, por lexia, para a cria da ovelha logo que nasce nos três corpora _____	183
Tabela 10	Respostas para a cria da ovelha logo que nasce nos três corpora _____	184
Tabela 11	Síntese da distribuição dos nomes para como se chama a cria da ovelha logo que nasce no APFB e ALS _____	188
Tabela 12	Síntese da distribuição dos nomes para a cria da ovelha logo que nasce nas localidades do Projeto ALiB para Bahia e Sergipe _____	192
Tabela 13	Número de ocorrências / percentuais para a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas no APFB e ALS _____	206

Tabela 14	Respostas para <i>ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas</i> nas cartas 114 APFB e 116 ALS _____	207
Tabela 15	Número de ocorrências / percentuais para <i>a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas</i> nos corpora para APFB e ALS _____	209
Tabela 16	Número de ocorrências / percentuais para <i>a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas</i> nos corpora: Projeto ALiB para Bahia e Sergipe _____	210
Tabela 17	Síntese das ocorrências e percentuais totais, por lexia, nos três corpora _____	211
Tabela 18	Respostas para <i>a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas</i> nos três corpora _____	211
Tabela 19	Síntese da distribuição dos nomes para <i>a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas</i> no APFB e ALS _____	212
Tabela 20	Síntese da distribuição dos nomes para <i>a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas</i> no Projeto ALiB para Bahia e Sergipe _____	215
Tabela 21	Número de ocorrências / percentuais nas cartas 113 APFB e 115 ALS _____	234
Tabela 22	Respostas para <i>uma galinha sem rabo</i> nas cartas 113 APFB e 115 ALS _____	236
Tabela 23	Número de ocorrências / percentuais para <i>uma galinha sem rabo</i> nos corpora: APFB e ALS _____	239
Tabela 24	Número de ocorrências / percentuais para <i>uma galinha sem rabo</i> : Projeto ALiB para Bahia e Sergipe _____	240
Tabela 25	Síntese das ocorrências e percentuais totais, por lexia, nos três	241

	<i>corpora</i> _____	
Tabela 26	Respostas para <i>uma galinha sem rabo</i> nos três <i>corpora</i> _____	241
Tabela 27	Síntese da distribuição dos nomes para <i>uma galinha sem rabo</i> , de acordo com as localidades no <i>APFB</i> e <i>ALS</i> _____	242
Tabela 28	Síntese da distribuição dos nomes para <i>uma galinha sem rabo</i> nas localidades no Projeto ALiB para Bahia e Sergipe _____	244
Tabela 29	Número de ocorrências/percentuais para <i>gambá</i> no <i>APFB</i> e <i>ALS</i> _____	262
Tabela 30	Respostas para <i>gambá</i> nas cartas 141 <i>APFB</i> e 128 <i>ALS</i> _____	264
Tabela 31	Número de ocorrências / percentuais para <i>gambá</i> nos <i>corpora</i> : <i>APFB</i> e <i>ALS</i> _____	266
Tabela 32	Número de ocorrências / percentuais para <i>um bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado</i> nos <i>corpora</i> : Projeto ALiB para Bahia e Sergipe _____	267
Tabela 33	Síntese das ocorrências e percentuais totais, por lexia, para <i>gambá</i> nos três <i>corpora</i> _____	267
Tabela 34	Respostas para <i>gambá</i> nos três <i>corpora</i> _____	268
Tabela 35	Distribuição das formas lexicais para <i>gambá</i> de acordo com as localidades no <i>APFB</i> e <i>ALS</i> _____	269
Tabela 36	Síntese da distribuição dos nomes para <i>um bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado</i> nas localidades no Projeto ALiB para Bahia e Sergipe _____	270
Tabela 37	Número de ocorrências /percentuais para <i>uma cabra sem chifres</i> no <i>APFB</i> e <i>ALS</i> _____	286
Tabela 38	Respostas para <i>uma cabra sem chifres</i> nas cartas 132 <i>APFB</i> e 133 <i>ALS</i> _____	287
Tabela 39	Número de ocorrências / percentuais para <i>cabra sem chifres</i> nos <i>corpora</i> : <i>APFB</i> e <i>ALS</i> _____	288

Tabela 40	Síntese da distribuição dos nomes para <i>uma cabra sem chifres</i> , de acordo com as localidades no <i>APFB</i> e <i>ALS</i> _____	289
Tabela 41	Número de ocorrências / percentuais para <i>cabra sem chifres</i> : Projeto ALiB para Bahia e Sergipe _____	289
Tabela 42	Síntese da distribuição dos nomes para <i>uma cabra sem chifres</i> nas localidades do Projeto ALiB para Bahia e Sergipe _____	291
Tabela 43	Síntese das ocorrências e percentuais totais, por lexia, nos três <i>corpora</i> _____	291
Tabela 44	Respostas para <i>uma cabra sem chifres</i> nos três <i>corpora</i> _____	292
Tabela 45	Número de ocorrências/percentuais para <i>sanguessuga</i> no <i>APFB</i> e <i>ALS</i> _____	306
Tabela 46	Respostas para <i>sanguessuga</i> nas cartas 128 <i>APFB</i> e 127 <i>ALS</i> _____	307
Tabela 47	Respostas para <i>sanguessuga</i> nas cartas 128 <i>APFB</i> e 127 <i>ALS</i> : variação fonética _____	309
Tabela 48	Número de ocorrências / percentuais para <i>um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado</i> nos <i>corpora</i> : <i>APFB</i> e <i>ALS</i> _____	310
Tabela 49	Número de ocorrências / percentuais para <i>um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado</i> : Projeto ALiB para Bahia e Sergipe _____	311
Tabela 50	Síntese das ocorrências e percentuais totais, por lexia, nos três <i>corpora</i> _____	312
Tabela 51	Respostas para <i>um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado</i> nos três <i>corpora</i> _____	313
Tabela 52	Síntese da distribuição dos nomes para <i>sanguessuga</i> de acordo com as localidades no <i>APFB</i> e <i>ALS</i> _____	313
Tabela 53	Síntese da distribuição dos nomes para <i>sanguessuga</i> nas localidades no	315

	Projeto	ALiB	para	Bahia	e		
	Sergipe	_____					
Tabela 54	Variação fonética para <i>sanguessuga</i> nos <i>corpora</i> : <i>APFB</i> e <i>ALS</i>	_____					318
Tabela 55	Número de ocorrências / percentuais para <i>sanguessuga</i> – Projeto ALiB para Bahia e Sergipe: variação fonética	_____					318
Tabela 56	Síntese das ocorrências e percentuais totais para <i>sanguessuga</i> nos três <i>corpora</i> : variação fonética	_____					319

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADAB	Agência de Defesa Agropecuária da Bahia
ALAM	Atlas Linguístico do Amazonas
ALAP	Atlas Linguístico do Amapá
ALEAL	Atlas Linguístico do Estado do Alagoas
ALERS	Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALiPE	Atlas Linguístico de Pernambuco
ALiTI	Atlas Linguístico do Território Incaracterístico
ALMS	Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul
ALPB	Atlas Linguístico da Paraíba
ALPR	Atlas Linguístico do Paraná
ALS	Atlas Linguístico de Sergipe
APFB	Atlas Prévio dos Falares Baianos
BBC	<i>British Broadcasting Corporation</i>
BND	Biblioteca Nacional Digital de Portugal
CIDS	Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística
EALMG	Esboço do Atlas Linguístico de Minas Gerais
EMAPE	Empresa Produtora de aves e ovos no Nordeste
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EQ	Extrato de Questionário
FDA	<i>Food and Drug Administration</i>
FIEB	Federação das Indústrias do Estado da Bahia
PIS	<i>Polled Intersex syndrome</i>
HARAS	Homem, Adulto, Rurícola, Analfabeto e Sedentário
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INF	Informante
INQ	Inquiridor
LANE	<i>Linguistic Atlas of the United States and Canada</i>
MAPA	Ministério de Agricultura e Pecuária e Abastecimento

NL	Não Lembra
NO	Não Obtida
NORM	<i>Nonmobile, Older, Rural Male</i>
NR	Não Respostas
NS	Não Sabe
NURC	Projeto Norma Culta Urbana do Brasil
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
PEUL	Programa de Estudos sobre o Uso da Língua
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
QFF	Questionário Fonético-fonológico
QGIS	<i>Quantum GIS</i>
QMS	Questionário Morfossintático
QSL	Questionário Semântico-Lexical
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SIG	Sistema de Informações Cartográficas
SRD	Sem Raça Definida
VBP	Valor Bruto de Produção

SUMÁRIO

1	PREPARANDO O TERRENO: INTRODUÇÃO ÀS ESCOLHAS E CAMINHOS SEGUIDOS PELA PESQUISA	31
2	FUNDAÇÕES TEÓRICAS: CONSTRUINDO ENTENDIMENTOS ENTRE OS SABERES LINGUÍSTICOS	40
2.1	FUNDAMENTOS EM DIALETOLOGIA E GEOLINGUÍSTICA	40
2.1.1	Trajetória da Dialectologia	43
2.1.1.1	Breves palavras sobre língua e variação	45
2.1.1.2	Interfaces entre Dialectologia e Sociolinguística	48
2.1.2	Dos princípios e métodos da Geolinguística	53
2.2	NAS VIGAS DA SEMÂNTICA	60
2.2.1	Perspectivas da Semântica Cognitiva	68
2.2.2	Análise semântico-lexical e as relações com a motivação semântica	73
2.3	OS PILARES DO LÉXICO	76
2.3.1	Breve apresentação dos dicionários de usos clássicos e contemporâneos brasileiros	82
2.3.2	Breves comentários sobre os dicionários e enciclopédias selecionados para a tese	85
2.4	NOS TERRENOS DA ETNOLINGUÍSTICA E DA CULTURA	93
3	PELAS TRILHAS DAS VEREDAS: APRESENTAÇÃO DOS DOCUMENTOS LINGUÍSTICOS INVESTIGADOS	97
3.1	O LÉXICO DA FAUNA NOS ATLAS LINGUÍSTICOS BRASILEIROS	97
3.2	OS <i>CORPORA</i> DA TESE	103
3.2.1	Os primeiros estudos: <i>Atlas Prévio Dos Falares Baianos – APFB</i>	105
3.2.1.1	A rede de pontos do <i>APFB</i>	105
3.2.1.2	O Extrato de Questionário (EQ) do <i>APFB</i>	106
3.2.1.3	Os inquiridores, inquiridos linguísticos e perfil dos informantes do <i>APFB</i>	107
3.2.1.4	As cartas linguísticas do <i>APFB</i>	111

3.2.2	Passos seguintes: <i>Atlas Linguístico de Sergipe – ALS</i>	112
3.2.2.1	A rede de pontos do <i>ALS</i>	113
3.2.2.2	O questionário do <i>ALS</i>	115
3.2.2.3	Os inquiridores, inquiridos e perfil dos informantes do <i>ALS</i>	115
3.2.2.4	As Cartas linguísticas do <i>ALS</i>	117
3.2.3	Rotas Atuais: Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB	118
3.2.3.1	A rede de pontos do Projeto ALiB	119
3.2.3.1.1	<i>Bahia e Sergipe</i>	123
3.2.3.2	O questionário do Projeto ALiB	125
3.2.3.3	Inquiridores, inquiridos e perfil dos informantes do Projeto ALiB	125
3.2.3.4	As cartas linguísticas do Projeto ALiB	126
4	PLANEJAMENTO DO SÍTIO: A METODOLOGIA DA TESE	128
4.1	SELEÇÃO DAS QUESTÕES COINCIDENTES NOS <i>CORPORA</i>	128
4.2	LEVANTAMENTO DAS LOCALIDADES COINCIDENTES NA BAHIA E EM SERGIPE A PARTIR DOS <i>CORPORA</i>	132
4.3	O PERFIL DOS INFORMANTES NA AMOSTRA	133
4.3.1	Perfil dos informantes – <i>APFB</i>	133
4.3.2	Perfil dos informantes – <i>ALS</i>	135
4.3.3	Perfil dos informantes – Projeto ALiB	136
4.4	CRITÉRIOS PARA ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS	138
4.4.1	Comentários sobre a investigação léxico-semântica	139
5.4.2	Comentários sobre a investigação geolinguística	141
4.4.2.1	Detalhamento para análise das Não Respostas	142
4.4.2.2	Agrupamentos por questão	143
4.4.2.3	Apresentação da cartografia	145
5	ASPECTOS DA FAUNA NA BAHIA E EM SERGIPE: UM PANORAMA DAS ATIVIDADES PECUÁRIAS ONTEM E HOJE	150
5.1	OVINOCULTURA E CAPRINOCULTURA	152
5.2	A CRIAÇÃO DE GALINÁCEOS E DE AVES EXÓTICAS	160
6	CONSTRUÇÃO DA ESTRUTURA: A ANÁLISE DOS DADOS	165

6.1	COMO SE CHAMA A CRIA DA OVELHA LOGO QUE NASCE? _____	166
6.1.1	Análise semântico-lexical _____	169
6.1.2	Análise geolinguística _____	176
6.2	COMO SE CHAMA A AVE DE CRIAÇÃO PARECIDA COM A GALINHA, DE PENAS PRETAS COM PINTINHAS BRANCAS? _____	195
6.2.1	Análise semântico-lexical _____	199
6.2.2	Análise geolinguística _____	204
6.3	COMO SE CHAMA A GALINHA SEM RABO? _____	222
6.3.1	Análise semântico-lexical _____	228
6.3.2	Análise geolinguística _____	234
6.4	COMO SE CHAMA O BICHO QUE SOLTA UM CHEIRO RUIM QUANDO SE SENTE AMEAÇADO? _____	248
6.4.1	Análise semântico-lexical _____	255
6.4.2	Análise geolinguística _____	262
6.5	COMO SE CHAMA UMA CABRA QUE NÃO TEM CHIFRES? _____	275
6.5.1	Análise semântico-lexical _____	282
6.5.2	Análise geolinguística _____	285
6.6	COMO SE CHAMA UM BICHINHO QUE SE GRUDA NAS PERNAS DAS PESSOAS QUANDO ELAS ENTRAM NUM CÓRREGO OU BANHADO? _____	297
6.6.1	Análise semântico-lexical _____	302
6.6.2	Análise geolinguística _____	306
6.6.2.1	Variação fonética _____	317
6.7	ANÁLISE DOS DADOS EM SÍNTESE _____	321
6.7.1	Resultados da análise semântico-lexical _____	321
6.7.1.1	Cria da ovelha _____	322
6.7.1.2	Galinha d'angola _____	323
6.7.1.3	Galinha sem rabo _____	324
6.7.1.4	Gambá _____	325
6.7.1.5	Cabra sem chifres _____	326
6.7.1.6	Sanguessuga _____	326
6.7.2	Resultados da Análise geolinguística _____	327
6.7.2.1	Cria da ovelha _____	328

6.7.2.2	Galinha d'angola _____	330
6.7.2.3	Galinha sem rabo _____	333
6.7.2.4	Gambá _____	335
6.7.2.5	Cabra sem chifres _____	337
6.7.2.6	Sanguessuga _____	338
7	A CASA CONCLUÍDA: CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	342
	REFERÊNCIAS _____	350
	APÊNDICES _____	364
	APÊNDICE A - QUADROS-RESUMO: PESQUISAS NAS OBRAS LEXICOGRÁFICAS E /OU ENCICLOPÉDICAS: DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA _____	365
	APÊNDICE B - QUADROS-RESUMO: PESQUISAS NAS OBRAS LEXICOGRÁFICAS E/OU ENCICLOPÉDICAS: DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS _____	387
	ANEXOS _____	412
	ANEXO A - EXCERTO DO QUESTIONÁRIO (APFB) _____	413
	ANEXO B - EXCERTO DO QUESTIONÁRIO (ALS) _____	414
	ANEXO C - EXCERTO DO QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO- LEXICAL FAUNA (PROJETO ALIB) _____	415

1 PREPARANDO O TERRENO: INTRODUÇÃO ÀS ESCOLHAS E CAMINHOS SEGUIDOS PELA PESQUISA

A riqueza cultural e linguística da Região Nordeste, permeada por diversas influências históricas, sociais e geográficas, proporciona um terreno fértil para a investigação dos falares locais. Nesse contexto, na esteira da pesquisa em Dialectologia, empreende-se, aqui, uma análise minuciosa da variação linguística presente em dois estados do Nordeste brasileiro. Focando especialmente no léxico regional, este estudo visa não apenas compreender a diversidade linguística da região, mas também mapear as características lexicais específicas relacionadas à fauna, contribuindo para uma visão mais completa do falar nordestino.

Ao iniciar a jornada de pesquisa desta tese doutoral, a autora traz, metaforicamente, a construção de uma casa, onde a riqueza do solo histórico e linguístico da Bahia e Sergipe serviu como terreno fértil. Cada capítulo, ou seção, como uma etapa na edificação, representou a seleção cuidadosa de materiais sólidos, desde os tijolos teóricos da Dialectologia e Sociolinguística até as vigas da Semântica e os pilares do Léxico. As trilhas das veredas documentadas revelaram-se como os caminhos para descobertas, enquanto o planejamento metodológico funcionou como o desenho arquitetônico preciso.

Na fase de construção da estrutura, os dados linguísticos foram moldados como blocos, dando forma à casa que agora se apresenta completa. Essa construção, permeada pela Etnolinguística, tornou-se não apenas uma pesquisa, mas um sítio robusto, onde as considerações finais se destacam como uma etapa de contemplação do trabalho concluído, por um lado e, por outro, consiste em caminhos e possibilidades que se abrem após a finalização deste importante ciclo.

Para a realização dessa empreitada, a presente tese de doutorado se propõe a investigar o léxico da fauna (e/ou de parte dela), por meio da análise de três documentos linguísticos, considerando duas sincronias distintas: o *Atlas prévio dos Falares baianos*¹ (APFB) de Rossi (1963) e o *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS) de Ferreira e outros (1987), considerados ambos referentes à primeira sincronia, e os dados inéditos do Projeto ALiB, que correspondem à segunda sincronia. O estudo aborda a comparação do *corpus* inédito desse Projeto – tomado como base documental e norteadora, em relação ao recorte feito para a área temática da fauna – com os outros dois atlas, previamente publicados. Exploram-se possíveis

¹ Em toda a tese, os títulos referentes aos atlas publicados figuram em itálico, inclusive as siglas. O mesmo é utilizado para artigos, dissertações, teses e livros. Quanto ao Projeto ALiB, apenas os volumes publicados aparecem com o destaque.

coincidências e/ou semelhanças entre os materiais selecionados, focalizando a análise em algumas localidades de dois Estados do Nordeste – nove na Bahia e duas em Sergipe.

Na Bahia, a análise da área temática selecionada é conduzida pela comparação dos dados inéditos do Projeto ALiB com o *APFB* (Rossi, 1963), o primeiro atlas linguístico publicado no Brasil. A comparação incide sobre as localidades coincidentes nos *corpora*, destacando nove áreas comuns: Barra, Caetité, Carinhanha, Itaberaba, Jacobina, Jeremoabo, Santa Cruz Cabrália, Santana e Vitória da Conquista.

Essa comparação permitiu um estudo em tempo real dos fenômenos linguísticos, aproveitando a interseção de quase 50 anos entre os *corpora*, uma vez que os dados do *APFB* foram coletados entre 1960 e 1961, enquanto os do Projeto ALiB, para as localidades selecionadas na Bahia, abrangem o período de 2003 a 2009.

Em Sergipe, a investigação parte igualmente da rede de Pontos do Projeto ALiB para as localidades de Propriá e Estância, em comparação com o *ALS* (Ferreira *et al*, 1987). Considerando que a coleta dos dados para a publicação deste atlas ocorreu entre 1966 e 1967, e para o Projeto ALiB, em Sergipe, entre 2003 e 2005, há uma diferença de quase 40 anos entre esses fenômenos linguísticos. Portanto, para fins de análise, consideraram-se, além das duas localidades coincidentes, as seis questões da fauna, também comuns ao *APFB*, identificadas nos *corpora*.

Publicado por Nelson Rossi em 1963, o *APFB* é um atlas muito importante, não apenas pelo mérito do seu pioneirismo, mas por contribuir para o conhecimento do falar regional da Bahia e conseqüentemente grande parte do falar nordestino. Além disso, sua rede de pontos, que recobre todo o Estado da Bahia, com 50 localidades, está distribuída de acordo com suas características geográficas e culturais, e coincide em parte com os pontos sugeridos por Antenor Nascentes nas *Bases para elaboração do atlas linguístico do Brasil*, em 1958.

O *ALS*, produzido por Nelson Rossi, Carlota Ferreira, Judith Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg e Jacyra Mota, particularmente, se mostrou relevante para a pesquisa. Embora apresente algumas inovações metodológicas, há similaridades com o *APFB*, pois as questões recobrem as mesmas áreas temáticas: *terra, vegetais, homem e animais*, sendo, muitas delas, idênticas. É uma espécie de “continuação” do *APFB*, pois incluiu a publicação de cartas conjuntas Bahia-Sergipe, com dados da Bahia não apresentados em 1963. Além disso, faz remissão, em todas as suas cartas, às correspondências no *APFB*.

Como se pode ver, os dois atlas linguísticos fundamentais para esta pesquisa, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (*APFB*) e o *Atlas Linguístico de Sergipe* (*ALS*), desempenham papéis distintos e complementares na compreensão do léxico da fauna de parte do Nordeste

brasileiro.

Explorar a diversidade da linguagem humana em suas diversas manifestações é essencial para aqueles que buscam compreender a comunicação entre indivíduos e se interessam por desvendar os hábitos, cultura, costumes e comportamentos sociais de uma determinada comunidade.

Ao adentrar os estudos da linguagem, percebe-se que o conhecimento da língua pode ser uma via produtiva, pois é por meio dela que se tem acesso ao que é mais significativo para os seres humanos: a vida em sociedade. Nesse sentido, os linguistas estão especialmente interessados em investigar os usos da língua, suas nuances, características e em explicar os diversos mecanismos aos quais a comunicação e as relações entre os indivíduos estão submetidas.

A investigação de fenômenos linguísticos demanda a consideração de sua intrínseca relação com os aspectos sociais. Nesse contexto, destaca-se a importância dos estudos dialetais, os quais abrangem as variantes linguísticas em suas diversas dimensões, como as diatópicas, diageracionais, diassexuais e diastráticas. Tais pesquisas mostram-se relevantes para aqueles interessados na cultura de uma comunidade, pois é por meio da língua, em especial do léxico, que se preservam e transmitem aspectos inerentes a cada grupo, ao longo das gerações.

Dessa forma, estudar e analisar a variação linguística consiste em ações que fornecem informações várias e que transcendem os limites da comunicação, permitindo, sobretudo, conhecer o modo de vida, a cultura, a história de um indivíduo, de uma comunidade, de um povo, de uma nação, já que a língua é um importante instrumento de conservação e de registro histórico e cultural de um povo. Nesse sentido, ao se debruçar sobre esses fenômenos, a Dialetoлогия, disciplina associada a outras ciências, por possuir um caráter interdisciplinar em sua gênese, torna-se fundamental.

Ao estudar os fenômenos da linguagem, sob o olhar da variação linguística, à Dialetoлогия cabe assumir a sistematização dos fatos de uma língua, possibilitando a comprovação e o registro da heterogeneidade linguística a partir de duas perspectivas: seja pelo rastreamento e mapeamento espacial da variação de um traço qualquer da língua, seja pela observação das peculiaridades linguísticas de um território para a delimitação de uma ou várias zonas dialetais.

É através desta disciplina, que abrange também aspectos sociais, assim como o faz a Sociolinguística, que os estudos da variação podem ser identificados e delineados, permitindo

a observação e análise dos diferentes usos e formas de diversificação de uma língua, de acordo com a sua distribuição espacial e sociocultural.

Para a Dialetoлогия, interessa averiguar as diferenças ou semelhanças entre toda e qualquer manifestação linguística, em qualquer que seja o espaço geográfico, desde que este seja passível de documentação e análise, e que este espaço seja delimitado a partir de princípios metodológicos.

Segundo Cardoso (2010), é uma disciplina que segue por dois caminhos, a que chamou de diretrizes, na verificação do fenômeno linguístico, passíveis de serem constatados através dos estudos dialetais: uma é a perspectiva diatópica, focada nas características regionais, nas peculiaridades e diferenças geográficas de cada comunidade; a outra, pelo viés sociolinguístico.

Ao realizar pesquisas dialetais, lança-se mão de aparato teórico, delimitação do *corpus* do tema escolhido e uso de uma metodologia adequada, entre outros fatores indispensáveis. Cabe, desta forma, à Geolinguística possibilitar esse trabalho, uma vez que, enquanto método da Dialetoлогия, torna possível, com precisão científica, documentar os fenômenos de variação dialetal, a partir dos quais podem ser construídos mapas e/ou atlas linguísticos – um dos instrumentos de documentação, mas não o único – que permitem investigação e leitura dos dados e imprimem gradativamente as diferenças e/ou semelhanças no estudo, a partir de uma metodologia comum a todas as regiões estudadas.

Ao fazer uso do léxico, o indivíduo não apenas expressa suas próprias ideias, mas também as da sua geração e da comunidade à qual pertence, moldando a língua como um espelho contemporâneo. Nesse processo, atua como agente modificador, deixando marcas nas nuances das novas situações que enfrenta. A língua se revela como uma ferramenta única de expressão, distinta da manifestação cultural de um povo enquanto conjunto de criações humanas.

Em decorrência dessa característica, a formação de relações sociais, oriunda da interação humana, é essencial como ponto de partida para unir e integrar pessoas e grupos. Nos contextos cotidianos, nesse ambiente, surgem interconexões que promovem a proximidade de práticas comunicativas, contribuindo para a elaboração da concepção social da realidade de forma dinâmica e significativa.

Nesse sentido, fundamentar a pesquisa nas Ciências do Léxico, como proposto aqui, se mostra indispensável. Essas bases teóricas, em consonância com os pressupostos da Dialetoлогия e da Sociolinguística, fornecem a estrutura conceitual necessária para compreender a dinâmica intrínseca entre o léxico, a linguagem e a construção da realidade

social. Ao explorar as nuances do léxico da fauna ancorado nessas teorias, é possível aprofundar a compreensão das interações linguísticas, enriquecendo a análise das práticas comunicativas e a interpretação das relações sociais presentes nos contextos investigados.

Quanto à Etnolinguística, esta disciplina se revela fundamental na investigação das localidades da Bahia e de Sergipe abordadas nesta tese. Além de analisar, em específico, o léxico da fauna, oferece uma visão abrangente, permitindo compreender o repertório linguístico dos falantes como elementos intrinsecamente entrelaçados com a cultura, identidade e práticas sociais locais.

Ao considerar a dinâmica entre língua e cultura, esta disciplina proporciona uma perspectiva enriquecedora, oferecendo uma maior compreensão sobre o significado, uso e relevância desses termos em contextos específicos. Dessa forma, aprimora-se substancialmente a compreensão da interação entre linguagem e cultura nas comunidades de fala estudadas, ampliando o escopo e a profundidade da pesquisa.

Diante da necessidade de investigar a variação linguística em suas diversas manifestações, e após revisar as teorias que orientam a pesquisa dialetal, surgiram questionamentos sobre características de parte do léxico relacionado à fauna na Bahia e em Sergipe. Essas indagações abrangem aspectos semântico-lexicais e geolinguísticos, tais como:

- É possível, a partir do levantamento de dados nas regiões selecionadas, traçar isoglossas e mapear os aspectos semântico-lexicais da fauna (e/ou de parte dela)?
- De que maneira os fatores extralinguísticos estão refletidos nos dados inéditos do Projeto ALiB nas localidades selecionadas?
- É possível, nas comunidades estudadas, e através do confronto dos *corpora*, encontrar vocábulos em vias de desaparecimento?

Com base em estudos anteriores sobre o tema e na pesquisa bibliográfica empreendida, formulam-se as seguintes hipóteses:

- O traçado de isoglossas e o reconhecimento de diferenças/semelhanças lexicais no confronto dos dados encontrados nos documentos estudados, comprovam, portanto, a variação linguística na área temática da fauna na Bahia e em Sergipe;
- A partir da análise dos dados nos *corpora*, evidencia-se a influência de fatores extralinguísticos refletidos nos aspectos semântico-lexicais, bem como a identificação de lexias em vias de desaparecimento que poderão ser observadas

principalmente sob o aspecto diageracional.

Quanto aos objetivos, o presente estudo direcionou-se a:

- Descrever a realidade do léxico referente à fauna, a partir da investigação das onze localidades selecionadas, nos dois Estados brasileiros (nove para Bahia e duas em Sergipe);
- Identificar peculiaridades semântico-lexicais desse léxico da fauna na Bahia e em Sergipe a serem pesquisadas nos *corpora*;
- Avaliar, a partir do confronto dos dados das duas sincronias na Bahia e em Sergipe, modificações que se tenham operado no repertório lexical dos falantes das áreas consideradas;
- Verificar a influência de fatores extralinguísticos que atuaram nas denominações em estudo nos referidos *corpora*;
- Elaborar cartas linguísticas, com vistas a mapear a variação diatópica e, quando possível, traçar isoglossas demarcadoras de áreas ou subáreas dialetais.

Os estudos realizados por esta tese de doutorado se justificaram pela necessidade de descrição da realidade do português brasileiro, ao fornecer à comunidade linguística informações com base em dados empíricos sistematicamente coletados e tratados. Para o Projeto ALiB, em particular, a análise de dados e publicação de resultados inéditos, no que tange a partes específicas da fauna na Bahia e Sergipe, contribuem não somente para uma descrição sincrônica da língua, mas também diacrônica, através do confronto desses dados com os do *APFB* e do *ALS*.

Para alcançar os objetivos propostos, utilizaram-se como metodologia os princípios da Dialectologia e os métodos da Geolinguística para a análise dos *corpora*. Interessaram à pesquisa, em especial:

- os dados obtidos pelo Questionário Semântico-Lexical (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001), área temática da fauna, em específico as 25 questões, incluindo-se também a questão 59, *como se chama cria da ovelha logo que nasce*², que faz parte da área atividades agropastoris e tem correspondência nos atlas e dados do Projeto ALiB aqui levantados;
- as seis cartas correspondentes às questões semelhantes à fauna no *APFB* e *ALS*;

² Todas as questões analisadas na tese são apresentadas em itálico, exceto quando se tratar dos títulos das subseções.

- as localidades coincidentes, entre os atlas já publicados, com as onze investigadas pelo Projeto ALiB: nove na Bahia e duas em Sergipe.

Para a análise semântico-lexical, foram consultadas vinte obras lexicográficas e/ou enciclopédicas para a investigação das formas lexicais quanto à dicionarização, o que incluiu a revisão em obras sobre africanismos e tupinismos.

Foram realizadas também pesquisas sobre a fauna brasileira e nordestina, uma vez que se fez necessária a investigação em várias áreas, pois as espécies que compõem a seleção são diversas e plurais, tais como: ovinocultura, para *cria da ovelha*³; avicultura, para *galinha d'angola* e *galinha sem rabo*; caprinocultura, para *cabra sem chifres*; pesquisas sobre a zoologia dos invertebrados, para *sanguessuga*, e trabalhos relativos a animais silvestres, para *gambá*.

Dito isto, apresenta-se, em síntese, a estrutura da tese, organizada em sete seções, já incluída esta Introdução:

A *Seção dois* introduz os fundamentos teóricos adotados: a Dialetoлогия, a Geolinguística, as Ciências do Léxico e a Etnolinguística. Aprofunda-se na Lexicologia e Semântica, com ênfase na análise semântico-lexical, especialmente na investigação da motivação semântica que, em enfoque específico, visa enriquecer a compreensão das questões relacionadas à *galinha d'angola* (QSL 67), *galinha sem rabo* (QSL 69) e *sanguessuga* (QSL 84). Nos percursos do léxico, são delineados os ramos de estudo, em que são trazidas algumas palavras sobre lexicologia, lexicografia, fraseologia e terminologia. A seção também faz uma apresentação dos dicionários de usos clássicos e contemporâneos brasileiros, além de comentários sobre os dicionários e /ou enciclopédias selecionados. Há, ainda, uma discussão sobre as contribuições da Etnolinguística, no que diz respeito ao léxico da fauna, para a compreensão cultural e social nas localidades da Bahia e de Sergipe estudadas.

A *seção três* percorre os caminhos traçados para a investigação dos documentos linguísticos utilizados. Inicia-se com um panorama geral do que se encontrou a respeito da referida área temática nos atlas linguísticos brasileiros, seguida da análise detalhada do *APFB* e do *ALS*, no que concerne à metodologia. Para este fim, abordou-se a rede de pontos, extrato de questionário, inquiridores, inquiridos e perfil dos informantes, bem como a elaboração das cartas linguísticas. Apresentam-se, também, as rotas atuais, focando no Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), no que diz respeito aos estados da Bahia e Sergipe. Esta seção

³ Todos os semas figuram em itálico no decorrer da tese.

destacou a relevância dos *corpora* selecionados para o desenvolvimento da pesquisa, delineando o contexto e as características específicas de cada um.

Na *Seção quatro*, são delineados os aspectos metodológicos, as especificações e os procedimentos adotados para a condução do estudo, tais como:

- A delimitação dos *corpora* – as especificidades da fauna na Bahia e em Sergipe;
- Informações metodológicas referentes ao *APFB*, *ALS* e ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil relacionados à amostra;
- O confronto entre os documentos, abordando a seleção das localidades coincidentes nos dois Estados, as questões coincidentes e diferenças e semelhanças entre os informantes;
- A descrição dos critérios estabelecidos para análise, tratamento e cartografia dos dados.

A *Seção cinco* discute os aspectos relacionados à fauna na Bahia e em Sergipe, com foco nas atividades pecuárias desenvolvidas ao longo do tempo. A análise está diretamente vinculada a quatro⁴ das seis questões selecionadas para a investigação, organizadas em dois conjuntos pecuários distintos. O primeiro aborda a ovinocultura e a caprinocultura, tratando de animais como a ovelha e a cabra, enquanto o segundo conjunto foca na avicultura, com destaque para as aves de criação na região Nordeste, especificamente na Bahia e em Sergipe. Esses tópicos permitiram uma compreensão mais ampla da diversidade linguística associada às práticas pecuárias nos dois Estados, contribuindo para a análise dos dados nos *corpora* em comparação nas duas sincronias.

A *Seção seis* dedica-se à análise de dados, bem como dos resultados encontrados, centrando-se em duas perspectivas fundamentais:

- (i) *Semântico-lexical*: com abordagem nos aspectos semânticos das unidades lexicais registradas como respostas para as perguntas selecionadas. Esse exame se baseia em consultas às obras lexicográficas e/ou enciclopédicas para constatar as lexias que estão dicionarizadas e utilização de sentido;
- (ii) *Geolinguística*: a análise dos dados é realizada predominantemente em dimensão diatópica, considerando também interferências de natureza histórica, sociocultural e etnolinguística, sempre que possível.

⁴ As questões são: QSL 59 – Como se chama a cria da ovelha logo que nasce; QSL 67 – Como se chama a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas; QSL 69 – Como é que se chama uma galinha sem rabo e QSL 79 – Como se chama uma cabra que não tem chifres.

Esta seção engloba a síntese da análise, apresentando dezoito cartas linguísticas, distribuídas em conjuntos de três para cada uma das seis questões investigadas. Estas cartas-resumo refletem, por meio de comparações, os resultados obtidos ao confrontar os atlas previamente publicados com os dados inéditos do Projeto ALiB, ao abarcarem o léxico de uma porção da fauna na Bahia e em Sergipe, proporcionando uma análise em tempo real de curta duração, viabilizada pelo recorte temporal entre os *corpora*.

É importante destacar que as últimas seis cartas desempenham um papel crucial, consolidando a síntese e permitindo a percepção da análise nas duas sincronias, resultando na junção e correlação dos dados.

A sétima e última seção aborda as considerações finais a que se pôde chegar até aqui, com base nos documentos investigados, apresentando a relação entre os objetivos propostos e os resultados alcançados, destacando as contribuições da pesquisa para a Dialectologia.

Por fim, são trazidas as referências efetivamente citadas, além dos apêndices, que incluem os quadros-resumo com as sínteses das pesquisas nas obras lexicográficas e/ou enciclopédicas, e os anexos, contendo os excertos dos questionários do *APFB*, *ALS* e do Projeto ALiB.

Cabe registrar que esta tese de doutorado, vinculada ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil, foi realizada com base em material inédito de pesquisa, e teve a análise autorizada pelo Comitê Nacional do Projeto.

Em última análise, acredita-se que os resultados apresentados neste estudo possam enriquecer nosso entendimento sobre a língua portuguesa falada no Brasil, especialmente nos locais analisados nos estados da Bahia e de Sergipe. A documentação e descrição semântico-lexical de aspectos específicos relacionados à fauna visam contribuir para esse propósito, fornecendo informações valiosas sobre o *falar baiano*⁵, em proposta de mapeamento apresentado por Antenor Nascentes (1953).

Embora não se tenha a pretensão de reproduzir os seus passos com relação aos falares, o estudo se inspira, também, em seu legado inegável – ao reconhecer o seu papel pioneiro nos estudos dialetais – visando, assim, preservar a identidade social, linguística e cultural do Brasil.

⁵ Optou-se por destacar em itálico os conceitos e/ou definições quando utilizados pela primeira vez, para dar destaque, como *falar baiano* nesta seção. As demais menções, ao serem usadas novamente, seguem sem tal marca.

2 FUNDAÇÕES TEÓRICAS: CONSTRUINDO ENTENDIMENTOS ENTRE OS SABERES LINGUÍSTICOS

Todo trabalho científico demanda um aparato teórico que, se assemelhando à construção de uma casa, serve como alicerce. Este constitui a base que sustenta toda a estrutura maior presente no desenvolvimento da tese. Assim, são as teorias e conceitos que fundamentam o constructo dessa “arquitetura”. Nesse contexto, esta seção introduz os ramos de estudos e disciplinas que não apenas funcionam como embasamento teórico, mas também desempenham o papel de vigas essenciais para os estudos desenvolvidos, constituindo o alicerce teórico da tese.

As pesquisas relacionadas à variação linguística demandam consistente aparato teórico, delimitação do *corpus*, do tema escolhido e o uso de uma metodologia adequada, entre outros fatores importantes e indispensáveis. Com o objetivo de discutir as teorias, foram considerados os seguintes ramos das ciências da linguagem, com vistas a compreender aspectos relativos ao léxico da fauna – ou de parte dela – nos documentos investigados:

- (i) Dialetoлогия, disciplina que investiga, principalmente, a variação espacial da língua, através de métodos como a Geolinguística, que incide na delimitação de áreas semelhantes, com a construção de cartas linguísticas e do traçado de isoglossas;
- (ii) Sociolinguística, em interface com a Dialetoлогия, por ser a área que estuda os aspectos sociais da língua, ou seja, a variação em todos os seus níveis e seus reflexos na sociedade;
- (iii) A Semântica e o estudo do significado, apresentada aqui em linha do tempo, até chegar às perspectivas da Semântica Cognitiva;
- (iv) As Ciências do Léxico, por englobar os estudos lexicais em sua estruturação e funcionamento, na teoria e na prática, e, por fim;
- (v) Aspectos culturais do léxico e sua relação com a Etnolinguística, uma vez que língua, sociedade e cultura são indissociáveis.

2.1 FUNDAMENTOS EM DIALETOLOGIA E GEOLINGUÍSTICA

A Dialetoлогия, segundo Cardoso (2010, p. 15), é o “[...] ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. Ao

iniciar o primeiro capítulo de *Geolinguística: tradição e modernidade* com esta definição, a autora apresenta não apenas o conceito deste campo da linguística, mas especialmente o cerne do que se considera fundamental para os estudos nessa área. À Dialetoлогия cabe, principalmente, a investigação da língua em suas mais variadas formas de manifestação, bem como as influências e transformações diversas a que está sujeita, tanto no espaço geográfico, que inclui aspectos sociais e culturais, como no tempo.

Isso significa dizer que a este campo de estudos interessa a investigação das diferenças ou semelhanças entre toda e qualquer manifestação linguística, em qualquer que seja o espaço geográfico, desde que este seja passível de documentação e análise, e que este espaço seja delimitado a partir de princípios metodológicos.

Seguindo na direção do reconhecimento da Dialetoлогия, Sever Pop, em 1950, em *La dialectologie: aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguistiques*, já no *Avant-propos*, inicia o seu discurso parafraseando Meillet, ao afirmar que não existe história da língua sem a Dialetoлогия e, sobretudo, sem a Geografia Linguística. Ao reconhecer que, embora as autoridades se envolvam em ações que favoreçam as línguas literárias, tendo sido estas elevadas ao *status* de línguas nacionais, os dialetos há muito deixaram de ser considerados simples “[...] jargões disformes e rudes, frutos de ignorância e capricho (1950, p. IX) ”.

Para ele, a importância desta disciplina já era reconhecida de forma inegável, uma vez que os estudos dialetais se constituem testemunhos vivos, tendo para o linguista o mesmo valor que plantas, para botânicos; objetos e costumes, para o etnógrafo e folclorista; e documentos de arquivo, para o historiador.

No entanto, Pop (1950, p. IX) acreditava que, apesar de haver numerosos trabalhos realizados até aquele momento, ainda havia muito o que se investigar, visto que os “[...] tesouros espirituais” dos povos nos são passados via tradição oral, sendo necessário fazer investigações no âmbito da linguagem, e não apenas escavações, coleções de objetos de todos os tipos, ou documentos históricos, fotografias dos itens mais preciosos. Segundo ele, muito pouco se havia feito para preservar diálogos dos mais humildes que não tiveram a oportunidade de se apropriar de uma linguagem padrão/ formal.

O autor considera a Dialetoлогия e seus métodos um exemplo de trabalho a ser valorizado, uma vez que esta consiste numa atividade incansável por parte dos dialetólogos, que se dedicaram a passar muitos dias na companhia do que ele considera serem os “[...] fiéis guardiões da linguagem natural” (Pop, 1950, p. X), que raramente tiveram a honra de ter acesso à língua escrita – os informantes. As contribuições da Dialetoлогия, que já na década de 50, era considerada pelo autor como um valioso instrumento de reconstrução da história da

evolução da linguagem humana, uma vez que os textos antigos, a partir dos quais o linguista reconstrói a história de uma língua, não se aproximavam da fala cotidiana, embora a análise desses documentos requeira críticas e trabalhos cautelosos.

Quanto ao método – a Geografia Linguística – segundo Pop (1950, p. X), há que se considerar que, para o linguista, em especial, analisar um mapa linguístico a partir de novos dados, disponibilizados pelos pesquisadores, torna-se, às vezes, tarefa muito difícil, pois muitos aspectos da língua falada não se apresentam mais em uma ordem metódica, mas em uma espécie de “fermentação”. Complementa ainda que, para conseguir fazer essa análise, a mente do linguista precisa ir além de modelos rígidos, e isso requer muito esforço para coordenar e interpretar os novos dados linguísticos, à luz da Dialectologia.

Há um direcionamento visível, ainda em seu *Avant-propos*, do interesse em atribuir à linguística e mais especificamente à Dialectologia o *status* de ciência, sempre buscando associar os estudos da linguagem com outras áreas já reconhecidas cientificamente, como a biologia e a geografia. Para Pop (1950), se o estudo dos dialetos continuava sendo um dos primeiros deveres da linguística contemporânea, seu registro tinha enormes dificuldades, pois o dialetólogo não fazia apenas o simples trabalho de um lexicógrafo, e sim buscava fornecer detalhes sobre a biologia da linguagem.

A respeito dos dados a serem investigados, estes, muitas vezes, revelam, através dos seus registros de uso, informações diversas e pertinentes sobre a língua. No entanto, há que se considerar também a sua ausência, pois, nas palavras de Cardoso (2010), esta torna-se relevante, pois pode evidenciar traços de variação passíveis de investigação.

Dois aspectos fundamentais estão, pois, na gênese da dialectologia, qualquer que seja o princípio metodológico seguido: o reconhecimento das diferenças ou das igualdades que a língua reflete e o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas ou entre elas e a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades prefixados. (Cardoso, 2010, p. 25).

A constatação da presença ou da ausência de dados também pode ser elucidada à luz das reflexões de Pop (1950), posto que, para ele, essa só pode ser concebida através dos trabalhos dialetais. Nesse sentido, destaca a importância da pesquisa de campo, método que considerou indispensável e extremamente valoroso, atribuindo a essa modalidade de pesquisa o rigor científico. Menciona, inclusive, que, em muitos países, para se obter o diploma universitário era necessário que os alunos dessem uma contribuição como cientista – a iniciação científica – contribuição essa que muitas vezes ocorria no campo da Dialectologia, através da publicação e divulgação dos seus estudos.

Outros autores também refletiram sobre a existência da variação e importância dos estudos dialetais para a sociedade, tais como Chambers e Trudgill ([1980] 1994). Reiteram que, embora essas diferenças dialetais sejam tão frequentes, é surpreendente que o avanço dos estudos dos dialetos só tenha começado sistematicamente no século XIX. Bem verdade que há registros na história sobre comentários acerca da variação, mas, até a metade do século XIX, as descrições das áreas dialetais eram intuitivas e fortuitas.

De fato, é provável que essas diferenças tenham sido objeto de estudo desde que as pessoas começaram a se comunicar, como a prova memorável e sangrenta de uma diferença dialetal bastante antiga, registrada no Velho Testamento (Juízes, 12, 6), apresentado como exemplo por Chambers e Trudgill ([1980] 1994).

Um exemplo destacado por Cardoso (2010) para constatar o interesse na variação da língua em contextos anteriores à consagração da linguística como ciência é o *Appendix Probi*, que contém uma relação de fenômenos diversificados da língua, produzido entre 200 e 320 d. C. Essa listagem de palavras mostra duas variedades do latim para cada entrada, com indicação de como se deveria dizer, conforme padrões de prestígio da época, o que atribuiu à seleção um juízo de valor às formas mais aceitas pela sociedade.

Na mesma direção, menciona a *Gramática da linguagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira, com a descrição das variedades do português no século XVI, que traz a primeira definição e categorização do fenômeno variacionista na língua portuguesa, tanto na perspectiva diatópica quanto na sociolinguística.

Deste modo, conforme observado por Cardoso (2010), esses dois documentos, embora situados em momentos distintos e historicamente distanciados, evidenciam, sobre a formação da língua portuguesa: a) de um lado, o uso preterido e apontado como não aceitável, que passa a ser o elemento de continuidade, quando da transformação do latim para o português, a exemplo de *speculum non speclum* (espelho), ou *viridis non virdis* (verde), em que se observa o apagamento da vogal postônica não final e, b) do outro, apontam diferentes dialetos, e neles identificam aspectos sociais que os distinguem, com certa sistematicidade, da língua, sob o viés não apenas do ponto de vista da geografia, mas também sociocultural.

2.1.1. Trajetória da Dialectologia

Os estudos sobre variação linguística surgiram em finais do séc. XVIII e princípios do séc. XIX, com as análises comparativas de cunho historicista. Tinham como objetivo inicial

estabelecer regras fonético-fonológicas que comprovassem a mudança ou a evolução linguística.

No final do século XIX, relacionados com a Universidade de Leipzig, surgem os neogramáticos ou *Junggramatiker*:⁶ uma nova geração de linguistas que questionava, sobretudo, os pressupostos tradicionais da prática histórico-comparativa, o que incluía críticas ao descritivismo, a orientações metodológicas anteriores e ao conjunto de postulados teóricos para a interpretação da mudança linguística.

Esse grupo iria influenciar sobremaneira os estudos da linguística histórica do século XX, principalmente no que se refere aos estudos dialetológicos. Os neogramáticos inovaram ao propor o que ficou conhecido com as *leis fonéticas*, a partir da intitulação da teoria da regularidade da mudança fonológica, para a qual não se admitiam exceções, postuladas para os diversos fenômenos da língua.

Nesse contexto de investigação, sistematização e descoberta linguísticas surge a Dialectologia, ramo da linguagem inaugurado por dois grandes precursores: Georg Wenker, na Alemanha, e Jules Gilliéron, na França. Os trabalhos desses pesquisadores darão as primeiras diretrizes para pesquisas de natureza dialetal no mundo.

George Wenker, em 1876, inicia uma pesquisa voltada aos estudos fonéticos, a partir da aplicação de um questionário, enviado por correspondência, a ser respondido pelos professores primários da Alemanha, que deveriam “traduzir” para seus respectivos dialetos pequenas frases. Aplicados a 40.736 localidades, resultou em 44.251 respostas coletadas. Assim, em 1881, elaboram-se seis cartas – duas fonéticas e quatro morfológicas, a partir dos resultados obtidos.

Das principais críticas que podem ser feitas a esse atlas, considerando o que se preconiza, hoje, para os estudos dessa natureza, tem-se: o fato de a coleta de dados ter sido feita a distância e não terem sido observados os sujeitos *in loco*, o que invariavelmente comprometeu o tratamento fonético das informações; e, ainda, o espaço de vinte anos entre a recolha de dados e a publicação de apenas seis cartas linguísticas, inclusive, em comparação com o acelerado andamento, à época, do *Atlas Linguistique de la France*.

No entanto, como destaca Cardoso (2010), esses fatos não retiram o mérito da obra, que é justamente o de ter dado um passo significativo para o avanço da Dialectologia na documentação de dados em regiões diferentes e passíveis de serem intercomparados. Além

⁶ O nome *Junggramatiker*, segundo Faraco (2004), atribuído aos jovens gramáticos, foi um apelido insultante que estes receberam dos seus adversários acadêmicos e foi traduzido como “neogramáticos”, embora essa não fosse a melhor maneira de expressá-los.

disso, a obra de Wenker constitui-se no marco inicial para os estudos em Geografia Linguística na Alemanha, tendo a continuidade das pesquisas garantida por Ferdinand Wrede.

Jules Gilliéron elaborou o *Atlas Linguistique de la France – ALF*, obra monumental que se constitui como o marco dos estudos dialetológicos e que muito contribuiu para o progresso da ciência da linguagem. Em 1887, Edmond Edmont, seu colaborador, deu início à recolha de dados, percorrendo 550 localidades, durante quatro anos, aplicando um questionário de palavras isoladas e algumas frases, totalizando 1.900 questões ao final da pesquisa. Seus trabalhos objetivavam a concretização dos estudos dos patoás galego-romanos, para que fosse possível conhecer seus aspectos lexicais, fonéticos, morfológicos e sintáticos.

Diferente de Wenker, Gilliéron privilegiou a coleta de dados *in loco* e acreditava que a realidade fonética só poderia ser fornecida por um leigo, uma vez que a fala não estaria “contaminada” pelo conhecimento, expectativa ou preconceitos. Dessa forma, os fatos linguísticos deveriam ser estudados a partir dos parâmetros espaciais, de acordo com a sua distribuição, e os pontos de inquérito precisariam ser determinados pela sua distância.

Houve, também, questionamentos ao trabalho de Gilliéron, sobretudo ao questionário, considerado incompleto, além da ausência de diferenciação entre a idade dos informantes, impossibilitando o controle da faixa etária. O não registro de informações, como o grau de escolaridade e baixa incidência de mulheres também foi alvo de críticas. Há que se reconhecer, contudo, que tais ressalvas não comprometem o êxito do *ALF*, primeiro atlas linguístico fundador da Geografia Linguística, pois que este se constitui no rumo para os estudos dialetais, tanto na perspectiva sincrônica como diacrônica, além da aplicação de um método com inegável rigor científico.

Assim, a construção de mapas linguísticos, iniciada na França, com o *ALF*, publicado entre 1902 e 1910, abre os horizontes para os demais atlas construídos em todo o mundo. Sua grande contribuição consistiu na exposição de estudos da língua viva, o que causou uma revolução nos estudos linguísticos, já que se ampliaram os horizontes, antes subordinados às análises literárias, escritas da língua.

2.1.1.1 Breves palavras sobre língua e variação

Pop (1950), ao citar Charles Nodier, escritor francês do séc. XIX, reconhece a necessidade de se conhecer a língua através do estudo minucioso dos dialetos. Para Pop (1950, p. XI), “[...] todo homem que ainda não explorou cuidadosamente os dialetos de sua língua

ainda não a conhece nem a metade”, e essa afirmação, à época da publicação, já era considerada por muitos estudiosos da dialetologia e linguistas como um axioma real.

O autor destaca ainda que, com o avanço das pesquisas dialetais, se vê como os dialetos têm se mostrado mais complexos a cada dia, sendo, por sua vez, muito mais instrutivos que estudar as línguas literárias, pois esse se baseia em analisar um dialeto de qualquer região de forma arbitrária, ao passo o estudo dos clássicos se limitaria a investigar apenas as línguas empregadas por escritores famosos de determinado país.

Sobre o conceito de língua, Chambers e Trudgill ([1980] 1994) a veem como um conjunto de dialetos mutuamente inteligíveis, ainda que, ao ser utilizado como princípio – o princípio da inteligibilidade múltipla – possa não ser igual para ambas as direções, pois dependerá de outros fatores que podem ser influenciadores, tais como o grau de exposição dos ouvintes a outra língua, o grau de escolaridade, e o que consideraram como a vontade de aprender.

Os autores apresentam variedade como um termo mais adequado à proposta de conceituação de língua e dialeto sobre uma ótica linguística, uma vez que essa seria neutra, podendo ser aplicada a qualquer classe particular de língua que se queira considerar. Esse termo – variedade – pode ser usado de modo específico, de acordo com cada propósito determinado. Chambers e Trudgill ([1980] 1994) também utilizam a noção de acento (ou traço) para sinalizar a variação fonética e/ou fonológica.

Assim, dialeto se refere às variedades que são diferentes tanto de um ponto de vista gramatical e talvez lexical, como também fonológico de outras variedades. Para muitos linguistas, acento e dialeto são utilizados com o mesmo fim. No entanto, estes preferem considerar cada um como entidades separadas e definidas.

Ferreira e Cardoso (1994, p. 11) definem língua como um “[...] sistema de sinais acústico-orais, que funciona na intercomunicação de uma coletividade”, sendo fruto de um processo não apenas histórico, mas intrínseca à evolução dos indivíduos. Para essa definição, no entanto, há que se reconhecer a existência de inúmeras variações, inerentes à diversidade desses indivíduos, visto que os seres são múltiplos e sujeitos a influências e transformações ao longo do tempo e também do espaço, e essas mudanças se refletem na língua.

Sendo assim, reitera-se aqui a constatação da heterogeneidade dessa língua, entendida como um sistema, ou seja, uma abstração, pois que, como uma “[...] substância, concretizada nos atos de fala, ela já aparece diversificada”.

A partir da noção de língua mencionada, é possível conceber que essa, enquanto concepção histórica, possui diferenças internas, caracterizadas como diatópicas, diastráticas, e

diafásicas e, para cada uma dessas diferenças há, dentro dos seus subsistemas, relativa homogeneidade, resultado dos traços linguísticos coincidentes: as unidades sintópicas, sintráticas e sinfásicas. Assim, falantes de uma mesma região podem ter características distintas, ao passo que o contrário também acontece: pode haver, em diferentes regiões, indivíduos que apresentam semelhanças no falar.

Disso irá depender em como se configuram as comunidades de fala, que, para a Sociolinguística, nas palavras de Campos-Diaz (2014), consiste num grupo de indivíduos que compartilham um conjunto de normas observadas na evolução e uso de determinados padrões linguísticos, atribuindo-lhes juízo de valor, o que permite identificar que pertencem ao grupo e distinguir os membros dos de outras comunidades.

Campos-Diaz (2014) traz ainda dois importantes conceitos que orientam a compreensão sobre a heterogeneidade da língua. O primeiro é o de redes sociais, que consiste em identificar como as relações do indivíduo em seu contexto social contribuem para entender a identidade sociolinguística e a difusão dos fenômenos linguísticos com que mantêm contato. O segundo é a comunidade de prática, que, por seu turno, é um grupo menor em relação à comunidade de fala, sendo um grupo de indivíduos que se juntam com o propósito comum e, em função desse objetivo, compartilham formas de fazer determinadas coisas, formas de falar, crenças e valores.

A respeito dos *continua*, Chambers e Trudgill ([1980] 1994, p. 23), inicialmente, discorrem sobre o *continuum* geoletal, definindo-o como sendo a possibilidade de se compreender diferentes dialetos em níveis diferentes, de acordo com a disposição geográfica entre esses dialetos.

Ou seja: “Dialetos dos extremos da área geográfica podem não ser mutuamente inteligíveis, mas estarão conectados por uma cadeia de inteligibilidade mútua”. Na Europa, por exemplo, as variedades padrão do francês, italiano, catalão, espanhol e português não são mutuamente compreensíveis. Já os *continua* dialetais podem ser também sociais, em vez de geográficos. Nesses casos, temos os *continua* socioletais, embora o *continuum* geoletal tenha dado origem ao *continuum* dialetal.

Não existe nenhum ponto em que a ruptura seja tão completa que os dialetos geograficamente adjacentes não sejam mutuamente inteligíveis, mas o efeito acumulativo das diferenças linguísticas será tal que, quanto maior for a separação geográfica, maior será a dificuldade de compreensão. (Chambers; Trudgill, [1980] 1994, p. 23).

No entanto, enfatizam que a noção de *continuum* dialetal é talvez algo difícil de se entender, porque a sociedade em geral está acostumada a pensar nas variedades linguísticas

como entidades discretas, mas o fato de que tais *continua* existam acentua a legitimidade de se usarem rótulos para as variedades. Uma vez que haja os *continua* dialetais, o modo como se dividem e se classificam os fragmentos particulares de um *continuum* pode ocorrer frequentemente de um ponto de vista puramente linguístico, arbitrário.

Para finalizar a revisão dos conceitos aqui apresentados, chega-se à noção de dialeto apresentada por Ferreira e Cardoso (1994, p. 12) vista como um “[...] subsistema inserido nesse sistema abstrato que é a própria língua”, e também à noção de isoglossa, que consiste em uma “[...] linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas (p. 12-13)”.

Fazendo uma relação com a noção de *continuum* apresentada por Chambers e Trudgill ([1980] 1994), as autoras esclarecem que a compreensão das isoglossas ilustra como essas podem delinear não apenas os contrastes, mas também as semelhanças linguísticas presentes ora no espaço geográfico, ora no contexto sociocultural ou até mesmo no aspecto relativo ao estilo dos falantes.

Compreender essas nuances entre os conceitos de dialeto, língua e variação, como se tentou mostrar aqui, são ao mesmo tempo necessários e imprescindíveis para o entendimento das relações entre a dialetologia e sociolinguística, como se verá adiante.

2.1.1.2 Interfaces entre Dialectologia e Sociolinguística

Em retomada às reflexões de Cardoso (2010, p. 25), constata-se que ao estudar a língua, e concebendo-a como um importante instrumento que atua de forma intrínseca nas relações sociais, atuando entre os membros de uma comunidade e/ou entre povos, esta precisa ser entendida, também, a partir de fatores extralinguísticos, para além das características diatópicas, a saber: idade, sexo, escolaridade, incluindo-se, também, elementos socioculturais diversos inerentes aos usuários de toda e qualquer língua. Sendo assim, a dialetologia não pode desconsiderar tais fatores, estando, esse ramo de estudos, nos dizeres da autora, em “[...] confluência de objetivos entre a dialetologia e sociolinguística, ambas perseguindo a variação, ambas mantendo sob controle variáveis diversas.”.

Para compreender os principais aspectos da Sociolinguística, bem como da sua relação com a Dialectologia Pluridimensional, faz-se necessário conhecer alguns dos conceitos fundamentais. Delineiam-se, assim, questões relacionadas ao advento dessa área, os conceitos de variação e da mudança na linguística, a influência das variáveis sociais como o sexo e a faixa etária e as interfaces possíveis com os estudos dialetais.

O advento da Sociolinguística situa-se na década de 60, com relação aos estudos pioneiros de Labov (1972) na ilha de Martha's Vineyard, em Nova York, em que se desenham aspectos relacionados à língua em seu contexto social. Aí se encontram a identidade, atitudes, situações de bilinguismo ou multilinguismo e outros estudos de natureza sociológica. Esses aspectos constataram a possibilidade de fazer uma investigação linguística eminentemente social. Além disso, comprova-se a heterogeneidade coordenada da língua, ao contrário das correntes linguísticas descritivas, que afirmam ser a língua homogênea e, portanto, abstrata.

No que diz respeito à heterogeneidade da língua, Labov (2008) considera que:

Os procedimentos da linguística descritiva se baseiam na concepção da língua como um conjunto estruturado de normas sociais. No passado, era natural considerar essas normas como invariantes, compartilhadas por todos os membros da comunidade de fala. No entanto, estudos mais detalhados do contexto social em que a língua é usada mostram que muitos elementos da estrutura linguística estão envolvidos em variação sistemática que reflete tanto a mudança temporal quanto os processos sociais extralinguísticos (Labov, 2008, p. 140).

É através da análise sistemática da comunidade de fala linguística – grupo de falantes que têm em comum um conjunto de atitudes sociais para com a língua – que é possível entender o desenvolvimento de uma mudança linguística, mudança essa que só pode ser percebida a partir da observação da vida social da comunidade em que ela ocorre. Desse modo, Labov (2008) determina como objeto de estudo da Sociolinguística a estrutura e evolução da linguagem no âmbito do contexto social.

Ao se estudarem os fenômenos de variação linguística, buscam-se identificar processos que denotem algum tipo de mudança na língua, através de métodos de investigação que permitam observar as comunidades de fala, selecionar variáveis e compará-las num determinado momento. Assim, pode-se observar a mudança numa análise em tempo real ou em tempo aparente.

Ao escolher o método de observação em tempo real, compara-se a fala de uma determinada comunidade em pontos diferentes do tempo. A grande vantagem de um estudo desse tipo é a possibilidade de se ter uma maior visão para perceber a mudança, bem como se estudarem também mecanismos de difusão e progressão das inovações linguísticas. Já o estudo em tempo aparente é realizado a partir da comparação da fala de informantes de faixas etárias diferentes, o que permite a observação da mudança em progresso. Há a vantagem da obtenção dos resultados imediatos, sem a necessidade de esperar, em média, vinte anos para se constatar a mudança.

Tem-se, ainda, para os estudos em tempo real, a possibilidade de análises do tipo *painel* (*panel study*), segundo Labov (2001), através do re-contato dos mesmos indivíduos que

fizeram parte de um primeiro estudo, para entrevistá-los novamente; ou *tendência* (*trend study*), em que se recolhe uma amostra da mesma comunidade de fala, em um período posterior ao da primeira coleta. Em ambos, geralmente, se tem o mesmo investigador, a aplicação da mesma metodologia, transcrição e análise, o que acarreta maior homogeneidade à pesquisa.

Por outro lado, há a desvantagem de uma perspectiva limitada da mudança em progresso, uma vez que não se pode perceber o campo de difusão de uma inovação por completo. E mais: as diferenças de gerações podem ser interpretadas apenas como indícios de mudança, mas não há como afirmá-la de forma categórica, visto que se tem acesso apenas a amostras que não representam a totalidade.

No Brasil, há vários grupos de pesquisa que se dedicam a estudos dessa natureza, a exemplo dos pioneiros Projeto Norma Culta Urbana do Brasil – NURC e o Programa de Estudos sobre o Uso da Língua – PEUL, em que se investigam a variação e mudança linguísticas, através do levantamento de amostras de dois momentos de língua, com um intervalo aproximado de vinte anos entre cada uma.

O primeiro, dentre as suas finalidades, objetivou concretizar análises a respeito da modalidade falada considerada culta em cinco capitais, e muito contribuiu para o conhecimento que se tem hoje das normas regionais no país. O segundo consiste em estudos da variedade não culta do português falado no Rio de Janeiro, composto por dois *corpora*: a amostra Censo 1980 e a amostra Censo 2000.

Esta tese pretende realizar uma análise temporal de curta duração, visto que, do confronto dos atlas e dados inéditos do Projeto ALiB, foi possível observar, quanto às comunidades da Bahia selecionadas para este estudo, que há, entre o *APFB* (Rossi, 1963) e o Projeto ALiB, uma lacuna de cerca de 40 anos de diferença entre as datas dos atlas. Com relação às localidades do *ALS* (Ferreira *et al*, 1987), também coincidentes com os dados do Projeto para Sergipe, tem-se uma distância de pouco mais de 30 anos, como se descreve na metodologia.

A Dialetoлогия, inicialmente, apresentava interesse pelos estudos em zonas rurais, por estarem mais distantes dos grandes centros urbanos, mantendo, muitas vezes, características linguísticas intactas ou com poucas perdas e/ou influência de outros dialetos, preservando traços históricos, culturais e sociais dessas comunidades. No que se refere aos limites físico-geográficos, o maior ou menor grau de isolamento das comunidades influenciava na descontinuidade da estratificação, ou seja, quanto menos isoladas, maior seria a interferência de outras variantes sobre as já existentes.

Pela considerável influência da Sociolinguística, o método foi se modificando, passando então a considerar também as demais variáveis sociais, que envolvem as diferenças diageracionais, de sexo, escolaridade e socioeconômicas. Dessa forma, a Dialetoлогия passa a ter um enfoque pluridimensional, pois incorpora aos seus estudos interesses nos fenômenos sociais e suas influências na língua.

Nos dizeres de Cardoso (2010, p. 26):

O enfoque diatópico e sociolinguístico se faz presente em ambas. Distinguem-se, no entanto, na forma de tratar os fenômenos na perspectiva que imprimem à abordagem dos fatos linguísticos. A dialetologia, nada obstante considerar fatores sociais como elementos relevantes na coleta e tratamento dos dados, tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos considerados, configurando-se, dessa forma, como eminentemente diatópica. A sociolinguística, ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, centra-se na correlação entre os fatos linguísticos e os fatores sociais, priorizando, dessa forma, as relações sociolinguísticas.

Assim, há que se reconhecer que à Dialetoлогия cabem dois vieses que nortearão o exame do fenômeno linguístico, a serem percebidos nos estudos dialetais: a perspectiva diatópica e o enfoque sociolinguístico. O desafio consiste justamente em perceber se a teoria se reflete na prática, sobretudo quanto a essas formas de tratar os fatos de natureza dialetal, quer seja como um objetivo a ser perseguido, quer seja “[...] examinando-se como a tradição e a modernidade têm respondido a esse enlace de perspectivas no campo da geografia linguística”, nas palavras de Cardoso (2010, p. 26).

A esse respeito tem-se também as considerações de Callou (2010), ao constatar que a Sociolinguística, como se deduz da definição, é um ramo da linguística que se preocupa com a língua como fenômeno social e cultural e nasceu, de certa forma, dentro da Dialetoлогия. Nesse sentido, ambas as disciplinas ou ramos seriam próximos, posto que suas perspectivas de observação e análise se encontram e se complementam.

A autora, antes, aponta para uma intersecção dos enfoques dialetológico e sociolinguístico, sobretudo, por vieses históricos (ambos têm crescimento a partir da década de 60, com interesse pela descrição da linguagem urbana) e pela necessidade de se repensar o método para o estudo das línguas românicas. Por conseguinte, os métodos da Dialetoлогия tradicional acabam tendo que se adaptar, para poder permitir a investigação da linguagem de grandes centros urbanos, mais diversificados.

Percebe-se, dessa forma, que à Dialetoлогия, que se preocupa principalmente com a variação diatópica, não cabe somente o interesse pelas zonas rurais, já que estuda, também, os dialetos da zona urbana e as variáveis sociais. Segundo Chambers e Trudgill ([1980] 1994), alguns pesquisadores da área começaram a reconhecer que se tinha dado muita ênfase à

dimensão espacial da variação linguística, excluindo a dimensão social e a mudança. Essas atitudes começaram a ser questionadas, já que a variação social na língua é tão importante quanto a variação espacial. Além disso, os autores reconhecem que todos os dialetos são espaciais, mas também sociais, uma vez que todos os falantes possuem tanto um entorno social quanto espacial.

Um dos primeiros estudos dialetais urbanos dessa natureza foi o *Linguistic Atlas of the United States and Canada* (LANE), publicado entre 1939 e 1943, por uma equipe coordenada por Hans Kurath. Esse atlas apresenta, pela primeira vez na história da Dialectologia, o controle etário, demonstrado já na sua metodologia, dada a sua preocupação com o perfil dos informantes, que deveriam ser mais velhos e de meia idade, selecionados segundo critérios estabelecidos, como o controle social (além do etário): em quase todas as localidades foram inquiridos um informante de classe social considerada menos favorecida; em algumas, um de idade mediana e de escolaridade superior aos das localidades anteriores, e, em 38 localidades, interrogou-se um terceiro tipo, com nível superior.

A Dialectologia é uma disciplina com uma larga tradição, com uma metodologia bem estabelecida e com uma vasta literatura. Sem dúvida, suas contribuições são inegáveis para a linguística em geral. No que concerne à Sociolinguística, em particular, a essa disciplina caberia, prioritariamente, estudar as unidades sinstráticas e a diversidade diastrática, embora haja especificidades entre uma Sociolinguística eminentemente diastrática e uma Dialectologia que investigue apenas o espaço geográfico.

O homem vive integrado à sociedade, obedecendo a uma hierarquia, seguindo uma organização própria e criando seus grupos. Cada grupo social, seja de faixa etária, profissional, entre outros, apresenta códigos de comportamento que os diferenciam entre si, porém permitem a identificação e o mútuo entendimento, estando o modo de falar ligado a esses códigos. Assim, tem-se a definição da variação diastrática, objeto de estudo da Sociolinguística, que busca fazer as relações entre as variáveis sociais e os fenômenos linguísticos.

Ao se debruçar sobre aspectos da língua e da linguagem a partir do olhar da Sociolinguística, busca-se, minimamente, compreender as escolhas dos falantes, entre meios linguísticos alternativos para comunicar a mesma informação. Além disso, dependendo da familiaridade com a variedade, pode ser relativamente simples identificar nacionalidade, localidade, comunidade, etc. todos esses aspectos podem ser elucidados de forma sistemática, desde que alinhadas com os princípios da Sociolinguística e da Dialectologia Pluridimensional, bem como seus principais métodos e conceitos, conforme se intencionou esboçar neste tópico.

2.1.2 Dos princípios e métodos da Geolinguística

Ao se realizarem pesquisas dialetais, é fundamental considerar a importância de um embasamento teórico sólido, a seleção adequada do tema a ser investigado e a escolha de um método apropriado para a análise linguística. Antes de explorar sua relevância e implicações, optou-se por fazer uma revisão do desenvolvimento da dialetologia no Brasil, ressaltando as diferentes fases pelas quais essa disciplina passou ao longo do tempo.

No Brasil, os estudos dialetais tiveram início concretamente com a contribuição de Domingos Borges de Barros, conhecido como o Visconde de Pedra Branca. Segundo Cardoso (2009), o Visconde era um brasileiro nascido na Bahia e Ministro Plenipotenciário do Brasil na França. Ele desempenhou um papel significativo ao contribuir para o *Atlas Ethnographique du Globe*⁷ de Adrien Balbi, publicado em 1826. Este atlas é um documento abrangente que inclui uma lista com setecentos vocabulários das principais línguas conhecidas, além de considerações sobre povos, cultura, história e literatura, entre outras informações relevantes de países que ele julgou pertinentes, conforme indicado no título completo da obra.

No contexto do Brasil, o Visconde de Pedra Branca apresentou uma lista de palavras que contém oito nomes com mudança de significação com relação ao português de Portugal e outros cinquenta nomes usados exclusivamente em terras brasileiras.

A partir daí, Ferreira e Cardoso (1994) atribuem à Dialetologia no Brasil três fases, complementando a periodização proposta por Nascentes, que estabeleceu apenas duas. Cardoso e Mota (2006) consideram a quarta fase, iniciada com a elaboração do *Atlas Linguístico do Brasil*. Tem-se uma quinta fase, que começaria em 2014, com a publicação dos dois primeiros volumes do ALiB, sugerida por Teles (2018), comentadas a seguir.

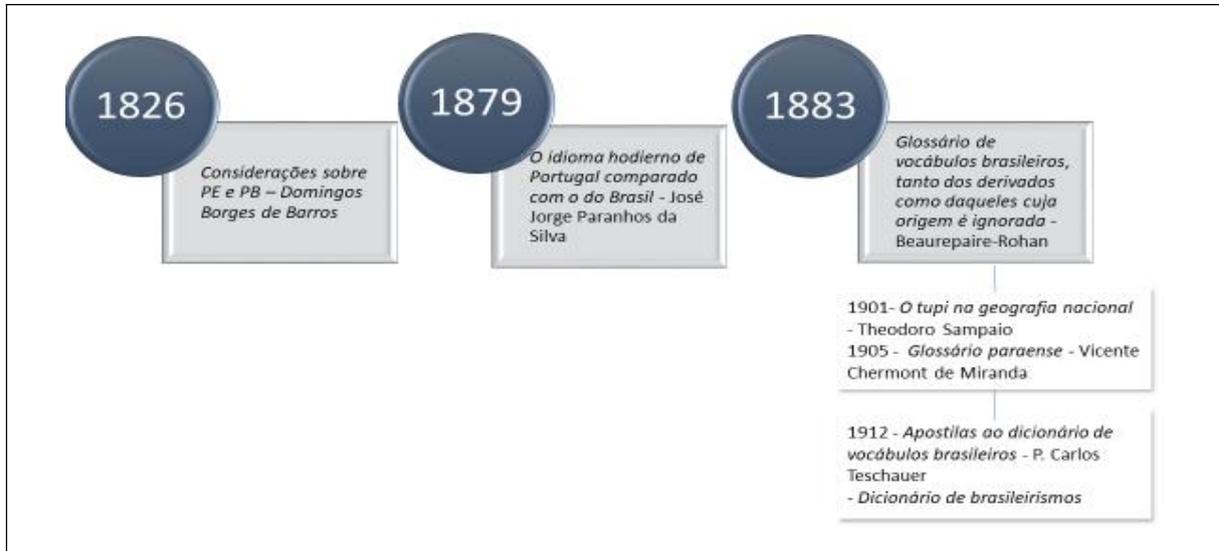
(i) Primeira fase – 1826 a 1920

Os trabalhos produzidos nessa etapa inicial dos estudos dialetais no Brasil têm, sumariamente, cunho lexicográfico, em que se registram estudos relativos ao léxico e suas

⁷ Título completo: *Atlas ethnographique du globe ou classification des peuples anciens et modernes d'après leurs langues, précédé d'un discours sur l'utilité et l'importance de l'étude des langues appliqué à plusieurs branches des connaissances humaines; d'un aperçu sur les moyens graphiques employés par les différents peuples de la terre; d'un coup d'oeil sur l'histoire de la langue slave, et sur la manche progressive e la civilisation et de la littérature en Russie, avec sept cent vocabulaires des principaux idiomes connus, et suivi du tableau physique, moral et politique des cinq parties du monde, dédié à S. M. l'Empereur Alexandre*. Conforme menciona Cardoso (2010, p. 37), a obra se apresenta como um próprio resumo neste título, reduzido sob a nomeação de *Atlas ethnographique du globe*.

especificidades. Resumindo, em uma imagem, pode-se observar essa fase, distribuída, mais ou menos, da seguinte, forma:

Figura 1 – Primeira fase dos estudos dialetais no Brasil



Fonte: Elaboração própria.

Contudo, é *O idioma hodierno de Portugal comparado com o do Brasil*, de José Jorge Paranhos da Silva, que pode ser considerado o trabalho mais significativo, em que se tem o levantamento de vários elementos da variação do português do Brasil em comparação com o português de Portugal, tais como: pronúncia de vocábulos, distinções quanto aos usos das línguas (brasileira e portuguesa), questões concernentes ao léxico, morfologia e estilo. Sobre o léxico, em particular, classifica-o em duas partes: uma de palavras usadas em ambos os idiomas e outra, de palavras apenas portuguesas (desconhecidas no Brasil). Reconhece, por fim, a contribuição das línguas indígenas como uma “riqueza”, como destaca Cardoso (2010, p. 134).

(ii) *Segunda fase – 1920 a 1952*

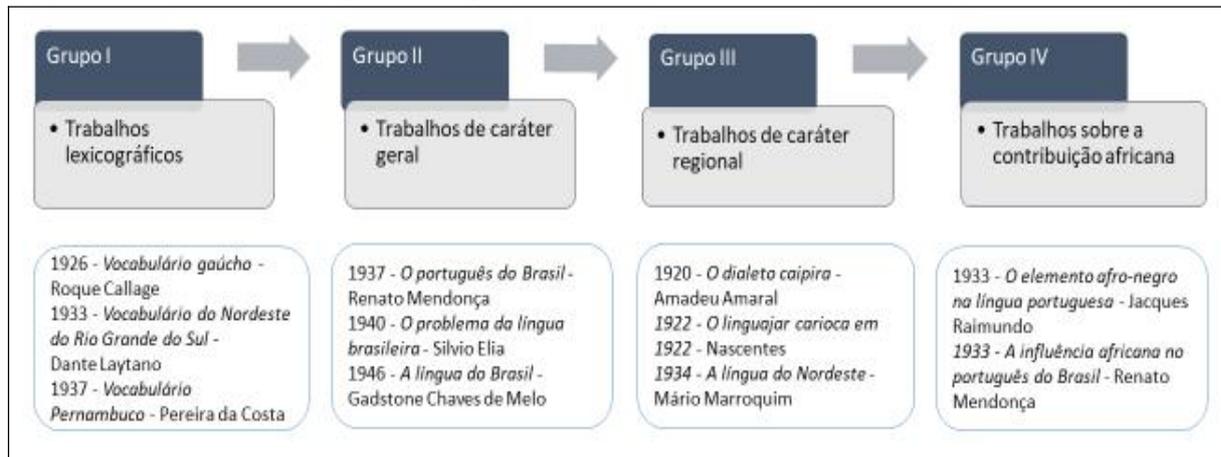
Inicia com a publicação de *O dialeto caipira* por Amadeu Amaral, em 1920, e se estende até 1952. Durante esse período, começa a se desenvolver, no Brasil, de forma mais sistemática, uma dialetologia com uma metodologia orientada para a observação direta da realidade em diferentes localidades, considerando seus diferentes aspectos. Desse período, destacam-se, principalmente, além da obra que inaugura a fase, *O linguajar carioca em 1922*, de Antenor Nascentes, *A língua do Nordeste*, de Mário Marroquim, publicada em 1934.

Identificam-se, ainda a subdivisão desta fase em quatro grupos, apresentada, por Cardoso (2010): (i) a continuidade das produções de glossários regionais; (ii) as análises de

questões mais amplas da língua; (iii) os estudos de caráter regional; (iv) os trabalhos específicos sobre o papel das línguas africanas na formação do português do Brasil.

Em resumo, observa-se, na Figura 2, os quatro grupos propostos por Cardoso (2010), e as principais publicações a eles vinculadas.

Figura 2 – Segunda fase dos estudos dialetais do Brasil



Fonte: Elaboração própria.

As três principais obras concernentes ao terceiro grupo, dada a sua importância para os estudos dialetais no Brasil, são comentadas na sequência.

O dialeto caipira, ao investigar, através da coleta de dados, as localidades de Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu, Sorocaba e São Carlos, no Estado de São Paulo, é considerado um marco em relação à nova abordagem no estudo dialetal no Brasil. Em 1916, a *Introdução*, o capítulo sobre fonética e o que viria a ser o capítulo sobre *Lexicologia* foram anteriormente publicados pela *Revista do Brasil*. Os demais capítulos, *Morfologia*, *Sintaxe* e *Vocabulário* são posteriores, publicados entre 1917 e 1920.

Já na *Introdução*, Amaral ([1920] 1976, p. 43), demonstra a percepção das diferenças entre falares dentro do espaço brasileiro: “O falar do Norte do país não é o mesmo que o do Centro ou o do Sul. O de São Paulo não é igual ao de Minas. Neste livro, objetivou-se caracterizar esse *falar caipira*.” (Grifo da autora). Identifica, inclusive, um processo de dialetação do português brasileiro, sobre o qual pouco se tinha registro, como se vê nas suas palavras:

Fala-se muito num ‘dialeto brasileiro’, expressão já consagrada até por autores notáveis de além-mar; entretanto, até hoje não se sabe ao certo em que consiste semelhante dialetação, cuja existência é por assim dizer evidente, mas cujos caracteres ainda não foram discriminados. (Amaral [1920] 1976, p. 43).

É evidente, nesse trabalho, a preocupação não apenas em documentar a língua portuguesa e suas diferenças, mas fazê-lo, outrossim, com seriedade e seguindo um rigor científico. Sobre o léxico, em particular, afirmou ser “[...] um dos mais curiosos estudos a que

se pode prestar a nossa linguagem, e não só pelo interesse puramente linguístico, senão também pelo clarão que lançaria sobre questões atinentes à formação do espírito do nosso povo.” (Amaral, [1920] 1976, p. 55). Registrou, inclusive, a presença da língua tupi em diversos topônimos, elementos da fauna, flora, objetos de usos gerais, além da influência das línguas africanas e de outras línguas, como o castelhano, dialetos ibero-sul-americanos, entre outros.

O linguajar carioca em 1922 se sobressai pela grandiosidade do trabalho para a época. Nele, Nascentes (1953) admitia as dificuldades para a realização da pesquisa, uma vez que, já no seu prefácio, sinalizou que era preciso ter paciência, pois acreditava que os resultados ali apresentados não seriam para a geração atual, mas sim para as futuras. Reconhecia, assim, que seus registros iriam servir de base para os interessados, que encontrariam ali uma “[...] fotografia do estado da língua, e neste ponto serão mais felizes do que nós, que nada encontramos do falar de 1922” (Nascentes, 1953, p. 17).

A preocupação do autor com a constituição do *falar brasileiro* é explícita: ao questionar a existência de um dialeto ou de um falar próprio do país, sinaliza para a autonomia do Português do Brasil. Embora percebesse certa dificuldade em estabelecer diferenças objetivas entre dialeto e falar, acreditava que, ainda assim, em concordância com Paiva Boléo, seria menos inconveniente chamar de “falar” do que de “dialeto” (Nascentes, 1953, p. 16-17). No entanto, chama atenção para a existência, ainda, de subfalares, dada a extensão territorial do país com dificuldades de comunicação interior, o que teria fragmentado a unidade do falar.

Como se sabe, é de Antenor Nascentes a primeira proposta aceita de divisão dialetal brasileira, que segue comprovada na atualidade através das diversas monografias, dissertações, teses e atlas regionais publicados, bem como dos resultados parciais apresentados pelos estudos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). Essa proposta foi bem-sucedida sobretudo pelo vasto conhecimento do autor sobre a geografia do país, fruto da realização do desejo de viajar do “[...] Oiapoque ao Xuí, de Recife a Cuiabá” (Nascentes, 1953, p. 24).

Ao dividir o Brasil em dois grandes grupos de falares – os do Sul e os do Norte –, baseou-se essencialmente nas características fonéticas, sobretudo das vogais: os do Norte englobam os subfalares Amazônico e Nordestino; os do Sul, englobam o falar Baiano, o Fluminense, o Mineiro e o Sulista. Sua proposta se completa com uma área definida com o que nomeou como território incharacterístico, hoje já investigado de forma mais ampliada, a

exemplo do *Atlas Linguístico do Território Incaracterístico* (ALiTI) (Cuba, 2015)⁸. Inegavelmente, Nascentes mudou os caminhos dos estudos dialetais do Brasil, não apenas com a publicação de *O linguajar carioca em 1922*, mas pela proposta primeira de divisão dialetal do país.

A língua do Nordeste (1934), de Mário Marroquim, completa a trilogia de estudos da segunda fase, ao investigar o falar nordestino a partir, especificamente, dos estados de Alagoas e Pernambuco, embora, ao longo da sua narrativa, percebe-se que o autor vai muito além, tratando praticamente de toda a região nordestina.

Sua obra, que tinha como objetivo principal contribuir para a realização de um estudo dialetal sobre o falar brasileiro a partir de trabalhos parciais, corroborou com a proposta de Nascentes, visto que, para o autor, trabalhos dessa natureza também serviriam de material para futuros estudiosos, ao que chamou de “[...] uma obra de conjunto e definitiva sobre o dialeto brasileiro” (Marroquim, 1976, p. 17). Via a língua portuguesa no Brasil – falada pelo povo, e também na intimidade, despreocupadamente, pelas pessoas cultas.

A partir do conceito geral de dialeto apresentado por Darmetester no Dicionário Geral da Língua Francesa, o de “variedade regional de uma língua”, afirma haver, no país, não apenas um, mas vários dialetos ou subdialetos, dada a imensa extensão territorial, seguindo a mesma linha de Nascentes.

As contribuições dessa clássica obra certamente vão muito além das questões acadêmicas e das técnicas de gramática, por exemplo, pois envolvem aspectos sociológicos e psicológicos no estudo da língua portuguesa no Brasil. Classifica-se como autêntica pesquisa de campo de alguém que estudou para além dos livros: esteve entre os sujeitos no Nordeste brasileiro e, com isso, distancia-se dos trabalhos realizados por gramáticos e filólogos nacionais que geralmente desdenhavam do “povo, do analfabeto, da fala e da cantiga da rua”, como descrevia Marroquim.

(iii) *Terceira fase – 1952 a 1996*

É com a primeira manifestação oficial, através do Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952, que tem determinado, em seu 3º parágrafo, Art. 3º, como principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Ruy Barbosa a “elaboração do atlas linguístico do Brasil”

⁸ O “território incaracterístico” referia-se ao norte de Mato Grosso e o norte de Goiás na proposta de Nascentes. No entanto, devido ao processo migratório interno ocorrido no país, essas regiões passaram por transformações significativas em termos culturais, linguísticos e econômicos. Diante dessa nova realidade, Marigilda Antônio Cuba desenvolveu, em sua tese de doutoramento, o *Atlas Linguístico do Território Incaracterístico* (ALiTI), abrangendo justamente as áreas que anteriormente eram consideradas “incaracterísticas”. Para aprofundamento sobre o ALiTI, sugere-se a leitura da referida tese, disponível em:

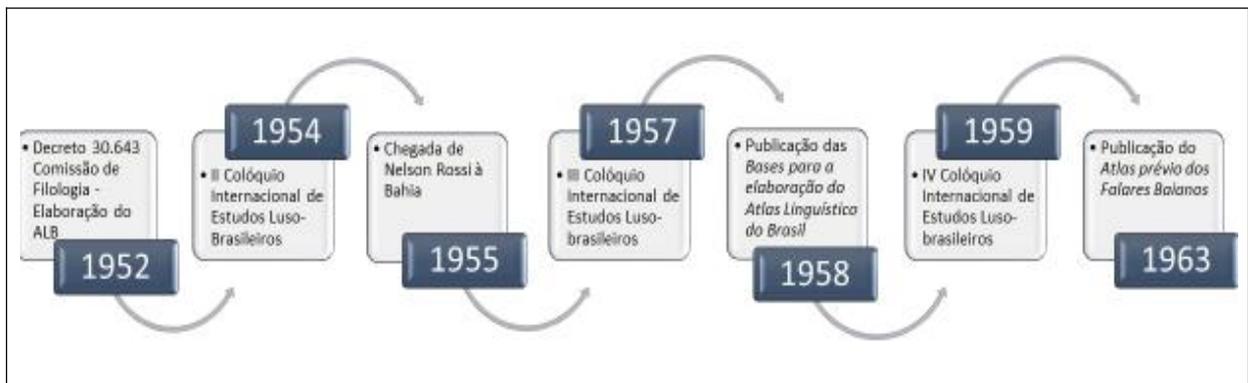
<<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000201252>>. Acesso em: jan. 2024.

que se considera o início da terceira fase dos estudos dialetais no Brasil. No entanto, construir um atlas de âmbito nacional, no Brasil, não seria tarefa simples, tampouco imediata. A contribuição dos pioneiros da Dialectologia no Brasil – destaque-se, nesse sentido, Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi –, ao darem o primeiro passo, antes, na ideia, e, por conseguinte, no incentivo a outros pesquisadores, foi fundamental.

Por diversos motivos – questões financeiras, inexistência de uma equipe preparada e falta de mobilidade, por conta da situação precária das estradas do país, à época –, pareceu dificultoso o desenvolvimento de um atlas nacional. Os pesquisadores envolvidos, no entanto, deram início às indicações para a construção do projeto, que contém determinações essenciais: registrar, de um lado, a importância de um trabalho desse porte, e, do outro, a sua impossibilidade, devido ao vasto território brasileiro e dificuldade de acesso aos diferentes pontos.

Uma sequência de eventos se materializa, a partir de então. Tem-se, a seguir, em ordem cronológica, numa linha do tempo, os anos e os principais acontecimentos relacionados a essa fase, como se pode ver na Figura 3.

Figura 3 – Terceira fase dos estudos dialetais em linha do tempo



Fonte: Elaboração própria.

Como se pode ver, desde 1952, ano do referido Decreto, a 1963, em que se publica o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, se podem elencar os principais acontecimentos relacionados ao início da pesquisa dialetal no Brasil, bem como as respectivas contribuições.

E assim começam as produções de atlas regionais em território brasileiro, com pesquisas que priorizam os atlas estaduais. Esses atlas documentavam volume de dados da língua falada nos espaços regionais pesquisados, e cobriam áreas relativas a uma Unidade Federativa, com exceção do *ALERS*⁹, um dos últimos dessa fase a estender-se por uma grande

⁹ O *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul*, cujo primeiro volume foi lançado em 2002, apresentando cartas fonéticas e morfossintáticas, seguido pelo segundo volume em 2011, com cartas lexicais, foi concebido pelos

Região do Brasil.

(iv) *Quarta fase – 1996 a 2014*

Desde a manifestação do desejo em elaborar um atlas linguístico, em 1952, até a sua concretização, muitos caminhos foram percorridos e muitas mudanças ocorreram, sobretudo no quadro político, econômico e social do país, bem como o desenvolvimento dos estudos dialetais, de modo a tornar factível, finalmente, a construção do atlas.

A retomada da discussão sobre a elaboração de um atlas linguístico de amplitude nacional foi aprovada em 1996, e mais uma vez a Universidade Federal da Bahia sai pioneira nesta empreitada, envolvendo dezessete instituições universitárias brasileiras. No Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado em Salvador, na UFBA (1996), foi montada a composição do Comitê Nacional que seria responsável pela execução do Projeto ALiB¹⁰, e se deu início ao desenho do Projeto e discussão da metodologia. Foram, senão vencidas, ao menos amenizadas as dificuldades relativas à investigação dialetal. A formação de pesquisadores na área da Geolinguística ampliou-se de forma significativa e as questões financeiras, ainda que, longe de serem ideais, passaram, ao menos, a assegurar formas de sustentação das pesquisas.

A proposta de um atlas nacional visa analisar a realidade linguística do Brasil, abordando a diversidade diatópica e variação em diferentes níveis linguísticos. Os resultados buscam subsidiar o aprimoramento do ensino, adaptando materiais didáticos à diversidade linguística regional, e promover uma compreensão abrangente da língua portuguesa brasileira como um instrumento social de comunicação diversificado, porém unificado sistemicamente.

(v) *Quinta fase – 2014 até o momento*

pesquisadores Walter Koch, Mário Silfredo Klassmann e Cléo Vilson Altenhofen. Desenvolvido por três equipes vinculadas às universidades federais dos estados que compõem a região Sul (Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina), este atlas é o sexto do Brasil, sucedendo o *APFB* (Rossi, 1963), *EALMG* (Zágari *et al*, 1977), *ALPB* (Aragão; Menezes, 194), o *ALS* (Ferreira *et al*, 1987) e o *ALPR* (Aguilera, 2994). Diferentemente dos anteriores, é o primeiro a abordar uma região política e geográfica específica do país, caracterizando-se como um atlas regional que explora aspectos linguísticos e culturais dos três estados sulistas. Abrangendo 275 localidades, sendo 100 no Paraná, 80 em Santa Catarina e 95 no Rio Grande do Sul, o atlas visa mapear uma rede de pontos de interesse linguístico e etnográfico.

¹⁰ Na sua primeira composição, fizeram parte os professores Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA, Diretora-Presidente), Jacyra Andrade Mota (UBA, Diretora Executiva), Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB/UFC/UEC, Diretora Científica), Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFJF, Diretor Científico), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL, Diretora Científica) e Walter Koch (Diretor Científico). Com o falecimento de Walter Koch, em 2008 e Mário Roberto Lobuglio Zágari, passaram a fazer parte da equipe Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS) e Felício Wessling Margotti (UFSC), além de Aparecida Negri Isquerdo (UFMS) e Abdelhak Razky (UFPA).

A quinta fase, proposta por Teles (2018), considera que a publicação dos dois primeiros volumes do *Atlas Linguístico do Brasil* é um marco para a Geolinguística brasileira. Primeiro, pela quantidade de trabalhos a serem desenvolvidos a partir daí, segundo, pela extensão alcançada, tanto pela disponibilidade do atlas em bibliotecas de universidades integrantes do Projeto, como pela ampla divulgação em âmbito nacional e internacional em diversos veículos de comunicação. Para a autora, o ALiB representa o início de uma nossa fase para a Dialetoologia Pluridimensional, não apenas pelas contribuições quanto ao conteúdo, visto que fornece vasto material para pesquisas na área, mas por ter sido concebido com o que há de mais atual em cartografia, utilizando-se do Sistema de Informações Cartográficas (SIG), que inclui o georreferenciamento das localidades.

A publicação dos dois primeiros volumes do *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB), em outubro de 2014, na Universidade Federal da Bahia, no II CIDS em Londrina, durante as homenagens à Jacyra Mota e Suzana Cardoso, concretiza o que se considera como um novo percurso, do ponto de vista metodológico, aos estudos dialetais.

Incorporam-se os princípios implementados pela Sociolinguística a partir da década de 60, e passa-se a adotar uma visão pluridimensional, descartando a perspectiva monodimensional, “[...] meramente monoestrática, monogeracional, monogenérica, monofásica, etc”, como menciona Cardoso (2010, p. 142), culminando numa Geolinguística pluridimensional contemporânea proposta por Thun no *Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes: Vivacité et diversité de la variation linguistique*, com o trabalho da seção “Dialectologie, géolinguistique, sociolinguistique” (cf. Thun, 1998, p. 367-386).

2.2 NAS VIGAS DA SEMÂNTICA

Embora seja um campo de estudos relativamente novo, a semântica tem sua origem em tempos remotos, visto que tentar compreender a dinâmica dos sentidos da língua faz parte da condição humana. Semântica é uma palavra de origem francesa, *sémantique*, que data de 1875, que, por sua vez, vem do grego *semantiké*, e tem sentido de que indica, que significa, que faz conhecer, que é um indício, segundo Houaiss (2001). Essa é, certamente, a ciência das significações, embora ainda não tenha *status* de ciência. Numa perspectiva teórica, é a disciplina que se dedica ao estudo da estruturação interna do sistema de significações, bem como da lógica envolvida na dinâmica da relação desse sistema com a representação do mundo, ou de como ele está representado.

O primeiro pesquisador a utilizar o termo semântica foi Michel Bréal, no final do século XIX, pouco antes dos advenços do estruturalismo saussuriano. Bréal é o responsável por atribuir à semântica a sua devida importância, no que concerne à compreensão do funcionamento das línguas naturais, despertando o interesse entre os estudiosos linguistas europeus. Ao considerar o sentido, assim como as formas sonoras, um elemento específico linguístico, em 1883, no artigo *As leis intelectuais da linguagem: fragmento de semântica*, aponta para a preocupação com a “intuição” como o surgimento de toda a semântica, ainda que de maneira pouco explorada nessa época. A partir dessa ideia de intuição, pode-se definir a semântica como uma disciplina linguística que tem como objeto de estudo a descrição das significações inerentes às línguas e sua organização teórica.

A semântica é, portanto, o estudo do significado. O indivíduo, de uma maneira geral, sempre se preocupou com a origem das línguas e com a relação entre as palavras e as coisas que elas significam, se há uma ligação natural entre os nomes e as coisas nomeadas ou se essa associação é mero resultado de convenção. Contudo, foi apenas depois que Saussure e suas novas concepções sobre o signo linguístico se tornaram conhecidas na Europa que a semântica recebeu o devido reconhecimento, passando, assim, a ocupar espaço entre os estudos linguísticos.

Por outro lado, embora Saussure tenha delineado as bases de suas ideias no *Curso de Linguística Geral*, conferindo à linguística um *status* científico ao delimitar seu objeto de estudo – a língua em sua totalidade estrutural, abrangendo o estudo de todas as estruturas gramaticais das línguas do mundo –, ele não incorporou a dimensão semântica das línguas.

Tal “exclusão” é justificada pelo interesse dos linguistas da época que, no início do século XX, em torno de 1916, data da primeira edição do *Curso*, precisavam fazer escolhas que respondessem a aspectos mais “universais” a todas as línguas. Por isso, os estudiosos, seguindo os caminhos do fundador da linguística moderna, primavam pela investigação de uma espécie de característica básica comum, algo que existisse em praticamente todas as línguas, a partir do desvendar dos aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos inerentes à estrutura gramatical das línguas em si, e não para a dimensão semântica das línguas, que não despertava interesse, comparada às questões estruturais.

Saussure, embora demonstrasse preocupação com todas as formas de linguagem humana, se deteve principalmente na forma falada das línguas naturais. O que se constata é que o cerne dos seus estudos estava voltado para a estrutura das línguas, apesar de também se preocupar com a dimensão comunicativa das línguas naturais. De acordo com o que ficou definido no *Curso*, organizado pelos linguistas Charles Bally e Albert Sechehaye, alunos de

Saussure, se fosse possível ao homem conhecer todas as leis que regem todas as línguas, este seria capaz de comparar essas informações e se deparar com o que existe de universal, de funcional em todas elas, o que há de comum, chegando, finalmente, à descoberta de uma “língua-mãe” primeira.

A partir dessas definições é que se chega à tarefa da linguística, que pretende, conforme declarações do *Curso*: (i) descrever e historicizar todas as línguas que se se puder abarcar – fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, o mais próximo possível, as línguas-mães de cada família de língua; (ii) investigar quais forças operam, “[...] de modo permanente e universal, em todas as línguas”, com vistas a deduzir leis que sejam gerais e que possam dar conta de explicar todos os fenômenos intrínsecos à história das línguas e (iii) “[...] delimitar-se e definir-se em si própria.” (Saussure, 1989, p. 13).

Inaugura-se então, com Saussure, através da influência de suas ideias e de seus seguidores no mundo científico das linguagens, a busca pelo conhecimento da história e da estrutura das línguas, com vistas a descrever a gramática dessas línguas, sem se levar em consideração, contudo, o caráter social, cultural, ideológico entre outros, e, nos dizeres de Ferrarezi Jr. (2019, p. 17), desconsiderando e “[...] esquecendo que, além disso tudo, uma língua só funciona se seus usuários forem capazes de atribuir sentido àquilo que a gramática permitiu construir.”. Essa forma de pensar deu origem ao *estruturalismo linguístico*, em que a dimensão semântica não tem nenhuma importância.

É apenas com as discussões e estudos de Noam Chomsky e suas as teorias gerativas que a semântica passa a mudar de direção. Precursor do gerativismo, corrente de pensamento fundada em 1957, nos Estados Unidos, Chomsky concebe as estruturas linguísticas não como um fim, mas como uma possibilidade de se chegar à explicação de como a mente humana tem a capacidade inata de gerar essas estruturas, indo além delas.

A fundamentação da teoria gerativa está pautada justamente no *inatismo*, espécie de dispositivo cerebral que dá condição a todos os seres humanos de aprender línguas e de compreender significados. Estes significados, por sua vez, permitem aos indivíduos compreender o que mobiliza o pensamento e, através deles, entender as coisas ditas, atribuindo, também, valor semântico ao que se diz.

Conceber a capacidade da linguagem humana como inata aproxima as ideias de Chomsky às áreas da cognição e da neurologia, no sentido de se explicar a mente humana funcionando como um mecanismo de organização modular, seguindo, nesse sentido, os passos de Fodor, que concebe a *estrutura profunda* como o princípio de tudo em uma língua. Essa estrutura corresponde a uma fase inicial do pensamento humano em que ainda não se

têm frases linguísticas prontas, visto que se situa antes do pensamento materializar-se em frases propriamente ditas.

Assim, para os gerativistas haveria, na mente humana, antes da estruturação linguística em si, uma dimensão em que se processam os significados, as ideias e os conceitos, numa espécie de estrutura “pré-linguística” ou a existência de uma pré-linguagem. São os sentidos que os indivíduos concebem em sua mente e nos seus pensamentos, antes mesmo da língua se organizar de forma estruturada e sistematizada como a conhecemos.

Compreender a língua como modular, através da existência de uma estrutura profunda, passou a direcionar os trabalhos da linguística gerativa em torno da busca pela explicação de como esses significados passam a formar frases estruturadas e possibilitam a comunicação humana. Em outras palavras, o cerne da questão estava em explicar como um significado se transforma em uma frase de uma língua natural, após ser ouvida e processada por um indivíduo, e, mais ainda: como essas frases são capazes de remeter a significados na estrutura profunda. Assim, torna-se fundamental, para os gerativistas, a ideia de transformação, que inclusive fez surgir uma nova vertente de estudos, a da *gramática transformacional*.

De acordo com as reflexões de Ferrarezi Jr. (2019), Chomsky muda inegavelmente o foco dos estudos linguísticos, ao chamar atenção para uma dimensão semântica da língua que passa, agora, a ser vista como uma estrutura que precisava emergir, vir à superfície, para só então ser transformada em uma língua estruturada.

Nesse sentido, a morfologia, o léxico e a sintaxe das línguas só começavam a agir, na mente, a partir dessa estrutura profunda, e era necessário compreender toda a base do processo linguístico que, de acordo com a teoria gerativa, não deveria ser concebida como uma gramática de regras morfossintáticas definitivas, mas sim, em uma dimensão semântica da língua que estaria num estágio muito anterior e mais profundo.

Interessante salientar que tanto Chomsky como Fodor fazem parte de uma frente de pesquisadores que se debruçaram sobre a compreensão da linguagem a partir de um viés da neurologia e da cognição, o que será extremamente importante para continuar o traçado já iniciado pelos estudos de Saussure e seus alunos com o *Curso*.

Isso fez com que a linguística não só se consolidasse como ciência moderna e interligada a outras ciências, através da delimitação do seu objeto de estudo – a língua, passível de ser investigada ora em perspectiva estrutural, a partir do olhar da escola do estruturalismo linguístico de Saussure, ora semântico-cognitiva, através das teorias gerativas de Chomsky, mas abriu caminhos para os estudos da semântica e a sua caracterização verdadeiramente científica, como discute Ferrarezi Jr. (2019).

Quanto à delimitação dos estudos da semântica em caráter científico, imprescindíveis para os novos rumos a serem percorridos pelos estudiosos da língua e aos interessados em desvendar os meandros da significação, destaca-se aqui Jerrold John Katz, que se debruçou sobre os estudos do significado, comprovando que a semântica, enquanto ramo da linguagem, tem o devido respaldo e reconhecimento para a ciência, uma vez que esta possui método, objetivo e objeto.

Katz, considerado o pai da Semântica moderna, traz (1972) três pontos fundamentais sobre a disciplina, a saber:

- (i) uma vez que integra a linguística como uma de suas subdivisões, compartilha com esta o mesmo rigor científico e, além disso, também se utiliza de métodos de outras áreas da ciência, como filosofia e lógica, tendo, portanto, um método;
- (ii) quanto ao objetivo, esse consiste na compreensão das línguas naturais em sua totalidade, se debruçando, enquanto subdivisão da linguística, à investigação da dimensão semântica;
- (iii) por fim, seu objeto de estudo é basicamente o significado, passível de ser analisado através das mais variadas manifestações da língua, em especial as propriedades tangíveis.

Trata-se, dessa forma, de um ramo dos estudos da linguagem, que, trazendo, em síntese, o que define Pottier (1992), importante linguista e estudioso da semântica estrutural¹¹, se debruça sobre os mecanismos e operações concernentes ao sentido, envolvidos na dinâmica de funcionamento das línguas naturais.

Seu objetivo é, basicamente, explicitar as conexões que existem entre um dado comportamento discursivo – em um certo momento do tempo – e que passa por constante renovação, bem como das representações mentais que são partilhadas entre os sujeitos dessas línguas naturais no curso de todo o processo.

Para Pottier (1992), está no cerne da semântica refletir sobre os mecanismos e operações inerentes ao sentido e, por extensão, à dinâmica de funcionamento das línguas, visto que essa permite vislumbrar o caminho entre o individual e o universal, sendo o cultural, o meio, com vistas a conciliar, de um lado, a extensão das manifestações linguísticas e, de

¹¹ Teoria do significado desenvolvida na Europa, a Semântica Estrutural fundamenta-se na Fenomenologia de E. Husserl e Merleau-Ponty e na Linguística de Ferdinand de Saussure e Louis Hjelmslev. De acordo com Quintela (2005), essa teoria apresenta um caráter sincrônico, e se opõe à Semântica Diacrônica de Michel Bréal, embora lhe reconheça o mérito de ter sido o fundador da ciência. Dos vários nomes que podem ser citados como precursores da Semântica Estrutural, destaca-se, principalmente, J. Trier, que criou a Teoria dos Campos Semânticos, focada no significado apenas no nível da palavra.

outro, a variedade dessas manifestações com a apresentação do funcionamento da língua em sua face mais profunda.

No que concerne às áreas específicas de estudos da semântica e suas relações com a semiótica e a pragmática, faz-se necessário compreender os tipos ou formas de linguagem e suas nuances para, a partir daí reconhecê-las, com o fito de fazer escolhas sobre que caminhos de investigação seguir.

Em sentido amplo, linguagem refere-se a qualquer elemento do mundo que funcione através de uma significação, ou seja, que funcione como um signo. Em sentido restrito, fala-se em três formas de comunicação: as trocas interlocutórias dos humanos, as formas de comunicação existentes entre os animais e plantas, que se dá de forma instintiva, mais ou menos articulada, e, por último, as formas que envolvem o uso de um código, mais complexa.

A semiótica, grosso modo, se debruça a investigar as formas de funcionamento do signo, em todas as suas nuances de significação, mas prioritariamente as línguas humanas. Já a semântica está mais voltada a investigar os significados que constituem as línguas humanas naturais, embora a diferença pareça mínima, visto que a relação entre língua em seu curso natural e seus usos é muito próxima.

Assim, há que se deixar clara a distinção entre as duas vertentes: enquanto a semântica se dedica a investigar os processos da significação em instâncias estritamente linguísticas, voltadas aos sentidos linguísticos em si, a pragmática se ocupa em explicar como os usos estão relacionados com a estrutura linguística.

Para a tese, embora se reconheça a importância dos estudos em viés pragmático e da influência desta na sociolinguística, visto que os usos se relacionam diretamente sobre os aspectos sociais e, também, de práticas discursivas mais próximas das investigações da análise do discurso, prioriza-se, aqui, a investigação semântica da língua.

Ainda que haja, nos *corpora*, alguns elementos que possam ser analisados sobre o viés pragmático e/ou discursivo, considera-se, por questões metodológicas, que o estudo do léxico da fauna, ou de parte dela, para esta amostra, se enquadra mais com a investigação do significado das unidades linguísticas, bem como das relações entre elas, do que com as práticas discursivas e sua relação com o contexto.

Ao traçar uma linha do tempo, no que concerne aos estágios da Semântica, tem-se uma proposta apresentada por Geeraets (2006; 2009), que é detalhada por Santos (2015), em que se visualizam as etapas pelas quais passou a disciplina, bem como as principais teorias da linguagem e as abordagens metodológicas seguidas.

A Semântica como é conhecida hoje passou por, pelo menos, cinco importantes estágios, e foi influenciada por correntes teóricas distintas, até se consolidar como ramo da ciência respaldado e validado nos contextos linguísticos atuais. São eles a Semântica Diacrônica, Pré-Estruturalista ou Histórica, a Semântica Estruturalista, a Semântica Gerativa ou Interpretativa, a Semântica Neoestruturalista e a Semântica Cognitiva, e podem ser observados, resumidamente, no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Síntese dos estágios históricos da Semântica

Estágios históricos	Período	Marco histórico/ autores	Influências teóricas	Características	Conceitos
Semântica diacrônica ou pré-estruturalista ou histórica	1870 a 1930	1883 - Bréal publica o artigo <i>As leis intelectuais da linguagem: fragmento de semântica</i> . Paul, Darmesteter, Nyrop, Carnoy, Stern e Bréal	Linguística Histórica e do método histórico-comparativo.	Os significados lexicais e as mudanças semânticas se configuram a partir de processos psicológicos.	Concepção psicológica do significado
Semântica estruturalista	1931 a 1963	1931 – Trier: publicação do seu Trabalho de Conclusão de Curso. Trier, Perzig, Goodenough, Lounsbury, Lyons e Pottier.	Estruturalismo saussuriano	Triângulo semiótico de Ogden e Richards: Relação direta entre o símbolo e o referente, norteadas pela relação arbitrária do signo; O item lexical ocupa um lugar prioritário na estrutura linguística, bem como as relações; sintagmáticas e pragmáticas; excluem-se os fatores extralinguísticos.	Significado como: (i) uma estrutura semântica, sendo não atomístico; (ii) sincrônico, e não mais diacrônico; (iii) autônomo, não mais psicológico.
semântica Neoestruturalista	1994 e 1996	1994 – Pustejovsky: Teoria do Léxico Gerativo; 1996 – Jakendoff: Modelos de Semântica Conceptual. Pustejovsky, Jakendoff, Wierzbicka	Tendência da Semântica Gerativa Modelo da metalinguagem natural: Wierzbicka – Projeto WordNet	Paradigmas de Funções Lexicais e Paradigmas de Análise de corpus Distribucional. Modelo da Metalinguagem Semântica	Análise das relações lexicais e da abordagem composicional do significado.
Semântica Cognitiva	Fim dos anos 70 a início dos anos 80	Johnson, Talmy, Langacker, Lakoff Lakoff – Teoria da Metáfora Conceptual	Ciências Cognitivas, Inteligência Artificial, Modelagem computacional.	Oposição/ reação à teoria de Chomsky. Inconformidade com a pouca atenção dada ao significado linguístico. Questionamento à separação entre sintaxe, semântica e pragmática; Oposição à exclusão do uso linguístico.	Experiencialismo; Lakoff - Versão ampliada da Teoria do Protótipo, de Eleanor Rosk, elaborada em 1970. Investigação dos fenômenos semântico-lexicais: nova teoria, pautada na Linguística Cognitiva.

Fonte: Elaboração própria, com base em Santos (2015).

Não é o objetivo deste trabalho se aprofundar nos estudos da semântica, sobretudo porque a expectativa está em, justamente, se amparar nas teorias para explicar os dados, ou seja, compreender as escolhas dos falantes no que diz respeito ao universo da fauna.

Contudo, compreender, em olhar ampliado, como se deu a consolidação da disciplina enquanto importante ramo da linguística, em caráter científico, ajuda, e muito, na elucidação da análise, bem como no alcance das respostas possíveis para os problemas de pesquisa levantados, com vistas a confirmar, ou não, as hipóteses.

2.2.1 Perspectivas da Semântica Cognitiva

O quinto estágio da Semântica teve início no fim dos anos 70 e início dos anos 80, e merece destaque aqui por permitir uma interpretação ampliada para os estudos do léxico.

Enquanto vertente da Semântica Gerativa, nos dizeres de Santos (2015), surgiu da reação de alguns pesquisadores, que perceberam a pouca atenção dada ao significado linguístico, e da oposição destes à exclusão do uso linguístico, que também questionaram a separação entre a sintaxe, a semântica e a pragmática, sendo Johnson, Talmy, Langacker e Lakoff os mais engajados.

Tem influência tanto das ciências cognitivas como dos avanços da Inteligência Artificial e da modelagem computacional, e se debruça sobre os fenômenos semântico-lexicais a partir da Linguística Cognitiva, diferente das abordagens anteriores.

Desse ramo da Semântica, um dos nomes mais importantes é, sem dúvida, George Lakoff. Primeiro, pelo seu enfrentamento na luta entre a Semântica Gerativa e a Gramática Gerativa; segundo, por defender o Experiencialismo e por trazer uma versão ampliada da Teoria do Protótipo, de Eleanor Rosch, e por último, por desenvolver a Teoria da Metáfora Conceptual, que preconiza a metáfora e a metonímia como mecanismos conceptuais imprescindíveis à compreensão do significado.

A publicação do livro *Metaphors we live by*, em 1980, de Lakoff e Johnson, traduzido para o português em 2002, com o título *Metáforas da vida*, pode ser considerado como o marco inicial para os estudos na área da Semântica Cognitiva. Há, ainda, outros eventos tão importantes quanto, nesta mesma década, que partilharam do início das discussões e pesquisas na área:

- As publicações de *Foundations of cognitive grammar*, de Langacker, e *Women, fire and dangerous-things*, de Lakoff, ambos em 1987;

- A criação do *International Cognitive Linguistics Association*, na Alemanha, em 1989; e
- A divulgação da revista *Cognitive Linguistics Research*, também em 1989. De todo modo, ainda que não haja consenso entre os pesquisadores de qual destas seria, de fato, o marco, é inegável a mudança de perspectiva a partir dessa nova vertente da Semântica.

Apesar de não haver, inicialmente, características de teorias pré-estabelecidas, como o gerativismo ou o estruturalismo, ou qualquer organização de um programa ou conjunto de escola linguística, todos os envolvidos se uniram em torno de um ideal que se apoiava na mesma filosofia de base: o viés cognitivo para compreensão do significado. Por estas razões, esta nova disciplina pode ser nomeada como Linguística Cognitiva, Semântica Cognitiva ou Gramática Cognitiva.

Por ser uma disciplina relativamente nova e, como tal, é passível de questionamentos e desafios, Cuenca e Hilferty (1999), apontaram, já na introdução do seu livro *Introdução à Linguística Cognitiva*, em que apresentam os pressupostos e teorias para essa nova área da linguística, tais dificuldades.

Escrever um livro introdutório não é uma tarefa fácil. Há que se familiarizar com todos os aspectos do modelo que quer difundir, há que ‘traduzir’ conceitos e terminologia a uma linguagem compreensível ao não especialista, é necessário resistir, tanto quanto possível, a dar tratamento desigual a certas teorias de acordo com o interesse pessoal, e há que se acostumar com a ideia de receber todo tipo de crítica por não ter tratado de determinado assunto, inclusive tal referência, ou argumentado mais ou melhor outra ideia (Cuenca; Hilferty, 1999, p. 9). (Tradução da autora).

Um dos principais motivos que envolvem as dificuldades para essa tarefa está justamente no fato de se tratar de uma área da linguística que apresenta um objeto de estudo relativamente novo – a linguística cognitiva – que, por sua vez, é “[...] inerentemente heterogêneo, plural e interdisciplinar”, como descrevem os autores (Cuenca; Hilferty, 1999, p. 9). De fato, para se conhecer os meandros deste novo ramo da linguagem, é preciso não perder de vista, sobretudo, o caráter múltiplo que ela possui.

A semântica cognitiva incide em diferentes propostas teóricas com vistas a dar conta do que, nas palavras de Cuenca e Hilferty (1999), tradicionalmente se entende como significado “de dicionário” e os conhecimentos enciclopédicos, sendo uma visão da semântica que deve ser analisada de modo inseparável da pragmática.

Nesse sentido, os autores trazem, na referida obra, as teorias que embasaram este novo paradigma de estudos, partindo, inicialmente, da definição de experiencialismo, enquanto

postura filosófica, com vistas a explicar as nuances da linguagem, além de três teorias gerais que são consideradas as bases da linguística cognitiva: teoria do protótipo e Teoria da Metáfora, e a própria Semântica Cognitiva, já mencionadas anteriormente.

Partindo de questionamentos acerca das nomeações dos seres e coisas à nossa volta, e do porquê os indivíduos escolhem nomear distintamente um determinado animal de características semelhantes, como uma mosca e uma andorinha, por exemplo, em que, embora ambos voem (aspectos gerais) e, ainda assim, estas apresentem distinções que não permitem nomeá-los da mesma forma, Cuenca e Hilferty (1999, p. 32), trazem a noção de *categorização*, com o fito de explicar o que norteia tais escolhas, visto que este

[...] é um mecanismo de organização da informação, obtida a partir da apresentação da realidade que, em si mesma, é variada e multiforme. É o que nos permite simplificar a infinitude do real a partir dos procedimentos elementares do signo contrário, ou melhor, complementar: a generalização ou abstração e a discriminação (Tradução da autora).

Isso implica dizer que o mundo como os indivíduos, de maneira geral, o concebe só existe através da experiência pessoal e da construção do pensamento. Essa realidade de mundo é compreendida a partir de um conjunto de operações cognitivas complexas e, ao mesmo tempo, elementares – a categorização. Esta se faz por associações entre o modelo prototípico e o elemento a categorizar.

Um dos pilares da Linguística Cognitiva, a Teoria da Metáfora Conceptual ou Teoria Contemporânea da Metáfora considera tanto a metáfora como a metonímia mecanismos conceptuais em sua primazia, em vez de simples recursos linguísticos para composição de textos literários, artísticos e/ou meramente estéticos. Consiste no estudo da linguagem como parte integrante da cognição e das manifestações da organização conceitual. Basicamente, está pautada nos princípios da categorização, nos mecanismos do processamento mental e da experiência individual, social e cultural dos indivíduos.

Silva e Leite (2015), em apresentação para a *Revista Investigações*¹², descrevem a Teoria da Metáfora Conceptual, também chamada de Teoria Contemporânea da Metáfora como organizada a partir de três ideias centrais, rumo à compreensão dos estudos da linguagem, que tem como base os mecanismos de metáfora e metonímia como organizadoras do pensamento, de modo que ambas são:

¹² Edição especial da *Revista Investigações – Linguística e Estudos Literários* do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco – publicada em 2015, de cunho temático, em comemoração aos 35 anos da Teoria da Metáfora Conceptual, em que diversos autores fazem um balanço das contribuições, percalços, desafios e novos rumos a serem tomados pelos pesquisadores, desde a publicação da clássica obra de Lakoff e Johnson, *Metaphors We Live By*, em 1980. Para maiores informações, sugere-se a leitura completa da revista, disponível em: < <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/issue/view/120>>. Acesso em: jan. 2024.

- (i) primárias; fenômenos essencialmente da instância do pensamento (e não da linguagem); processos cognitivos normais e recorrentes (e não processos retóricos ou figuras de estilo). Esses processos, intrinsecamente e fundamentalmente metafóricos, resultam no pensamento, linguagem, comunicação e ação;
- (ii) consistem em mapeamentos ou projeções de domínios conceituais, ora de um “subdomínio noutra distinto” (a metáfora), ora “um subdomínio de um mesmo domínio” (a metonímia) (Silva; Leite, 2015, p. 1-2), por último,
- (iii) ambas são fundamentais para a experiência humana, principalmente a corpórea e a senso-motora.

Contudo, há que se distinguir metáfora e metonímia, tanto em perspectiva conceitual como linguística. Nas palavras de Silva e Leite (2015), a primeira consiste em esquemas abstratos do pensamento, que se manifestam de muitas formas, sendo a linguagem apenas uma delas, e esses esquemas podem ter início tanto no léxico como na gramática dos falantes. Já na perspectiva linguística, estes esquemas podem variar de uma língua para outra, e são manifestações de uma mesma metáfora e/ou metonímia conceitual.

Isso implica em dizer que tanto a metáfora como a metonímia são esquemas ou padrões conceituais mentais que se estruturam de formas distintas e complementares, em que se processam o pensamento através da categorização em um *continuum*, em duas etapas. Em primeiro lugar, se formam as *categorias de nível básico*, que se conceituam de forma direta. Não se vê nem as categorias abstratas, nem as específicas neste estágio. Em segundo lugar, ocorrem os processos metonímicos, onde se formam tanto as categorias genéricas como as particulares.

No exemplo apresentado por Oliveira (2004), vê-se que as crianças aprendem, primeiro, a categoria de nível básico, visto que é nesse nível que elas têm contato com o objeto físico direto. Tal categoria é aprendida de forma direta, porque não está nem no nível da abstração nem no nível da especificidade.

Por exemplo: categorias como *cachorro* e *mesa* são aprendidas primeiro e diretamente; ao passo que as categorias genéricas *animal* e *móveis*, pelo processo de metonímia, são aprendidas depois, seguidas das categorias particulares *boxer* e *cabeceira*. É no processo de metaforização que se estendem os esquemas imagéticos, e onde se processam, cognitivamente, as relações de hierarquias entre os conceitos, enquanto que é através da metonímia que as categorias se estendem.

Metáfora e metonímia, para Cuenca e Hilferty (1999), partindo de uma concepção cognitiva, consistem em processos conceptuais fundamentais pelos quais as entidades se relacionam. A metáfora relaciona-se a entidades de dois domínios cognitivos diferentes, enquanto que a metonímia se associa a duas entidades contíguas, de forma conceptual, e que pertencem ao mesmo domínio cognitivo. Consequentemente, a primeira facilita a compreensão de realidades que seriam difíceis de se conceber em seus próprios termos, já a segunda é um mecanismo principalmente referencial.

Tomando como exemplo o conceito de *cachorro*, apresentado por Cuenca e Hilferty (1999), este pode ser associado tanto a *animal* como *poodle*. Visto em gradação, *animal* → *cachorro* → *poodle*, *cachorro* está no nível básico, ao passo que *animal* estaria no nível superordinado e *poodle*, subordinado.

O que se pode ver é que os níveis não são equiparáveis, já que o básico é o mais importante do ponto de vista cognitivo, sendo também o mais eficiente dos três. Entre os motivos apresentados pelos autores para justificar essa importância estão:

- os elementos desse nível são os que mais rapidamente se identificam, por estarem associados a uma imagem mental simples e global;
- quanto à comunicação, correspondem às palavras mais curtas, de uso mais frequente, além de ser onde as crianças utilizam e compreendem as primeiras palavras;
- do ponto de vista da organização do conhecimento, é o nível mais informativo, pois carrega uma quantidade elevada de informação, apesar do esforço cognitivo correspondente ser mínimo, devido à maioria dos atributos da categoria serem, aqui, memorizados.

Assim, considerando que o significado linguístico surge de esquemas sensório-motores e não é, portanto, arbitrário, são as ações dos indivíduos no mundo que os permitem aprender, através dos esquemas de movimentos (imagéticos e espaciais), e estes esquemas são o que darão significado às expressões linguísticas, o que leva à compreensão de que o significado não é um fenômeno linguístico, mas, antes, consiste em uma questão de cognição.

Nesse sentido, tanto a teoria dos protótipos como a teoria da metáfora são imprescindíveis e se complementam na compreensão da estrutura e organização do significado.

2.2.2 Análise Semântico-Lexical e as relações com a Motivação Semântica

Como visto até aqui, a semântica cognitiva é disciplina imprescindível na direção dos estudos do significado. De maneira geral traz, na sua essência, a investigação linguística da significação da palavra, e, em específico, se debruça sobre o estudo da significação dos itens lexicais ou lexemas.

Desse modo, esta disciplina está intrinsecamente relacionada à Lexicologia, que, por seu turno, se ocupa do estudo linguístico dos itens lexicais, quer sejam eles simples ou complexos, na medida em que estes podem ser em perspectiva morfológica – os itens derivados ou compostos, e/ou em perspectiva sintática – os fraseologismos.

Este ramo da linguagem inclui no rol de suas investigações a semântica lexical, a estrutura morfológica dos itens lexicais enquanto processo de formação de palavras, exceto as flexões morfológicas, e as expressões idiomáticas ou fraseologia.

Nesse contexto, a Semântica Cognitiva emerge como componente do panorama interdisciplinar dos estudos linguísticos, despertando interesse tanto na Ciência Cognitiva quanto na Linguística Cognitiva. Ao se definir e caracterizar como inerentemente cognitiva, esta abordagem se estabelece como paradigma.

Adicionalmente, ela se alinha com a rejeição da tese da autonomia da linguagem, contrariando as perspectivas estruturalista e gerativa, conforme discutido anteriormente. Em vez disso, reconhece-se que o estudo da linguagem se direciona como um meio de conhecimento e de conexão com a experiência humana no mundo.

Nos dizeres de Silva (1999), tanto a Linguística Cognitiva como a Semântica Cognitiva incluem a abordagem cognitiva em Semântica Lexical, e têm como primazia a função semântica, de modo que fundamentais para a investigação do léxico. Enquanto função metodológica do léxico para a Linguística Cognitiva, parte, inicialmente, de modelos de descrição semântica para os estudos da significação lexical, seguido da descrição das construções gramaticais.

Considerando que Semântica Cognitiva, em consonância com a Linguística Cognitiva, interessa à investigação de temas diversos, destacam-se, sobretudo, os que podem embasar as análises semântico lexicais, a saber: as características estruturais da categorização linguística, o que inclui a prototipização, a polissemia, os modelos cognitivos, a metáfora e as imagens mentais; os princípios básicos e funcionais da organização linguística, como iconicidade e naturalidade.

Nesse sentido, no que se refere à investigação do léxico na perspectiva da Semântica Lexical, a abordagem cognitiva é vista de duas formas: (i) pela teoria do protótipo, fundamental no processo, em que se tem a observação da estrutura das categorias lexicais (ii) e pelo estudo do papel epistemológico dos modelos cognitivos baseados na experiência humana e na cultura, motivado pelo interesse renovado pela metáfora generalizada, como propõem Lakoff e Johnson a partir de 1980, como já visto anteriormente.

Na direção dos estudos do léxico estão, também, os pressupostos da análise motivacional, pois, contrariando a hipótese da arbitrariedade do signo, como determinaram os estudos que embasaram o estruturalismo de Saussure, há autores, a exemplo de Doiron (2016), em seu artigo sobre as designações para moinho de vento no *Atlas Lingüístico do Estado do Alagoas* (ALEAL), que acreditam que as criações lexicais foram motivadas em sua origem, de modo que todo e qualquer signo sempre será motivado, nunca arbitrário.

Para a autora, os falantes irão reproduzir, no léxico, suas reações, deslumbramentos, inquietações, certezas, desconfianças, perplexidades e, no caso da “manifestação específica do vento”, as denominações apresentadas pelos sujeitos, tais como *redemoinho*, *redemunho*, *ventania*, *vendaval*, *vento forte*, *furacão*, *tornado* e *ciclone* refletem todas essas impressões.

Essas designações, longe de indicarem pura e simplesmente o fenômeno atmosférico, indicam que essas criações lexicais foram motivadas em sua origem, ou seja, no momento de nomear as coisas do mundo, aqui chamadas de referentes, os indivíduos buscam em torno de si, de seu contexto sociocultural, determinados elementos (muitas vezes extralingüísticos), e os dotam de significação. Para tanto, levam em consideração certos motivos [...] (Doiron, 2016, p. 90).

Os estudos de Doiron (2016) estão embasados por pesquisas anteriores desenvolvidas principalmente por Alinei, Guiraud e Dalbera, que consideram ser a motivação do signo fundamental para a compreensão e estudo do significado. Nesse sentido, a teoria da motivação semântica do signo norteia-se pelo princípio de que os elementos motivacionais desempenham função de ícones, que nada mais são do que imagens que justificam o processo de criação lexical.

Para Dalbera (2006 *apud* Doiron, 2016), os ícones que irão motivar as nomeações são chamados de *motfis*, e, para Alinei (1984), é a *iconimia* que explica tais motivações. Considerando-se que todo signo linguístico é motivado na origem, pode-se classificar a motivação em três categorias, conforme determinou Contini (1997): *onomatopeica*, *fonossimbólica* e *iconímica*.

Importante destacar que, embora Alinei (1984) não faça distinção ou especificação entre tais categorias, parte do princípio da motivação do signo a partir da conceptualização

motivada por ícones. Para ele, independentemente dos fundamentos subjacentes à motivação semântica, todos contribuem para a *iconimia* dos elementos.

Dito isso, entende-se que a criação do léxico, explicada a partir das categorias, organizam-se da seguinte forma:

- *Onomatopeica*: esta seria a mais primária, e condiz com a associação do som a certos referentes, como o som emitido ou produzido por certos animais, principalmente, que são utilizados para nomeá-los. Como exemplos, tem-se o *cuco*, nomeado pelo grito que a ave produz, sem qualquer outro valor semântico além do onomatopeico. Há também, exemplos de formas lexicalizadas a partir do mesmo processo, como *bem-te-vi*, *quero-quero*, e, no caso da galinha d'angola, *tô-fraca*, *saqué*, *cocar* e *quem-quém*, uma das nominações investigadas neste trabalho;
- *Fonossimbólica*: mais complexa pois recupera a função semântica dos fonemas, de modo a utilizar elementos fonéticos para denominar signos, e não apenas para fazer distinção entre os morfemas, como propõe a concepção saussuriana. São exemplos as formas *pipi*, *baba*, *papá*, *cri-cri*, etc;
- *Iconímica*: parte da remissão de imagens visuais e/ou fônicas, e essas, por sua vez, ao referente. Esta parece ser a mais produtiva na denominação de animais, motivadas pela morfologia, cor, *habitat*, comportamento, locomoção, relação com os humanos e com outros animais. Alguns exemplos são *bicho-pau*, *pássaro-preto*, *bicho-preguiça*. *A sanguessuga* (relacionada ao comportamento de sucção do sangue da vítima do anelídeo) e a ave *nambu* (associada à galinha sura, com relação à ausência de cauda), são denominações investigadas nesta tese.

Tais motivações semânticas evidenciam transparência nas designações lexicais, visto que é possível identificar um *motivo* para determinadas nomeações. Há que se reconhecer, no entanto, que nem sempre é possível encontrar tal motivo, por conta da evolução natural das criações, reflexo das influências socioculturais do passado e do presente, e das forças internas e externas que vão operar nas mudanças, e essas, no decorrer do processo, podem recobrir a motivação inicial.

Com isso, as designações passam a ser arbitrárias, uma vez que os signos passam a ser opacos com relação aos motivos. A esse respeito, Doiron (2016, p. 99) reitera:

O processo de motivação *iconímica*, que pode se seguir de *arbitrariedade* após *opacidade* dos motivos que originaram as designações, não implica imutabilidade linguística. A mobilidade natural da língua permite que a criação lexical passe, mais de uma vez, pelo processo de re-motivação, num fluxo contínuo e ininterrupto.

A categorização da motivação semântica permite a análise do léxico da fauna, ou de parte dela, aqui, em estudo, sobretudo nas questões que investigam designações para *galinha d'angola*, *galinha sem rabo* e *sanguessuga*, pois a transparência se faz evidente nas respostas.

Para as aves, como já dito, tem-se a motivação onomatopeica e iconímica; quanto à *sanguessuga*, a motivação iconímica é incontestável, como se verá mais adiante, e de forma mais detalhada para ambas na análise dos dados. Contudo, ainda que nem sempre seja possível perceber a transparência da motivação, ainda assim o caminho seguido será o da semântica cognitiva, por acreditar que, na origem, todo signo sempre será motivado, como definiu Alinei (1984).

Como se viu até aqui, os nortes percorridos pela semântica são muitos e permitem escolhas diversas para as análises lexicais, do que dependerá o lugar a que se quer chegar. Por esta razão foi preciso, para traçar os passos desta tese, priorizar as bases que permitissem compreender quais foram as principais motivações semânticas que nortearam as escolhas dos falantes, ainda que tais escolhas nem sempre sejam percebidas de forma transparente.

2.3 OS PILARES DO LÉXICO

A linguagem, através da sua manifestação oral e escrita, representa a única fonte de acesso à língua enquanto realidade imaterial dos indivíduos, sendo através dela (a linguagem) que se acessa a língua. De acordo com Biderman (2001, p. 3), torna-se imprescindível o conhecimento sobre a estrutura e realidade da língua, embora reconheça não ser tarefa fácil, por ser esse conhecimento precário, insólito e inconsistente, sobretudo por ser a língua “[...] uma realidade mental que, nos seus limites, se confunde com o próprio pensamento.”

Caberia ao linguista, então, evitar a arbitrariedade das deduções, devendo lançar um olhar para além da fala, que seria, para a autora, apenas uma “amostra” da fala e esta, por sua vez, representaria a “população”, para que possa chegar aos fatos concretos da língua, nas palavras de Biderman (2001).

Porém, dadas as teorias e métodos para a análise da linguagem serem vastos e numerosos, estudá-la parece ser um desafio deveras complexo. Se pensarmos, por exemplo, que um idioma é um universo infinito de dados, sendo impossível de quantificar, e que as realizações discursivas também infinitas, veremos que, sob a ótica da quantificação, o sistema linguístico se mostra significativo para o tratamento quantitativo.

Ocorre que os símbolos linguísticos, como expõe Biderman (2001), são estáveis, a despeito das letras, fonemas, palavras e categorias gramaticais, tendo recorrência regular, e

são passíveis de serem previstos. Há níveis mais independentes no plano do conteúdo, como a fonologia e a grafemática, de frequências estáveis. Além disso, o signo tem como característica tanto a frequência como traços distintivos que o opõem aos demais elementos do sistema, segundo a autora. Desse modo, seria, assim, possível investigar a língua, quantificá-la, analisá-la, a partir dos aspectos de estabilidade e/ou regularidade.

Há, contudo, que se considerar que o falante tem uma certa liberdade, ou liberdade limitada, principalmente por ser a língua um fenômeno social, sendo a fala, condicionada, e a escrita, estruturada, inerente ao mecanismo complexo de automação e imposta ao indivíduo no exercício da linguagem, como discorre Biderman (2001). Se, de um lado, a língua, por ser uma instituição herdada, não permite que o sujeito crie, do nada, um novo sistema convencional de comunicação, de outro, por ser uma manifestação do próprio pensamento, dá ao falante a ilusão de liberdade.

Além disso, ao reconhecermos que as pessoas se distinguem pela expressão oral e escrita, em que são inerentes aspectos do comportamento humano, como idiosincrasias, aspectos relativos à classe social, ao meio ambiente e a outros fatores que influenciam a vida em sociedade e diferenciam os sujeitos, há, nesse sentido, uma espécie de paradoxo da fala e da escrita, visto que há limitações que são impostas aos falantes, e, ao mesmo tempo, se constata uma liberdade relativa destes em se servirem dos elementos que constituem a língua.

São os elementos linguísticos, nos planos fonológico, morfológico, lexical e sintático, ao se combinarem entre si, que permitem a composição do discurso, em possibilidades combinatórias diversas entre os fonemas, morfemas, lexemas e sintagmas e frases. Tanto os fonemas como os morfemas seriam facilmente circunscritos, delimitados, sendo passíveis de delimitação, compondo o que considerou ser um sistema fechado da linguagem. Os lexemas, por seu turno, compõem o sistema aberto, sendo o léxico capaz de gerar combinações sintagmáticas complexas e infinitas.

Segundo Biderman (2001, p. 11),

[...] inventariar os lexemas de uma língua, num dado momento de sua história, será empresa quase irrealizável porque nos defrontamos aqui com um **sistema aberto**. Crescendo o número de unidades, as possibilidades de combinação entre elas multiplicar-se-ão em proporção geométrica. (Grifos da autora).

Como se pode ver, tem-se um modelo e técnicas para análise da composição, estrutura e combinatória do léxico de uma língua se mostra como um desafio à Teoria Linguística, como bem demonstrou Biderman (2001, p. 12), ao considerar ser o léxico o cerne do problema, sobretudo porque este se relaciona com o conhecimento do universo.

Porém, nele estaria também a solução, pois que este, reitera-se, é um sistema aberto, “[...] com permanente possibilidade de ampliação, à medida que avança o conhecimento, quer se considere o ângulo individual do falante da língua, quer se considere o ângulo coletivo da comunidade linguística”.

No que se refere à linguística, ao se debruçar sobre o estudo científico da linguagem humana, esta exige do pesquisador um olhar imparcial sobre a atividade dos sujeitos. É, sobretudo, através do léxico que o linguista, em perspectiva científica, investigará as formas de articulação deste com outros níveis da linguagem, tais como a semântica, morfologia, onomástica, filosofia, discurso, e as próprias ciências do léxico, entre outras.

A linguagem, por sua vez, é o resultado da vida em sociedade, passível de mudança, assim como as instituições humanas também o são. É, pois, importante instrumento de comunicação, ao passo que a língua, enquanto materialização da própria linguagem, varia conforme os hábitos, tendências, pressões e momentos inerentes aos falantes.

Considerando que a língua é uma ferramenta, há que se distinguir a sua função essencial, quer seja para a comunicação entre os falantes de um grupo, quer para atuar na compreensão mútua entre as pessoas, no suporte ao pensamento, além de permitir que o sujeito se exprima através das palavras.

O objetivo desta subseção é apresentar as perspectivas científicas de estudos lexicológicos, com vistas a corroborar com a análise dos dados. É preciso deixar claro, todavia, que não se pretende fazer um aprofundamento acerca de cada uma das subáreas das ciências do léxico em sua totalidade.

Para a tese, são investigadas as unidades lexicais do campo semântico da fauna (ou de parte dela), se fazendo necessário, para tal, conhecer mais especificamente sobre a lexicologia, para entender o léxico a partir da teoria, e também a lexicografia e a metalexigrafia, que dão suporte teórico, mas também prático à organização da pesquisa nas obras lexicográficas.

Ainda assim, são trazidas noções sobre as outras áreas, como a terminologia, a terminografia e a fraseologia, mas apenas para dar uma visão geral do que englobam os estudos do léxico. Essas são, dessa forma, apresentadas a seguir.

A presença da ciência lexicológica na história humana manifestou-se por meio de dicionários, glossários e nomenclaturas organizadas. Na contemporaneidade, dada a convivência próxima entre grupos sociais e políticos diversos, é essencial compreender a linguagem em suas múltiplas manifestações. Esse conhecimento possibilita facilitar a comunicação entre os falantes, promovendo a compreensão por meio da adequação dos usos

linguísticos, resultando na partilha de experiências variadas, sejam elas favoráveis ou desfavoráveis.

O léxico, que engloba o vocabulário e a lista de palavras de uma língua, refere-se estritamente ao conjunto de entradas lexicais dessa língua. Sujeito a regras, destaca-se por sua alta criatividade e dinamismo. Esse universo lexical abrange uma amplitude indefinida, resultante da experiência acumulada e do acervo cultural da sociedade ao longo do tempo. Perpetuado e continuamente reelaborado pelos membros da sociedade, o léxico atua como sujeitos-agentes nesse processo.

De acordo com Pottier (1924 [1978]), a *lexia* é o termo geral utilizado para se referir a qualquer *unidade lexemática*, que pode ser uma palavra individual, conhecida como também como *lexia simples*. As *lexias simples*, por sua vez, podem se combinar com outras, para formar novas unidades lexemáticas, classificadas pelo autor em quatro tipos:

- (i) *simples*, quando se configura em uma única palavra, ou apenas na “palavra tradicional”;
- (ii) *composta*, quando há várias palavras associadas, resultado de uma integração semântica;
- (iii) *complexa*, sendo uma sequência fixa em processo de lexicalização, em diferentes níveis; e
- (iv) *textual*, ao abranger um enunciado ou texto, como expressões proverbiais.

Sendo objeto de investigação científica da linguística, cabe às chamadas ciências do léxico, especificamente a lexicologia, a lexicografia e a terminologia – seus principais ramos de estudos – o seu esmiuçar, cada uma com suas nuances, embora estes não sejam os únicos.

Interessam-se pelo léxico os ramos da morfologia, semântica lexical, etimologia, dialetologia, sociolinguística, apenas para citar algumas áreas do conhecimento, visto que é no léxico que se tem a constituição de neologismos, arcaísmos, empréstimos linguísticos, manutenção de formas, muitas vezes que se mantêm intactas, apesar da ação do tempo, mas também a comprovação das mudanças e variações pelas quais a língua, por seu dinamismo e caráter heterogêneo, está suscetível a todo momento.

Por conta da sua natureza interdisciplinar, sabe-se que esse faz conexões com outros sistemas de linguagem, e está sempre em diálogo franco com a fonologia, no que diz respeito às unidades léxicas e às construções fonológicas; e a morfologia e as conexões morfológicas; a sintaxe, e as muitas, infinitas possibilidades de construções sintáticas; a semântica e as

investigações diversas sobre o estudo do significado, e também com o discurso e a pragmática, desde a elaboração até os usos discursivos.

São as ciências do léxico as áreas que estudam o léxico sistemática e cientificamente. Estas ciências se subdividem, principalmente, além da lexicologia e lexicografia, como já dito, em fraseologia. Todas irão se debruçar sobre o léxico enquanto um conjunto de palavras de uma língua, ou conjunto de lexias, que são unidades de características complexas de organização enunciativa interdependente.

Sobre o léxico, em específico, Henriques (2018) faz a distinção apenas entre dois tipos: o *léxico comum*, que consiste em determinado estado de língua, em que as palavras são partilhadas por todos os usuários de uma língua, e a interseção dos usos individuais cotidianos; e o *léxico total*, que diz respeito a todas as palavras empregadas pelos usuários de uma dada língua, independentemente de serem compartilhadas ou não.

No campo teórico, cabe à *lexicologia*, enquanto disciplina responsável pelo estudo científico e sistemático do léxico, a sua organização, em seus variados níveis de significação e usos, em uma ou mais línguas. Sendo a lexicologia a ciência responsável pelos aspectos teóricos que fundamentam cientificamente o estudo do léxico, ao analisar a palavra, sua estrutura e categoria gramatical – seus objetos de estudo.

Esta área do saber, evidentemente, está intimamente ligada à semântica, uma vez que não há como desconsiderar as unidades lexicais e todo o seu conjunto aos meandros da significação. Além disso, se aproxima, e muito, da Dialectologia, sociolinguística e Etnolinguística, consideradas áreas interdisciplinares que abarcam estudos relacionados à língua e à cultura, como as análises aqui trazidas, a respeito da área semântica da fauna nos *corpora*.

A fraseologia, como subcampo da Lexicologia, dedica-se à investigação das combinações estáveis de unidades léxicas. Essas unidades são constituídas, no mínimo, por duas palavras e, no máximo, por uma sentença completa, formando assim o sistema fraseológico. Essa disciplina abrange o estudo e o uso de frases idiomáticas, expressões e padrões linguísticos específicos em uma língua.

Envolve a análise minuciosa de como palavras e grupos de palavras são habilmente combinados em expressões fixas ou estruturas recorrentes, muitas vezes transcendendo a compreensão obtida pela análise isolada das palavras. A fraseologia é uma parte crucial da linguística, explorando a inter-relação entre unidades léxicas em escalas mais amplas. Esse estudo contribui significativamente para a compreensão e aprofundamento da língua em seu contexto cultural e social.

Em direcionamento prático, é na *lexicografia*, parte da lexicologia, que se concentra a descrição do léxico de uma ou mais línguas. Tem como objetivo precípua a produção de obras de referência, o que inclui, em primeira instância, os dicionários, e em segunda, as bases de dados lexicológicos. Há, contudo, uma perspectiva teórica na lexicografia, que diz respeito ao estudo dos dicionários, o que abarca questões relativas à história, problemas, elaboração, análise e uso, conhecida como *metalexigrafia*.

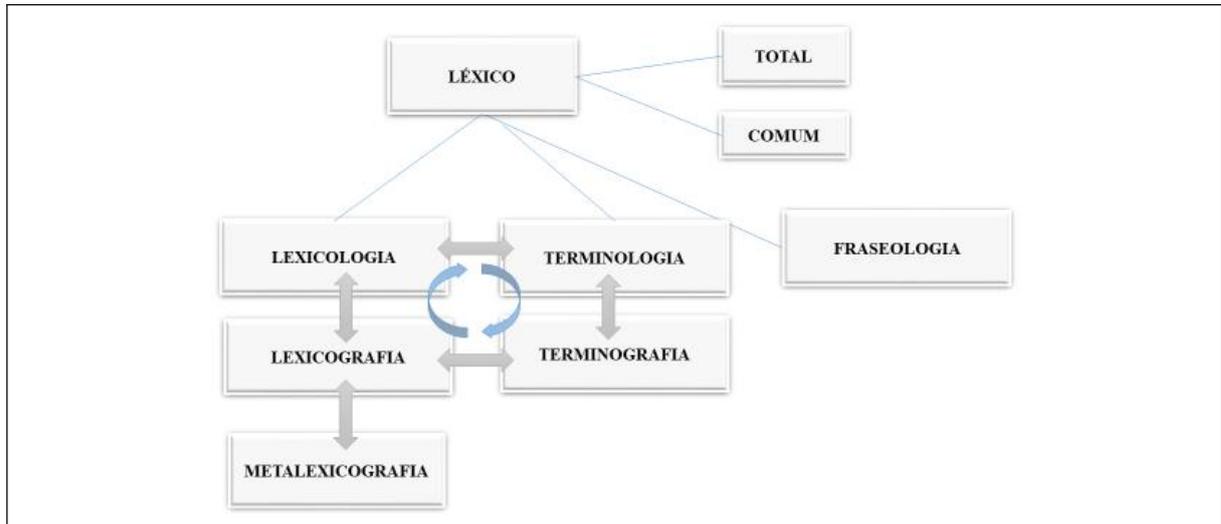
De acordo com Henriques (2018), os dicionários fornecem uma imagem do léxico, e a parte dos estudos que dizem respeito à análise mais crítica dos dicionários é chamada de *lexicografia teórica* (ou *metalexigrafia*). Esta denominação é utilizada para que seja possível fazer a distinção de uma dimensão teórica dos estudos lexicográficos, com foco nos pormenores relativos à elaboração de dicionários, com vistas a analisar criticamente as obras, a partir da observação de características específicas, tanto no que concerne à organização, diversidade e até ideologias.

Já a *terminologia*, outra área da Lexicologia, admite duas acepções: a primeira consiste num conjunto de vocábulos de uma ciência, técnica arte ou atividade profissional, e a segunda, comporta, além da primeira, um conjunto de postulados que dão suporte à análise de fenômenos linguísticos da comunicação especializada, mais voltada aos estudos teóricos. A *terminografia*, por seu turno, é uma área mais voltada à prática da terminologia, e se envolve com o registro, tratamento e apresentação de dados terminológicos obtidos em pesquisa terminológica.

Percebe-se que esta se aproxima da lexicografia, visto que ambas apresentam informações sobre o léxico, com vistas à descrição, mas a segunda está vinculada a uma área específica do conhecimento, quer seja um delimitado recorte. Está relacionado a um conjunto textual de referência reconhecido pelo consulente, e também é elaborado para um determinado grupo de usuários, de quem se pressupõe conhecimento prévio.

A Figura 4 a seguir ilustra bem a inter-relação entre os campos dos saberes lexicais.

Figura 4 – Representação do “quarteto mágico” e saberes lexicais



Fonte: Elaboração própria com base em Henriques (2018).

Ao olhar para o centro do desenho, vê-se o chamado “quarteto mágico”, formado principalmente pelos saberes da lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia, como definiu Beviláqua e Finatto (2006), citado por Henriques (2018, p. 26), que ilustra bem a complementaridade dos estudos do léxico, pois que, além de terem um caráter interdisciplinar, estão interconectados.

2.3.1 Lexicografia: breve apresentação dos dicionários de usos clássicos e contemporâneos brasileiros

A palavra, sob uma perspectiva semântica, é o objeto principal da lexicologia e da lexicografia. Esses saberes lexicais são bastante antigos, sendo inclusive de maior tradição que a própria linguística, pois privilegiam o enfoque semântico da palavra. Há, inclusive, registro de estudos lexicográficos desde a Idade Média, principalmente no que se refere ao estudo da evolução etimológica das palavras.

No final do século XIX e começo do século XX, surgem consideráveis trabalhos de lexicologia etimológica, que, ao terem as línguas românicas como objeto, oferecem resultados substanciais de abordagens semânticas da língua.

Não é objetivo, aqui, apresentar os vários critérios de classificação de diversos teóricos nem tecer críticas e comparações, visto que a investigação que norteia a tese está em analisar o léxico da fauna nos atlas linguísticos selecionados, e, nesse sentido, alguns breves comentários sobre os dicionários são trazidos.

A lexicografia é a ciência dos dicionários. Este, por sua vez, descreve o vocabulário de determinada língua, através do registro e definição dos signos lexicais, referentes aos conceitos elaborados e cristalizados na cultura. Consiste em objeto cultural importante para as sociedades, por ser uma das mais relevantes instituições da civilização moderna, principalmente pelas suas funções normativas e nominativas.

Para compreender a constituição de um dicionário, é preciso saber que esse comporta basicamente as *entradas lexicais* ou *lemas*, que se dirigem tanto a um termo da língua como a um referente do universo extralinguístico.

Um outro conceito relativo ao dicionário, de acordo com Biderman (2001, p. 140), é o de *lexema* ou, mais comumente, palavra, que por sua vez é uma “[...] entidade abstrata que constitui um elemento permanente do sistema linguístico”. A *microestrutura* da obra é constituída de verbetes. Um *verbeta* consiste em conjunto de itens com informações sobre uma palavra, e uma *entrada*, na inclusão da palavra em um verbete, e estes, em conjunto, formam uma *nominata*, *nomenclatura* ou *macroestrutura*.

Sobre a estrutura, as obras lexicográficas se organizam de duas formas:

- (i) do modelo “palavra por palavra”, para informar os significados, sendo considerados dicionários *alfabéticos*. Trata-se de um processo *semasiológico*, visto que vão do conceito para o termo, e incluem as obras gerais;
- (ii) do modelo “ideia por ideia”, como nos dicionários *analógicos*. Aqui, tem-se um processo *onomasiológico*, pois partem do termo para o conceito, e abarcam algumas das obras temáticas e/ ou específicas.

Quanto aos tipos, um dicionário tanto pode ser *geral*, em que se tem um compilado de palavras de uma língua, sem que haja qualquer distinção quanto a determinado campo semântico, como pode ser *temático e/ou específico*, que incide em um conjunto de palavras que diz respeito a um assunto em particular.

Biderman (2001) considera, ainda, que os dicionários, enquanto monolíngues, podem ser: de língua; analógicos ou ideológicos; temáticos ou especializados (e aqui se incluem os de sinônimos e antônimos); etimológicos; históricos e terminológicos.

O que determina a distinção entre os tipos de dicionário de língua, em específico, segundo Biderman (2001), é a quantidade de palavras-entrada, levando em conta que uma obra padrão contém uma nomenclatura (ou macroestrutura) composta por 50.000 palavras, podendo chegar até 70.000. Os dicionários reduzidos contam, num exemplar escolar, por exemplo, cerca de 25.000 palavras, e um infantil, para crianças entre sete a dez anos, até

10.000 palavras-entrada, enquanto uma obra para crianças menores, de até sete anos, tem 5.000 palavras.

No Quadro 2 a seguir tem-se uma apresentação dessa classificação dos trabalhos lexicográficos seguindo como critério a extensão da sua nomenclatura ou macroestrutura, como propôs Biderman (2001), com alguns exemplos de obras da língua portuguesa, apenas para ilustrar.

Quadro 2 – Classificação dos dicionários quanto ao critério de extensão de nomenclatura

Dicionário	Nomenclatura	Exemplos na língua portuguesa
Dicionário geral ou tesouro	Tentativa de abranger todo o léxico da língua	<i>Grande dicionário da língua portuguesa</i> (Morais Silva, 1949) - 306.949 palavras-entrada. <i>Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa</i> (Ferreira, 2009) - 435 mil verbetes.
Dicionário padrão	Composto por até 50.000 palavras-entrada	<i>Pequeno Dicionário padrão da língua portuguesa</i> (Houaiss, 2015) - 33 mil verbetes
Dicionário escolar	Entre 15.000 a 25.000 vocábulos	<i>Dic Michaelis</i> (Michaelis, 2002) - 23 mil verbetes.
Infantil	Entre 4.000 a 5.000 palavras	<i>Dicionário Aurelino Infantil</i> (Ferreira, 2009) - 4.700 palavras-entrada.

Fonte: Elaboração própria com base em Biderman (2001) e Silva (2007).

Ao conceber um dicionário como um produto cultural, mas também comercial, visto que este existe para ser consumido pelo grande público, a lexicografia contemporânea, ainda que deva registrar a norma linguística e lexical vigente, e que seja um patrimônio documental da práxis linguística social, diferente da época clássica, em que os autores se pautavam principalmente, ou até mesmo quase que exclusivamente, em modelos literários, precisa ser pensado sob outros vieses.

Nesse sentido, os trabalhos atuais devem dispor de uma considerável base lexical, formada por um vasto *corpus* de dados linguísticos, de discursos que sejam efetivamente realizados, tanto na modalidade oral como na escrita, para que, a partir daí, seja possível retirar a nomenclatura que se deseja, tomando como base critérios léxico-estatísticos, como afirma Biderman (2001, p. 134-135). Este deve conter “[...] ocorrências de todas as modalidades de discurso e/ou texto para garantir a representatividade do acervo lexical da língua, bem como de seu uso.”.

Há que se reconhecer, segundo a autora, que as obras mais atuais precisam resolver o problema dos *regionalismos lexicais*, entendendo-se, inclusive, que o próprio termo regionalismo é, por si só, problemático, sobretudo para os pesquisadores que precisam

investigar o léxico sob o viés da variação linguística, e sabem que trabalhar com obras já é controverso.

O que se tem visto nos dicionários de uso geral é uma conceituação, no mínimo, inadequada, para não dizer incompleta e/ou preconceituosa das variantes linguísticas, tanto em viés diatópico como diastrático. Muitas vezes, o que os autores de dicionários consideram como regionalismo, segue um modelo arcaizante ou pautado no padrão normativo que remete ao português europeu, por exemplo. Assim, faz-se necessário revisar o conceito de *regionalismo* e ter como norte uma definição mais condizente com a realidade sociolinguística brasileira.

Um outro problema pontuado pela autora, que também exige dos lexicógrafos contemporâneos atenção, diz respeito aos *arcaísmos* ou palavras que se tornaram obsoletas ou caíram em desuso ou estão ultrapassadas.

Para Biderman (2001, p. 136), trata-se do descarte, por parte dos falantes, de um “[...] referente ou de uma dada realidade qualquer na vida da comunidade [que] pode levar a palavra que os denomina ao envelhecimento e à morte, perdurando apenas a forma fóssil nos documentos da língua.”. Porém, o obsoletismo de uma dada palavra não significa necessariamente que esta não possa ser utilizada, ainda que esporadicamente, seja em textos históricos, seja em textos com fins literários.

Biderman (2001) também sinaliza para os usos de arcaísmos que podem ser identificados como regionalismos brasileiros, visto que pesquisas têm evidenciado a manutenção de palavras fósseis do período medieval da língua, ou de outras épocas, como a prótese do *a* nos vocábulos *alembrar*, *arresolver*, *arruído*, entre outros.

Tais questões, no entanto, relativas tanto aos regionalismos como aos arcaísmos, são trazidas apenas para contextualizar os estudos lexicográficos, não sendo objetivo discussões mais aprofundadas. Carecem, assim, de olhar acurado do especialista, que deve levar em conta o conhecimento tanto das normas de prestígio como das variantes não padrão, para inseri-los na nomenclatura de forma mais condizente com o tamanho da obra e com o público alvo.

2.3.2 Breves comentários sobre os dicionários e enciclopédias selecionados para a tese

Sabendo que, para realizar a análise léxico-semântica, foi preciso levantar as lexias encontradas nos *corpora* em obras lexicográficas, e, à medida que a diversidade de

ocorrências e do repertório – não apenas linguístico, mas extralinguístico – foi se descamando, mais trabalhos lexicográficos e/ou enciclopédicos foram compondo o estudo.

Mas, como e por que certas obras foram selecionadas, em detrimento de outras? De que forma contribuíram para a análise? Quais critérios foram utilizados para atingir aos objetivos da investigação concernente ao léxico da fauna, e que desse conta de iluminar as possíveis escolhas dos indivíduos? Quais delas ajudariam a compreender ou, ao menos, dar pistas da etimologia de algumas dessas escolhas, o mais quanto fosse possível?

Para responder a tais questionamentos, é importante saber o que se busca em análises dessa natureza: se o que se quer é compreender os processos de variação linguística os quais determinada comunidade vivenciou, e de que forma tais processos podem ser percebidos a partir do léxico, é preciso ir a fundo na investigação dos itens lexicais encontrados. Isso implica em, após o levantamento das ocorrências, esmiuçar seus significados e etimologia. Muitas vezes, a origem de muitos desses itens está consoante com a sócio-história das localidades, sobretudo pensando no contexto de formação do português do Brasil, como já visto.

Porém, em se tratando de pesquisa dialetal, nem sempre o repertório lexical dos sujeitos é facilmente encontrado em obras lexicográficas mais modernas, de referência, ou de ampla utilização, seja por não se acharem dicionarizados, seja por apresentar sentidos diferentes, generalizados e/ou descontextualizados. Assim, deve o pesquisador investigar o mais que puder, em busca de respostas que atendam às demandas da sua pesquisa, o que pode levar a uma gama de possibilidades quanto à investigação lexicográfica.

Por se tratar de uma investigação de área temática, a fauna (e/ou parte dela), em específico, mas que incluiu aspectos plurais, que vão desde animais silvestres, como o *gambá*; passando pela avicultura, com a *galinha d'angola* e a *galinha sem rabo*; a pecuária, como a *cria da ovelha* e a *cabra sem chifres*, até a zoologia dos invertebrados, como a *sanguessuga*, fez-se necessário, para além do levantamento de dicionários de uso geral, pensar também em documentos que trouxessem não apenas a significação dos vocábulos, mas também o viés etimológico e sociocultural.

E não só isso: foi preciso enveredar pelos caminhos atravessados por esses animais, de modo que, além das obras lexicográficas, se buscassem também enciclopédias e material especializado e/ ou temático sobre tupinismos e africanismos.

Dito isso, no que concerne às obras de cunho lexicográfico, chegou-se a dicionários linguísticos, enciclopédicos e mistos, além de documentos específicos, totalizando vinte trabalhos, que foram agrupados conforme os oito critérios práticos de classificação propostos

por Haensch (1982), a partir das discussões de Silva (2002; 2007), que vão um pouco mais além do olhar geral, proposto por Biderman (2001), já mencionado, a partir da extensão da macroestrutura ou nomenclatura.

Entende-se, também, que, categorizar uma obra apenas pela sua extensão pode ser insuficiente e/ ou inadequado para uma compreensão mais ampliada com relação aos propósitos mais específicos, visto que apenas a quantidade de palavras-entrada não dá conta dos pormenores de uma obra especializada em africanismos e tupinismos, ou até mesmo sobre especificidades da fauna, como as escolhidas para a análise, por exemplo.

Assim, faz-se uma breve apresentação desses critérios para distinção das obras, na direção de um entendimento sobre os tipos de obras lexicográficas escolhidas.

Para entender melhor o enquadramento de cada dicionário e/ou enciclopédia, veja-se, no esquema a seguir, a distribuição de cada uma, apresentada já com os referidos autores, por ano da(s) primeira(s) edição(ões) e da última publicação, quando for o caso.

Por exemplo: entre chaves, a edição mais antiga, seguida da versão consultada para o estudo, como em Nascentes ([1957] 2011).

Figura 5 – Esquema tipológico¹³ dos dicionários e enciclopédias utilizados na tese com distribuição de autores

Dicionários mistos – Linguísticos e/ou Enciclopédicos			
DICIONÁRIOS LINGÜÍSTICOS E ENCICLOPÉDIAS			
Dicionários semasiológicos			
Dicionários Gerais			Dicionário Funcional:
Dicionários Monolíngues		Bilíngues: • Tupinismos Boudin (1966) Boudin (1978) Carvalho (1987)	• De Sinónimos Nascentes ([1957] 2011)
<i>Thesaurus</i> ou geral			Dicionários Especializados: • Tupinismos Cunha ([1976] 1998) • Africanismos Lopes ([1996] 2003) Castro (2022) Ilustrado tupi-guarani (s.i.)
Dicionários de usos - • Clássicos: Bluteau (1712-1728) Moraes Silva (1789; 1813; 1949); Silva Pinto (1832) Figueiredo ([1889] 1913)	Dicionários de usos - • Contemporâneos: Aulete (1970) Houaiss (2001) Ferreira (2004)	Enciclopédias: Lopes ([2004] 2011) Peixoto e outros (2006)	
Dicionários Etimológicos Nascentes (1955) Nascentes (1966) Cunha ([1982] 2010)			

Fonte: Elaboração própria com base em Silva (2007).

¹³ Para mais detalhes sobre tal proposta, sugere-se a leitura dos trabalhos de Silva, dos quais destacam-se a sua tese de doutorado, *Estudo comparativo dos substantivos mais frequentes em dicionários bilingües francês-português e português-francês* (2002), e o artigo *Para uma tipologia geral de obras lexicográficas* (2007), conforme descrito na seção de referências.

Seguem comentários e críticas do que se observou em cada obra, quanto ao atendimento (ou não) das necessidades esperadas para a análise. Não é o intuito fazer uma discussão do projeto dos dicionários pesquisados, no entanto, seguem algumas reflexões sobre cada um, de acordo com o que se julgou importante para a análise, assim ordenados:

- a) Dicionários de usos – clássicos;
 - b) Dicionários de usos – contemporâneos;
 - c) Dicionários etimológicos;
 - d) Dicionário Funcional;
 - e) Tupinismos e
 - f) Africanismos.
- a) *Dicionários de usos – clássicos*

Foram selecionadas três obras para análise das lexias: o *Vocabulario portuguez & latino*, de Bluteau (1712-1728), o *Grande dicionário da língua portuguesa*, de Silva (1759-1813; 1949), e o *Diccionario da lingua brasileira* Silva Pinto (1832), apresentados, em linhas gerais, a seguir.

Composto por dez volumes, dois de suplementos, sendo o primeiro tomo lançado em 1712 e o décimo em 1728, o *Vocabulario portuguez & latino* de Bluteau é considerado monumental por Biderman (2003) e inovador em sua abordagem. Ao apresentar detalhes em seus verbetes, incluindo a procedência científica de termos, oferece uma visão abrangente não apenas da língua, mas também de conhecimentos diversos da época.

A inovação vai além ao documentar os usos e significados das palavras de maneira detalhada, proporcionando valiosas referências históricas. Comprovar esses usos é uma prática comum por meio da citação de passagens de obras literárias, como destacado por Biderman (2003), que identificou 406 obras de autores dos séculos XVI e XVII contribuindo para esse propósito. Para a realização deste estudo, utilizou-se a edição réplica do dicionário disponível na biblioteca digital Brasileira Guita e José Mindlin, da Universidade de São Paulo.

O *Diccionario da língua portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva, iniciado em 1789 e mais tarde popularmente conhecido como *Dicionário de Moraes*, é notável na história linguística, sendo considerado por muitos pesquisadores como o primeiro dicionário brasileiro. Sua importância é ressaltada pelo fato de o autor ser carioca, contribuindo para a divulgação e acesso significativos no Brasil durante o século XIX.

Apesar de ter sua primeira edição publicada em Portugal em 1789, o debate sobre sua origem persiste, pois foi inicialmente atribuído a Bluteau. A segunda edição, de 1813, é

inteiramente obra de Morais Silva, consolidando sua reputação, e, conforme Biderman (2003, p. 56) destaca, é “[...] uma obra de grande fôlego para a época”, sendo o primeiro a codificar de maneira abrangente o léxico português, registrando usos da linguagem oral e escrita, abrangendo diversos níveis e variações linguísticas.

A versão utilizada para esta análise é um fac-símile da obra lexicográfica, disponível na Biblioteca Nacional Digital (BND) de Portugal, preservando a fidelidade visual e estrutural do dicionário original. Além disso, foi consultada a edição impressa datada de 1949 para fornecer uma perspectiva mais abrangente e considerar eventuais alterações ou acréscimos ao longo das edições.

O *Dicionário da Língua Brasileira*, de 1832, escrito por Luís Maria da Silva Pinto, representa não apenas o primeiro dicionário geral monolíngue publicado no Brasil, mas também se destaca por sua inovação ao introduzir a expressão “língua brasileira”. Essa escolha vocabular é significativa, pois reflete a consciência do autor sobre a diversidade e identidade linguística brasileira naquele período.

Publicado na *Typographia de Silva*, pertencente ao autor, na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, dez anos após a proclamação da independência do Brasil, é considerada a primeira obra lexicográfica escrita, editada e impressa no Brasil. Essa publicação é um testemunho importante do desenvolvimento da língua e da lexicografia no contexto histórico brasileiro do século XIX. A obra, assim como a de Bluteau, também está disponível em fac-símil na biblioteca digital *Brasiliana Guita e José Mindlin*, da Universidade de São Paulo.

Os três trabalhos foram escolhidos com o intuito de se fazer uma investigação mais acurada das formas lexicais quanto ao significado – mas também quanto à etimologia – em documentos clássicos, logo, mais antigos. Todos apresentam, na sua estrutura, além de caráter descritivo, o enciclopédico, daí a ser considerado como misto¹⁴, seguindo a discussão de Silva (2002; 2007). O que se pode concluir é que trazem definições detalhadas das lexias, abrangendo não apenas o conceito, mas aspectos e informações descritivas e históricas, sobretudo no que diz respeito à fauna, o que inclui nomeações científicas de algumas das espécies.

¹⁴ Adotou-se, aqui, a proposta dos critérios de classificação de Haensch (1982), a partir das discussões de Maria Cristina Parreira da Silva (2002; 2007), para distinção das obras, na direção de um entendimento sobre os tipos de obras lexicográficas, dos quais destaca-se o segundo critério, que distingue a lexicografia linguística e a enciclopédica: a primeira trata dos signos, como os dicionários de usos; a segunda, das coisas, podendo uma obra tanto ser linguística como enciclopédica. Pode ser também mista, ao trazer informações adicionais e/ou imagens nos verbetes, como as obras de usos clássicos, e as que investigam os africanismos, os tupinismos e os aspectos da pecuária.

O trabalho de Silva (1759-1813; 1949) é, sem dúvida, o mais abrangente nesse sentido. Por outro lado, Bluteau (1712-1728), ao trazer inúmeros exemplos com trechos e passagens de obras literárias clássicas, contextualizou e direcionou muitas das ocorrências encontradas, a exemplo de *mensura*, *pastura* e *galinha sura*, para a QSL 69; *gambá* e *saroê*, para a QSL 71 e *cabra mocha*, para a QSL 79.

A consulta ao *Novo dicionário da língua portuguesa*¹⁵, de Figueiredo ([1889] 1913), limitou-se ao item *muvu*, associado à QSL 79. Este dicionário foi escolhido por *muvu* não constar em outras obras, sejam elas clássicas, contemporâneas ou especializadas, sendo uma referência única neste documento.

b) *Dicionários de usos – contemporâneos*

Foram selecionadas as obras de referência *iDicionário Aulete*¹⁶ (Aulete, 1970), além dos já citados *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa* (Houaiss, 2001) e *Novo dicionário eletrônico Aurélio* (Ferreira, 2004).

Por serem trabalhos mais modernos, trazem aspectos de variação linguística, tais como regionalismos e/ou brasileirismos na maioria dos verbetes consultados. Ambos citam aspectos relativos à etimologia e informações científicas sobre as espécies investigadas. Consta-se que as obras se complementam e, muitas vezes, os autores fazem referência uns aos outros.

O *Dicionário Aulete* (1970) é um software livre, de acesso gratuito, e organizado a partir da edição de 1970. Traz duas abas, chamadas de “verbetes atualizados” e “verbetes original”, em que se podem comparar os itens na forma como se apresentam, tanto na primeira versão, mais antiga, como na mais moderna, em que há atualizações sobretudo quanto aos usos, etimologia e até fraseologismos. Ou, em alguns casos, tem-se acesso apenas ao verbete original. Algumas definições são apresentadas de forma muito resumida e sucinta. A impressão que se tem é de que a necessidade de incluir o máximo de palavras-entradas possíveis acaba por atribuir à obra um aspecto superficial, ao menos para algumas lexias.

¹⁵ Segundo Krieger (2012) O *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Cândido Figueiredo – primeiramente editado em 1889, mas, a partir da quarta edição, em 1926, passa a ser coeditado no Brasil, e o *Dicionário contemporâneo Caldas Aulete* – embora tenham tido ampla aceitação de circulação, inclusive pareando com *Dicionário de Moraes*, primeira edição em 1881, a quarta é de 1958, são o que chamou de publicações conjuntas – Portugal/ Brasil; sendo incluídos como pertencentes à lexicografia portuguesa, sem desmerecer suas contribuições para a historiografia brasileira.

¹⁶ De acordo com a apresentação do projeto elaborado pela Lexikon, trata-se de um [...] dicionário em construção, atualização e correção permanentes, para o qual seus usuários poderão contribuir.” Conta com dois módulos, equivalentes a dois dicionários distintos: o *Dicionário Caldas Aulete* original, atualizado para o Brasil até a década de 80, composto por mais de 200 mil verbetes, identificados como “verbetes original”; e o módulo “atualizado”, contendo 85 mil verbetes. Mais informações estão disponíveis em: <https://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=o_que_e>. Acesso em: jun. 2023.

O Houaiss (2001) é, inegavelmente, a obra mais completa. As lexias se dispõem de forma mais abrangente, incluindo a etimologia, de forma muitas vezes até mais aprofundada que os dicionários etimológicos consultados. A versão consultada é digital, de domínio virtual (assim como o Aulete), e está em constante atualização, o que otimizou a pesquisa, sobretudo quanto a aspectos relacionados à diversidade linguística (até certo ponto). Contudo, por ser um dicionário de usos, não se encontram pormenores sobre tupinismos e africanismos, ou estão descritos de maneira genérica e até mesmo com diferentes sentidos, principalmente nos casos mais específicos de variação diatópica.

Ferreira (2004) foi examinado na versão de dicionário eletrônico, versão 5.0, correspondente à terceira edição e primeira impressão da Editora Positivo, revista e atualizada do *Aurélio Século XXI*, o *Dicionário da Língua Portuguesa*. É uma vasta obra, de interface dinâmica e de fácil consulta, atendendo às necessidades da pesquisa, porém, com algumas limitações semelhantes às das obras anteriores.

c) *Dicionários etimológicos*

Haja vista a pouca oferta de trabalhos dessa natureza – seja por ausência de equipes engajadas ou por falta de interesse, se observou que, nos dicionários de usos consultados, foi possível o acesso a informações sobre a origem de muitas lexias. Ainda assim, fez-se um levantamento de obras que pudessem colaborar com a análise, o que levou à consulta em três trabalhos: o *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa* (Nascentes, 1955); o *Dicionário etimológico resumido* (Nascentes, 1966) e o *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (Cunha [1982] 2010).

Desses, sem dúvida, o material que mais contribuiu com a investigação foi o segundo, que, apesar de trazer no seu título o caráter *resumido* da obra, trata-se de uma visível ampliação, bem melhorada do primeiro, com maior número de páginas (inclusive): a edição de 1966 tem 808 páginas, já a de 1955 tem 576. O dicionário de Cunha se mostrou mais proveitoso quanto aos tupinismos, deixando a desejar, às vezes, no que concerne à proposta etimológica.

d) *Dicionário Funcional*

O *Dicionário de Sinônimos*, de Nascentes ([1957] 2011), se mostrou muito interessante quanto à investigação de regionalismos. Algumas ocorrências que não se encontravam registradas em nenhuma das obras de usos ou até mesmo etimológicas fazem parte do acervo, o que auxiliou na análise, sobretudo por apresentar os locais onde são usadas, trazendo o ponto de vista diatópico ao trabalho.

Porém, algumas entradas não trazem informações mais aprofundadas, ou maiores detalhamentos, o que acaba limitando a consulta, o que justifica o seu caráter funcional¹⁷. Nesse sentido, acessar o índice remisso ao final do volume pode ajudar a encontrar algumas palavras que não encabeçam verbetes, mas aparecem em outras entradas.

e) *Tupinismos*

Para a revisão dos tupinismos, foram consultadas as obras bilíngues de Boudin (1978), *Dicionário de tupi moderno (Dialeto tembé-ténêthar do alto rio Gurupi)* e o *Dicionário de tupi moderno* (1966). O primeiro, disposto em dois volumes (I - tembé-português /II - português-tembé), se mostrou limitado, e frustrou um pouco quanto à investigação de algumas lexias. Serviu mais como comprovação dessas quanto ao tupinismo. Bem verdade que se trata de um recorte de uma região específica, o alto do rio Gurupi, como descreve o subtítulo da obra, mas poderia trazer mais verbetes. O segundo, contudo, se mostrou mais proveitoso, visto que é um trabalho ampliado do anterior.

O *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi* (Cunha, 1998), e o *Dicionário Ilustrado Tupi-Guarani* (s.i.) são peculiares quanto à descrição dos tupinismos. O primeiro é um trabalho especializado, de cunho histórico, prefaciado por Antônio Houaiss, e faz uma investigação mais criteriosa acerca da etimologia e da história das lexias registradas em língua portuguesa. Utiliza como base, principalmente, obras literárias publicadas entre os séculos XVI a XVIII, o que justifica não ter registros de algumas palavras. Ainda assim, foi muito útil na investigação das ocorrências apuradas nos *corpora*.

O segundo dicionário consiste em obra colaborativa que, nas palavras dos organizadores, está “[...] em constante aperfeiçoamento e aberta à participação dos usuários, busca resgatar a origem e dar maior visibilidade a essas palavras genuinamente brasileiras”, ao que se predispõe a fazer uma descrição interativa e ilustrada dos vocábulos das línguas indígenas. Foi utilizado de forma complementar, dada a dificuldade de encontrar significados para muitas das ocorrências presentes na amostra.

f) *Africanismos*

Quanto ao levantamento dos africanismos, foram acessadas as seguintes obras: *Enciclopédia brasileira da diáspora africana* (Lopes, [2004] 2011), *Novo dicionário banto do*

¹⁷ O *Dicionário de sinônimos* de Nascentes ([1957] 2011) se enquadraria no sétimo critério proposto por Silva (2002; 2007), que condiz com as finalidades da obra, quer sejam o significado, quer sejam outros, específicos, como os dicionários paradigmáticos (de sinônimos, de antônimos), sintagmáticos (de regência, fraseologismos), de dúvidas, etc.

Brasil (Lopes, [1996] 2003) e *Camões com dendê: o português do Brasil e os falares afro-brasileiros* (Pessoa de Castro, 2022).

Os dois primeiros trabalhos de Lopes se complementam: o que não se encontrava na *Enciclopédia*, estava descrito no *Novo Dicionário*, e foram extremamente úteis na análise dos vocábulos. Ambos fazem referências etimológicas e técnico-científicas, além de ilustrações e comentários de cunho etnográfico. O mesmo se pode dizer do *Camões com dendê*, que, embora não se trate de obra lexicográfica e/ou enciclopédica, traz um vocabulário afro-brasileiro.

2.4 NOS TERRENOS DA ETNOLINGÜÍSTICA E DA CULTURA

O tecido social é meticulosamente entrelaçado por influências comunicativas, abrangendo tanto o âmbito verbal quanto o não verbal, e essa complexa trama é evidenciada desde os primeiros estágios da vida humana. Dentro desse contexto, as palavras emergem como portadoras de significado, desempenhando um papel essencial como instrumentos para investigar as intrincadas camadas da cultura.

A linguagem, portanto, transcende sua mera função expressiva, atuando como um reflexo vívido da riqueza cultural presente em uma sociedade. Para uma análise mais objetiva da expressão linguística, é necessário imergir no contexto original dos usuários, sempre que possível, pois isso permitirá que nuances culturais, entrelaçadas com cada palavra proferida, sejam reveladas. Um viés de estudo valioso para compreender essa dinâmica é a Etnolinguística.

Ao explorar os intrincados vínculos entre língua e cultura, desvenda-se a comunicação não apenas como um veículo, mas como um artefato cultural intrinsecamente conectado às identidades, tradições e modos de vida. Nesse sentido, a Etnolinguística, ao refletir sobre a interseção entre língua e cultura durante a investigação linguística, focaliza primariamente a compreensão de como a identidade cultural, práticas sociais e tradições são expressas em comunidades específicas. Essa abordagem pode ser estendida de maneira significativa para considerar a relação intrínseca com os aspectos da fauna abordados neste estudo.

Além disso, a Etnolinguística oferece uma perspectiva única para compreender não apenas como as palavras refletem a cosmovisão cultural, mas também como a fauna se insere nesse contexto linguístico-cultural. O léxico relacionado à fauna não se limita a um conjunto de termos isolados; ao contrário, vividamente representa a interação entre uma comunidade e seu ambiente natural, revelando atitudes, práticas e conhecimentos transmitidos

linguísticamente ao longo das gerações. Dessa forma, ao considerar essa disciplina em conjunto com os aspectos da fauna, amplia-se a compreensão não apenas da língua, mas também das intrincadas teias que conectam linguagem, cultura e o mundo natural ao nosso redor.

Na investigação da linguagem em sua relação com a cultura, a Etnolinguística mantém uma interação intrínseca com a Dialetoлогия. Esta, enquanto ramo dos estudos linguísticos, dedica-se à identificação e descrição dos diversos usos que uma língua assume, abrangendo variações espaciais, socioculturais e temporais.

Nesse sentido, ambas convergem ao considerar que a variação linguística não se limita à geografia, mas está profundamente vinculada a outros elementos. Ao investigar as nuances dialetais em diferentes comunidades, a Dialetoлогия contribui para a compreensão de como as variações linguísticas refletem e moldam práticas culturais específicas de grupos. Assim, integrar essas disciplinas oferece uma visão mais abrangente das complexidades envolvendo a relação entre língua, cultura e diversidade linguística em distintos contextos.

De acordo com Coseriu (1978), a Etnolinguística se configura como uma disciplina linguística que aborda o estudo da variedade e variação da linguagem, além de explorar sua relação intrínseca com a civilização e a cultura. Nesse sentido, a disciplina focaliza as interações entre língua e cultura dentro da sociedade a que pertencem os falantes de um determinado grupo sociocultural.

Em uma perspectiva sincrônica, a Etnolinguística se solidificou como resposta à necessidade de compreender as diversas variantes e invariantes extralinguísticas, tais como sexo, faixa etária, gênero, estilo e, especialmente, as invariantes culturais. Além disso, incorpora uma análise dos diferentes níveis de linguagem que permeiam os pensamentos e o modo de ser e de viver das comunidades.

Associando esses princípios às contribuições da Dialetoлогия, que explora as variações linguísticas em diferentes contextos, é possível obter uma visão mais abrangente da complexa relação entre língua, cultura e diversidade linguística em diversas comunidades e períodos de tempo.

As pesquisas etnolinguísticas voltam-se para as diversas funções da comunicação, abordando temas que permeiam a história sociocultural das comunidades de fala. Isso inclui a investigação de suas origens, os meios de comunicação empregados, a interligação entre a linguagem e a visão de mundo, a estrutura organizacional social, bem como questões relacionadas às desigualdades sociais e linguísticas. Essas preocupações refletem diretamente, ou de maneira indireta, nos processos comunicativos dos falantes, proporcionando uma

compreensão mais abrangente das dinâmicas linguísticas inseridas em seus contextos culturais e sociais.

Embora a Etnolinguística seja uma disciplina ampla e desafiadora de definir, especialmente devido à sua natureza relativamente recente, ela abarca tanto os aspectos culturais quanto os antropológicos de uma língua. Segundo Velarde (1988), do ponto de vista antropológico, a etnia se configura como a maneira pela qual a coesão social une os membros de um grupo humano, fundamentada principalmente na unidade das formas de viver, na vocação histórica e na concepção de mundo. Além disso, a etnia representa o conjunto de indivíduos que compartilham a mesma cultura.

Embora Edward Sapir tenha deixado uma marca significativa nos campos da linguística e antropologia, sua perspectiva sobre a interação entre linguagem e cultura é evidente em sua obra *Language: An Introduction to the Study of Speech*, de Edward Sapir, publicada em 1921.

Para Sapir (1954), a linguagem transcende sua função convencional como um mero veículo de expressão de ideias; ela desempenha um papel ativo na formação e modelagem do pensamento. Ao reconhecer que a estrutura linguística influencia a maneira como percebemos o mundo ao nosso redor, Sapir destaca não apenas a função comunicativa da linguagem, mas também sua importância intrínseca na construção da realidade e da identidade cultural.

Nesse sentido, a visão de Sapir (1954) sobre a linguagem como um agente ativo na formação do pensamento ressoa profundamente na discussão da etnolinguística, destacando o papel crucial da linguagem na construção da identidade e do pensamento dentro de contextos culturais específicos. Ao reconhecer a influência da estrutura linguística na percepção e compreensão do mundo, Sapir nos leva a considerar a linguagem como não apenas um meio de comunicação, mas como um elemento intrínseco e essencial na configuração das identidades culturais.

Na perspectiva etnolinguística, a língua não é apenas um reflexo passivo das práticas culturais, mas um participante ativo na expressão e perpetuação da diversidade cultural. Assim, compreender a importância da linguagem é essencial para desvendar os mecanismos pelos quais a identidade cultural é forjada, ao mesmo tempo em que revela a influência profunda da linguagem na formação do pensamento e na maneira como interpretamos o mundo ao nosso redor.

No contexto das reflexões levantadas, destaca-se a contribuição de Dell Hymes. Sua abordagem na Etnografia da Comunicação, que transcende as fronteiras entre linguística e antropologia, emerge como um elo fundamental para ampliar as perspectivas da

etnolinguística. As três orientações propostas por Hymes (1974) para a Sociolinguística, cada uma oferecendo perspectivas únicas.

A primeira orientação busca aplicar teorias sociolinguísticas em contextos práticos, destacando a interconexão entre o social e o linguístico. A segunda orientação enfatiza a necessidade de ser socialmente realista, reconhecendo e incorporando a realidade social nas análises linguísticas. A terceira orientação, associada à Etnografia da Comunicação, enfoca a natureza socialmente constituída da linguagem, explorando suas práticas em contextos culturais amplos.

Esta última orientação, notavelmente alinhada à perspectiva etnolinguística, destaca-se por examinar como a linguagem contribui ativamente para a construção da identidade cultural em comunidades específicas, ampliando o escopo da sociolinguística para uma compreensão mais abrangente das interações entre linguagem e cultura.

Importante compreender, contudo, o conceito de competência comunicativa proposto por Hymes (1974), mas, para tal, é preciso conhecer os sete temas centrais por ele desenvolvidos, os quais norteiam a sociolinguística hymesiana. Esses temas são fundamentais para uma compreensão mais profunda da interseção entre linguagem, cultura e sociedade, contribuindo significativamente para a expansão do escopo da Sociolinguística.

- (i) A teoria linguística como teoria da língua, indo além da gramática.
- (ii) A necessidade de compreender as fundações da teoria e da metodologia, incluindo a função da fala.
- (iii) Compreensão das comunidades de fala como organizações baseadas nos modos de falar, independentes da distribuição espacial da gramática.
- (iv) A competência como habilidade pessoal, transcendendo o conhecimento gramatical.
- (v) A performance como uma conquista individual, ultrapassando o processamento psicolinguístico.
- (vi) A concepção de línguas como resultado das ações dos usuários, mais do que um atributo inato humano.
- (vii) A liberdade, igualdade e fraternidade da fala como conquistas sociais, não apenas imposições da língua.

Esses temas, intrinsecamente conectados ao viés etnolinguístico, fornecem uma estrutura conceitual relevante para explorar como a competência comunicativa se manifesta nas práticas linguísticas dentro de contextos culturais específicos. Esta abordagem destaca a

importância de ir além da visão estritamente gramatical para compreender a linguagem como uma prática social complexa e dinâmica.

3 PELAS TRILHAS DAS VEREDAS: APRESENTAÇÃO DOS DOCUMENTOS LINGUÍSTICOS INVESTIGADOS

Na presente seção, delineiam-se os aspectos relacionados aos três *corpora* da pesquisa. Antes, na primeira subseção, faz-se uma breve descrição geral do que se encontrou nos atlas linguísticos brasileiros com relação à área temática investigada. Na segunda subseção, apresentam-se os aspectos metodológicos do *APFB*, *ALS* e Projeto ALiB: suas semelhanças e peculiaridades, bem como as contribuições para as pesquisas dialetais, desde o planejamento até a execução.

3.1 O LÉXICO DA FAUNA NOS ATLAS LINGUÍSTICOS BRASILEIROS

Considerando que esta tese se propõe a analisar o léxico da fauna (e/ou de parte dela) a partir do viés diatópico em *corpora* inéditos do Projeto ALiB, em comparação com o *APFB* (Rossi, 1963) e o *ALS* (Ferreira *et al*, 1987), com vistas a investigar as localidades coincidentes nos Estados da Bahia e Sergipe, fez-se, também, um levantamento de possíveis questões coincidentes em outros atlas linguísticos brasileiros, com o objetivo de se apurarem ocorrências relativas à referida área temática.

Esse levantamento considerou não só as perguntas coincidentes, a partir do Questionário Semântico-Lexical (QSL) (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001), mas também as que apresentaram identificação parcial, como *tipos de abelha*, *bicho da fruta* e *rabo* (comentadas na seção cinco).

Foram encontrados, além dos três documentos selecionados para esta pesquisa, seis atlas linguísticos regionais, incluindo-se o segundo volume do *Atlas Linguístico do Brasil*, de caráter nacional (Cardoso *et al*, 2014), totalizando nove documentos, a saber:

Quadro 3 – Atlas linguísticos brasileiros e a investigação da área temática fauna

ATLAS LINGUÍSTICOS REGIONAIS		
<i>Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB</i>	Nelson Rossi	1963
<i>Atlas Linguístico de Sergipe - ALS</i>	Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Nelson Rossi, Suzana Cardoso e Vera Rollemberg	1987
<i>Atlas Linguístico do Paraná - ALPR</i>	Vanderci de Andrade Aguilera	1994
<i>Atlas Linguístico do Amazonas - ALAM</i>	Maria Luiza de Carvalho Cruz	2004
<i>Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul - ALMS</i>	Dercir Pedro de Oliveira	2007
<i>Atlas Linguístico de Pernambuco - ALiPE</i>	Edmilson José de Sá	2013
<i>Atlas Linguístico do Amapá - ALAP</i>	Abdelhak Razky	2017

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 3 – Atlas linguísticos brasileiros e a investigação da área temática fauna (continuação)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GRANDE REGIÃO			
<i>Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul - ALERS</i>		Walter Koch, Mário Silfredo Klassmann e Cléo Altenhofen	2002; 2011
ATLAS LINGUÍSTICO NACIONAL			
<i>Atlas Linguístico do Brasil - ALiB</i>	Volumes 1 e 2	Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso, Jacyra Andrade Mota, Vanderci de Andrade Aguilera, Maria do Socorro Silva de Aragão, Aparecida Negri Isquerdo, Abdelhak Razky, Felício Wessling Margotti	2014
	Volume 3	Jacyra Andrade Mota, Silvana Soares Araújo e Josane Moreira de Oliveira	2023

Fonte: Elaboração própria.

Apresentam-se, na sequência, breves informações metodológicas de cada um desses atlas, em ordem cronológica de publicação. Merecem descrição pormenorizada, contudo, o *APFB*, o *ALS* e o Projeto *ALiB*, por serem objeto de estudo desta tese, sendo apresentados em separado, mais adiante.

(i) *Atlas Linguístico do Paraná*¹⁸ - *ALPR*

Foi desenvolvido por Vanderci de Andrade Aguilera, sendo o quinto atlas publicado no país, como resultado da sua tese de doutoramento, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), apresentada em novembro de 1990 e publicada em 1994. Compreende dois volumes: um com a *Apresentação* e o outro com as *Cartas*. Além da cartografia da variação lexical e fonética e da delimitação de isoglossas, contém um glossário. É composto por uma rede de pontos que investigou 65 localidades que contemplavam as 24 microrregiões fisiográficas paranaenses.

O questionário contém 325 questões, e abrange duas grandes áreas temáticas, terra e homem, que se subdividem em (i) natureza, fenômenos atmosféricos, astros e tempo/ flora/ plantas medicinais e fauna, e (ii) partes do corpo/ funções/ doenças/ vestuário e calçados/ agricultura/ instrumentos agrícolas/ brinquedos e jogos infantis/ lendas e superstições.

Incluiu a seleção de 130 informantes, criteriosamente distribuídos entre os sexos feminino e masculino, com idades entre 25 e 65 anos, já a escolaridade variou entre analfabetos e de ensino fundamental I completo.

Quanto à cartografia dos dados, organiza-se em: seis cartas de identificação, 92 cartas léxicas, 70 cartas fonéticas, 19 cartas isoléxicas, 10 cartas isófonas e ainda seis cartas anexas

¹⁸ Este atlas apresenta ainda um segundo volume, o *Atlas Linguístico do Paraná II*, de autoria de Fabiane Altino, em 2007. Trata-se da cartografia dos dados coletados e não contemplados quando da publicação do *ALPR*.

com a distribuição geográfica do povoamento do Paraná, do século XVII a XX. No verso de cada carta há notas explicativas e de análise do material coletado.

(ii) *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul - ALERS*

Elaborado pelos pesquisadores Walter Koch, Mário Silfredo Klassmann e Cléo Vilson Altenhofen, possui dois volumes. Publicados inicialmente em 2002, estes foram reeditados e ampliados em uma segunda edição, de 2011. Constam, assim, na obra, os volumes 1 e 2, que correspondem a) os volumes iniciais (v. 1 - *Introdução*, e v. 2 - *Cartas Fonéticas e Morfossintáticas*); e b) as partes I e II das cartas semântico-lexicais.

É o sexto atlas brasileiro a ser publicado e o primeiro a contemplar uma região político-geográfica do país, sendo caracterizado como atlas regional, e abrangendo aspectos linguísticos e culturais referentes aos três Estados da Região Sul do Brasil. Investiga uma rede de pontos que contempla 275 localidades, distribuídas em: 100 no Paraná, 80 em Santa Catarina e 95 no Rio Grande do Sul.

O questionário, com aproximadamente 700 perguntas ou tarefas, é dividido em três partes:

- (i) Questionário Semântico-Lexical (QSL), constituído de 610 itens, com cerca de 800 perguntas, visto que muitas delas se desdobram em mais de uma, e se subdividiu nas seguintes áreas temáticas: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, sistema de pesos e medidas, flora, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, cultura e convívio, ciclos da vida, religião e crenças, festas e divertimentos, habitação, alimentação e cozinha, vestuário;
- (ii) Questionário Morfossintático (QMS), com 75 perguntas, e o Questionário Fonético-fonológico (QFF), composto de 50 questões, divididas em 26 gerais, aplicada a todos os pontos, e 24 específicas, destinadas apenas a regiões de colonização não-portuguesa, o que possibilitou considerar situações de bilinguismo.

Quanto aos informantes, situam-se entre 28 e 58 anos, menos escolarizados, assim distribuídos: dois por localidade, nas áreas rurais, que variaram entre analfabetos e 1ª a 4ª série do ensino fundamental), e três nas áreas urbanas, que permitiram levantamentos da variação diastrática. Dos 19 centros urbanos selecionados, 6 pontos situam-se no Paraná, 6 em Santa Catarina e 7 no Rio Grande do Sul, com informantes de escolaridade mínima, média e ensino médio completo.

O *ALERS* resultou na publicação de 521 mapas linguísticos, sendo 374 semântico-lexicais e 54 fonéticas e 93 morfossintáticas, que apresentam um quadro de variantes e um gráfico comparativo com relação à cada carta, o que permite a observância da frequência de cada variante em cada estado da Região Sul. É, portanto, um vasto material, que oferece uma amostra significativa do português falado nessa importante região do país.

(iii) *Atlas Linguístico do Amazonas - ALAM*

Esse atlas é resultado da tese de doutoramento de Maria Luiza de Carvalho Cruz, defendida em 2004, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Documentou dados linguísticos de nove localidades do estado do Amazonas, distribuídas entre as microrregiões, considerando sobretudo as bacias hidrográficas dos principais afluentes do Rio Amazonas.

Os 54 informantes estão distribuídos em três faixas etárias – de 18 a 35; 36 a 55 e mais de 56 anos –, seis em cada ponto, sistematicamente três homens e três mulheres, sendo todos são alfabetizados e cursaram até a 4ª série do Fundamental.

O questionário linguístico contou com 421 perguntas, organizadas em três partes: questionário Semântico-Lexical (QSL), contendo 329 perguntas, que incluem duas áreas temáticas – A natureza e o Homem, e Questionário Fonético-Fonológico (QFF), com 162 perguntas.

Está organizado em dois volumes, em que constam, no primeiro, a Apresentação, Introdução e Fundamentação teórico-metodológica, ao passo que, no segundo, tem-se as 107 cartas fonéticas, acompanhadas de notas explicativas e gráficos, elaborados com bases em índices percentuais do fenômeno em foco, e 150 cartas semântico-lexicais, também complementadas com notas.

(iv) *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul - ALMS*

Organizado por Dercir Pedro de Oliveira, em 2007, é composto por 231 cartas linguísticas: 57 fonéticas, 167 semântico-lexicais e 7 morfossintáticas. A rede de pontos está constituída de 32 localidades, distribuídas por cinco municípios: Três Lagoas, Corumbá, Aquidauana, Campo Grande e Dourados.

Foram inquiridos 128 informantes, quatro por ponto de inquérito, distribuídos equitativamente nos dois sexos e em duas faixas etárias, variando de 18 a 36 anos, na primeira, e de 42 a 83 anos, na segunda, sendo, quanto ao grau de instrução, analfabetos ou com baixa escolaridade, e/ou até a 4ª série do ensino fundamental.

O questionário contém 557 perguntas, subdividido em dois módulos: um Questionário Fonético-Fonológico (QFF) e um Questionário Semântico-lexical (QSL). O levantamento de

aspectos morfossintáticos, também cartografados, foi feito a partir das narrativas dos informantes sobre fatos marcantes em sua experiência de vida.

Importante registrar que o ALMS traz nas cartas apenas as ocorrências da “primeira resposta”, listadas quanto ao percentual de ocorrências, que incluem, também, as variantes fonéticas. O nome da carta, por conseguinte, condiz com a forma de maior percentual, que figura no topo da legenda, como a primeira da lista, e assim sucessivamente. Outro ponto importante diz respeito à ausência do questionário e conseqüentemente das perguntas no atlas, o que dificulta a interpretação dos dados publicados nas cartas.

Por exemplo: a carta 0109.a, *carrapato*, traz, como ocorrências, as formas *carrapatu*, 71,09% (nomeia a carta); *sanguessuga*, 05,47%; *chamixuga*, 03,91%; *garrapatu*, 03,13%; *mutuca*, 02,34%; *cata-ventu*, 01,56%; *perceveju*, 01,56%; *chaminxuga*, *chimixugas*, *barberu*, *changuixuga*, *purga*, *papa-ventu*, *chamissuga*, cada.

A partir dessas respostas, se poderia inferir que se intenta conhecer nomeações para o *bicho que chupa o sangue* e, ao mesmo tempo, para *um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado*. Ou seja: embora os semas permitam especular sobre o que se esperou investigar, sem o acesso à pergunta, não se podem fazer maiores considerações acerca do instrumento de inquérito, no que diz respeito à comparação com outros questionários, nem ao que se considerou para a inclusão das formas na carta.

Dessa forma, para fins de análise, no que se refere ao aproveitamento de questões intercomparáveis com a área temática em estudo, foram incluídas três delas – *cria da ovelha* (109), *cabra sem chifres* (111) e *sanguessuga* (121) –, ainda que nem todas as ocorrências cartografadas possam ser consideradas.

(v) *Atlas Linguístico de Pernambuco - ALiPE*

O projeto para a construção deste atlas seguiu os parâmetros do Projeto ALiB no que se refere à metodologia, principalmente quanto ao instrumento de inquérito e ao perfil dos informantes. Elegeram-se, então, 20 pontos, distribuídos geograficamente no estado de Pernambuco, de modo a atender os pré-requisitos da pesquisa dialetal no estado.

Aos informantes – quatro em cada ponto, distribuídos equitativamente quanto ao sexo, em duas faixas etárias (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), de escolaridade que não ultrapassasse a 4ª série, à exceção da capital, que incluiu informantes com curso superior completo – foram aplicadas questões retiradas dos Questionários do ALiB (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001). A essas, foram acrescentadas perguntas específicas da região, o que exigiu a inclusão das áreas temáticas em frevo, maracatu, renascença e barro, totalizando, assim, 461 questões nos

níveis fonético-fonológicos, 159, semântico-lexicais, 252 e morfossintáticos, 49, além das perguntas de pragmática e prosódia.

Com base nos dados coletados, foram construídas 6 cartas introdutórias e 105 cartas linguísticas, divididas em 50 cartas fonéticas, 47 cartas semântico-lexicais e 8 cartas morfossintáticas.

(vi) *Atlas Linguístico do Amapá - ALAP*

Tomando como referência a metodologia do Projeto ALiB, o *ALAP*, de autorias de Abdelhak Rasky, Celeste Maria da Rocha Ribeiro e Romário Duarte Sanches, publicado em 2017, abrangeu dez localidades do Estado do Amapá, selecionadas de acordo com critérios estabelecidos nas pesquisas dessa natureza.

É, assim, composto por 16 cartas fonéticas, 73 cartas lexicais e 30 cartas estratificadas em sexo e idade, de acordo com os princípios metodológicos da Dialectologia e da Geolinguística pluridimensional, uma vez que abarca os fatores sociais sexo e faixa etária, o que permite a investigação diatópica e a diastrática.

Quanto ao instrumento de inquérito, este se consistiu em dois questionários: um fonético-fonológico (QFF), com 159 questões, fechadas, e um semântico-lexical (QSL), com 202 perguntas, distribuídas em 14 campos semânticos, ambos propostos pela equipe do Projeto ALiB, totalizando 361 questões.

Os informantes, 40 no total, foram distribuídos equitativamente em sexo e duas faixas etárias: uma mais jovem (18-30 anos) e uma mais velha (50-75 anos), de ambos os sexos, além da seleção de quatro informantes por localidade. Quanto à escolaridade, todos estão no nível fundamental de ensino, e, conforme critérios dialetológicos, estes deveriam ser naturais da localidade pesquisada e não ter se ausentado dela por mais de um terço de sua vida.

Feito o levantamento dos atlas que investigam a fauna, tem-se, a seguir, a identificação das cartas coincidentes, a partir das questões intercomparáveis por cada um dos documentos, conforme Quadro 4.

Quadro 4 – Levantamento das cartas produzidas a partir das questões da fauna coincidentes nos atlas brasileiros

A fauna nos atlas linguísticos brasileiros									
Nomes nas cartas	APFB (1963)	ALS (1987)	ALPR (1994)	ALERS (2011)	ALAM (2004)	ALMS (2007)	ALiPE (2013)	ALAP (2017)	ALiB (2014)
<i>Sem rabo (pinto, galinha)</i>	142	115	59/60	-	-	-	22	-	-
<i>Galinha d'angola</i>	139	116	-	-	17	-	-	L17	L11
<i>Tipo de abelha</i>	120/ 121	119/ 120/ 121	-	-	-	-	-	-	-
<i>Bicho da fruta</i>	-	-	-	-	-	-	25	L24	L13
<i>Sanguessuga</i>	137	127	-	090	-	0121	-	L22	-
<i>Cria da ovelha</i>	149	132	-	-	-	0109	-	-	-
<i>Cabra sem chifres</i>	147	133	-	081	-	0111	-	-	-
<i>Rabo</i>	152	147	-	078	-	-	-	-	-
<i>Gambá</i>	56	128	-	75/76	-	-	23	L19	-

Fonte: Elaboração própria. Adaptado de Santos¹⁹ (2013).

Desse levantamento foram trazidas, apenas para checagem do que se encontrou da fauna, informações gerais dos atlas, seguidas das questões correspondentes com os atlas selecionados para a investigação desta tese – *APFB*, *ALS* e Projeto *ALiB*.

Na sequência, delineiam-se, de forma mais detalhada, as principais informações quanto aos aspectos metodológicos desses *corpora*. Lembrando que as seis questões coincidentes e intercomparáveis serão pormenorizadas na seção cinco, em que são apresentadas a metodologia da tese, em específico, e na seção de análise.

3.2 OS *CORPORA* DA TESE

Trazem-se, aqui, informações relevantes sobre as metodologias dos documentos investigados:

- (i) *Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB* (Rossi, 1963) – pioneiro, de caráter monodimensional, considerado um marco na história da dialetologia no Brasil, seguido pelo

¹⁹ Quadro adaptado do material elaborado por Leandro Almeida dos Santos, disponível para o componente LET C12 – Introdução aos estudos dialetais, ministrado pela prof^a Dr^a Silvana Ribeiro, em 2013.

- (ii) *Atlas Linguístico de Sergipe - ALS* (Ferreira *et al.*, 1987), segundo atlas regional a ser elaborado (e quarto a ser publicado, por questões financeiras), bidimensional e, por fim,
- (iii) Projeto ALiB – atlas pluridimensional de perspectiva nacional e em franco desenvolvimento, com três volumes publicados e vasto material em andamento a serem utilizados por diversos pesquisadores, em diferentes áreas, não apenas linguística.

Tais informações incluem, para cada um, a apresentação da rede de pontos, o questionário, o trabalho da equipe de inquiridores e aplicação dos inquéritos, perfis e características dos informantes e a confecção das cartas linguísticas.

3.2.1 Os primeiros estudos: *Atlas Prévio Dos Falares Baianos - APFB*

O projeto de construção do *APFB*, publicado em 1963, de autoria de Nelson Rossi, professor de Língua Portuguesa da então Faculdade de Filosofia e Letras da UFBA, contou com a colaboração de oito licenciadas recém-formadas, suas alunas durante os quatro anos do curso de Letras: Dinah Isensée, Carlota Ferreira, Josephina Barletta, Judith Freitas, Cyva Leite, Edelweiss Nunes, Tânia Pedrosa e Ana Maria Garcia. No entanto, sua origem tem início cinco anos antes, em 1955, com a chegada de Rossi à UFBA, “[...] já com pretensão e esperança de fazer Dialectologia”, nas suas próprias palavras (Rossi, 1955).

Imbuído dessa “pretensão”, o professor foi montando a sua equipe de trabalho, formada inicialmente por 25 estudantes do curso de Letras, entre os anos de 1956 e 1959. Este grupo realizou diversas sondagens pelo interior da Bahia, com o fito de iniciar as investigações dialetais no Brasil. Como se tratava de estudos iniciais, os pesquisadores consideraram a tarefa como “um mergulho no desconhecido”, e ainda, como um “voo cego” (Rossi, 1965, p. 15). Mal sabiam que, desse voo, surgiria um dos trabalhos mais importantes para a Dialectologia no Brasil.

3.2.1.1 A rede de pontos do *APFB*

Para o *APFB* Rossi decidiu, como ponto de partida para a demarcação do número de localidades, seguir a sugestão de Nascentes em suas *Bases para elaboração do Atlas linguístico do Brasil* (1958), nas quais constam, para a Bahia, 39 localidades, que incluem sedes de município, vilas e povoados.

No entanto, refletindo sobre essa sugestão, há que se considerar que as necessidades de um atlas nacional são diferentes das demandas de um atlas regional, como o que se estava prestes a ser construído. Nesse sentido, Rossi comenta, na *Introdução*, que “[...] os pontos convenientes para dar uma visão da Bahia na extensão do Brasil podem deixar de ser os mais indicados para dar visão dos fatos propriamente baianos” (Rossi, 1965, p. 22).

No Quadro 5 a seguir, tem-se a distribuição da seleção de pontos para o atlas, com destaque para os que coincidem com Nascentes (1958), bem como a situação atual, mesorregiões e microrregiões, de acordo com a divisão geográfica do IBGE (Brasil, 2021).

Quadro 5 – APFB: Distribuição dos pontos por localidade e divisão geográfica²⁰

Ponto	Localidades	Situação atual	Mesorregião	Microrregião	
49	São Desidério		Extremo Oeste Baiano	Barreiras	
46	Ibipetuba	Santa Rita de Cássia		Cotegipe	
47	Taguá	Distrito de Cotegipe			
44	Santana			Santa Maria da Vitória	
48	Correntina				
39	Carnaíba do Sertão	Distrito de Juazeiro	Vale Sanfranciscano da Bahia	Juazeiro	
40	Sento Sé				
41	Pilão Arcado			Paulo Afonso	
37	Rodelas			Barra	
38	Pambu	Distrito de Abaré		Bom Jesus da Lapa	
42	Barra				
43	Paratinga				
45	Carinhanha				
26	Campo Formoso			Centro Norte Baiano	Senhor do Bonfim
32	Iraporanga	Vila de Iraquara			Irecê
27	Jacobina		Jacobina		
30	Morro do Chapéu		Itaberaba		
28	Mundo Novo				
29	Itaberaba				
18	Ipirá				
19	Água Fria		Feira de Santana		
20	Pedra Branca	Povoado de Santa Terezinha			
13	Jeremoabo		Nordeste Baiano		Jeremoabo
14	Monte Santo			Euclides da Cunha	
16	Vila Velha	Povoado de Itapicuru		Ribeira do Pombal	
15	Mirandela	Distrito de Banzaê		Serrinha	
17	Conceição do Coité			Alagoinhas	
2	Aporá			Entre Rios	
1	Abadia	Distrito de Jandaíra			

Fonte: Elaboração própria, com base no APFB (Rossi et al, 1963) e dados do IBGE (Brasil, 2021).

²⁰ Entre 1989 e 2017, o Brasil era dividido em mesorregiões e microrregiões, conforme a classificação do IBGE. Em 2017, essas divisões foram substituídas por regiões geográficas intermediárias e imediatas. No entanto, para fins de análise, considerando que os dados dos atlas em estudo foram coletados na década de 60 (APFB e ALS) e entre 2003 e 2009 (Projeto ALiB), não há problema em usar os termos “micro” e “mesorregiões” para fins de descrição, uma vez que a pesquisa aqui realizada deixa claro o contexto histórico e geográfico em que esses termos foram utilizados.

Quadro 5 – APFB: Distribuição dos pontos por localidade e divisão geográfica atual (continuação)

Ponto	Localidades	Situação atual	Mesorregião	Microrregião	
3	Rio Fundo	Distrito de Terra Nova	Região Metropolitana de Salvador	Catu	
4	Santiago do Iguape	Cachoeira		Santo Antônio de Jesus	
5	Abrantes	Distrito de Camaçari		Salvador	
31	Brotas de Macaúbas		Centro Sul Baiano	Boquira	
34	Macaúbas			Seabra	
33	Mato Grosso	Rio de Contas		Jequié	
21	Maracás			Guanambi	
22	Jiquiriçá			Brumado	
35	Caetité			Vitória da Conquista	
36	Condeúba			Itapetinga	
23	Boa Nova			Valença	
24	Vitória da Conquista			Sul Baiano	Ilhéus – Itabuna
25	Encruzilhada				Porto Seguro
6	Velha Boipeba	Povoado de Cairu			
7	Faisqueira	Povoado de Ubaitaba			
8	Poxim do Sul	Canavieiras			
9	Santa Cruz Cabrália				
10	Buranhém	Distrito de Guaratinga			
11	Prado				
12	Mucuri				
50	Ibiranhém	Distrito de Mucuri			

Fonte: Elaboração própria, com base no *APFB* (Rossi et al, 1963) e dados do IBGE (Brasil, 2021).

Na sequência, são trazidos comentários sobre o instrumento de inquérito adotado para elaboração do *APFB*.

3.2.1.2 O Extrato de Questionário (EQ) do *APFB*

Sem modelo anterior para que a equipe pudesse se basear, o questionário foi elaborado a partir das experiências adquiridas durante as atividades desenvolvidas, bem como das viagens para aprimoramento e testagem do instrumento de inquérito, realizadas aos quatro municípios, entre os anos de 1958 – Bom Despacho – e 1959 – São José das Itapororocas, Tanquinho e São Vicente. As 3.600 questões iniciais foram divididas em quatro grandes áreas semânticas: Terra, Vegetais, Homem e Animais, e foram aplicadas a informantes rurais dos referidos municípios, de modo a proporcionar um estudo detalhado de várias lexias, do que resultou o Extrato de Questionário (EQ).

O EQ, basicamente léxico-semântico, é formado por 182 perguntas, numeradas de 1 a 164, com 33 desdobradas em A e uma em B e C (19, 19A, B e C), com o objetivo de, além de verificar a existência da forma como tal, apurar da forma mais exata possível o seu significado, bem como a identificação das variantes. As questões estão distribuídas conforme a sua aproximação semântica, incluindo as áreas agricultura, pecuária, anatomia e fisiologia

humana, culinária e alimentação, geografia e astronomia, e foram aplicadas seguindo o método da formulação indireta.

Além dessa característica, a equipe optou por utilizar o que chamaram de “teste de identificação²¹”, considerado inclusive uma inovação, posto que não era um procedimento usual nessa época. Consistia numa espécie de checagem após a finalização do questionário, em que se perguntava, em interrogação direta, se se conhecia determinada lexia, solicitando ao informante maiores informações acerca do seu significado e/ou utilização.

Esse teste objetivava recolher respostas não obtidas durante o inquérito – ou que tinham sido coletadas quando da realização dos inquéritos experimentais – e/ou corrigir equívocos tanto na elaboração da pergunta como na obtenção das respostas. A resposta dada nessas circunstâncias, independentemente de ser negativa ou positiva, era controlada com rigor pela equipe e, quando pertinente, passou a ser considerada e a compor as cartas linguísticas. Essa metodologia atribuiu ao questionário um aspecto incomum a trabalhos dessa natureza.

3.2.1.3 Os inquiridores, inquéritos linguísticos e perfil dos informantes do *APFB*

No que se refere aos registros dos inquéritos, estes foram iniciados no dia 31 de outubro de 1960 e finalizados no dia 7 de abril de 1961, quando já se tinha iniciado a fase de elaboração das cartas. Os inquéritos ocorreram aos pares, sendo um informante para cada par, em sua maioria, o que ofereceu ao trabalho a possibilidade de entrevistar dois indivíduos, no momento das entrevistas e aplicação do questionário.

Foram inquiridos 100 indivíduos, distribuídos da seguinte forma: no primeiro ponto, correspondente ao número 5 do atlas (Abrantes), todos os inquiridores compareceram (além do coordenador Nelson Rossi, mais oito licenciadas em Letras) e trabalharam com seis informantes, também aos pares. Em dois pontos (Rio Fundo e Velha Boipeba), foram entrevistados três informantes; em 41 pontos, dois, e, em seis deles, apenas um informante, em que esteve apenas o professor Rossi.

Os informantes precisavam atender aos critérios metodológicos usualmente adotados até aquele momento para pesquisas de cunho dialetal, condizentes com as necessidades de mapeamento linguístico com uma mentalidade diatópica – terem nascido nas respectivas regiões ou nela viverem desde os cinco anos de idade, não terem passado mais de um terço da

²¹ Para maiores informações sobre esse recurso metodológico, ver o texto de Rossi: Significado e significante nos inquéritos dialetais: um procedimento heterodoxo. In: Congresso Internacional da Associação Linguística e filologia da ALFAL, 2, 1969. São Paulo. *Atas...* São Paulo: USP, 1987, p. 265-275.

vida fora da comunidade, e, caso tivessem vivido em outra região, que não fossem os primeiros ou os mais recentes anos de vida, além de serem filhos de nativos; deveriam ter baixa ou nula escolaridade e serem de ambos os sexos.

Os informantes e os respectivos pontos de inquérito, incluindo os circunstantes, podem ser melhor visualizados na tabela seguinte (os pontos em destaque dizem respeito aos que foram selecionados para a tese, como se verá mais adiante).

Quadro 6 – APFB: distribuição dos informantes por ponto, localidade, sexo e idade

Ponto	Localidade	Informante	Sexo	idade
1	Abadia	A	M	50
		B	F	68
2	Aporá	A	M	60
		B	F	62
3	Rio Fundo	A	M	50
		B	F	59
		Circ ²² .	F	25
4	Santiago do Iguape	A	F	60
		B	M	68
5	Abrantes	B-Fr	F	25
		F-P	F	37
		G-L	M	55
		I-R	F	45
		IR ²	M	54
		N	M	60
6	Velha Boipeba	A	F	50
		B	F	62
		C	M	33
7	Faisqueira	A	F	55
		B	M	56
8	Poxim do Sul	A	F	56
		B	M	66
9	Santa Cruz Cabrália	A	F	70
		B	M	65
		Circ.	F	56
10	Buranhém	A	F	25/30
		B	M	30
		B	F	50
11	Prado	A	F	-
		B	F	50
12	Mucuri	A	M	36
		B	F	29
13	Jeremoabo	A	M	56
		B	F	37/38
14	Monte Santo	A	M	75
		B	F	35
15	Mirandela	A	F	40
		B	M	59
16	Vila Velha	A	F	50
		B	M	40
17	Conceição do Coité	A	F	54
		B	M	61

²² Circunstantes.

Fonte: Elaboração própria com dados do *APFB* (Rossi *et al*, 1963).

Quadro 6 – APFB: distribuição dos informantes por ponto, localidade, sexo e idade (continuação)

Ponto	Localidade	Informante	Sexo	idade
18	Ipirá	A	M	31
		B	F	32
19	Água Fria	A	M	64
		B	F	90
20	Pedra Branca	A	F	41
		B	M	84
21	Maracás	A	M	45
		B	F	39
22	Jiquiriçá	A	M	30
		B	F	43
23	Boa Nova	A	M	53
		B	F	30
24	Vitória da Conquista	A	F	36
		B	F	50
25	Encruzilhada	A	F	31
		B	M	32
26	Campo Formoso	A	M	38
		B	F	70/80
27	Jacobina	A	F	66
		B	F	78
28	Mundo Novo	A	F	45/50
		B	F	34
		Circ.	M	37
29	Itaberaba	A	F	60
		B	M	40/45
30	Morro do Chapéu	A	F	37
		B	M	60
31	Brotas de Macaúbas	A	M	48
		B	F	35
32	Iraporanga	A	M	52
		B	F	80
33	Mato Grosso	A	M	51
		B	F	33
34	Macaúbas	A	F	40/50
		B	M	73
35	Caetité	A	F	46
		B	F	54
		Circ.	F	22
		Circ.	F	40
36	Condeúba	A	F	30/35
		B	M	25
37	Rodelas	A	F	54
		B	F	42
38	Pambu	A	M	53
		B	F	31
39	Carnaíba do Sertão	A	M	66
		B	F	58
40	Sento Sé	A	F	56
		B	M	72

Fonte: Elaboração própria com dados do APFB (Rossi *et al*, 1963).

Quadro 6 – APFB: distribuição dos informantes por ponto, localidade, sexo e idade (continuação)

Ponto	Localidade	Informante	Sexo	idade
41	Pilão Arcado	A	F	40
		B	M	46
42	Barra	A	F	80
		B	M	50
43	Paratinga	A	F	45
		B	F	25
44	Santana	A	F	52
45	Carinhanha	A	M	51
46	Ibipetuba	A	M	37
47	Taguá	A	M	30
48	Correntina	A	M	52
49	São Desidério	A	M	25
50	Ibiranhém	A	F	45
		B	F	28

Fonte: Elaboração própria com dados do APFB (Rossi *et al.*, 1963).

A equipe registrou, ainda, respostas ocasionais, consideradas relevantes, fornecidas pelos circunstantes da pesquisa, ou seja, cinco acompanhantes que acabaram interferindo e/ou complementando as entrevistas: quatro mulheres e um homem.

Algumas dessas respostas foram consideradas para o presente estudo, visto que figuram nas cartas analisadas, como *quenquém*, para a questão 139 (galinha d'angola), referente ao ponto 35, em Caetitê, e *changuetchuga*, para a questão 137 (sanguessuga), para o ponto 9, em Santa Cruz Cabralia. Ambas constam nas cartas 114 e 128, respectivamente, e são discutidas na seção de análise.

Alguns comentários podem ser feitos acerca da distribuição por idade. Como o objetivo do APFB era revelar aspectos diatópicos, a seleção dos sujeitos não levou em conta o estabelecimento de agrupamentos etários. Contudo, da seleção dos 100 informantes que compuseram a pesquisa, uma vez que as idades oscilam entre 25 a 84 anos, a maioria situa-se entre a faixa intermediária – entre 30 a 59 anos, somando um total de 68 indivíduos.

Essa distribuição etária, de acordo com as idades fornecidas pelos informantes, pode ser vista na Tabela 1 a seguir.

Tabela 1 – Distribuição dos informantes do APFB por idade

APFB	não inform.	20 -29	30 - 39	40 - 49	50 - 59	60 - 69	70 - 79	80- 84	Total
A	1	2	10	10	7	6	2	1	49
B	0	4	10	6	0	7	4	2	43
C	0	1	1	0	0	0	0	0	2
Abrantes	0	1	1	1	2	1	0	0	6
Total	1	8	22	17	29	14	6	3	100

Fonte: Elaboração própria, com base em Rossi (1963).

Quanto à classificação dos informantes em A ou B, essa não seguiu critérios de sexo, ou hierarquizantes, mas foram escolhidos de acordo com a ocorrência das respostas: as mais confiantes foram identificadas como A, “[...] seja por parecer mais próximo do ideal teórico, seja por ter decorrido do inquérito com ele em circunstâncias mais favoráveis” (Rossi, 1965, p. 38), sendo, tanto B quanto A, válidas.

Além disso, a equipe acreditou ser necessário fazer essa distinção para que fosse possível, em estudos futuros, identificar peculiaridades no falar dos indivíduos, conforme cada região pesquisada. Já a distribuição em C foi utilizada para as localidades em que se entrevistaram três informantes, em específico, os pontos 3, Rio Fundo, e 6, Velha Boipeba. Para Abrantes, não há distinção entre o sexo dos seis informantes inquiridos. Ainda quanto à idade, um informante do sexo feminino não teve a idade registrada para o ponto 11, referente à localidade de Prado.

No que diz respeito ao sexo dos informantes, dos 44 pontos onde estiveram pares de inquiridores, em oito só se inquiriram informantes do sexo feminino; em seis pontos houve apenas um inquiridor, onde se entrevistaram cinco informantes de sexo masculino e um do sexo feminino, o que resultou na aplicação do inquérito, ao todo, a 57 mulheres e 43 homens.

No que concerne ao grau de instrução, todos são analfabetos ou semialfabetizados, conforme exigências adotadas pelos estudos dialetais, comuns a esta fase da Dialetologia e da Geografia Linguística, conhecidos como *Nonmobile, Older, Rural Male* (NORM), como definiram Chambers e Trudgill ([1980] 1994, p. 57), ou Homem, Adulto, Rurícola, Analfabeto e Sedentário (HARAS), acrônimo proposto por Zágari (2005, p. 52). Sobre o que se pode considerar como semialfabetizados, estes são, na verdade, informantes que sabiam assinar o próprio nome, ou passaram, precariamente, pela escola, o que não os diferenciam dos analfabetos.

3.2.1.4 As cartas linguísticas do APFB

Das pesquisas realizadas para a elaboração do atlas se chegou a 209 cartas, com informações lexicais e fonéticas, organizadas da seguinte forma: 198 cartas linguísticas, das quais 44 são cartas-resumo, que identificam e apresentam de forma objetiva dados que constam de forma analítica nas cartas a que se referem.

Há, nas páginas que as precedem, informações relativas ao histórico das localidades, dados dos informantes, bem como detalhamentos sobre os critérios de apresentação das respostas, transcrição fonética, e, complementarmente, há onze cartas introdutórias. Estas

contêm, em distribuição cartográfica, o que já consta nas páginas preliminares, como a localização da Bahia no Brasil, a proposta de divisão dialetal e a delimitação do “falar baiano”, apresentadas por Nascentes (1953), as dezesseis Zonas Fisiográficas, nomes oficiais, regionais e anteriores das localidades. Inclui a população, situação administrativa e a freguesia a que pertencem, e, por fim, os inquiridores e transcritores de cada inquérito.

Uma importante característica referente às cartas são as notas²³ que as acompanham, consideradas, inclusive, mais uma inovação adotada pelo atlas pioneiro. São registros que trazem comentários sobretudo dos informantes, em transcrição grafemática, ao lado dos dados linguísticos por eles fornecidos. Isso permitiu a ampliação desses dados no nível do léxico, da fonética, da morfossintaxe, além de contribuir também para uma maior compreensão do ambiente cultural do informante, como pontua Ferreira (1998).

Essas notas, por trazerem elementos relativos ao discurso dos falantes, e até mesmo dos próprios autores, se configuram em relevante acervo sociocultural e de cunho etnográfico. Trazem, ainda, aspectos metodológicos adotados em determinadas etapas da pesquisa, como elaboração do questionário, realização do inquérito ou na seleção das formas cartografadas.

De caráter monodimensional, por abordar a perspectiva eminentemente diatópica, é um atlas que traz muitas informações de natureza etnográfica. Embora não traga essa indicação no título, conforme pontuaram Cardoso e Ferreira (1994), as ilustrações presentes em diversas cartas, bem como as referidas notas complementares evidenciam o seu viés etnolinguístico.

Por fim, o *APFB*, diante das dificuldades a que estiveram sujeitos os envolvidos e dadas as condições em que fora produzido, é considerado um documento de extrema relevância aos estudos dialetais, não somente por ter sido o primeiro, e de servir como parâmetro para diversos estudos posteriores, mas por se constituir em importante acervo linguístico e sociocultural.

3.2.2 Passos seguintes: *Atlas Linguístico de Sergipe - ALS*

Segundo atlas linguístico regional quanto à elaboração e quarto em publicação, o *ALS* traz contribuições significativas para os estudos dialetais, que vão muito além de representar o campo de estudos sobre o falar sergipano.

²³ Tais notas foram analisadas em trabalho desenvolvido por Nadja Andrade (1979), em sua dissertação de *Mestrado Léxico e explicação interdialetoal no APFB*, que consiste na descrição pormenorizada tanto dos recursos explicativos como de alguns procedimentos gramaticais utilizados pelos informantes.

Se inclui entre os que fornecem dados sobre a Região Nordeste do Brasil, sendo considerado um passo importante para o mapeamento linguístico da área dos falares baianos. Além disso, juntamente com o *APFB* e o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*²⁴, permite observar até que ponto Nascentes tinha razão ao incluir Sergipe, Bahia e o norte de Minas Gerais numa mesma área linguística, denominada de “Subfalar Baiano” (Nascentes, 1953).

De autoria de Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Nelson Rossi, Suzana Cardoso e Vera Rollemberg, equipe de dialetólogos da Universidade Federal da Bahia, o *Atlas Linguístico de Sergipe* inicia seus trabalhos em 1963, tendo sido publicado em 1987, embora seus originais estivessem prontos desde 1973, mas, por questões financeiras, se tornou público apenas catorze anos depois.

O *ALS* se configura como um documento linguístico de inegável contribuição, não só para a geolinguística brasileira, mas também para diversas áreas do conhecimento. Ganha em originalidade e pioneirismo, visto que é o primeiro atlas em terras brasileiras a incluir outro aspecto em sua cartografia, como a variável sexo.

Por esta razão, é considerado um atlas de caráter pluridimensional – mais especificamente bidimensional e de segunda geração – por trazer em suas cartas notas interpretativas, assim como o *APFB*. Tamanho é o acervo deste atlas que permitiu a publicação, em 2002, de um segundo volume, o *Atlas Linguístico de Sergipe II*,²⁵ de autoria de Suzana Cardoso, que se debruçou sobre materiais inéditos e preservados em acervo.

3.2.2.1 A rede de pontos do *ALS*

A seleção seguiu, para Sergipe, o mesmo princípio adotado pelo *APFB*: estudos detalhados de cada comunidade, considerando dados relevantes – antiguidade da localidade, grau de isolamento, formação histórica, características culturais, posição no contexto dos municípios do Estado, referências de ordem linguística, por exemplo, chegando-se a um total de 15 pontos.

Comparando-se a seleção dos dois atlas, pode-se afirmar que o *ALS* apresenta uma rede ainda mais densa que a da Bahia, proporcionalmente, como descreve Cardoso (2005, p.

²⁴ Publicado em 1977 e tendo como autores José Ribeiro, Mário Zágari, José Passini e Antônio Gaio.

²⁵ O *ALS-II*, desenvolvido como tese de doutoramento de Cardoso, expandiu o *corpus* não explorado no atlas anterior, com o objetivo de dar prosseguimento aos dados coletados entre 1966 e 1967 e não explorados, tendo como foco a área semântica “homem”. Além disso, há destaque para a perspectiva diasssexual, com a apresentação de dados estatísticos. É composto por um total de 108 cartas, sendo 105 de natureza semântico-lexical e 3 introdutórias.

110): “Se na Bahia, para uma área de 561.026km², foram estabelecidos 50 pontos, para Sergipe, numa área de 21.944 km² foram fixados 15 pontos.”. Além disso, Sergipe foi incluído na escolha para dar prosseguimento ao trabalho feito na Bahia por conta da continuidade geográfica, e ainda, por causa da maior facilidade de acesso, já que foi realizado pela mesma equipe.

A respeito da proposta de Nascentes (1958) para o Estado de Sergipe, este selecionou 16 localidades, havendo, com o *ALS*, coincidência com sete pontos: Brejo Grande, São Cristóvão, Simão Dias, Divina Pastora, Gararu, Propriá e Estância, estas últimas coincidentes com o Projeto ALiB, que incluem, também, a capital Aracaju.

A rede pontos, de acordo com as localidades, bem como as respectivas mesorregiões, microrregiões, as sete coincidências com Nascentes, em destaque e a seleção para análise da tese (em negrito), podem ser observadas no Quadro 7.

Quadro 7 – ALS: Distribuição dos pontos por localidade e divisão geográfica

Ponto	Localidade	Mesorregião	Microrregião
51	Santa Luzia do Itanhy	Leste Sergipano	Estância
53	Estância		
52	Tomar do Geru		Boquim
54	Pedrinhas		Aracaju
55	São Cristóvão		Estância
56	Itaporanga d’Ajuda		Baixo Cotinguiba
57	Laranjeiras		Cotinguiba
59	Divina Pastora		Propriá
61	Brejo Grande		
62	Propriá		
58	Simão Dias	Agreste Sergipano	Tobias Barreto
60	Ribeirópolis	Sertão Sergipano	Carira
63	Nossa Senhora da Glória		Sergipana do Sertão de São Francisco
64	Gararu		
65	Currálinho (distrito de Poço Redondo)		

Fonte: Elaboração própria, com base em Ferreira e outros (1987).

Embora o *ALS* seja, em certa medida, uma continuação das investigações iniciadas na Bahia, tanto no espaço como na metodologia, como já dito, há algumas inovações com relação ao *APFB*, tais como:

- Aplicação de inquéritos gravados em todas as localidades que constituíram a rede de pontos do atlas;
- Maior amplitude do questionário definitivo;
- Orientações, por escrito, no próprio questionário, de como realizar as perguntas, em cada item; e
- Inclusão de dois informantes por sexo, em cada ponto.

3.2.2.2 O questionário do *ALS*

O instrumento de inquérito utilizado para a recolha dos dados partiu integralmente do que foi utilizado na Bahia, ao que se acrescentaram perguntas à investigação preliminar, chamada de etapa experimental. Esta se dividiu em duas etapas: a primeira, de carácter mais geral, ocorreu entre 1963 e 1964; a segunda, em versão definitiva, entre 1966 e 1967.

A finalização do questionário definitivo resultou em 687 perguntas, numeradas de 1 a 674, somadas a mais 13, desdobradas em A, além das 164 retiradas do *Extrato de Questionário* aplicado para o *APFB* e 506 seleccionadas dos questionários preliminares. Ao final, as questões se dividem em quatro áreas temáticas, que incluem: 62 perguntas sobre Terra (1 a 62); 80 sobre Vegetais (63 a 143); 237 sobre Homem (144 a 381) e 292 sobre Animais (382 a 674), que deram origem às cartas de itens onomasiológicos já incluídos no *APFB*.

Com relação à Bahia, conforme descreve Cardoso (2005, p. 112), há, como se pode ver, uma inovação metodológica:

[...] cada item se faz acompanhar de um breve texto em que se formula a pergunta referente ao que se quer investigar. Tal procedimento tinha como objetivo assegurar um mínimo de homogeneidade na forma de inquirição, eliminando, assim, possíveis ruídos na comunicação decorrentes de maneiras divergentes de perguntar por um mesmo objeto ou situação.

Outra característica constatada na metodologia do *ALS* é a utilização, também, do teste de identificação, já mencionado e utilizado pela equipe do *APFB*.

3.2.2.3 Os inquiridores, inquéritos e perfil dos informantes do *ALS*

Os inquiridores – um homem e quatro mulheres – eram pesquisadores do Grupo de Dialectologia da UFBA, que participaram de todas as etapas do projeto, o que garantiu à equipe o conhecimento acerca do instrumento de inquérito a ser aplicado para a recolha dos dados. Aos pares, trabalharam, sistematicamente, com um informante para cada uma das localidades investigadas.

A escolha dos informantes seguiu critérios utilizados pela tradição da Dialectologia, como já mencionado, tais como pessoas de pouca ou nenhuma escolaridade, pouco hábito de deslocamento, filhos de moradores da região, preferentemente de mais idade, filhos de pais da mesma localidade.

Dos 30 informantes, 21 são analfabetos, oito, semianalfabetos e apenas um alfabetizado. Quanto à faixa etária, variam entre 21 e 65 anos que, organizados em três grandes grupos, fornecem informações relevantes sobre o perfil etário dos indivíduos: o primeiro, de 30 a 39 anos, com 11 informantes; o segundo, de 40 a 49 anos, com 13 informantes; e o terceiro a partir de 50 anos, com seis informantes. A maioria está entre os dois primeiros grupos, 30 e 48 anos, somando 24 indivíduos, estando seis indivíduos entre os sujeitos mais velhos, como pode ser observado no quadro a seguir.

Quadro 8 – Distribuição dos informantes do *ALS* por idade/sexo

Idade	Sexo		Faixa Etária
	Masculino	Feminino	
30 a 39 anos	4	7	I
40 a 48 anos	8	5	II
50 a 65 anos	3	33	III

Fonte: Elaboração própria, com base em Ferreira e outros (1987) e adaptado de Cardoso (2005).

Importante destacar que a escolha dos informantes incluiu, em cada ponto da rede, sistematicamente, uma mulher e um homem, identificados nas cartas, como A e B, respectivamente, o que concede ao atlas, nos dizeres de Cardoso (2005, p. 114), a “[...] primazia de tratar, no Brasil e pela primeira vez de modo sistemático e explicitado nos cartogramas, uma variável social.”.

Como observa a autora, essa inclusão, e conseqüente a possibilidade de controle da variável sexo, coloca o *ALS* entre os três primeiros atlas pluridimensionais do mundo, conforme salienta Thun (1998, p. 375), na já mencionada publicação *Dialectologie, géolinguistique, sociolinguistique*:

Les premiers représentants d’un atlas linguistique systématiquement pluridimensionnel son l’*Atlas Lingüístico de Sergipe*, Bahia 1987, de Carlota da Silveira FERREIRA et alii, le microatlas aranéen contenu dans la monographie de Otto WINKELMANN (1980) et l’*Atlas Linguístico do Paraná* (ALP), Curitiba 1994, de Vanderci de Andrade AGUILERA, ouvrages qui ont le grand mérite d’être déjà publiés. Ces trois atlas sont bidimensionnels. Les deux atlas brésiliens ajoutent à la dimension diatopique la variable diasexuelle qui s’étend, en principe, à tous les points du réseau. Le petit atlas d’O. WINKELMANN est diatopique et diagénérationnel (3 localités, 3 groupes d’âge)²⁶.

A distribuição dos informantes de acordo com o sexo e a idade, por ponto de inquérito, com destaque para as localidades da tese (em negrito), pode ser vista no quadro seguinte.

²⁶ Os primeiros representantes de um atlas linguístico sistematicamente pluridimensional são o *Atlas Lingüístico de Sergipe*, Bahia 1987, de Carlota da Silveira FERREIRA et alii, o microatlas aranéen contido na monografia de Otto WINKELMANN (1980) e o *Atlas Lingüístico do Paraná* (ALP), Curitiba 1994, de Vanderci de Andrade AGUILERA, obras que têm o grande mérito de já terem sido publicadas. Esses três atlas são bidimensionais. Os dois atlas brasileiros adicionam à dimensão diatópica a variável diassexual, que se estende, em princípio, a todos os pontos da rede. O pequeno atlas de O. WINKELMANN é diatópico e diageneracional (3 localidades, 3 grupos etários). (Tradução da autora).

Quadro 9 – ALS: distribuição dos informantes por ponto, localidade, sexo e idade

Ponto	Localidade	Informante	Sexo	idade
51	Santa Luzia do Itanhy	A	F	52
		B	M	65
52	Tomar do Geru	A	F	48
		B	M	50
53	Estância	A	F	30
		B	M	36
54	Pedrinhas	A	F	42
		B	M	35
55	São Cristóvão	A	F	44
		B	M	38
56	Itaporanga D'Ajuda	A	F	65
		B	M	35
57	Laranjeiras	A	F	39
		B	M	44
58	Simão Dias	A	F	35
		B	M	42
59	Divina Pastora	A	F	37
		B	M	45
60	Ribeirópolis	A	F	50
		B	M	48
61	Brejo Grande	A	F	37
		B	M	45
62	Propriá	A	F	40
		B	M	59
63	Nossa Senhora da Glória	A	F	35
		B	M	47
64	Gararu	A	F	42
		B	M	42
65	Curalinho	A	F	38
		B	M	40

Fonte: Elaboração própria com base em Ferreira e outros (1987).

Quanto aos aspectos diageracionais, apesar de não estarem presentes nas cartas, estes podem ser consultados na introdução do atlas, em que se podem acessar todas as informações referentes aos informantes, tais como sexo, faixa etária, escolaridade, profissão e detalhes das localidades a que pertencem.

3.2.2.4 As Cartas linguísticas do ALS

A cartografia dos dados se estrutura da seguinte forma: além das 11 cartas introdutórias que compuseram o atlas, em que se registram informações fisiográficas, há 12 cartas que reúnem dados da Bahia e Sergipe – as cartas BA-SE e há, para cada uma delas,

correspondências no *APFB*, em um total de 256 perguntas cartografadas, com dados registrados em transcrição fonética.

Além disso, no verso de cada carta há notas e especificações e, sempre que necessário, incluiu-se a transcrição grafemática e comentários dos informantes. Essas notas, por tratarem de aspectos outros que não os estritamente linguísticos, trazem informações que extrapolam o registro em mapa linguístico, avançando na interpretação dos fenômenos investigados. Trazem, também, aspectos de cunho sociolinguístico e até mesmo antropolinguístico.

A esse respeito, comenta Cardoso:

A Dialectologia, pelo seu método, que não se contenta apenas em ouvir e anotar denominações para as ‘coisas’ buscadas, mas procura explicações que caracterizem e descrevam os usos, faculta e estimula uma visão antropológica dos atos da língua, fornecendo dados que permitem o entendimento dos usos linguísticos no contexto da sociedade que deles se beneficia (Cardoso, 2005, p. 130).

Os atlas bidimensionais incluem pelo menos um aspecto social além da diatopia, como se vê no *ALS*, em que há a sistematização dos informantes selecionados em masculino e feminino, um para cada localidade, permitindo a observação do fator sexo.

Em resumo ao que foi dito, o *ALS* – em seus dois volumes – no que se refere ao aspecto dimensional, consiste em material linguístico que contempla essa perspectiva, primeiro, por trazerem comentários interpretativos dos dados em suas notas, e na sequência, acrescentam ao enfoque diatópico, de forma sistemática, em cada ponto de inquérito, informações de viés sociolinguístico, no que concerne ao sexo dos informantes.

3.2.3 Rotas Atuais: Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB

Após a primeira manifestação oficial realizada por meio do Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952, como visto na seção anterior, somada à iniciativa de Antenor Nascentes, ao publicar as *Bases* em 1958, por iniciativa da pesquisadora Suzana Cardosos, em 1996, deu-se início aos trabalhos para a concretização do Projeto ALiB.

Incorporam-se os princípios implementados pela Sociolinguística a partir da década de 60, e passa-se a adotar uma visão pluridimensional, descartando a perspectiva monodimensional, “[...] meramente monoestrática, monogeracional, monogenérica, monofásica, etc”, como menciona Cardoso (2010, p. 142). Estes princípios culminam numa Geolinguística pluridimensional contemporânea proposta por Thun no *Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes: Vivacité et diversité de la variation linguistique*, com o trabalho da seção “Dialectologie, géolinguistique, sociolinguistique” (cf. Thun, 1998, p. 367-386).

O primeiro volume relata, principalmente, a história de construção do *Atlas*, bem como a metodologia adotada – escolha da rede de pontos, elaboração dos questionários e seleção de informantes –, além da descrição dos métodos utilizados para a cartografia dos dados.

O segundo volume refere-se ao detalhamento de aspectos das capitais brasileiras e dos 200 informantes selecionados (excluindo Palmas e Brasília por questões metodológicas). Ele apresenta um conjunto de 159 cartas linguísticas, abrangendo os níveis fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático (Cardoso *et al.*, 2014). Nele, estão compilados os primeiros mapas linguísticos do *ALiB*, além de 10 cartas introdutórias, que oferecem uma visão geral da metodologia utilizada no projeto, dos objetivos e da organização do atlas. Nas 159 cartas abordam os aspectos teóricos e práticos da pesquisa linguística, incluindo a seleção dos informantes, as regiões pesquisadas e os critérios de análise dos dados coletados.

Foi publicado, também, o volume 3 (Mota, Ribeiro e Moreira, 2023), que apresenta comentários sobre as cartas do volume 2.

Em fase de publicação estão os volumes 4 e 5, dedicados à cartografia de outros fatos linguísticos documentados ainda nas capitais (v. 4) e ao comentário desses fatos (v. 5). Quanto às localidades do interior, essas devem compor os volumes 6 e 7.

O Atlas Linguístico do Brasil inclui-se entre os atlas pluridimensionais que englobam, além da variação diatópica, as variações diageracional, diassexual, diafásica e diastrática. Esse caráter exigiu o desenvolvimento de uma metodologia que desse conta da elaboração de cartas que possibilitassem o registro tanto dos aspectos linguísticos como geográficos, inerente a todos os atlas, com o que há de mais moderno da Cartografia atual.

3.2.3.1 A rede de pontos do Projeto ALiB

Um dos procedimentos metodológicos fundamentais em pesquisas dialetais, a rede de pontos consiste em objetivo importante para garantir a recolha dos dados, de modo a conceber a totalidade da variação diatópica da língua em uso. Dessa forma, a escolha dessa rede de pontos de inquérito influenciará no resultado final do atlas.

Para a construção do ALiB, foram realizados 1.100 inquéritos definitivos, entre os anos de 2001 a 2013, perfazendo um total de 277.851 quilômetros percorridos pelas equipes regionais. Assim, se estabeleceu uma rede de pontos que engloba 250 localidades do Brasil, que vai do Oiapoque (ponto 1) ao Chuí (ponto 250), e inclui 25 capitais. Definir esses pontos,

considerando a extensão do país, que possui uma dimensão geográfica de proporções continentais, representou um grande desafio.

O Brasil é o sétimo país do mundo em extensão territorial e em número de habitantes. Em 2010, eram quase 200 milhões de habitantes e, em 2021, registra-se um total de 203 milhões de pessoas (precisos 203.062.512 milhões), o que equivale a 2,7% da população mundial, conforme dados do IBGE (Brasil, 2023). Isso implica em dizer que, num país com 5.570 municípios, incluindo um Distrito Federal e um Estadual (o de Fernando de Noronha), definir uma rede de pontos que fosse capaz de mapear todo o território foi trabalho desafiador para a equipe do Projeto ALiB.

Considerando toda essa dimensão geográfica e densidade demográfica, era preciso selecionar as localidades com vista a alguns critérios que atendessem às necessidades específicas do Projeto, como discutem Isquierdo e Teles (2014), a saber:

- inclusão de pontos que garantissem a representatividade da documentação da variação espacial da língua;
- possibilidade de comparação posterior dos dados e
- a distribuição equilibrada desses dados no espaço geográfico, através da produção de cartas linguísticas.

Dito isso, percebe-se que os pontos deveriam cobrir todo o território brasileiro, ao mesmo tempo em que se selecionassem localidades que apresentassem tanto as diferenças como as semelhanças dialetais.

Os atlas linguísticos tradicionais, por terem um caráter rural, não abarcam os grandes centros urbanos na rede de pontos, visto que estes tinham um enfoque na investigação dos aspectos arcaizantes da linguagem. É o caso do *APFB* e *ALS* aqui investigados, que não trazem as capitais, por exemplo.

Já os atlas linguísticos contemporâneos, condizentes com uma metodologia mais moderna, incluem nos seus estudos os grandes centros, como o Projeto ALiB que, por ser um atlas de caráter urbano, segue as diretrizes da dialetologia pluridimensional. Nesse sentido, contempla o mapeamento das capitais do país.

Considerando que o ALiB incide num documento que se propôs a alcançar um grande domínio espacial, ao registrar fatos linguísticos mais gerais, passíveis de intercomparação em âmbito nacional, traz, em sua rede de pontos, o atendimento aos seguintes critérios de seleção e distribuição, como descrevem Isquierdo e Teles (2014):

- proposta de Nascentes (1958);

- densidade demográfica;
- zonas dialetais já pesquisadas;
- pontos de inquérito bem distribuídos (homogêneos); e
- seleção de localidades importantes sob o viés do bilinguismo e da diglossia – que incluíssem regiões fronteiriças com limites internacionais.

Além disso, a seleção mapeia zonas de grande influência alemã e italiana, tanto no Rio Grande do Sul como no Espírito Santo. Excluiu, no entanto, áreas indígenas, por ter como foco a descrição da língua portuguesa, embora tenha incluído pontos de grande ocupação indígena, a exemplo de pontos selecionados em Mato Grosso, Pará e Amazonas.

Após a delimitação dos critérios e partindo primordialmente da proposta de Nascentes (1958), que abarcava um total de 614 pontos (embora, em sua tese de doutorado, ao revisar tal proposta, Teles, em 2018 tenha confirmado 602 dessas localidades sugeridas), chegou-se a 250²⁷ pontos de inquérito. Como se pode constatar na tabela, desses, 163 passam pelos sugeridos por Nascentes (1958).

Dito isso, a rede de pontos do ALiB, de acordo com cada Região, ficou assim:

Tabela 2 – Distribuição da rede de pontos por Região em comparação com a proposta de Nascentes em *Bases*

Região	Projeto ALiB	Nascentes
Sudeste	80	53
Nordeste	78	49
Sul	44	26
Norte	24	16
Centro-Oeste	24	19
Total	250	163

Fonte: Elaboração própria, com base em Isquierdo e Teles (2014).

A densidade demográfica também se mostrou um importante critério para seleção dos pontos, sobretudo por se comprovar uma transformação do país quanto ao tipo de população, deixando de ser eminentemente rural, passando a se configurar como urbana. A esse respeito, tem-se uma descrição, com base nos dados do IBGE (2007), em que se observa um Brasil rural, até a década de 1940, de base agrária, que passa a ser urbano, nos anos 2000.

Observa-se um considerável aumento populacional, passando de 41,2 milhões para 169,8 milhões, com uma taxa de urbanização que cresce de 31,3% para 81,2% no período de referência (IBGE, 2010). A taxa de crescimento populacional atinge seu pico entre as décadas de 1950 a 1970, iniciando uma queda a partir desse ponto.

²⁷ Para acesso à lista de todas as 250 localidades, ver site oficial do Projeto ALiB, disponível em: <<https://alib.ufba.br/>>. Acesso em: jan. 2024.

No entanto, entre 1940 e 2000, destaca-se a intensificação do caráter urbano da população brasileira, evidenciando uma generalização da urbanização no país ao longo do século XX, impulsionada pelo chamado turbilhão demográfico e pela terceirização. Esse fenômeno é caracterizado como macrourbanização e metropolização no Brasil, resultando em impactos significativos na realidade atual do país.

Antes, o perfil do país era bem marcado como um Brasil ora rural, ora urbano, com características distintivas entre ambos. Hoje, constata-se um Brasil urbano, mas que inclui áreas agrícolas e que desenvolve atividades de relações complexas, e, ao mesmo tempo, um Brasil rural, que abarca áreas agrícolas em que se tem atividades mais diretamente produtivas, tanto em cadeia de agricultura familiar quanto em outras formas de produção agrícola. Dessa forma, o território brasileiro apresenta duas dimensões: uma composta por espaços agrícolas, que incluem tanto pequenas propriedades de agricultura familiar quanto grandes propriedades do agronegócio, e outra formada por espaços urbanos que, por sua vez, se configuram como regiões agrícolas e regiões urbanas.

Com relação aos pontos de inquérito, ficou estabelecido que as localidades deveriam apresentar, quanto à densidade demográfica:

- número abaixo de 1,0, como as cidades do Acre, Roraima e Macapá;
- densidade demográfica baixa, em grandes áreas territoriais, como Mato Grosso e Amazonas;
- maior densidade populacional, como Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.

Considerando que os dados foram coletados no século XXI, com início em 2001, estes registram diversas faces do Brasil contemporâneo, em que se podem observar diferentes níveis de urbanidade e ruralidade, visto que há oscilações entre as configurações do falar urbano.

Assim, tem-se:

- (i) de um lado, informantes que habitam tanto grandes metrópoles, como São Paulo e Rio de Janeiro, em que se concentram 11 e 6 milhões, respectivamente – e aqui se incluem também cidades de médio porte, como Salvador, Fortaleza e Belo Horizonte, com cerca de 2 milhões de habitantes – e, por outro lado,
- (ii) cidades com menor contingente populacional, como as que estão localizadas nas regiões Norte e Centro-Oeste, em que se constata maiores áreas territoriais e baixa densidade demográfica.

Sobre o Nordeste, em particular, esta é uma região importante, em especial à sócio-história do português do Brasil. Composta por nove Estados, representa 18% de toda a distribuição em área territorial e tem o equivalente a 27,8% da população do país.

No que diz respeito ao Projeto ALiB, especificamente sobre a Região Nordeste, foram selecionados 78 dos 250 pontos de inquérito investigados. Vale destacar que é justamente nessa Região que se inicia o povoamento do Brasil, e também é aqui que começam as primeiras pesquisas geolinguísticas, como o *APFB*, *ALS*, aqui selecionados, e *ALPB*²⁸, apenas para citar mais um dos importantes trabalhos na área.

Há, ainda, aspectos relevantes quanto ao seu percurso histórico, que foram incluídos na seleção dos pontos, como Santa Cruz Cabralia (anteriormente, Porto Seguro), por exemplo: cidade-berço do início do povoamento e local de chegada das primeiras caravelas, à época do descobrimento, faz parte da seleção coincidente com o *APFB*, como se verá nas próximas subseções. Algumas das localidades do Nordeste que também possuem relevância histórica e estão incluídas na rede de pontos, por exemplo, são Olinda (PE), Limoeiro do Norte (CE), União dos Palmares (AL), Mossoró (RN), Campina Grande (PB) e Brejo (MA).

Sendo o ALiB um atlas eminentemente urbano, como já mencionado, sua seleção considerou as cidades-sede dos municípios. Nesse contexto, destaca-se a região Nordeste, que apresenta a maior concentração de pontos, abrangendo uma faixa populacional urbana entre 10.000 e 50.000 habitantes. A região Nordeste é a segunda maior em número de pontos, sendo superada apenas pelo Sudeste, que registra 80 pontos com população entre 50.000 e 100.000 habitantes, consolidando-se como a mais populosa do país.

A seguir, tem-se, brevemente, informações sobre os Estados da Bahia e Sergipe, focos da tese, bem como as redes de pontos que os compõem.

3.2.3.1.1 Bahia e Sergipe

Para o Projeto ALiB, foram selecionadas 22 localidades da Bahia. Dessas, doze são coincidentes com Nascentes e nove com o *APFB*. Na Tabela 3 seguinte, tem-se a apresentação dessas localidades, em comparação com a proposta de Nascentes e com o recorte realizado para o estudo aqui desenvolvido (em negrito).

²⁸ Terceiro atlas regional do Brasil, o *Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB)* faz parte do projeto “Levantamento Paradigma-Sintagmático do Léxico Paraibano” da UFPB, coordenado pelas professoras Maria do Socorro Silva de Aragão e Cleuza Bezerra de Menezes. Abrangeu 25 municípios bases e 3 satélites por base. O questionário, dividido em 289 questões gerais e 588 específicas, investigou diversos campos semânticos e os principais produtos agrícolas da Paraíba.

Tabela 3 – Rede de pontos: Projeto ALiB, Nascentes em *Bases*, *APFB* e a tese, em comparação

Localidade	Projeto ALiB	Nascentes	APFB	Tese
Algoíneas	X	X		
Barra	X	X	X	X
Barreiras	X			

Fonte: Elaboração própria, com base em Rossi (1963), Nascentes (1958) e nos dados do Projeto ALiB.

Tabela 3 – Rede de pontos: Projeto ALiB, Nascentes em *Bases*, *APFB* e a tese, em comparação (continuação)

Localidade	Projeto ALiB	Nascentes	APFB	Tese
Caetité	X	X	X	X
Caravelas	X	X		
Carinhanha	X	X	X	X
Euclides da Cunha	X			
Ilhéus	X	X		
Irecê	X			
Itaberaba	X		X	X
Itapetinga	X			
Jacobina	X	X	X	X
Jequié	X	X		
Jeremoabo	X	X	X	X
Juazeiro	X	X		
Salvador	X	X		
Santa Cruz Cabralia	X		X	X
Santana	X		X	X
Santo Amaro	X			
Seabra	X			
Valença	X			
Vitória da Conquista	X	X	X	X
Total	22	12	9	9

Fonte: Elaboração própria, com base em Rossi (1963), Nascentes (1958) e nos dados do Projeto ALiB.

Como se pode ver, das 22 localidades baianas selecionadas para o Projeto ALiB, doze coincidem com os pontos propostos nas Bases de Nascentes (1958) e nove com os pontos do *APFB*. A equiparação entre as três seleções é coincidente apenas para seis localidades: Barra, Caetité, Carinhanha, Jacobina, Jeremoabo e Vitória da Conquista. Para esta pesquisa interessam, dessas coincidências, Itaberaba, Santa Cruz de Cabralia e Santana, pois são os pontos de equivalência tanto no *corpus* do *APFB* como do Projeto ALiB.

Em oposição à Bahia, que apresenta a maior rede do Projeto ALiB, como já visto, Sergipe é o Estado em que se tem o menor número de pontos: Aracaju, Propriá e Estância.

Tabela 4 – Comparativo: rede de pontos - Projeto ALiB, Nascentes em *Bases* e *ALS*

Localidade	Projeto ALiB	Nascentes	APFB	Tese
Propriá	X	X	X	X
Estância	X	X	X	X
Aracaju	X			
Total	3	2	2	2

Fonte: Elaboração própria com base em Ferreira e outros (1987), Nascentes (1958) e nos dados do Projeto ALiB.

À exceção da capital, Aracaju, estes pontos coincidem entre os documentos, e são justamente os que fazem parte desta tese, como se observou na tabela.

3.2.3.2 O questionário do Projeto ALiB

Inicialmente, para a constituição do *corpus* do atlas, foram organizados questionários que permitiram investigar dados pluridimensionais através da diversificação do sexo, idade e grau de escolaridade nas capitais. Nesse sentido, foram realizados vários inquéritos experimentais, que passaram por diversas reformulações, resultando em três versões impressas (1998, 2000 e 2001) e versões de caráter restrito. Só a equipe regional Bahia, por exemplo, realizou 40 inquéritos desse tipo – entre 1997 e 2003 – como descreve Mota (2006).

Os questionários definitivos do Projeto ALiB se dividem em três partes, e seguem a tendência da geolinguística atual, indo além da produção de cartas fonético-fonológicas e semântico-lexicais, com vistas à observação de aspectos: (a) fonético-fonológicos (QFF) – 159 perguntas, às quais se juntam 11 questões de prosódia; (b) semântico-lexicais (QSL) – 202 perguntas; e (c) morfossintáticos (QMS) – 49 perguntas, totalizando 410 questões. Acrescentam-se a essas divisões por área temática quatro questões de pragmática, quatro temas para discursos semidirigidos (relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal), mais seis perguntas metalinguísticas e um texto para leitura – a “Parábola dos sete vimes”.

As 202 questões que integram o Questionário Semântico-Lexical (QSL), objeto de estudo desta pesquisa – com recorte para a área temática da fauna –, têm caráter onomasiológico e procuraram documentar a variação diatópica através da investigação de denominações de emprego geral em cada localidade. Estão distribuídas em 14 áreas temáticas, a saber: Acidentes Geográficos, Fenômenos Atmosféricos, Astros e Tempo, Atividades Agropastoris, Corpo Humano, Ciclos da Vida, Convívio e Comportamento Social, Religiões e Crenças, Jogos e Diversões Infantis, Habitação, Alimentação e Cozinha, Vestuário e Acessórios e Vida Urbana.

3.2.3.3 Inquiridores, inquéritos e perfil dos informantes do Projeto ALiB

Para dar conta das necessidades de execução de um atlas de proporção nacional, em consonância com a geolinguística pluridimensional contemporânea, no que diz respeito aos aspectos metodológicos, foi preciso estipular alguns requisitos no que se refere tanto à preparação dos inquiridores como à aplicação dos inquéritos.

Foram selecionados, ao todo, 1.100 informantes e, no que concerne à variável diassexual, estes foram distribuídos da seguinte forma: quatro por localidade nas cidades do interior (duas mulheres e dois homens), e oito, nas capitais (quatro mulheres e quatro homens). O Projeto ALiB levou em consideração, no que diz respeito à variação diageracional, duas faixas etárias em cada localidade: uma mais jovem e uma mais velha. A primeira faixa, dos 18 aos 30 anos, e a segunda, dos 50 aos 65 anos, permitiram o confronto de duas gerações e a observação de processos de variação linguística no decorrer do tempo.

Quanto à análise diastrática, que inclui o grau de escolaridade e a inserção do informante no contexto social local, foram selecionados informantes com endereço e profissão definidos. Sobre a escolaridade, optou-se por dois níveis: (i) indivíduos escolarizados – não analfabetos, mas com baixo nível de escolarização –, no máximo, até a 9º ano do Ensino Fundamental, incompleto, em localidades do interior (ii) e, nas capitais, incluiu-se o nível universitário completo.

Se, de um lado, os deslocamentos para a realização dos inquéritos foram relativamente facilitados pela melhoria de acessos, via transporte, para muitas localidades, do outro, incidiu em certa dificuldade de encontrar sujeitos (desafios inerentes à coleta de dados *in locu*). Era preciso que estes atendessem aos requisitos mínimos exigidos à pesquisa dialetal, como nascimento na localidade, pouca mobilidade para outras áreas linguísticas, e residência de até um terço de suas vidas fora desses espaços, sobretudo em período de aquisição da linguagem (até a primeira infância), ou em anos anteriores próximas às datas dos inquéritos. E ainda, serem filhos de pais naturais da mesma região.

A escolaridade, com relação aos informantes da faixa 1, ensino fundamental, se apresentou como um desses desafios. Apenas para exemplificar, principalmente esses sujeitos passaram a ter mais acesso, através de políticas públicas educacionais à maioria da população, ao ensino médio.

Assim, muitos informantes, em diversas localidades percorridas pelos inquiridores, apesar de se predisporem a contribuir com o Projeto, eram eliminados por já possuírem o ensino médio, ainda que se constatasse uma defasagem entre a escolaridade informada e a

condição real de aprendizagem, como comenta Mota (2006), a respeito da recusa do informante em ler um texto que lhe fora solicitado, ao final do inquérito, se valendo de desculpas para encobrir a sua inabilidade com a leitura.

3.2.3.4 As cartas linguísticas do Projeto ALiB

Em comparação com os atlas anteriores, tem-se, aqui, duas diferenças importantes. A primeira se refere ao tipo de registro das informações que, do ponto de vista da cartografia, o Projeto ALiB traz, em suas cartas, dados sobre a orientação, o sistema de projeção e de referência para coordenadas em escala, seguindo os parâmetros da Cartografia Moderna.

Segundo Ribeiro e Teles (2014), quase todos os atlas já publicados no Brasil não se apresentam nesse formato, mas sim, como cartogramas, pois carecem de mais informações para que possam ser consideradas cartas, o que não compromete o mérito científico desses trabalhos. A segunda diz respeito à versão para publicação, pois o ALiB, embora tenha sido apresentado inicialmente em versão analógica, também permite a publicação em versão digital.

Para a elaboração das cartas, tanto as publicadas no volume 2 do *ALiB*, como as que têm sido elaboradas a partir dos dados do Projeto, foram seguidos rigores estabelecidos pela Linguística e pela Cartografia, o que incluiu profissionais das Ciências Cartográficas e Computação. Foram desenvolvidas cartas-base para o Brasil, uma para cada Região Geográfica, cinco no total, e uma para cada Estado da Federação, totalizando 26.

Dessa forma, o Comitê Nacional do Projeto ALiB decidiu pela adoção de uma base cartográfica oficial, de modo a ser utilizada num ambiente de Sistema de Informações Geográficas (SIG) (Ribeiro; Teles, 2014) e que pudesse ser atualizada sempre que necessário.

Em síntese, com relação aos atlas selecionados para a tese, tem-se as principais diferenças a partir das características aqui apresentadas:

- (i) O *APFB* permite prioritariamente a observação da variação diatópica, pois, embora tenha selecionado informantes de ambos os sexos e de idades variadas, não os fez de forma sistemática, o que inviabiliza análises sobre outros fatores além do espaço geográfico, sendo um atlas de caráter monodimensional.
- (ii) O *ALS*, diferente do *APFB*, sistematiza a seleção dos informantes em masculino e feminino, um para cada localidade, permitindo a observação do fator sexo, indo além da perspectiva geográfica, sendo, dessa forma, caracterizado como um atlas linguístico bidimensional.

- (iii) O Projeto ALiB, por fim, fornece dados para a elaboração de um atlas urbano, pluridimensional, pautado nos princípios da Geolinguística Contemporânea. Ao contrário dos atlas regionais anteriores – e em comparação com o *APFB* e *ALS* – apresenta, além da variação diatópica, dados sociais, como a idade, o sexo e, nas capitais, o grau de escolaridade. Além disso, em consonância com a Cartografia Moderna, traz, também, os dados registrados em arquivo digital.

Na sequência, tem-se, de forma mais direcionada, a apresentação dos critérios, quanto à metodologia, concernentes com os caminhos percorridos para o constructo da tese.

4 PLANEJAMENTO DO SÍTIO: A METODOLOGIA DA TESE

Após o levantamento dos pormenores relativos aos documentos aqui investigados, especifica-se, nesta seção, quais foram os procedimentos adotados para a realização da análise linguística. Para este fim, são apresentadas informações sobre os aspectos passíveis de comparação entre o *APFB* (Rossi, 1963), o *ALS* (Ferreira *et al*, 1987) – primeira sincronia – e os dados inéditos do Projeto ALiB para os Estados da Bahia e de Sergipe – segunda sincronia – tais como:

- (i) Identificação, em cada questionário, do que se poderia aproveitar com relação à área temática da fauna – ou de parte dela – de modo a evidenciar as diferenças e semelhanças nos documentos investigados;
- (ii) Levantamento das localidades coincidentes inquiridas nas diferentes redes de pontos dos atlas selecionados para o desenvolvimento da pesquisa;
- (iii) Características gerais sobre o perfil dos informantes, no que concerne ao sexo, idade, escolaridade e profissão.

É importante registrar que o confronto dos atlas possibilitou a análise dos dados em tempo real de curta duração nos três *corpora* em duas sincronias distintas:

- (i) De um lado, há uma distância temporal de sete anos entre a aplicação dos questionários linguísticos nos dois Estados, visto que, para o *APFB* (Rossi, 1963) os dados foram coletados de 1960 a 1961, já para o *ALS* (Ferreira *et al*, 1987), de 1966 a 1967 (sincronia um);
- (ii) De outro, há um lapso de, pelo menos, quarenta anos entre esses atlas e os dados do Projeto ALiB, considerando que os inquéritos para a Bahia e Sergipe ocorreram entre 2003 e 2009 (sincronia dois).

4.1 SELEÇÃO DAS QUESTÕES COINCIDENTES NOS *CORPORA*

Para realização da análise e tomando como base o Questionário Semântico-Lexical – QSL do Projeto ALiB (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001, p. 26-28), selecionou-se a área temática da Fauna, que corresponde a 25 questões, numeradas de 64 a 88, sendo que, dessas, apenas cinco forneceram dados passíveis de intercomparação com o *APFB* e *ALS*.

Optou-se, também, por incluir uma questão da área Atividades Agropastoris na seleção, por ter sido considerada como integrante da descrição da fauna, totalizando em seis o número de perguntas viáveis para este estudo.

O comparativo dessas questões está disposto no Quadro 10.

Quadro 10 – Questões do Projeto ALiB selecionadas para a investigação da fauna

ATIVIDADES AGROPASTORIS		
Número	Lema	Pergunta
QSL 59	<i>Borrego</i> (do nascer até ...)	Como se chama a cria da ovelha logo que nasce? E até que idade se dá esse nome?
FAUNA		
Número	Lema	Pergunta
QSL 67	<i>Galinha d'angola/ guiné / cocar</i>	Como se chama a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?
QSL 69	<i>Sura</i>	Como se chama uma galinha sem rabo?
QSL 71	<i>Gambá</i>	Como se chama o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?
QSL 79	<i>Cabra sem chifre</i>	Como se chama a cabra que não tem (<i>cf. item 77</i>)?
QSL 84	<i>Sanguessuga</i>	Como se chama um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado?

Fonte: Elaboração própria, com base no Questionário Semântico Lexical (Comitê Nacional do Projeto ALiB 2001, p. 26-28).

Ao se compararem as perguntas com o extrato de questionário do *APFB* e do questionário do *ALS*, foram identificadas seis cartas linguísticas, que são resultado de seis questões correspondentes, em ambos os atlas, como pode ser observado no quadro seguinte.

Quadro 11 – Lemas com números das questões do Projeto ALiB e cartas correspondentes no *APFB* e *ALS*

Projeto ALiB	Número da carta		LEMA
	<i>APFB</i>	<i>ALS</i>	
QSL 59	131	132	<i>Cria da ovelha</i>
QSL 67	114	116	<i>Conquém</i>
QSL 69	113	115	<i>Sem rabo (galinha, pinto)</i>
QSL 71	141	128	<i>Gambá</i>
QSL 79	132	133	<i>Cabra sem chifres</i>
QSL 84	128	127	<i>Sanguessuga</i>

Fonte: Elaboração própria, com base no Questionário Semântico Lexical (Comitê Nacional do Projeto ALiB 2001, p. 26-28). Rossi (1963) e Ferreira e outros (1987).

Do confronto das perguntas selecionadas para a análise, foram identificadas algumas particularidades que carecem de explicações e comentários, como *gambá*, que possibilitou a

investigação, porém, com ressalvas, e *rabo* (QSL 81) e *bicho da fruta* (QSL 86), que não puderam ser aproveitadas, por não serem intercomparáveis nos três atlas.

A respeito da QSL 71 – *Bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado/gambá*, ao se compararem as questões nos três *corpora*, percebeu-se que, no questionário do APFB, o objetivo da pergunta 56, *pessoa com mau cheiro*, era investigar a *pessoa*.

Porém, como pode ser constatado no questionário comentado (Rossi, 1965), a equipe entendeu que as respostas para essa pergunta não foram muito produtivas, e isso fez com que fossem aproveitados apenas os registros com referência ao *animal*, do que se originou a carta 141, ao passo que, no QSL do Projeto ALiB (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001), a questão 59 abordou somente características referentes ao animal.

Já o *ALS* também buscou inquirir sobre o animal. Há, no questionário deste atlas, a respeito de *gambá*, duas questões, que apresentam sentidos diferentes: a 188 - *pessoa com mau cheiro*, e a 414 - *bicho que gosta de comer galinha, e quando passa deixa um mau cheiro*, esta última com os desdobramentos *e tem outro? Diferença*.

Essas perguntas resultaram na carta 128, que apresenta a denominação equivalente ao *bicho*, embora haja nas notas a observação a respeito dos dois semas presentes na pergunta 414, como *comer galinha* e *cheirar mal*. Sobre a questão 188 registra-se, em nota, para *pessoa com mau cheiro*, a resposta *cangambá* em três pontos, associadas ao *animal*, que foram aproveitadas na cartografia.

Constata-se assim que, para *gambá*, tanto o Projeto ALiB como o *ALS* objetivavam investigar designações para o bicho, ao passo que o APFB buscou desvendar lexias para a pessoa. Dessa forma, embora os atlas apresentem questões divergentes, se considerou relevante incluir tais questões nas análises, desde que sejam feitas as devidas observações.

Quanto às duas questões que não puderam ser aproveitadas para o confronto dos dados – *rabo* (QSL 81) e *bicho da fruta* (QSL 86) – seguem os motivos pelos quais se optou por excluí-las deste estudo.

Sobre a QSL 81 – *Como se chama a parte com que o boi espanta as moscas*, há, no APFB, a pergunta 152, *rabo*, que é equivalente. Embora não haja a especificação quanto ao animal na elaboração da pergunta, as que a antecedem (150, *gado de pequeno porte*, e 151, *boi branco*) e a seguinte (153, *parte do boi onde se fura para matar*, e 154, *designações do boi conforme a idade*), permitem inferir de que se tratava do *rabo do boi*.

No *ALS*, contudo, não foi possível o aproveitamento de questão, pois, neste atlas se investiga o *rabo do cavalo* (questão 542), resultando, inclusive, na carta 147, *rabo*, ou seja,

outro animal, por se tratar de parte de animais diferentes, o que impossibilitou a intercomparação.

No que concerne à QSL 86 – *Como se chama aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá na goiaba, em coco*, há no *APFB* a questão 104, *bicho da fruta*, e o desdobramento 104A, *tipos de abelha*. A primeira não resultou em carta linguística, tampouco os dados foram aproveitados.

Porém, considerando a equivalência com a QSL 86 (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001) e a possibilidade de comparação com o Projeto ALiB, foram consultados os arquivos não utilizados e/ou não publicados para a elaboração do *APFB* – os rascunhos das transcrições fonéticas, obtidos durante a coleta de dados – na tentativa de análise, mas, por questões metodológicas, estas não foram incluídas neste estudo.

O desdobramento da questão, por seu turno, resultou nas cartas 120 e 121, no *APFB*, passível de análise no confronto com o *ALS* para *tipos de abelhas*, visto que não há, para este atlas, a investigação para o *bicho da fruta*.

Há, por outro lado, registros para *abelha*, através das perguntas 382, *abelha*, e 383, *tipos de abelha*, ambas resultando em três cartas: *tipos de abelha* I, II e III, respectivamente 119, 120 e 121, esta última sendo uma das cartas BA-SE.

Sobre essas cartas, em notas, os autores registraram:

As perguntas de número 382 a 390 foram ordenadas e formuladas com o sentido de precisar a semasiologia traduzida nos títulos desta e das 4 (quatro) cartas seguintes. Como se pode depreender das notas, no entanto, a exegese dos materiais recolhidos demonstrou que mesmo em nível conceitual ABELHA, MARIMBONDO e – em alguns casos – BESOURO não se opõem nitidamente no sistema linguístico desses informantes, o que é fácil de compreender quando consideramos que a entomologia distingue as espécies designadas como ABELHAS das designadas como MARIMBONDOS apenas por uma particularidade anatômica: as primeiras têm patas traseiras achatadas, as segundas não (Ferreira *et al*, 1987).

Sobre tais questões – o que inclui as cartas linguísticas resultantes, conclui-se que não se pode fazer uma análise comparativa entre os três atlas, considerando que o lema procurado na QSL 86 (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001) é diferente para *APFB* e *ALS*: enquanto o primeiro investiga o *bicho da fruta*, o segundo apura as denominações para *tipos de abelha*, sendo, obviamente, perguntas distintas.

Ainda a respeito de *bicho da fruta*, haveria, com relação aos dados do Projeto ALiB, a possibilidade de investigar as lexias para bicho de frutas específicas, tais como *bicho da goiaba* e *bicho do coco*, descritas na própria pergunta, visto que figura no segundo volume do *ALiB*, no que concerne aos dados das capitais (Cardoso *et al*, 2014b), a publicação das cartas L13,

L13a, L13b, L13c, L13d e L13e. Porém, como o objetivo era o de investigar os três documentos, como já dito, essa questão também foi eliminada desta análise.

Dessa forma, como *bicho da fruta* só pode ser comparada com os dados do *APFB* e do Projeto ALiB, e *tipos de abelha*, entre as cartas do *APFB* e *ALS*, optou-se, por essas razões, por excluir a questão, dada a incompatibilidade entre os *corpora*.

4.2 LEVANTAMENTO DAS LOCALIDADES COINCIDENTES NA BAHIA E EM SERGIPE A PARTIR DOS *CORPORA*

O primeiro passo que se fez na direção do delinear da metodologia foi selecionar os atlas que permitissem a análise do léxico, partindo do questionário do Projeto ALiB, enquanto instrumento de investigação, mais especificamente a área temática da fauna – ou de parte dela. Esse levantamento inicial identificou o *APFB* como sendo o atlas regional brasileiro com mais questões coincidentes e intercomparáveis com o Projeto ALiB, em relação a outros já publicados.

A rede de pontos do *APFB* também se mostrou favorável, já que foram identificados nove pontos de inquérito em comum entre eles: das 50 localidades que integram a rede do *APFB*, são coincidentes com o Projeto ALiB, referentes ao Estado da Bahia as localidades de (82) Jeremoabo, (84) Barra, (86) Jacobina, (90) Itaberaba, (92) Santana, (95) Caetitê, (97) Carinhanha, (98) Vitória da Conquista e (101) Santa Cruz Cabrália.

O *ALS* também se mostrou viável para análise, sobretudo por conta das suas semelhanças metodológicas com o *APFB*, como já comentado e, por essa razão, passaram a fazer parte do estudo, principalmente as seis questões da fauna e as duas localidades comuns ao Projeto ALiB para Sergipe – Propriá e Estância.

Sobre a escolha dos pontos coincidentes, a proposta aqui é comparar os equivalentes ao *APFB* e *ALS* com o Projeto ALiB, bem como as questões que dão conta da investigação do léxico da fauna nos *corpora*, como mencionado anteriormente. Assim, das 50 localidades de inquérito do *APFB* e das 22 do Projeto ALiB para a Bahia, foram selecionadas nove localidades, de acordo com a distribuição por pontos, conforme ilustram os Quadros 12 e 13.

Quadro 12 – Localidades coincidentes no *APFB*, e Projeto ALiB, distribuídas por ponto de inquérito

BAHIA

LOCALIDADE	Pontos - Projeto ALiB	Pontos - APFB
Jeremoabo ²⁹	82	13
Barra	84	42
Jacobina	86	27
Itaberaba	90	29
Santana	92	44
Caetité	95	35
Carinhanha	97	45
Vitória da Conquista	98	24
Santa Cruz de Cabrália	101	9

Fonte: Elaboração própria, com base em Rossi (1963), Ferreira e outros (1987) e nos dados do Projeto ALiB.

Quadro 13 – Localidades coincidentes no *ALS* e Projeto ALiB, distribuídas por ponto de inquérito

SERGIPE		
LOCALIDADE	Pontos - Projeto ALiB	Pontos - ALS
Propriá	78	62
Estância	80	53

Fonte: Elaboração própria, com base em Rossi (1963), Ferreira e outros (1987) e nos dados do Projeto ALiB.

Em síntese, com relação ao *ALS*, embora este seja um atlas linguístico composto por uma rede de 15 pontos, selecionados para dar continuidade aos trabalhos iniciados pela equipe que desenvolveu o *APFB*, inicialmente na Bahia e, posteriormente, no Estado de Sergipe, optou-se por incluir as localidades de Propriá e Estância, por serem estes os pontos coincidentes com os do banco de dados do Projeto ALiB para este Estado.

4.3 O PERFIL DOS INFORMANTES NA AMOSTRA

De um modo geral, os informantes estão inseridos nos critérios descritos para os *corpora*. Tem-se, assim, o detalhamento do perfil dos indivíduos para cada atlas, quanto à distribuição de cada um por localidade, sexo, faixa etária, profissão e escolaridade, seguindo a cronologia dos atlas – inicialmente para o *APFB*, depois, para o *ALS* e, por último, apresentam-se os pormenores do Projeto ALiB.

4.3.1 Perfil dos informantes – APFB

Dos 100 indivíduos inquiridos para a recolha dos dados e elaboração do *APFB*, 19 integram os pontos selecionados para esta pesquisa, atendendo aos critérios metodológicos adotados à época, cujas características se enquadram parcialmente no perfil de informante HARAS ou NORMS, já mencionado na seção anterior.

²⁹ As localidades estão ordenadas a partir da seleção de pontos do Projeto ALiB, assim como as questões.

A distribuição desses informantes, de acordo com os pontos de inquérito selecionados, pode ser vista no quadro a seguir.

Quadro 14 – Levantamento do perfil dos informantes do *APFB*

INF	SEXO	IDADE	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE
42 - BARRA				
A	M	80	lavradora e quitandeira	Analfabeta
35 - CAETITÉ				
A	F	46	Doméstica	Analfabetas
B	F	54	Doméstica, lavradora	
Circ ³⁰ .	F	22	Doméstica, lavradora	
Circ.	F	40	Não informada	Não informada
45 - CARINHANHA				
A	M	51	Ex-vaqueiro, lavrador, lixeiro	Analfabeto
29 - ITABERABA				
A	F	60	artesã	Analfabetos
B	M	40 a 45	Carroceiro	
27 - JACOBINA				
A	F	66	Lavradora, lavadeira	Semialfabetizada
B	F	78	Doméstica	Primária
13 - JEREMOABO				
A	M	57	Lavrador	Analfabetos
B	F	37/38	Engomadeira	
9 - SANTA CRUZ DE CABRÁLIA				
A	F	70	Lavadeira, lenhadora	Analfabetos
B	M	65	Lavrador, pescador	
Circ.	F	56	Lavadeira	
44 - SANTANA				
B	F	50	Lavradora	Analfabetas
A	F	52	Doméstica, cozinheira, parteira	
24 - VITÓRIA DA CONQUISTA				
A	F	36	Lavadeira	Analfabetas
B	F	50	Lavadeira	

Fonte: Elaboração própria com base em Rossi (1963).

³⁰ Circunstantes.

Em síntese, considerando que o *APFB* consiste num atlas monodimensional, com enfoque sobretudo na diatopia, a distribuição dos informantes em A ou B não seguiu critérios de sexo, ou hierarquizantes, mas foram escolhidos de acordo com a ocorrência das respostas: as mais confiantes, “[...] seja por parecer mais próximo do ideal teórico, seja por ter decorrido do inquérito com ele em circunstâncias mais favoráveis” (Rossi, 1965, p. 38), sendo, tanto B quanto A, válidas.

Registra-se, ainda, a presença de três circunstantes do sexo feminino: uma no ponto 9, em Santa Cruz Cabrália, e duas no ponto 35, em Caetité. De acordo com a apresentação das cartas, como se vê na *Introdução do Atlas* (Rossi, 1963), nos casos em que as transcrições constam entre parênteses, tem-se a referência a esses como informantes, desde quando preenchessem as exigências para aproveitamento das respostas. É o caso de *galinha d’angola*, para Caetité, e *sanguessuga*, para Santa Cruz Cabrália, que serão vistos mais adiante, na seção de análise dos dados.

As idades, também variadas, não permitem uma observação sistemática e equânime, mas nos fornecem um perfil dos indivíduos. Nas nove localidades selecionadas, seguindo a distribuição por décadas, já mencionada anteriormente, tem-se os 19 informantes, incluindo-se aqui os circunstantes: um entre 20 e 29 anos; dois entre 30 e 39 anos; três entre 40 e 49 anos; sete de 50 a 59 anos; três de 60 a 69 anos; dois de 70 a 79 e um de 80 anos, o que evidencia uma predominância de informantes entre 50 a 69 anos.

Quanto à profissão, para esta amostra, os indivíduos desempenham atividades comuns à zona rural, com destaque para lavrador, tanto para os homens como para as mulheres. Outra característica comum é o envolvimento em mais de uma atividade profissional. Há entre os homens, também, os que trabalham como carroceiro e vaqueiro. Tem-se também um pescador, na localidade de Santa Cruz Cabrália, e ainda um gari, em Carinhanha. Já as mulheres, além de lavradoras, são também lavadeiras. Há ainda uma lenhadora, uma engomadeira, uma doméstica e uma parteira.

4.3.2 Perfil dos informantes – *ALS*

Por ser um atlas de caráter bidimensional, o *ALS* traz em sua metodologia a estratificação dos informantes quanto ao sexo, o que possibilita, de forma sistemática, além da perspectiva diatópica, a análise da variação diassexual, como se pode constatar no Quadro 15.

Quadro 15 – Levantamento do perfil dos informantes do *ALS*

INF	SEXO	IDADE	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE
-----	------	-------	-----------	--------------

53 - ESTÂNCIA				
A	F	30	Lavadora	Analfabetos
B	M	36	Carroceiro	
62 - PROPRIÁ				
A	F	40	Lavadora e boiadeira	Semialfabetizada
B	M	59	Pescador e lavrador	Alfabetizado

Fonte: Elaboração própria com base em Ferreira e outros (1987).

Os informantes das duas localidades selecionadas – Estância e Propriá – foram escolhidos aos pares, dois para cada ponto, de ambos os sexos, totalizando quatro indivíduos. Assim como o *APFB*, a escolarização dos indivíduos que foram entrevistados para o *ALS* está classificada entre analfabetos ou semianalfabetos.

As atividades profissionais estão direcionadas à lida rural em ambos os sexos. Em Estância, os informantes desempenham apenas uma atividade cada. A mulher é lavradora e o homem, carroceiro. Em Propriá, tanto a mulher como o homem exercem duas profissões: ela, lavradora e boiadeira; ele, pescador e lavrador.

Sobre o perfil etário, este oscila entre 30 e 40 entre as mulheres, e 36 e 59 entre os homens.

4.3.3 Perfil dos informantes – Projeto ALiB

Por terem sido selecionados segundo critérios da Geolinguística Pluridimensional, permitem a análise dos fatores sociais, tais como sexo e idade. Apresentam-se, aqui, informações sobre os informantes selecionados para a amostra.

No Quadro 16, tem-se o perfil dos indivíduos para as localidades da Bahia, distribuídos por pontos de inquérito, quanto ao sexo, idade, atividade profissional e escolaridade.

Quadro 16 – Levantamento do perfil dos informantes do Projeto ALiB para a Bahia

INF	SEXO	IDADE	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE
84 – BARRA				
1	M	23	Pedreiro	Fundamental
2	F	26	Doméstica; trabalhadora rural	
3	M	54	Lavrador, comerciante, padeiro	
4	F	59	Trabalhadora rural	
95 – CAETITÉ				
1	M	19	Jardinagem, percussionista	Fundamental
2	F	28	Faxineira, lavadeira, auxiliar de serviços gerais	
3	M	65	Lavrador, cuidador de gado, comerciante	
4	F	58	Lavadeira	
97 – CARINHANHA				
1	M	26	Lavrador, comerciante	

2	F	26	Dona de casa	Fundamental
3	M	68	Pescador	
4	F	57	Dona de casa	
90 – ITABERABA				

Quadro 16 – Levantamento do perfil dos informantes do Projeto ALiB para a Bahia (continuação)

INF	SEXO	IDADE	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE
86 – JACOBINA				
1	M	25	Trabalhador rural	Fundamental
2	F	27	Cozinheira	
3	M	53	Frentista	
4	F	51	Dona de casa	
82 – JEREMOABO				
1	M	18	Não trabalha	Fundamental
2	F	26	Manicure; vendedora	
3	M	60	Açougueiro, trabalhador rural, vaqueiro	
4	F	61	Agente do Funrural ³²	
1	M	26	Pescador, pintor	Fundamental
2	F	31	Zeladora (Prefeitura)	
3	M	61	Funcionário da Embasa ³¹	
4	F	58	Dona de casa (pensionista)	

Fonte: Elaboração própria, com base no banco de dados do Projeto ALiB.

101 - SANTA CRUZ DE CABRÁLIA				
1	M	26	Segurança	Fundamental
2	F	26	Repositora de Buffet	
3	M	54	Eletricista de montagem industrial	
4	F	55	Marisqueira	
92 – SANTANA				
1	M	25	Motoboy	Fundamental
2	F	25	Doméstica	
3	M	63	Trabalhador rural	
4	F	52	Doméstica	
98 - VITÓRIA DA CONQUISTA				
1	M	29	Não informa	Fundamental
2	F	30	Dona de casa	
3	M	64	Trabalhador rural	
4	F	54	Doméstica	

Fonte: Elaboração própria, com base no banco de dados do Projeto ALiB.

A seleção quanto ao sexo, de forma sistemática, permitiu analisar diferenças do ponto de vista diasssexual. Assim, conforme critérios metodológicos do Projeto, foram entrevistados

³¹ Empresa Baiana de Águas e Saneamento.

³² O Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (Funrural) é uma contribuição social Rural de caráter previdenciário, paga pelo produtor rural, porém recolhida pela pessoa jurídica no momento da compra do produto, com base no valor bruto da comercialização.

quatro informantes, dois de cada sexo, totalizando 18 informantes do sexo masculino e 18 do feminino, nas duas faixas etárias, I e II, respectivamente.

Sobre o fator escolaridade, todos têm o ensino fundamental incompleto.

No que concerne às profissões desempenhadas pelos indivíduos, assim como os que compõem o *corpus* do APFB, as atividades são, em geral, relativas à zona rural. A mais exercida entre os homens também é de lavrador, o que inclui trabalho na roça ou na fazenda. Há ainda cinco atividades relativas a comércio, além de afazeres diversos como: um pintor, um jardineiro, um segurança, um motoboy, uma percussionista e um funcionário da Embasa.

Já as mulheres desempenham atividades relacionadas aos cuidados com o lar, tendo-se registrado: cinco domésticas ou faxineiras; quatro donas de casa e duas lavadeiras. Há, de forma diversificada, duas mulheres que trabalham no comércio, duas em repartições públicas (Prefeitura e Funrural), uma na roça, uma no comércio, uma manicure, uma cozinheira, uma repositora em buffet e uma marisqueira.

O perfil dos sujeitos para Sergipe pode ser visto no Quadro 17.

Quadro 17 – Levantamento do perfil dos informantes do Projeto ALiB para a Sergipe

INF	SEXO	IDADE	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE
80 – ESTÂNCIA				
1	M	28	Fotógrafo	Fundamental
2	F	21	Não obtido	
3	M	64	Não obtido	
4	F	57	Dona de casa	
78 – PROPRIÁ				
1	M	26	Moto taxista	Fundamental
2	F	30	Vendedora	
3	M	61	Auxiliar de serviços gerais	
4	F	55	Carregadora	

Fonte: Elaboração própria, com base no banco de dados do Projeto ALiB.

Sobre os informantes de Sergipe para o Projeto ALiB, nos pontos de inquérito coincidentes com a amostra, estes seguem os mesmos critérios já apresentados para os indivíduos da Bahia, no que se refere ao sexo e à faixa etária.

Quanto às profissões, tem-se um contexto diversificado: entre os homens, as atividades exercidas variam em fotógrafo, mototaxista e auxiliar de serviços gerais. Diferente dos informantes baianos, não se vê trabalhos relacionados à zona rural. O mesmo ocorre para as mulheres, que desempenham tarefas como dona de casa, vendedora e carregadora. Há, ainda, dois informantes, de ambos os sexos, que não informaram suas profissões.

4.4 CRITÉRIOS PARA ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS

A análise foi realizada sob dois aspectos:

- (i) *Léxico-semântico*, com enfoque na descrição semântica e etimológica das unidades lexicais registradas como respostas para as perguntas selecionadas, tendo como complementação as consultas lexicográficas, para constatar as lexias que estão dicionarizadas; e
- (ii) *Geolinguístico*, com vistas à análise dos dados segundo a dimensão diatópica, primordialmente. Foram consideradas, também, possíveis interferências de natureza extralinguística (âmbito histórico e sociocultural), evidenciadas no repertório lexical dos informantes.

4.4.1 Comentários sobre a investigação Léxico-Semântica

Após o levantamento dos dados, passou-se à investigação sob o primeiro viés – o léxico-semântico, organizado da seguinte forma:

- (i) Levantamento e apreciação de todas as ocorrências nos dicionários de usos língua portuguesa, etimológicos, histórico, de sinônimos, de tupinismos e africanismos;
- (ii) Consultas em obras relativas à fauna, que abrangeram a pesquisa em enciclopédias, glossários, dicionários específicos e/ ou temáticos e estudos realizados sobre o tema;
- (iii) Elaboração de quadros comparativos e agrupamento das lexias de acordo com a distribuição nas obras lexicográficas e enciclopédicas.

Para a análise, no que concerne às obras de cunho lexicográfico, a seleção contou com dicionários linguísticos, enciclopédicos e mistos (tanto linguísticos como enciclopédicos), além de documentos específicos, como descrito anteriormente³².

Aliada à consulta a tais obras, investiu-se também em pesquisas sobre a fauna brasileira e nordestina, já que as espécies a serem estudadas integram várias áreas. Para tal, fez-se um levantamento sobre ovinocultura, bovinocultura, avicultura e caprinocultura, além de estudos sobre a zoologia dos invertebrados, para investigar a *sanguessuga*, pormenorizadas na seção seis, de análise dos dados.

Destaca-se, aqui, a *Enciclopédia agrícola brasileira* (Peixoto *et al*, 2006), por se tratar, como o próprio título sugere, de trabalho de caráter enciclopédico, e traz informações relevantes sobre aspectos da agropecuária.

³² Ver *Seção dois*, subseção 2.3.1, p. 82.

Sobre os dicionários consultados *online*, a apresentação, quanto à data, seguiu da seguinte maneira:

- (i) Para o *iDicionário Aulete*, devido à falta de informações específicas de local e data de publicação, optou-se por, em vez de utilizar [s.d.] (sem data) nas citações, conforme práticas comuns de referências a obras *online* quando as informações de data não estão disponíveis, trazer o ano da edição de 1970, utilizado pela Lexikon para a organização da obra;
- (ii) O mesmo critério foi aplicado ao *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, também digital e de domínio virtual, assim como o Aulete, e ao *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*.

Este último, embora seja um dicionário eletrônico (sem domínio virtual, logo, sem atualizações contínuas, como o Aulete e o Houaiss), segue referenciado a partir do ano de publicação registrado para a versão 5.0, de 2004, para as citações.

Essa padronização buscou assegurar solidez e uniformidade, considerando as datas das últimas edições publicadas, como parâmetro para referência lexicográfica ao longo da tese.

Para maior sistematicidade e organização das consultas aos dicionários, foram produzidos, para analisar cada questão, dois quadros comparativos distintos, nos quais se desenhou, como se pode observar nos Quadros 18 e 19 a seguir:

- (i) A ilustração da dicionarização da lexia investigada nas obras de usos gerais de língua portuguesa – clássicos e contemporâneos;

Quadro 18 – Síntese dos dicionários de usos gerais da língua portuguesa utilizados para análise lexicográfica

DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA						
	CLÁSSICOS			CONTEMPORÂNEOS		
Itens lexicais	Bluteau (1712-1728)	Silva Pinto (1832)	Silva (1789-1813; 1949)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Caldas Aulete (1970)

Fonte: Elaboração própria.

- (ii) As lexias quanto aos dicionários especializados e/ou específicos, como etimologia, sinonímia, tupinismos e africanismos.

Quadro 19 – Síntese dos dicionários especializados e/ ou temáticos utilizados para análise lexicográfica

DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS				
	ETIMOLÓGICOS	SINÔNIMOS	TUPINISMOS	AFRICANISMOS

Itens lexicais	Cunha ([1982] 2010)	Nascentes (1955)	Nascentes Resumido (1966)	Nascentes ([1957] 2011)	Boudin ([1966] 1978)	Carvalho (1987)	Cunha ([1976] 1998)	Lopes ([1996] 2003)	Lopes ([2004] 2011)	Castro (2022)
-------------------	---------------------------	---------------------	---------------------------------	-------------------------------	----------------------------	--------------------	---------------------------	---------------------------	---------------------------	------------------

Fonte: Elaboração própria.

Por último, nos apêndices desta tese — *Apêndice A*, que contém os quadros-resumo das pesquisas realizadas nas obras lexicográficas e/ou enciclopédicas dos dicionários de uso geral da língua portuguesa, e *Apêndice B*, que reúne os quadros-resumo das pesquisas em dicionários especializados —, encontram-se os quadros com as descrições de todos os itens lexicais consultados nessas respectivas obras. Esses quadros servem como um complemento essencial para o entendimento das definições e usos dos termos lexicais relacionados à fauna, proporcionando uma visão comparativa entre as diferentes abordagens lexicográficas.

4.4.2 Comentários sobre a investigação Geolinguística

No que concerne à segunda perspectiva, analisaram-se os dados segundo a dimensão diatópica, primordialmente. Foram consideradas, também, possíveis interferências de natureza extralinguística (âmbito histórico e sociocultural), evidenciadas no vocabulário dos informantes, nesta ordem:

- a. Audição e transcrição dos dados do Projeto ALiB para Bahia e Sergipe, condizentes com o recorte das localidades;
- b. Audição e transcrição dos dados do *ALS* para Propriá e Estância;
- c. Apuração /levantamento dos itens lexicais nas cartas do *APFB* e do *ALS*, o que incluiu a consulta às notas;
- d. Apuração/ levantamento dos “vazios” e/ou ausências, da seguinte forma:
 - ausências nas cartas do *APFB* e do *ALS*: identificação de lacunas nos dados coletados, com ênfase nas informações que não foram registradas ou fornecidas pelos informantes. Inclui a análise de materiais não aproveitados ou ocasionalmente descartados pelos inquiridores, investigando as razões para essas exclusões;
 - ausências nos dados do Projeto ALiB: apuração de lacunas nos registros, com o objetivo de documentar dados faltantes ou incompletos e avaliar como essas ausências influenciaram a análise geral;
- e. Tabulação das ocorrências em planilhas *Excel*;
- f. Elaboração de tabelas, quadros e gráficos para análises e resultados;
- g. Cartografia dos dados.

Para fins de análise, optou-se por considerar todas as respostas válidas fornecidas pelos quatro informantes entrevistados em cada localidade, no que se refere ao Projeto ALiB, bem como a todos os do *APFB* e do *ALS*. Além disso, sempre que necessário, foram incluídos exemplos de trechos dos inquéritos, em transcrição grafemática e fonética (apenas para os dados do Projeto ALiB e para os arquivos do *ALS*), ou comentários das cartas já publicadas nos atlas.

Ficou estabelecido que as ocorrências consideradas válidas são aquelas que foram aproveitadas, tanto nas cartas dos atlas já publicados, o *APFB* e o *ALS*, quanto aquelas selecionadas para compor o presente estudo. Estas ocorrências são resultantes tanto do levantamento dos dados inéditos do Projeto ALiB como do confronto entre os três *corpora*.

No caso do *APFB*, devido à impossibilidade de acessar os dados além do que está registrado nas cartas, notas ou no acervo do atlas (como já mencionado, não houve registro magnetofônico dos inquéritos), as validações se limitam ao conteúdo dos registros escritos.

Por outro lado, no caso do *ALS*, foi possível ouvir e transcrever as entrevistas, visto que foi possível acessar o acervo do atlas no Instituto de Letras da UFBA, o que resultou em dados além do que foi encontrado nas cartas e notas, possibilitando a ampliação das respostas consideradas válidas, como será abordado na seção de análise. O mesmo procedimento foi adotado para o Projeto ALiB em relação à audição e transcrição dos dados inéditos.

4.4.2.1 Detalhamento para análise das Não Respostas

No processo de análise dos dados coletados para a fauna, adotou-se uma metodologia padronizada para validar tanto as respostas dos informantes como as ausências e lacunas, classificadas como “não respostas”. Esse procedimento se aplica uniformemente a todas as seis questões do estudo, no que concerne aos *corpora* em estudo – *APFB*, *ALS* e Projeto ALiB.

Abstenções e/ou ausências, ou seja, os casos em que o informante afirmou “não saber”, “não lembrar”, ou a resposta não pôde ser obtida por problemas de aplicação do questionário, ausência do informante para o ponto de inquérito (no caso do *APFB*), entre outros, foram agrupados como “não resposta”.

É importante ressaltar que a ausência de dados também pode fornecer informações relevantes. Isso foi observado em questões como a referente à QSL 71 para o *gambá*, onde a ausência de respostas diretas ou completas reflete, sobretudo, lacunas metodológicas, como se verá adiante. Nesse sentido, a análise dessas lacunas ou “vazios” não apenas complementa os dados obtidos, mas também revela aspectos sobre as limitações da coleta ou do próprio conhecimento dos informantes.

Alguns exemplos de respostas não validadas incluem descrições que fazem parte da estrutura da pergunta e, por isso, foram consideradas inadequadas. No caso de expressões como *cabra sem chifres* e *cabra sem pontas*, essas não foram tratadas como respostas válidas, pois os informantes usaram tais descrições para tentar caracterizar o animal, sem responder diretamente à questão proposta. Dessa forma, foram classificadas como “não respostas” ou “respostas não obtidas”.

Outro exemplo é o uso da lexia *alejada*, que foi descartada e considerada como não resposta, dado seu uso genérico para indicar membro amputado ou defeituoso, tanto em animais quanto em sujeitos humanos. Esse termo foi identificado como ocorrências únicas nos três corpora analisados, como ocorreu em Barra, na Bahia, em que uma informante mais jovem utilizou o adjetivo para se referir tanto a bois quanto a cabras sem chifres, mostrando uma sobreposição semântica inadequada para a análise em questão, como se pode constatar no Exemplo 1:

Exemplo 1:

INQ.- Agora, você já viu boi sem chifre?

INF.- Normalmente daquele que são *alejado*, né?

INQ.- É. Como é que você chama boi sem chifre?

INF.- *Alejado*.

INQ.- É a cabra sem chifres?

INF.- Eu conheço como *alejada* também. (084, Barra-BA, mulher, faixa I, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB.

Dessa forma, a análise de respostas não validadas considerou fatores como:

- a. Respostas que não abordavam diretamente a pergunta;
- b. Respostas que eram ambíguas ou não esclareciam o termo em estudo;
- c. utilização de termos ou descrições que, embora linguística e culturalmente relevantes, não se adequavam aos critérios específicos da pesquisa.

Assim, para fins de análise, foi realizado um levantamento das respostas documentadas, assim como daquelas que não puderam ser aproveitadas ou não foram registradas. Essas informações são apresentadas em tabelas e gráficos na seção de análise, tanto para os dados já cartografados do *APFB* e *ALS*, quanto para aqueles resultantes do confronto entre os documentos.

4.4.2.2 Agrupamentos por questão

Para as seis questões analisadas, houve a necessidade de realização de agrupamentos, sobretudo para priorizar a análise da variação lexical, tais como neutralização das variantes

fonéticas, simplificação das marcas de gênero, eliminação dos diminutivos, entre outros, de acordo com cada item analisado. Assim, tem-se os pormenores das escolhas realizadas nessa direção.

A questão QSL 59 – *Como se chama a cria da ovelha logo que nasce* – faz parte da área temática atividades agropastoris e integrou a seleção para apreciação. Para fins de análise, foram eleitos os seguintes critérios:

- (i) Simplificação das flexões de gênero: devido ao volume de ocorrências com alternância no feminino/ masculino, optou-se por agrupar as lexias com marca do masculino (morfema zero);
- (ii) Simplificação da derivação por grau: casos de diminutivo e/ou neutro foram agrupados como não flexionados;
- (iii) Padronização de SNs compostos por SN + SP, tendo o núcleo do SP como elemento aglutinador: considerou-se, como agrupamento, para as situações em que ocorreram *filhote de ovelha; filhotinho de ovelha; filha de ovelha; ovelhinha* a estrutura *filhote de ovelha*.

Para a QSL 67 – *como se chama a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas* – se adotou como critério a neutralização da variação fonética das formas *cocar*, para a variante *cocá, estou-fraca*, para *tô-fraco* e *guiné*, para *guinéu*.

Para as lexias compostas da amostra, tais como *tô-fraco* e *galinha-d'angola*, há uma reflexão, na seção de análise, a respeito do tipo de motivação semântica. Para a primeira, em especial, destaca-se que esta foi incluída na análise semântico-lexical e integra o levantamento dos dicionários sobretudo por ter figurado em Ferreira (2004) como sinônimo de *galinha-d'angola*.

Para a QSL 69 – *Como é que se chama uma galinha sem rabo* – foram definidos os seguintes critérios:

- (i) Neutralização da variação fonética das formas *suru/ suri*, para *suro*; *suruva*, para *suruco(a)* e *lambu*, para *nambu*;
- (ii) Simplificação das flexões de gênero: nos casos em que se observa a alternância no feminino/ masculino, agruparam-se as lexias sem as marcas de flexão, a exemplo de: *sura, suruca, suruva e toca*, para *suro, suruco* e *toco*;
- (iii) Simplificação da derivação por grau: casos de diminutivo e/ou neutro foram agrupados como não flexionados, como *surinha, surazinha* e *suruzinha*;

- (iv) Eliminação das formas antecedidas pelo substantivo *galinha*, como em *galinha sura*, *galinha suruca* e *galinha lambu*, em que se optou por considerar apenas o adjetivo, tendo em vista que *galinha* figura na própria questão.

Foram descartadas, ainda, as formas *galinha sem rabo*, *galinha sem pena e sem rabo*, por entender que tais respostas são, na verdade, descrições que já fazem parte da estrutura da QSL 69 – *uma galinha sem rabo* – e não respondem à questão, passando a ser contabilizadas como respostas não obtidas.

A questão QSL 71 – *como se chama o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado* – conforme descrita na seção três, apresentou aspectos semânticos divergentes quanto à investigação e, por esse motivo, a análise foi realizada de forma a se considerarem essas dissensões. Assim, neutralizaram-se, foneticamente, as formas *saruê* e as respectivas variantes *sariguê*, *saruí* e *garuê*, e *cassaco*, com variante *cassapo*, tendo sido escolhida a forma dicionarizada, principalmente quanto ao étimo.

Para analisar a QSL 79 – *como se chama uma cabra que não tem chifres* – optou-se por neutralizar foneticamente:

- (i) *mucha/moucha/ mocha*, para *mocha* e *muvu/ mavu* para *muvu*;
- (ii) para as formas antecedidas por substantivo *cabra* – assim como ocorreu para *uma galinha sem rabo* –, decidiu-se considerar apenas o adjetivo, tendo em vista que *cabra* já compõe a questão.
- (iii) quanto à simplificação da flexão de gênero, optou-se por manter as formas no feminino, visto que esta foi predominante na maioria das respostas, embora *muvu* tenha sido analisada no masculino, por não se constatar a manifestação em outro gênero.

Para responder à QSL 84 – *como se chama o bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado* – neutralizou-se a variação entre as lexias *mazá* e *manzá*, *chupão* e *chupa*.

Com relação à *sanguessuga*, embora haja, à primeira vista, neutralização da variação fonética para observação da perspectiva lexical, fez-se necessário realizar breve descrição das modificações fônicas que se apresentam, por conta da pluralidade de formas produzidas pelos informantes, seguindo os passos de Cardoso e Ferreira (1994).

4.4.2.3 Apresentação da cartografia

As cartas linguísticas foram elaboradas por Liliane Matos Góes³³, através do Software QGIS, um Sistema de Informações Geográficas (SIG) que integra dados linguísticos e informações geoespaciais. Inicialmente, realizou-se a coleta de dados linguísticos, focalizando, neste estudo, as variações dialetais. Posteriormente, essas informações foram georreferenciadas e incluídas no QGIS, sendo representadas de forma qualitativa por meio de símbolos, cores ou padrões que expressam distintas características linguísticas.

Adicionalmente, aspectos quantitativos, como a proporção de falantes em determinada região, foram refletidos nos mapas temáticos. A utilização do QGIS simplificou a análise espacial desses dados linguísticos, possibilitando a elaboração de cartas linguísticas detalhadas e informativas.

Nas cartas linguísticas em questão, a seleção e análise dos dados linguísticos foram meticulosamente organizadas, seguindo o confronto entre *corpora* e orientando-se pelo tempo de coleta e/ou publicação. Inicialmente, optou-se por dados mais antigos, exemplificados pelos conjuntos *APFB* e *ALS*, proporcionando uma observação das ocorrências linguísticas nas localidades da Bahia e Sergipe durante a década de 1960. Essa abordagem histórica oferece uma perspectiva significativa sobre a evolução linguística ao longo do tempo.

Em seguida, a transição para dados mais contemporâneos, representados pelo Projeto ALiB, focado nos anos 2000 para a Bahia e Sergipe, complementou a análise temporal. Essa progressão no tempo, estruturada dessa forma, enriquece a compreensão das variações linguísticas nas regiões estudadas, destacando as mudanças ao longo das décadas.

A elaboração das cartas foi realizada a partir de cada questão, culminando na combinação dos três documentos, os quais foram confrontados conforme critérios estabelecidos. Esses critérios incluem:

- (i) A adoção de denominações que seguem o padrão cartográfico do Projeto ALiB, preferencialmente utilizando nomes para identificar as localidades, em vez dos pontos de inquérito;
- (ii) Em cada carta, a representação visual inclui círculos que indicam a distribuição dos itens lexicais, organizados por cores de acordo com o percentual de ocorrências, conforme especificado na legenda;

³³A Professora Dra. Liliane Góes, atualmente docente efetiva da Universidade Estadual da Bahia, *Campus IV*, Jacobina- BA, desempenhou um papel essencial na elaboração da base cartográfica utilizada neste trabalho. Sua experiência em cartografia contribuiu de maneira significativa para a qualidade e precisão dos elementos cartográficos aqui empregados, sobretudo por conta do seu amplo conhecimento e práticas no campo da Geografia e Educação Geográfica.

- (iii) Na parte inferior esquerda, encontra-se a descrição da pergunta conforme o Questionário Semântico Lexical (QSL);
- (iv) Em relação às não respostas (NO/NS/NL), estas são destacadas por um “vazio” em círculos.

Com relação ao *APFB* e *ALS*, os dados nas cartas foram distribuídos com o objetivo de ilustrar similitudes e/ou discrepâncias identificadas, representadas pelas cartas *APFB/ALS*, designadas pela letra minúscula **a**. No contexto do Projeto ALiB para Bahia e Sergipe, o mesmo padrão foi seguido, diferindo apenas na letra **b** em minúsculas. A junção dos três *corpora* será distinguida por **c**. Cada carta é identificada pela letra **L** (indicando a natureza lexical) acrescida do número correspondente a cada questão, variando de um a seis, seguindo a ordem crescente do Questionário Semântico-Lexical (QSL).

A letra minúscula **a** denota o tipo de confronto: **a** para os atlas mais antigos, **b** para o Projeto ALiB e **c** para a análise conjunta dos três *corpora*, como se pode ver no esquema a seguir:

CARTA + **L** (indicando a natureza lexical) + (Numeração Crescente) +
a, b ou **c** (a para *APFB/ALS*; **b** para ALiB BA e SE; **c** para análise conjunta dos três atlas)

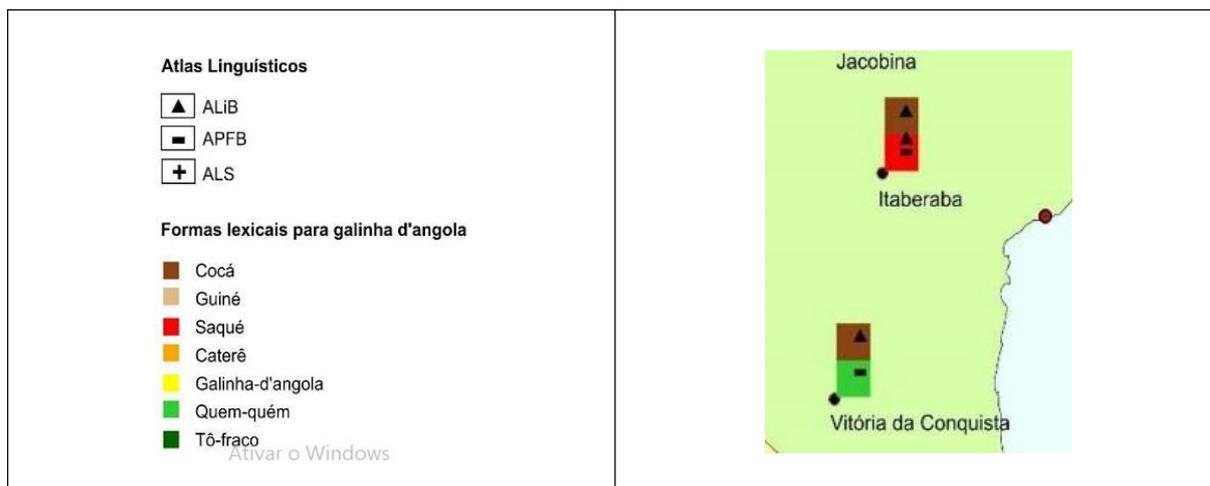
Na elaboração das cartas que apresentam os resultados dos três *corpora*, entretanto, o processo de confecção revelou-se mais desafiador. Na tentativa de elucidar as descobertas relacionadas aos confrontos nas sincronias e nos documentos, optou-se por distribuir os dados de duas formas distintas:

- (i) A primeira abordagem se refere às denominações, representadas por torres em cores distintas. Para cada localidade, uma torre é atribuída, sinalizando as ocorrências dos itens lexicais;
- (ii) A segunda abordagem envolve a identificação de cada um dos documentos, registrados por três símbolos distintos que figuram no interior das torres.

Por exemplo: para a questão *como se chama a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas* (QSL 67), a legenda apresenta a descrição das ocorrências por item. Estes, por sua vez, estão organizados nas torres, e em cada uma delas, de acordo com a localidade, há a indicação de em qual(is) atlas foi(ram) apurada(s), representados pelos respectivos símbolos. As Figuras 6 e 7 ilustram tal descrição e análise.

Figura 6 – Legenda das Cartas Experimentais
 Conjuntas Lc – galinha d’angola

Figura 7 – Cartas Experimentais Conjuntas Lc –
 galinha d’angola – recorte



Fonte: Góes (2023), com análise linguística da autora, a partir dos dados do *APFB* (Rossi, 1963), *ALS* (Ferreira *et al*, 1987) e Projeto ALiB.

A nomeação de cada carta segue o padrão estabelecido para as comparações entre *APFB/ALS* e Projeto ALiB para Bahia e Sergipe, conforme resumido no Quadro 20:

Quadro 20 – Disposição das cartas-resumo elaboradas com base nos *corpora*

CARTA			NOME DA CARTA
APFB/ ALS	ALiB BA e SE	APFB + ALS + ALiB	
CARTA L1a	CARTA L1b	CARTA L1c	CRIA DA OVELHA
CARTA L2a	CARTA L2b	CARTA L2c	GALINHA D'ANGOLA
CARTA L3a	CARTA L3b	CARTA L3c	SEM RABO (pinto, galinha)
CARTA L4a	CARTA L4b	CARTA L4c	GAMBÁ
CARTA L5a	CARTA L5b	CARTA L5c	CABRA SEM CHIFRES
CARTA L6a	CARTA L6b	CARTA L6c	SANGUESSUGA

Fonte: Elaboração própria

Sobre a cartografia e registro nas cartas-resumo, apesar da inconsistência metodológica entre os documentos, optou-se por incluir todos os itens nas cartas, mantendo uniformidade com os critérios do *APFB* e *ALS*.

Por exemplo, *bezerro*, no ponto 9, em Santa Cruz Cabralia, registrado após a informante mencioná-lo associando como fala de outra região – “os mineiros”. Embora possa não fazer parte do repertório lexical da comunidade, visto que figurou como ocorrência única para este atlas, foi mantido para análise. O mesmo critério foi aplicado a *bodete*, diminutivo de *bode*, no ponto 30 em Morro do Chapéu no *APFB*, e *bodinho* em Santana no Projeto ALiB para Bahia. Ambos foram mantidos nas cartas para manter consistência, mesmo não sendo mencionados nos mesmos pontos, como se pode observar nas Figuras 8 e 9.

Figura 8 – Destaque para presença de *bezerro*:
APFB, Santa Cruz Cabralia (ponto 9)

Figura 9 – Destaque para presença de *bodinho*:
Projeto ALiB para a Bahia, Santana (ponto 92)



Fonte: Góes (2023), com análise linguística da autora, a partir dos dados do *APFB* (Rossi, 1963), *ALS* (Ferreira *et al*, 1987) e Projeto ALiB.

Esta seção teve como objetivo descrever os critérios metodológicos adotados para o desenvolvimento da tese. Isso incluiu a seleção dos atlas linguísticos brasileiros, com foco no léxico da fauna, com base no Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001), resultando na escolha do *APFB* e *ALS*.

Além disso, abrangeu a identificação das redes de pontos coincidentes e relevantes, a seleção das questões passíveis de comparação, a análise subsequente e o levantamento do perfil dos informantes presentes na amostra. Ao final, foram apresentados os critérios para a elaboração e apresentação das cartas.

5 ASPECTOS DA FAUNA NA BAHIA E EM SERGIPE: UM PANORAMA DAS ATIVIDADES PECUÁRIAS ONTEM E HOJE

Antes de adentrar a análise linguística propriamente dita, faz-se necessário traçar um panorama das atividades pecuárias nos estados da Bahia e de Sergipe, a fim de contextualizar as respostas às quatro questões investigadas no *corpus*. A relação entre o desenvolvimento da pecuária nesses estados e a variação linguística observada no léxico da fauna de criação permite compreender como os fatores socioeconômicos e culturais influenciam a língua. Nesse sentido, tal atividade desempenha um papel central tanto no sustento econômico quanto nas práticas culturais das regiões desses dois estados, moldando as interações sociais e linguísticas das comunidades de fala.

Esse breve panorama visa fornecer uma compreensão mais ampla do ambiente rural em que as variantes linguísticas ocorrem, considerando sobretudo a relevância do vocabulário relacionado a animais de criação. O repertório lexical utilizado para descrever essas espécies não são meramente denominações; antes, refletem uma longa história de convivência com o ambiente e as tradições orais associadas ao manejo animal. As diferenças entre as atividades pecuárias na Bahia e em Sergipe podem revelar variações regionais no uso do léxico, o que contribui para uma visão mais profunda das dinâmicas linguísticas nessas localidades. A partir desse entendimento, será possível avançar para a análise dos dados, considerando as peculiaridades históricas e sociais da pecuária local como elementos essenciais para a interpretação dos resultados linguísticos obtidos.

As quatro questões selecionadas para a análise dos dados foram agrupadas em dois conjuntos pecuários distintos. O primeiro grupo envolve a ovinocultura e a caprinocultura, abordando animais como a ovelha e a cabra, enquanto o segundo conjunto concentra-se na avicultura, com foco em aves de criação na região Nordeste, especificamente na Bahia e em Sergipe. As questões são as seguintes:

- (i) QSL 59 – *Como se chama a cria da ovelha logo que nasce;*
- (ii) QSL 67 – *Como se chama a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas;*
- (iii) QSL 69 – *Como é que se chama uma galinha sem rabo;*
- (iv) QSL 79 – *Como se chama uma cabra que não tem chifres.*

A escolha dessas questões não foi aleatória, mas sim baseadas na sua relevância no contexto geolinguístico da pecuária nos dois estados investigados. Cada uma aborda as

espécies ligadas às atividades rurais, com o objetivo de compreender como o léxico da pecuária se manifesta nas práticas locais.

É importante mencionar que outras questões do *corpus*, como as que tratam de *gambá* (QSL 71) e *sanguessuga* (QSL 84) e, foram excluídas desta análise. Embora também digam respeito à fauna, elas não estão diretamente relacionadas à pecuária, que é o foco central deste panorama. Apesar de serem espécies presentes nas localidades investigadas, esses animais não fazem parte da criação tradicional associada às práticas econômicas rurais, e, por essa razão, não contribuem de maneira tão direta para a compreensão do léxico ligado às atividades pecuárias.

A partir daí, será possível avançar na análise dos dados, considerando as peculiaridades históricas e sociais da pecuária local como elementos que contribuem para a compreensão dos resultados linguísticos obtidos.

Tais questões foram agrupadas em dois grupos pecuários distintos: no primeiro, observa-se a ovinocultura e caprinocultura; no segundo, apreciam-se aspectos da avicultura na região Nordeste, com foco na Bahia e em Sergipe.

Foram, dessa forma, examinados documentos oficiais, para levantamento de aspectos históricos, socioculturais e econômicos, em duas sincronias distintas, para fins comparativos, tanto no período de coleta dos dados dos primeiros anos, como do mais atual: de um lado, o *APFB* e o *ALS*, inseridos na década de 1960; de outro, o Projeto *ALiB*, com dados que registram nos anos 2000 (mais precisamente entre 2003 e 2005, para Sergipe, e 2003 a 2009 para Bahia, como será visto na metodologia).

Em consultas ao IBGE, tanto nas edições anteriores como nas mais recentes, foi possível observar como as atividades ligadas à pecuária foram se modificando, influenciadas por fatores diversos, sobretudo econômicos.

Importante destacar que as pesquisas referentes ao Recenseamento Geral de 1960 e 1970, nos municípios baianos, incluiu os Censos Demográfico e Agrícola (Brasil, 1960; 1970). Com relação às aves e galináceos em geral, como não foi possível encontrar informações nas publicações referentes ao Censo de 1960, para a Bahia, foi necessário acessar o Censo Agropecuário Bahia de 1970. O mesmo se fez para Sergipe.

Quanto à Sergipe, foram acessados documentos referentes à história e à economia, com destaque aos dois municípios inseridos no recorte da pesquisa, que incluiu, além da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, o IBGE cidades e os Censos de 2010 a 2022, o Censo Agro e o Panorama dos Municípios Sergipanos, além das versões anteriores, mais antigas.

Embora os dados do *APFB* e *ALS* sejam de, respectivamente, 1960-61, e 1966-67, considerou-se como parâmetro para análise do perfil agropecuário os Censos de 1960 e 70, por apresentarem resultados mais próximos à época desses atlas, considerando que o Censo seguinte só seria realizado em 2006. Quanto ao de 2017, embora esteja fora do espectro dos *corpora* analisados, foi incluído apenas para fins comparativos, para que fosse possível ter uma visão ampliada sobre a pecuária nas localidades investigadas na atualidade.

Foi necessário, também, consultar as Estatísticas dos Municípios Baianos e Sergipanos, para acesso a informações sobre a economia desses Estados com relação à agropecuária, a partir de dados sobre os efetivos dos rebanhos e produções de origem animal entre 2005 e 2009. Tais consultas permitiram perceber as transformações pelas quais a pecuária passou, bem como os impactos diretos sobre a produção de ovinos e caprinos, com perceptível decréscimo de tais atividades, e como se configura a avicultura nesses Estados.

Importante destacar que os levantamentos aqui feitos – seja nos valores relativos à economia, ao longo das décadas, seja nas informações sobre a pecuária, especialmente sobre as atividades desenvolvidas nas localidades – teve o propósito de corroborar com as análises linguísticas relacionadas ao escopo da pesquisa. Serviram muito mais para contextualização e panorama geral, e nem sempre forneceram respostas diretamente relacionadas com as localidades, em específico, ou até mesmo sobre os itens lexicais investigados.

Outra observação relevante refere-se à avicultura, especialmente às informações sobre as aves (QSL 67 e QSL 69), que permitiram uma análise abrangente da agricultura familiar e da criação de aves exóticas, sobretudo em perspectiva etnolinguística. Vale destacar que, dado que os documentos estatísticos utilizados (Censo Agropecuário, Pecuária, IBGE cidades etc) não trazem registros detalhados sobre essas atividades, optou-se por apresentar os resultados específicos da produção de galináceos, utilizando esses documentos como referência. Essa abordagem visa demonstrar, de forma progressiva, como a atividade tem se delineado nas localidades analisadas.

5.1 OVINOCULTURA E CAPRINOCULTURA

As questões QSL 56 – *como se chama a cria da ovelha logo que nasce* e QSL 79 – *como se chama uma cabra sem chifres* têm como objetivo investigar as denominações atribuídas quanto a cada animal. Essas denominações são apresentadas por falantes que, por sua vez, estão imersos em contextos variados, sujeitos às influências inerentes à vida em

sociedade e aos contextos de cultivo, manejo e consumo relacionados à ovinocultura e caprinocultura.

Para proporcionar uma compreensão mais abrangente dos dados encontrados nos *corpora*, traz-se, de maneira sucinta, algumas informações sobre esses animais, bem como os métodos de criação e seus reflexos na economia nos dois Estados.

A criação de ovelhas compreende animais em diferentes estágios etários, sendo a cria³⁴ representativa dos mais jovens na fase adulta. Essa prática está integrada à vida humana por meio da alimentação e, conseqüentemente, do trabalho. Para muitos indivíduos, a ovinocultura se estende além de uma atividade tradicional, configurando-se também como uma profissão.

No Brasil, contudo, essa atividade ainda é pouco explorada, apesar de seu potencial, como afirmam agricultores e produtores de maneira geral. A ovinocultura é frequentemente desenvolvida de forma artesanal e, em alguns casos, até mesmo como uma atividade de subsistência. Esse cenário é particularmente evidente nas regiões tropicais e semiáridas, especialmente no Norte e Nordeste, onde as condições favoráveis facilitam a adaptação e a criação desses animais.

Na Bahia, o município de Casa Nova ocupa o *ranking* de primeiro lugar na produção de ovinos e também de caprinos do Estado, garantindo a posição de maior produtor do país, apesar de 90% vir da agricultura familiar e, ainda assim, representar uma atividade importante para o desenvolvimento rural do Estado. De acordo com o Sistema FIEB (2017), os municípios baianos têm os maiores rebanhos relativos às atividades de ovino e caprinocultura do país, sendo na Bahia onde se registra o maior percentual de criação de animais de raça, o equivalente a 28% da produção nacional, conforme dados do IBGE publicados em 2016.

Conforme Souza e Ceolin (2013), a caprinocultura é pioneira no Nordeste, sendo a Bahia o Estado com maior efetivo de rebanho em caprinos do Brasil, em que se registram oito municípios entre os vinte mais produtivos, seguido por Pernambuco, com onze municípios. Atualmente, a Região Nordeste, além de ter ultrapassado o Rio Grande do Sul, com quem vinha “empatada” tecnicamente, em 2016, não apenas se manteve em primeiro lugar, como afirma Maliszewski (2021), como aumentou em números de efetivos por rebanho de caprinos: em Casa Nova, se registrou 538 mil (1º lugar); Floresta, em Pernambuco, com 360 mil cabeças (2º lugar); Juazeiro, na Bahia, 286 mil (3º lugar); Curaçá, também na Bahia, tem 282 mil (4º lugar), e Petrolina, em Juazeiro, registrou 269 mil (5º lugar).

³⁴ Mais informações sobre a *cria da ovelha* são detalhadas na *Seção seis*, subseção 6.1, mais adiante, p. 165.

Por agricultura familiar entende-se, conforme dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Planejamento (Brasil, 2019), a atividade desenvolvida no seio das famílias, constituída por “[...] pequenos produtores rurais, povos e comunidades tradicionais, assentados da reforma agrária, silvicultores, aquicultores, extrativistas e pescadores.”. No Brasil, se destaca pela produção de milho, mandioca, pecuária leiteira, gado de corte, ovinos, caprinos, oleícolas, feijão, cana, arroz, suínos, aves, café, trigo, mamona, fruticulturas e hortaliças. A principal característica desse tipo de agricultura está justamente na gestão da propriedade, que é compartilhada pela família, como produção agropecuária, sendo a principal fonte geradora de renda.

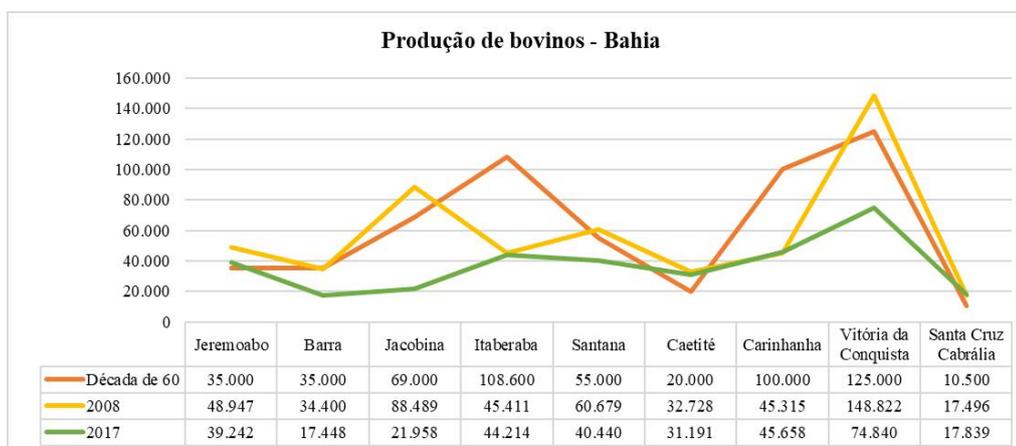
Outra particularidade consiste na relação que esse tipo de agricultor – o familiar – tem com a terra que, mais que seu local de trabalho, é a sua moradia. A diversidade de produtos também é um fator acentuado desse ramo, pois a subsistência muitas vezes está aliada àquela destinada ao mercado.

Durante as décadas de 60 e 70, nas comunidades investigadas, a criação de animais era predominantemente voltada para esse tipo de agricultura, evidenciando a prevalência do modo de vida rural tanto na Bahia quanto em Sergipe. Os dados do Censo Agropecuário de 1960 registram números relativamente elevados de cabeças de gado bovino³⁵, ovino e caprino, atingindo a casa dos cem mil. Em comparação, os dados do último Censo (Brasil, 2017) revelam uma redução significativa, com números que não ultrapassam 50 mil, exceto por Vitória da Conquista, que manteve um registro de 125 mil cabeças.

Os maiores produtores de gado bovino entre as localidades estudadas, nesse período, são Vitória da Conquista, seguida por Itaberaba, e Carinhanha, e as menos produtivas, Jeremoabo, Caetité e Santa Cruz Cabralia, o que evidencia, para a criação de gado, uma organização econômica de base rural.

No Gráfico 1, apresentado a seguir, pode-se ver que há, entre a década de 60 e o último Censo Agropecuário (Brasil, 2017), um decréscimo significativo quanto à criação de gado bovino, embora esta atividade registre, em comparação com as demais atividades pecuárias, números mais elevados. De acordo com os documentos consultados, tem-se uma queda brusca na quantidade de criação desta espécie na maioria dos municípios pesquisados.

³⁵A criação de bovinos foi apresentada apenas a título de comparação com os ovinos e caprinos, mas não estão inseridos em questões a serem analisadas no presente estudo.

Gráfico 1 – Produção de **bovinos** em localidades baianas³⁶ na década de 60³⁷ e anos 2000

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do Censo Demográfico (Brasil, 1960) e Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (Brasil, 2010).

Em Sergipe, o cenário não se mostrou muito diferente: ao longo de sua história econômica, observa-se um notável potencial produtivo que se destaca na produção diversificada de alimentos.

A criação de gado desempenhou um papel crucial nesse contexto, como ressaltou Freire (1977), destacando-se a pecuária como a principal atividade econômica na região. A diversidade de cultivos resulta da estreita relação com a agricultura familiar, apesar de também ocorrer em estabelecimentos rurais de médio e grande porte.

A atuação do Governo Federal, por meio de políticas públicas de crédito e incentivo a tecnologias agrícolas, alinhada com a assistência técnica e extensão rural de órgãos governamentais, têm contribuído para fortalecer diferentes setores, o que inclui a implementação de Planos Estaduais para promover a agricultura, juntamente com eventos como seminários, visitas técnicas e distribuição de mudas, o que levou a uma transformação na dinâmica da produção alimentar, gerando novas configurações espaciais no Estado.

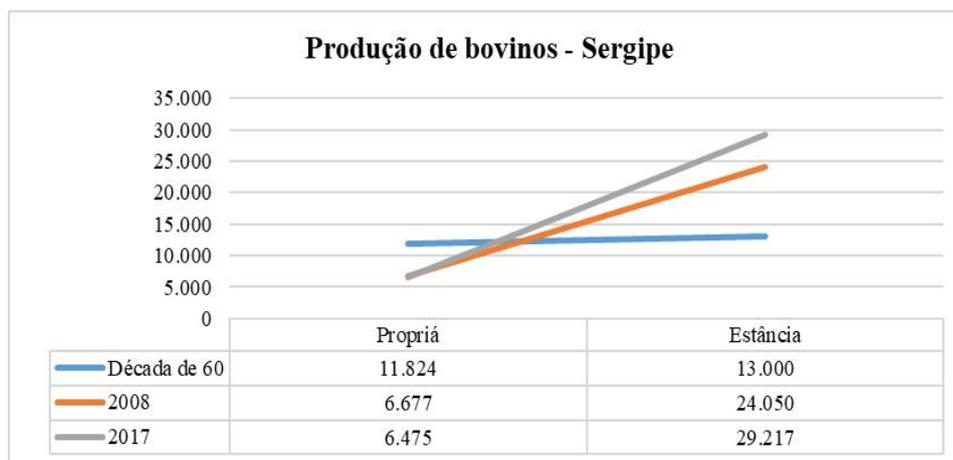
No que diz respeito aos efetivos dos principais segmentos da pecuária em Sergipe, destaca-se que o crescimento da avicultura, conforme o Censo Agropecuário, foi impulsionado pelos mercados urbanos em Alagoas e estados vizinhos, além da adoção de tecnologias modernas no Estado. A pecuária bovina, de natureza extensiva, revela um baixo nível tecnológico, com uma proporção reduzida de estabelecimentos, utilizando inseminação artificial e realizando controle de doenças, concentrando-se, principalmente, na produção de

³⁶ Os dados para Vitória da Conquista, de acordo com a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (Brasil, 2010), só trazem os números relativos à atividade pecuária até o Censo Agropecuário de 2007.

³⁷ Os dados não trazem números referentes à produção de caprinos e ovinos na década de 60 para Santa Cruz Cabralia.

carne, segundo Menezes, Silva e Silva (2019), em estudo sobre a geografia alimentar de Sergipe.

Gráfico 2 – Produção de **bovinos** em localidades sergipanas na década de 60 e anos 2000



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do Censo Agropecuário (Brasil, 1960) e Censo (Brasil (1960 2010; 2017).

Já a criação de ovinos e caprinos na Bahia, no mesmo período, segue a mesma tendência, embora em proporção menor, quando comparados à produção de bovinos. Nessa direção, tem-se, como os três primeiros municípios, Jacobina, Vitória da Conquista e Jeremoabo, seguidos de Itaberaba, Santana, Caetitê e Barra. Carinhanha e Santa Cruz Cabrália apresentam perfis diferentes, uma vez que os dados, para a primeira, registram a junção das duas atividades. Santa Cruz Cabrália não possui registros, segundo o Censo (Brasil, 1960).

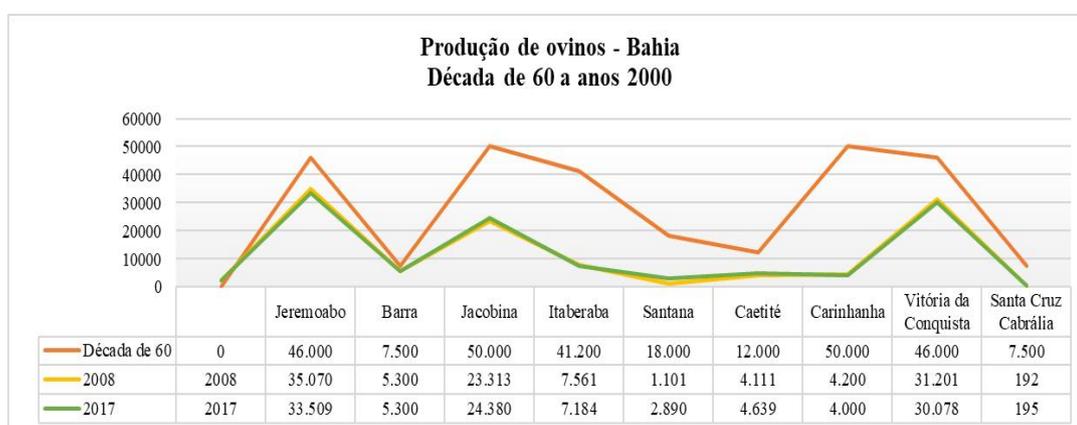
Por outro lado, o levantamento da criação de bovinos, ovinos e caprinos nos dados mais recentes mostram o decréscimo vertiginoso no número de cabeças e também no de estabelecimentos, o que confirma a transformação econômica pela qual passou o modo de vida no país, de maneira geral, com reflexo nas comunidades investigadas. Tal mudança justifica-se por, segundo dados do próprio IBGE (Brasil, 2017), dois fatores: o primeiro diz respeito à agricultura familiar, e o segundo, ao envelhecimento dos chefes de família e ao desinteresse dos mais jovens em continuar a atividade.

Quanto ao segundo fator, considerando que as pessoas, à medida que vão ficando idosas, naturalmente deixam de desenvolver as atividades, tem-se uma redução gradativa no número de sujeitos envolvidos, ao passo que os jovens tendem a se afastar do campo, sobretudo pela falta de políticas públicas de permanência eficazes para essa faixa etária. Essa não permanência leva, conseqüentemente, à ausência de sucessores, causando impactos na continuidade desses empreendimentos de agricultura familiar.

A esse respeito, Oliveira, Mendes e Vasconcelos (2021), em estudos sobre os *Desafios à permanência do jovem no meio rural: um estudo de casos em Piracicaba-SP e Uberlândia-MG*, consideram que, embora haja fatores que desestimulem os mais jovens no meio rural, como a existência de conflitos, o processo sucessório tardio e sem planejamento e a falta de políticas públicas para o fortalecimento da agricultura familiar, há também fatores que são favoráveis, tais como o vínculo familiar, as melhorias de condições de trabalho e de renda e a realização de uma gestão compartilhada entre pais e filhos. Tais estudos explicam a diminuição de agricultores familiares, com consequência na produção de gado.

No Gráfico 3, apresentado a seguir, num mesmo comparativo, pode-se observar como a produção de ovinos nas localidades baianas estudadas vem diminuindo ao longo das décadas.

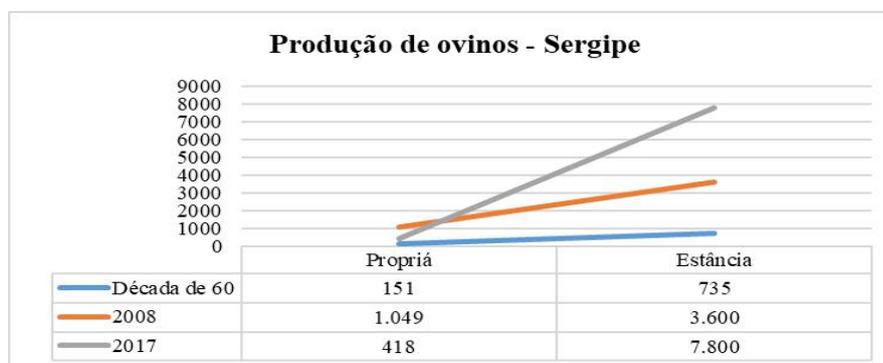
Gráfico 3 – Produção de ovinos em localidades baianas³⁸ na década de 60³⁹ e anos 2000



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do Censo Demográfico (Brasil, 1960) e Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (Brasil, 2010).

Enquanto na Bahia os números decrescem, nas localidades sergipanas investigadas ocorre o inverso, como se pode constatar no Gráfico 4.

Gráfico 4 – Produção de ovinos em localidades sergipanas na década de 60 e anos 2000



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do Censo Agropecuário (Brasil, 1960) e Censo (Brasil (1960; 2010; 2017).

³⁸ A mesma situação, com relação aos bovinos, para Vitória da Conquista, ocorreu para os ovinos.

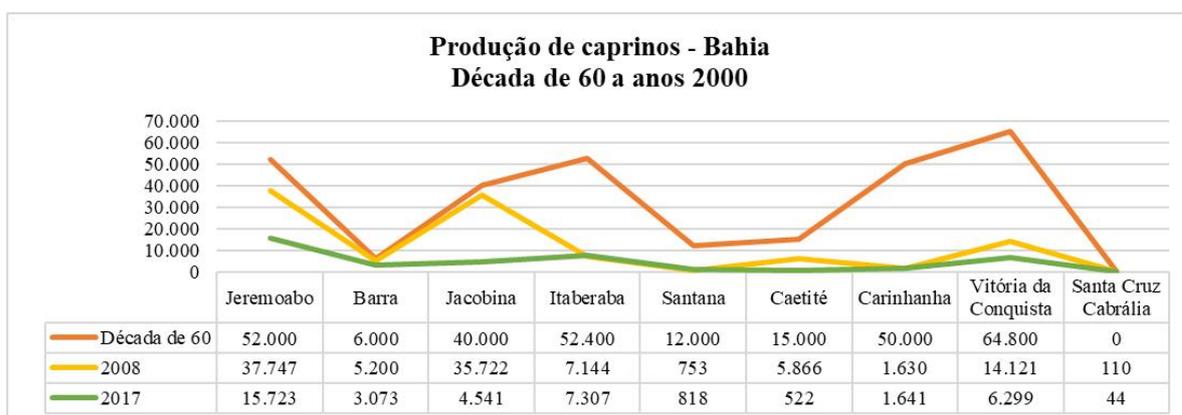
³⁹ Os dados para os ovinos, referentes à Santa Cruz Cabralia, não foram fornecidos para a década de 60.

Como se pode ver, ao contrário do cenário baiano, as mudanças na agricultura e o aumento da pecuária levaram os proprietários rurais sergipanos a reduzir a mão de obra no manejo do gado e na formação de pastagens, conforme destacado por Menezes, Silva e Silva (2019).

Muitos optaram por semear capim como forma de sustento, cedendo a terra a agricultores familiares sem-terra por períodos de um a dois anos. Nesse arranjo, os agricultores cultivavam suas roças e, em troca do uso da terra, deixavam pastagens formadas. Apesar das dificuldades percebidas na agricultura, observou-se um crescimento na pecuária no Estado, impulsionado pela produção de leite, um produto com demanda no mercado local.

Quanto à criação de caprinos na Bahia, as localidades pesquisadas seguem, para os anos 2000, mais ou menos com o mesmo *ranking*, e registram, na mesma ordem: em Jeremoabo, 15.723 cabeças, em 207 estabelecimentos; em Itaberaba, 4.541 caprinos e 230 estabelecimentos, e por último, Vitória da Conquista, que conta com 6.299 cabeças e 332 estabelecimentos como pode ser observado no Gráfico 5.

Gráfico 5 – Produção de caprinos em localidades baianas na década de 60 e anos 2000

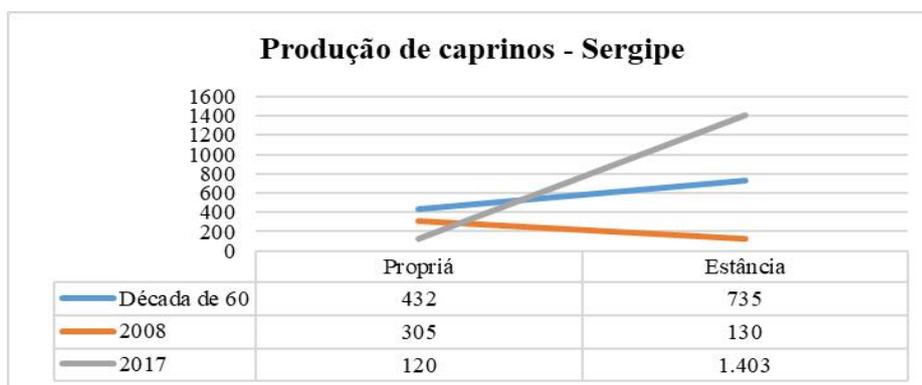


Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do Censo Demográfico (Brasil, 1960; 2010; 2017) e Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (Brasil, 2010).

Tais números denunciam o peso que a pecuária, em especial a criação de caprinos e ovinos, tinha nessas localidades, na década de 60, e foi diminuindo ao longo dos anos.

Em Sergipe, o cenário para a produção de caprinos segue o mesmo caminho dos ovinos, dado o notável crescimento nos números ao longo das décadas, como se pode ver no Gráfico 6.

Gráfico 6 – Produção de **caprinos** em localidades sergipanas na década de 60 e anos 2000



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do Censo Agropecuário (Brasil, 1960) e Censo (Brasil (1960; 2010; 2017).

Outro aspecto a ser considerado diz respeito ao êxodo rural ocorrido entre as décadas de 1970 e 1980, com conseqüente mecanização da produção agrícola, que obrigou os trabalhadores do campo a se deslocarem para as cidades em busca de oportunidades de trabalho. Isso, inevitavelmente, transformou o cenário brasileiro quanto ao tipo de população.

Segundo informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2015 (IBGE, 2022), a maior parte da população brasileira, cerca de 84%, vive em áreas urbanas, ao passo que quase 16% dos brasileiros vivem em áreas rurais. Esses números se dividem pelo país de forma bastante heterogênea: o maior percentual de população urbana se concentra no Sudeste, com 93,14% das pessoas em áreas urbanas. Já a Região Nordeste ocupa o maior percentual de habitantes em áreas rurais, com o equivalente a 26,88%.

Tais dados evidenciam um perfil relativamente rural dos Estados da Região, sobretudo nas cidades do interior, mas, ainda assim, com um cenário diferenciado do que se tinha na década de 1960, à época da coleta de dados do *APFB* e *ALS*, por exemplo.

Sobre o tipo de trabalho desenvolvido pelas comunidades, há que se comentar sobre a agricultura familiar. De acordo com a Lei 11.326, regulamentada pelo Decreto 9.04/2017, que mudou a forma de classificar os estabelecimentos, para se considerar desse ramo, conforme dados do último Censo (Brasil, 2017), os envolvidos precisam se enquadrar como de pequeno porte, ser metade da força de trabalho familiar, ter a atividade agrícola compondo, no mínimo, metade da renda familiar, e ser de gestão estritamente familiar.

Segundo Antônio Carlos Florido, gerente técnico do Censo Agropecuário:

[...] a configuração dos produtores mudou. Aumentou muito o número de estabelecimentos em que o produtor está buscando trabalho fora, diminuiu a mão de obra da família e está diminuindo a média de pessoas ocupadas. O estabelecimento

acaba não podendo ser classificado porque não atende aos critérios da lei (Brasil, 2017, [s. d].).

Pode-se concluir que, embora a atividade pecuária ainda se apresente com relativa importância na maioria das comunidades, há sensível diminuição na produção de bovinos, ovinos e caprinos, de uma maneira significativa (à exceção de Santa Cruz Cabralia, por seus aspectos geográficos, históricos e culturais, e por se tratar, principalmente, de uma região litorânea, além de ter sua economia direcionada para outras atividades, como o turismo).

Essa diminuição demonstra a mudança inexorável da configuração econômica e social não apenas dos municípios envolvidos, mas do país, que passou por avanços tecnológicos e consequente modernização dos meios de produção, de modo também a explorar outras formas de impulsionar as regiões através de outros produtos e serviços.

Quanto a Sergipe, percebe-se, que, de certa forma, o contexto se mostrou mais favorável no decorrer do tempo, sobretudo por conta de diversas iniciativas ligadas à implementação de políticas públicas, investimentos financeiros, entre outros aspectos, causando um impacto significativo na valorização das terras sergipanas, o que acabou por contribuir para o crescimento da atividade pecuária na região.

5.2 A CRIAÇÃO DE GALINÁCEOS E DE AVES EXÓTICAS

As questões QSL 67 – *como se chama a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas* e QSL 69 – *como se chama uma galinha sem rabo* trazem algumas informações sobre a criação de aves exóticas e galinhas caipiras na modalidade de agricultura familiar no Nordeste brasileiro, para melhor compreensão da análise dos itens apurados na amostra.

A avicultura tem se destacado como uma das mais importantes e eficientes atividades da agropecuária brasileira, transformando o Brasil em um dos maiores exportadores de frango do mundo. Inicialmente concentrada nas regiões Sul e Sudeste, a atividade tem se expandido para todo o país, não apenas na modalidade industrial, mas também familiar.

Nessa direção, a atividade desenvolvida na Região Nordeste já se constitui como importante fonte geradora de emprego e renda, sendo, também, uma opção para pequenos agricultores. Pernambuco é o Estado que possui o maior plantel avícola comercial do Nordeste, conforme estudos de Gomes e outros (2013).

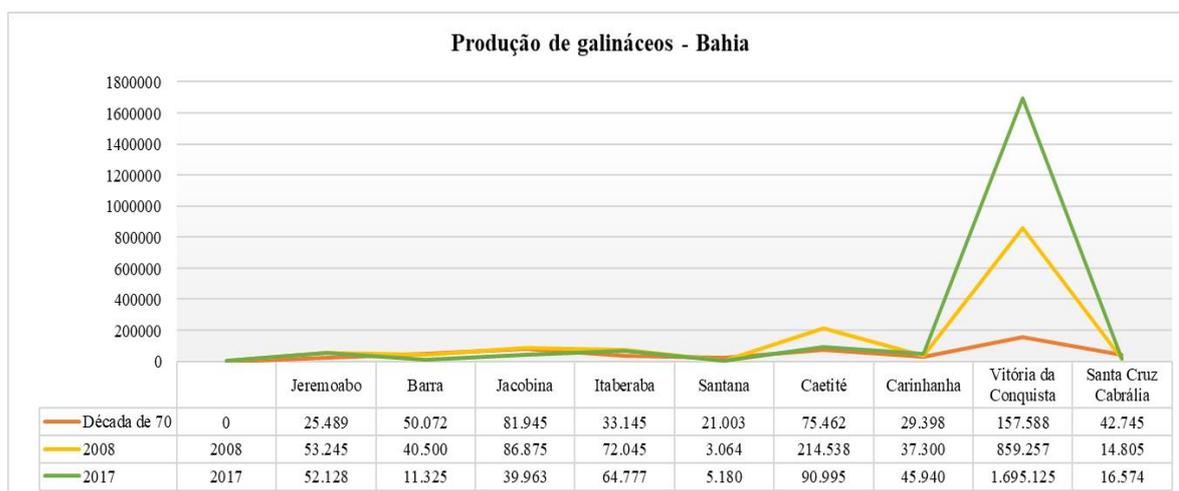
Por outro lado, é sabido que essa Região sofre com a falta de oportunidades para geração de emprego e renda, e a avicultura na modalidade familiar tem sido uma alternativa econômica e de segurança alimentar para muitas famílias. O emprego informal e a produção

de alimentos para subsistência atribuem à agricultura uma função muito mais social do que econômica, em muitos casos, sobretudo na criação de animais domésticos, o que inclui as galinhas caipiras.

Assim como se fez para a pecuária, também foram levantados dados estatísticos nos documentos oficiais, no que se refere ao recorte temporal no qual os atlas estão inseridos, de modo que foi possível observar como as atividades relativas à avicultura se comportaram nas décadas em que se inserem nos atlas.

Na Bahia, a produção de galináceos se mostrou relativamente baixa na década de 70, se comparada com a dos anos 2008, por exemplo. Há um crescimento visível nas três localidades – Carinhanha, Vitória da Conquista e Santa Cruz Cabralia, como se pode ver no Gráfico 7 a seguir.

Gráfico 7 – Produção de galináceos em localidades baianas na década de 70⁴⁰ e anos 2000



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do Censo Demográfico (Brasil, 2010; 2017), Censo Agropecuário Bahia (Brasil, 1970) e Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (Brasil, 2010).

Em Jeremoabo, Caetité, Itaberaba, Carinhanha e Vitória da Conquista, percebe-se um aumento na produção de aves ao longo dos anos, em comparativo com a década de 70 e os anos 2000. Vê-se, ainda, uma diminuição nas localidades de Jacobina, Santana e Santa Cruz Cabralia. Se vê, também, que o número não só aumenta, mas praticamente dobra em algumas delas, como Jeremoabo, Carinhanha e Itaberaba.

Em Vitória da Conquista, cidade com maior aumento, os dados do Censo de 2017 registram pouco mais de um milhão e meio de efetivos de aves na região. Tal fato justifica-se

⁴⁰ Os dados relativos à avicultura são dispostos no Censo Demográfico Agrícola de 1960, conforme o número de estabelecimentos registrados, de modo que nem todos os municípios se incluíram na amostra, o que impossibilitou a comparação com as décadas a partir de 2006. Por essa razão, optou-se por utilizar os valores referentes ao Censo Agropecuário de 1970.

pelo crescimento expressivo da atividade avícola na região. De acordo com Nannini, do Canal Rural (2024), a Bahia se destaca como a principal produtora de frango no Norte e Nordeste do Brasil, ocupando a oitava posição no *ranking* nacional, conforme dados da Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (ADAB).

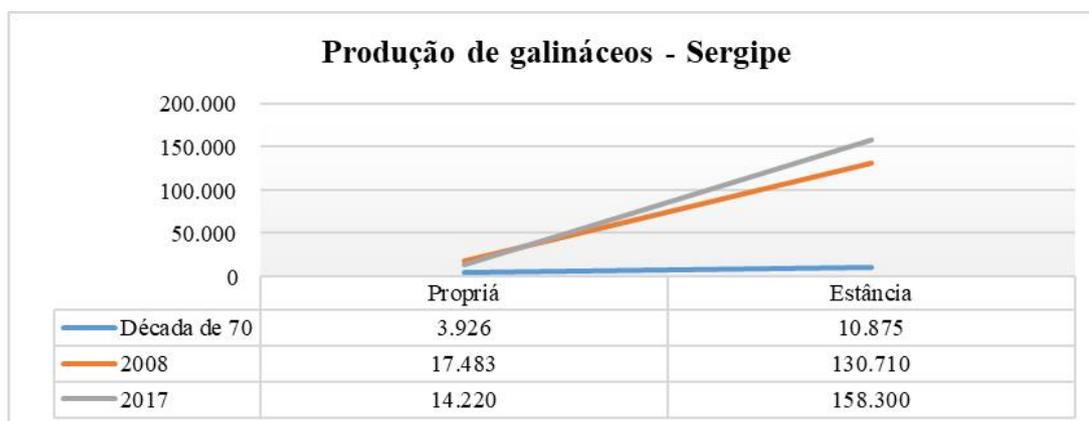
Essas informações reforçam a discussão aqui levantada sobre o notável crescimento das atividades pecuárias, principalmente avícolas, na região, apesar do decréscimo de algumas. Com um alojamento mensal de 16 milhões de pintinhos, representando 2,6% do total nacional, a avicultura no estado registrou um expressivo crescimento na última década, alcançando uma taxa de 31%, superior à média nacional de 18%, segundo Nannini (2024).

O setor avícola baiano também se destaca nas exportações, atingindo um Valor Bruto de Produção (VBP) de R\$ 2,6 milhões, como complementa o autor. Esse desempenho significativo é resultado do crescimento constante, refletido pelo aumento de 31% na produção avícola do estado, impulsionado por uma infraestrutura avícola robusta, composta por 14 agroindústrias submetidas a rigorosas inspeções estaduais e federais.

Em Sergipe, é evidente o crescimento da produção de aves, no decorrer do tempo, nas duas localidades de pesquisa: entre os anos 70 e 2008, os números demonstram que em Propriá houve um aumento de mais de 300%, considerando que, no primeiro recorte, se registrou cerca de 4.000 aves, ao passo que, em 2008, a produção chegou quase a 18 mil. Em Estância os resultados são ainda mais otimistas: na primeira década, a criação de aves de aves de corte somou 10 mil, já em 2008, se tem 130 mil, um aumento de 1.200%.

Tais resultados podem ser observados no Gráfico 8.

Gráfico 8 – Produção de galináceos em localidades sergipanas na década de 70 e anos 2000



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do Censo Agropecuário (Brasil, 1960) e Censo (Brasil (1970; 2008; 2017).

Uma outra característica incide na forma de criação dessas aves, na qual se constata o envolvimento de todos os membros familiares. Porém, cabe às mulheres o cuidado direto,

visto que estas fazem do terreiro de casa sua área de trabalho. Do ponto de vista econômico, essas aves, além de serem consumidas, também contribuem com a renda familiar, ao serem comercializadas em feiras livres e entre vizinhos (o que inclui seus produtos – carne e ovos), como destaca Santos (2020), em estudo sobre a criação de galinha caipira em uma comunidade rural da Bahia.

A respeito dos tipos de sistemas de criação e manejo de galinhas, de maneira geral, estes podem ser classificados: em intensivos, sendo o convencional, ou de granja, mais comum; e os extensivos ou alternativos⁴¹. No primeiro, tem-se a criação e manejo das aves em gaiolas padronizadas, sobre o piso ou em galpões. Os produtores, muitas vezes, optam por esse sistema, uma vez que este permite o controle do desempenho das aves, por conta da criação em regime de confinamento.

De acordo com Amaral e outros (2016), tal sistema tem sido alvo de críticas, pois compromete o bem-estar animal, especialmente por oferecer espaço reduzido à ave, limitando a expressão de seus comportamentos naturais. No segundo, as galinhas são criadas soltas pelo pasto, seja em parte do dia ou em tempo integral, explorando todo o território, com dieta livre, em alguns casos, sem a intervenção do criador na reprodução. Porém, como não há controle sobre as aves, há riscos de perda dos ovos, em particular os da galinha d'Angola, pois estes acabam sendo escondidos em lugares de difícil acesso.

No entanto, o sistema que mais atende às necessidades de criação de espécies como a galinha-d'angola é o alternativo ou semi-intensivo. Os produtores, interessados em melhorar a qualidade e o sabor da carne e ovos, buscam aproximar a criação das aves para obtenção de alimentos cada mais naturais, atendendo à demanda do mercado, com vistas a uma avicultura alternativa⁴².

Tal sistema consiste em outra opção ao sistema intensivo, como descrevem Targino e outros (2016), a respeito da viabilidade de produção e criação de galinhas-d'angola. De manejo de criação mais aprimorado que o extensivo, inclui a utilização de programas de vacinações, rações balanceadas, piquetes e gaiolas para pastagem, o que otimiza o manejo e criação das aves e garante a qualidade e consequente rentabilidade aos criadores.

⁴¹ Amaral e outros (2016) incluem, para o sistema alternativo, as modalidades *free range*, orgânico, colonial ou tipo caipira). Para maiores informações em: *Avicultura de postura: estrutura da cadeia produtiva, panorama do setor no Brasil e no mundo e o apoio do BNDES*, publicado em 2016 (ver seção de Referências da tese).

⁴² A avicultura alternativa faz parte de um sistema de produção alimentar que valoriza, ao mesmo tempo, alimentos produzidos por processos pautados em valores sociais e ambientais sustentáveis. Segundo Demattê Filho e Marques (2011), a partir da década de 90, muitas empresas passaram a buscar formas de alimentar as aves com ingredientes mais naturais e saudáveis. Essa busca fomentou no país iniciativas de produção de frangos criados sem qualquer uso de antibióticos, além de não utilizar ingredientes de origem animal na ração.

Sobre a avicultura alternativa no Nordeste, condizente com a produção mais próxima do natural possível, Targino e outros (2016) apontam a Região, mais especificamente o Estado do Ceará, como pioneira em utilização de novas tecnologias na criação de galinhas-d'angola em larga escala, com destaque para os municípios de Cascavel e Maracanaú. A esse respeito, Oliveira, Nogueira Filho e Evangelista (2008) afirmam que, dos estados mais produtivos do Brasil, Bahia, Ceará e Espírito Santo estão entre os primeiros, sendo a EMAPE uma das empresas agrícolas a produzir pintos de um dia de galinha-d'angola, galinha caipira e patos, com atividades iniciadas no Ceará, em Maracanaú, e hoje é uma das maiores produtoras do Norte e Nordeste.

No que se refere aos aspectos econômicos, as galinhas caipiras são abundantes em todo o território brasileiro, e sua produção tem crescido consideravelmente, sobretudo no Nordeste. Existe um mercado formado principalmente por pequenos agricultores, que são criadores de aves domésticas e que têm desempenhado um papel fundamental na agricultura familiar, sobretudo por serem importantes fontes de alimento e renda para muitas dessas famílias.

Como se pode ver, a cultura da criação de aves domésticas no Brasil é realizada desde a colonização, e se estende até os dias atuais, visto que as galinhas caipiras são tolerantes às condições climáticas características do ecossistema brasileiro, sobretudo na Região Nordeste, por serem menos susceptíveis a doenças e exigem uma alimentação de baixíssimo custo, pois que são criadas soltas, nos campos.

Ao explorar aspectos da fauna na Bahia e em Sergipe, tanto no passado quanto no presente, a pesquisa revelou os intrincados laços entre a fauna e as questões investigadas, destacando atividades como a ovinocultura, caprinocultura, a criação de galináceos e de aves exóticas. Essa análise não apenas evidenciou as transformações socioeconômicas ao longo do tempo, mas também apontou possibilidades e caminhos que explicam as escolhas lexicais dos falantes em relação às práticas pecuárias nessas regiões.

Esse panorama permitiu uma compreensão mais detalhada das interações entre as práticas pecuárias e as escolhas lexicais dos falantes nas regiões estudadas, revelando os impactos que as atividades rurais podem ter tido sobre o léxico relacionado à fauna ao longo do tempo.

6 CONSTRUÇÃO DA ESTRUTURA: A ANÁLISE DOS DADOS

A presente seção foi estruturada em torno das seis questões específicas, com o objetivo de investigar a diversidade linguística associada à fauna nas localidades selecionadas. Para isso, cada pergunta passou inicialmente por uma análise semântico-lexical, explorando as escolhas lexicais dos informantes, bem como a dicionarização e sentido de cada item. Simultaneamente, realizou-se uma análise geolinguística, com o intuito de mapear a distribuição espacial desses termos e identificar padrões regionais, conforme detalhado previamente na seção de metodologia.

A análise segue o seguinte ordenamento:

- (i) Análise das cartas já publicadas, tanto no *APFB* como no *ALS*, referentes a cada uma das seis questões coincidentes, para levantamento de todas as ocorrências documentadas, incluindo as não respostas;
- (ii) Levantamento do total de ocorrências documentadas nos três *corpora* – *APFB*, *ALS* e Projeto ALiB para Bahia e Sergipe;
- (iii) Apresentação e análise dos dados em tabelas e gráficos, de acordo com cada sincronia – comparando os atlas mais antigos (*APFB* e *ALS*) com o documento de investigação mais atual (dados do Projeto ALiB) em ambos os estados.
- (iv) As apresentações por sincronias também incluem o levantamento das não respostas.

Destaca-se, ainda, que, na questão QSL 84 – *Como se chama um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado* – foram apresentadas também as variantes fonéticas para *sanguessuga*. Este aspecto exigiu uma atenção especial, uma vez que, além da análise lexical, foi necessário incorporar a análise fonética para uma compreensão mais abrangente.

No final desta seção, apresenta-se uma síntese que consolida os resultados das duas perspectivas de análise (semântico-lexical e geolinguística), oferecendo uma visão integrada das variações linguísticas associadas à fauna nas localidades investigadas.

6.1 QSL 59 – COMO SE CHAMA A CRIA DA OVELHA LOGO QUE NASCE?

A ovelha é um mamífero ruminante bovídeo da sub-família *Caprinae*, sendo o carneiro a ovelha macho, e os filhotes os cordeiros, anhos ou borregos. Possui importância econômica por ser fonte de carne, leite e derivados, lã e couro. É um animal que foi criado em cativeiro em todos os continentes, tendo sido a ovelha domesticada na Idade do Bronze, que

teve início em 3.300 a.C. e vai até 1.200 a.C., a partir da espécie Urial (*Ovis orientalis*), hoje comum nas montanhas da Turquia e Iraque.

São animais geralmente criados em rebanhos. Por serem sensíveis, além de os rebanhos serem volumosos, o manejo requer cuidados. São comuns em regiões mais frias, como o Sul do Brasil, onde o cuidado com as crias recém-nascidas deve ser intenso, pois a época de partos coincide com os meses de inverno. Além do frio, os criadores devem espantar predadores como raposas, lobos e outros, que cercam as fêmeas e roubam-lhes os filhotes. Por ser a ovelha (fêmea) um animal dócil, e sem nenhum mecanismo natural de defesa, pode ter influenciado para a cultura popular associá-la à ideia de ingenuidade e inocência.

De acordo com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) (2019), ovinos são animais ruminantes, mamíferos e herbívoros, de fácil adaptação e sistema de reprodução diversificado. Classificam-se, de acordo com a idade, como carneiro, ovelha, borrego(a) e cordeiro(a). Os carneiros são os machos na fase adulta, dentição completa e carcaça com baixo valor comercial, além de pelagem de cor mais escura e gosto mais acentuado.

As ovelhas são as fêmeas na fase adulta, com dentição também definitiva, e carcaça mais robusta que o macho (peso mínimo de 16 kg). Os borregos são os filhotes, entre sete meses até um ano e meio, com dentes de leite até a transição para a dentição definitiva, pesando no máximo 15 kg. Os cordeiros são os filhotes mais novos, até sete meses de idade, em que todos os dentes são de leite e pesam até seis kg.

São animais com enorme produção pecuária, embora, no Brasil, haja carência no aproveitamento do potencial de criação de ovinos. Segundo SENAR (2019): “Ainda é pouco explorado o aproveitamento tecnológico da carne de ovinos. E, quando realizado, na maioria das vezes, ocorre de forma artesanal.”.

Isso faz com que o mercado acabe por importar ovinos, carcaças e carne congelada para consumo, sobretudo na região Sudeste, onde a procura por carne nobre de cordeiro tem aumentado a demanda nos grandes centros. No Nordeste e no Norte, por outro lado, o consumo ainda se configura como de subsistência, sendo uma importante fonte de proteína animal, sobretudo pela sua facilidade de adaptação e criação em regiões tropicais do país, em especial as semiáridas.

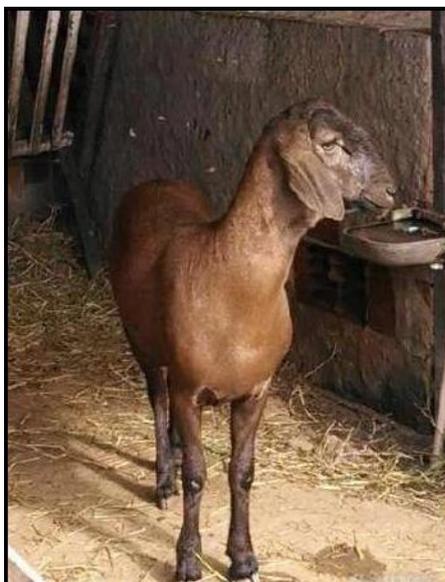
Das raças existentes no Brasil, as que mais se adaptam ao clima do Nordeste são a Santa Inês, a Dorper, a Morada Nova e a Somalis, detalhadas a seguir.

A Santa Inês, conforme Bueno e outros (s.d.), é originária do Nordeste, resultante de cruzamentos intercorrentes das raças Bergamácia, Morada Nova, Somalis e ovinos Sem Raça Definida (SRD), sendo as características atuais produto da seleção natural e dos trabalhos de

criadores e técnicos. Animais dessa espécie suportam bem o manejo extensivo, ou seja, com criação do gado a pasto em grandes áreas de pastagem, tais como latifúndios e/ou propriedades familiares, e sem a necessidade de altos investimentos, porém, com ótima produtividade.

Suas principais características são aptidão para carne e pele, desprovido de lã (deslanado), raça de grande porte, com alto potencial de crescimento, boa fertilidade e fecundidade, além da boa adaptação às condições climáticas de altas temperaturas, carne de baixo teor de gordura e pele boa. A sua coloração não é uniforme, encontrando-se animais com pelagens bastante variadas, tais como vermelha, castanha e malhada de branco e de preto, como se pode ver na Figura 10.

Figura 10 – Cria da ovelha, raça Santa Inês



Fonte: MF Rural (2021).

Conforme dados disponibilizados no Portal Agropecuário (s.d.), a raça Morada Nova é, possivelmente, resultado da seleção natural e da recombinação de fatores em ovinos bordaleiros e churros⁴³. Essa combinação comprometeu o crescimento da lã em ambiente quente e seco do Nordeste, embora tenha se mostrado favorável à multiplicação da espécie nesse cenário. Suas principais características consistem na ausência de chifres, costelas achatadas e deslanados. Em relação à carne, essa raça, por se desenvolver nas regiões mais áridas, consiste em fonte de alimento à população rural nos sertões nordestinos.

⁴³ Ambas espécies de ovinos têm origem em Portugal.

Figura 11 – Cria da ovelha, raça Morada Nova



Fonte: Embrapa (2019).

Quanto à *raça Dorper*, ainda de acordo com o Portal Agropecuário (s.d), esta é resultado da busca por uma espécie produtora de carne que atendesse às exigências de mercado. Suas características incluem pelos curtos, peles grossas e lã, sendo bom produtor de carne. Tem boa condição de resistência, sendo favorável à criação em regiões tropicais e semitropicais, além de apresentar taxas elevadas de reprodução e estação reprodutiva longa.

Figura 12 – Cria da ovelha, raça Dorper



Fonte: Embrapa (2019).

Por fim, a *raça Somalis* tem origem na África, entre Somália, Etiópia e Quênia. Sua principal característica é a cor negra da cabeça e do pescoço, podendo ser encontrada na cor parda. São de porte médio, sem chifres, orelhas curtas, pescoço grosso e curto, garupa forte, recoberta com gordura, cauda curta e roliça. Destaca-se pela boa capacidade em produzir

carne e pele. Sua gestação normalmente é dupla, não sendo muito comum o nascimento de um único cordeiro.

Figura 13 – Ovelha amamentando a cria, raça Somalis



Fonte: Istock (2021).

Delineia-se, a seguir, a análise lexicográfica, a partir do que se encontrou nos dicionários consultados e as respectivas denominações apuradas para a questão.

6.1.1 Análise semântico-lexical

Foram registradas, para designar a *cria da ovelha logo que nasce*, ao todo, sete formas lexicais distintas: *bezerro*, *borrego*, *cabrito*, *carneiro*, *marrã*, *bode* e *ovelha [filhote de]*. No que se refere à consulta às obras lexicográficas, de maneira geral, tem-se o seguinte: os dicionários de usos gerais de língua portuguesa, trazem o registro das sete lexias, embora a única que apresente a mesma acepção descrita pelos informantes tenha sido *borrego*. As demais seguem ora como extensão de sentido, como *carneiro* e *ovelha [filhote de]*, ora com outra acepção, como *bezerro*, *bode*, *cabrito* e *marrã*. Esta última, no entanto, está registrada como extensão de sentido nos dicionários de usos clássicos, sendo a divergência com relação aos contemporâneos.

No Quadro 21, é possível visualizar a distribuição das lexias, em cada obra lexicográfica, bem como o que se registrou, de forma resumida.

Quadro 21 – Síntese das denominações para *a cria da ovelha logo que nasce* conforme registros nos dicionários de usos gerais da língua portuguesa

Itens lexicais	DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA					
	CLÁSSICOS			CONTEMPORÂNEOS		
	Bluteau (1712-1728)	Silva Pinto (1832)	Silva (1789-1813; 1949)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Caldas Aulete (1970)
<i>Bezerro</i>	≠	≠	≠	≠	≠	≠
<i>Bode</i>	≠	≠	≠	≠	≠	≠
<i>Borrego</i>	=	=	=	=	=	=
<i>Cabrito</i>	≠	≠	≠	≠	≠	≠
<i>Carneiro</i>	±	±	±	±	±	±
<i>Marrã</i>	≠	≠	≠	±	±	±
<i>Ovelha [filhote de]</i>	±	±	±	±	±	±

Fonte: Elaboração própria.

Legenda: (=) mesma acepção; (±) extensão de sentido; (≠) outra acepção.

Nos dicionários especializados e/ou temáticos da língua portuguesa, foram consultadas seis obras listadas, nas quais se incluem algumas das designações investigadas. Quanto ao étimo, tem-se o registro das sete lexias nos três documentos consultados: Cunha ([1982] 2010), Nascentes (1955) e Nascentes (1966). Embora, com a mesma acepção de sentido utilizada pelos informantes, se registrem apenas *borrego* e *filhote de ovelha*. As demais – *bode*, *cabrito* e *marrã* – seguem como extensão de sentido, sendo *carneiro* a única descrita com outra acepção. Com relação aos sinônimos, Nascentes ([1957] 2011) traz o registro apenas de *carneiro*, como extensão de sentido, e *ovelha*, com a mesma acepção. Os africanismos estão descritos em Lopes ([1996] 2003; [2004] 2011), como outras acepções, para *bode* e *carneiro* (Lopes, [1996] 2003).

A síntese dessa distribuição para *a cria da ovelha logo que nasce*, nos dicionários especializados, pode ser observada no Quadro 22 a seguir.

Quadro 22 – Síntese das denominações para *a cria da ovelha logo que nasce* em dicionários especializados de língua portuguesa

Itens lexicais	DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS					
	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	AFRICANISMOS	
	Cunha ([1982] 2010)	Nascentes (1955)	Nascentes (1966)	Nascentes ([1957] 2011)	Lopes ([1996] 2003)	Lopes ([2004] 2011)
<i>Bezerro</i>	≠	≠	≠	∅	∅	∅
<i>Bode</i>	≠	≠	≠	∅	≠	≠
<i>Borrego</i>	=	=	=	∅	∅	∅
<i>Cabrito</i>	≠	≠	≠	∅	∅	∅
<i>Carneiro</i>	±	±	±	≠	≠	∅
<i>Marrã</i>	≠	≠	≠	∅	∅	∅
<i>Ovelha [filhote de]</i>	=	=	=	=	∅	∅

Fonte: Elaboração própria.

Legenda: (=) mesma acepção; (±) extensão de sentido; (≠) outra acepção; (Ø) não dicionarizada.

Como exposto nos quadros acima, vê-se que, nas obras lexicográficas consultadas, apenas a denominação *borrego* foi registrada em todas com a mesma acepção documentada nos inquéritos.

Com relação a *borrego* nos dicionários de usos da língua clássicos – Bluteau (1712-1728), Silva Pinto (1832) e Silva (1759-1813; 1949) – há referência, sobretudo, à idade. O primeiro caracteriza-o como sendo, em algumas partes de Portugal, cordeiro já formado, de seis ou mais meses. Silva Pinto (1832) e Silva (1759-1813; 1949) complementam com o gênero – ser o macho da ovelha.

Nos dicionários contemporâneos – Ferreira (2001), Houaiss (2004) e Aulete (1970), *borrego* é o mesmo que carneiro até completar um ano, também considerado como sinônimo de *cordeiro* e *anho*. *Anho*, em remissão a *cordeiro*, quer dizer filhote ainda novo da ovelha. Quanto ao étimo, Houaiss (2004) e Aulete (1970) mencionam que, no Rio Grande do Sul, *borrego* é conhecido como carneiro novo, de idade entre a do cordeirinho e a do animal que já pode procriar. Houaiss menciona “[...] *borro* /ô/ + *-ego* /ê/; fonte histórica, 1510, *borego*”.

Nos dicionários especializados e/ ou temáticos, Cunha ([1981]2010) registra *borro*, forma reduzida de *borrego*, como carneiro de entre um e dois anos. Traz o ano de 1813 como o de primeiros registros para a lexia, bem como étimo do latim *Burrus*, ‘ruço, vermelho’.

Nascentes (1955) define *borrego* como vindo de *borro*, significando *cordeirinho*, e sufixo *-ego*. O autor traz diversas referências a respeito da origem para a lexia: inicia com A. Coelho (*apud* 1900-1, Nascentes, 1955), que apresenta o item como vindo do baixo latim **burricu*, e dando origem a *burrico*. Afirma que, primeiramente, deveriam ser assim designados os carneiros de cor ruiva; Meyer Lübke, no *Romanisches Etymologisches Wörterbuch* (1911-20), do ano de 1416, como original do latim *burrus*, ruivo; e por fim, Cortesão (1900-1, *apud* Nascentes, 1955) que afirma ser derivado do espanhol.

Nascentes (1966) traz *borrega*, no feminino, como derivado de *borra*, e sufixo *-erro*, relacionado ao sentido de lã macia com o que o animal estaria coberto. *Borra*, por seu turno, tem origem no latim, *burra*, tecido grosseiro de lã.

Bezerro, nas obras lexicográficas clássicas, como Bluteau (1712-1728), Silva Pinto (1832) e Silva (1759-1813; 1949), tem o significado de filho da vaca. Para essa denominação, à exceção de Bluteau (1712-1728), todas acrescentam especificações quanto à idade: “[...] O filho da vaca anojo, ou que não tem mais de um ano (Silva, 1949, p. 478).”.

Nas obras contemporâneas, como Houaiss (2001), *bezerro* é a cria de vaca ainda em fase de amamentação (geralmente até um ano de idade), com étimo de origem controversa, provavelmente do ibérico e pré-romano.

Ferreira (2004) e Aulete (1970) trazem basicamente o mesmo registro para a lexia, com remissão a vitelo e novilho, que significam, respectivamente, boi ainda novo, almalho. Houaiss (2001), no que se refere ao étimo, traz *bezerro* como de origem controversa, provavelmente ibérica e pré-romana. E ainda “[...] segundo Corominas, talvez de um **ibicirru*, derivado do latim hispânico *ibex, ĩcis* no sentido de 'cabrito-montês’”. Faz remissão à bezerr-; e registra como fonte histórica, datado de 1056, *bezeru* (num texto em romance), e também no século XIII, *bezerro*.

Nos dicionários especializados, Cunha ([1982] 2010, p. 88) traz a lexia com primeiro registro no século XIII: “Tal como o castelhano *Becerro*, o vocativo Português deve porvir de um latim hispânico **ibicerra*, **ibicirra*, derivado de *ibex -icis* ‘camurça, cabra montês’, em razão do caráter indômito e arisco de ambos os animais”.

Nascentes (1955) considera como origem o vasconço (atribuindo, inclusive, o sufixo a esta referência) *beicecorra*, de *beia*, vaca e *cecorra*, vitela, e fazendo, ainda, registros em espanhol, *becerro*. Cita, também, Cortesão (1900-1, apud Nascentes, 1955), ao sugerir a origem como sendo do baixo latim *becerru*, e do árabe *bocair*, pequeno touro.

Nascentes (1966) registra como entrada o feminino, *bezerra*, sendo *bezerro* a forma masculina, com provável origem latina, *ibex*, *ici*, com o sentido de cabrito montês, sufixo ibérico -rr, nas formas **ibicirra/ *ibicerra*.

Cabrito está registrada com a mesma acepção em três dos dicionários de usos da língua consultados. Nos clássicos, Bluteau (1712-1728) registra genericamente como o filho da cabra. Silva Pinto (1712-1832) e Silva (1759-1813; 949) definem, também de maneira genérica, como bode ainda pequeno.

Quanto aos contemporâneos, Houaiss (2001) e Ferreira (2004) trazem o item como pequeno bode, ou bode jovem: “[...] o macho da cabra; cabrão”. Aulete (1970), define-o como cria da cabra, e tem a acepção associada à amamentação.

Houaiss (2001) considera ainda, quanto ao étimo, como de origem latina: “[...] do latim *caprītus, i* ‘pequena cabra, cria masculina da cabra, enquanto mamava’; ver cabr-; fonte histórica 990 (em documento em baixo latim), cabrito, séc. XIII cabrito, séc. XIII cabritu”.

A respeito dos dicionários especializados e/ou temáticos, Cunha ([1982]2010) e Nascentes (1966) trazem, além do sentido atribuído pelas obras de usos gerais da língua, o item *cabrito* como do latim tardio *capritus*.

Nascentes (1966) considera ser, antigamente, a cria masculina da *cabra* enquanto mamava, tendo sido substituído por *bode*. Já a cria masculina seria o diminutivo *cabritinho*, mestiço novo. Faz, ainda, remissão à cabra.

Cabrita, nos três dicionários clássicos, Bluteau (1712-1728), Silva Pinto (1712-1832) e Silva (1759-1813; 1949), tem, também, outra acepção. O primeiro, inclusive, registra, para a forma no plural, *cabritas*, o sentido de “[...] (termo de meninos) que levam às costas uns depois os outros” (Bluteau, 1712-1728, v. 2, p. 22). Já para os contemporâneos, Houaiss (2001), Ferreira (2004) e Aulete (1970), *cabrita* é cabra nova, pequena ou jovem. Houaiss (2004), considera, ainda, como sinônimo, *chiba*.

Dos dicionários especializados, apenas Cunha ([1982] 2011) e Nascentes (1966, p. 123), trazem *cabrita* como entrada. Este último, assim como em definição à *cabrito*, traz a lexia como feminino de cabrito, sinalizando para uma distinção de usos antes *versus* hoje: “Era a cria da cabra, enquanto mamava; hoje é a *cabra*”.

Carneiro, nos dicionários clássicos, sobretudo Bluteau (1712-1728) e Silva Pinto (1832), o definem como o macho da ovelha, embora esse último acrescente ser apenas a partir do terceiro ano. Silva (1759-1813; 1949), além de definir o sexo e a idade – a partir do terceiro ano – registra a espécie, *ovellum*.

Quanto aos clássicos, Houaiss (2001) considera ser designação comum aos mamíferos do gênero *Ovis*, da família dos bóvidos, com sete espécies selvagens do hemisfério norte, e uma espécie domesticada (*Ovis aries*), utilizada para o fornecimento de lã e carne, encontrada em todo o mundo. Ferreira (2004) e Aulete (1970) seguem na mesma linha, ao atribuir ao animal também a domesticidade.

Há, contudo, nessas obras, à exceção de Aulete (1970), para *caruncho*, em remissão à *carneirinho*, a menção ao Brasil, como sendo raça suína. Quanto à etimologia, Houaiss (2001) registra, para carneiro, como oriundo do

[...] latim vulgar **carnariu* 'carneiro, a carne do animal que serve de alimento', provavelmente substantivo do adjetivo latim *carnārius*, *a, um* 'relativo à carne (alimento)' como nome do animal 'que tem carne macia e boa para a alimentação', em oposição a *ariēs*, *ētis* 'carneiro de semente (para a reprodução); macho de ovelha'; ver *carn-*; fonte histórica, 1272, carneiro, 1278, carneiro.

O autor considera ainda o feminino *carneira*, *marrã* e *ovelha*.

Com relação aos dicionários especializados, para Cunha ([1982] 2010), *carneiro* teria origem no século XIII, sendo do latim *carnariu*, ‘animal de boa carne’. Nascentes (1955) traz a lexia como sendo do latim *carne* e sufixo *-eiro*, e ainda animal carnudo, de boa carne, além da forma em espanhol, *carnero*.

Nascentes (1966) traz o feminino *carneira* como entrada, derivado do masculino, e ainda, o que é feito da pele desse animal. Considera o item de origem francesa, *charnière*. *Carneiro*, por sua vez, viria do latim *carnariu*, e seria animal castrado, do qual se aproveita para tirar a carne, em oposição à áries, carneiro mestiço, mais usado para reprodução. Com relação aos sinônimos, Nascentes ([1957] 2011) traz para *carneiro* outra acepção.

Marrã, filha da ovelha, ao menos para os informantes da amostra, está registrada nos seis dicionários de usos da língua consultados.

Quanto aos clássicos, Bluteau (1712-1728) registra a forma *marraã* com a mesma acepção, ao passo que Silva Pinto (1832) e Silva (1759-1813; 1949), para *marrão*, fazem remissão à *marraã*.

Nos dicionários contemporâneos, Houaiss (2001) considera ser porca nova que parou de mamar, e carne fresca de porco; regionalismo de Pernambuco, com o sentido de *ovelha* de pouca idade, e feminino de *marrão*. Ferreira (2004) e Aulete (1970) trazem a mesma acepção de Houaiss (2001). Aulete (1970) acrescenta a origem castelhana *marrana*. Quanto à etimologia, Houaiss (2001), considera para *marrão* as fontes históricas de 1543, para *marrãa*; 1836, para *marran*; 1858, para *marrã*. Traz outra acepção, a de voz típica do português e do espanhol, derivado do árabe *muḥarram*, no sentido de coisa proibida, em alusão à proibição, no islamismo, da ingestão da carne de porco; *marrano*.

No que se refere aos dicionários especializados, há registros em Cunha ([1982] 2010) e Nascentes (1955; 1966) quanto ao étimo. O primeiro registra as mesmas acepções que Houaiss (2001), acrescentando, para *marrano*, “[...] dizia-se de, ou cristão novo”, além de atribuir o sentido de designação injuriosa que se dava aos mouros e judeus no século XV; e ainda, *marrote*, com o mesmo sentido, registrado já no século XX.

Nascentes (1955, p. 319) traz como entrada *marrano*, associando-o como vindo do espanhol *marrano*. Traz comentários sobre a Academia Espanhola, que admite a existência de três vocábulos idênticos, nesse idioma, indicando, como relevância, apenas dois: o de “[...] pessoa maldita e excomungada, étimo português, derivado do *anátoma maranathá*”, e o sinônimo de porco, com sentido figurado de “[...] homem sujo e desasseado, o que procede mal ou baixamente, derivando talvez de *maharrana*, na Andaluzia toucinho fresco, do árabe *moharrana*, coisa proibida”, com remissiva a *marrão*.

O autor considera que o português se deriva de *maranathá*, embora com étimo afastado, já mais próximo de *moharrana*. Acrescenta o aspecto religioso associado à forma, e ainda, sobre *marrão*, atribui também o sentido de porco, com remissão a *marrano*. Segundo Coelho (1900-1, *apud* Nascentes, 1955), *marrão* viria do espanhol *marrano*, mas o tratamento

normal, que levou ao ditongo *-ão*, mostra que o vocábulo teria origem do árabe e não do espanhol, para a forma no português. Lokotsch (*apud* nascentes, 1955) acredita ter derivado do hebraico *mar'e*, *aparência*, com remissiva a *marrão*. Para Eguilaz (*apud* Nascentes, 1955), teria vindo do árabe marroquino *morran*.

Ovelha foi encontrada em seis obras de usos da língua consultadas. Bluteau (1712-1728) e Silva (1759-1813; 1949), clássicos, acrescentam características comportamentais, tais como “[...] é animal brando e tímido, símbolo da docilidade, da mansidão”. Silva Pinto (1712-1832) menciona apenas o gênero.

Nas obras contemporâneas, Houaiss (2001), afirma ser a fêmea do carneiro, *carneira*. Quanto à etimologia, Houaiss (2001) registra como origem o latim *ovicūla,ae*, ovelha pequena, diminutivo de *ōvis,īs*, carneiro, ovelha; ver *ov(i)-*; e ainda registros nos séculos XIII *ovella*, XIII *ovellã*, XIV *ovelhas*, XIV *ouelha*, XIV *ouvelhas*. Ferreira (2004) inclui ainda o sinônimo, para a Região Sul do Brasil, *carneira*, já Aulete (1970) considera ser a fêmea da espécie *Ovis femina*, do latim *ovicula*.

Nos dicionários especializados, há registro de *ovelha* em Cunha (2010), Nascentes (1955; 1966), e Nascentes ([1957] 2011) no que concerne à etimologia. No primeiro, tem-se a fêmea do carneiro. / -lla. Séc XIII; do latim *ovicula -ae*. Nascentes (1955; 1966) registra ser do latim *ovicula*; espanhol *oveja*, italiano *oveglia*, francês *ouaille* (em sentido espiritual), com remissão à *abelha*.⁴⁴ Nascentes ([1957] 2011), traz, para *lanígero*, os sinônimos *ovelhum* e *ovino* como qualificações à espécie de carneiro, sendo *ovelhum* menos usado.

Bode, nos dicionários de usos da língua, é o macho da cabra sendo um item de origem incerta, talvez pré-romana, segundo Nascentes (1966) e Cunha ([1982] 2011), e tendo a mesma acepção em todas. Inclui-se, aqui, a definição de Silva (1759-1813; 1949), apenas para ilustrar, mas, no geral, as obras consultadas trazem *bode* como “Quadrúpede ruminante cavicórneo, macho da cabra, com pelos compridos debaixo do queixo, a modo de barba e cheiro nauseabundo (Silva, 1949, p. 534).”.

Quanto à origem, Cunha ([1981] 2010) o considera de origem incerta, surgida no século XVI; traz o registro de *bodum* que, embora consista em outro sentido (exalação fétida de bode não castrado), pode dar pistas sobre a origem latina – *budū*, século XV.

⁴⁴ Nascentes (1955, p. 42), a respeito do verbete ABELHA: “Do latim *apicla*, diminutivo formal de *ape*; *abeja*, italiano *ape*, *pecchia*, francês *abeille*. O latim popular tinha tendência, assim como as línguas românicas, a rejeitar os primitivos para aceitar derivados com o auxílio de sufixos diminutivos. Não há sentido diminutivo nestas formas. É mera questão de pronúncia; o diminutivo era mais sonoro em consequência do alongamento. [...] Plínio já empregava *apicula* em lugar de *apis*. O mesmo se deu para *artelho*, *cravelha*, *ferrolho*, *funcho*, *grelha*, *joelho*, *lentilha*, *orelha*, *ovelha*, *piolho*, *vermelho*.”.

Destaca-se, no entanto, no que se refere ao africanismo, a descrição apresentada por Lopes ([1996] 2003): embora traga a lexia com a mesma acepção apresentada pelos dicionários, acrescenta alguns comentários acerca da sua origem e significado em outras línguas africanas com, inclusive, proximidade semântica com o *carneiro*, em quimbundo, como se pode ver a seguir:

A *African Encyclopedia* (1974 c, p. 77), no verbete “*Bantu languages*”, numa mostra de vocábulos do protobantu, inclui *n-budy*, bode. Veja-se que os termos correspondentes ao português bode são, em suaíle, *mbuzi*; em ronga, *imbushi*; em suto, *podí*. Veja-se também, que chifre, em quicongo, é *mbudi*, o mesmo que **carneiro** em quimbundo. Observe-se, ainda, que, apesar de o étimo consagrado da palavra buzina ser o lat. *bucina*, corneta, trombeta, há um parentesco entre essas raízes. E o que nos chama a atenção para isto é o quimbundo *buzumuva*, divulgar em voz alta (Ribas b, p. 168). (Grifos da autora).

Tais considerações trazidas pelo autor demonstram que os africanismos podem trazer explicações, quanto ao étimo, para itens lexicais que até então tinham registros incertos ou de origem latina, embora haja divergências entre os autores.

6.1.2 Análise geolinguística

No que concerne ao confronto dos atlas para a investigação geolinguística, realizam-se, nessa subseção, algumas discussões sobre os aspectos diatópicos desnudados para a *cria da ovelha logo que nasce* encontrados na amostra, trazendo questões espaciais que se sobressaem, na maioria das vezes, em trabalhos de natureza dialetal, além das influências dos aspectos extralinguísticos, quando estas se mostrarem significativas para a pesquisa.

Com o intuito de direcionar as análises das amostras selecionadas para este estudo, se mostrou imperioso fazer uma incursão nos dados dos atlas já publicados, pois estes fornecem um panorama das formas lexicais encontradas, para além do que se apurou do recorte. Nesse sentido, a *cria da ovelha* está registrada, além do *APFB* e *ALS*, também no *ALMS*, que traz a carta 0109.a, que inclui as formas *garrote*, *sobreano*, *bezerro*, *novilho (a)*, *tourinho*, *barrocha*, *desmamando* e *mamote*.

Assim, inicia-se a análise a partir do olhar para os 50 pontos do *APFB* e os 15 do *ALS*, aqui direcionadas às cartas linguísticas 131 e 132 dos respectivos atlas, a fim de levantar todas as ocorrências apuradas, bem como as não respostas, como explicitado no início da seção. Neste contexto, foi realizado um levantamento das respostas documentadas, totalizando 150 registros. No entanto, ao aplicar os critérios de validação estabelecidos, observou-se que 11,2% dessas respostas não foram consideradas válidas, resultando em 139 respostas aproveitadas para a análise.

Essas ausências são levadas em conta para uma compreensão mais abrangente das contribuições e limitações nos dados sobre as cartas linguísticas em questão. A seguir, procede-se com a análise detalhada das ocorrências e não respostas, seguindo a metodologia apresentada na seção anterior.

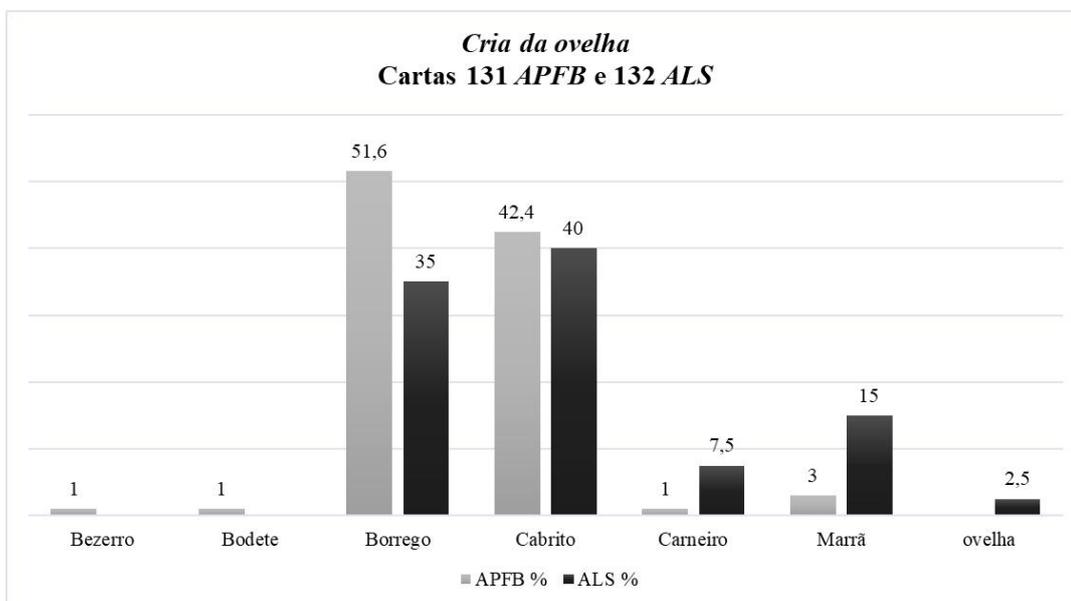
Após a validação, foram identificadas, no *APFB*, para nomear *a cria da ovelha quando nasce*, sete lexias diferentes, contabilizando um total de 99 ocorrências: *borrego*, *cabrito*, *marrã*, *carneiro*, *bode (bodete)*, *bezerro* e *ovelhinha*. Quanto ao *ALS*, registram-se cinco lexias distintas, somando 40 ocorrências: *borrego*, *cabrito*, *carneiro*, *marrã* e *ovelha*.

A distribuição desses registros nas cartas 131 e 132 do *APFB* e *ALS* pode ser vista na Tabela 5 a seguir. Considerando as diferenças entre os *corpora*, optou-se por trazer as lexias em ordem alfabética e não em ordem de maior ocorrência. Destaca-se que as duas primeiras colunas trazem os atlas em separado e a última as lexias registradas em conjunto (soma de *APFB* e *ALS*). As lexias com maior ocorrência na amostra individual e na conjunta – *borrego* (46,8%) e *cabrito* (41,7%). Da mesma forma, os dados em análise podem ser constatados no Gráfico 9, e que se representa apenas os *corpora* em separado.

Tabela 5 – Número de ocorrências/percentuais para *a cria da ovelha logo que nasce* no *APFB* e *ALS*

Cartas 131 <i>APFB</i> e 132 <i>ALS</i>						
Nomes	<i>APFB</i>		<i>ALS</i>		Conjunto <i>APFB/ ALS</i>	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<i>Bezerro</i>	1	1,0	0	0,0	1	0,7
<i>Bodete</i>	1	1,0	0	0,0	1	0,7
<i>Borrego</i>	51	51,6	14	35,0	55	46,8
<i>Cabrito</i>	42	42,4	16	40,0	58	41,7
<i>Carneiro</i>	1	1,0	3	7,5,0	4	2,8
<i>Marrã</i>	3	3,0	6	15,0	9	6,4
<i>Ovelha</i>	0	0,0	1	2,5	1	0,7
Total	99	100	40	100	139	100

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 9 – Percentuais para a *cria da ovelha logo que nasce* nas cartas 131 APFB e 132 ALS

Fonte: Elaboração própria.

À primeira vista, os dados do APFB, indicam que os itens parecem ter uma ampla distribuição em todo o Estado da Bahia, mas, em apreciação mais atenta, pode-se verificar que há, conforme apontou Cardoso (1994), a identificação clara de duas subáreas, delimitadas pela alternância elevada tanto de *borrego* como de *cabrito*.

Apesar da alta incidência desses itens lexicais, vê-se uma predominância de *borrego*, permitindo a delimitação da **primeira subárea**, em que se registram 51 ocorrências, distribuídas em 34 dos 50 pontos de inquérito, ao passo que, para *cabrito*, tem-se 42 registros em 30 pontos de inquérito. Em muitos desses pontos há co-ocorrência de ambas, embora haja predominância de uma ou de outra.

Essa distribuição, em identificação de uma subárea de *borrego*, situada no Nordeste, inclui os pontos 1, 2, 4, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 37, 38 e 39, em que se constata a exclusividade para o item, conforme analisou Cardoso (1994), em seu artigo *Designações para 'cria da ovelha' e a história do Português do Brasil*.

Quanto à *cabrito*, a presença da lexia na parte centro-oeste do Estado da Bahia, com extensão indo de norte a sul, delimita, assim, a **segunda subárea**. Nota-se, também, que *cabrito* é predominante desde a região central até o Leste, com ocorrências também ao sul, embora não de forma exclusiva, pois que há concomitância com *borrego* no ponto 44, e, além disso, nos pontos 48 e 49, em que se exclui a lexia, tendo ocorrido apenas *borrego*. Esses, como observou Cardoso (1994), estão situados no oeste do Estado, sendo os pontos mais extremos nesta região.

Na sequência tem-se, para *marrã*, registro em três pontos, com uma ocorrência em cada: 6, 23 e 42. Os dois primeiros estão relativamente próximos, cerca de 163km – Velha Boipeba e Boa Nova – um deles, no litoral, sendo um povoado da Ilha de Boipeba, pertencente ao município de Cairu, localizado no Baixo Sul.

Já Boa Nova é uma cidade do centro-sul do Estado. O ponto 42, Barra, está presente na amostra para esta análise. Sobre os informantes, apenas para fins de registro, tem-se, para Boipeba, uma mulher de 50 anos; para Boa Nova, também uma mulher, de 30 anos, e em Barra, um homem, de 50 anos.

A respeito de *carneiro* e *bode*, incidem, para essas lexias, duas ocorrências, uma para cada. A primeira, no ponto 31, foi registrada em Brotas de Macaúbas; já a segunda ocorreu no ponto 30, em Morro do Chapéu, ambas da região centro sul, pertencentes à Chapada Diamantina. Tem-se, quanto aos informantes: uma mulher de 35 anos, para *carneiro* e um homem de 60 anos, para *bode*.

Por outro lado, os dados do *ALS*, com relação à *cria da ovelha*, não permitem falar em subáreas, visto que as cinco lexias registradas nas cartas não se distribuem nos pontos de inquérito de modo a delinear espaços geográficos distintos e demarcadores de subáreas. Assim, das quinze localidades que compõem este atlas, tem-se *cabrito* e *borrego* com maior número de ocorrências, com registro em onze localidades cada, sendo que, em sete delas, as duas formas coocorrem (do ponto 58 ao 63, mais o ponto 65); em duas há apenas *cabrito* (pontos 53 e 54); e em três há apenas *borrego* (52, 57 e 64). Registram-se ainda as formas *marrã*, em seis pontos (cinco deles, em simultaneidade com *cabrito*), *carneiro*, três (sendo um deles com *borrego* e três com *cabrito*), e *ovelha*, em apenas um ponto.

As respostas aproveitadas nas cartas 131 do *APFB* e 132 do *ALS* constituem a base para as considerações que se seguem, como demonstrado na Tabela 6 a seguir, que contém a distribuição dessas respostas. Esses dados são essenciais para o entendimento das informações ora levantadas. Após essa análise, será feita uma breve menção aos “vazios”, ou seja, às respostas que não foram validadas, cujas razões para exclusão já foram previamente explicadas na seção de metodologia.

Tabela 6 – Respostas para a *cria da ovelha logo que nasce* nas cartas 131 *APFB* e 132 *ALS*

Cartas 131 APFB e 132 ALS			
Corpora	Aproveitadas		Total
	Nº	Percentual	
APFB	99	71,2%	109
ALS	40	28,8%	41
Total	139	100%	150

Fonte: Elaboração própria.

Das 150 respostas coletadas nas cartas 131 do *APFB* e 132 do *ALS*, 11 não foram validadas durante o processo de análise. Essas respostas, representando 7,3% do total, não foram consideradas válidas por diversas razões, como a falta de clareza nas respostas fornecidas pelos informantes, respostas em branco ou dados que não estavam em conformidade com os critérios estabelecidos para o estudo.

A maioria dessas respostas não validadas foi identificada no *corpus* do *APFB*, totalizando 10 respostas, o que representa 9,2% das 109 respostas coletadas nesse *corpus*. Já no *ALS*, apenas uma resposta foi desconsiderada, representando 2,4% do total de 41 respostas.

Como observado, o número de respostas validadas, com mais de 90% de aproveitamento, supera as não aproveitadas, totalizando 7,3%. No *APFB*, registram-se dez ausências, sendo oito parciais e duas totais, estas últimas ocorrendo apenas nos pontos 11 (Prado) e 50 (Ibiranhém), onde nenhum dos informantes mencionou qualquer resposta para a questão. No *ALS*, o êxito foi ainda maior, com abstenção apenas em Simão Dias para um dos informantes. Tais números comprovam a eficácia tanto na aplicação do questionário como na coleta dos dados para a *cria da ovelha logo que nasce*, como se observa nos percentuais.

Em síntese às cartas 131 e 132, dos dados referentes à Sergipe, ao se compararem com o *APFB*, há, de semelhante, a predominância de *borrego* e *cabrito*, e ainda o registro de *marrã* e *carneiro* – seis e três registros, respectivamente. Quanto às diferenças, *bode* e *bezerro* estão apenas no *APFB*, e *ovelha* apenas em Sergipe.

Após o levantamento das ocorrências nas respectivas cartas, discorre-se sobre a análise dos dados para *cria da ovelha logo que nasce* encontrados na amostra – *APFB*, *ALS* e Projeto ALiB – quanto à diatopia, seguida de breves comentários dos demais fatores, o que incluiu a apresentação de três cartas-resumo (experimentais), em que se registram a presença e/ou ausência das ocorrências, principalmente na perspectiva diatópica, evidente a partir do confronto entre os *corpora*.

Em observação aos dados coincidentes na amostra, na comparação com os documentos mais antigos, que diz respeito à primeira sincronia, estes registram cinco lexias distintas – *cabrito*, *carneiro*, *borrego*, *marrã* e *bezerro*, 27 ocorrências no total. Dessas, apenas *carneiro* não foi apurada no *APFB*, ao passo que no *ALS*, não houve registro de *bezerro*. O que se vê claramente é que *cabrito* é a lexia comum em ambos, sendo maioria, com respectivamente 43,7% e 46,2%, seguido por *borrego*, em que se apuraram 43,7% no *APFB* e 30,8% no *ALS*.

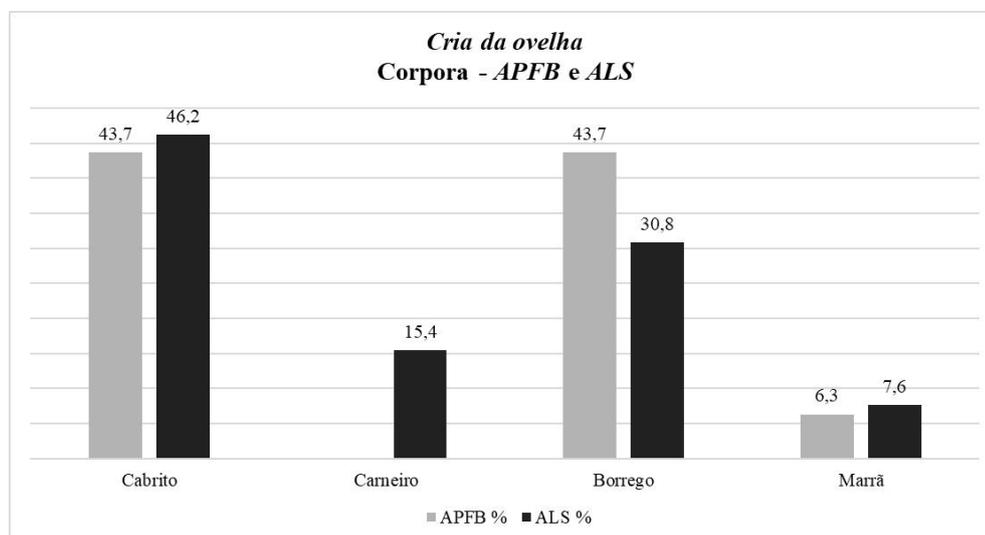
Tais números podem ser observados na Tabela 7 e Gráfico 10 a seguir.

Tabela 7 – Número de ocorrências / percentuais para a cria da ovelha logo que nasce nos corpora para APFB e ALS

Corpora - APFB e ALS						
Nomes	APFB		ALS		Conjunto APFB/ ALS	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<i>Cabrito</i>	7	43,7	6	46,2	13	44,8
<i>Carneiro</i>	0	0,0	2	15,4	2	6,9
<i>Borrego</i>	7	43,7	4	30,8	11	37,9
<i>Marrã</i>	1	6,3	1	7,6	2	6,9
<i>Bezerro</i>	1	6,3	0	0,0	1	3,5
Total	16	100	13	100	27	100

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 10 – Percentuais para a cria da ovelha logo que nasce nos corpora para APFB e ALS



Fonte: Elaboração própria.

Ao comparar a segunda sincronia, referentes aos dados do Projeto ALiB para Bahia e Sergipe, tem-se o seguinte cenário: foram apuradas 50 ocorrências, sendo 40 na Bahia e 10 em Sergipe, resultando em sete lexias distintas – *cabrito*, *borrego*, *ovelha [filhote de]*, *carneiro*, *marrã*, *bezerro* e *bode*. Dessas, *cabrito* teve o maior percentual, 42%, seguida de *ovelha [filhote de]*, com 22,5% nos dois estados. Há, ainda, registros de *carneiro*, com 22%, e *borrego*, com 14%. Esta última, diferente do APFB e ALS, segue figurando entre os índices mais baixos, ficando à frente apenas dos casos de única ocorrência, *marrã*, *bezerro* e *bode*, como se pode observar na Tabela 8 a seguir.

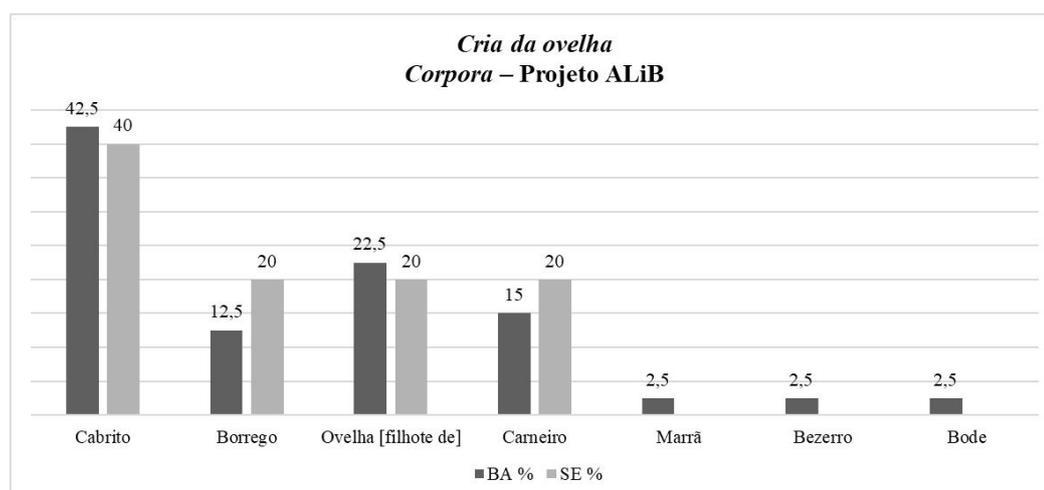
Tabela 8 – Número de ocorrências / percentuais para a *cria da ovelha logo que nasce nos corpora* – Projeto ALiB para Bahia e Sergipe

Corpora – Projeto ALiB						
Nomes	BA		SE		Projeto ALiB Conjunto BA-SE	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<i>Cabrito</i>	17	42,5	4	40,0	21	42,0
<i>Borrego</i>	5	12,5	2	20,0	7	14,0
<i>Ovelha [filhote de]</i>	9	22,5	2	20,0	11	22,0
<i>Carneiro</i>	6	15,0	2	20,0	8	16,0
<i>Marrã</i>	1	2,5	0	0,0	1	2,0
<i>Bezerro</i>	1	2,5	0	0,0	1	2,0
<i>Bode</i>	1	2,5	0	0,0	1	2,0
Total	40	100	10	100	50	100

Fonte: Elaboração própria.

No Gráfico 11 podem-se visualizar tais ocorrências, quanto ao percentual, nos dados do Projeto ALiB para a Bahia e Sergipe.

Gráfico 11 – Percentuais para *como se chama a cria da ovelha logo que nasce nos corpora* – Projeto ALiB para Bahia e Sergipe



Fonte: Elaboração própria.

Na sequência, apresenta-se um resumo dos dados selecionados nos *corpora* em recorte, relativos às onze localidades coincidentes, nas duas sincronias.

Foram apuradas sete denominações distintas quando vistos os três *corpora* em conjunto: *cabrito*, *ovelha [filhote de]*, *carneiro*, *borrego*, *bezerro*, *bode* e *marrã*, contabilizando 79 ocorrências. Tais números apontam *cabrito* como o item lexical mais recorrente, com 34 respostas apuradas, 43% percentuais totais, além de *borrego*, com 18 ocorrências, 22,7%, *ovelha [filhote de]*, com 13,9% e *carneiro*, 12,6%, sendo os resultados de menores registros: *marrã*, 3,9%; *bezerro*, 2,6%, e *bode*, equivalente a 1,3% da amostra.

A Tabela 9 reflete os resultados encontrados no *APFB*, *ALS* e nos dados do Projeto ALiB para ambos os estados.

Tabela 9 – Síntese das ocorrências e percentuais totais, por lexia, para a *cria da ovelha logo que nasce* nos três corpora

<i>APFB, ALS e Projeto ALiB para BA e SE</i>		
Nomes	Total	
	Nº	%
<i>Cabrito</i>	34	43
<i>Borrego</i>	18	22,7
<i>Ovelha [filhote de]</i>	11	13,9
<i>Carneiro</i>	10	12,6
<i>Marrã</i>	3	3,9
<i>Bezerro</i>	2	2,6
<i>Bode</i>	1	1,3
Total	79	100

Fonte: Elaboração própria.

A análise das respostas coletadas nos corpora *APFB*, *ALS* e Projeto ALiB para os estados da Bahia e Sergipe apresenta resultados relevantes em relação ao aproveitamento das informações. Dos 89 dados totais coletados, foram validadas 79 lexias, o que corresponde a 88,6% de validação, com as seguintes quantidades em cada corpus:

No *APFB*, 16 respostas foram validadas, representando 20,3% do total. No *ALS*, 13 respostas foram aproveitadas, correspondendo a 16,4% do total. O Projeto ALiB na Bahia se destacou com 40 respostas aproveitadas, o que equivale a 50,6% do total. Por sua vez, o Projeto ALiB em Sergipe apresentou 10 respostas válidas, representando 12,7% do total.

Entretanto, é importante considerar que 10 respostas, correspondendo a 11,2% do total, não foram aproveitadas. Esses dados evidenciam a eficácia da coleta e análise das informações nos diferentes corpora, ao mesmo tempo em que sinalizam áreas que podem ser aprimoradas na coleta de dados.

Quanto às abstenções, em resumo, das 89 respostas coletadas nos corpora *APFB*, *ALS* e Projeto ALiB para Bahia e Sergipe, 10 não foram validadas, representando 11,2% do total. Verifica-se um número pequeno, com o *APFB* registrando apenas uma ausência, mais especificamente no ponto 24, em Vitória da Conquista. O *ALS* não registrou abstenções, apurando 100% das respostas. Já no Projeto ALiB, houve nove respostas não aproveitadas, com destaque para o ponto 101, em Santa Cruz Cabrália.

Esses resultados mostram que, apesar do número considerável de respostas validadas, ainda há lacunas significativas nos dados coletados, conforme ilustra a Tabela 10.

Tabela 10 – Respostas para *a cria da ovelha logo que nasce* nos três corpora

APFB, ALS e Projeto ALiB para BA e SE			
Corpora	Aproveitadas		Total
	Nº	Percentual	
<i>APFB</i>	16	20,3%	17
<i>ALS</i>	13	16,4%	13
Projeto ALiB - BA	40	50,6%	47
Projeto ALiB - SE	10	12,7%	12
Total	79	100%	89

Fonte: Elaboração própria.

No que concerne às ocorrências relativas à flexão em gênero e à derivação em grau (no caso majoritariamente em diminutivos em -inho/a ou -ete), embora, para fins de análise léxico-semântica, se tenha priorizado a neutralização das formas quanto a tais ajustes morfológicos, há que se considerar que para a *cria da ovelha logo que nasce* ocorreram formas no diminutivo – para diferenciar as etapas da vida do animal, principalmente com relação à amamentação: quanto mais novo e, por conseguinte, lactante, mais próximo do diminutivo – e também formas no feminino. Assim, são trazidas as realizações, tanto nas cartas 131 do *APFB* e 132 do *ALS*, como nos dados do Projeto ALiB para a Bahia e Sergipe, condizentes com a amostra, para que se tenha um panorama geral dessas ocorrências.

O Quadro 23 a seguir ilustra a distribuição das lexias nas cartas 131 *APFB* e 131 *ALS*.

Quadro 23 – Feminino e diminutivo para *a cria da ovelha logo que nasce* nas cartas 131 *APFB* e 132 *ALS*

Ocorrências – gênero e grau – cartas 131 APFB e 132 ALS				
Nomes	APFB		ALS	
	Feminino	Diminutivo	Feminino	Diminutivo
<i>Cabrito</i>	-	Cabritinho	-	Cabritinho Cabritozinho
<i>Borrego</i>	Borrega	Borreguinho Borregozinho	Borrega Borreguinha	Borreguinha
<i>Ovelha [filhote de]</i>	-	-	Ovelhinha	-
<i>Carneiro</i>	-	Carneirinho	-	Carneirinho
<i>Bode</i>	-	Bodete	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Sobre a flexão em gênero e a derivação em grau nos atlas referentes à primeira sincronia, tem-se o seguinte cenário:

Há, no *APFB*, quanto ao diminutivo, *cabritinho*, para *cabrito*, nas localidades de Boa Nova (ponto 23), Vitória da Conquista (ponto 24) e Condeúba (ponto 36); *borreguinho*, em Rio Fundo, Campo Formoso e Pambu (pontos 3, 26 e 38) e *borregozinho* em Pedra Branca (ponto 20), para *borrego*; *carneirinho* em Brotas de Macaúbas (ponto 31), para *carneiro* e *bodete* em Morro do Chapéu (ponto 30), para *bode*.

Já o feminino ocorreu apenas em Mirandela (ponto 15), para *borreguinha*. Desses pontos, fazem parte da amostra apenas Vitória da Conquista. Essas realizações somam, ao todo, dez ocorrências e equivalem a 10,1% dos 99 registros para o atlas.

No *ALS*, os diminutivos ocorreram nas formas *cabritinho*, *cabritozinho* e *carneirinho* em quatro pontos: Santa Luzia do Itanhy (ponto 51), *cabritinho* e *carneirinho*; Propriá (ponto 62), *cabritozinho* e *carneirinho*; Nossa Senhora da Glória (ponto 63), *cabritinho* e Curalinho (ponto 65), *cabritinho*.

No feminino (e também diminutivo), registraram-se *borreguinha* em São Cristóvão (ponto 55) e Propriá e *borrega* em Brejo Grande (ponto 61), além de *ovelhinha* também em Propriá. Quanto aos pontos condizentes com a amostra tem-se, aqui, as ocorrências para Propriá. Tais derivações para diminutivo e flexões para o feminino somam dez registros, e equivalem também a 25% das respostas válidas para o *ALS*.

No que concerne às realizações dessas derivações nos dados do Projeto ALiB para a Bahia, tem-se *cabritinho* em Santa Cruz Cabrália e Santana e *cabritim* em Caetité; *carneirinho* em Jacobina, Jeremoabo, Santa Cruz Cabrália, Vitória da Conquista e Jeremoabo; *borreguinho* em Itaberaba e Jacobina, e *borreguim* em Caetité; *filhotinho* em Barra e *bodinho* em Santana.

Para a combinação derivação em -inh + flexão em -a tem-se *cabritinha* em Santana, Vitória da Conquista e Barra; *carneirinha* em Vitória da Conquista; *ovelhinha* em Barra e *filha* em Itaberaba. Quanto à Sergipe, nos dados do Projeto ALiB, tem-se apenas uma ocorrência para o diminutivo, *carneirinho*, em Estância e duas para o feminino, *cabrita* e *ovelhinha*, em Propriá.

O panorama geral das ocorrências nos *corpora*, em comparação, pode ser melhor visualizado no Quadro 24.

Quadro 24 – Feminino e diminutivo para a cria da ovelha logo que nasce no APFB, ALS e Projeto ALiB

Gênero e grau - ocorrências nos três corpora								
Nomes	APFB		ALS		Projeto ALiB			
	Fem	Dim.	Fem.	Dim.	BA		SE	
					Fem.	Dim.	Fem.	Dim.
<i>Cabrito</i>	-	Cabritinho	cabrita	Cabritinho Cabritozinho	-	Cabritim Cabritinho	cabrita	-
<i>Borrego</i>	-	-	Borreguinha Borrega	Borreguinha	-	Borreguinho		Borreguinho
<i>Ovelha [filhote de]</i>	-	-	-	-	Ovelhinha	Filhotinho	Ovelhinha	-
<i>Carneiro</i>	-	-	-	Carneirinho	-	Carneirinho	-	Carneirinho
<i>Bode</i>	-	-	-	-	-	bodinho	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Dessas realizações, quanto a flexão em gênero e a derivação em grau, se pode afirmar que:

- (i) no *APFB*, há apenas um registro de diminutivo para cabrito (*cabritinho*) e nenhuma ocorrência de feminino nos dados da amostra;
- (ii) no *ALS*, tem-se os diminutivos *cabritinho*, *cabritozinho* e *carneirinho*, para, além de *borreguinha* e *ovelhinha*;
- (iii) os dados do Projeto ALiB para a Bahia são mais produtivos que os atlas mais antigos e trazem *cabritinho*, *cabritim*, *carneirinho*, *borreguim*, *borreguinho* e *bodinho*, esta última, com ocorrência de *bodete* no *APFB*, ainda que em ponto diferente da amostra;
- (iv) quanto à Sergipe, há apenas o registro de um diminutivo (*carneirinho*) e dois femininos, sendo um deles no diminutivo (*cabrita* e *ovelhinha*).

Quanto à diatopia, pode-se verificar que, nos dados do Projeto ALiB, tanto para a Bahia como para Sergipe, tem-se *cabrito* como lexia predominante em relação às demais. *Ovelha [filhote de]*, a segunda ocorrência, representa 22,5%, seguida por *carneiro*, 15%, *borrego*, 12,5%, e, por fim, as ocorrências únicas *bezerro*, *bode* e *marrã*, com 2,5% cada.

Na Bahia, para o Projeto ALiB, os dados distribuem-se assim: das sete variantes, como visto na Tabela 8 há 42,5% de frequência para *cabrito*, e boa cobertura areal com registro em oito, das nove localidades pesquisadas, perfazendo um total de 88,9% de presença em localidades.

Quanto às ocorrências para Sergipe, no Projeto ALiB, observa-se um cenário diferente. Enquanto *cabrito* e *borrego* estão registrados para ambos os pontos de inquérito, *carneiro* tem ocorrência em apenas um dos pontos, e o mesmo ocorre para *ovelha [filhote de]*.

Ao analisar em separado a variação diatópica, é possível visualizar as ocorrências quanto ao seu percentual de distribuição nas onze localidades selecionadas – nove para a Bahia e duas para Sergipe –, bem como os dados apurados nos *corpora*, ressaltando, contudo, os critérios metodológicos de cada um. O objetivo, nesse sentido, consiste principalmente em mensurar, a partir do levantamento de ocorrências, a presença e/ou ausência e, assim, avaliar os fenômenos que se apresentam.

Cabrito, *borrego* e *marrã* ocorreram nos três documentos, nas nove localidades da Bahia e nas duas de Sergipe, ao passo que *bezerro* se registra apenas no *APFB* e Projeto ALiB para a Bahia. *Carneiro* foi apurada no *ALS* e no Projeto ALiB em ambos os estados (como visto, ocorreu no ponto 31, no *APFB* e em mais de um ponto, no *ALS*), e *bode* (também com

ocorrência no *APFB*, ponto 30) e *ovelha [filhote de]*, no Projeto ALiB para a Bahia (com registro também no *ALS*, no ponto 62).

No *APFB*, registram-se *cabrito*, *bezerro*, *borrego* e *marrã*. Sobre a lexia *bezerro*, ocorrência única, mencionada pela informante mulher, 70 anos, traz-se, em nota, o que se registrou na carta: “Ouvida a forma, reconheceu-a com o esclarecimento de que ‘os mineiros chamam’”. Tal observação pode significar que não necessariamente a lexia é utilizada pela comunidade, visto que a informante atribui a nomeação a pessoas de outra região – “os mineiros”.

Já para *marrã*, tem-se, contudo, mais duas ocorrências para a Bahia: os pontos 6 e 23, respectivamente Velha Boipeba e Boa Nova. Embora essas localidades não tenham sido consideradas para o presente estudo, há que se registrar a ocorrência de *marrã* nesses pontos, para além de ter sido o único encontrado na amostra.

A respeito do ponto 42, Barra, que integra a análise, e onde se registra a lexia, é possível encontrar na carta 131 uma nota esclarecendo que ambos os informantes mencionaram *marrã*, apesar de, para a informante do sexo feminino, *marrã* só se aplicar “[...] à cria ‘quando já é maiorzinha’”.

Cabrito e *borrego* ocorreram de forma equitativa no *APFB*, somando sete ocorrências; já para *bezerro* e *marrã* tem-se apenas uma ocorrência para cada. Esses resultados podem ser analisados a partir da observação dos registros por localidade. *Cabrito* ocorreu em seis das nove localidades pesquisadas. *Borrego* foi apurada em cinco pontos de inquérito, ao passo que *bezerro* teve um registro em Santa Cruz de Cabrália, assim como para *marrã*, com uma ocorrência em Barra, correspondentes aos pontos de inquérito selecionados para a amostra.

No *ALS*, apuraram-se as formas *cabrito*, *borrego*, *carneiro* e *marrã*, com *cabrito* distribuída nos dois pontos de inquérito.

Dessa distribuição, podem ser feitas as seguintes considerações: no *APFB*, das quatro lexias encontradas na amostra – *cabrito*, *borrego*, *bezerro* e *marrã* – tem-se *borrego* e *cabrito* coexistindo entre os pontos, com sete ocorrências para cada item. *Borrego* predomina nas localidades de Itaberaba, Jacobina, Jeremoabo, Santana e Santa Cruz Cabrália, e *cabrito* em Barra, Caetité, Carinhanha, Jacobina, Santana e Vitória da Conquista.

Destacam-se aqui as localidades de Santana e Jacobina, em que se registram tanto *borrego* como *cabrito*. Quanto a *bezerro* e *marrã*, esses sinalizam casos de ocorrência única para a amostra, com registros em Santa Cruz Cabrália e Barra, respectivamente.

No *ALS*, *cabrito*, *borrego*, *carneiro* e *marrã* se distribuem assim: em Estância, registrou-se uma ocorrência para *marrã* e uma para *cabrito*. Em Propriá, ocorreram as formas

carneiro, cabrito e borrego, tendo cada informante mencionado mais de uma resposta cada. *Carneiro* ocorreu apenas em Propriá, e *marrã*, somente em Estância.

Com relação à distribuição conforme os atlas mais antigos, e analisando a perspectiva diatópica nesses documentos, a Tabela 11 traz uma síntese, por pontos de inquérito, das ocorrências, tanto no *APFB* como no *ALS*, incluindo o quantitativo, em valores absolutos, sem, no entanto, fazer a distinção entre quais informantes, bem como flexões de gênero e derivações grau, apenas para dar uma visão geral dessas ocorrências em cada localidade.

Tabela 11 – Síntese da distribuição dos nomes para *como se chama a cria da ovelha logo que nasce* no *APFB* e *ALS*

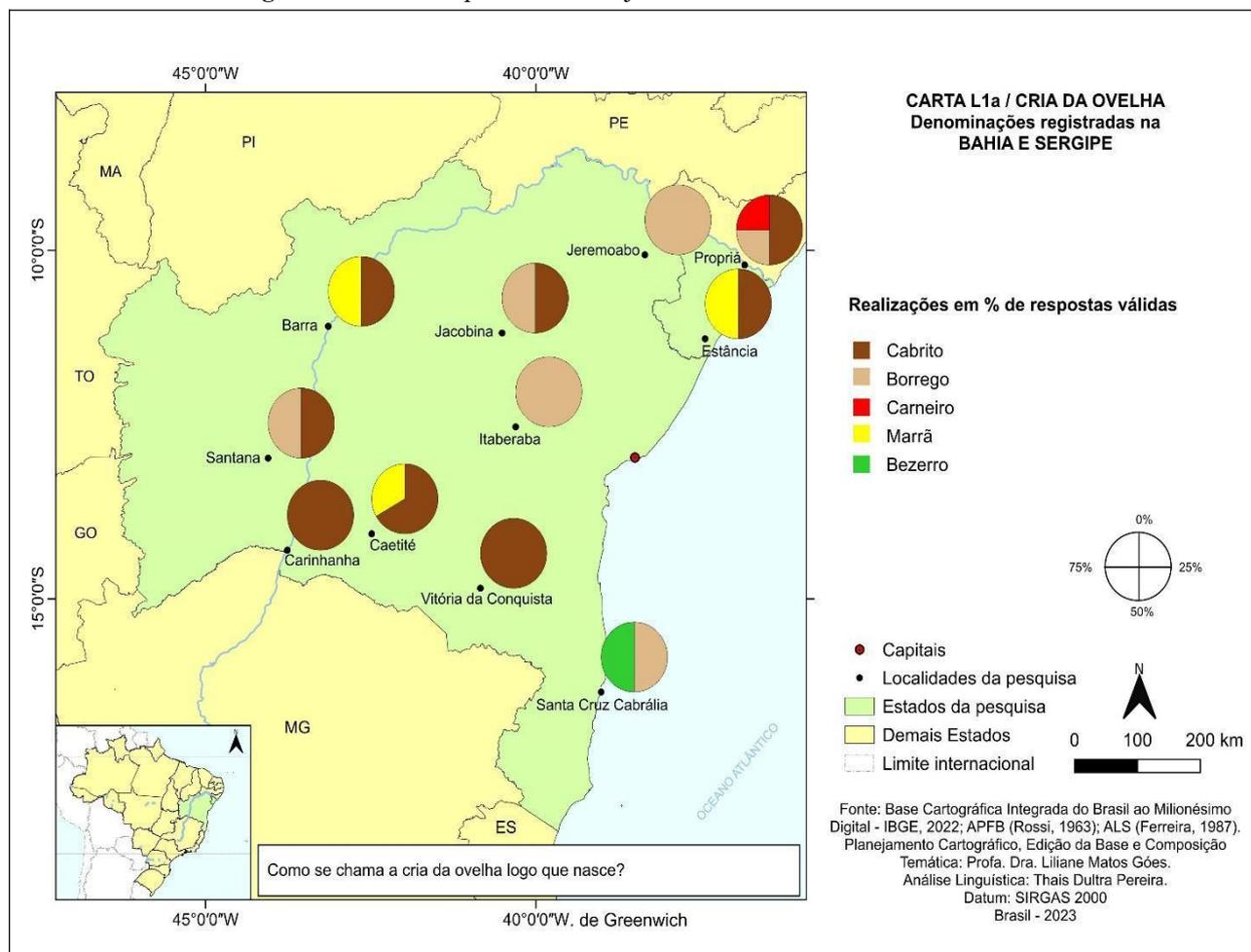
Pontos de inquérito	APFB - BAHIA									ALS - SERGIPE	
	42	35	45	29	27	13	44	9	24	62	53
Nomes	Barra	Caetité	Carinhanha	Itaberaba	Jacobina	Jeremoabo	Santana	Sta. Cruz Cabralia	V. da Conquista	Propriá	Estância
<i>Cabrito</i>	1	2	1		1		1		1	2	1
<i>Carneiro</i>										1	
<i>Borrego</i>				2	1	2	1	1		1	
<i>Bezerro</i>								1			
<i>Marrã</i>	1										1
Total	2	2	1	2	2	2	2	2	1	4	2

Fonte: Elaboração própria.

O resultado desses dados, em confronto, pode ser visualizado na Carta Experimental Conjunta L1a (Figura 14), em que se tem o registro da distribuição, em cartografia, das lexias por localidade, tanto no *APFB* como no *ALS*, incluindo o percentual de ocorrências. Além disso, observando a Carta, pode-se afirmar que a delimitação das duas subáreas, respectivamente *borrego* e *cabrito*, identificadas por Cardoso (1994), se mantêm⁴⁵, como sugere o que se apurou para as localidades investigadas na amostra.

⁴⁵ Cabe registrar que a proposta de subáreas apresentada por Cardoso (1994) precisa ser analisada com parcimônia, visto que os estados são muito próximos. Além disso, reitera-se que o levantamento da rede de pontos para os atlas reflete uma amostra, por isso, não se pode pensar nos resultados por ela apresentados para toda a expansão territorial desses estados.

Figura 14 – Carta Experimental Conjunta APFB/ALS: L1a – Cria da ovelha



Fonte: Góes (2023), com análise linguística da autora, a partir dos dados do APFB (Rossi, 1963) e ALS (Ferreira et al, 1987).

Para exemplificar, são trazidos, na sequência, recortes das falas de alguns dos informantes que integraram a pesquisa.

Em Propriá, nos dados do ALS, um informante masculino, a respeito da *cria da ovelha*, forneceu duas variantes *borrego e cabrito*, identificando, inclusive, a primeira forma como sendo a específica à ovelha – e a que foi considerada para análise – como se vê na transcrição (Exemplo 2) a seguir.

Exemplo 2:

INF.- *Borrego.*

INQ.- E quando mama?

É *cabritozinho, borreguinho*. Chama *borrego*, chama *cabrito*. Da cabra, mesmo, é o *cabrito*. Da ovelha, se dá o nome de *borrego*. Se for macho, é *borrego*. Se for fêmea, é a *borrega*. (062. Propriá, homem, 59 anos, alfabetizado).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do ALS.

Em Estância, o informante faz a distinção quanto à idade do animal e as diferentes denominações, como se vê na transcrição. Pode-se observar, também, no Exemplo 3 que, para

ele, *cabrito* se refere ao animal mais novo, e *carneiro*, quando este para de mamar, sendo *carneiro* e *cabrito*, sinônimos.

Exemplo 3:

INF.- *Cabrito*.

INQ.- Até que idade?

INF.- Até que idade? Até uns cinco mês, né?

INQ.- Chama de outro jeito?

INF.- Não, senhora.

INQ.- E esse (ININT) -inho⁴⁶ da ovelha enquanto mama, como é que a gente chama?

INF.- *Cabrito*.

INQ.- Quando ele tá maiorzinho?

INF.- Chama *carneiro*. Quando estiver mamando, só chama *cabrito*. Agora, quando a ovelha aparta, a gente chama *carneiro*. (053. Estância, homem, 36 anos, analfabeto).

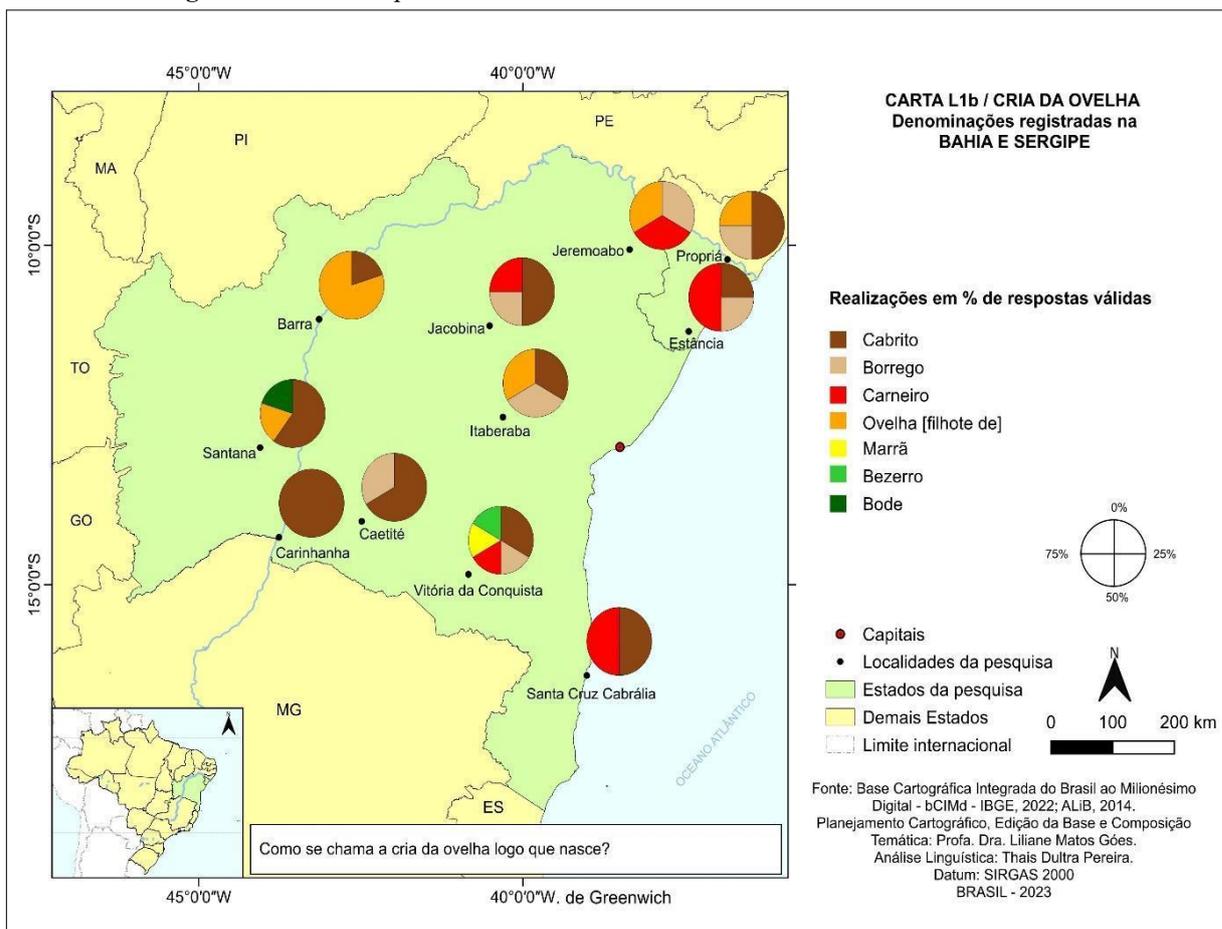
Fonte: Dados orais. Banco de dados do *ALS*.

Nos dados do Projeto ALiB, quanto aos aspectos diatópicos, apuraram-se os itens *cabrito*, *ovelha [filhote de]*, *borrego*, *carneiro*, *bode*, *bezerro*, *marrã*, com predominância também de *cabrito*, incidindo em 21 ocorrências, o equivalente a quase todas as localidades, à exceção de Jeremoabo.

A Carta Experimental L1b (Figura 15) traz, como resultado, o registro da distribuição diatópica dos dados do Projeto ALiB para a Bahia e Sergipe, de acordo com as ocorrências apuradas, por ponto de inquérito.

⁴⁶ Em muitos trechos referentes aos registros de áudio do *ALS* não é possível identificar algumas falas de inquiridores e informantes, por conta da qualidade das gravações. Nesse trecho, por exemplo, pode ser que o inquiridor tenha se referido à “filhinho” ou “filhotezinho”, no entanto, não é possível compreender com clareza o que foi dito.

Figura 15 – Carta Experimental BA e SE com dados do ALiB: L1b – Cria da ovelha



Fonte: Góes (2023), com análise linguística da autora, a partir dos dados inéditos do Projeto ALiB.

Como se pode ver, as lexias estão distribuídas da seguinte forma: *ovelha [filhote de]*, tem ocorrências em Barra, Itaberaba e Jeremoabo; *borrego*, em Caetité, Itaberaba, Jacobina, Jeremoabo e Vitória da Conquista; *carneiro*, nas cidades de Jacobina, Jeremoabo, Santa Cruz Cabrália, Vitória da Conquista, e as duas cidades de Sergipe; *bode* ocorreu em Santana, e *bezerro* e *marrã*, em Vitória da Conquista, sendo as três últimas lexias casos de ocorrência única para a amostra.

No que diz respeito ao Projeto ALiB, tem-se, para a Bahia, *cabrito* como a lexia predominante entre os informantes de ambos os sexos. Para o sexo feminino, depois de *cabrito*, *ovelha [filhote de]* foi a forma lexical mais apurada, em que se registraram sete ocorrências, contra apenas duas ocorrências entre os homens. Tem-se, ainda, duas realizações de *carneiro* e apenas uma de *borrego* para as mulheres. Entre os homens, além de *cabrito* e *ovelha [filhote de]*, apuraram-se ainda *carneiro* e *borrego*.

Para os casos de ocorrência única, registram-se *bode*, mencionada por uma informante feminina, e *marrã*, e *bezerro*, por dois informantes masculinos, que, quando somados, equiparam-se a 7,5% da amostra.

A Tabela 12 a seguir traz uma síntese da distribuição dos dados do Projeto ALiB para a Bahia e Sergipe, de acordo com as ocorrências em cada localidade/ ponto de inquérito, também em valores absolutos, desconsiderando diminutivo e feminino, como se viu anteriormente, com relação aos atlas mais antigos.

Tabela 12 – Síntese da distribuição dos nomes para *a cria da ovelha logo que nasce* nas localidades do Projeto ALiB para Bahia e Sergipe

Pontos de inquérito	ALiB - BAHIA									ALiB - SERGIPE	
	84	95	97	90	86	812	92	101	98	78	80
Nomes	Barra	Caetitê	Carinhanha	Itaberaba	Jacobina	Jeremoabo	Santana	Sta. Cruz Cabrália	V. da Conquista	Propriá	Estância
<i>Cabrito</i>	1	2	3	1	2		3	1	2	2	1
<i>Ovelha [filhote de]</i>	3			1		1	1			1	
<i>Carneiro</i>					1	2		1	1		2
<i>Borrego</i>		1		1	1	1			1	1	1
<i>Bezerro</i>									1		
<i>Bode</i>							1				
<i>Marrã</i>									1		
Total	4	3	3	3	4	4	5	2	6	4	4

Fonte: Elaboração própria.

Desse modo, do ponto de vista diatópico, quanto à distribuição nos atlas e ocorrências por Estado, pode-se afirmar que as lexias *cabrito*, *borrego* e *marrã* estão presentes nos três documentos investigados, *APFB*, *ALS* e dados do Projeto ALiB, sendo *cabrito* a lexia predominante, com o maior número de ocorrências e distribuída por quase todos os pontos de inquérito. Para *ovelha [filhote de]* e *bode*, essas registram-se nas localidades da Bahia, e somente nos dados do ALiB. Ainda quanto ao Estado, tem-se *bezerro* nos dados da Bahia, nos dois atlas. Por fim, *carneiro* foi apurada nos dois Estados, tanto nos dados do *ALS* quanto nos do Projeto ALiB.

Quanto à *marrã*, tem-se o seguinte contexto: o informante masculino, da faixa etária II, Projeto ALiB, para a Bahia, menciona *carneiro* (e respectiva flexão de gênero e derivação em grau) como resposta à pergunta. No entanto, apresenta *marrã* e *borrego* como sendo denominações para o animal a partir dos seis meses até completar um ano. O informante inclui, também, as denominações para o animal em fase adulta, tais como *bode* ou *carneiro*.

Tal descrição pode ser constatada na transcrição do Exemplo 4.

Exemplo 4:

INF.- *Carnerinho* ou *carnerinha*

INQ.- Até que idade o senhor dá esse nome?

INF.- Aí, até uns noventas dias. Um carnerinho ou carnerinha. Aí por diante dos seis meses já é uma *marrã* ou um *borrego*.

INQ.- E vai até que idade a marrã?

INF.- Um ano.

INQ.- É, né?

INF.- Aí um ano, aí ele já tornou-se adulto. Aí ele já é um *bode* ou uma *boda*, um *carnero* ou uma *carnera*. (098. Vitória da Conquista, homem, faixa etária II, ensino fundamental)

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

Sobre *bezerro*, outro caso de ocorrência única, este foi mencionado por um homem, da faixa etária I, também de Vitória da Conquista. O informante, ao ser inquirido sobre como se chama a *cria da ovelha logo que nasce*, responde *bezerro*, acrescentando ter essa denominação até os oito meses, como pode ser constatado no Exemplo 5:

Exemplo 5:

INF.- A cria da ovelha?

INQ.- Hum...

INF.- *Bezerro*?

INQ.- É? Só chama assim? E até que idade você chama de bezerro? Logo que nasce, vamos se dizer que é bezerro. E daí? É quando, até que idade você dá esse nome?

INF.- Uns ... uns oito mês.

INQ.- É, né? Até ficar grandinho.

INF.- É. (098. Vitória da Conquista, homem, faixa etária I, ensino fundamental)

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

A título de explicação, tem-se um trecho de transcrição de um informante baiano (Exemplo 6), em que se distingue o animal conforme a idade. No entanto, para ele, as denominações *cabrito*, *borrego* e *bode* são variantes de *ovelha*, ainda que em estágios de vida diferentes, sendo *cabrito*, para a cria logo que nasce, e *borrego*, para quando o animal um pouco maior, e *bode*, ao que parece, na fase adulta, o que não condiz com a pesquisa feita nos dicionários.

Exemplo 6:

INF.- É o *cabritim*.

INQ.- E depois que ele vai crescendo ele continua...

INF.- Vai virando um *borreguim*... Daí vira bode. (096. Caetitê, homem, faixa etária II, ensino fundamental)

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

A respeito da lexia *bodinho*, convém fazer algumas observações. Considerada aqui como resposta à *cria da ovelha logo que nasce*, ou seja, mais nova, foi mencionada pela informante feminina, da faixa etária II, no ponto de inquérito 92 (Exemplo 7), referente à localidade de Santana. O que se tem como resposta inclui ainda a lexia *cabrito*, apresentando-

as como sinônimas, embora ela faça a distinção quanto à idade, ao ser questionada pela inquiridora.

Exemplo 7:

INF.- É o *cabrito...*, o *bodinho...*, *cabritinho*.

INQ.- E até que idade se dá esse nome?

INF.- Até que idade?

INQ.- Hum...

INF.- Até que ele... ainda tá... mamando ainda.

INQ.- Tá bom. Enquanto tá mamando, chama assim.

INF.- É. (092. Santana, informante mulher, faixa etária II, ensino fundamental)

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

Ainda sobre *bodinho*, uma possibilidade de explicação para o uso da lexia entre os informantes seria a semelhança física da cria da ovelha deslanada com o filhote da cabra, a exemplo da raça Santa Inês, já vista anteriormente.

Outro exemplo sobre a questão pode ser visto no trecho transcrito, referente a Jacobina, em que se tem, para a pergunta, a resposta *borreguinho*, seguida da tentativa de algum tipo de identificação do animal quanto à idade, mas sem muito conhecimento por parte da informante, conforme ilustra o Exemplo 8:

Exemplo 8:

INF.- É *borreguinho*.

INQ.- Sim, e até que idade ela é borreguinho? Quantos meses mais ou menos?

INF.- Um mês e pouco, né? Sei lá. (082. Jacobina-BA, mulher, faixa etária II, ensino fundamental)

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

Complementando a análise, tem-se, nos dados do Projeto ALiB para Sergipe, quatro variantes para a questão. *Cabrito*, também maioria entre os informantes do Estado, foi mencionada por uma mulher e dois homens, respectivamente 10% e 30%. As duas ocorrências de *ovelha [filhote de]* e *carneiro*, totalizando 40%, foram mencionadas por ambos os sexos, ao passo que *borrego*, mencionada por duas informantes, não obteve registros por parte dos homens.

Apresenta-se, a seguir, a transcrição da informante feminina (Exemplo 9), que responde *carneirinho* à pergunta, além de se tecer comentários sobre a etapa de vida do animal, apesar de não mencionar outra denominação quando da fase adulta.

Exemplo 9:

INF.- *Carneirinho*.

INQ.- É até que idade você chama de carneirinho?

INF.- Até enquanto ele viver atrás da mãe né, ser bebê, depois que ele passa a se virar sozinho aí... (risos). (080. Estância-SE, mulher, faixa etária II, ensino fundamental)

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para Sergipe.

No trecho a seguir (Exemplo 10), vê-se as denominações fornecidas pelo informante masculino, de Propriá, em que se constata a distinção também para as fases do animal. Para ele, *cabrita* e *ovelha* são a mesma espécie, logo, sinônimas.

Exemplo 10:

INF.- *Cabrita*, ô uma *ovelha* mehmo. Uma *ovelhinha*, ô *cabrito*.

INQ.- E até que idade se dá esse nome?

INF.- Até eles crescere, né? Quando tá pequenininho, chama *ovelha*. (078. Propriá-SE, homem, faixa etária II, ensino fundamental)

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para Sergipe.

Em última reflexão a respeito das denominações encontradas *para a cria da ovelha* é importante registrar que, para muitos informantes, a idade ou etapa de vida do animal quando filhote é demarcada pela amamentação, associado também ao uso das flexões no diminutivo, como visto. Muitos deles distinguem o *borrego*, *bezerro*, *cabrito* e até mesmo o *filhote da ovelha* apenas enquanto vinculados à mãe pela mama. Após o desmame, há o reconhecimento de uma nova fase: a do animal mais crescido, pronto para se desenvolver, rumo à fase adulta.

6.2 QSL 67 – COMO SE CHAMA A AVE DE CRIAÇÃO PARECIDA COM A GALINHA, DE PENAS PRETAS COM PINTINHAS BRANCAS?

Galinha-d'angola ou *Numida meleagris galeata* é uma ave da ordem Galliforme, pertencente à família Numididae, e único membro do gênero *Numida*. Trata-se de um galináceo que, em geral, só cruza com exemplares da própria raça, de modo que filhotes resultantes do acasalamento entre galinhas-d'angola e galos de qualquer outra espécie não possuem raça reconhecida.

Quanto à origem, sabe-se que o galináceo é originário do continente africano, embora não haja fontes concretas. De acordo com estudos de Teixeira e outros (2006), a ave teria vindo mais especificamente da região sul do Saara, e teria chegado em terras brasileiras no período da colonização, trazida pelos portugueses. Lopes ([2004] 2011), a esse respeito, registra serem originárias das estepes da África, mais precisamente de Madagascar, embora, atualmente, a espécie já esteja ambientada às regiões mais quentes tanto das Américas, como da Índia, entre outros continentes.

Já Luiz da Câmara Cascudo, em estudos sobre a *História da alimentação no Brasil* (1967), apesar de reconhecer que a ave tenha vindo de África, “[...] sendo único animal africano que ainda colabora com o cardápio brasileiro (Cascudo, 1967, p. 247)”, não

especifica um local exato. Para o autor, esta deve ter vindo ao Brasil direto do continente africano, e não de Portugal. Em argumento, utiliza como referência a *Etnografia Portuguesa*, publicada em 1936, de J. Leite de Vasconcellos, em que não se têm registros exatos da ave em terras lusitanas, ao passo que há a sua menção em documentos antigos.

A exemplo de Valentim Fernandes (1506 *apud* Cascudo, 1967, p. 248), “[...] falando dos *Gylloffa*, Wolof, ualof, no Senegal: – *Galinhas muytas da nossa feyçã e també galinhas q*. chamamos de Guynee*”, o que confirma a existência do animal em diversos países africanos, tendo este se espalhado com facilidade, sendo encontrado “[...] de Somália a Moçambique, do Gabão a Quênia, da Guiné a Angola.” (Cascudo, p. 247, 1967). Daí a provável associação à sua origem como sendo desses países.

No que diz respeito à anatomia, algumas fêmeas apresentam ornamentações de penas alongadas no peito; já os machos, quando adultos, possuem esporas. De maneira geral, ambos possuem bicos curtos e fortes, próprios para ciscar, além de uma parte óssea junto à cabeça – os chifres. Com cerca de três meses, o macho já apresenta uma crista pronunciada para a frente. Na fêmea, essa crista é mais arredondada.

Com relação aos hábitos, são aves que vivem em bandos e se separam na época do acasalamento, tendo poucos registros, na literatura, de reprodução em cativeiro, dificultando maiores estudos e análises. Na primavera, a fêmea põe ovos em um buraco escavado no chão.

Na Figura 16, tem-se imagens de galinhas-d’angola em pasto livre.

Figura 16 – Galinhas-d’angola (*Numida melagris*)



Pintade de Numidie
Numida meleagris

© Louis Arrivat
www.oiseaux.net

Fonte: <<http://animal.memozee.com/view.php?tid=3&did=22140>>. Acesso em: jan. 2023.

Segundo Bottino e outros (2006), em estudos sobre a galinha-d'angola, há uma relação entre a diferenciação sexual e a morfologia da siringe (órgão vocal das aves). Os autores investigaram, justamente, como os sons emitidos por este órgão, situado na extremidade posterior da traqueia, diferenciam machos e fêmeas.

O canto das aves, conforme os autores, apresenta ampla variedade e, em muitos casos, tem uma grande intensidade, sendo que as duas principais funções deste canto seriam a delimitação de território e a atração da fêmea pelo macho, uma vez que, na maior parte das espécies, o canto é atributo do macho.

No caso da galinha-d'angola, em específico, essa diferença se daria pelos diferentes sons que os machos apresentam em relação às fêmeas, sendo que essas emitiriam o peculiar *tô-fraco*, ao passo que os machos emitiriam arrulhos e cacarejos.

Sobre as espécies, embora haja pelo menos nove subespécies encontradas, há, basicamente, três tipos de galinhas-d'angola.

De acordo com Lopes ([2004] 2011), no que diz respeito às aves galináceas da família dos numidídeos, há, além da *Numida meleagris* (a mais comum – Figura 16), a *Numida vulturina* (pintada, abutre ou real) e a *Numida cristata* (pintada, com crista), como se pode ver nas Figuras 17 e 18.

Figura 17 – Galinha-d'angola pintada (*Numida vulturina*)

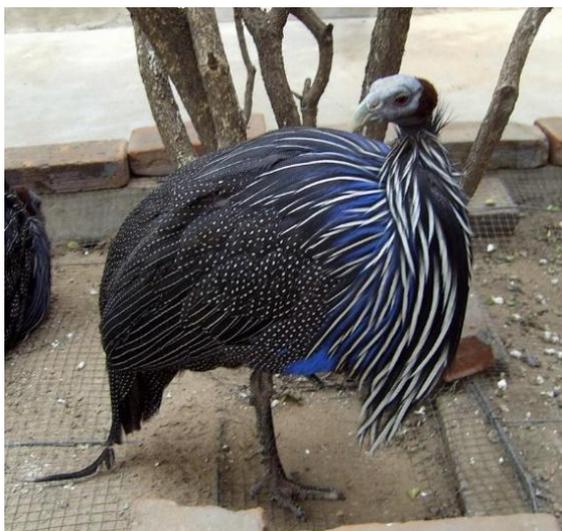


Figura 18 – Galinha-d'angola pintada, com crista (*Numida cristata*)



Fonte: Oiseaux.net. Disponível em:

<<https://www.oiseaux.net/photos/louis.arrivet/helmeted.guineafowl.2.html>>. Acesso em: jan. 2023.

De acordo com Ribeiro (2022), a galinha-d'angola é um animal de alimentação pouco elaborada, relativamente simples, sobretudo por ser onívora, visto que consome insetos diversos, tais como gafanhotos, lagartas de esterco de gado, formigas, cupins e carrapatos, entre outros (daí atuarem também no controle biológico de pragas).

É uma ave resistente, rústica e que raramente adoeece. Quando completa seis meses, já começa a produzir ovos (de 50 a 80 ao ano), o que a torna atrativa para a criação. No entanto, não são boas poedeiras, tampouco chocadeiras, o que exige do produtor a utilização de galinhas comuns ou incubadoras para chocagem dos ovos, principalmente se o plantel for grande. No período de acasalamento, a proporção é de um macho para três fêmeas.

Embora seja considerada uma ave exótica, por sua beleza, e de ser bastante barulhenta – o que poderia ser um aspecto negativo à espécie – conforme dados do Globo Rural (Silva, 2016), tem despertado o interesse de cada vez mais criadores, sobretudo pela possibilidade de lucros, seja na comercialização de exemplares como matrizes, seja para criações ornamentais, e até mesmo como guarda da propriedade, exatamente por suas características (arisca e barulhenta), além do interesse para consumo (sua carne tem sabor de ave de caça, semelhante à do faisão).

Espécie ideal para viver em sítios, fazendas e em quintais de residências, tem se mostrado útil na otimização da criação do gado bovino, visto que, ao consumir pragas que parasitam o pasto, proporciona uma pastagem mais limpa para o gado, e até influencia diretamente o desempenho dos bovinos. Há, inclusive, segundo Globo Rural (Silva, 2016), relatos de aumento significativo na quantidade de leite produzido e na qualidade da carne bovina fornecida em propriedades em que se criam a ave.

Há, também, sobre a galinha-d'angola, lendas e mitos, e esses estão relacionados aos rituais religiosos. Sobre esse aspecto, Lopes ([2004] 2011) afirma ser esta a ave preferida pela maioria dos orixás, quanto aos sacrifícios rituais. No candomblé, por exemplo, suas penas são utilizadas tanto na cabeça como no corpo da iaô⁴⁷, após o *sundidé*⁴⁸.

Lopes ([2004] 2011) a descreve, ainda, como a ave responsável por um dos mitos iorubanos sobre a origem do mundo:

[..] teria sido a galinha d'angola que, sobre as águas iniciais, ciscou uma porção de terra e a espalhou por todas as direções, fazendo nascer a terra firme. Por essa e

⁴⁷ Segundo Lopes ([2004] 2011, p. 341), no candomblé, *iaô* é título adquirido pela inicianda após o *sundidé*, quando ultrapassa a condição de *abiã*. Do ioruba *iyàwó*, 'esposa mais jovem', recém-casada'.

⁴⁸ *Sundidé* consiste em "Aspersão de sangue animal feita na cabeça e nos ombros da futura iaô durante a iniciação. Entre o povo fon, é uma cerimônia realizada três meses após o nascimento, principalmente de gêmeos, contando também com aspersão de sangue, mas em quartinhas, depois envoltas em panos brancos. O termo parece estar ligado aos vocábulos *soun*, 'lua', 'mês', e *didé*, 'arrumação'." (Lopes ([2004] 2011, p. 659).

outras razões, é considerada a primeira entre as aves, a primeira iaô, o animal mais importante dentro da tradição dos orixás (Lopes [2004] 2011, p. 809-10).

Assim, para a QSL 67 tem-se, a seguir, a análise lexicográfica, de acordo com o que foi encontrado nos dicionários consultados, bem como as referidas denominações apuradas, dispostas em ordem alfabética.

6.2.1 Análise Semântico-Lexical

Para responder à pergunta *como se chama a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas*, os informantes dos *corpora* utilizaram, ao todo, sete formas lexicais para nomear a ave: *caterê*, *cocar*, *galinha-d'angola*, *guiné*, *quem-quém*, *saqué* e *tô-fraco*.

As lexias encontradas nas obras consultadas se apresentaram de forma bastante heterogênea, e nem todas estavam registradas com a mesma acepção ou sequer constavam nas obras. No entanto, de maneira geral, foi possível analisar as lexias e constatar a dicionarização de quase todas, ainda que se tenham constatado outras acepções ou até mesmo extensão de sentido para muitas delas.

Quanto às obras de usos gerais da língua, do levantamento das lexias, para a QSL 67, nos seis dicionários pesquisados, tais como Bluteau (1712-1728); Silva Pinto (1832); Silva (1789-1813; 1949); Houaiss (2001), Ferreira (2004) e Aulete (1970), nem todas as formas estão registradas, sobretudo nas obras mais antigas (ou clássicas). Das oito lexias, apenas seis se encontram dicionarizadas, e, dessas, somente em Bluteau (1712-1728) se tem *galinha-d'angola* com a mesma acepção. Já nas edições lexicográficas mais contemporâneas, têm-se o registro de quase todas, à exceção de *caterê*, que não consta em nenhuma das seis obras. Para facilitar a compreensão, pode-se observar o Quadro 25 em que se tem um resumo das formas.

Quadro 25 – Síntese das denominações para *a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas* nos dicionários de usos gerais da língua portuguesa

DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA						
	CLÁSSICOS			CONTEMPORÂNEOS		
Itens lexicais	Bluteau (1712-1728)	Silva Pinto (1832)	Silva (1789-1813; 1949)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Caldas Aulete (1970)
<i>Caterê</i>	∅	∅	∅	∅	∅	∅
<i>Cocar</i>	≠	≠	≠	=	=	=
<i>Galinha-d'angola</i>	=	∅	∅	=	=	=
<i>Guiné</i>	≠	∅	∅	=	=	=
<i>Quem-quém</i>	∅	∅	∅	=	∅	=

<i>Saqué</i>	∅	∅	∅	≠	≠	=
<i>Tô-fraco</i>	∅	∅	∅	=	=	∅

Fonte: Elaboração própria.

Legenda: (=) mesma acepção; (±) extensão de sentido; (≠) outra acepção; (∅) não dicionarizado.

Quanto aos dicionários especializados e/ ou temáticos, também se constata certa heterogeneidade nos resultados. O que se tem é uma distribuição de registros entre os dicionários etimológicos e de sinônimos, ao passo que foram encontradas cinco lexias nas obras referentes aos africanismos, ainda que não se tenha equivalência na acepção investigada para a questão. Sobre as ausências, apenas *caterê* não foi identificada em nenhuma das obras consultadas. No Quadro 26, se pode ter uma visão geral dessa distribuição.

Quadro 26 – Síntese das denominações para *a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas* nos dicionários especializados da língua portuguesa

DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS						
	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	AFRICANISMOS	
Itens lexicais	Cunha ([1982 2010])	Nascentes (1955)	Nascentes (1966)	Nascentes ([1957 2011])	Lopes ([1996 2003])	Lopes ([2004 2011])
<i>Caterê</i>	∅	∅	=	∅	∅	∅
<i>Cocar</i>	±	±	=	=	≠	∅
<i>Galinha-d'angola</i>	≠	=	=	=	=	=
<i>Guiné</i>	±	±	=	=	∅	=
<i>Quem-quém</i>	≠	∅	≠	±	=	=
<i>Saqué</i>	≠	∅	≠	≠	∅	=
<i>Tô-fraco</i>	∅	∅	∅	=	∅	∅

Fonte: Elaboração própria.

Legenda: (=) mesma acepção; (±) extensão de sentido; (≠) outra acepção; (∅) não dicionarizado.

Como se pode observar nos quadros apresentados, em resumo, quanto à dicionarização, apenas *galinha-d'angola* e *tô-fraco* foram encontradas com a mesma acepção nos dicionários em que estão registrados, ainda que não se tenha o registro das lexias em todas as obras.

Nas obras lexicográficas de uso geral da língua portuguesa, tem-se *cocar*, *galinha-d'angola*, *guiné*, *quem-quém* e *tô-fraco* com a mesma acepção de sentido. Já nos dicionários temáticos, tem-se *galinha-d'angola*, *guiné*, *quem-quém* e *saqué* na mesma situação, ao passo que de *galinha-d'água* e *tô-fraco* não se tem dicionarização nessas obras.

A seguir, tem-se a descrição detalhada da análise lexicográfica, com a apresentação de cada lexia, em ordem alfabética, como se resumiu nos quadros 2887 e 29.

Caterê não está dicionarizada em nenhuma das obras consultadas.

No entanto, há registro de *cateretê* nos três dicionários contemporâneos da língua portuguesa, a saber: Houaiss (2001), Ferreira (2004) e Aulete (1970), embora com outra

acepção. *Cateretê* consiste em tipo de dança rural comum em território brasileiro, em que se tem participantes formando duas filas, semelhante a uma quadrilha, de ambos os sexos, ao som de música, para sapatear e bater palmas, sendo sinônimo de *catira*, que tem o mesmo significado de *cateretê* nos dicionários consultados.

Quanto à etimologia, Houaiss (2001) considera como de origem controversa, provavelmente de origem africana, mas de étimo indeterminado ou, ainda, possível onomatopeia. Ferreira (2004) e Aulete (1970) trazem para a lexia o sinônimo de *xiba*.

Quanto aos dicionários especializados e/ou temáticos, *cateretê* foi encontrada em quatro obras, também com outra acepção, idêntica à constatada nos de usos gerais da língua: um etimológico (Cunha, [1982] 2010), o de sinônimos (Nascentes, [1957] 2011) e nos dois de africanismos (Lopes, [1996] 2003); Lopes, [2004] 2011). A diferença está na apresentação de Lopes ([2004] 2011), que traz como sinônimo *catetê*, também com outra acepção (restos comestíveis de azeite de dendê).

Desses achados, o que se pode inferir é que *caterê* é variação fonética de *cateretê*, e, quanto ao étimo, tem origem ora controversa, ora africana em todos os dicionários em que aparece.

Cocar está registrada nas seis obras lexicográficas de usos gerais da língua, porém distribuídas de duas formas distintas: nos dicionários mais antigos, se vê outra acepção. Para Bluteau (1712-1728), condiz com as plumas levantadas ao chapéu; já em Silva Pinto (1832) e Silva (1789-1813), tem o sentido de legume, semelhante à ervilha.

Por outro lado, nos três dicionários contemporâneos, *cocar* é sinônimo de *galinha-d'angola*, com menção ao nome científico (*Numida meleagris*) e regionalismo no Piauí. Aulete (1970) e Houaiss (2001) trazem, a respeito do étimo, como de origem francesa – *cocarde*. Houaiss (2001), inclusive, faz menção à expressão *coiffe à la coquarde*⁴⁹ (fonte histórica 1468, embora *cocar* tenha registros em 1727) para justificar a sua origem.

Nos dicionários especializados, tem-se o registro em quatro obras. Sobre a etimologia, tanto Cunha ([1982] 2010) quanto Nascentes (1955) trazem *cocar* com outra acepção – a mesma que Bluteau (1712-1728), embora Nascentes faça alusão à onomatopeia, associada ao grito da ave (sem especificar qual).

⁴⁹ A expressão *coiffe à la coquarde* tem origem na expressão francesa, significando “chapéu ornado com penas de galo ou fitas”. *Coquarde* tem suas raízes em *cocard*, do francês médio, como ridículo ou pretensioso, derivado de *coq*, galo. Portanto, o termo refere-se a um tipo específico de chapéu decorado com penas de galo ou fitas, possivelmente associado a uma conotação de pretensão ou elegância.

Lopes ([1996] 2003) considera a *lexia*, no que concerne ao africanismo, como de possível origem banta, porém, com outra aceção. Há, contudo, em Nascentes ([1957] 2011) menção à *lexia*, na entrada *angolista*, como um dos onze sinônimos listados.

Galinha-d'angola é a forma tida como padrão nos dicionários contemporâneos. Está registrada em quatro dicionários de usos da língua, sendo um deles mais antigo, além dos três contemporâneos.

Bluteau (1712-1832), entre os lexicógrafos clássicos, é o único que traz em suas descrições a aceção da ave como a mencionada pelos informantes. Para a entrada de *galinha*, faz alusão à *galinha-da-guiné* como sendo “[...] do tamanho das nossas, mas é muito mais alta das nossas” (Bluteau, 1712-1832, p. 20, Tomo IV). Além disso, traz a *galinha-mourisca*, descrevendo-a como “[...] uma espécie de galinha, que vem da África. Tem as penas escuras, salpicadas de branco, e põem ovos, que tem uns pontos, ou manchas pequenas como os ovos do Faisão” (Bluteau, 1712-1832, p. 20, Tomo IV). Menciona, inclusive, o nome científico, *Meleagris, idis*.

Nos dicionários contemporâneos, *galinha-d'angola* está registrada nos três documentos consultados como ave galiforme, campestre, da família dos numídeos (*Numida meleagris*), originária da África e introduzida e domesticada em diversos países de clima quente. Todos a descrevem, basicamente, como de plumagem cinzenta, com pintas brancas, cabeça lisa, e crista óssea dorsal.

Houaiss (2001) e Ferreira (2004) registram como sinônimos ou variantes as formas *angolinha*, *angolista*, *capote*, *cocar*, *conquém*, *edu*, *estou-fraca*, *galinha-da-guiné*, *galinha-da-índia*, *galinha-da-numídia*, *galinha-do-mato*, *galinhola*, *guiné*, *picota*, *pintada*, *sacué*, *tô-fraco*, ou apenas *angola*. Dessas, fazem parte da amostra *cocar*, *conquém*, *guiné*, *sacué* (ou *saqué*) e *tô-fraco*.

Ferreira (2004), acerca dos hábitos, acrescenta ser uma ave “[...] perfeitamente aclimatada no mundo inteiro, (que) conserva, entretanto, resquícios da vida selvagem: o natural espantadiço e o hábito de nidificar longe do convívio com os outros galináceos de capoeira.”.

Nos dicionários especializados e/ou temáticos, há registros de *galinha-d'angola* em quatro obras. A respeito da etimologia, Nascentes ([1957] 2011) registra, além do nome científico, as variantes e algumas de suas localidades, tais como *angolinha* e *angolista* (São Paulo), *capote* (Ceará), *cocar* (Piauí), *estou-fraca*, *galinha-da-guiné*, *galinha-da-índia*, *galinha-d'angola*, *galinha-da-numídia*, *galinhola*, *guiné*, *picota*, *pintada*.

Lopes ([2004] 2011), no que concerne ao africanismo, faz uma descrição mais detalhada da ave, sobretudo no que diz respeito aos rituais religiosos, como já mencionado no início da seção. Inclui, como sinônimos, as formas *conquém* e *etu*.

Guiné está dicionarizada como extensão de sentido em um dos três documentos clássicos e como sinônimo de *galinha-d'angola* nos dicionários contemporâneos.

Para Bluteau (1712-1728), *Guiné* é ampla região de África, entre a terra dos Negros, o mar Atlântico e os reinos de Congo, Biassara, e a Serra Leoa, dividindo-se em três partes: *Guiné*, *Malagueta*, e o Reino de Benin.

Nos dicionários contemporâneos, *guiné* é topônimo, quanto ao étimo, e regionalismo de Pernambuco e Paraíba, para Houaiss (2001) e de Pernambuco, para Ferreira (2001). Aulete (1970) faz, ainda, remissão à *capota*.

No que concerne aos dicionários temáticos e/ou especializados, tem-se a seguinte apresentação: Cunha ([1982] 2010) e Nascentes (1955) trazem o topônimo, quanto ao étimo, sendo, portanto, extensão de sentido. Nascentes (1966), além de mencionar o topônimo, traz a *galinha-da-guiné* como vindo de *galinha*, com o nome indicando a procedência da ave. Nascentes ([1957] 2011), ao listar os sinônimos para *angolinha*, menciona a *galinha d'angola*. Por fim, Lopes ([2004] 2011) considera *guinea* como denominação cubana para a ave.

Quem-quém, quanto às obras de usos gerais, está registrada apenas nos dicionários contemporâneos, como o mesmo que *cã-cã* (ou *cancã*), que consiste, segundo os autores, em ave da espécie *Cyanocorax cyanopogon*, da família dos corvídeos.

De acordo com Houaiss (2001), é comum apenas no Nordeste e Centro-Oeste do Brasil, tem até 31 cm de comprimento, cabeça, face e garganta negras com manchas azuis acima e abaixo dos olhos, manto acinzentado, asas e cauda negras, ventre e ponta da cauda brancos.

Para Aulete (1970), a ave parece repetir o nome ao emitir som. Daí, além de ser de origem tupi *ake'kê*, ter relação com a onomatopeia, nos dicionários em que se tem o registro, também, da etimologia. Tanto Houaiss (2001) quanto Ferreira (2004) trazem como sinônimos *cancão*, *gralha-cã-cã*, *piom-piom*, e *quem-quém*.

Há, porém, nas obras de Houaiss (2001) e Aulete (1970), a entrada *conquém*, que, apesar de não ter sido mencionada pelos informantes nessa forma, é, também, variação fonética de *quem-quém*, e aparece como o mesmo que *galinha d'angola* (*Numida meleagris*).

Já nos dicionários temáticos e/ou especializados, há registro de *quem-quém* apenas em Cunha ([1982] 2010) como outra acepção (carrear, carro, etc.), e de *conquém* em Lopes

([2004] 2011) como denominação de galinhas-d'angola em alguns terreiros brasileiros, incluindo, para a correspondência em iorubá, a forma *etù*⁵⁰.

Há, em Nascentes ([1957] 2011), a respeito de *cancã*, quanto à etimologia, alusão à onomatopeia da voz da ave, e fontes históricas de 1899, *cancan*". E, também, sobre *quem-quém*, origem controversa e referência ao tupi, bem como fonte histórica de 1887, *quêm-quêm*.

Saqué está registrada nos dicionários consultados com outras acepções, tanto nas obras clássicas como nas contemporâneas, à exceção de Aulete (1970). Nas primeiras, tem-se a lexia com o sentido de bebida japonesa. Já Aulete (1970), em verbete original, considera o mesmo que *galinha-da-índia*, *pintada* e *conquém*, e, como já visto, o autor atribui a esta última a variante *galinha-d'angola*.

Nos dicionários temáticos, tem-se, para *saqué*, a concepção de bebida (*saquê*, japonês *saké*), sendo, portanto, outra acepção da mencionada pelos informantes. Aqui, a exceção é Lopes ([2004] 2011), que considera a variante fônica *sacué* o mesmo que *galinha d'angola*.

Tô-fraco, por fim, tem registro apenas em duas obras de uso geral, de caráter contemporâneo. Tanto para Houaiss (2001) como Ferreira (2004) é o mesmo que *galinha-da'angola*, sendo que este último traz um exemplo literário: "Galinhas e tô-fracos retêm-se entre as pixiricas e malvas-do-campo", em trecho de Alberto Rangel, em *Quando o Brasil Amanhecia* (1919, p. 23).

6.2.2 Análise Geolinguística

Seguindo os passos tomados para análise, são apresentadas, aqui, considerações sobre a *ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas*, sob o viés geolinguístico, com vistas a identificar peculiaridades nos âmbitos diatópico e/ou sociais, quando os dados permitirem.

Com relação aos atlas já publicados, a investigação para a *galinha d'angola* está registrada, além do *APFB* e *ALS*, também, no: *ALAM*, carta 17; *ALAP*, carta L17, *picote*, *galinha d'angola* e *capote*; e ainda, no *ALiB*, em carta que traz os dados das capitais, L11, L11a, L11b, L11c, L11d e L11e, com as formas *angola*, *picote*, *guiné*, *capote*, *tô-fraco*, *angolista*, *catraio*, *galinhola*, *cocar*, *galinha d'água*, *saqué*, *capão*, *catoco*, *cocante* e *conquém*.

⁵⁰ *Etù*, segundo Lopes ([2004] 2011, p. 737), é, "[...] nos cultos iorubanos do Brasil e de Cuba, nome com que se designa a galinha d'angola. Do iorubá *etù*."

Na Região Nordeste, nos dados do *ALiB*, onde se constata o maior número de registros, e também o maior número de variantes com relação às demais regiões, Aguilera e Romano (2023), observam que *angola* e *guiné* são os itens presentes em mais capitais, somando oito e sete capitais, respectivamente. Em Salvador, apuraram-se cinco lexias: *angola*, *guiné*, *tô-fraco*, *conquém* e *saqué*, ao passo que em Aracaju, apenas três: *angola*, *guiné* e *tô-fraco*.

Faz-se necessário, contudo, se debruçar sobre os atlas selecionados para estudo, para se ter uma visão ampliada dos dados. Seguem, nessa direção, comentários acerca dos 50 pontos relativos ao *APFB*, bem como dos 15 pontos do *ALS* – respectivamente as cartas 114, do *APFB* e 116, do *ALS*.

Como se pode constatar nas duas cartas, há oito formas diferentes para nomear a ave: *caterê*, *cocar*, *conquém*, *galinha d'angola*, *guiné*, *quem-quém*, *saqué* e *tô-fraco*, para as quais se obtiveram 125 respostas ao todo. As escolhas dos informantes se apresentam assim: nos pontos referentes ao *APFB*, apuraram-se 96 respostas, que incluem todas as formas, exceto *caterê*. Já nos pontos do *ALS*, as 29 apurações distribuem-se em torno de quatro lexias: *caterê*, *galinha d'angola*, *guiné* e *tô-fraco*. Além disso, embora o número de não respostas seja relativamente pequeno, ele pode indicar fatores como falta de familiaridade com os termos ou a ausência de algumas denominações entre os informantes. Essa questão será abordada mais adiante, ao discutirmos os vazios.

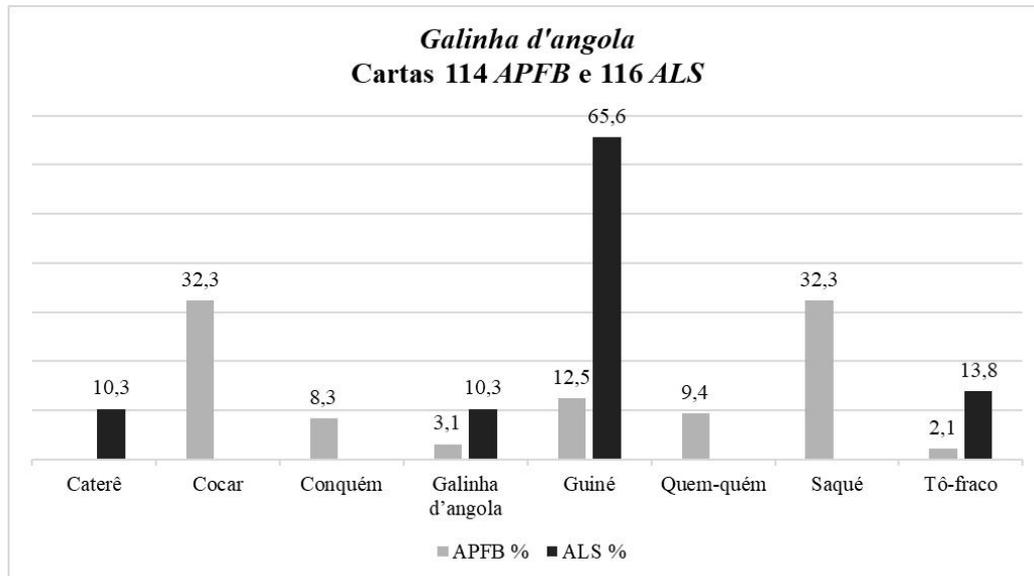
Na Tabela 13, a seguir, é possível visualizar a distribuição dessas formas, de acordo com cada um dos atlas, assim como no Gráfico 12, que se apresenta na sequência.

Tabela 13 – Número de ocorrências / percentuais para a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas no *APFB* e *ALS*

Ocorrências/ percentuais – cartas 114 <i>APFB</i> e 116 <i>ALS</i>						
Nomes	<i>APFB</i>		<i>ALS</i>		Conjunto <i>APFB/ ALS</i>	
	Nº	%	Nº	%	No.	%
<i>Caterê</i>	0	0,0	3	10,3	3	2,4
<i>Cocar</i>	31	32,3	0	0,0	31	24,8
<i>Conquém</i>	8	8,3	0	0,0	8	6,4
<i>Galinha d'angola</i>	3	3,1	3	10,3	6	4,8
<i>Guiné</i>	12	12,5	19	65,6	31	24,8
<i>Quem-quém</i>	9	9,4	0	0,0	9	7,2
<i>Saqué</i>	31	32,3	0	0,0	31	24,8
<i>Tô-fraco</i>	2	2,1	4	13,8	6	4,8
Total	96	100	29	100	125	100

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 12 – Percentuais para *a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas nas cartas 114 APFB e 116 ALS*



Fonte: Elaboração própria.

No *APFB*, registram-se sete lexias diferentes para designar a ave investigada: *cocar*, *conquém*, *galinha-d'angola*, *guiné*, *saqué*, *tô-fraco* e *quem-quém*. Tem-se, conforme disposição das lexias na carta e correspondência nos pontos, uma distribuição que sugere, ao menos, a formação de quatro subáreas, com possibilidade do traçado de isoglossas, entre as formas *cocar*, *guiné*, *quem-quém* e *saqué*, embora as de maior número de incidências sejam *cocar* e *saqué*, em que se tem o registro de 31 respostas para cada.

Estas são, portanto, sugestões de duas áreas mais expressivas, em que foram fornecidas 62 respostas, das 96 apuradas para a questão, o equivalente a 49,6% da amostra. Na sequência, tem-se, para *guiné*, 12 respostas, 12,5%, e para *conquém* e *quem-quém* – variantes fonéticas – oito e nove respostas, respectivamente, em que se somam 17 respostas, 13,6% percentuais. *Galinha-d'angola* e *tô-fraco* são as lexias menos expressivas. Juntas, se registram apenas seis ocorrências em todo o território baiano, o equivalente a 9,6 %.

O aproveitamento das respostas entre os informantes dos atlas foi relativamente satisfatório, visto que o número de não respostas não chega a 20% do total. Em contrapartida, tem-se, das 155 respostas documentadas, o equivalente a 80,5% percentuais de respostas válidas. Na Tabela 14, se pode ter uma visão geral dos dados quanto às respostas documentadas, bem como das validadas em cada documento, incluindo os números de abstenções.

Tabela 14 – Respostas para *como se chama a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?* nas cartas 114 APFB e 116 ALS

Cartas 114 APFB e 116 ALS			
Corpora	Aproveitadas		Total
	Nº	Percentual	
APFB	96	76,8%	117
ALS	29	23,2%	38
Total	125	100%	155

Fonte: Elaboração própria.

Como se pode constatar, os 30 vazios identificados, representando 19,35% do total, podem apontar para fatores como a falta de familiaridade com os termos entre os informantes. Essa lacuna, embora considerada pouco significativa em relação ao maior número de respostas aproveitadas, pode ser um reflexo das dinâmicas socioculturais e do conhecimento local. Isso evidencia que, mesmo em um contexto de produção de conhecimento linguístico, há influências extralinguísticas que se refletem na variação lexical apresentada pelos informantes.

Ferreira (1998, p. 22), ao analisar o APFB, no que concerne à proposta de Nascentes (1953), identificou cinco subáreas⁵¹ que seriam consonantes com o falar baiano, ao incluir todo o Estado da Bahia, o de Sergipe, até o norte de Minas Gerais e parte de Goiás nessa delimitação. Destas, destaca-se, aqui, a última, referente à Zona do Médio São Francisco, Serra Geral e Chapada Diamantina, em que se tem *quem-quém*, para *galinha-d'angola* (sete pontos de inquérito).

Em observação atenta à carta, pode-se constatar que há, não apenas um subfalar baiano, mas a existência, em todo território, com relação à nomeação para a galinha d'angola, de pelo menos mais três regiões bem marcadas, a saber:

- (i) *cocar*: inclui a Zona de Barreiras e uma parte do Médio São Francisco, Chapada Diamantina e Extremo Sul, uma parte da Zona do cacau e também da Zona de Vitória da Conquista – 19 pontos de inquérito;

⁵¹ A respeito das demais subáreas destacadas por Ferreira (1998, p. 22):

(i) parte da zona de Barreiras, Baixo Médio São Francisco e sertão de São Francisco, para *canastra* (cambalhota - APFB 109/109R), *rodela* (rótula do joelho (APFB 62/62R) e *nambu/lambu* (sem rabo - APFB 113/113R);
(ii) Zona do Nordeste, até o sul, se aproximando para o centro, para *lambedor* (xarope caseiro - APFB 96), *cacumbu* (ferramenta muito gasta - APFB 154) e *ovo de peru* (sarda - APFB 75);
(iii) Zona do Nordeste, Litoral Norte e Recôncavo para *pataqueiro* (trabalhador de enxada - APFB 23/23R), *cobé* (feiticeiro (APFB 99/99R) e *mazá* (sanguessuga - APFB 128/128R);
(iv) Região Sul, para *mandraqueiro* (feiticeiro - APFB 99/99R), *batoeira* (sabugo de milho - APFB 28/28R) e *noruega* (nevoeiro - APFB 12/12R)
e a última, (v) Zona do Médio São Francisco, Serra Geral e Chapada Diamantina, para *coxé* (pessoa que tem uma perna mais curta que a outra - APFB79/79R) e *pataca* (rótula do joelho APFB - 62/2R), além de *quém-quém*.

- (ii) *guiné*: abrange a Zona de Senhor do Bonfim e Sertão do São Francisco – oito pontos de inquérito;
- (iii) e *saqué*: a maior região, que vai da Encosta da Chapada, Zona de Jequié, Zona de Feira de Santana, até Recôncavo, mais o Nordeste – 20 pontos de inquérito.

Embora não seja objetivo deste estudo discutir os falares baianos em sua totalidade, há que se observar que a questão 139, condizente com *galinha-d'angola*, para o *APFB*, comprova não só a distribuição proposta por Nascentes, como desenha o traçado de mais três importantes áreas lexicais.

Quanto ao *ALS*, tem-se, em todo o Estado, a distribuição de *guiné* nos 15 pontos de inquérito. Das 29 respostas apuradas para Sergipe, 19 são para essa lexia. Apuraram-se, ainda, quatro ocorrências para *tô-fraco*, três, para *caterê* e três *galinha-d'angola*. Assim, é possível, para o *ALS*, falar em uma subárea para *guiné*, visto que a lexia se vê amplamente distribuída em todos os pontos de inquérito. Refletindo sobre a proposta de Nascentes (1953), Sergipe se incluiria, portanto, no subfalar baiano, sendo *guiné*, em resposta à ave pesquisada, a forma predominante.

A respeito do levantamento do que se tem sobre a *ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas* nos atlas brasileiros já publicados, tem-se, além do *APFB* e *ALS*, documentos referentes à amostra, os atlas *ALAM*, carta 17, e *ALAP*, carta L16, em que se tem *picote*, *capote* e *galinha d'angola*; além do *ALiB*, no volume 2, carta L11, em que constam, também, registros dos dados das capitais.

Após o levantamento das ocorrências para a *galinha-d'angola* nas cartas 114 do *APFB* e 116 do *ALS*, tem-se, na sequência, a discussão sobre os resultados obtidos, alinhados com o recorte para a tese e preferencialmente em perspectiva diatópica, sendo consideradas também as variáveis sociais, incluindo apresentações de cartas-resumo, que registram as ocorrências em distribuição geográfica, com base na comparação entre os *corpora*. Assim, apresenta-se a análise dos dados nos documentos mais antigos – *APFB* e *ALS*, que representam a primeira sincronia – e os dados inéditos do Projeto *ALiB* para a Bahia e Sergipe, que correspondem à segunda sincronia.

Com relação às ocorrências dos itens nos atlas antigos, tem-se o seguinte. Foram apuradas seis lexias: *cocar*, *guiné*, *saqué*, *caterê*, *quem-quém* e *tô-fraco*. *Guiné* é a única forma recorrente em ambos, com quatro ocorrências e 22,3% percentuais; *cocar*, *saqué* e *quem-quém* foram apuradas apenas no *APFB*, com quatro, cinco e três registros, respectivamente 22,3%, 27,7% e 16,7% do total; *caterê* e *tô-fraco* ocorreram somente no *ALS*,

ambos casos de ocorrência única, o equivalente a 5,5% cada, como se pode observar na Tabela 15.

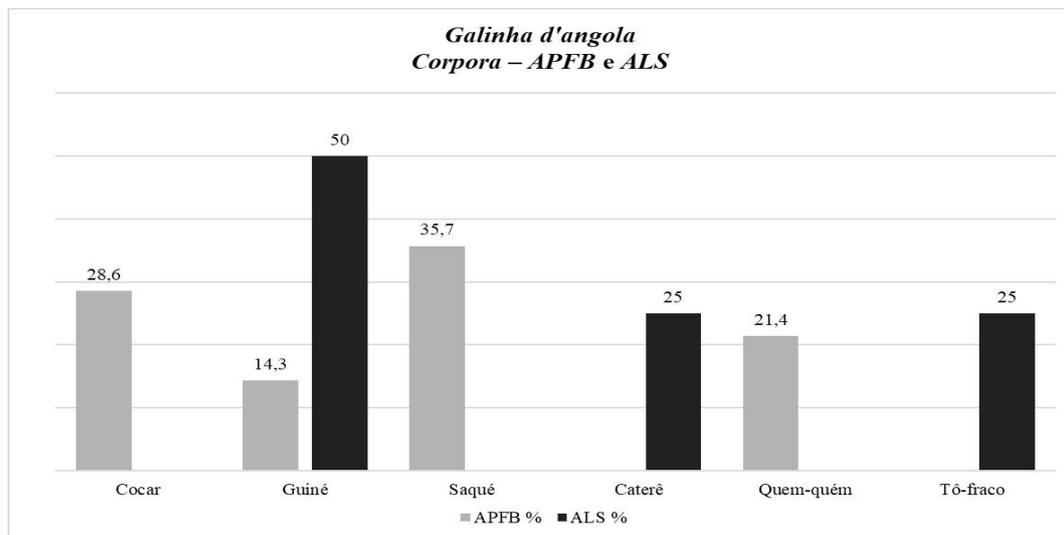
Tabela 15 – Número de ocorrências / percentuais para a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas nos corpora para APFB e ALS

<i>Corpora – APFB e ALS</i>						
Nomes	APFB		ALS		Conjunto APFB/ ALS	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<i>Cocar</i>	4	28,6	0	0	4	22,3
<i>Guiné</i>	2	14,3	2	50	4	22,3
<i>Saqué</i>	5	35,7	0	0	5	27,7
<i>Caterê</i>	0	0	1	25	1	5,5
<i>Quem-quém</i>	3	21,4	0	0	3	16,7
<i>Tô-fraco</i>	0	0	1	25	1	5,5
Total	14	100	4	100	18	100

Fonte: Elaboração própria.

Da mesma forma, é possível observar os dados no Gráfico 13, em perspectiva percentual, as ocorrências para *galinha d'angola* nos dois atlas pesquisados, referentes à primeira sincronia.

Gráfico 13 – Percentuais para a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas nos corpora para APFB e ALS



Fonte: Elaboração própria.

Com relação à segunda sincronia, evidenciada nos dados do Projeto ALiB, foram apuradas cinco denominações para a ave – *cocar*, *guiné*, *saqué*, *galinha d'angola* e *caterê*, distribuídas da seguinte forma: *guiné*, assim como nos atlas mais antigos, demonstra co-ocorrência, em ambos os Estados, com três registros na Bahia (7,8% percentuais), e quatro em Sergipe (57,2%); na Bahia, ocorreram *cocar*, que se mostrou predominante entre os dados da amostra, com 26 das respostas apuradas (66,7%), seguidas de *saqué* e *galinha d'angola*, seis e

quatro ocorrências (respectivamente 15,3% e 10,2%); em Sergipe, *caterê* registrou três ocorrências (42,8% percentuais), como se pode visualizar na Tabela 16.

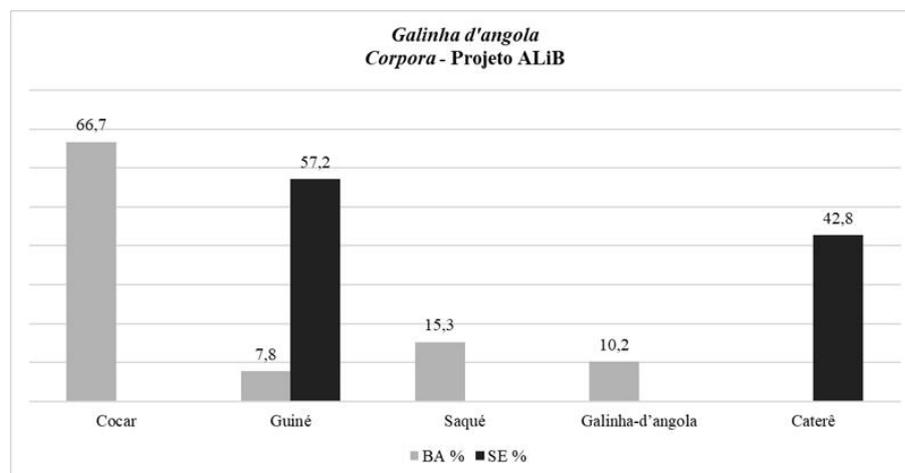
Tabela 16 – Número de ocorrências / percentuais para *a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas* nos *corpora* – Projeto ALiB para Bahia e Sergipe

Corpora - Projeto ALiB						
Nomes	BA		SE		Projeto ALiB Conjunto BA/SE	
	No.	%	No.	%	No.	%
<i>Cocar</i>	26	66,7	0	0,0	26	56,5
<i>Guiné</i>	3	7,8	4	57,2	7	15,2
<i>Saqué</i>	6	15,3	0	0,0	6	13,1
<i>Galinha-d'angola</i>	4	10,2	0	0,0	4	8,7
<i>Caterê</i>	0	0	3	42,8	3	6,5
Total	39	100	7	100	46	100

Fonte: Elaboração própria.

Pode-se, também, visualizar a distribuição das ocorrências, em percentuais, no que se refere às respostas para galinha d'angola entre os informantes do Projeto ALiB para Bahia e Sergipe no Gráfico 14.

Gráfico 14 – Percentuais para *a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas branca* nos *corpora* – Projeto ALiB para Bahia e Sergipe



Fonte: Elaboração própria.

Da análise diatópica, em específico, podem ser visualizadas as ocorrências quanto à sua distribuição nas onze localidades, com vistas a identificar tanto a presença/ ausência como semelhanças e/ou diferenças entre os *corpora*, feitas as devidas ressalvas quanto aos critérios metodológicos adotados por cada um deles.

Vejamos o que se encontrou no confronto dos três documentos, com relação às onze localidades estudadas, nas duas sincronias. Para *a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas* concernentes à amostra, foram apuradas sete lexias distintas: *cocar*, *guiné*, *saqué*, *galinha d'angola*, *caterê*, *quem-quém* e *tô-fraco*. Estas lexias

equivalem a 64 ocorrências no total, com *cocar* sendo o item lexical mais recorrente, com 30 respostas apuradas, correspondendo a 46,9%.

Na sequência, aparecem *guiné*, com 11 ocorrências (17,2%), e *saqué*, com 11 respostas (17,2%). As lexias *galinha-d'angola* e *caterê* aparecem com quatro respostas cada (6,2% para cada uma). Por fim, *quem-quém* registrou três ocorrências (4,8%), enquanto *tô-fraco* registrou apenas uma única ocorrência, na localidade de Estância, representando 1,6% do total de respostas.

Esses resultados refletem a distribuição das formas lexicais nas localidades analisadas e podem ser melhor observados na Tabela 17.

Tabela 17– Síntese das ocorrências e percentuais totais, por lexia, nos três corpora

Ocorrências/ percentuais por lexia APFB, ALS e Projeto ALiB para BA e SE		
Nomes	Total	
	No.	%
<i>Cocar</i>	30	46,9
<i>Guiné</i>	11	17,2
<i>Saqué</i>	11	17,2
<i>Galinha-d'angola</i>	4	6,2
<i>Caterê</i>	4	6,2
<i>Quem-quém</i>	3	4,8
<i>Tô-fraco</i>	1	1,6
Total	64	100

Fonte: Elaboração própria.

Em relação às abstenções, pode-se dizer que o número é relativamente baixo, considerando o total de respostas aproveitadas. Dos três documentos, das 78 ocorrências documentadas, tem-se 64 respostas apuradas, representando 82,1%. Por outro lado, foram constatadas 14 ausências, correspondendo a 17,9%. Esse resultado sugere uma taxa razoável de respostas válidas, embora as ausências ainda possam refletir fatores como a variação regional e etnolinguística, que influenciam os usos do léxico da fauna entre informantes. Mais detalhes sobre a distribuição das respostas aproveitadas podem ser constatados na Tabela 18.

Tabela 18 – Respostas para a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas nos três corpora

APFB, ALS e Projeto ALiB para BA e SE			
Corpora	Aproveitadas		Total
	Nº	Percentual	
APFB	14	21,9%	18
ALS	4	6,3%	6
Projeto ALiB - BA	39	60,9%	44
Projeto ALiB - SE	7	10,9%	10
Total	64	100%	78

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados evidenciam que a aplicação dos instrumentos de inquérito, tanto nos atlas anteriormente publicados quanto nos dados do ALiB para a amostra, foi relativamente eficaz. No *APFB*, por exemplo, dos 50 pontos inquiridos, há, na carta 114, apenas dois pontos sem registro de respostas: o ponto 1, em Abadia, e o ponto 36, em Condeúba. No *ALS*, das 15 localidades, apenas no ponto 61, em Brejo Grande, não se apurou nenhuma ocorrência.

Nas localidades referentes à amostra, houve ausência parcial de respostas em quatro dos nove pontos, onde apenas um dos informantes conseguiu identificar a ave. Situação semelhante ocorreu no *ALS*, com ausência parcial em ambas as localidades investigadas. No caso do Projeto ALiB, que apresentou uma amostra maior, das 54 respostas documentadas, 46 foram consideradas válidas, enquanto oito representaram ausências (aproximadamente 14,8% do total).

Como se pode ver, o êxito dos dados coletados pode ser atribuído à precisão dos questionários e à sua aplicabilidade pela equipe de inquéritos (os inquiridores), que utilizou a descrição da ave para obtenção das respostas. Embora alguns informantes tenham demonstrado dúvida ou associado a descrição a outra espécie (ainda que seja por desconhecimento), esses casos foram de menor incidência, considerando o alto índice de aproveitamento de respostas.

No que se refere à diatopia, nos atlas anteriores ao Projeto ALiB aqui investigados, a Tabela 19 ilustra a distribuição, por ponto de inquérito, de cada lexia, em valores absolutos, excluídas a distinção dos informantes e variações fonéticas, com vistas a se ter uma visão geral das ocorrências por localidade.

Tabela 19 – Síntese da distribuição dos nomes para a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas no *APFB* e *ALS*

Pontos de inquérito	APFB - BAHIA									ALS - SERGIPE	
	42	35	45	29	27	13	44	9	24	62	53
Nomes	Barra	Caetitê	Carinhanha	Itaberaba	Jacobina	Jeremoabo	Santana	Sta. Cruz Cabralia	V. da Conquista	Propriá	Estância
<i>Cocar</i>			1		1		1	1			
<i>Guiné</i>						2				1	1
<i>Saquê</i>		1		2	2						
<i>Caterê</i>										1	
<i>Quem-quém</i>	1	1							1		
<i>Tô-fraco</i>											1
Total	1	2	1	2	3	2	1	1	1	2	2

Fonte: Elaboração própria.

Com relação aos registros distribuídos nos pontos de inquérito referente ao *APFB* e *ALS*, pode-se constatar que:

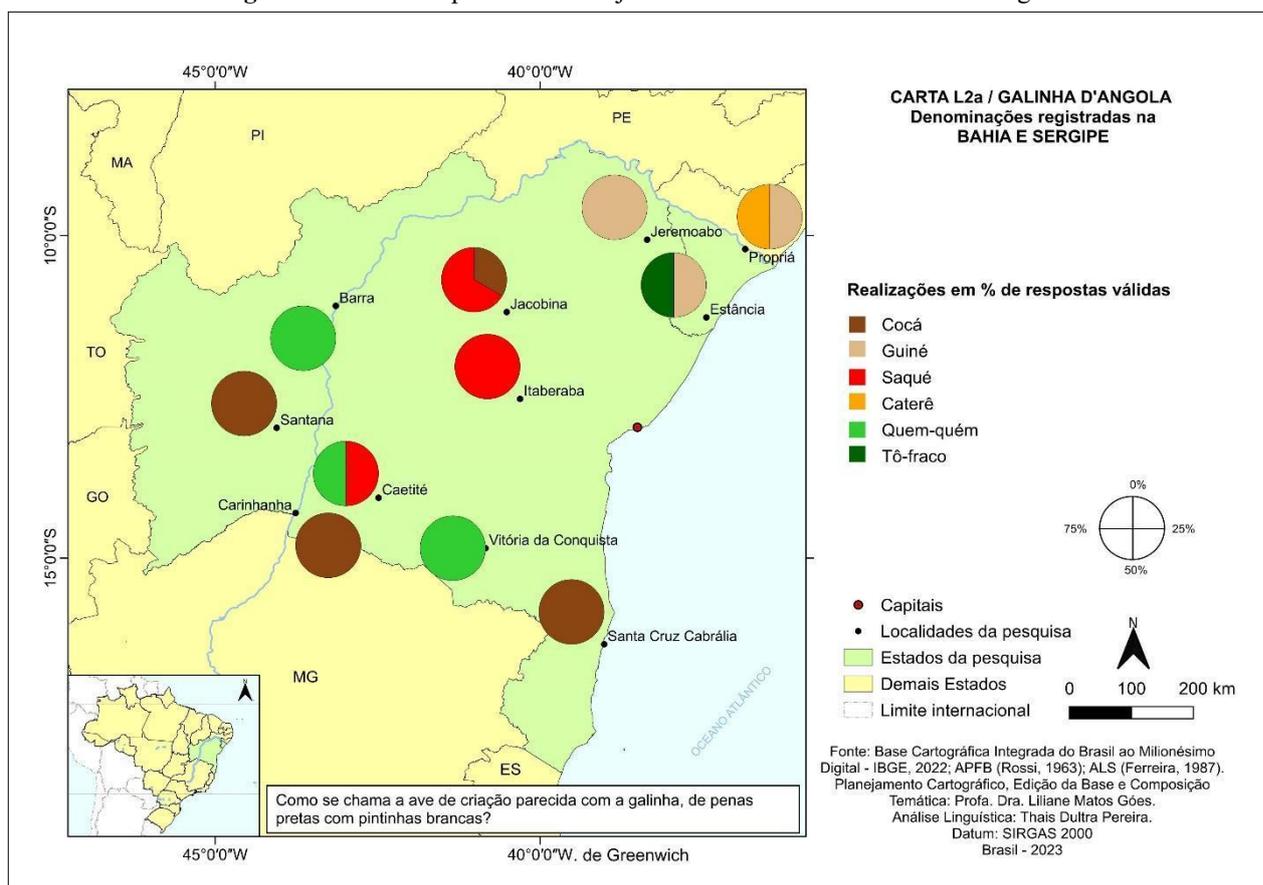
(i) *guiné* é o único item lexical recorrente nestes atlas, com ocorrências, sendo que, na Bahia, foi apurada apenas em Jeremoabo, e em Sergipe, tanto em Propriá como em Estância;

(ii) *Cocar* e *saqué* ocorreram apenas no APFB, com expressiva utilização entre os informantes, visto que foi mencionada em quatro localidades: Carinhanha, Jacobina, Santana e Santa Cruz Cabrália, para *cocar*, e Itaberaba, Caetité e Jacobina, para *saqué*;

(iii) *caterê*, em Propriá, e *tô-fraco*, em Estância, por seu turno, foram apuradas apenas entre os dados do ALS, nos dados da amostra.

É o que se pode observar na Carta Experimental Conjunta L2a, que traz as lexias também em distribuição, por localidade, em ambos os documentos.

Figura 19 – Carta Experimental Conjunta APFB/ALS: L2a – Galinha d’angola



Fonte: Góes (2023), com análise linguística da autora, a partir dos dados do APFB (Rossi, 1963) e ALS (Ferreira et al, 1987).

Nos dados do Projeto ALiB, não se confirma, entretanto, a existência das três regiões específicas – *cocar*, *guiné* e *saqué* –, conforme apontado por Ferreira (1998), pelo menos não em sua totalidade. Observa-se que a variante *cocar*, inicialmente restrita à parte oeste e sul do

Estado, agora emerge também no centro, indicando um movimento ascendente em direção ao norte.

Por outro lado, *quem-quém*, que antes presente no centro-sul da Bahia e em Sergipe, desaparece. Em Sergipe, permanece o uso de *guiné* entre os pontos de inquérito investigados, incluindo Jeremoabo, na Bahia, com características semelhantes, possivelmente explicadas pela proximidade geográfica entre os pontos estudados nos dois Estados.

O ponto diferencial observado é a introdução de *galinha d'angola*, que aparece ora de forma concomitante com a região de *cocar*, na Bahia, ora em Propriá, em Sergipe. Notadamente, essa variante não foi registrada entre os sujeitos da amostra, embora tenha sido identificada em outros pontos do *APFB*, conforme mencionado anteriormente. É possível que a comercialização da ave tenha introduzido a lexia nas localidades, principalmente nas capitais, ou em localidades próximas.

Essa discrepância, válida para muitos dos casos investigados nesta pesquisa, pode ser atribuída à gradual substituição das variantes locais pela forma padrão, mais disseminada nas escolas. Este fenômeno reflete sobretudo as políticas de inclusão das classes menos favorecidas em programas de acesso e permanência na escola nos últimos anos.

Importante ressaltar, a respeito de *tô-fraco*, que essa lexia foi apurada em Boipeba, no ponto 6, para a Bahia, e ainda, como se pode constatar nas notas da carta 116 do *ALS*, nos pontos 65, Curralinho, e 57, Laranjeiras. Da mesma forma, *caterê* ocorreu em mais dois pontos distintos de localidades em Sergipe.

Na carta 116 do *ALS* apenas em Estância, *tô-fraco* foi apurada no ponto 53, mas também ocorreu em mais dois pontos, em notas: 65, Curralinho, e 57, Laranjeiras, o que indica sua ocorrência em Sergipe. No entanto, houve também registro da lexia em Boipeba (ponto 6), para o *APFB*, além de se apurarem descrições entre os informantes do *ALS*, mesmo que não tenha sido especificamente da amostra.

As transcrições dos informantes de Curralinho, ponto 65, comprovam a existência das lexias em Sergipe. Embora ambos tenham utilizado *guiné* para nomear a ave, a informante mulher, de 38 anos, utiliza, também, *caterê*, como segunda resposta, e *tô-fraco*, repetidamente, que pode ser considerada como mais uma resposta, e/ou uma associação ao som produzido pela ave, e que, ao que parece, a informante imita, como se pode ver no Exemplo 11 a seguir:

Exemplo 11:

INF.- Chama *caterê*, chama *guiné*; *tô-fraco*, *tô-fraco*, *tô-fraco*. (65, Curralinho, mulher, 38 anos, alfabetizado).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do *ALS* - Nota da carta 116.

Já o informante homem, de 40 anos, no Exemplo 12, além de *guiné*, em primeira resposta, faz menção ao som, ao que chamou de “cantar”:

Exemplo 12:

Cantam *tô-fraco, tô-fraco*. (65, Curralinho, homem, 40 anos, alfabetizado)

Fonte: Dados orais. Banco de dados do *ALS* - Nota da carta 116.

Entre os informantes do Projeto ALiB, o que se tem é:

- (i) co-ocorrência de *guiné* entre os Estados, nos pontos de inquéritos selecionados – um registro em Jacobina e três em Jeremoabo, na Bahia, bem como nas duas localidades de Sergipe;
- (ii) *cocar*, totalizando 26 ocorrências, sendo, inclusive, a lexia com o maior número de respostas apuradas, *saqué*, cinco ocorrências e *galinha d’angola*, caso de ocorrência única, apenas na Bahia, e
- (iii) *caterê* (três ocorrências) somente em Sergipe.

A distribuição das denominações que ocorreram nos Estados, com relação aos dados do Projeto ALiB, pode ser vista, em valores absolutos, em cada ponto de inquérito, na Tabela 20, assim como se delineou para os atlas mais antigos anteriormente.

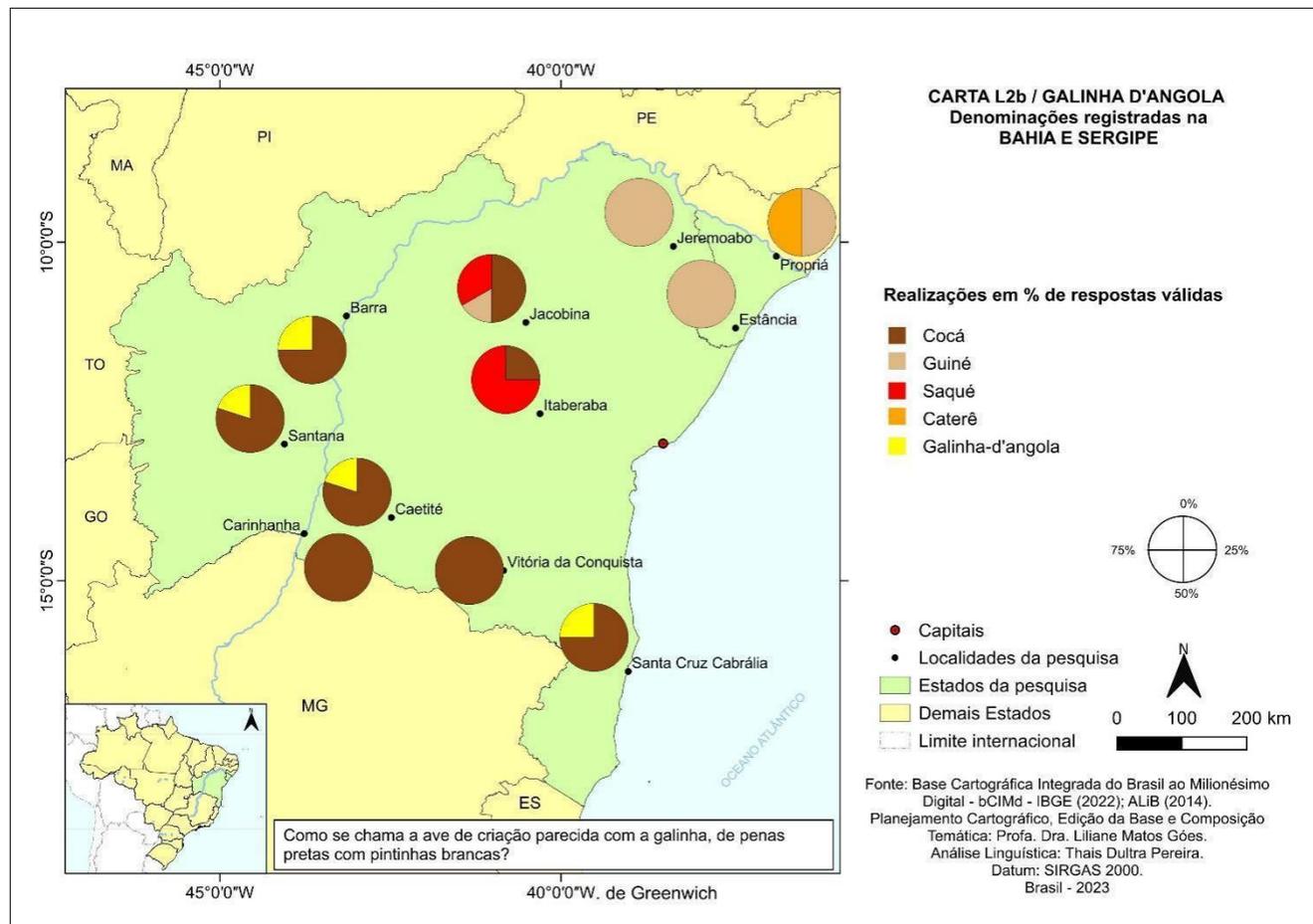
Tabela 20 – Síntese da distribuição dos nomes para a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas no Projeto ALiB para Bahia e Sergipe

Pontos de inquérito	ALiB - BAHIA									ALiB – SERGIPE	
	84	95	97	90	86	82	92	101	98	78	80
Nomes	Barra	Caetité	Carinhanha	Itaberaba	Jacobina	Jeremoabo	Santana	Sta. Cruz Cabrália	V. da Conquista	Propriá	Estância
<i>Cocar</i>	3	4	4	1	3		4	3	4		
<i>Guiné</i>					1	2				2	2
<i>Saqué</i>				3	2				1		
<i>Galinha-d’angola</i>	1	1					1	1			
<i>Caterê</i>										3	
Total	4	5	4	4	6	2	5	4	5	5	2

Fonte: Elaboração própria.

Do mesmo modo, a Carta Experimental L2b (Figura 20) traz as ocorrências apuradas para a ave nas localidades investigadas para o Projeto ALiB nos dois Estados.

Figura 20 – Carta Experimental BA e SE com dados do ALiB: L2b – Galinha d’angola



Fonte: Góes (2023), com análise linguística da autora, a partir dos dados inéditos do Projeto ALiB.

No Exemplo 13, pode-se observar que *cocar* é a escolha lexical para o informante homem, da faixa etária II que considera a ave semelhante a uma galinha, embora aponte como distintivo o aspecto sonoro associado ao incômodo por ela provocado, diferenciando-a de outros galináceos.

Exemplo 13:

INQ.- ... é, ela é parecida com a galinha assim, só que ela tem umas pintinhas pretas assim na pena.

INF.- Tem o *cocá*.

INQ.- Como é que é o *cocar*?

INF.- O *cocá* a gente chama aqui mesmo de *cocá*.

INQ.- E ele faz que barulho?

INF.- *Ele faz um barulho mermo é... mais forte que uma galinha.*

INQ.- Como é? Você faz?

INF.- ‘Cê entendeu? Ele grita igual a... um pássaro... ele imita a... gaivota aí do rio São Francisco.
 INQ.- Hum...
 INF.- Ele grita alto...
 INQ.- Hum... (097, Carinhanha, homem, faixa II, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

O barulho associado à ave é recorrente entre a maioria dos informantes. Veja-se no Exemplo 14, a seguir, na fala de uma mulher mais jovem, moradora de Vitória da Conquista, que relata o quanto é desagradável a sua presença na vizinhança:

Exemplo 14:

INF.- ah... eu vejo muito, é um bicho chato... É... piá, né? É... *cocá*. eles só anda de bando. A vizinha lá na roça... nossa... é uma tentação, os bicho não deixa nem a gente conversá direito... ela cria muito, e é um só que começa a gritá, aí os outro vai tudo atrás... é horrível aquilo ali... (098, Vitória da Conquista, mulher, faixa etária I, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

Um outro exemplo de que a *galinha d’angola* é diferente de uma galinha comum pode ser observado a seguir, em que uma informante mais jovem, de Caetitê, afirma ser a *ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas* “[...] igual à galinha”, em que se percebe, apesar da comparação, certa diferença ao descrevê-la:

Exemplo 15:

INF.- Tem o *cocá*, né?
 INQ.- E tem outro, como é o cocar, conte aí pra’ gente.
 INF.- É desse tipo aí, *igual à galinha*, cheia de pintinha branca, (inint.) todo preto.
 AUX - Sabe dizer se ele faz algum barulho diferente das outras galinhas?
 INF.- Não.
 INF. - Mas você lembra bem das pintinhas brancas. (096, Caetitê, mulher, faixa etária I, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

Em Itaberaba e Jacobina, além de *cocar*, lexia comum a quase todos os pontos de inquérito para o Projeto ALiB, houve também registro de *saqué*, como se pode ver na transcrição do informante masculino (Exemplo 16), mais velho, que apresentou *saqué* como primeira resposta e *cocá* como segunda, afirmando se tratar da mesma ave.

Exemplo 16:

INF.- *Saqué*.
 INQ.- E chama a saqué por outro nome?
 INF.- Chama cocó. [...] Cocó não, *cocá*.
 INQ.- *Cocá*, ou então?
 INF.- A mesma *saqué*. (090, Itaberaba, homem, faixa etária II, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB.

No caso de *saqué*, também se registrou descrição para ave associada ao som por ela emitido, entretanto, aqui, se tem um aspecto “engraçado”, e não necessariamente incômodo, como afirma a informante mulher, mais velha, conforme Exemplo 17.

Exemplo 17:

INF. - *Saqué* ...

INQ.- ... chama aqui de *saqué*, ela tem uma vozinha engraçada...

INF.- *Saqué* ... é... *saqué*. (090, Itaberaba, mulher, faixa etária II, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

Caterê foi apurada apenas em Sergipe, especificamente em Propriá, tanto no *ALS* como no Projeto ALiB. Esta parece ser uma lexia que se mantém ao longo do tempo na localidade, uma vez que aparece nos dois documentos.

Há registro, inclusive, em mais duas localidades, para o *ALS*: nos pontos 59 e 65, respectivamente Divina Pastora e Curralinho (como já dito), não sendo ocorrência única, o que pode indicar uma variação estável, do ponto de vista espacial, para Sergipe, embora a amostra, por si só, não seja suficiente para comprovar tal hipótese, mas sinaliza para indícios passíveis de serem investigados.

De acordo com o que forneceram os informantes, conforme se pode constatar não só nas notas das cartas, mas também nas audições dos arquivos para o *ALS*, *caterê*, ainda que tenha sido a primeira resposta, não foi a única mencionada, tanto nos pontos de inquérito referentes à amostra, como nos outros em que a lexia foi apurada.

Há em Propriá, por exemplo, registro também de *guiné*. A informante de 40 anos faz, ainda, alusão também ao aspecto sonoro, associando-o ao “cantar” da ave: “Chamam *caterê*, chamam *guiné*. Eles fazem é cantar, não é? Bem alto” (062, Propriá, mulher, 40 anos, em nota da carta 116/*ALS*).

Outro exemplo é o registro do informante homem, 42 anos, do ponto 59, Divina Pastora, em que se apurou, também, *guiné*: “Uns chama *caterê*, outros chama *guiné*, ele tem dois nomes”. (059, Divina Pastora, homem, 42 anos).

Quanto ao Projeto ALiB, para a Bahia, no que concerne à apuração de *tô-fraco*, ainda que os informantes não tenham utilizado a forma, especificamente, para nomear a ave, há referência ao som por ela emitido nas localidades de Caetitê, Carinhanha e Jeremoabo, o que comprova a utilização do sema para identificação do animal.

A respeito da motivação semântica, há que se comentar a lexia *tô-fraco*. Segundo Alinei (1997) todo e qualquer signo é criado a partir do que denominou iconimia, estando a ave em questão categorizada na criação do léxico a partir da motivação onomatopeica, uma vez que *tô-fraco* (e variações) seria condizente com a associação do som emitido pela ave, semelhante à forma.

Assim, tem-se, nos Exemplos 18 e 19, para Caetité e Carinhanha, como primeira resposta, *cocar* e, além dela, a descrição da ave quanto ao barulho ou cantar, em que o sujeito menciona *tô-fraco*:

Exemplo 18:

INF.- Aquela é o cocá. (init.) É cocá.

INQ.- E ele faz algum barulho diferente, ou...

INF.- Faz, ele fala que tá, *tô-fraco*, *tô-fraco*, *tô-fraco*, ele fala assim (risos). (096, Caetité, homem, faixa etária II, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

Em Carinhanha destaca-se que, embora o informante reconheça que a ave é conhecida pelo canto do *tô-fraco*, *tô-fraco*, ele próprio duvida de que seja, de fato, o que a ave emite como cantar, e considera a primeira resposta como lexia comum à comunidade de fala, como se vê no Exemplo 19.

Exemplo 19:

INF.- Cocá?

INQ.- Hum... Quê que ele faz?

INF.- Diz porque ele canta: *tô-fraco*, *tô-fraco*... não sei. (rindo)

INQ.- Você já ouviu?

INF.- Já ouvi.

INQ.- Você acha que é o quê?

INF.- Não sei. O povo fala aí, mas só qu'eu não achei que é aquilo não.

INQ.- Acha que não é aquilo, não?

INF.- Mas, diz o povo que é, né?

INQ.- É?

INF.- Diz que é, né? *tô-fraco*.

INQ.- E todo mundo aqui chama de cocá?

INF.- Cocá. (097, Carinhanha, homem, faixa etária I, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

O mesmo ocorre no Exemplo 20, que traz a fala da informante da faixa II, também de Carinhanha, que faz menção não só ao barulho, chamado por ela ora de “cantar”, ora de “falar”, associando também ao comportamento agressivo da ave, a quem ela chama de *cocar*. Para ela, inclusive, o que a ave canta ou fala, seria *cocá*, e não *tô-fraco*, como “o povo diz”, ao que explica, em tom de correção.

Exemplo 20:

INF.- É cocá?

INQ.- Hum... Como é que o cocá faz?

INF.- Ele canta, ele bota... *ele é mutcho bravo*, né?

[...]

INQ.- E o que é que ele faz quando ele tá cantando?

INF.- Como é que ele canta?

INQ.- É.

INF.- *Cocá, cocá*... E diz o povo que fala *tô-fraco*, né? Mas eu, pra mim, ele fala o mesmo nome dele.

INQ.- Hum...

INF.- É.

INQ.- Mas tem gente que diz que ele fala...

INF.- Que ele fala é... *tô-fraco, tô-fraco, tô-fraco*. Mas ele fala *cocá*.

INQ.- Hum..

INF.- É. E, eu pra mim, ele fala o mesmo nome dele, né? (097, Carinhanha, mulher, faixa etária II, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

Galinha d'angola, forma tida como padrão nas obras lexicográficas, tem baixa ocorrência nos documentos. Nos dados da amostra, há registro da lexia em quatro pontos, tendo sido mencionada por quatro informantes do Projeto ALiB, para a Bahia, nas localidades de Barra, Caetité, Santa Cruz Cabrália e Santana.

No entanto, ocorreu também em três pontos do *APFB* (Aporá, 2; Boipeba, 6, e Prado, 11), além de ter ocorrido em Sergipe, nos dados do *ALS*, em Laranjeiras, ponto 57, e Gararu, 64, o que evidencia a presença da lexia tanto no Estado da Bahia como em Sergipe, ao menos nos atlas mais antigos. Desses, nenhum dos pontos está próximo entre as localidades pesquisadas nos atlas, como se pode ver nas cartas.

A respeito de *galinha d'angola*, percebe-se que esta forma não é a preferida dos sujeitos da amostra. Em Santana, no ponto 92, por exemplo, o informante da faixa etária II reitera que, embora se admita que esta seja uma lexia utilizada para nomear a ave, a localidade utiliza *cocar*: “Eu conheço ela como *cocá*, mas o pessoal chama de *galinha da angola*.”. O mesmo ocorre em Caetité, como se pode ver no Exemplo 21:

Exemplo 21:

INQ.- É? O senhor disse que era *cocar* e...

INF.- E *angola, galinha-de-angola*. Uns trata *galinha de angola* e outros trata *cocá*.

INQ.- Mas aqui é mais o quê?

[...]

INF.- É *cocá*.

INQ.- É *cocá*, todo mundo conhece.

INF.- Conhece por *cocá*.

INQ.- Passa uma na rua, já sabe. (096, Caetité, homem, faixa etária II, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

Há, também, em Santana, menção à ave para fins religiosos, como ocorre no Exemplo 22. O informante masculino, da faixa etária II, embora utilize como primeira resposta *cocar*, associa *angola* e *galinha angola* como uma identificação religiosa, sem especificar qual seria. Contudo, infere-se que diga respeito às religiões de matrizes africanas, dado o histórico da ave.

Exemplo 22:

INF.- *Cocá*, é um *cocá*, é mais conhecido como um *cocá*.

INQ.- Tem outro nome pra ela aqui?

INF.- Às vezes tem algumas pessoas, por questão até de outra religião chama *angola*, *galinha angola*. (092, Santana, homem, faixa etária II, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

Quem-quém foi apurada apenas na Bahia, e somente nos dados do APFB, nas localidades de Barra e Caetité, tendo sido mencionada por três informantes. Mas, conforme observado na carta 114, constata-se a presença da lexia ainda em mais cinco localidades, utilizada por seis informantes, com possibilidade de delimitação de uma subárea, como já mencionado.

Há, também, registro de *conquém* em seis localidades, citada por nove informantes, demarcando outra subárea. Ambas equivalem, juntas, a 14 pontos e 18 ocorrências, ao todo, o que evidencia que a utilização das formas pode se tratar de um caso de mudança em curso, visto que não aparecem nos dados mais atuais do Projeto ALiB, ao menos para a amostra.

Como se pode ver, dos resultados para a investigação acerca de *como se chama a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas*, para os atlas mais antigos referentes à amostra, tem-se:

- (i) no APFB, apuraram-se as formas *cocar*, *guiné*, *quem-quém* e *saqué*, sendo que esta última teve registro apenas neste atlas, sem ocorrências para a Bahia nos dados do Projeto ALiB, o que pode indicar um processo de desuso da lexia no decorrer do tempo.
- (ii) no ALS tem-se, *guiné*, *caterê* e *tô-fraco*, sendo que esta última consiste em caso de única ocorrência para a amostra, embora se tenha registro da lexia em outros pontos de inquérito para este documento. *Tô-fraco* foi, ainda, utilizada por alguns informantes do Projeto ALiB como forma de descrever a ave, o que não descarta a possibilidade de utilização, por parte de outros informantes, também para nomear o animal.

- (iii) quanto à *caterê*, esta parece ser uma forma recorrente para o Estado, ao menos para a localidade de Propriá, visto que foi apurada tanto em dados do *ALS* como do Projeto ALiB para Sergipe.

No que concerne aos dados do Projeto ALiB, em contrapartida, tem-se:

- (i) as formas *cocar*, *guiné*, *saqué*, *caterê* e *galinha d'angola*, sendo *cocar* a forma mais recorrente, o equivalente a quase metade da amostra;
- (ii) *guiné* e *saqué* coexistem tanto no *APFB* como no Projeto ALiB, tendo sido apurada em praticamente todas as localidades deste último;
- (iii) *galinha d'angola* foi um item lexical de baixa incidência, com registro apenas no Projeto ALiB, para a Bahia, embora tenha sido apurada em dados do *APFB* e do *ALS* em outros pontos não incluídos na amostra.

Pode-se afirmar, portanto, a partir de tais resultados, a constatação de *guiné* nas duas sincronias, nos dois Estados; ausência de *quem-quem* na Bahia e de *tô-fraco* em Sergipe, bem como a manutenção de *caterê* neste último, com, inclusive, aumento de itens registrados.

6.3 QSL 69 – COMO É QUE SE CHAMA UMA GALINHA SEM RABO?

Em continuidade à análise dos aspectos relacionados à fauna nos *corpora*, tem-se mais uma questão com vistas a investigar animais que integram a avicultura: a QSL 69, que objetiva apurar como se chama *uma galinha sem rabo*. Do mesmo modo como foi feito para a *galinha d'angola* (e demais questões), há, também, que se apresentar características relacionadas a esta espécie, pois, ainda que haja semelhanças, no que diz respeito à avicultura, há nuances e particularidades que carecem de maior detalhamento e fazem diferença na compreensão da análise dos dados.

A principal característica deste animal incide majoritariamente na ausência de cauda. Trata-se de uma mutação genética que está relacionada à má formação do apêndice triangular no fim do dorso, região onde fica a plumagem, que pode causar desde uma pequena falha até a inexistência de penas. Mas não é só isso. As galinhas sem rabo, ou suras, são antigas e fazem parte das aves de raças nativas do Brasil, sendo importantes para a economia, uma vez que a produção de galináceos, de maneira geral, é um ramo bastante produtivo, seja na agricultura familiar, seja na industrial.

De plumagem diversa e carne macia, estão presentes em praticamente todo o território brasileiro desde a época da colonização. Segundo Carvalho e outros (2020), no artigo *Raças*

nativas de galinhas do Brasil e países da Península Ibérica, em que estudam a importância do reconhecimento da diversidade genética das espécies, a *Gallus gallus domesticus*, ou galinha comum, não existia em terras brasileiras até terem sido trazidas pelos espanhóis no século XVI e, ao chegarem, passaram por um processo de adaptação e cruzamento aleatórios, o que levou à seleção natural da espécie no decorrer do tempo. '

Esse processo resultou em diversas transformações que afetaram os aspectos comportamentais e de reprodução, de tal modo, que as espécies encontradas no Brasil são peculiares e integram as raças nativas existentes do país.

A galinha doméstica pertence à ordem galiforme, família phasianidae, sendo um dos animais domésticos mais utilizado e difundido no mundo. Segundo Herkenhoff (2013), em sua dissertação intitulada *Variabilidade genética da região controladora do mtDNA (alça-D) de galinhas caipiras brasileiras*⁵², estas têm sua origem na Ásia e descendem basicamente da Galinha Vermelha do Mato, a *Red Jungle Fowl*, uma ave silvestre, considerada o primeiro ancestral da galinha caipira como esta é conhecida na atualidade.

Foi domesticada antes de 5400 a.C., e, ao longo dos séculos, foi agrupada a outras espécies, modificando-se geneticamente e produzindo, como consequência, subespécies, até chegar no formato da galinha doméstica comum, como é conhecida atualmente.

Conforme Carvalho (2020), as galinhas eram criadas para fins sagrados e religiosos, visto que era proibido consumir sua carne. Porém, estas aves se espalharam pela Pérsia e Grécia antiga, principalmente por causa da cultura de lutas de galos, comum à época. Por não conseguirem voar longas distâncias, não poderiam migrar para grandes extensões territoriais, a não ser que fossem transportadas.

Importante ressaltar que, por conta de sua adaptabilidade às diversas condições climáticas, as galinhas se espalharam por todos os continentes e, em decorrência da invasão romana, foi introduzida em todo o seu império, o que incluiu os países da Península Ibérica. Assim, os seres humanos as distribuíram mundo afora, criando com este animal uma relação que vai muito além de simples fonte de alimento, tendo sua importância tanto para fins religiosos, e/ou artísticos, como entretenimento nas mais variadas culturas.

Velden (2012), ao discutir não apenas a origem dos galináceos, reflete sobre as relações entre os grupos Tupi no litoral da América portuguesa e as galinhas domésticas

⁵²O autor, em seu trabalho, faz uma criteriosa introdução a respeito do surgimento das primeiras aves no mundo, em que apresenta uma linha do tempo sobre a origem dos galináceos.

Para conhecer mais sobre a referida pesquisa, sugere-se a leitura da obra, disponível em:

<http://www.udesc.br/arquivos/cav/id_cpmenu/1284/dissertacao_marcos_edgar_final_1567091567445_1284.pdf>.

introduzidas nos primeiros contatos. No ensaio *As galinhas incontáveis. Tupis, europeus e aves domésticas na conquista no Brasil*, o autor questiona, por exemplo, como a galinha teria sido domesticada no sudeste da Ásia, embora reconheça que não há consenso sobre o local, se China, Índia, Tailândia ou Península Malaia, isso há mais de 8.000 anos atrás.

A ave teria chegado à Europa por volta do século VI a.C e teria sido difundida pelos navegantes ibéricos, de modo que não se sabe exatamente que caminhos percorreu até chegar na América do Sul. Velden (2012) acredita ainda que Cristóvão Colombo teria introduzido não só galinhas como outros animais domésticos nas Antilhas em sua segunda viagem, em 1493.

A esse respeito, Herkenhoff (2013) afirma que a galinha foi trazida ao continente americano pelos polinésios. Essa informação, contudo, tem sido motivo de discussões e debates, sobretudo pela presença de raças chilenas em território americano, visto que se observam semelhanças destas com as raças de galinhas do oriente, o que sugere a participação de polinésios ou piratas holandeses, antes mesmo dos espanhóis.

Segundo Herkenhoff (2013), no Brasil, os galináceos que vieram já nas primeiras comitivas de navegadores a desembarcar no país, em 1.500, passaram a conviver entre colonizadores e indígenas, sendo que as primeiras raças puras teriam vindo principalmente do Oriente, Mediterrâneo e Sul da Europa.

Velden (2012, p. 99), por sua vez, afirma que, quando a frota de Pedro Álvares Cabral, ao aportar no litoral sul da Bahia, em 1500, trouxe alguns exemplares dessas aves, elas “[...] permaneceram com os índios nas terras recém-descobertas, inclusive na companhia dos degredados que Cabral teria deixado no local, uma vez introduzida nas Américas”, e, desde então, espalharam-se rapidamente, tornando-se parte da economia da época.

O fato de essas aves terem sido criadas em liberdade entre os espaços de convivência humana proporcionou cruzamentos aleatórios entre as espécies, fazendo surgir raças misturadas e dando origem às raças de galinhas nativas brasileiras, comumente conhecidas como galinhas caipiras. Essas espécies de aves possuem alta variabilidade genética e grande rusticidade, o que inclui resistência a doenças e baixa produtividade, sobretudo ao serem comparadas às galinhas industriais modernas, provenientes de seleções genéticas restritas.

Acredita-se que, até o século XIX, muitas espécies de galinhas domésticas tenham sido introduzidas no país, entre elas a Araucana, que teria chegado em torno de 1880, e teria se misturado às galinhas caipiras⁵³, fazendo com que essas novas espécies produzissem ovos

⁵³ Herkenhoff (2013) afirma que, posteriormente, outras raças teriam se misturado às caipiras originais, o que resultou nas galinhas caipiras atuais. Quanto às raças que as originaram, essas apresentam muitas semelhanças,

de coloração azul-esverdeada, principal característica das Araucanas.

Segundo Herkenhoff (2013), essa ave tem origem chilena, também conhecida como Mapuche, sendo resultado do cruzamento de duas raças nativas também chilenas, dando origem a três subespécies ou variações: a *Ketros*, que apresenta tufos nos ouvidos e cauda (menos comum); a *Kolloncas*, que não possui nem tufos, nem cauda; e a *Kollonca de Aretes*, que possui apenas tufos. A seguir, têm-se exemplos de galinhas Araucanas da subespécie *kollonca de Aretes*, (Figuras 21 e 22) com destaque para os tufos de penas nos ouvidos e ausência de caudas.

Figura 21 – Galinha Araucana: macho - subespécie *Kollonca de Aretes*



Figura 22 – Galinha Araucana: e fêmea - subespécie *Kollonca de Aretes*



Fonte: Mundo ecologia. Disponível em: <<https://www.mundoecologia.com.br/animais/galinha-araucana-caracteristicas-ovos-azuis-como-criar-e-fotos/>>. Acesso em: mar. 2023.

Na sequência, têm-se exemplos da subespécie *Kolloncas* (Figuras 23 e 24): um galo e uma galinha, em que se observa a ausência de caudas e de tufos em ambos. Ao que parece, esta seria a origem da galinha sura em território brasileiro, uma vez que é possível notar semelhanças desta com a subespécie em questão, em que se tem como traço genético mais forte a coloração da casca dos ovos, sempre nas cores em tons de azul, mas também a ausência de cauda.

Figura 23 – Galo: espécie Araucana - subespécie *kolloncas*

Figura 24 – Galinha: espécie Araucana - subespécie *kolloncas*

que não só se refletem na plumagem e porte, mas também na terminação da carcaça. Dentre essas influências de raças, cita, além da Araucana, as Andaluzia, Aseel, Australorp, Brown Leghorn, Buff Plymouth Rock, Columbian Wyandottes, Partridge Plymouth e Silver-Spangled Hamburgs.



Fonte: Mundo Ecologia. Disponível em: <<https://www.mundoecologia.com.br/animais/galinha-araucana-caracteristicas-ovos-azuis-como-criar-e-fotos/>>. Acesso em: mar. 2023.

A coloração dos ovos é causada por um pigmento chamado biliverdina, que é produzido pela glândula responsável pela casca do ovo. Segundo Herkenhhof (2013), tal característica foi fixada nas galinhas caipiras a fim de produzir linhagens de aves nativas que produzissem apenas ovos azuis. Na Figura 25, é possível observar tal pigmentação, em comparação com outros ovos de galinha caipira.

Figura 25 – Ovos de Araucana em tons de azul e verde misturados com ovos de outras colorações provenientes de outras galinhas caipiras



Fonte: Mundo Ecologia. Disponível em: <<https://www.mundoecologia.com.br/animais/galinha-araucana-caracteristicas-ovos-azuis-como-criar-e-fotos/>>. Acesso em: mar. 2023.

Uma discussão interessante é trazida por Velden (2012), no que concerne à reconstrução histórica da difusão das galinhas domésticas europeias pelo continente americano, com conseqüente surgimento da nova espécie nativa brasileira, visto que se evidencia certa dificuldade de identificação das espécies registradas por parte dos observadores nos séculos XVI e XVII. Embora se saiba que os europeus, de fato, introduziram nas Américas as *Gallus Gallus domesticus*, também se sabe que muitas das aves

domésticas que foram nomeadas como “galinhas” incluíram uma variedade de galiformes que não existiam na Europa.

Velder (2012) acredita que, apesar de serem comuns nos ecossistemas sul-americanos e nas aldeias indígenas, como mutuns⁵⁴, jacus e outros pássaros, por exemplo, essas aves eram genericamente chamadas de galinhas “do mato”, “silvestres” ou “bravas”, com registros em muitos dos relatos históricos, em que se observa não apenas a dificuldade de identificação, mas também certa generalização nas nomeações, seja por falta de reconhecimento das aves, seja por serem confundidas com as que faziam parte do contexto ecológico já conhecido pelos europeus.

Uma dessas “confusões” dos observadores quinhentistas e seiscentistas incide justamente sobre a galinha Araucana. A *Gallus inaurus*, segundo Velden (2012), presente nas aldeias indígenas, também chamada de galinha “chilena”, “crioula” ou “pré-hispânica”, é um galináceo que foi difundido entre as populações indígenas no Chile, Pampa argentino e bacia Platina, e também teria sido uma dessas espécies a ser confundida com as “galinhas” mencionadas pelos europeus na América do Sul na primeira metade do século XVI. Essas não seriam galinhas domésticas europeias, mas sim diversas espécies da família Cracidae (que inclui, além dos jacus e mutuns, já comentados, as aracuás, jacutingas⁵⁵ etc). Até a própria galinha d’angola teria sido, também, confundida, segundo o autor.

A discussão aqui trazida, que não pretende, nem de longe, fazer um estudo exaustivo acerca da história das aves domésticas no Brasil, visto que não é o nosso objetivo, tem o fito de trazer, apenas, uma melhor compreensão da configuração da avicultura familiar brasileira, ao menos como é conhecida na atualidade. O que tais discussões demonstram é, sobretudo, a dificuldade em categorizar e nomear as aves nativas brasileiras, e que essa dificuldade não é atual, muito pelo contrário: é herança do processo de colonização, em que se tem, como consequência, a distribuição de animais domésticos no país, constatando-se a presença, por um lado, dos galináceos, mas, de outro, da falta de controle quanto à categorização e taxonomia das espécies.

É o que tratam Carvalho e outros (2020) ao reconhecerem que, embora se tenha conhecimento da existência de diversas raças de galinhas dessa natureza, essas não possuem

⁵⁴ Segundo Houaiss (2001), mutum é ave galiforme da família dos cracídeos, florestais, dos gêneros Crax e Mitu, com várias espécies ameaçadas de extinção, de plumagem geralmente negra, topete com penas encrespadas ou lisas e bico com cores vivas.

⁵⁵ Aracuá, para Houaiss (2001), é um cracídeo galiforme, gênero Ortalis, com sete espécies no Brasil, encontradas em matas ciliares, desde a Bolívia até a Argentina. Como características, apresentam a garganta nua e colorida de vermelho. A jacutinga, por sua vez, é também um cracídeo, do gênero Pipile, também conhecido como jacuapeti e peru-do-mato.

uma classificação taxonômica específica, por conta do cruzamento com várias espécies, ao longo do tempo, de forma desassistida, o que dificultou a identificação e consequente preservação de suas características. Isso implica, inclusive, na inexistência de uma catalogação de quantitativo oficial, e, por conseguinte, do não reconhecimento do Ministério de Agricultura e Pecuária e Abastecimento (MAPA), por causa da ausência de legislação brasileira para as raças de aves.

No que diz respeito à categorização, Carvalho e outros (2020) incluem as galinhas brasileiras em dois grandes grupos: as nativas e as exóticas. No primeiro grupo (também chamadas de galinhas crioulas, locais ou autóctones), estão as galinhas caipiras, de terreiro, pé seco ou capoeiras. Do segundo, fazem parte as aves que foram importadas para o Brasil a partir do século XX. Os autores listam como exemplares de raças de galinhas do Brasil a Carijó, Pescoço pelado, Pedrês, Rabo de Leque, Sura, Canela-Preta, Barbuda, Peloco, Frisada, Caneluda do Catolé e Perna curta, dentre outras⁵⁶.

6.3.1 Análise Semântico-Lexical

Para *uma galinha sem rabo* foram registradas, ao todo, oito formas lexicais diferentes: *suruco*, *nambu*, *toco*, *cotó*, *sururu*, *suro* e *mensura* e *passura*. No que se refere à consulta aos dicionários, tanto nas obras de usos gerais como nas temáticas e/ ou especializadas, o que se tem é extensão de sentido e/ou generalizações para quase todas as lexias encontradas, à exceção de *suro/ sura*.

Quanto às diferentes acepções, têm-se *mensura*, *suruco* e *sururu*, tanto nos dicionários clássicos como nos contemporâneos, ao passo que *suruco* e *sururu* só foram descritas pelos autores mais atuais, como outras acepções. Já como extensão de sentido, registram-se *cotó*, *suro* e *toco*, tanto pelos autores clássicos como contemporâneos. *Passura* não foi encontrada em nenhuma das obras pesquisadas, no entanto, tem-se *pastura*, com outra acepção, ao passo que *mensura*, embora tenha registro nas obras, segue definição distinta. Sobre as ausências, estas não constam nas obras clássicas *nambu*, *suruco* e *sururu*. Este apanhado geral das lexias, quanto à dicionarização, pode ser observado no Quadro 27.

Quadro 27 – Síntese das denominações para *uma galinha sem rabo* conforme registros nos dicionários de

⁵⁶ No referido trabalho os autores se debruçam, em especial, sobre as espécies Peloco, Canela preta e Caneluda do Catolé. Reiteram que essas aves estão categorizadas como risco desconhecido de extinção, são pouco estudadas e não são catalogadas, o que dificulta a quantificação. Para conhecer mais sobre esta pesquisa, recomenda-se, além da leitura do artigo, a tese de uma das autoras, Débora de Carvalho, *Diversidade genética ancestralidade individual e padrões de introgressões em raças de galinhas ibero-americanas*, publicada em 2020 e disponível em:

<<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/vtt-217805>>.

usos gerais da língua portuguesa

DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA						
	CLÁSSICOS			CONTEMPORÂNEOS		
Itens lexicais	Bluteau (1712-1728)	Silva Pinto (1832)	Silva (1789-1813; 1949)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Caldas Aulete (1970)
<i>Cotó</i>	±	±	±	±	±	±
<i>Nambu</i>	∅	∅	∅	±	±	±
<i>Mensura</i>	≠	≠	≠	≠	≠	≠
<i>Passura</i>	∅	∅	∅	∅	∅	∅
<i>Suro</i>	=	±	=	=	±	=
<i>Suruco</i>	∅	∅	∅	≠	≠	≠
<i>Sururu</i>	∅	∅	∅	≠	≠	≠

Fonte: Elaboração própria.

Legenda: (=) mesma acepção; (±) extensão de sentido; (≠) outra acepção; (∅) não dicionarizado.

Nos dicionários especializados e/ou temáticos da língua portuguesa, há certa pluralidade de descrições, embora nenhuma traga a mesma significação apresentada pelos informantes. Quanto à etimologia, *cotó*, *nambu*, *suro* e *toco* estão descritas como extensão de sentido, ao passo que *mensura* tem acepção diferente. *Passura* e *suro* não encontram registros nessas obras. Em consulta sobre os sinônimos, Nascentes ([1957] 1978) registra extensão de sentido apenas para *nambu* e *suro*. O primeiro, junto com *sururu*, são tupinismos, como descrevem os autores. Quanto aos africanismos, tem-se *cotó*, *suro*, *suruco* e *toco* descritos por Lopes (1996] 2003).

O resumo dessas descrições pode ser constatado no Quadro 28.

Quadro 28 – Síntese das denominações para *uma galinha sem rabo* conforme registros nos dicionários especializados

DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	TUPINISMOS			AFRICANISMOS	
Itens lexicais	Cunha ([1982] 2010)	Nascentes (1955)	Nascentes Resumido (1966)	Nascentes ([1957]2011)	Boudin ([1966] 1978)	Carvalho (1987)	Cunha ([1976] 1998)	Lopes ([1996] 2003)	Castro (2022)
<i>Cotó</i>	±	±	±	∅	∅	∅	∅	±	=
<i>Nambu</i>	±	∅	±	±	±	±	±	∅	∅
<i>Mensura</i>	≠	≠	≠	∅	∅	∅	∅	∅	∅
<i>Passura</i>	∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅
<i>Suro</i>	≠	≠	±	±	∅	≠	∅	±	=
<i>suruco</i>	∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅	±	∅
<i>Sururu</i>	≠	∅	≠	∅	∅	∅	≠	∅	∅
<i>Toco</i>	±	±	±	∅	∅	∅	∅	±	∅

Fonte: Elaboração própria.

Legenda: (=) mesma aceção; (±) extensão de sentido; (≠) outra aceção; (Ø) não dicionarizado.

O que se vê nas obras consultadas, em resumo, é: à exceção apenas do vocábulo *suro*, constata-se, em todos os demais registros, a ausência de registros com a mesma aceção, em que se constata ora a extensão de sentido, ora registros diferentes dos apresentados pelos informantes, à exceção de *suro*. A seguir, tem-se o detalhamento do que se encontrou para cada lexia, em descrição por ordenamento alfabético.

Cotó, nos dicionários de usos gerais da língua, é generalização de sentido. Para os autores clássicos, na verdade, tem-se *coto*, que está associada a pedaço de alguma coisa, geralmente de asa da ave, de vela, entre outros. Silva Pinto (1712-1728) e Silva (1789-1813) fazem menção ao corpo humano, ao incluir na descrição parte de braço ou perna cortada.

Nas obras contemporâneas, a generalização traz apenas o aspecto humano, sobretudo para Houaiss (2001) e Ferreira (2004), em que *cotó* traz a aceção relacionada a braço ou perna amputada. Houaiss (2001) reforça essa definição, ao trazer como sinônimo *aleijado*. Já Aulete (1970) é o único a tratar o item como alusão ao “[...] animal que não tem rabo ou o tem mutilado”. Embora não mencione em específico que tipo de animal, a descrição inclui a galinha, ainda que de forma genérica.

Nos dicionários especializados, *cotó* tem as seguintes aceções: quanto à etimologia, é de origem francesa, com registros no século XVIII; adaptação de *couteau*, derivado do latim *cutellus*, fonte histórica 1813, acutilador, segundo Cunha ([1982] 2010). Nascentes (1955) o descreve como do latim *cubitu*, cotovelo; e ainda, síncope do *i* e assimilação do *b* ao *t*: *cub’tu*, tendo como sentido inicial o de braço mutilado na altura do cotovelo. Traz, também, na versão de ([1957] 2011), com a aceção de mutilado, oriundo de *coto*; além da forma *cotoco*, que seria o cruzamento de *coto* e *toco*.

No que se refere a *cotó* quanto africanismo, Castro (2022) traz a lexia com o sentido genérico de membros superiores, inferiores e extremidades amputadas, mas também a aceção de *galinha sem rabo* no português do Brasil. Faz, ainda, menção à *cotoco* que, embora traga outro sentido – o de faca pequena – indica como étimo o kikongo *kotooto*, e ainda *catoco* e *pitoco*, como sendo qualquer pedaço de alguma coisa, particularmente no Nordeste. Sua origem, segundo a autora, vem do kikongo, plural *bitoto* e português *toco*.

Lopes ([1996] 2003) não menciona *cotó*, mas traz *cotoco*, seguindo a mesma linha de Castro (2022), fazendo, inclusive, menção a Nascentes. Teria o sentido de falange digital, e origem também no quimbundo *katoko*, com o sentido de menor, além de variação de *catoco*.

Nambu está registrada nos dicionários como *inambu*, tendo sido encontrada apenas nas obras contemporâneas de língua portuguesa como designação comum às aves tinamiformes,

da família dos tinamídeos, dos gêneros *Tinamus* e *Crypturellus*. Uma de suas principais características é a de viver em regiões neotrópicas⁵⁷ e de ter cauda curta ou inexistente.

Houaiss (2001) descreve *inambu* como do tupi *ina'mbu*, com sentido de “ave que corre a prumo” e do tupi-guarani, podendo vir de *iam'bu* como “a que se levanta com estrépito”. De primeiros registros históricos, tem-se 1618, *inhambu*, 1631, *ynambu* e 1783, *inhambu*. Houaiss (2001) e Aulete (1970) trazem as “sinonímia e variantes” *inambu*, *inamu*, *lambu*, *nambu*, *nhambu*.

Os dicionários especializados trazem *inambu* com a mesma acepção dos dicionários gerais, embora incluam algumas especificidades. Nascentes ([1957] 2011) faz remissão à codorna, que por sua vez quer dizer ave da família *Tinamidae* (*Crypturus variegatus*), sinônimos Inhambu-anhangá, inambu-saracuíra.

Nascentes (1966) traz a forma *nambu* como aferética de *inhambu*, mesmo que pequeno. Cunha ([1976] 1998), em remissão à codorniz, traz *inambu* como o mesmo que ynambutininga. O autor complementa ainda ser

[...] ave da cor e tamanho da *perdiz*, tem pés e bico vermelhos, voam ao longo do chão, por onde correm muito, e criam ninhos que fazem no chão, onde põem muitos ovos. Estas aves têm grande peito, cheio de titelas muito tenras e saborosas (grifos nossos). (Cunha, [1976] 1998 G. S. Souza, 1587)⁵⁸.

Para os autores que investigam os tupinismos, se vê a mesma acepção apresentada tanto por Nascentes (1955; 1966) como por Houaiss (2001), inclusive a remissão a codorniz. Há, no entanto, algumas informações adicionais trazidas no Dicionário Tupi Guarani⁵⁹ (s.i.), em que se tem referência à *nhambu* como o que corre emergindo, do tupi *T-nam-bu*, o que levanta voo, rumorejando, e significa ave de cauda e pernas curtas. Este registra ainda a lexia Inhambuxintã, do Tupi Guarani inhambux-ave; xi-bico; antã-duro, cujo canto consiste numa “[...] sequência de notas rápidas e descendentes”.

Mensura, nos dicionários de usos gerais, tem definição genérica de medida, ato de medir; e ainda, termo de música, compasso musical. Nas obras clássicas, tem-se, sobretudo, como descrição termo de medida temporal para a música. Para Bluteau (1712-1728, Tomo V, p. 426), porém, há, outro sentido:

⁵⁷De acordo com Houaiss (2001) é “[...] relativo ou pertencente à divisão fitogeográfica que compreende a faixa tropical das Américas, da maior parte do México e do sul da Flórida até a Patagônia, incluindo as ilhas de Juan Fernández, de Fernando de Noronha e de Trindade e Martim Vaz.”

⁵⁸O autor descreve como sendo uma passagem do um texto intitulado *Notícia do Brasil*, ed. Pirajá da Silva, II, LXXXII, p. 94. Trata-se de um dos textos de Gabriel Soares de Souza, à época do Descobrimento, em levantamento realizado para dar conta dos tupinismos introduzidos na língua portuguesa. Para maiores informações, ver introdução da referida obra.

⁵⁹Aqui, tem-se dados consultados em Dicionário virtual, o *Dicionário Ilustrado de Tupi Guarani*, disponível no sítio <<https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/nhambu/>>. Acesso em: fev. 2024.

‘A liberdade é a **mensura** do amor comum’, em citação a Brachilog de Príncipes. Também vontade, nesse sentido poderás dizer em **mensura**, pois chama a Cícero a extensão e medida de um benefício *Mensura beneficii*. ‘A paciência foi a **mensura** de suas virtudes’. (Vergel de plantas, p. 99, *apud* Bluteau, 1712-1728, Tomo V, p. 426) (grifos da autora).

Nas obras mais atuais, a diferença está no aspecto etimológico, tratado por Houaiss (2001) como do latim *mensura*, fonte histórica 1489, instrumento de medir, quantidade, dimensão. Aulete (1970) segue na mesma direção, embora traga menos detalhes.

Nas obras temáticas, *mensura* aparece apenas entre os autores que se debruçam sobre a etimologia, como Cunha ([1982] 2010), que traz o verbo *mensurar*, latim *mensurare*, fonte histórica século XVII, e Nascentes (1955; 1966), que traz tanto o substantivo (do latim *mensura*) como o verbo.

Pasura não está dicionarizada nas obras investigadas. Há, no entanto, registros de *pastura* em quatro das seis edições. Duas clássicas: Silva (1759-1813; 1949) e Bluteau (1712-1728), e duas contemporâneas: Houaiss (2001) e Aulete (1970), em todas com o sentido de pasto. Bluteau (1712-1728, suplemento, parte 2, p. 118) acrescenta, ainda, como exemplo: “[...] o pastor, que de plácida *pastura*, recolhe o seu rebanho cuidadoso”.

Quanto aos autores modernos, Houaiss (2001), além do conceito, traz a etimologia: do latim *pastūra,ae*, 'ação de pastar', de *pastum*, supino de *pascēre*, 'apascentar', seguido por Aulete (1970) que, novamente, traz o étimo de forma mais sucinta.

Pastura não tem registro entre os autores especializados e/ ou temáticos.

Suro é a única lexia descrita pelos autores com o mesmo sentido dos informantes nas obras de usos gerais da língua. Entre os clássicos, Bluteau (1712-1728, Tomo VI, p.796), registra *galinha sura* como “[...] aquela de casta das que não criam rabo”, e Silva (1789; 1813; 1949) traz, além da generalização para o feminino, cauda, e a menção à *galinha sura*, sem maiores descrições.

Tanto Silva (1789; 1813; 1949) como Silva Pinto (1832) trazem, ainda, acepções gerais, como que não tem rabo, derrabado; Silva (1789; 1813; 1949) e Bluteau (1712-1728, Suplemento, Parte II, p. 232) por sua vez, incluem significação de monge ou frade *suro* como aquele que “[...] professou monacalmente, e tem coroa, mas não diz missa.”. Entre os contemporâneos, além das generalizações a outros animais, no que se refere à ausência de cauda, têm-se menção a *frango suro* (Houaiss, 2001) e *galo suro* (Aulete, 1970), e feminino *sura*.

Nas obras temáticas, a lexia se apresenta de forma controversa, em que se vê tanto sentidos como origens diferentes.

Quanto à etimologia, Cunha ([1982] 2010) traz *suro* com origem no concani, *sur*, derivado do sânscrito *sura*, panturrilha, e ainda, do latim *sura*. Nascentes (1955) considera *suro* como antigo *çuro*, com possível derivação espanhola *zuro*, *zurito*, ou talvez do moçárabe *turi*. Na edição de 1966, o autor traz o mesmo étimo de Cunha ([1982] 2010), com o sentido de seiva da palmeira e de papagaio sem rabo, ao passo que, no livro de sinônimos ([1957] 2011), menciona *sura* (Maranhão) como um brinquedo feito de papel, variantes bico (Norte) e *suru* (Bahia), e ainda, remissão à arraia.

Para Carvalho (1987), *çura* é substantivo com sentido de altibaixos; *çuçura*, sem mais informações esclarecedoras quanto ao tupinismo. Já Lopes ([1996] considera *suro* de possível origem nhungue, coelho, associando à cauda muito pequena do animal, e acepção generalista para qualquer animal sem rabo, cotó.

Suruco, nas obras clássicas, não tem registros, ao passo que, nas contemporâneas, há, para *suruca*, acepções distintas, todas em direção contrária à apresentada pelos informantes. Houaiss (2001) registra a *lexia* como aguardente de cana, cachaça. Traz, também, *surucar* como verbo intransitivo, vir abaixo, ruir, especialmente terra. Nesse sentido, se aproxima de Aulete (1970), que descreve *suruca* como destorroamento de terra nos garimpos.

Ferreira (2004) inclui o mesmo sentido para o verbo, embora não mencione a relação com a terra. Houaiss (2001) traz, ainda, o étimo como de [...] “provável formação expressiva”, mencionando Lopes, ao relacionar ao quicongo *suluka*, aborto.

Nas obras temáticas e/ou especializadas, há registro de *suruco* apenas em Lopes ([1996] 2003), como sinônimo de *suro*, sem rabo, provavelmente de *suro* ou *suru*; origem ameríndia, influenciado por Nabuco. Faz menção também ao verbo *surucar* com o mesmo sentido dos autores contemporâneos, trazendo como referência o quicongo, já tratada por Houaiss (2001). Acrescenta, no entanto, que, “[...] em quimbundo, os verbos que encerram sentido de desfazimento, desmanchamento, dissolução etc. quase sempre terminam em *uka*.” (Lopes, [1996] 2003, p. 236).

Sururu, assim como *suruco*, só tem registro nas obras contemporâneas da língua, com o sentido de molusco bivalve mitilídeo (*Mytilus falcatus*), comum na costa do nordeste e sudeste brasileiro. Aulete (1970), traz outras acepções, mas nenhuma delas se aproxima da utilizada pelos informantes.

Nas obras especializadas e/ ou temáticas, há registro de *sururu* em Cunha ([1982] 2010) e Nascentes (1966), quanto ao étimo, em que se têm a mesma acepção de molusco, origem tupi *seru’ru*, *suru’ru*, e Cunha ([1976] 1998) que confirma, para *sururu*, a origem tupi, também com o sentido de molusco, sem muitos pormenores.

Toco é descrita como tronco de árvore ou cepa, nos autores mais antigos, e generalização de corte de qualquer planta que permanece presa ao solo, pedaço de vela ou tocha, coto, nas obras contemporâneas. Houaiss (2001), traz a etimologia como sendo de origem duvidosa, provavelmente de origem pré-romana ou céltica, semelhante ao espanhol *tocom*, fonte histórica séculos XIII a XIV.

Nos dicionários temáticos e/ ou especializados, têm-se *toco* em Cunha ([1976] 1998), com o mesmo sentido dos autores contemporâneos para as obras de uso geral, além de desconhecer a origem (obscura), século XVIII; traz também o verbo destocar, 1844; Nascentes (1955) acrescenta, afora as considerações já trazidas por Houaiss (2001), a possibilidade de origem italiana, *tacco*, pedaço; cita Cortesão, que acredita derivar de *coto* por metátese do *o* e do *t*, com remissão a *couto* (de candeia) no Elucidário de Viterbo. Considera, ainda, o espanhol *tueco*, *tocón*; céltico, baixo bretão, *tok*.

6.3.2 Análise Geolinguística

Em continuidade aos caminhos percorridos para a análise, tem-se, aqui, a descrição dos dados que buscaram responder à questão *como se chama uma galinha sem rabo?* (QSL 69), através do olhar geolinguístico, em que se descrevem aspectos relativos prioritariamente à diatopia, seguidos de detalhamentos sob o viés social, quando for o caso.

Assim, faz-se, inicialmente, o levantamento do que já se tem quanto aos atlas já publicados, tais como: *ALPR*, cartas 59 e 60, em que se registram as formas *suro*, *suruco*, *toco*, *rabicó* e *pitoco*; *ALiPE*, carta 22, que traz *sura*, *cotó* e *sem rabo*; *ALAP*, carta E18, com *suro* e *cotó*, e também no *ALERS*, carta 078, *rabo* e *cola*. Porém, a ênfase é feita nos dados do *APFB* e *ALS* – cartas 113 e 115, respectivamente, para, na sequência, serem desvelados os dados do que se apurou da amostra.

Nas referidas cartas, registraram-se nove denominações diferentes para a questão: *buguelo*, *cotó*, *foveiro*, *nambu*, *polaco*, *poró*, *suro*, *suruco* e *toco*. Juntas, as respostas somam 140 ocorrências, distribuídas da seguinte forma: 111 respostas no *APFB* e 29 no *ALS*. Estes registros podem ser observados na Tabela 21.

Tabela 21 – Número de ocorrências / percentuais nas cartas 113 *APFB* e 115 *ALS*

Ocorrências/ percentuais cartas 113 <i>APFB</i> e 115 <i>ALS</i>						
Nomes	<i>APFB</i>		<i>ALS</i>		Total	
	No.	%	No.	%	No.	%
<i>Buguelo</i>	3	2,7	0	0	3	2,2
<i>Cotó</i>	1	0,9	0	0	1	0,7
<i>Foveiro</i>	0	0	1	3,4	1	0,7

<i>Nambu</i>	11	9,9	0	0	11	7,9
<i>Polaco</i>	1	0,9	0	0	1	0,7
<i>Poró</i>	1	0,9	0	0	1	0,7
<i>Suro</i>	70	63,1	13	44,8	83	59,3
<i>Suruco</i>	23	20,7	15	51,8	38	27,1
<i>Toco</i>	1	0,9	0	0	1	0,7
Total	111	100	29	100	140	100

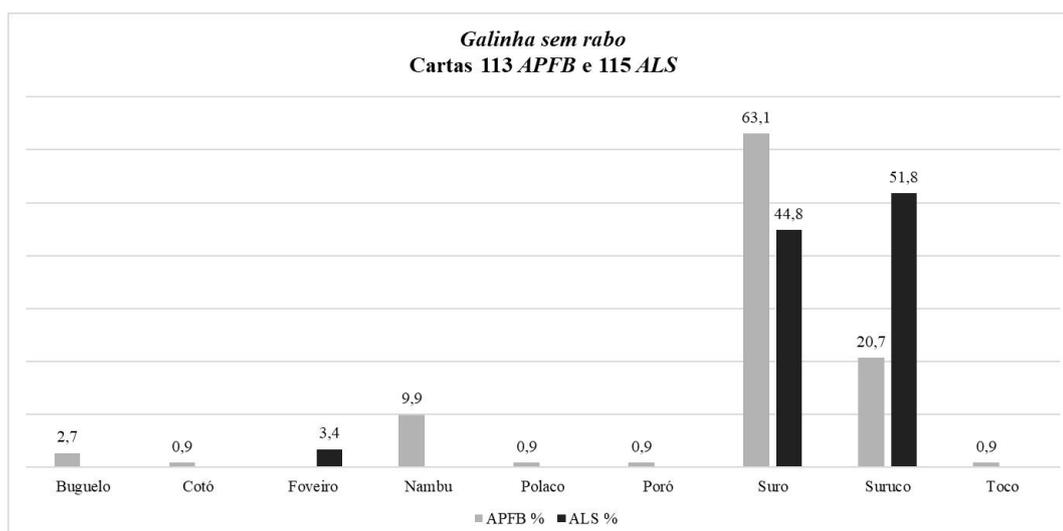
Fonte: Elaboração própria.

Vê-se que, no *APFB*, apuraram-se oito denominações para a ave investigada: *suro*, *suruco*, *nambu*, *cotó*, *toco*, *buguelo*, *poró* e *polaco*. *Suro* se apresenta em praticamente todo o Estado, ora em concomitância com outras formas, ora sozinha, sendo maioria das ocorrências, com 63,1% percentuais. Na sequência tem-se *suruco*, com o equivalente a 20,7%; *nambu*, 9,9% e *buguelo*, 2,7%. Há, ainda, quatro casos de única ocorrência que, somados, equivalem a 2,7%. São as formas *cotó*, *polaco*, *poró* e *toco*.

No *ALS*, registraram-se três formas diferentes para nomear a ave: *suruco*, que representa a maior parte das respostas, com 51,8% percentuais; *suro*, em seguida, com 44,8% das ocorrências e *foveiro*, única realização, 3,4% do total. Há a predominância de *suro* na parte norte do Estado, embora seja possível constatar a sua realização em praticamente toda a carta. *Suruco* tem registros na região centro-sul, em co-ocorrência com *suro*, e também com *foveiro*.

Tais registros, em percentuais, podem ser melhor visualizados no Gráfico 15, a seguir.

Gráfico 15 – Percentuais para *uma galinha sem rabo* nas cartas 113 *APFB* e 115 *ALS*



Fonte: Elaboração própria.

A respeito do aproveitamento das respostas, pode-se afirmar que, considerando o baixo número de ausências (nove, no total), houve êxito tanto na aplicação do questionário como na coleta de dados para a questão. Somando os registros aproveitados nos dois atlas,

observa-se um percentual de 93,9% de respostas, em contraste com 6,1% de abstenções. Esses dados indicam uma coleta de dados eficiente, reforçada pela participação significativa dos informantes.

No que diz respeito às ausências para *uma galinha sem rabo*, o que se pode comentar é que: tanto para o *APFB* como para o *ALS*, não houve, em nenhum dos pontos, abstenções totais. No *APFB*, especificamente, dos cinco informantes de Abrantes (ponto 5), apenas dois não responderam à pergunta. Além disso, verificou-se uma ausência em Vitória da Conquista (ponto 24) e outra em Iraporanga (atualmente Iraquara, ponto 33). Esses resultados sugerem que a maioria dos informantes estava familiarizada com a ave, mas alguns podem ter apresentado dúvidas ou incertezas.

Em relação ao *ALS*, as ausências parciais ocorreram em quatro pontos, o equivalente a um informante para cada localidade: Estância (53), Simão Dias (58), Brejo Grande (61), e Nossa Senhora da Glória (63). Embora estas ausências sejam mínimas, elas ainda refletem fatores regionais e socioeconômicos que podem influenciar o grau de familiaridade dos informantes com a ave investigada. É o que se pode constatar na Tabela 22.

Tabela 22 – Respostas para *como se chama uma galinha sem rabo?* nas cartas 113 *APFB* e 115 *ALS*

Cartas 113 <i>APFB</i> e 115 <i>ALS</i>			
Corpora	Aproveitadas		Total
	Nº	Percentual	
<i>APFB</i>	111	79,3%	115
<i>ALS</i>	29	20,7%	34
Total	140	100%	149

Fonte: Elaboração própria.

Em termos proporcionais, observam-se 3,5% de não respostas para o *APFB*, em comparação a 14,7% para o *ALS*. Isso indica que, no primeiro atlas, o número de ausências é consideravelmente menor que no segundo. Contudo, pode-se afirmar que, em ambos os casos, houve sucesso no aproveitamento das respostas.

Há, ainda, a possibilidade do traçado de isoglossas a partir das realizações ocorridas. No *APFB*, das oito lexias apuradas, ao menos três estão distribuídas de modo a formar três subáreas:

- (i) uma para *nambu*, ao norte, abrangendo as localidades de números 37, 38, 39, 40, 41, 42 e 47;
- (ii) uma para *suruco*, bem significativa, com ocorrências na parte mais central do Estado, com expansão indo do Nordeste até o lado Oeste, incluindo uma parte do Noroeste e também Sudeste, em que se registra a lexia concorrendo com *suro* em

praticamente todos os pontos, distribuídos nos números 21, 23, 24, 34, 35, 36 (Centro-Sul); 44, e 49 (Extremo-Oeste), 45 (Vale São-Franciscano); 3 e 5 (Região Metropolitana); 18, 19, 28, 29 e 30 (Centro-Norte) e 16 (Nordeste); e

- (iii) uma para *suro*, mais precisamente no litoral Sul, de forma exclusiva, nos números 7, 8, 9, 10, 11, 20 e 21.

A distribuição para *nambu* nas localidades pode ser melhor visualizada no Quadro 29, em que se evidencia sobretudo a proximidade entre os pontos de inquérito, visto que estão dimensionadas por mesorregiões que são vizinhas. No entanto, desses pontos, em três deles *suro* ocorre conjuntamente com a *lexia*, os de números 37, 38 e 42. No ponto 37, apurou-se, também, a forma *poró*, única realização no atlas.

Quadro 29 – Localidades, por pontos de inquérito, com ocorrência de *suro* com base na carta 113 para *uma galinha sem rabo* do APFB

Ponto	Localidade	Mesorregião	Microrregião
7	Ubaitaba	Sul baiano	Ilhéus-Itabuna
8	Canavieiras	Sul baiano	Ilhéus-Itabuna
9	Santa Cruz Cabralia	Sul baiano	Porto Seguro
10	Guaratinga	Sul baiano	Porto Seguro
11	Prado	Sul baiano	Porto Seguro
20	Pedra Branca	Sertão Baiano	Itaporanga
21	Maracás	Centro-Sul Baiano	Jequié
23	Boa Nova	Centro-Sul Baiano	Vitória da Conquista

Fonte: Elaboração própria.

Suruco é a *lexia* mais expressiva, em que se observa o delinear da maior subárea, com registro em vários pontos de inquérito. Há exclusividade apenas nos números 21, 24, 44 e 45. Nos demais, concorre com *suro* em todos; co-ocorre, também, com *cotó*, no ponto 5, sendo este mais um caso de ocorrência única no atlas.

No Quadro 30, tem-se um panorama das localidades por ponto de inquérito, em que se constata a presença da *lexia* em cinco mesorregiões relativamente próximas, num contínuo.

Quadro 30 – Localidades, por pontos de inquérito, com ocorrência de *suruco* com base na carta 113 para *uma galinha sem rabo* do APFB

Ponto	Localidade	Mesorregião	Microrregião
3	Terra Nova	Região Metropolitana de Salvador	Santo Amaro
5	Abrantes	Região Metropolitana de Salvador	Salvador
16	Vila Velha	Centro-Norte Baiano	Ribeira do Pombal
18	Ipirá	Centro-Norte Baiano	Feira de Santana
19	Água Fria	Centro-Norte Baiano	Feira de Santana
28	Mundo Novo	Centro-Norte Baiano	Itaberaba
29	Itaberaba	Centro-Norte Baiano	Itaberaba
30	Morro do Chapéu	Centro-Norte Baiano	Jacobina

21	Maracá	Centro-Sul Baiano	Jequié
23	Boa Nova	Centro-Sul Baiano	Vitória da Conquista
24	Vitória da Conquista	Centro-Sul Baiano	Vitória da Conquista
34	Macaúbas	Centro-Sul Baiano	Boquira
35	Caetité	Centro-Sul Baiano	Guanambi
36	Condeúba	Centro-Sul Baiano	Brumado
45	Carinhanha	Vale São-Franciscano da Bahia	Bom Jesus da Lapa
44	Santana	Extremo Oeste Baiano	Santa Maria da Vitória
49	Barreiras	Extremo Oeste Baiano	Barreiras

Fonte: Elaboração própria.

Quanto a *suro*, embora esta tenha registro em muitos pontos em concomitância ora com *suruco*, em sua maioria, ora com *nambu*, destacam-se, no Quadro 31, as localidades em que a lexia aparece com exclusividade, demarcando a região Sul do Estado.

Quadro 31 – Localidades, por pontos de inquérito, com ocorrência de *suro* com base na carta 113 para *uma galinha sem rabo* do APFB

Ponto	Localidade	Mesorregião	Microrregião
7	Ubaitaba	Sul Baiano	Ilhéus-Itabuna
8	Canavieiras	Sul Baiano	Ilhéus-Itabuna
9	Santa Cruz Cabrália	Sul Baiano	Porto Seguro
10	Guaratinga	Sul Baiano	Porto Seguro
11	Prado	Sul Baiano	Porto Seguro
20	Pedra Branca	Sertão Baiano	Itaporanga
21	Maracás	Centro-Sul Baiano	Jequié
23	Boa Nova	Centro-Sul Baiano	Vitória da Conquista

Fonte: Elaboração própria.

No *ALS*, das três formas registradas na carta 115, delineiam-se duas subáreas bem marcadas, a saber:

- (i) *suruco*, em visível contiguidade, dada a proximidade de Vila Velha e Água Fria, na Bahia, pontos 16 e 19, além dos pontos 3 e 5, respectivamente Rio Fundo e Abrantes, em que se registraram tanto *suro* como *suruco*, com Sergipe, mais precisamente as localidades de Estância, Tomar do Geru e Pedrinhas, de números 52, 53 e 54.
 - a. Vê-se que a lexia se movimenta no sentido nordeste, rumo ao interior do Estado, se estendendo até o centro, na direção Norte, em São Cristóvão, Laranjeiras e Divina Pastora, números 55, 57 e 59.
 - b. Dos sete pontos de inquérito em que se apurou *suruco*, há exclusividade nestes cinco, e coexistência ora com *foveiro*, caso de ocorrência única, no ponto 52, e *suro*, no ponto 59.

- (iv) *suro*, a partir do ponto 58, Simão Dias (neste, em conjunto com *suruco*) e predominante rumo ao Norte, de forma exclusiva nos pontos 60, Ribeirópolis, 61, Brejo Grande, 62, Propriá, 63, Nossa Senhora da Glória, 64, Gararu e 65, Curralinho.

Tais dados revelam, de um lado, a predominância de *suro*, que está amplamente distribuída tanto na Bahia como em Sergipe, e, de outro, a sua coexistência com *suruco*, com expressiva frequência.

Feitas as considerações a respeito do que se encontrou nas cartas, vejamos o que dizem os dados analisados na amostra, referentes aos três documentos.

Primeiramente, traz-se a análise os dados nos documentos mais antigos, relativos à primeira sincronia – o *APFB* e o *ALS*. Nestes, foram registradas três denominações diferentes para *uma galinha sem rabo*: *suro*, *suruco* e *nambu*. Estas ocorreram da seguinte forma:

- (i) *suro* e *suruco* em co-ocorrência, tanto no *APFB* como no *ALS*;
- (ii) *nambu* presente apenas no *APFB*;
- (iii) *suro* registrou o número mais alto, com dez respostas apuradas e 6,75 percentuais no *APFB*;
- (iv) no *ALS*, *suro* e *suruco* tiveram dois registros cada, somando 6,6% do total;
- (v) *nambu*, por seu turno, é caso de única ocorrência para a amostra.

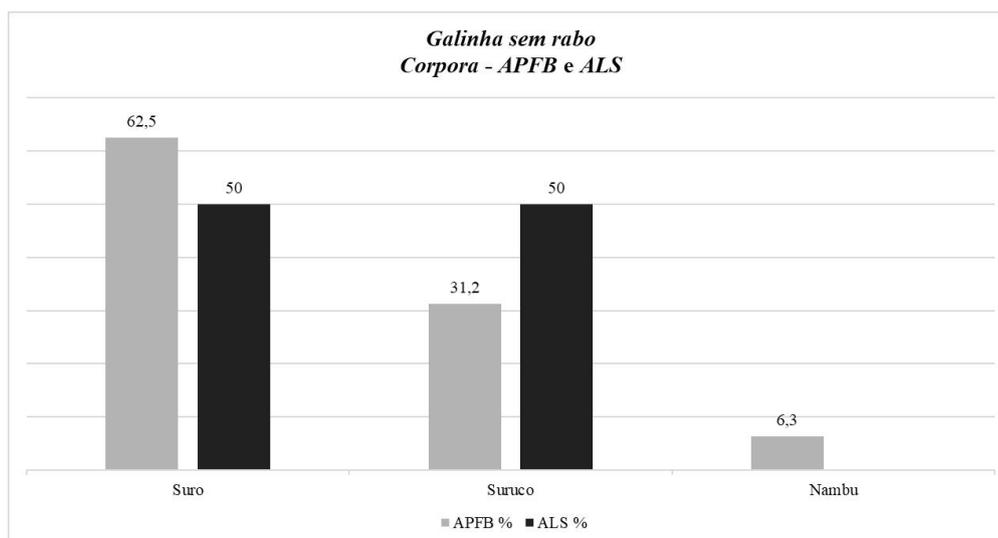
Somados os resultados para ambos os atlas se tem 33,3% do total nos *corpora*, como se pode observar na Tabela 23 e no Gráfico 16.

Tabela 23 – Número de ocorrências / percentuais para *uma galinha sem rabo* nos *corpora* – *APFB* e *ALS*

<i>Corpora - APFB e ALS</i>						
Nomes	<i>APFB</i>		<i>ALS</i>		Total	
	No.	%	No.	%	No.	%
<i>Suro</i>	10	62,5	2	50	12	60
<i>Suruco</i>	5	31,2	2	50	7	35
<i>Nambu</i>	1	6,3	0	0	1	5
Total	16	100	4	100	20	100

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 16 – Percentuais para *uma galinha sem rabo* nos *corpora* para *APFB* e *ALS*



Fonte: Elaboração própria.

Na segunda sincronia, no que diz respeito aos dados no Projeto ALiB para Bahia e Sergipe, foram apurados oito itens lexicais relacionados à *galinha sem rabo*: *suro*, *suruco*, *toco*, *nambu*, *mensura*, *passura*, *cotó* e *sururu*. As ocorrências foram distribuídas da seguinte forma:

- (i) *suro*: com 15 ocorrências, representa 25% das respostas apuradas. Esta lexia foi registrada apenas na Bahia;
- (ii) *suruco*: Presente em ambos os estados, foi mencionado por 12 informantes na Bahia e três em Sergipe, totalizando 37,5% das respostas;
- (iii) *nambu*, *toco*, *mensura* e *passura*: estas lexias foram apuradas somente na Bahia, somando 5,1%. Entre elas, *toco* registrou duas respostas, enquanto as demais são casos de ocorrência única;
- (iv) *cotó* (12,5%) e *sururu* (1,7%): ambas são casos de ocorrências únicas, sendo apuradas somente em Sergipe.

Tais números podem ser observados na Tabela 24.

Tabela 24 – Número de ocorrências / percentuais para *uma galinha sem rabo* – Projeto ALiB para Bahia e Sergipe

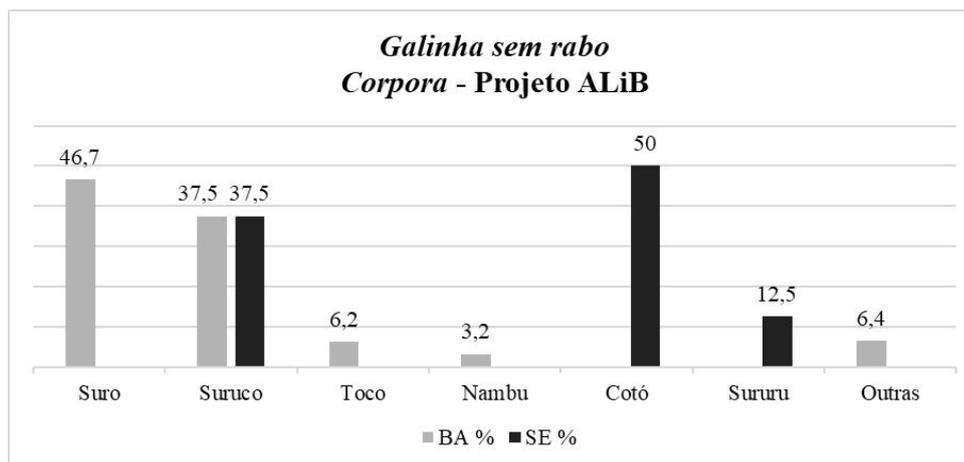
<i>Corpora – Projeto ALiB</i>						
Nomes	BA		SE		Conjunto Projeto ALiB BA/SE	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<i>Suro</i>	15	46,7	0	0	15	37,5
<i>Suruco</i>	12	37,5	3	37,5	15	37,5
<i>Toco</i>	2	6,2	0	0	2	5
<i>Nambu</i>	1	3,2	0	0	1	2,5
<i>Cotó</i>	0	0	4	50	4	10

<i>Sururu</i>	0	0	1	12,5	1	2,5
Outras	2	6,4	0	0	2	5
Total	32	100	8	100	40	100

Fonte: Elaboração própria.

Os dados também podem ser vistos no Gráfico 17, para melhor visualização quanto às ocorrências em valores percentuais.

Gráfico 17 – Percentuais para *uma galinha sem rabo* nos *corpora* – Projeto ALiB para Bahia e Sergipe



Fonte: Elaboração própria.

Feitas as considerações sobre os dados nas duas sincronias, são trazidas as observações no conjunto dos três *corpora* selecionados para a amostra. Assim, para responder à questão, constatou-se a presença de oito lexias diferentes: *cotó*, *nambu*, *mensura*, *passura*, *suro*, *suruco*, *sururu* e *toco* que, somadas, contabilizam 60 ocorrências. Destas, duas se configuram como predominantes nos três atlas: *suro* e *suruco*, sendo *suro* maioria entre os informantes, com aproximadamente 45% das respostas apuradas, seguida de *suruco*, com 36,6%. Essas lexias podem ser melhor observadas na Tabela 25.

Tabela 25 – Síntese das ocorrências e percentuais totais, por lexia, nos três *corpora*

Ocorrências/ percentuais por lexia APFB, ALS e Projeto ALiB para BA e SE		
Nomes	Total	
	No.	%
<i>Suro</i>	27	45
<i>Suruco</i>	22	36,6
<i>Cotó</i>	4	6,7
<i>Nambu</i>	2	3,3
<i>Toco</i>	2	3,3
<i>Sururu</i>	1	1,7
<i>Outras</i>	2	3,4
Total	60	100

Fonte: Elaboração própria.

No que se refere às não respostas, o êxito constatado entre os informantes do *APFB* e *ALS* para as cartas 113 e 115, respectivamente, se manteve entre os sujeitos do Projeto ALiB. O número de abstenções não chega a 20%, enquanto 83,3% dos registros foram aproveitados, como se vê na Tabela 26.

Tabela 26 – Respostas para *como se chama uma galinha sem rabo?* nos três corpora

<i>APFB, ALS e Projeto ALiB para BA e SE</i>			
<i>Corpora</i>	Aproveitadas		Total
	Nº	Percentual	
<i>APFB</i>	16	26,7%	17
<i>ALS</i>	4	6,7%	5
Projeto ALiB - BA	32	53,3%	41
Projeto ALiB - SE	8	13,3%	9
Total	60	100%	72

Fonte: Elaboração própria.

Sobre as abstenções, não se registrou ausência total de respostas entre os pontos de inquérito, evidenciando novamente o sucesso na coleta dos dados. Nos informantes do *APFB*, *ALS* e Projeto ALiB para Sergipe, apenas uma questão não foi respondida para cada, totalizando 5,6% de ausências.

No Projeto ALiB para Bahia, nove informantes deixaram de responder, o que representa equivalente aos 11,1% de não aproveitamento. As ausências estão distribuídas da seguinte forma: pontos 82 (Jeremoabo), 84 (Barra) 97 (Carinhanha), 98 (Vitória da Conquista), 101 (Santa Cruz Cabralia) – uma não resposta para cada ponto – e 90 (Itaberaba), 96 (Caetité) – duas respostas para cada.

Vale ressaltar que, entre as ausências no Projeto ALiB para a Bahia, algumas respostas não foram aproveitadas, pois se entenderam como meras descrições genéricas ou informações que já constam na formulação da pergunta, evidenciando a validade dos dados coletados. Ao excluir tais respostas, garante-se que os dados aproveitados reflitam com maior precisão as percepções e experiências dos informantes, conforme discutido na apresentação dos critérios da análise, no início da seção.

Quanto à diatopia, apresentam-se, a seguir, ocorrências apuradas de acordo com cada ponto de inquérito, primeiramente, nos atlas mais antigos e, na sequência, nos dados do Projeto ALiB. Tais ocorrências, em valores absolutos, tanto no *APFB* como *ALS*, podem ser vistas no Tabela 27.

Tabela 27 – Síntese da distribuição dos nomes para *uma galinha sem rabo*, de acordo com as localidades no *APFB* e *ALS*

	<i>APFB</i> - BAHIA	<i>ALS</i> - SERGIPE
--	---------------------	----------------------

Pontos de inquérito	42	35	45	29	27	13	44	9	24	62	53
Nomes	Barra	Caetité	Carinhanha	Itaberaba	Jacobina	Jeremoabo	Santana	Sta. Cruz Cabrália	V. da Conquista	Propriá	Estância
<i>Suruco</i>		1	1	1			2		1	1	1
<i>Suro</i>	1	2		1	2	2		4		2	
<i>Nambu</i>	1										
Total	2	3	1	2	2	2	2	4	1	3	1

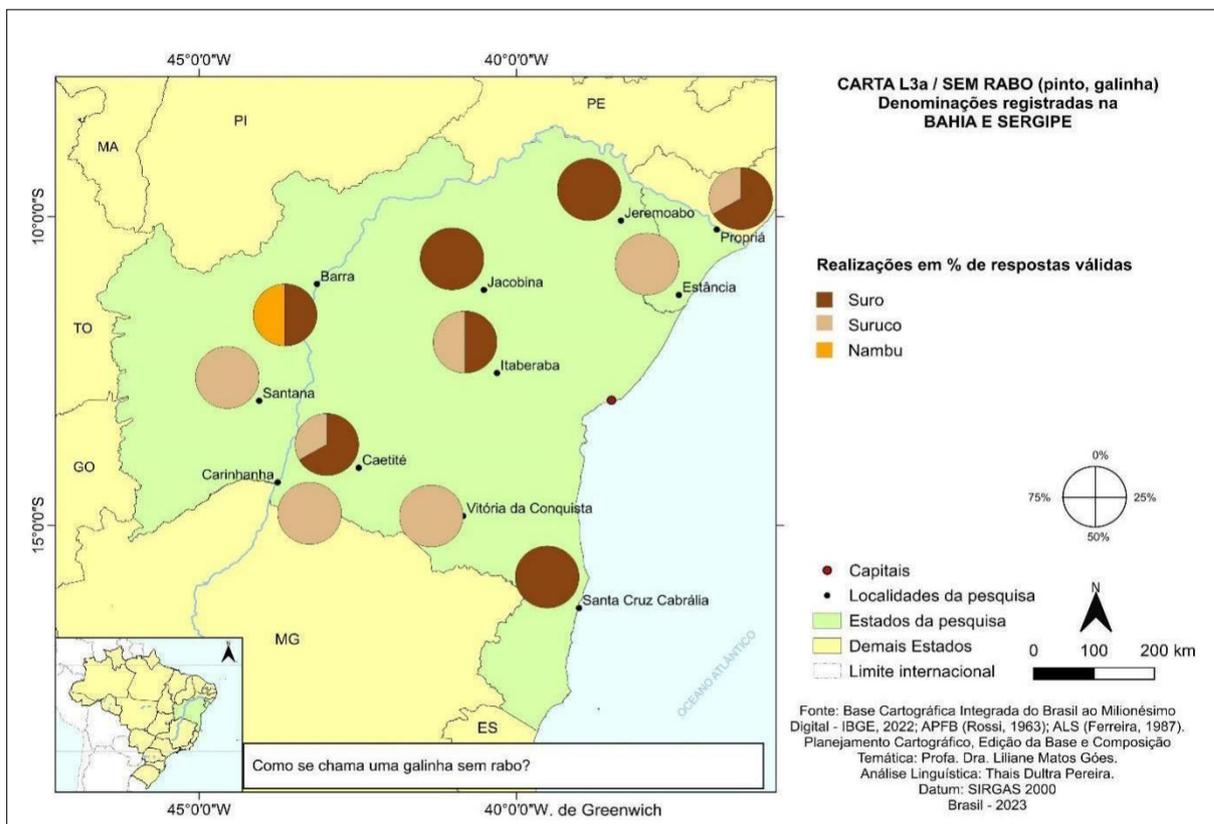
Fonte: Elaboração própria.

Como se pode ver:

- (i) *suruco* é a forma presente em cinco localidades da Bahia e nas duas de Sergipe, entre os dados do *APFB* e *ALS*, totalizando sete dos onze pontos de inquérito. Na Bahia, só não aparece nos municípios de Barra, Jacobina, Jeremoabo e Santa Cruz Cabrália;
- (ii) *Suro* é a segunda lexia mais realizada entre os sujeitos, coexistindo com *suruco* em Caetité, Itaberaba e Propriá, com realização de forma exclusiva em Barra, Jacobina, Jeremoabo e Santa Cruz Cabrália;
- (iii) *nambu* ocorre apenas em Barra, mas, como já visto na análise das cartas 113 do *APFB* e 115 do *ALS*, tem registros também em mais 16 pontos, com certa representatividade no Estado na década de 1960, tempo da coleta dos dados.

Tal distribuição pode ser melhor observada na carta L3a (Figura 26), em que as lexias estão dispostas por localidade, em comparação, nos dados do *APFB* e *ALS*.

Figura 26 – Carta experimental conjunta *APFB/ALS*: L3a – Sem rabo (pinto, galinha)



Fonte: Góes (2023), com análise linguística da autora, partir dos dados do APFB (Rossi, 1963) e ALS (Ferreira *et al*, 1987).

Muitas dessas escolhas lexicais podem ser constatadas nas transcrições dos informantes. Sobre a *galinha sura*, ou *pinto suro*, quanto à anatomia da ave, bem como possíveis explicações para a ausência ou deformidade da cauda, são trazidos alguns exemplos, retirados das falas dos informantes.

No Exemplo 23, um sujeito masculino, de Propriá, de 59 anos, identifica um pinto sem cauda, ora como *suruco*, ora como *suru*, mas, para isso, foi preciso certa habilidade da inquiridora, que, por estar atenta, já tinha ouvido a forma nambu, anteriormente, e a utilizou para tentar extrair mais detalhes a respeito das características associadas à ausência de cauda em aves.

Exemplo 23:

INQ.- E o que não tem rabo... aquelas peninhas de trás, como é que chama?

INF.- O pinto, ou as galinha mermo?

INQ.- O pinto.

INF.- Só pode ser pelouco.

INQ.- O senhor falou nestante do nambu. Antes, não foi? E esse nambu é como?

INF.- Não tem cauda não, é... *suruco*.

INQ.- E o pintinho também pode ser suruco?

INF.- Tem. *Suru*. (062, Propriá, homem, 59 anos, alfabetizado)

Fonte: Dados orais. Banco de dados do ALS.

Observando, agora, os dados do Projeto ALiB nos dois Estados, tem-se, em resumo, as lexias distribuídas, em valores absolutos, por localidade, conforme disposto na Tabela 28.

Tabela 28 – Síntese da distribuição dos nomes para *uma galinha sem rabo* nas localidades no Projeto ALiB para Bahia e Sergipe

Pontos de inquérito	ALiB - BAHIA									ALiB - SERGIPE	
	84	95	97	90	86	82	92	101	98	78	80
Nomes	Barra	Caetité	Carinhanha	Itaberaba	Jacobina	Jeremoabo	Santana	Sta. Cruz Cabrália	V. da Conquista	Propriá	Estância
<i>Toca</i>	1		1								
<i>sururu</i>										1	
<i>Suruco</i>		1	1	2	3	1	1	2			3
<i>Suro</i>	1	2	3	1	2	5	3	1	2		
<i>Nambu</i>	1										
<i>Outras</i>									2		
<i>Cotó</i>										2	2
Total	3	3	5	3	5	6	4	3	4	3	5

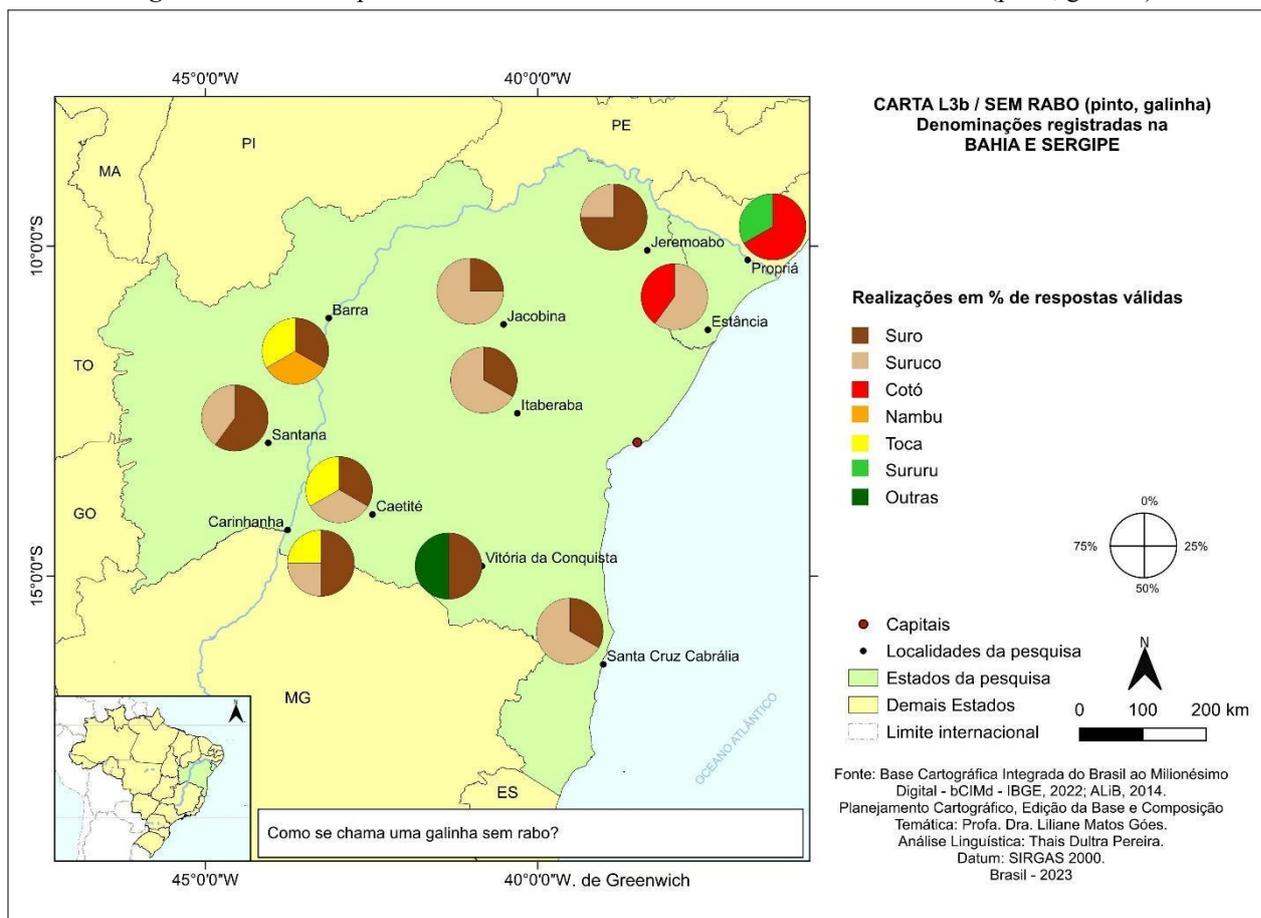
Fonte: Elaboração própria.

Do ponto de vista da diatopia, entre os informantes do Projeto ALiB investigados, fica evidente que:

- (i) *suruco* também ocorre em ambos os Estados, e, depois de *suro*, tem número significativo de respostas apuradas – está presente em sete das nove localidades da Bahia, e também em Estância;
- (ii) *suro* tem boa distribuição, principalmente nas localidades baianas, com registro nos nove pontos de inquérito, embora em Sergipe não tenha sido mencionada pelos sujeitos;
- (iii) *toca* ocorreu apenas em dois pontos da Bahia, respectivamente Barra e Carinhanha;
- (iv) *cotó* foi apurada nas duas localidades de Sergipe e,
- (v) *sururu*, *nambu*, *mensura* e *passura*, por último, os quatro casos de ocorrência única foram apurados em Propriá, Barra e Vitória da Conquista, respectivamente.

Os dados podem ser, também, visualizados em distribuição na Carta Experimental (Figura 27) a seguir.

Figura 27 – Carta Experimental BA e SE com dados do ALiB: L3b – Sem rabo (pinto, galinha)



Fonte: Góes (2023), com análise linguística da autora, a partir dos dados inéditos do Projeto ALiB.

As falas dos informantes do Projeto ALiB, transcritas nos exemplos a seguir, comprovam a utilização das variantes, em contexto, para denominar uma galinha ou um pinto sem rabo. É o que se pode ver na fala do informante masculino (Exemplo 24), de Caetité, da Bahia, faixa etária II, em que há uma descrição da galinha sem rabo, denominada de *sura*.

Exemplo 24:

INF. -Tem uma galinha que a gente trata *sura*, né? Que ela não tem rabo. E a outra, quando cai o rabo também depois nasce, né? Quando elas tá mudano as pena, cai o rabo. Agora, aquela que não tem rabo mêmô é *galinha sura*. (096, Caetité-BA, homem, faixa II, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

Pode-se comprovar o uso de *suro* na fala da informante mulher, mais jovem, da localidade de Jeremoabo, na Bahia, que nomeou a ave sem rabo como “[...] galinha *suru*, uma *suruzinha*”.

Na transcrição seguinte (Exemplo 25), é possível ver que a ave tem uma condição física associada à ausência da cauda e, por esta razão, é nomeada de galinha *suruca*, como afirma uma mulher, mais velha, de Caetité, Bahia.

Exemplo 25:

INQ. - Como é que se chama a galinha sem rabo?

INF. - A gente fala assim: a galinha tá *suruca*.

INF. - É a *galinha suruca*. (096, Caetitê-BA, mulher, faixa II, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB.

A respeito de *toco*, observa-se que ser essa uma forma utilizada como sinônimo de *suruca* por uma informante, que a repete como estratégia de reforçar a sua resposta. É o que se vê na fala do informante masculino, mais velho (faixa II), do município de Carinhanha, Bahia: “Essa é *toca, suruca. Suruca, toca*”.

Em alguns casos, é possível que haja certa dificuldade do informante em identificar o animal inquirido, muitas vezes por não o conhecer, o que pode estar motivado por diversas razões: desde a dificuldade em ter contato com certas espécies, que naturalmente têm desaparecido das vistas, sobretudo em contextos mais urbanos, até a mudança nos interesses dos mais jovens por atividades e/ou profissões ligadas ao campo e à avicultura, em específico.

É o que pode sugerir a resposta fornecida pela informante mais jovem (Exemplo 26), da faixa I, em que se constata a associação da ausência de cauda do cachorro com a da galinha.

Exemplo 26:

INQ. - E uma galinha que não tem rabo, a gente diz que ela é o quê?

INF. - ...

INQ. - E um cachorrinho que tem o rabo cortado, a gente diz que ele é o quê?

INF. - *Suruco*

INQ. - E a galinha?

INF. - *Suruca?* (086, Jacobina-BA, mulher, faixa I, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

Em contrapartida, há os sujeitos que estão familiarizados tanto com a ave investigada, como com as nomeações que fazem parte do seu conhecimento de mundo, como se vê na transcrição seguinte, também da localidade de Jeremoabo, Bahia, em que o informante (Exemplo 27), mais velho (faixa II), não apenas responde à pergunta, com as formas *suruca* (*suruva*) e *suro* (*surazinha, surinha*), mas diz ter em casa uma dessas aves.

Exemplo 27:

INF. - *Suruva*. Também tem *surazinha*.

INQ. - Tem? Aqui?

INF. - Tem em casa.

INQ. - Lá?

INF. - Tá aqui na casa que nós tamo. Eu tenho galinha aqui. Tem uma *surinha*. (086, Jacobina-BA, homem, faixa II, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

Com relação aos casos de ocorrência única *mensura* e *passura*, em específico, utilizados pela informante do sexo feminino (Exemplo 28), mais velha, apuradas na

localidade de Vitória da Conquista, Bahia, é possível perceber certo desconhecimento sobre a ave. No entanto, a informante apresenta duas formas distintas para nomeá-la:

Exemplo 28:

INF. - ói, eu já vi o pessoal nas roça comentando, fala que é ... *mensura*, parece... (risos)

INQ. - Chama assim, né? Galinha?...

INF. - *Passura*. (98, Vitória da Conquista-BA, mulher, faixa II, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

Entre os informantes do Projeto ALiB para Sergipe, em que se registrou um outro caso de ocorrência única, *sururu*, tem-se o seguinte contexto, conforme ilustra o Exemplo 29:

Exemplo 29:

INF. - *Sururu. Galinha sururu.*

INQ. - Tem outra maneira de dizer?

INF. - Não. (98, Vitória da Conquista-BA, mulher, faixa II, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

A respeito de *nambu*, no que concerne à motivação semântica, traz-se, na Figura 28, a ilustração da espécie *nhambu*, para exemplificar a semelhança anatômica da ave, em que é possível ver a sua cauda curta, quase inexistente, o que pode ajudar a compreender as escolhas das respostas dos informantes com relação à galinha sem rabo.

Figura 28 – Nhambu, família *Tinamidae* (*Crypturus variegatus*)



Fonte: Portal São Francisco. Disponível em: <<https://www.portalsaofrancisco.com.br/animais/inhambu>>. Acesso em: fev. 2024.

Mas não só por isso. De acordo com o Portal São Francisco (2005), o *inhambu* apresenta hábitos e características semelhantes às galinhas, tais como: são pássaros terrestres – quase não voam, passando a maior parte no chão, alimentando-se de frutos e sementes; são comuns em matas secundárias, capoeirões secos, caatinga, canaviais; os ovos são azulados

e/ou amarronzados. No Brasil, ocorre no Nordeste, Leste, Sul (até o Rio Grande do Sul) e no Centro-Oeste.

Nambu foi, inclusive, apurada tanto entre os dados do *APFB* como nos dados do Projeto ALiB para a Bahia, na mesma localidade: Barra. Abaixo, traz-se a fala do informante masculino, mais velho, como ilustra o Exemplo 30:

Exemplo 30:

INF. - Moça, aqui a gente chama *galinha lambu*. (84, Barra-BA, homem, faixa II, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

Por fim, com relação à *cotó*, apurada em Propriá e em Estância, entre os informantes do Projeto ALiB para Sergipe, tem-se, como exemplos, os registros de dois informantes: uma mulher, mais velha, de Propriá, que respondeu *cotó* tanto para a QSL69, como QSL70, *como se chama um cachorro de rabo cortado*.

Entre os informantes, pareceu recorrente a identificação de *cotó* com um rabo cortado, assim como diz-se de uma pessoa que perdeu uma perna. Isso aconteceu com seis dos oito entrevistados, nos dois pontos de inquérito da amostra, conforme Exemplo 31.

Exemplo 31:

INF. - Do mesmo jeito. *Cotó*. (78, Propriá-SE, mulher, faixa II, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para Sergipe.

E também, um homem, mais jovem, de Estância, em que se apurou, também, *suruca* (Exemplo 32):

Exemplo 32:

INF. - Uma galinha *cotó*, *suruca*. (80, Estância-SE, homem, faixa I, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para Sergipe.

6.4 QSL 71 – COMO SE CHAMA O BICHO QUE SOLTA UM CHEIRO RUIM QUANDO SE SENTE AMEAÇADO?

Mamífero que vive desde o sul dos Estados Unidos até a América do Sul, o gambá é um dos maiores marsupiais da família dos didelphídeos, sendo esta a única integrante da ordem Didelphimorphia, composta por 17 gêneros e 87 espécies, segundo Rossi⁶⁰ e outros

⁶⁰ Os autores, no livro *Mamíferos do Brasil* (Reis et al, 2006), no capítulo dois, *Ordem Didelphimorphia*, apresentam as principais características dos mamíferos marsupiais de que se tem conhecimento. A obra reuniu diversos pesquisadores das áreas de biologia, zoologia, ecologia, agronomia, entre outros. Foi organizada pelo

(2006). Encontrado nos continentes australiano (cangurus e coalas) e sul-americano (cuícas e gambás), todos os marsupiais dessa família são mamíferos, variando entre pequeno e médio porte, com peso entre 10g a 3kg. Em geral, possuem cerca de 40 a 50cm de comprimento, fora a cauda, que chega a medir até 40 cm.

Pertencente à mesma infraclasse dos cangurus, a Marsupialia, são animais que gestam suas crias nos marsúpios – bolsas de pele na região ventral do abdome das fêmeas, onde estão situadas as glândulas mamárias. Conforme descrevem Rossi e outros (2006), esses animais podem se reproduzir até três vezes durante o ano, porém, os filhotes nascem prematuros, com cerca de um centímetro de comprimento, e se dirigem para a bolsa marsupial, onde permanecem para complementar o seu desenvolvimento a partir da amamentação.

Rossi e outros (2006) apresentam a subdivisão da família Didelphidae em duas: a Caluromyinae, que compõe três gêneros e cinco espécies – distribuídas desde a América Central até o Sul, se estendendo para o sul do México, Paraguai, sul do Brasil e Argentina, como as espécies *Caluromys lanatus* (a cuíca lanosa) e *Caluromys philander* (o gambazinho), comuns na Região Sudeste e Sul do Brasil (que estão, inclusive, ameaçadas de extinção); e a Didelphinae, com destaque às espécies do gênero *Didelphis Linnaeus*, por incluir as espécies mais comuns no Brasil, sobretudo no Nordeste e, por essa razão, é de interesse para este estudo.

A maioria desses mamíferos é de alimentação onívora – à base de frutos, cereais, insetos, pássaros, anfíbios, lagartos, néctar, artrópodes, pequenos vertebrados e quase tudo que seja comestível, inclusive lixo humano, quando disponível. Por serem imunes à peçonha de cobras, escorpiões e aranhas, por exemplo, também se alimentam destes animais.

Possuem hábitos noturnos, vivem em florestas, campos e matas, mas também se adaptam a ambientes urbanos, embora haja os que vivem de forma semiaquática, por serem bons nadadores. São também bons escavadores. Segundo Rossi e outros (2006), os Caluromyinae se alimentam mais especificamente de frutos, e os Didelphinae, de dieta mais ampla, primordialmente peixes.

Chiarello (2020), em estudo sobre a anatomia dos gambás⁶¹, considera que os didelphídeos são os mamíferos marsupiais mais expressivos em número de espécies na América, sobretudo na América do Sul, tendo surgido há mais de 160 milhões de anos, no

professor doutor Nélio Roberto dos Reis e outros (2006), e publicada pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Para mais detalhes, acessar o livro, bem como o capítulo, na íntegra, em: <<https://docero.com.br/doc/811s10>>. Acesso em: jan. 2024.

⁶¹ Em sua Tese de doutoramento, o autor discorre sobre a anatomia completa dos gambás, em especial o gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*). Para mais detalhes sobre a sua pesquisa, sugere-se acessar trabalho, disponível em: doi:10.11606/T.10.2020.tde-23022021-093129. Acesso em: jan. 2024.

continente americano. De pequeno porte, apresentam mãos e pés com cinco dedos, sendo o primeiro dedo do pé desprovido de garra ou unha, o que facilitaria a escalada de árvores e galhos, lhes garantindo hábitos terrestres.

Têm o corpo parecido com o de um rato; possuem patas curtas, com cinco dedos em cada mão, garras e uma cauda longa e preênsil – com a capacidade de se prender e agarrar/enrolar – de pelos longos, ou até mesmo muito pequenos e/ou quase invisíveis a olho nu. Tais características, somadas ao aumento da massa muscular nas patas dianteiras, permitem boa adaptação ao ambiente arbóreo.

São animais solitários, de hábitos noturnos (embora alguns sejam também diurnos) e de locomoção lenta, principalmente as fêmeas, que precisam carregar seus filhotes, o que coloca a espécie em situação de vulnerabilidade e indefesa perante os predadores, sendo a destruição do seu habitat e a poluição os maiores fatores de ameaça à sua existência.

De acordo com Chiarello (2020), os gambás são territorialistas e, por isso, disputam o espaço (e também as fêmeas) com outros machos. Quando intimidados, costumam se defender emitindo sons agudos com a boca, ao mesmo tempo em que produzem um líquido fétido através das glândulas axilares – e também na fase do cio, quando a fêmea exala esse odor para atrair os machos. Essa característica, associada ao odor, é corroborada por Santos (2012).

Outra estratégia utilizada para escapar dos perigos consiste na tanatose, ou seja, a habilidade de se fingir de morto por longos períodos (até seis horas), fazendo com que seus predadores percam o interesse na caça.

Como descreve Ferran (2013), o gênero *Didelphis* inclui seis espécies, organizadas em dois grupos: (i) gambás-de-orelha-preta – os *Didelphis aurita*, *D. marsupialis*, e *D. virginiana*, e (ii) gambás-de-orelha-branca – os *D. albiventris*, *D. penigra* e *D. imperfecta*. Desses, apenas o *D. virginiana* e o *D. penigra* não estão presentes no bioma brasileiro. Essa distribuição coincide com a apresentada por Rossi e outros (2006), que apontam quatro espécies encontradas no Brasil, detalhadas a seguir.

O *Didelphis aurita*, também conhecido como gambá-de-orelha-preta, de acordo com Chiarello (2020), é comum nas regiões de São Paulo e Paraná, sobretudo em regiões de Mata Atlântica, com ocorrências no Sul e na Amazônia. Rossi e outros (2006) afirmam que essa espécie tem ampla distribuição na parte leste do Brasil, indo de Alagoas a Mato Grosso do Sul, e também o sudeste do Paraguai e a Argentina.

Possui hábitos noturnos e solitários, de grande capacidade de adaptação, inclusive em grandes centros urbanos, embora prefira ambientes próximos à água, buscando se abrigar em

árvores ocas, vãos entre as raízes ou embaixo de folhagens secas. Distingue-se das demais espécies por conta da coloração da orelha, que é preta e sem pelos.

O *Didelphis albiventris*, ou gambá-de-orelha-branca, conforme descreve Ferran (2013), é recorrente no leste da Bolívia, Paraguai, Uruguai e Argentina, além de ter ampla distribuição no Brasil, desde a região central, principalmente em São Paulo e no Rio Grande do Sul até o Nordeste.

Chiarello (2020), por seu turno, enfatiza que esses animais são versáteis quanto ao seu habitat, podendo ser encontrados em montanhas, bosques, florestas decíduas⁶², mas também em ambientes urbanos, desde que tenha acesso a boas condições de umidade, água e temperaturas amenas, por isso, preferem as regiões tropicais e subtropicais.

Quanto às suas características, Ferran (2013) descreve-o com uma coloração dorsal variada, embora seja mais comum o grisalho, face branca com uma marca preta em forma de “V” entre os olhos, e contorno preto também entre os olhos. Chiarello (2020) acrescenta penugem corporal variando entre todo preto ou preto e branco, meio grisalho. Ambos os autores, contudo, concordam quanto ao seu principal aspecto: a cobertura branca das orelhas.

As duas espécies descritas podem ser melhor observadas nas figuras 29 e 30.

Figura 29 – *Didelphis aurita* (gambá-de-orelha-preta)

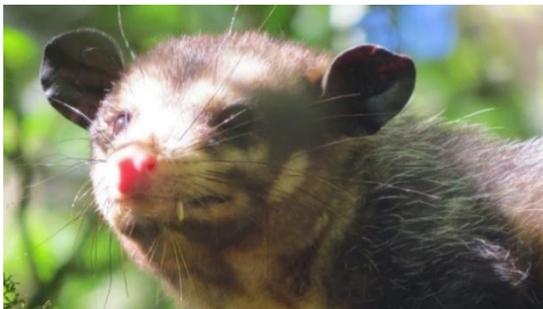


Figura 30 – *Didelphis aurita* (gambá-de-orelha-preta)



Fonte: Fauna Digital Rio Grande do Sul (2018). Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/faunadigitalrs/>>. Acesso em: mar. 2024.

O *Didelphis imperfecta*, (gambá-amazônico) segundo Ferran (2013), ocorre em florestas venezuelanas, como o sul do rio Orinoco, atingindo áreas próximas ao Brasil, e também Suriname e as Guianas. Sua coloração se aproxima à do *D. albiventris*, porém, apenas as extremidades das orelhas (que são pontudas, semelhantes às de um rato), são brancas.

⁶² Segundo Houaiss (2001), decídua consiste em vegetações que perdem a folhagem em determinada época do ano, geralmente na estação seca ou no inverno.

Os da espécie *D. marsupialis* (gambá-comum), por sua vez, são habitantes do México, da América Central, Pequenas Antilhas ao sul da Dominica, Trinidad e Tobago e Guianas. No Brasil, podem ser encontrados na bacia Amazônica, no Ceará e em Santa Catarina. Possuem pelos de tons amarronzados pelo corpo, sendo as extremidades mais escuras.

Ambas as espécies podem ser vistas nas figuras 31 e 32 que se seguem, com destaque para o *D. marsupialis*, que, na imagem, traz os filhotes em sua bolsa marsupial.

Figura 31 – *Didelphis imperfecta* (gambá-amazônico)



Figura 32 – *Didelphis imperfecta* (gambá-amazônico)



Fonte: BioDiversity4All (2023). Disponível em: <<https://www.biodiversity4all.org/>>. Acesso em: mar. 2024.

Quanto à distribuição biogeográfica⁶³ em território brasileiro, seguindo a análise de Ferran (2013) e também em consultas aos mapas do Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira (SiBBr) (Brasil, 2023), tanto o gambá-de-orelha-preta como o gambá-de-orelha-branca têm ampla ocorrência em todo o território brasileiro, sobretudo no Nordeste, ainda que se reconheça certa dificuldade (além de carência de estudos) em mapear a ocupação desses animais. O gambá comum e o amazônico, por outro lado, são mais comuns nas regiões central e norte do Brasil.

Há que se distinguir, no entanto, o gambá do *cangambá*. Embora esses animais sejam confundidos pela população em geral, quer por sua semelhança nos hábitos, quer pela influência da mídia europeia e americana – principalmente em desenhos animados infantis, como *Pepe Le Pew* (ou *Pepe Le Gambá*), personagem da Warner Bross, por exemplo.

O primeiro consiste na espécie *Didelphis*, como visto anteriormente, enquanto que o segundo é um mamífero carnívoro, de pequeno porte, da família dos Mustelídeos, bem

⁶³ Ferran (2013) apresenta o conceito de biogeografia, que consiste na distribuição das espécies pelo planeta a partir da observação de limites mais ou menos identificáveis, de forma coincidente para cada unidade taxonômica. Essa distribuição certamente será influenciada por aspectos históricos e ecológicos, e estes devem ser levados em conta quando da análise dos processos evolutivos de cada conjunto de seres vivos que convivem em determinada região. No referido estudo, a autora se dedica a investigar a pan-biogeografia de alguns mamíferos, incluindo os *Didelphis* aqui descritos. Para maiores informações, inclusive para a visualização dessas ocorrências em mapas, sugere-se a leitura completa do texto, disponível em: <<<https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/5840/1/Dissertacao%20Vera%20de%20Ferran%20-%20FINAL.pdf>>. Acesso em: jan. 2024.

diferente dos *Didelphis*, desprovidos de marsúpio e cauda preênsil, e é justamente o animal associado ao imaginário popular.

Segundo Rossi e outros (2006), há apenas duas espécies dessa família no Brasil, pertencentes ao gênero *Conepatus*: o *Conepatus chinga* e o *Conepatus semistriatus*. Ambos habitam o território brasileiro, sobretudo o Rio Grande do Sul, com ocorrências pontuais no Paraná, Santa Catarina e São Paulo, preferencialmente em áreas abertas e com ampla vegetação, mas também podem ser vistos em florestas.

O *Conepatus semistriatus*, de acordo com Cavalcanti (2010), pode ser encontrado desde o sul da América do Norte ao sul da América do Sul, de forma amplamente distribuída e relativamente abundante no Brasil (do Nordeste até São Paulo), mas também de ocupação descontínua, rara e até inexistente em alguns locais, talvez por conta do desmatamento, incêndios e também de atropelamentos nas proximidades das áreas florestais habitadas pela espécie, sendo estas, inclusive, as principais formas de predação.

A esse respeito, Cavalcanti e outros (2013, p. 251), comentam:

Na transição entre a Mata Atlântica costeira e a Caatinga na região nordeste de Alagoas e Pernambuco (agreste), a espécie era extremamente comum até a década de 1970, quando eram registrados animais atropelados regularmente. Atualmente, a espécie não tem sido registrada, pelo menos desde 2000 (Mendes Pontes *et al*, 2008). *Conepatus semistriatus* também era muito abundante no oeste da Bahia/leste de Goiás, mas a substituição de ambientes mais propícios fez com que ela se tornasse bastante rara (F.H.G. Rodrigues obs. pess., ver Bocchiglieri *et al*, 2010).

As características dessa espécie incluem pelagem densa, negra ou marrom, com duas faixas brancas em torno do dorso, orelhas pequenas, cauda peluda e a produção de substância extremamente fétida e volátil pelas glândulas perianais, que são acionadas quando se sentem acuados ou na presença de um inimigo, a distâncias consideráveis⁶⁴, como expõe Rossi e outros (2006).

Também Cavalcanti (2010), a respeito da predação e conseqüente mecanismo de defesa do *Conepatus semistriatus* (objeto de estudo da autora), descreve a utilização de pares de glândulas que excretam tal substância: em situações de ameaça, o animal eleva as patas traseiras e cauda, esguichando o líquido, que permanece ativo por muito tempo, causando ardor nas mucosas, tontura e enjoo.

⁶⁴ Embora essa característica seja comumente associada aos didelphídeos, parece não haver consenso entre os pesquisadores. De acordo com os autores consultados aqui, tem-se o seguinte: Chiarello (2020) e Santos (2012) mencionam a existência das glândulas perianais em gambás; Rossi e outros (2006), e Cavalcanti (2010) por outro lado, creditam aos mustelídeos a existência dessa glândula, e nada dizem sobre os didelphídeos a esse respeito; Ferran (2013), por sua vez, não faz qualquer menção a tal característica. Considerando que o objetivo, aqui, é trazer características gerais, a fim de otimizar a análise dos dados, optou-se por expor as informações sem trazer, no entanto, maiores aprofundamentos sobre o tema. Priorizou-se, inclusive, registrar, sempre que possível, as impressões dos informantes, como se verá mais adiante. Ao leitor interessado em seguir com a investigação, sugere-se a leitura na íntegra das pesquisas aqui utilizadas, conforme seção de referências da tese.

Sobre o comportamento de predadores, como o cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*), a autora complementa ainda que

Isso [os sintomas causados pelo líquido fétido] pode então ser fator principal de baixa frequência de predação que a espécie sofre, pois animais que tiveram contato com esse líquido evitaram novo ataque. No presente estudo, esse comportamento foi percebido por observações de comportamentos de repulsão entre cangambá e cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*), esse último sendo expulso do local de forrageamento; na ausência de cangambás, os cachorros-do-mato avançavam novamente para a área. Isso pode ser indicio de que esses canídeos já foram vítimas do modo de defesa dos cangambás. (Cavalcanti, 2010, p, 31).

São animais solitários, porém, diferente dos didelphídeos, não são territorialistas. Possuem hábitos preferencialmente noturnos e, segundo Cavalcanti (2010), são forrageadores oportunistas, como os demais mustelídeos, ou seja, se alimentam do que encontram, adaptando a sua dieta de acordo com a oferta de alimentos, o que pode incluir desde pequenos vertebrados (pequenas aves, roedores, sapos, etc), ovos, carniça, até invertebrados (grilos, besouros, etc); também, ocasionalmente, frutos sazonais, e até mesmo lixo humano.

Destaca-se aqui o *Conepatus semistriatus*, por ser comum nas regiões do Nordeste até São Paulo, sobretudo em ambientes de Cerrado, Caatinga e Mata Atlântica, muito provavelmente em consequência do aumento do desmatamento. Na figura 30, podem ser observadas as características físicas do cangambá, principalmente no que se refere à coloração da sua pelagem, e, como se pode ver, este animal é bem diferente do gambá, espécie *Didelphis*.

Figura 33 – Carnívoro da família *Mephitidae*: *Conepatus semistriatus* (cangambá)



Fonte: Cultura mix (2021). Disponível em: < <https://www.culturamix.com/>>. Acesso em: mar. 2024.

Após essa breve apresentação taxonômica das espécies, tem-se, na sequência, os resultados encontrados na análise lexicográfica e as respectivas denominações encontradas para o animal.

6.4.1 Análise Semântico-Lexical

Foram registradas nos *corpora*, para nomear o *bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado*, quatro denominações: *gambá*, *cangambá*, *saruê* e *cassaco*. O levantamento em dicionários para denominações para o animal conhecido como *gambá* está demonstrado para as formas lexicais presentes na amostra, mas apenas quando se tratava do *bicho*, não sendo encontradas extensões de sentido a partir da amostra. As lexias registradas por cada autor como variante do animal são listadas, sendo descritas ou discutidas sempre que necessário.

No que se refere à consulta às obras lexicográficas, tem-se o seguinte panorama: nos dicionários de usos gerais da língua, há, apenas em Silva (1789-1813; 1949), o registro de três das quatro lexias, com a mesma acepção utilizada pelos informantes; os contemporâneos se mostraram mais completos, pois os três autores trazem todas as nomeações, também com o mesmo sentido, como se pode ver, em síntese, no Quadro 32 a seguir, de acordo com a legenda.

Quadro 32 – Síntese das denominações para *gambá* conforme registros nos dicionários de usos gerais da língua portuguesa

DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA						
	CLÁSSICOS			CONTEMPORÂNEOS		
Itens lexicais	Bluteau (1712-1728)	Silva Pinto (1832)	Silva (1789-1813; 1949)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Caldas Aulete (1970)
<i>Gambá</i>	∅	∅	=	=	=	=
<i>Cangambá</i>	∅	∅	=	=	=	=
<i>Sariguê</i>	∅	∅	=	=	=	=
<i>Cassaco</i>	∅	∅	∅	=	=	=

Fonte: Elaboração própria.

Legenda: (=) mesma acepção; (∅) não dicionarizado.

Nos dicionários especializados e/ou temáticos da língua, o cenário se mostrou mais heterogêneo:

- quanto ao étimo, tem-se, com a mesma acepção, nas três obras consultadas, o registro de *gambá* e *sariguê* em Cunha ([1981] 2010), de *sariguê* em Nascentes (1955) e de todas as lexias em Nascentes (1966);
- quanto aos sinônimos, foram encontradas as quatro formas;

- sobre os tupinismos, as quatro denominações foram encontradas apenas em Carvalho (1987), ao passo que *gambá* foi registrada também por Cunha ([1976] 1998) e Boudin ([1966] 1978), e *sariguê*, também por Cunha (1976] 1998);
- os africanismos trazem *gambá*, *cangambá* e *cassaco* em Lopes ([1996] 2003), enquanto Lopes ([2004] 2011) registra *gambá* com outra acepção da mencionada pelos informantes e Castro (2022) traz, para a mesma lexia, extensão de sentido.

A síntese desses achados pode ser melhor visualizada no Quadro 33, conforme legenda.

Quadro 33 – Síntese das denominações para *bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado* conforme registros nos dicionários especializados

DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS										
Itens lexicais	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	TUPINISMOS			AFRICANISMOS		
	Cunha ([1982] 2010)	Nascentes (1955)	Nascentes (1966)	Nascentes ([1957] 2011)	Boudin ([1966] 1978)	Carvalho (1987)	Cunha ([1976] 1998)	Lopes ([1996] 2003)	Lopes ([2004] 2011)	Castro (2022)
<i>Gambá</i>	=	∅	=	=	=	=	=	=	±	≠
<i>Cangambá</i>	∅	∅	=	=	∅	=	∅	∅	∅	∅
<i>Sariguê</i>	∅	=	=	=	∅	=	=	∅	∅	∅
<i>Cassaco</i>	∅	∅	=	=	∅	=	∅	=	∅	∅

Fonte: Elaboração própria.

Legenda: (=) mesma acepção; (±) extensão de sentido; (≠) outra acepção (∅) não dicionarizado.

Veja-se o detalhamento do que se encontrou, para cada lexia, em cada uma das obras consultadas.

Gambá, nos dicionários clássicos de uso da língua, é descrito apenas por Silva (1759-1813; 1949, p. 419) como “[...] nome comum a diversos marsúpios do gênero *Didelphis*”, incluindo as variantes *micurê*, *mucura*, *sariguê*, *sariqueira*, *saruê* e *timbu*. O autor descreve ainda detalhes da sua fisiologia: “[...] possuem dez dedos em cada mão, duas línguas, e, em lugar do ventre, uma bolsa igual à dos gambás, e que chamam ‘cofre forte’”; menciona, também, registros literários da lexia em *Macunaíma*, de Mário de Andrade, e *O Negro Brasileiro*, de Artur Ramos. Por extensão de sentido, associa *gambá* ao “indivíduo dado à embriaguez” e ao mau cheiro.

Nas obras mais contemporâneas, Houaiss (2001) inclui, além da definição geral, a taxonomia, características comuns dos marsupiais e o gênero (*Didelphis*). Nesse sentido, Ferreira (2004) e Aulete (1970) apresentam definições semelhantes.

No entanto, o primeiro traz informações mais detalhadas quanto ao número de espécies e aos hábitos, além de incluir as três espécies mais comuns (*D. marsupialis*, *D. aurita* e *D.*

paraguayensis) e as variantes. Aulete (1970), por seu turno, acrescenta a etimologia, de forma resumida: “Do tupi [gã'bán.]”.

Constata-se, aqui, que a descrição desses autores contemporâneos corrobora com as pesquisas sobre a primeira parte desta seção, a respeito da taxonomia, espécies e hábitos do animal, e mais: vê-se que, quanto à estrutura, tais dicionários seguem a estrutura lexicográfica mais moderna, como já visto na seção três da tese.

O que se observa é que, em linhas gerais, as informações destacadas para *gambá* constam nas demais obras pesquisadas, inclusive as de cunho especializado e/ ou temático, como se verá a seguir.

Há que se reconhecer, contudo, que Houaiss (2001) é mais detalhista e aprofundado em apresentar as acepções e conceitos, como é o caso de, para a maioria das suas entradas, a inclusão de uma aba de consulta quanto à etimologia. Nesse sentido, a respeito de *gambá*, o autor considera que, embora seja de origem tupi, o étimo seria “controverso”.

Traz, ainda, na entrada, a definição de Nascentes ([1967] 2011, “[...] do tupi gã'bán 'seio oco””, e a de José Pedro Machado (1997 apud Houaiss, 2001): “[...] do tupi gua 'seio, ventre' + ambá = embá 'vazio”, que foram confirmadas quando da consulta ao próprio Nascentes ([1967] 2011). Por fim, o autor traz, como variantes, as formas *cassaco*, *micuré*, *mucura*, *raposa*, *sariguê*, *sarigueia*, *saruê*, *tacaca*, *taibu*, *ticaca* e *timbu*.

Nos dicionários especializados, quanto ao étimo, tem-se, nas obras consultadas, *gambá* como de origem tupi e/ou controversa. Está registrado por Cunha ([1981] 2010) de maneira bem generalizada, como sendo um nome comum a vários mamíferos marsupiais do gênero *Didelphis*, possivelmente de origem tupi, de étimo obscuro, o que frustra o leitor interessado em pormenorizações e aprofundamentos. Em Nascentes (1966) consta a lexia como do tupi *gã'bán*, com o sentido de seio oco.

No que concerne aos sinônimos, Nascentes ([1967] 2011), não traz o item como uma entrada. Por outro lado, menciona-a numa lista de variantes e suas respectivas regiões, a partir da entrada *cassaco* (Nordeste), seguida de *gambá* (Rio de Janeiro e adjacências, Sul), *micuré* (Mato Grosso), *mucura* (Maranhão e Amazônia), *raposa* (São Paulo e Paraná), *sariguê* (Bahia), *sarigueia* (idem), *saruê* (Bahia e Sergipe) e *timbu* (Nordeste). Fornece, ainda, dados gerais sobre as espécies comuns do gênero *Didelphis*.

Quanto ao tupinismo, em Cunha ([1976] 1998) se vê, além do conceito, a seleção de diversos trechos históricos e literários com registros para a lexia e também para as suas variantes. Nesses fragmentos, há descrições detalhadas do animal, tais como aspectos físicos e

de seu comportamento. Casal (*apud* Cunha, [1976] 1998, p. 133), em 1817, na *Corografia Brazilica*, assim o descreve:

O *sarôhé*, ou *gambá*, (grifo nosso) he do tamanho dum gato mediano com forma de rato, de aspecto feio, e cheiro desagradável; pernas curtas, pés, e orelhas de rato; pêllo comprido, raro e macio; cauda comprida, afuzada, e sem pêllo; cabeça e focinho de porco; boca grande com dentes de cao.

Em obras literárias, segundo Cunha ([1976] 2001), há, em várias passagens, descrições de personagens associados ao *gambá*, sobretudo com relação ao seu mau cheiro característico ou ao estado ébrio com que, supostamente, o animal chegaria com facilidade. É o que se observa no trecho de *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo (1890 *apud* Cunha, [1976] 1998, p. 133): “[...] muito bebedo, hein? – Como um gambá!”; Graça Aranha, em 1920, em *A Viagem Maravilhosa*: “Não. Eles estão mas é bebados. Gambás... que fedor!”. E em 1946, em *Sagarana*, por Guimarães Rosa: “– Veio com o corno cheio... Está bêbedo que nem gambá”.

De acordo com o *Dicionário Tupi Guarani* (s.i.), *gambá* significa espécies de mamíferos marsupiais, didelfídeos, placentários. Alguns sinônimos registrados são *mucura*, *cassaco*, *mocura*, *soriguê*, *sarigá*, *seriguê*, *seringuê*, *sariguê*, *saruê*, *raposa*, *taibu*, *mescla* (MA), *timbu*, *micurê*, *micura*, *bicure*, *mocoré*, *sarigueia*, *ticaca*, *caugueá*, *sariuá*, *sariué*. Faz, ainda, remissão à *maritacaca* (*Conepatus chilensis amazônicas*). Tais registros corroboram as variantes apresentadas por Nascentes ([1967] 2011), como visto.

Nas obras referentes aos africanismos, *gambá* está registrada por Lopes ([1996] 2003) como nos trabalhos apresentados. No entanto, apesar de reconhecer que o étimo é amplamente conhecido como tupi, faz menção ao registro de línguas bantas, a exemplo do quioco *ngamba*, “[...] espécie de doninha ou toirão de dorso e cauda listrados” (Barbosa, 1989b, *apud* Lopes [1996] 2003, p. 122), e ainda, remissão a *cangambá*, o que justifica a controvérsia da lexia quanto à etimologia.

Lopes (2004] 2011) traz para *gambá* outra acepção, sentido de angomba, tambor, na tradição afro-brasileira que conduz a dança *gambá*, apresentada como lundu.

A esse respeito, há que se apresentar as reflexões do autor sobre o étimo:

Em reforço a esta última hipótese, q. v. Salles e Salles (op. cit., p. 261): ‘O *gambá* tira o nome do instrumento que nele serve: um cilindro de 1 metro de comprimento, feito de madeira oca (...) com uma pele de boi esticada em uma das extremidades’. Guimarães Rosa (1970 c, p.175) grafá *gamba*, sem acento tônico, o que reforça a hipótese. Veja-se também *bambá* e *bomba*, variantes de nomes de danças brasileiras. (Lopes, [1996] 2003, p. 122).

Castro (2022, p. 491) considera a lexia como “[...] alcoólatra, bêbedo; fedorento, mal cheiroso, no jargão prisional.”, o que reforça a extensão de sentido a outras esferas, para além

da nomeação do animal, sobretudo pelas suas características mais marcadas, como o mal cheiro e à ingestão de álcool.

Cangambá, nos dicionários de usos da língua clássicos, tem registro apenas em Silva (1759-1813; 1949, p. 841), como “[...] pequeno quadrúpede mamífero do Brasil, da ordem dos carniceiros (*Conepactus chilensis* e *Conepactus suffocans*, *Asara*), também chamado *maritaca*, *marita-fede*, *gambá* e *sorrilho*”. Sobre a espécie, dado o caráter enciclopédico da obra, acrescenta algumas impressões:

[...] uma espécie de fuinha mui linda; tem o corpo branco, malhado e negro, e a cauda felpuda. Este animalzinho é muito notável pela arma singular e invencível com que se livra dos seus inimigos; logo que é acometido, solta um líquido tão fétido e enjoativo, que o seu agressor não cuida senão em fugir. (SILVA, 1949, p. 841).

Nos dicionários contemporâneos, o item está registrado com a mesma acepção dos três autores consultados. Ferreira (2004) e Houaiss (2001) apresentam o item como sinônimo de *jaritataca*. Aulete (1970), além de informar, de maneira geral, espécie, família e aspectos anatômicos, acrescenta o fato de “[...] por vezes ser confundido com o *gambá*”.

Quanto à *jaritataca*, embora não esteja presente na amostra, optou-se por trazer aqui o conceito, para fins de comparação com as demais entradas nas obras pesquisadas, visto que se constata o mesmo sentido identificado quando da taxonomia do *cangambá*.

Segundo Houaiss (2001), *jaritataca* é mamífero carnívoro da família dos mustelídeos, espécie *Conepatus semistriatus*, de características fisiológicas já descritas para o animal, inclusive o mau cheiro. Sobre o étimo, considera vir do tupi **yagwara'taka* ou **yarata'kaka*. Traz como variantes *jaguacacaca*, *jaguaritaca*, *jaratacaca*, *jaratataca*, *jaraticaca*, *jaritacaca*, *jeratataca*, *jeritacaca*, *maratataca*, *maritacaca*, *maritafede*, *maritataca*, *tacaca*.

Para Ferreira (2004), tem o mesmo significado posto por Houaiss (2001), incluindo mais uma espécie como exemplo, a *Conepatus chilensis amazonicus*, presente no Brasil. Considera-o um ofiófago, ou seja, não sensível aos venenos das cobras peçonhentas. Registra, como Houaiss (2001), as mesmas variantes, ao que inclui à sua lista de sinônimos *cangambá*.

Nos dicionários especializados tem-se, quanto ao étimo, segundo Nascentes (1966), o tupi *a'kãga am'bán*, “cabeça vazia, estonteado”. Segundo o autor, a secreção por ele liberada nauseia as pessoas, o que condiz com os estudos de Cavalcanti (2010), já mencionado.

Nascentes ([1967] 2011), traz *cangambá* e sinônimos – *iritaca*, *jaguaritaca*, *jaritacaca*, *jaritataca*, *jeritacaca*, *maritacaca* (Pernambuco), *maritafede*, *maritataca*, *tacaca*) – como mamífero da família Mustelidae (*Conepatus chilensis*).

No que diz respeito aos tupinismos, Carvalho (1987) ao mencionar *cangambé* não o faz como uma entrada, mas como sinônimo de *mbi-ara-t-akaka* e *mi-aratakaka: marittaca, cangambé* ou *guaíba*, animal do mesmo gênero e família já apresentados para os *Conepatus*.

Sobre os africanismos, apenas Lopes ([1996] 2003) registra a entrada como o mesmo que *jaritaca* (BH), de étimo controverso. No entanto, ao citar Galvão e Selvagem (1952 *apud* Lopes, [1996] 2003, p. 64), associa *cangambá* à fauna angolense, *ikangamba*, significando *zorrilha*; menciona também Barbosa (1989 *apud* Lopes, [1996] 2003, p. 64), que associa *cangambá* a *kangamba*, com origem no quioco, sendo uma espécie de furão ou doninha, questionando, ainda, a possibilidade de ser o que chamou de “portuguesismo”.

Saruê e *sariguê*, nos dicionários de usos clássicos, é descrito apenas por Silva (1949, p. 928) com alguns detalhes relativos à sua anatomia e hábitos:

Este animal se parece com as raposas de Espanha, mas são mais pequenos, do tamanho de gatos; cheiram muito pior a raposinhos que as mesmas de Espanha e são pardos como elas. Têm uma bolsa das mãos até às pernas com seis ou sete mamas e ali trazem seus filhotes escondidos até que sabem buscar de comer e parem de ordinário seis, sete. Estes animais destroem galinhas porque não andam de dia, senão de noite e trepão pelas árvores e casas e não lhes escapam pássaros, nem galinhas.

Os três autores contemporâneos consideram *saruê* o mesmo que *gambá* enquanto designação comum. Houaiss (2001), a respeito do étimo, acrescenta que “Staden registra esta palavra (sob a forma *serwoy*) num livro em alemão de 1557”. Traz como fontes históricas 1730 *sarehue*, 1817 *sarôhê*, 1853 *sarohè*, 1899 *saruê*. Na entrada referente à *sariguê*, comenta como sendo de origem tupi: “[...] *sari'gwe*, também adaptado ao português *saruê*”. Já Ferreira (2004) e Aulete (1970) registram *saruê* genericamente, apenas como um tupinismo, além de ser um animal do Nordeste do Brasil e sinônimo de *gambá*.

Nos dicionários especializados, quanto à etimologia, é unânime a origem tupi.

Cunha ([1981] 2010) considera *sariguê* do tupi *sari'üe*, sinônimo de *gambá*, de mesma família e gênero. Traz como fontes históricas *cerigoê*, 1576, *çariguê* 1584, *serigoé* 1587, *sarige*, 1590, entre outros. Nascentes (1955, p. 459) traz *sarigueia* como entrada, de origem tupi (*soó-iguê*). Descreve-o como “animal do saco”, ao que faz referência a Teodoro Sampaio, em *O Tupi na Geografia Nacional*, de Rodolfo Garcia, Notas a Fernão Cardim, Beaurepaire Rohan, Tastevin, *Nomes de plantas e animais em língua tupi*.

Nascentes (1966), por sua vez, traz tanto *sariguê* como *saruê* como entradas, ambas vindas do tupi *sari'wê*. *Sarigueia*, por seu turno, aparece como “forma alongada do *sariguê*”. Nascentes ([1967] 2011), quanto à diatopia, considera *sariguê* como uma variante presente no Estado da Bahia e *saruê* uma variação registrada na Bahia e Sergipe.

Com relação às leituras específicas sobre os tupinismos, Cunha ([1976] 1998, p. 261) registra *sariguê* como variante de *ceriguê*, *cerigoé*, *çariguê*, *serigoé*, *sarige*, *çarigue sarehué*, *sarôhê*, *sariguê* e do Tupi *sari'üe*, como “[...] rapoza, outra que traz os filhos no bolso”. O autor define-o como da mesma família e gênero do *gambá*. Traz, como exemplos, diversas descrições coletadas em livros históricos e literários, como na *Carta de Anchieta*, de 1560, ainda em latim: *quod indi seriguéa dicunt*. Há uma descrição muito interessante, apontada pelo autor, com registro de 1576, por Gândavo⁶⁵, relacionada, sobretudo, à bolsa marsupial com que o *sariguê* carrega os filhotes:

Outro gênero de animaes há na terra, a q chamão *cerigoés*, q sam pardos & quasi ...como rapozas: os quaes te hua abertura na barriga ao comprido de maneira q de cada banda lhes fica hu bolso, onde trazem os filhos metidos. E cada filho tem sua teta pegada na boca, da qual a boca nao tiram nunqua até q se acabam de criar. Desses animaes se affirma q (não) concebem nem géram filhos dentro da barriga senam em aquelles bolsos, porque nunqua de quantos se tomaram se achou algum prenhe. E além disso há outras conjecturas muy prováveis, por onde se tem por impossível parirê os taes filhos, como todos os outros animaes (segundo ordem de natureza) parem os seus.

Casal, em 1817 (*apud* Cunha, [1976] 1998, p. 261), na *Corografia Brasílica*, também o descreve em detalhes:

O sarohê, ou *gambá*, he do tamanho d'hum gato mediano com forma de rato, de aspecto feio, e cheiro desagradável, pernas curtas, pés, e orelhas de rato; pêllo comprido, raro, macio; cauda comprida, ofuzada, e sem pêllo; a cabeça e focinho de porco; boca grande com dentes de cão.

A respeito da bolsa marsupial e os cuidados com os filhotes enquanto ainda mamam, Casal (*apud* Cunha, [1976] 1998, p. 261) considera que:

O que ha de mais razoável neste animal, he uma bolsa, ou segunda barriga por baixo da natural com uma boca para a parte de diante, dentro da qual, traz seus filhos athê elles chegarem á idade de saber procurar a vida. Dizem uns que este quadrupede géra, e pare os filhos, como outro qualquer, o que parece natural; e que depois de nascidos os mete naquele sacco, onde com effeito só podem mamar, não tendo a mãy têtas senão na barriga superior. Outros pretendem que os filhos se organizam pregados ás têtas, donde cahem para o sacco. O certo he que os filhos acham-se pregados ás têtas da mãy ainda pellados e muito pequenos.

Sobre o aspecto relacionado à bebida, Cunha ([1976] 1998, p. 261) acrescenta que o *sariguê* “[...] He um destruidor dos galinheiros, e apaixonado por cachaça, com a qual se apanha facilmente bebado”.

Cassaco, nos dicionários de usos gerais da língua, tem registro apenas nas obras contemporâneas. Os três autores trazem-no como o mesmo que *gambá*, ou em remissão à *lexia*. Houaiss (2001) menciona, quanto à etimologia, Lopes ([1996] 2003, p. 72),

⁶⁵ Há, neste trecho, como em muitos aqui, retirados das obras lexicográficas clássicas, uma tentativa de manter a transcrição original, embora haja algumas adequações textuais, para facilitar a leitura. Maiores informações em Cunha ([1976] 1998, p. 261).

reconhecendo que o vocábulo é de possível origem banta, sugerindo vir do quicongo *kasakana*, e significa [...] trabalhar, fazer qualquer coisa sob o império da fome ou de outras necessidades”, em que se tem outra acepção em relação à espécie.

Nesse sentido, acrescenta: “[...] a primeira acepção pode ter decorrido daquela de trabalhador de engenho, pela folclórica predileção do gambá pela aguardente de cana”, aqui já apresentando uma associação do animal ao hábito de ingestão de álcool, característica já mencionada por alguns dos autores pesquisados. Logo, tem-se, a respeito de *cassaco*, quanto ao africanismo, extensão de sentido.

Por fim, nos dicionários especializados, Nascentes (1966) é bastante vago, mencionando apenas a origem obscura do étimo; sobre os sinônimos, Nascentes ([1967] 2011), faz remissão à *gambá*.

6.4.2 Análise Geolinguística

Neste tópico serão apresentadas discussões sobre o aspecto geolinguístico do léxico da fauna para *gambá*⁶⁶ encontrado na amostra, o que incluiu observar os dados não apenas quanto ao espaço geográfico, mas também sob o viés dos fatores sociais, como sexo e faixa etária, sempre que se mostrarem relevantes para a análise.

No que se refere à *gambá*, faz-se necessário realizar uma análise nas cartas 141, do *APFB*, e 128, do *ALS*, uma vez que tais registros fornecem um panorama geral, não apenas sobre a variação linguística nos Estados da Bahia e de Sergipe, mas também nos dados aqui selecionados para a amostra.

Na Tabela 29 se tem uma visão melhor dos dados quanto ao levantamento das respostas nos atlas, a partir da observação dos números, em comparação.

Tabela 29 – Número de ocorrências/percentuais para *gambá* no *APFB* e *ALS*

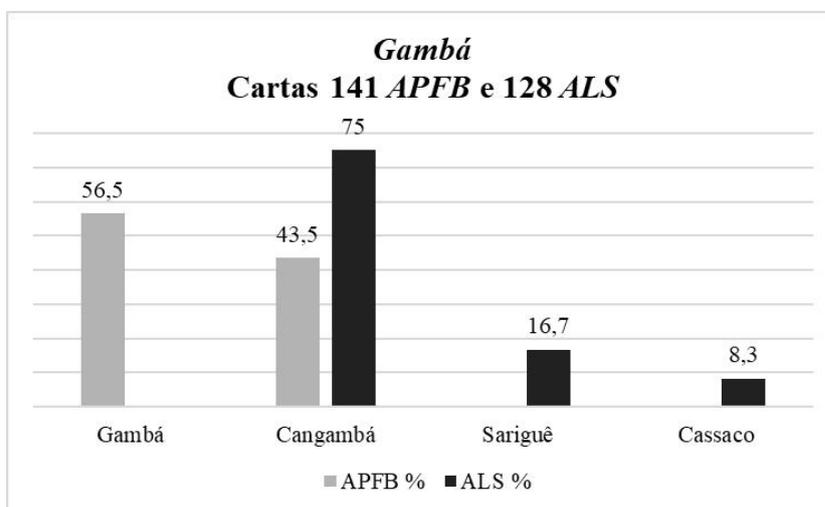
⁶⁶ Para fins de análise, optou-se por organizar a apresentação dos dados – sobretudo nas tabelas e quadros – de acordo com a divisão por idade dos atlas: para o *APFB* e o *ALS* (mais antigos – primeira sincronia), utiliza-se *gambá*, por causa da diferença na formulação da pergunta, como descrito na metodologia (*Seção quatro*, subseção 4.1, p. 139); para os dados do Projeto ALiB (segunda sincronia), porém, se mantém a descrição a partir da própria pergunta – *Como se chama um bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado* – seguindo com a investigação a partir do QSL, como se constata, também, na abertura das questões estudadas na presente seção; por fim, quando a comparação se estender aos três documentos, *gambá* será a forma adotada.

Ocorrências/ percentuais – cartas 141 <i>APFB</i> e 128 <i>ALS</i>						
Nomes	<i>APFB</i>		<i>ALS</i>		Conjunto <i>APFB/ ALS</i>	
	No.	%	No.	%	No.	%
<i>Gambá</i>	26	56,5	0	0	26	44,9
<i>Cangambá</i>	20	43,5	9	75	29	50
<i>Sariguê</i>	0	0	2	16,7	2	3,4
<i>Cassaco</i>	0	0	1	8,3	1	1,7
Total	46	100	12	100	58	100

Fonte: Elaboração própria.

Pode-se observar os dados apurados nas cartas 141 *APFB* e 128 *ALS* quanto aos valores distribuídos percentualmente no Gráfico 18 a seguir.

Gráfico 18 – Percentuais para *gambá* nas cartas 141 *APFB* e 128 *ALS*



Fonte: Elaboração própria.

No que se refere ao *APFB*, para a carta 141, foram apuradas as variantes *gambá* e *cangambá*, totalizando 46 ocorrências, 26 para a primeira e 20 para a segunda, respectivamente. Esses dados refletem as respostas fornecidas em 24 dos 50 pontos de inquérito selecionados para este atlas. Em termos percentuais, tem-se, para *gambá*, 56,5%, e para *cangambá*, 43,5% das respostas obtidas.

No *ALS*, tem-se o seguinte: embora haja registro, em carta, apenas do item *cangambá*, de nove ocorrências, em oito pontos de inquérito (75%), foram identificadas, ainda, mais duas formas diferentes para nomear o animal, tais como *saruê* e *cassaco*, em consultas aos áudios referentes aos inquéritos realizados nos pontos 53 e 62, nos quais se registram, também, três ocorrências para *saruê* (16,7%), em ambas localidades, e uma para *cassaco* (8,3%), apenas em Propriá (ponto 62). Assim, tem-se, para a pergunta, doze respostas válidas.

Porém, o grande problema desses dados incide justamente nas não ocorrências. No *APFB*, em 28 dos 50 pontos, houve ausência total de respostas, enquanto nas localidades onde

se obtiveram respostas, registrou-se a abstenção de 25 informantes. Somadas, essas ausências totalizam 53 abstenções, o equivalente a 53,6% percentuais do total, superando o número de respostas aproveitadas, que foram 46 (46,4%).

No *ALS*, observa-se um cenário semelhante, em que as não respostas são igualmente significativas no universo da amostra. Dos 15 pontos de inquérito, houve ausências em pelo menos seis, com a exclusão do ponto 53 (Estância), uma vez que as respostas de um dos informantes foram registradas nos arquivos. Além disso, nos oito pontos em que há registros de respostas, em sete deles foi apurada a resposta de apenas um informante. A única exceção do ponto 64 (Gararu), onde os dois informantes, forneceram dados, assim como o ponto 62 (Propriá), após consultas aos áudios.

Somando-se as abstenções, chega-se a 19 ausências no *ALS*, o equivalente a 61,3% percentuais, contrastando com as doze respostas válidas (38,7%). Tais números podem ser melhor observados na Tabela 30 a seguir.

Tabela 30 – Respostas para *gambá* nas cartas 141 *APFB* e 128 *ALS*

Cartas 141 <i>APFB</i> e 128 <i>ALS</i>			
<i>Corpora</i>	Aproveitadas		Total
	Nº	Percentual	
<i>APFB</i>	46	79,3%	99
<i>ALS</i>	12	20,7%	31
Total	58	100%	130

Fonte: Elaboração própria.

A pergunta relativa à *gambá* incide nos documentos em baixa produtividade, uma vez que o número de ausências em ambos os *corpora* ultrapassa o de respostas válidas. Isso evidencia que o “não dado”, deve ser considerado como objeto passível de investigação. Santos (2020), ao analisar as não respostas em dados do Projeto ALiB, ressaltou a importância do “não dado” em estudos sociodialetais.

Por conta do alto índice de abstenções para a questão 164⁶⁷, área temática jogos e diversões infantis do Projeto ALiB, o autor reconhece, sobretudo, a necessidade do aprimoramento dos métodos em pesquisas dessa natureza, principalmente porque, da mesma forma que o registro dos dados denuncia informações, a ausência também o faz, pois que se podem fazer diversos questionamentos acerca desses vazios geográficos, e se encontrarem possíveis explicações, tanto de ordem linguística como de ordem sociocultural.

⁶⁷ “Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?” (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001, p. 34).

Nesse sentido, a respeito de *gambá* nos atlas em análise, fez-se o levantamento de algumas dessas questões, para tentar elucidar o elevado número de não respostas, como: os informantes desconheciam o animal? Os pesquisadores estavam familiarizados com o *gambá*? De que forma a investigação do sema para pessoa e/ou para animal interferiram na natureza das respostas? A exegese dos dados pode ter descartado respostas que poderiam ser validadas? Como as diferenças metodológicas refletem no alto índice de abstenções? Até que ponto o instrumento de coleta de dados influenciou ou comprometeu as respostas obtidas em ambos os documentos?

Algumas hipóteses podem ser levantadas. Como já explicitado na metodologia⁶⁸, a investigação do *APFB* para *gambá* revelou-se pouco produtiva, tanto que, para a elaboração da carta, optou-se por considerar apenas as repostas relativas ao *animal*. Pode-se constatar a tentativa de aprimoramento do questionário no que diz respeito a essa pergunta em atlas posteriores. No *ALS*, por exemplo, além de se apurarem respostas para a *pessoa*, há uma questão que investiga também o *animal*, embora com aproveitamento apenas para o *bicho* em carta.

Quanto aos atlas brasileiros já produzidos e que incluíram *gambá* nas investigações, destacam-se, além do *APFB* e *ALS*, objeto desta tese, o *ALERS*, cartas 075 e 076, que investiga as denominações para macho e fêmea, com as formas *gambá*, *raposa/ raposo* e *raposa*, *gambá* e *gamboa*; o *ALiPE*, carta 23, que traz as formas *casaco*, *cangambá* e *timbu*; e o *ALAP*, carta L19, com *gambá* e *mucura*. No entanto, apenas os dois primeiros, como já visto, abordaram a *pessoa* na elaboração de ao menos uma de suas perguntas. Os demais trazem o *animal* como cerne da investigação: tanto a equipe do *ALERS*, na pergunta 207⁶⁹, quanto o *ALiPE* e o *ALAP*, que utilizaram a QSL 71 do Projeto ALiB.

A respeito dos informantes, é importante destacar que os inquéritos do *APFB* foram realizados sem registro magnetofônico, o que impossibilita a revisão do cenário de coleta de dados. Assim, só se tem acesso às fichas de transcrição e às cartas publicadas. O que se pode afirmar, no entanto, com base na observação desse material, é que a equipe decidiu aproveitar apenas as respostas referentes ao *animal*, como já mencionado anteriormente. Dessa forma, constata-se, assim, que o maior número de ausências nesse atlas, se deve, em grande parte, a questões metodológicas como a formulação inadequada das perguntas, por exemplo — além das dificuldades encontradas na aplicação dos inquéritos.

⁶⁸ Ver *Seção cinco*, p. 262.

⁶⁹Fauna, Questionário Semântico-Lexical - QSL 207:

“a) ...o **bicho** que carrega os filhotes numa bolsa que tem na barriga e solta um cheiro ruim? (grifo da autora)
b) Tem nomes diferentes para macho e fêmea?”. (Koch; Altenhofen; Klassmann, 2011, p.42).

No que diz respeito ao *ALS*, o acesso aos arquivos gravados possibilitou a revisão e a inclusão de dados das localidades, permitindo uma abordagem mais ampla. Isso se refletiu nas variantes *saruê* e *cassaco* nas as duas localidades selecionadas na amostra. Embora a equipe tenha inicialmente descartado essas respostas ao não as considerar sinônimos durante a elaboração da carta 128, elas puderam ser incluídas na análise desta tese.

Após essa incursão nas cartas, tem-se, na sequência, os olhares sob a perspectiva diatópica nos dados selecionados, bem como a apresentação de cartas-resumo para observação da presença e/ou ausência quando da percepção do confronto temporal entre os documentos.

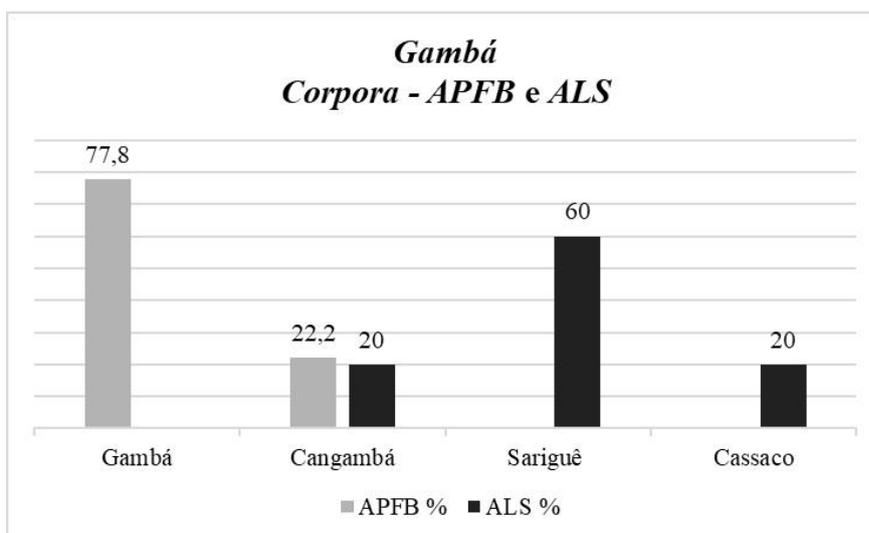
Em análise à distribuição por lexia nos atlas mais antigos, *APFB* e *ALS*, observando a primeira sincronia, tem-se a co-ocorrência de *cangambá* nos dois documentos, somando-se três respostas, o equivalente a 21,4% da amostra, ao passo que *gambá* tem registro apenas no *APFB*, com o maior número de ocorrências – sete apurações e 50% percentuais. *Sariguê* e *cassaco* aparecem somente no *ALS*, sendo a primeira mencionada por três informantes, e a segunda, caso de único registro para a lexia, fornecida por apenas um sujeito, como se vê na Tabela 31 e Gráfico 19.

Tabela 31 – Número de ocorrências / percentuais para *gambá* nos *corpora*: *APFB* e *ALS*

<i>Corpora - APFB e ALS</i>						
Nomes	<i>APFB</i>		<i>ALS</i>		Conjunto <i>APFB/ ALS</i>	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<i>Gambá</i>	7	77,8	0	0	7	50
<i>Cangambá</i>	2	22,2	1	20	3	21,4
<i>Sariguê</i>	0	0	3	60	3	21,4
<i>Cassaco</i>	0	0	1	20	1	7,2
Total parcial	9	100	5	100	14	100

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 19 – Percentuais para *gambá* nos *corpora* para *APFB* e *ALS*



Fonte: Elaboração própria.

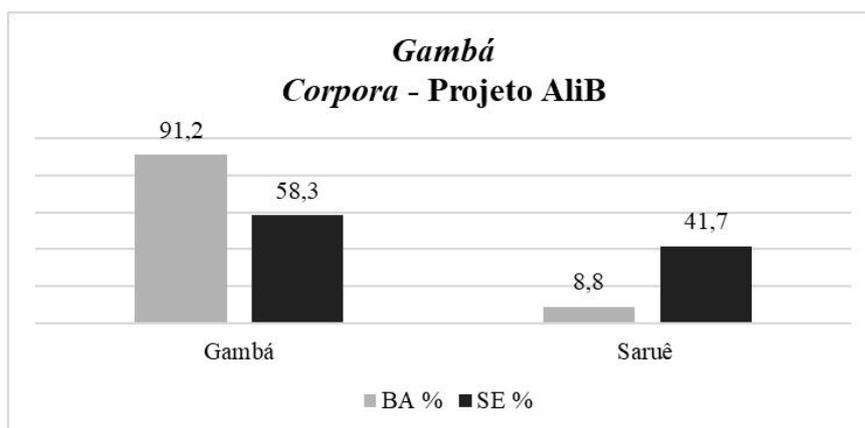
Na segunda sincronia, em relação aos dados do Projeto ALiB para os Estados da Bahia e Sergipe. Nestes, observam-se apenas as lexias *gambá* e *saruê*, ambas co-ocorrentes em ambos os Estados. Para a *gambá*, registra-se o maior número de ocorrências, totalizando 38 registros, o que representa 82,6% do total de respostas. Em contrapartida, *saruê*, aparece com apenas oito ocorrências, correspondendo a 17,4% do total, conforme na Tabela 32 e Gráfico 20.

Tabela 32 – Número de ocorrências / percentuais para *um bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado* nos corpora: Projeto ALiB para Bahia e Sergipe

Corpora – Projeto ALiB						
Nomes	BA		SE		Conjunto Projeto ALiB BA/SE	
	No.	%	No.	%	No.	%
<i>Gambá</i>	31	91,2	7	58,3	38	82,6
<i>Saruê</i>	3	8,8	5	41,7	8	17,4
Total parcial	34	100	12	100	46	100

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 20 – Percentuais para *gambá* nos corpora: Projeto ALiB para Bahia e Sergipe



Fonte: Elaboração própria.

Observando, agora, os dados nos três *corpora*, tem-se o seguinte cenário: para a lexia *gambá*, foram registradas quatro denominações diferentes: *gambá*, *cangambá*, *saruê* e *cassaco*, totalizando 60 ocorrências. *Gambá* é claramente a forma predominante na amostra, com 45 ocorrências, correspondendo a 75% do total. Em seguida, *saruê* aparece com 11 registros, representando 18,3%, e *cangambá* com três ocorrências o que equivale a 5% do total. Por fim, *cassaco* é mencionado apenas uma vez, representando um caso de ocorrência única nos dados, com apenas 1,7%, conforme apresentado na Tabela 33.

Tabela 33 – Síntese das ocorrências e percentuais totais, por lexia, para *gambá* nos três *corpora*

Ocorrências/ percentuais por lexia APFB, ALS e Projeto ALiB para BA e SE		
Nomes	Total	
	No.	%
<i>Gambá</i>	45	75
<i>Cangambá</i>	3	5,0
<i>Saruê</i>	11	18,3
<i>Cassaco</i>	1	1,7
Total	60	100

Fonte: Elaboração própria.

Quanto às não respostas, é possível perceber que, nos atlas mais antigos, a incidência de abstenções se mantém para a amostra, visto que a investigação para *gambá* não é das mais promissoras – e aqui se pode aventar como justificativa a dificuldade cada vez maior, em centros urbanos e/ou mais afastados da zona rural, de se encontrarem animais silvestres como o *gambá*. No entanto, há que se reconhecer que os números são mais otimistas com relação ao sucesso das respostas nos dados do Projeto ALiB, como se pode observar na Tabela 34.

Tabela 34 – Respostas para *gambá* nos três *corpora*

APFB, ALS e Projeto ALiB para BA e SE			
<i>Corpora</i>	Aproveitadas		Total
	Nº	Percentual	

<i>APFB</i>	9	15%	16
<i>ALS</i>	5	8,3%	6
Projeto ALiB - BA	34	56,7%	37
Projeto ALiB - SE	12	20%	12
Total	60	100%	71

Fonte: Elaboração própria.

Observa-se que, das 71 respostas totais, apenas 60 foram aproveitadas, resultando em um percentual de 84,5% de dados válidos. Isso significa que cerca de 15,5% das respostas foram consideradas não aproveitadas ou vazias. Nota-se que, especialmente no *APFB*, o número de respostas não obtidas é elevado: são sete ausências, o equivale a 11,6% do total, ao passo que, entre os informantes do Projeto ALiB, o cenário é mais favorável, com apenas três abstenções, representando aproximadamente 5%.

A maior parte das respostas aproveitadas (56,7%) corresponde à segunda sincronia – dados do Projeto ALiB –, totalizando 34 dados válidos, o que indica um nível razoável de validação em relação à amostra total. Em contrapartida, a primeira sincronia (*APFB/ALS*) apresenta um percentual mais baixo de respostas aproveitadas, sugerindo desafios metodológicos que podem ter contribuído para as ausências. Essa dinâmica reforça a importância de investigar as razões por trás das não respostas, que podem incluir a falta de familiaridade dos informantes com o animal, dificuldades na formulação das perguntas e o contexto sociocultural em que os inquéritos foram realizados.

Esses vazios e as não respostas levantam questões relevantes para a pesquisa, indicando problemas nos instrumentos de inquérito e na exegese dos dados, que podem ter contribuído para as ausências. A análise destaca a necessidade de aprimorar a metodologia utilizada, explorando mais a fundo as variáveis que influenciam as respostas dos informantes nas duas sincronias analisadas. Compreende-se que um maior rigor na formulação das perguntas e um melhor entendimento do contexto sociocultural dos informantes podem ser cruciais para aumentar a taxa de respostas válidas em pesquisas futuras.

Ao analisar a distribuição diatópica, fica evidente que, entre os informantes do *APFB*, há ausências totais em dois pontos, como já mencionado – Barra e Vitória da Conquista –, além de respostas parciais em pelo menos cinco localidades, onde apenas um sujeito por ponto respondeu. O mesmo se observa no *ALS*; em Estância, por exemplo, onde apenas um informante conseguiu identificar o animal. Nos dados do Projeto ALiB, por outro lado, todos os pontos de inquérito obtiveram retornos, com três respostas parciais ocorrendo mais precisamente em Carinhanha, Jeremoabo e Santa Cruz Cabrália.

No que se refere à distribuição das lexias nas localidades, em perspectiva diatópica, esta pode ser melhor observada na Tabela 35, em que se têm, em síntese, as ocorrências por

ponto de inquérito, em valores absolutos. Constata-se que as formas *gambá*, *cangambá*, *saruê* e *cassaco* estão presentes no *APFB* e *ALS*, em diversas localidades (à exceção de Barra e Vitória da Conquista, em que são vistas as lacunas, decorrentes das ausências na apuração dos dados), com registros de acordo com o que se encontrou em tais documentos, investigados na década de 60, como já detalhado nas seções anteriores.

Tabela 35 – Distribuição das formas lexicais para *gambá* de acordo com as localidades no *APFB* e *ALS*

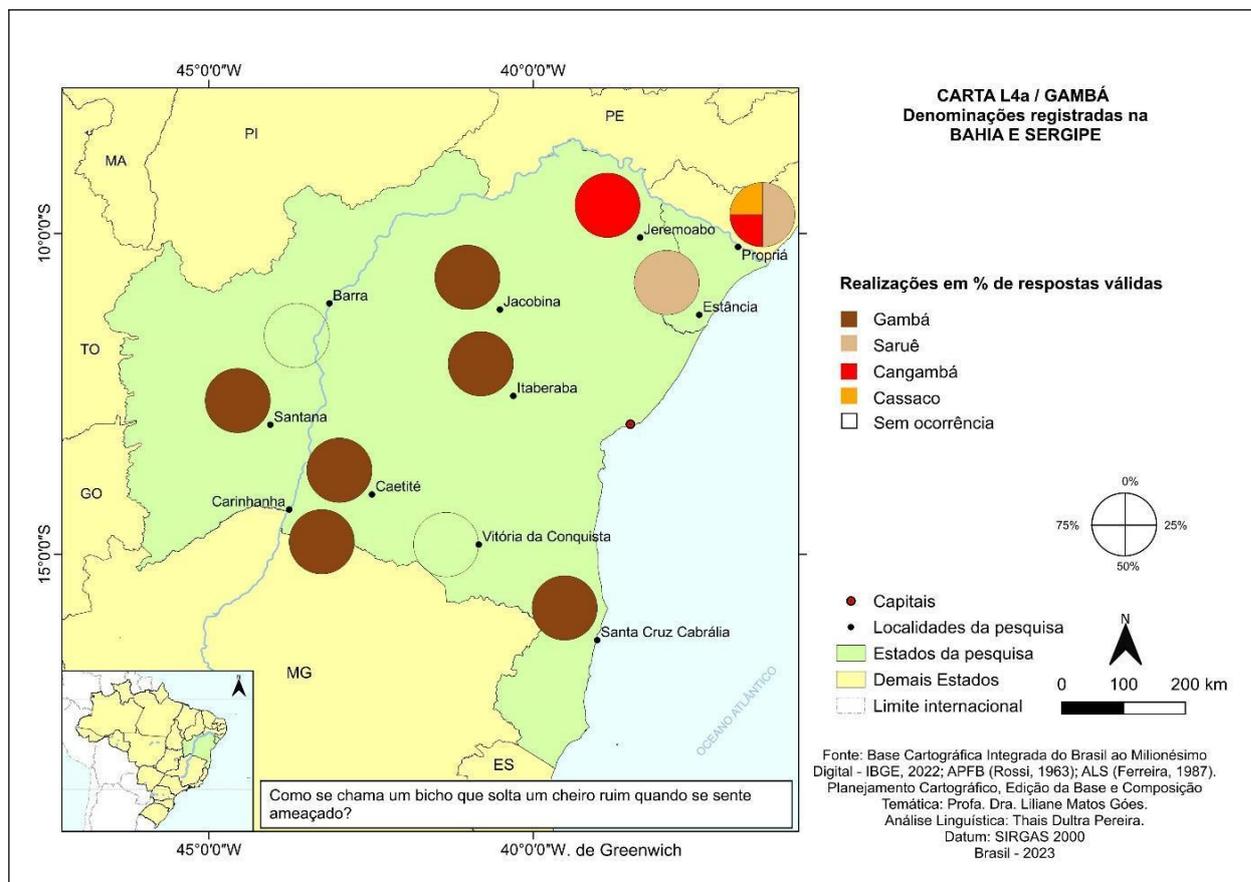
Pontos de inquérito	APFB - BAHIA									ALS - SERGIPE	
	42	35	45	29	27	13	44	9	24	62	53
Nomes	Barra	Caetitê	Carinhanha	Itaberaba	Jacobina	Jeremoabo	Santana	Sta. Cruz Cabralia	V. da Conquista	Propriá	Estância
<i>Gambá</i>		1	1	1	2		1	1			
<i>Cangambá</i>						2				1	
<i>Saruê</i>										2	1
<i>Cassaco</i>										1	
Total	0	1	1	1	2	2	1	1	0	4	1

Fonte: Elaboração própria.

Pode-se verificar que, nesses atlas, anteriores ao Projeto ALiB, *gambá* é a denominação com maior ocorrência entre as localidades, com registros em seis pontos de inquérito – apenas na Bahia, uma vez que a lexia não foi apurada no Estado de Sergipe. *Cangambá*, por sua vez, foi documentada em ambos os estados, nos pontos relativos à Jeremoabo e Propriá. *Saruê* e *cassaco*, por seu turno, ocorreram apenas em Sergipe, sendo que a primeira foi apurada em ambas as localidades, e a segunda, só em Propriá.

Na Carta Experimental L4a (Figura 34), tais resultados podem ser vistos a partir da distribuição das lexias por localidade, no *APFB* e no *ALS*, inclusive as não respostas:

Figura 34 – Carta Experimental Conjunta *APFB/ALS*: L4a – *Gambá*



Fonte: Góes (2023), com análise linguística da autora, a partir dos dados do APFB (Rossi, 1963) e ALS (Ferreira et al, 1987).

Na Tabela 36, pode-se observar a distribuição das lexias, em valores absolutos, de acordo com as ocorrências nas localidades, agora referentes aos dados do Projeto ALiB para Bahia e Sergipe. Constata-se, inclusive, que se apuraram, em concomitância, as formas lexicais *gambá* e *saruê*, em ambos os Estados. *Gambá* é a lexia recorrente, com registro em todos os pontos de inquérito. *Saruê* ocorreu em apenas três pontos da Bahia, respectivamente Caetité, Jacobina e Santana. Em Sergipe, ocorreu nos dois pontos investigados.

Tabela 36 – Síntese da distribuição dos nomes para *um bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado* nas localidades no Projeto ALiB para Bahia e Sergipe

Pontos de inquérito	ALiB - BAHIA									ALiB - SERGIPE	
	84	95	97	90	86	82	92	101	98	78	80
Nomes	Barra	Caetité	Carinhanha	Itaberaba	Jacobina	Jeremoabo	Santana	Sta. Cruz Cabrália	V. da Conquista	Propriá	Estância
<i>Gambá</i>	4	3	3	4	3	3	4	3	4	4	3
<i>Saruê</i>		1			1		1			2	3
Total	4	4	3	4	4	3	5	3	4	6	6

Fonte: Elaboração própria.

Muitas vezes, as falas dos sujeitos são exemplos de como as lexias se apresentaram nos Estados e também nas localidades investigadas.

A transcrição a seguir é um exemplo disso: sobre *cangambá* nos dados do *ALS*, tem-se a fala de uma informante do sexo feminino, de 40 anos, de Propriá. Num primeiro momento, a respeito da investigação para o *bicho* (pergunta 414), tem-se, como resposta, *saruê*, que está não registrada na carta 128. No entanto, ao ser inquirida sobre a *pessoa*, (pergunta 188), apurou-se *cangambá*, em nítida associação ao mau cheiro. Essa é, inclusive, a denominação cartografada para o ponto 62:

Exemplo 33:

INF.- *Saruê*.

INQ.- E tem outro?

INF.- Não sei não.

[...]

INQ.- Como se chama uma pessoa que tem um cheiro ruim?

INF.- *Cangambá*. (risos). Fulano tem um festo que só um *cangambá*, né? (962. Propriá, mulher, 40 anos, analfabeta).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do *ALS*.

Saruê, embora esteja registrada nos dicionários pesquisados como variante de *gambá*, não foi mencionada no *APFB* e, apesar de ter sido apurada no *ALS*, teve pouca frequência nos dados do ALiB entre os informantes da amostra.

Outra informação relevante diz respeito à variação fonética. No *ALS*, os informantes mencionaram *saruê*, ao passo que, no Projeto ALiB, tanto para Bahia como em Sergipe, tem-se duas ocorrências de *sariguê* e seis de *saruê*. Para fins de análise, se realizou o agrupamento, com vistas à neutralização das variantes fônicas *saruê* para *sariguê*, *saruí*, *garuê*. Por fim, *cassaco* ocorreu apenas em Sergipe, no *ALS*, tendo sido informada pelo informante masculino, em Propriá, como segunda resposta.

Quando da audição dos inquiridos, pôde-se obter informações que não constam nas cartas, onde se vê apenas as transcrições para *cangambá*. *Saruê*, por exemplo, foi descrita pela informante mulher, de Propriá, como pode ser visto na transcrição, e não foi cartografada.

A respeito de *cassaco*, apurada entre os informantes de Sergipe, nos dados do *ALS*, tem-se, como exemplo, a fala do informante de Propriá, numa tentativa de descrição entre este e o *saruê*. Ao que parece, apesar de semelhantes, há alguma diferença entre as espécies, quando o sujeito menciona não ser este “[...] um bicho só”:

Exemplo 34:

INF.- ah, o *saruê*, né? (risos).

INQ.- o *saruê*, como é que é ele?

INF.- o *saruê*, é ... é um bichinho. Tem de todo tamanho. Tem miúdo, tem maior, né? pintadinho. Mas o certo que a gente tem...
 INQ.- e onde é que ele leva os filhos dele?
 INF.- tudo embaixo da barriga, tem... saco... e dão o nome de *saruê*, outros dão o nome de *cassapo*, tudo isso é nome que dão, naqueles bichinho.
 INQ.- e a diferença de (ca)saco pra o *saruê*?
 INF.- a diferença é que *não é um bicho só*. (62. Propriá, Homem, 59 anos)

Fonte: dados orais. Banco de dados do ALS.

Com relação aos dados do Projeto ALiB, *gambá* figura como a maioria das respostas entre os informantes, como já visto. Quanto à *saruê*, embora tenha sido apurada tanto na Bahia como em Sergipe, constatou-se que *gambá* é a forma predominante nos Estados, ao passo que *saruê* ocorreu apenas em três pontos de inquérito na Bahia, ao menos para os pontos investigados.

No que diz respeito ao papel do inquiridor, reconhece-se que, muitas vezes, é preciso que este insista, busque estratégias para fazer com que o informante se lembre do que se trata a pergunta.

A transcrição seguinte (Exemplo 35) ilustra uma situação desse tipo. Inicialmente, o sujeito acredita se tratar de um tamanduá. Mas, à medida que a conversa avança, dada a insistência do entrevistador, que, inclusive, relaciona o animal ao mau cheiro à falta de higiene em humanos, o informante, finalmente, o identifica:

Exemplo 35:

INQ.- Como se chama um bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?
 INF.- Um bicho?
 INQ.- é. Ih, aqui parece que passou um...
 INF.- Antigamente, quando dizia assim que tá fedeno, é um tamanduá.
 INQ.- Chama assim?
 INF.- Preá. Sei lá.
 INF.- Um bicho que?... um bicho que solta um fed... um cheiro ruim, né?
 INQ.- [...] *Ih, fulano tá parecendo um... não toma banho*.
 INF.- ah.... né tamanduá não. O nome é assim, parecido um tamanduá. Pera'inda. É... quer vê, quando a pessoa tá assim, Ih, *a pessoa tá fedendo a gambá!*... (082. Jeremoabo, homem, faixa etária II, ensino fundamental)

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

Na transcrição do informante de Santana, da faixa etária I, jovem, percebe-se que *gambá* e *saruê* são animais diferentes, de comportamentos biológicos distintos, relacionados principalmente à forma de liberação da substância fétida: embora ambos possuam o odor característico, o primeiro seria expelido via região anal, e o segundo, seria decorrente da própria derme, conforme Exemplo 36.

Exemplo 36:

INF.- *Gambá*.
 INQ.- Tem outro jeito de chamar ele aqui?

INF.- *Saruê*.

INQ.- É o mesmo?

INF.- É não, é ôto.

INQ.- *Gambá* é um e *saruê* é outro. Todos dois soltam esse cheiro. E qual é a diferença do *gambá* para o *saruê*?

INF.- Porque o *saruê* solta o chero é na pele e o *gambá* é peidano. ((risos)). (092. Santana-Bahia, homem, faixa etária I, ensino fundamental)

Fonte: dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

Ainda a respeito de *saruê*, registrou-se, na fala da informante feminina, jovem, de Caetitê (Exemplo 37) uma descrição que demonstra um conhecimento superficial, de “ouvir falar”, mas, ao que parece, ela nunca viu o animal, como se pode observar na transcrição.

Exemplo 37:

INF.- *Saruê*

INQ.- Como?

INF.- *Saruê*.

INQ.- Tem outro nome? Como é o *saruê*?

INF.- É um bichinho pareceno um rato, né não? às vez aquele ratão grande...

INQ.- E tem cheiro ruim?

INF.- *Dizem que tem, num sei*. (096. Caetitê-Bahia, mulher, faixa etária I, ensino fundamental)

Fonte: dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

Quanto à Sergipe, a partir dos dados do ALiB, conclui-se que as ocorrências para *gambá* e *saruê* estão muito próximas, embora haja uma quantidade um pouco maior de apurações para *gambá*. Destaca-se, contudo, a distinção feita pelos informantes de Estância, ambos homens, de faixas etárias distintas, ainda a respeito das diferenças entre as espécies.

Tais registros mostram que, para esses informantes, as denominações não são variantes, como se pode ver nos trechos das transcrições seguintes. No Exemplo 38, chama atenção para a descrição relativa ao tamanho: enquanto o *gambá* seria o maior, e o *saruê*, ao que parece, seria “do tamanho de um gato”:

Exemplo 38:

INF.- Nós temos duas espécies aqui. Nós temos o *gambá* e temos o *sariguê*.

INQ.- Não é o mesmo não? Qual a diferença?

INF.- A diferença é do tamanho porque o *gambá* eu creio que ele mede uns trinta centímetros de altura, o *gambá* trinta centímetros ou quarenta por aí, e o *sariguê*, ele é preto com uma malha e ele é... comedor de ovo e pinto. Ele é pequeno, assim, mais ou menos *do tamanho de um gato*. (080. Estância-Sergipe, homem, faixa etária I, ensino fundamental)

Fonte: dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para Sergipe.

No Exemplo 39, além de os animais serem descritos como diferentes quanto ao tamanho – o *gambá* seria maior – também o seriam quanto ao habitat: o primeiro seria “do mato”, enquanto o *saruê* viveria em áreas mais próximas dos humanos.

Exemplo 39:

INF.- Tem outro também, esse é do mato mesmo... *gambá*, *gambá*.

INQ.- É diferente?

INF.- É diferente porque o *gambá* é grande, né? O *saruê* é pequeno, encontra até nos quintal.

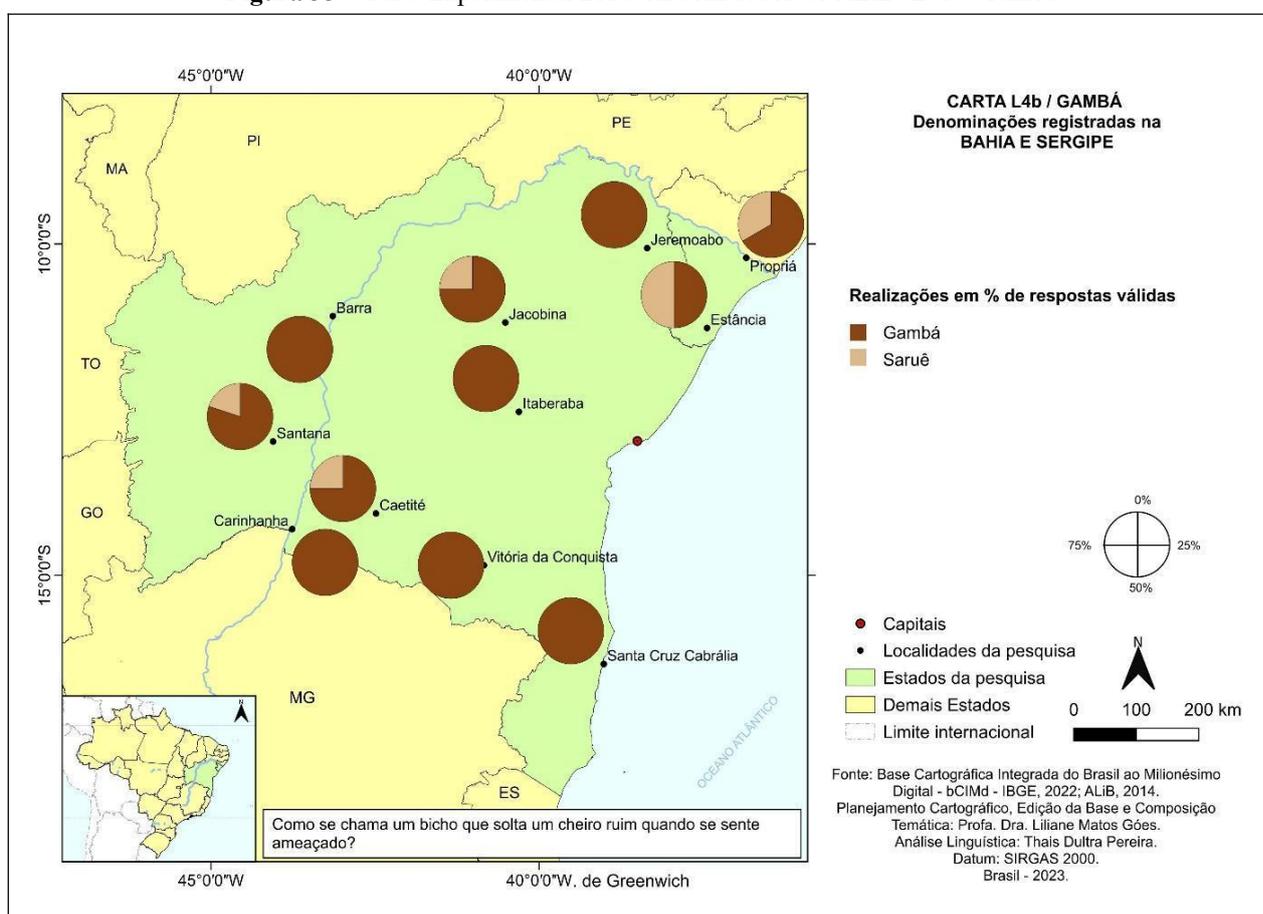
INQ.- O *gambá*.

INF.- É grande, é. (080. Estância-Sergipe, homem, faixa etária II, ensino fundamental).

Fonte: dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para Sergipe.

A distribuição das lexias, por pontos de inquérito, nos dados do Projeto ALiB para Bahia e Sergipe, pode ser melhor visualizada na Carta Experimental (Figura 35).

Figura 35 – Carta Experimental BA e SE com dados do ALiB: L4b – Gambá



Fonte: Góes (2023), com análise linguística da autora, a partir dos dados inéditos do Projeto ALiB.

Sobre as formas analisadas, conclui-se que *gambá* é a mais comum, presente na maioria das localidades.

Cangambá foi apurada no *APFB* e *ALS*, apenas, sem registros nos dados do Projeto ALiB, tanto para a Bahia como para Sergipe. Há que se considerar, nesse contexto, a existência de uma lacuna temporal de pelo menos 40 anos entre os atlas e o Projeto ALiB, evidenciando ora a presença de *cangambá*, no *APFB* e *ALS*, em dados recolhidos na década

de 60, ora a ausência nos dados do Projeto ALiB, com recolha nos anos 2000, conforme visto nas seções anteriores.

Saruê foi apurada em Sergipe, tanto no *ALS* como no Projeto ALiB, com dois informantes apontando a distinção entre as espécies *gambá* e *saruê*.

Cassaco, forma mencionada por um informante do *ALS*, consiste em caso de ocorrência única, e significa o mesmo que *saruê*.

6.5 QSL COMO SE CHAMA UMA CABRA QUE NÃO TEM CHIFRES?

Animal mamífero ruminante do gênero *Capra*, da família dos bóvidos, a cabra (*Capra hircus* L.) e o bode (*Capra aegagrus hircus*), macho adulto, são um dos menores ruminantes domesticados da história da humanidade, sendo encontrados no mundo inteiro, segundo Houaiss (2001). Herbívoros e cavicórneos⁷⁰, os caprinos, quando adultos, de ambos os sexos, têm chifres, ou seja, parte do corpo do bode/cabra formado por um tecido à base de queratina que se desenvolve no osso do crânio, tendo como principal função a defesa do animal.

Entretanto, existem caprinos sem chifres: há os que têm os seus chifres retirados, mas há, também, os que podem ter nascido geneticamente sem essa parte do corpo. De acordo com Araújo e Pinheiro (2004), em estudo publicado pela EMBRAPA⁷¹, eliminar os chifres dos animais criados para a comercialização, tais como ovinos, bovinos e caprinos é um interesse antigo dos produtores.

Nos caprinos, em especial, a retirada ajuda com o manejo, visto que há mudança no temperamento dos animais, que se tornam mais mansos; evita acidentes com os trabalhadores; os ferimentos decorrentes das brigas diminuem, tornando a relação entre eles mais segura, e se otimiza o espaço compartilhado nos cochos, facilitando a criação do rebanho, com consequente aumento da produção.

Por estas razões, muitos produtores optam por retirar os chifres dos animais, de preferência ainda na fase jovem (de neonatos até dois meses de vida), como descreve Rodrigues (2023)⁷². É o que se conhece como amochar o animal, seja através da utilização de

⁷⁰ Que tem cornos ocos, conforme Houaiss (2001).

⁷¹ A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) é uma empresa pública, vinculada ao Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), criada em 1973 para desenvolver a base tecnológica de um modelo de agricultura e pecuária genuinamente tropical, conforme disposto no sítio oficial, onde se encontram inúmeras publicações sobre a agropecuária, como o referido comunicado técnico, de autorias de Araújo e Pinheiro (2004), *Caráter mocho e infertilidade em caprinos*, utilizados nesta subseção.

⁷² Para mais detalhes, acessar a publicação *Realizando a descorna em caprinos*, no sítio Rural News, disponível em: <<https://www.afe.com.br/artigos/realizando-a-descorna-em-caprinos>>. Acesso em: abr. 2023.

método químico ou causticação⁷³, seja com instrumentos, como ferro em brasa, para queimar o botão dos cabritos, impedindo o seu crescimento natural.

Há, também, a possibilidade da remoção na fase adulta, com um serrote ou serra, para descorna dos mais “brigões”. Em quaisquer dos processos escolhidos, há muita dor e sofrimento para os animais, além de risco de infecções e doenças, de modo que não se recomenda a retirada de forma desassistida por zootécnicos e/ou médicos veterinários, o que envolve o uso de anestésicos, analgésicos e cicatrizantes.

Porém, há caprinos que já nascem com a condição natural de mocho, a ser transmitida aos seus descendentes, por seu caráter hereditário. Não é objetivo, aqui, fazer uma apresentação aprofundada sobre o tema. No entanto, para entender as características que envolvem tal condição, tem-se uma breve investigação, o que incluiu rever algumas noções de genética.

Nos cromossomos, que são estruturas que abrigam o material genético dentro da célula de todo e qualquer indivíduo, e nos gametas, células reprodutivas ovócito e espermatozoide, estão os genes responsáveis pela composição de todas as substâncias que formam o organismo vivo, conforme explicam Araújo e Pinheiro (2004).

Cada espécie de indivíduos possui um número fixo de pares de cromossomos, como na espécie humana, por exemplo, que possui 23 pares ($2n=46$), ao passo que, na espécie caprina, há 30 ($2n=60$), em que cada um é constituído basicamente por inúmeras sequências de genes, de modo que cada um deles pode apresentar variações nas moléculas: são os alelos. Dois alelos diferentes no indivíduo se configuram num heterozigoto para aquele loco (Pp); do contrário, este é homozigoto (PP).

Segundo Araújo e Pinheiro (2004), nos caprinos, o caráter mocho é resultado de uma malformação durante o desenvolvimento do cromossomo 1, posição q43, mais precisamente no gene *Polled Intersex syndrome*, ou gene PIS, responsável pelos chifres nas cabras, que se apresenta de duas formas: **p** (presença de chifres – recessivo) e **P** (ausência de chifres – dominante), ou seja, se um dos pais nasceu mocho, o filhote nascerá também mocho, permanecendo assim até a fase adulta.

Ocorre que, seja por desejo, curiosidade ou até mesmo por necessidade, como visto, muitos criadores realizaram sucessivas tentativas de formar linhagens de caprinos mochos, através do acasalamento sucessivo de animais sem chifres. No entanto, tal estratégia provocou

⁷³ Segundo Rodrigues (2023), o amochamento químico consiste na utilização de um bastão de soda ou derivados potássicos cáusticos, aplicado no botão até a raiz e na pele em volta, com consequente queima dos botões, que não mais se desenvolverão.

redução da capacidade reprodutiva dos animais e o surgimento de aberrações intersexo, como cabras com traços de bode e machos inférteis, sobretudo por se ter constatado mais tarde que o gene do chifre está ligado à diferenciação sexual na espécie caprina.

López e outros (2015), em estudo sobre a intersexualidade em caprinos, definem o conceito de intersexo (ou hermafrodita) como anomalias do desenvolvimento, em que há discordância na composição genética, histologia das gônadas combinadas (chamadas de ovotestes), morfologia do trato reprodutivo interno ou na aparência do trato reprodutivo externo de um mamífero. Trata-se, portanto, de um caso que chama a atenção da ciência, visto que um gene afeta o sexo sem estar necessariamente nos cromossomos sexuais X ou Y.

No referido estudo, López e outros (2015) apresentaram, em síntese, as características do aparelho sexual dos caprinos, categorizando o hermafroditismo em três grupos: (i) há os hermafroditas verdadeiros, que possuem testículos e ovotestes, podendo, estes últimos, ser bilaterais (em ambos os lados), unilaterais (de um lado, o ovoteste e, do outro, testículo ou ovário) ou laterais (ovário de um lado e testículos do outro); (ii) os pseudo-hermafroditas masculinos, que têm testículos e genitália feminina externa, e há os (iii) pseudo-hermafroditas femininos, que têm ovários e genitália masculina externa.

De acordo com Lima (2018), em revisão literária do seu estudo de caso⁷⁴, a intersexualidade nos caprinos se apresenta mais comumente nos pseudo-hermafroditas masculinos. De forma homóloga, bovinos, ovinos, suínos e caprinos são acometidos pela mesma mutação, em que se confirma a presença do gene PIS, responsável pelo caráter mocho. Porém, não se constatou ligação entre o caráter mocho e a sexualidade nestas espécies, diferentemente do que se observa nos caprinos.

Quanto ao patrimônio genético de um indivíduo (o genótipo), este é herdado em duas partes, sendo 50% da mãe e 50% do pai. Assim, no que concerne à probabilidade de herança do caráter mocho, este será de 50% da cabra e 50% do bode, que acarretará no cabrito aspectos fenotípicos, a serem facilmente observados, e estes são a manifestação do genótipo sob a influência do ambiente.

Por outro lado, o mesmo gene, além de causar a ausência de chifres nos caprinos, incide negativamente sobre a fertilidade desta espécie, causando uma duplicidade de efeito do

⁷⁴ O autor se debruçou, durante atividade de Estágio Supervisionado Obrigatório, realizado no Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE (TCC-graduação), sobre a investigação da anomalia do desenvolvimento do aparelho reprodutor em caprino intersexo, sem raça definida (SRD), nas dependências da referida universidade. Para mais detalhes, recomenda-se a leitura completa do relatório, disponível em: <<https://repository.ufrpe.br/handle/123456789/929>>. Acesso em: abr. 2023.

gene: a pleiotropia, segundo Araújo e Pinheiro (2004). Desse modo, o gene PIS se expressará como dominante para o caráter mocho, porém, será recessivo no que diz respeito à fertilidade.

No Quadro 34, tem-se a demonstração de cruzamentos possíveis entre os genes, de modo a se observar, no fenótipo, ora a presença ora a ausência de chifres nos caprinos.

Quadro 34 – Proporções: possibilidades de cruzamento entre animais intersexo e animais mochos

Cruzamentos	Proporções – previsão	
	Genótipos	Fenótipos
PP x PP	Inexistente*	Inexistente*
PP x Pp	½ PP e ½ Pp	Todos mochos
PP x pp	Todos	Todos mochos
Pp x Pp	¼ PP; ½ Pp; ¼ pp	¾ mochos e ¼ com chifres
Pp x pp	½ Pp e ½ pp	½ mochos e ½ com chifres
pp x pp	Todos pp	Todos com chifres

P (dominante) = alelo mocho e p (recessivo) = alelo chifres.

*Todas as fêmeas são inférteis.

Fonte: Elaboração própria, adaptado de López e outros (2015, p. 3).

Como se pode constatar, todas as fêmeas PP são estéreis, o que leva a afirmar que o caráter mocho será sempre expresso nos cruzamentos em que os reprodutores são mochos e que, por conseguinte, provocará o aspecto intersexo nos animais, para o qual não há tratamento. Por isso, para resolver o problema, aos que manejam com as espécies, Araújo e Pinheiro (2004) sugerem a seleção de animais reprodutores considerando a característica fenotípica, ou seja, que tenha sempre chifres (pp), uma vez que a presença de um único gene da forma **p** anula o problema de fertilidade. Recomenda-se, também, evitar a manutenção de reprodutores mochos no rebanho.

A respeito das características dos caprinos, relativas à produção, segundo Teixeira (2021), estes podem se dividir, basicamente, em três categorias:

- (i) produtoras de leite, em que se têm as raças leiteiras, que convertem o alimento consumido em leite, acumulando menos carne na sua estrutura corporal;
- (ii) produtoras de carne, em que se incluem as raças de corte e que, por sua vez, convertem o alimento mais para a musculatura, e, no geral, a produção de leite é prioritariamente destinada às crias;
- (iii) ou dupla aptidão, em que se pode ter o aproveitamento da carne, couro e/ou leite – uma ou outra habilidade, ou as duas ao mesmo tempo.

Das principais raças cultivadas no Brasil, com ênfase no Nordeste, segundo Teixeira (2021), estão as Pardo Alpina, Alpina Britânica, Murciana, Toggenburg e Saanen, fortes na produção de leite (estas últimas, mochas); Boer e Savanna, que são destaque entre as criações

destinadas ao corte; Anglo-nubiana, Moxotó, Canindé e Repartida, como raças duplamente aptas.

Destas, as mais procuradas pelos criadores são a Moxotó e Canindé, consideradas nativas, por serem extremamente adaptáveis e rústicas, com grande aproveitamento da pele, corte ou ambos. Há, ainda, os caprinos destinados à produção de pelos, com possibilidade de criação apenas na Região Sul do país, por conta de o clima ser mais ameno, como a raça Angorá, mais comum no Rio Grande do Sul.

No que se refere às raças mais suscetíveis à intersexualidade, segundo López e outros (2015), há frequência relativamente alta entre os caprinos, em que se têm, pelo menos, doze raças distintas. Nesse sentido, destacam que, entre as raças Toggenburg e Saanen, a porcentagem de acasalamentos entre animais mochos tem maior número de casos, quando comparados com outras espécies. Ambas são comuns no Brasil, como se vê nas descrições que se seguem.

A raça Toggenburg, segundo Peixoto e outros (2006), tem origem na Suíça, mais precisamente no vale do Toggenburg, tendo se desenvolvido através do cruzamento entre duas outras raças: a fulva e acamurçada de Saint-Gallen e a branca de Saanen. Consiste numa espécie “cosmopolita”, uma vez que está distribuída por quase todos os países do mundo, tendo se adaptado facilmente às condições mais adversas, graças à sua rusticidade e produtividade.

No Brasil, como descreve Peixoto e outros (2006), a raça está bem adaptada, sobretudo em Minas Gerais, Rio de Janeiro e na Região Sul, onde se veem rebanhos de animais puros, mas também de mestiços que, em cruzamento com as raças nacionais, se revelam bons produtores, visto que os Toggenburg são bons em transmitir as qualidades inerentes à raça, como aptidão e crescimento rápido.

Os mestiços, em especial, têm se mostrado apropriados para produção em clima seco, principalmente depois que perdem o pelo. Ainda segundo Peixoto e outros (2006), a fêmea é bastante fértil e boa produtora de gêmeos sendo comum, inclusive, filhotes triplos e até quádruplos.

As principais características da raça, quanto à anatomia, são:

- peso médio de 50 a 70kg, medindo entre 70 e 80 cm, para ambos os sexos;
- cabeça comprida, seca e mocha e, no caso das fêmeas, os chifres costumam ser retirados artificialmente pelos produtores;

- pelagem geralmente parda, embora apresente diversas tonalidades, que vão do cinza claro ao amarronzado;
- na cabeça, apresentam duas faixas brancas ou cinzentas, uma de cada lado, partindo dos cantos da boca e finalizando na base das orelhas, como se pode observar nas imagens seguintes.

Figura 36 – Caprino da raça Toggenburg



Figura 37 – Caprinos da raça Toggenburg



Fonte: Ciência do leite. Disponível em: <<http://cienciadoleite.com.br/noticia/89/raca-toggenburg>>. Acesso em: jan. 2017.

A raça Saanen, de acordo com Peixoto e outros (2006), é também suíça, vinda da região sul, especificamente do Vale do Saanen, nos cantões de Berna e Appenzell, sendo a maior das raças suíças. É indiscutivelmente a cabra leiteira mais criada no mundo, chegando a produzir oito litros de leite por dia, e está presente em todos os países que têm caprinocultura desenvolvida.

No Brasil, indica-se a criação para aumentar o tamanho e a produção de leite das cabras comuns, através do cruzamento com outras espécies. Os maiores rebanhos estão no Nordeste, apesar de se desenvolverem melhor em lugares de temperaturas mais amenas.

Das principais características relativas à Saanen, destacam-se, quanto à anatomia:

- pelagem uniformemente branca, podendo variar até a cor branco-creme, de tamanho curto, embora sobre o dorso e coxas sejam mais longos;
- nos machos, a pelagem costuma se apresentar de forma mais espessa e comprida;
- os machos são, assim como os Toggenburg, mochos, mas também podem ser amochados.

São animais de grande porte, com as fêmeas pesando de 50 a 90 kg, e machos de 80 a 120 kg. Podem ter ou não barba, brincos e chifres. Já as fêmeas costumam ser dóceis e

bastante férteis, de configuração tipicamente leiteira, como cabeça fina e delicada, pescoço delgado, úbere volumoso e bem conformado. Na Figura 38, pode-se observar algumas dessas características, atribuídas à raça Saanen.

Figura 38 – Caprinos da raça Saanen



Fonte: Caprino Virtual. Disponível em:

<http://www.caprilvirtual.com.br/videos_ovinos_caprinos.php?pageNum_video=12&totalRows_video=295>. Acesso em: mar. 2024.

No Brasil, a caprinocultura movimenta boa parte da economia, com altos índices de produção entre os municípios do Nordeste, sendo, inclusive, destaque na produção de efetivos de caprinos, ocupando o primeiro lugar no ranking nacional.

Lôbo e Lôbo (2015), no artigo *Desempenho produtivo de raças caprinas especializadas e seus mestiços para produção de leite em regiões tropicais*⁷⁵, afirmam ser a criação de caprinos muito significativa em países em desenvolvimento, principalmente em regiões mais secas e com menor possibilidade de cultivo na área da agricultura.

Em países como o Brasil, se tem maior variedade de raças que acabaram por se adaptar às condições climáticas mais adversas, como as do semiárido brasileiro, e ao manejo mais tradicional, como se constata na agricultura familiar. Nesse sentido, o Nordeste é uma região favorável para a criação de caprinos, visto que as raças que têm se desenvolvido na região – muitas delas, já nativas – acabam por seguir esse padrão de adaptabilidade.

Lôbo e Lôbo (2015) destacam, ainda, a prática de cruzamentos de raças de caprinos leiteiros no país, pontuando, entretanto, as diferenças entre as regiões Nordeste e Sudeste. Na primeira região, é comum os criadores substituírem as raças locais e animais sem raça

⁷⁵ Neste estudo, publicado pela EMBRAPA, embora traga no título a perspectiva de investigação dos caprinos leiteiros em países tropicais, os autores se debruçam sobretudo às características do Brasil, com destaque para a Região Nordeste, em que apresentam resultados diversos sobre a temática. Para maior aprofundamento, recomenda-se a leitura completa do artigo, disponível em:

<<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/138223/1/CNPC-2015-Doc117.pdf>>. Acesso em: abr. 2023.

definida (SRD), cruzando-as com as raças Saanen e Alpina, de forma desassistida, com o objetivo de otimizar a produção, ao passo que, no Sudeste, os rebanhos são formados por raças puras, ou seguindo maior rigor no controle de cruzamentos, o que garante a preservação do material genético.

Os autores reconhecem, também, que a utilização de cruzamentos é uma estratégia comum e bastante utilizada no mundo, e pode trazer resultados positivos, do ponto de vista financeiro. No entanto, salientam a necessidade de considerar outros fatores, não só o econômico, pois pode haver consequências ambientais e sociais.

6.5.1 Análise semântico-lexical

Para responder à questão *como se chama uma cabra sem chifres*, foram utilizadas pelos informantes, ao todo, três lexias diferentes: *mocha*, *suruca* e *muvu*.

Todas foram consultadas nos dicionários selecionados, e o que se encontrou foi o seguinte:

- (i) *mocha* é a forma padrão, dicionarizada, e consta na maioria das obras, embora os autores não mencionem os caprinos, em específico, à exceção de Bluteau (1712-1728). Está em todas as obras de uso geral da língua com a mesma acepção, e em cinco dos seis dicionários específicos/ e ou temáticos, ainda que com outros sentidos, além dos utilizados pelos informantes;
- (vi) *suruca* consiste ora em generalizações, ora em definições diferentes e
- (vii) *muvu* não tem registro em nenhum dos dicionários consultados.

Nos quadros 35 e 36, apresentados a seguir, é possível se ter uma ideia de como se distribuíram as lexias, de modo a se observar o que se registrou tanto nos dicionários de usos da língua como nos especializados.

Quadro 35 – Síntese das denominações para *uma cabra sem chifres* conforme registros nos dicionários de usos gerais da língua portuguesa

DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA						
	CLÁSSICOS			CONTEMPORÂNEOS		
Itens lexicais	Bluteau (1712-1728)	Silva Pinto (1832)	Silva (1789-1813; 1949)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Caldas Aulete (1970)
<i>Mocha</i>	=	±	±	±	±	±
<i>Muvu</i>	∅	∅	∅	∅	∅	∅
<i>Suruca</i>	∅	∅	∅	≠	≠	≠

Fonte: Elaboração própria.

Legenda: (=) mesma acepção; (±) extensão de sentido; (≠) outra acepção; (Ø) não dicionarizado.

A consulta aos dicionários específicos e/ou temáticos não se mostrou muito diferente. Não há, em nenhuma das obras consultadas, definições para a ausência de chifres, em especial; por outro lado, tem-se conceitos genéricos, referentes a mutilações de membros. De forma genérica, as lexias estão dicionarizadas, em sua maioria, como extensão de sentido, com alguns casos de registros em outras acepções, além de algumas ausências.

Quadro 36 – Síntese das denominações para *uma cabra sem chifres* conforme registros nos dicionários especializados

Itens lexicais	DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS				
	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	AFRICANISMOS
	Cunha ([1982 2010])	Nascentes (1955)	Nascentes (1966)	Nascentes ([1957 2011])	Lopes ([1996 2003])
<i>Mocha</i>	±	±	≠	≠	≠
<i>Muvu</i>	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø
<i>Suruca</i>	≠	≠	±	±	±

Fonte: Elaboração própria.

Legenda: (±) extensão de sentido; (≠) outra acepção; (Ø) não dicionarizado.

Mocha é a forma mais recorrente nos dicionários, com sentido de mutilação associada à retirada dos chifres. Consta entre os autores clássicos o verbo *mochar*, mas também o masculino *mocho*, relacionado aos cornos de animais, incluindo carneiros, bezerros e vacas, como mencionam Bluteau (1712-1728) e Silva (1759-1813). Este último, inclusive, considera *mocho* uma condição natural para alguns desses animais.

Entre os autores clássicos destaca-se, no entanto, Bluteau (1712-1728), que, além do verbo *mochar* com o sentido de mutilar, faz menção à *cabra mocha*, apresentando, como exemplo, um provérbio português, da obra de Francisco Rolland, de 1780, *Adagios, Proverbios, Rifãos e Anexins da Lingua Portuguesa*: “A ovelha louçam disse à cabra dá-me a lâ. Anda a cabra de roça em roça, como o bocejo de boca em boca. *Cabra de mocha deu na outra*. Cabra manca, não tem festa” (Bluteau, 1712-1728, Tomo II, p. 20). (Grifos da autora).

Os autores contemporâneos trazem, na sequência, o mesmo sentido utilizado pelos clássicos. A diferença está em considerar, para *mocho*, a inclusão da concepção de animal que pode ser “naturalmente” desprovido de chifres, descritos por Houaiss (2001) e Ferreira (2004).

Aulete (1970) traz o sentido genérico de animal que não tem chifres, exemplificando com *touro mocho*. Houaiss (2001) relaciona a sua descrição à *vaca mocha* e ainda, quanto à

etimologia, considera a forma como de origem controversa, podendo vir do espanhol *mocho*. Registra como fontes históricas século XV *mocho* (alcunha), 1611 *moucho*, 1716 *mocho*.

Os dicionários especializados trazem a etimologia, a sinonímia e um tupinismo. Cunha (2010) traz a acepção genérica relativa à ausência de “cornos” ou à falta de algum membro, já comentada e, para a origem, considera ser do castelhano *mocho*, de provável origem expressiva.

Nascentes (1955; 1966) registra, quanto ao étimo, origem latina *murculus*, diminutivo de *murcus*, com significado de “[...] pessoa que para não seguir a vida da milícia amputava o polegar”. Acrescenta que *murculu* substitui *mutilu*; e ainda, como vindo do espanhol *mocho*. Reconhece também a existência do radical *mutt*, truncado, embotado. Nascentes ([1957] 2011), quanto aos sinônimos, menciona outra acepção, a de coruja:

[...] corujas que têm a região auricular grande, maior que o olho, e ouvido provido de opérculo; uma grande coroa facial, de cada lado, abrange o olho no meio. Gêneros *Otus*, *Pulsarix* e *Ciccaba*. Praticamente não se faz distinção entre uma coruja e um mocho; daí a sinonímia na linguagem popular. (Nascentes [1957] 2011, p. 200)

Para Lopes ([1996] 2003), *mocho* tem outra acepção, a de banco sem encosto, tipo um tamborete, possível quimbundo *muxingo*, banco, cadeira.

A respeito das ocorrências analisadas para *cabra sem chifres*, não foi encontrado, nas obras pesquisadas, registro específico quanto às lexias fornecidas pelos informantes. Há, no entanto, conceitos gerais relacionados à mutilação, defeito ou deformidade, como ocorreu para *uma galinha sem rabo*.

Os autores, no entanto, apresentam exemplos associados a vacas, bezerros, touros ou bois, embora nenhum deles tenha mencionado especialmente cabra ou bode. Bluteau (1712-1728), embora não registre definição específica para *cabra mocha*, utiliza, num exemplo de provérbio português, a composição.

Muvu não está dicionarizada nas obras pesquisadas. No entanto, há registros de *movongo* com outra acepção. Houaiss (2001) traz a lexia com o sentido de depressão profunda em terreno de elevações íngremes, com origem no quicongo, *mvwónngo*, arqueado, fazendo referência a Lopes ([1996] 2003).

Ferreira (2004) segue na mesma direção, ao conceituá-la como baixão fundo, e também como terreno íngreme, embora considere a lexia como um brasileirismo da Bahia. Registro idêntico se constata em Castro (2022), que menciona o étimo com origem no quicongo e quimbundo *mavongo*. Aulete (1970) traz um sentido diferente, ainda que genérico, o de “certa árvore”.

Entre os autores dos dicionários especializados, tem-se Lopes ([1996] 2003), já comentado, e Nascentes (1966), que traz apenas o registro de *movongo*, mas que, no entanto, não menciona qualquer significado ou possível etimologia da lexia, dizendo apenas ser de origem desconhecida.

Há, por outro lado, cinco lexias angolanas com sentido de “árvore”, apresentadas por Figueiredo ([1899] 1913, p. 1352), que se aproximam da acepção registrada por Aulete (1970), como: *muviú*, árvore angolense, que cresce na areia e entre as pedras; *muungo*, nome angolense da teca⁷⁶; *muvandi*, árvore do Congo; *muvovo*, árvore angolense e *muvuga*, árvore africana, de folhas simples, glebas, com cachos de flores polysépalas, branco-amareladas. Ao que parece, tais lexias estão, quanto ao sentido, muito distantes da forma utilizada pelos informantes, mas com indícios de ser um africanismo.

Por fim, tem-se *suruca*, forma lexical utilizada pelos sujeitos para nomear *uma galinha sem rabo*⁷⁷, mas que também ocorreu como identificação para *uma cabra sem chifres*. Como visto na análise da questão anterior, *suruca* traz outras acepções, mas nenhuma delas se aproxima do sentido utilizado pelos informantes.

6.5.2 Análise Geolinguística

Para atender aos critérios da análise geolinguística, observam-se todos os dados coletados nos documentos, visando elucidar as respostas mencionadas pelos informantes para *uma cabra sem chifres*. Inicialmente, busca-se compreender as ocorrências sob uma perspectiva diatópica para, na sequência, trazer à tona os aspectos em perspectiva social.

No levantamento feito para *uma cabra sem chifres* em atlas já publicados, além do *APFB* e *ALS*, incluem-se o *ALAP*, carta E19, que registra as formas *mocho* e *sem chifres*, e o *ALMS*, carta 0111, onde aparecem as formas *mocho*, *sem chifre*, *mochiado*, *tucura* e *landesa*, *banana*, *mochabo* e *sucura*. Também se considera o *ALERS*, que aborda na carta 080 o *animal de um só chifre*, e na carta 081, *chifre voltado para baixo*, registrando *mocho* em ambas.

A seguir analisam-se as cartas 132 do *APFB* e 133 do *ALS*, delineando os resultados da amostra. Nessas cartas, são registradas cinco lexias diferentes para nomear o animal: *mocha*, *mofina*, *muvo*, *suruca* e *toca*. Dentre elas, *mocha* é forma mais comum e predominante nos dois atlas. As demais, como *toca* e *suruca*, são ocorrências únicas,

⁷⁶Segundo Figueiredo ([1899] 1913, p. 1926) é (i) árvore verbenácea da Ásia (*tectona grandis*), árvore leguminosa do Brasil. Pop. Dinheiro. (Do malaiala tekka) e (ii) célula mãe. Urnário dos musgos. (Lat. *theca*).

⁷⁷Ver *uma galinha sem rabo*, conforme análise para questão anterior (6.3).

registradas somente entre os informantes do *APFB*, enquanto *muvo* e *mofina*, exclusivamente entre os informantes do *ALS*.

No total, somam-se 115 ocorrências, sendo 90 para o *APFB* e 25 para o *ALS*, conforme ilustrado na Tabela 37.

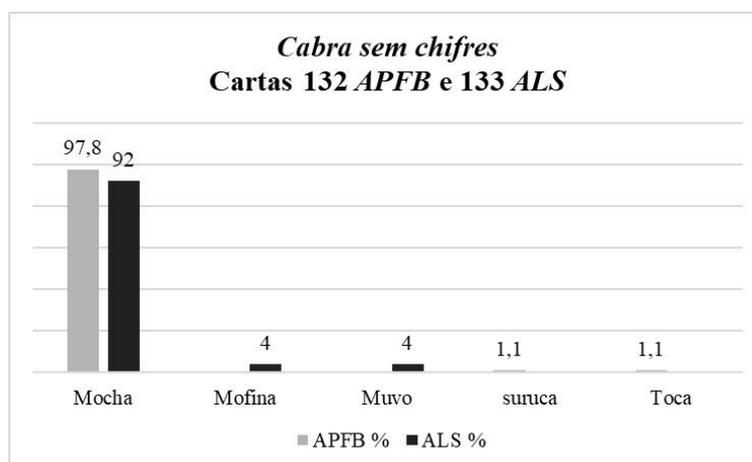
Tabela 37– Número de ocorrências /percentuais para *uma cabra sem chifres* no *APFB* e *ALS*

Ocorrências/ percentuais – cartas 132 <i>APFB</i> e 133 <i>ALS</i>						
Nomes	<i>APFB</i>		<i>ALS</i>		Total	
	No.	%	No.	%	No.	%
<i>Mocha</i>	88	97,8	23	92,0	111	96,4
<i>Mofina</i>	0	0,0	1	4,0	1	0,9
<i>Muvo</i>	0	0,0	1	4,0	1	0,9
<i>suruca</i>	1	1,1	0	0,0	1	0,9
<i>Toca</i>	1	1,1	0	0,0	1	0,9
Total	90	100	25	100	115	100

Fonte: Elaboração própria.

Como se pode observar, *mocha* é a lexia predominante nos atlas, em que se tem 96,4% percentuais, ou seja, é praticamente categórico em ambos. As demais ocorrências equivalem a 0,9%, e, juntas, 3,6% do total. Essa distribuição pode ser observada no Gráfico 21, em que são trazidos os dados apurados nas referidas cartas em valores percentuais.

Gráfico 21 – Percentuais para *uma cabra sem chifres* nas cartas 132 *APFB* e 133 *ALS*



Fonte: Elaboração própria.

No que diz respeito às respostas aproveitadas, observa-se um baixo número de ausências nos dois *corpora* analisados. No do *APFB* (carta 132), das 97 respostas, foram aproveitadas 90, o que resulta em um percentual de 92,8%. Já no *ALS* (Carta 133), das 30 respostas, foram consideradas válidas 25, resultando em um aproveitamento de 83,3%. No total geral, as 127 respostas esperadas, 115 foram aproveitadas, correspondendo a um

percentual total de 90,6%. Embora tenha havido 12 ausências — sete no *APFB* e cinco no *ALS* — esse número representa cerca de 9,4% do total de respostas. Vale destacar que essas ausências são distribuídas de forma pontual e não representam um impacto significativo na validade geral dos dados, o que reforça a eficácia da coleta e a familiaridade dos informantes com os termos propostos.

Esses dados apontam para um êxito considerável na aplicação dos questionários e na coleta de informações relacionadas à questão em estudo, conforme demonstrado na Tabela 38.

Tabela 38 – Respostas para *uma cabra sem chifres* nas cartas 132 *APFB* e 133 *ALS*

Cartas 132 <i>APFB</i> e 133 <i>ALS</i>			
Corpora	Aproveitadas		Total
	Nº	Percentual	
<i>APFB</i>	90	78,3%	97
<i>ALS</i>	25	21,7%	30
Total	115	100%	127

Fonte: Elaboração própria.

Outro ponto importante a ser destacado é a ausência de pontos de inquérito com abstenções totais, ou seja, locais onde nenhum informante tenha mencionado respostas. Essa ausência de abstenções totais reforça a robustez do processo de coleta, sugerindo que os informantes, em sua maioria, estavam familiarizados com o animal.

No *APFB*, as ausências parciais ocorreram em quatro pontos distintos: 5, 11, 24 e 33, nas localidades de Abrantes, Prado, Vitória da Conquista e Mato Grosso. Dentre as sete abstenções registradas, quatro concentraram-se no ponto 5.

De maneira semelhante, no *ALS*, foram observadas ausências parciais em quatro pontos: 56, 58, 59 e 63, nas localidades de Pedrinhas, Itaporanga D’Ajuda, Simão Dias, Divina Pastora e Nossa Senhora da Glória. Essas variações nas ausências podem sugerir aspectos sociais e dialetais que influenciaram nas respostas dos informantes, chamando atenção para Abrantes, onde se concentrou a maioria das abstenções no *APFB*.

Considerando que *mocha* teve registro em praticamente todas as localidades da Bahia, (excetuando-se apenas Vitória da Conquista), e em todos os pontos de Sergipe, não se pode delinear isoglossas para esses atlas. No entanto, há que se comentar os casos de ocorrência única destes documentos.

No *APFB* apuraram-se, como já mencionado, duas formas distintas, *toca* e *suruca*. A forma *toca* ocorreu juntamente com *mocha* no ponto 21, na localidade de Maracás; já no ponto 24, em Vitória da Conquista, registrou-se apenas *suruca*. Há que se considerar que *suruca*, embora tenha sido apurada apenas em uma localidade, também foi registrada em

Tanquinho durante a aplicação dos inquéritos experimentais, conforme descrito na nota da carta. Isso levanta questionamentos acerca da utilização da lexia por outros informantes em localidades além das investigadas.

Adicionalmente, os informantes escolheram, para nomear uma *cabra sem chifres*, a forma *moca* em três localidades distintas: (i) Rio Fundo, mesorregião Região Metropolitana de Salvador, microrregião Catu; (ii) Conceição do Coité, mesorregião Nordeste, microrregião Serrinha e (iii) Água Fria, mesorregião Centro-Oeste Baiano e microrregião de Feira de Santana. Essas localidades estão geograficamente próximas e permitem fazer um traçado, ainda que pequeno, entre elas.

Quanto à lexia *moca*, pode-se considerar que representa tanto uma variação fonética (como observado em *mocha* ~ *moca*, com palatalização da oclusiva) quanto de variação lexical. o contexto lexical, *mouco(a)* pode significar deformidade ou defeito, embora de maneira genérica. Conforme Houaiss (2001), *mouco* refere-se àquele que não ouve ou ouve muito pouco; *amouco*, quanto ao étimo, é descrito por Aulete (1970) como uma lexia brasileira, utilizada na Bahia com o sentido de “rês que não tem um chifre.” Os autores mencionam a origem obscura de tais termos, mas sugerem uma provável ligação com *mocho*, o que suscita reflexões sobre a motivação por trás das escolhas dos informantes.

No que diz respeito ao *ALS*, a forma *mocha* foi apurada em todos os pontos de inquérito, sendo para este atlas, categórico. Os dois casos de ocorrência única foram registrados junto com a lexia, tanto nos pontos 61, em Brejo Grande, onde se apurou também *mofina*, e 65, em Curalinho, com registro em conjunto com *muvo*.

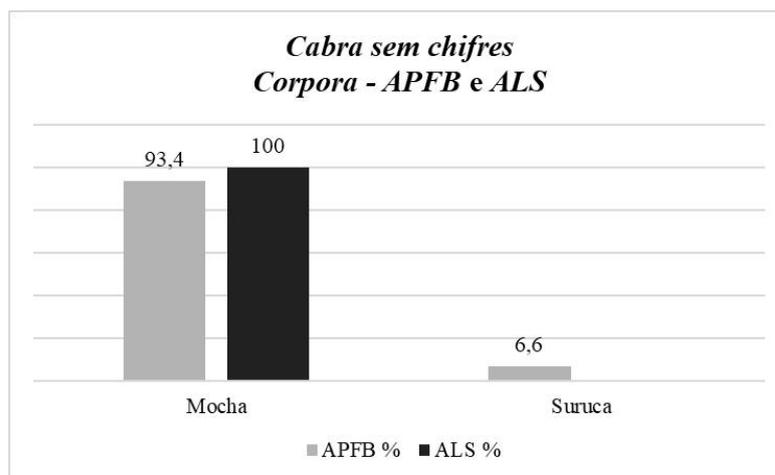
Após o levantamento para as cartas 132 do *APFB* e 133 do *ALS*, analisemos os dados nos *corpora* em relação à primeira sincronia. Observa-se que *mocha* está distribuída em oito dos nove pontos investigados, com um percentual de 35% no *APFB* e 100% no *ALS*, o que evidencia a ocorrência praticamente categórica da lexia na Bahia. A única exceção é a apuração de *suruca* em Vitória da Conquista, mencionada por apenas um informante.

Essas informações estão detalhadas na Tabela 39 e no Gráfico 22, a seguir.

Tabela 39 – Número de ocorrências / percentuais para *cabra sem chifres* nos *corpora*: *APFB* e *ALS*

<i>Corpora - APFB e ALS</i>						
Nomes	<i>APFB</i>		<i>ALS</i>		Conjunto <i>APFB/ALS</i>	
	No.	%	No.	%	No.	%
<i>Mocha</i>	14	93,3	4	100	18	94,7
<i>Suruca</i>	1	6,7	0	0	1	5,3
Total	15	100	4	100	19	100

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 22 – Percentuais para *uma cabra sem chifres* nos corpora para APFB e ALS

Fonte: Elaboração própria.

As duas lexias, em distribuição por localidade nos dados do APFB e ALS, podem ser melhor observadas na Tabela 40 em que se tem, em valores absolutos, as ocorrências por ponto de inquérito.

Tabela 40 – Síntese da distribuição dos nomes para *uma cabra sem chifres*, de acordo com as localidades no APFB e ALS

	APFB - BAHIA									ALS - SERGIPE	
	42	35	45	29	27	13	44	9	24	62	53
Pontos de inquérito	Barra	Caetitê	Carinhanha	Itaberaba	Jacobina	Jeremoabo	Santana	Sta. Cruz Cabrália	V. da Conquista	Propriá	Estância
Mocha	2	2	1	2	2	2	1	2		2	2
Suruca									1		
Total	2	2	1	2	1	2	1	2	1	2	2

Fonte: Elaboração própria.

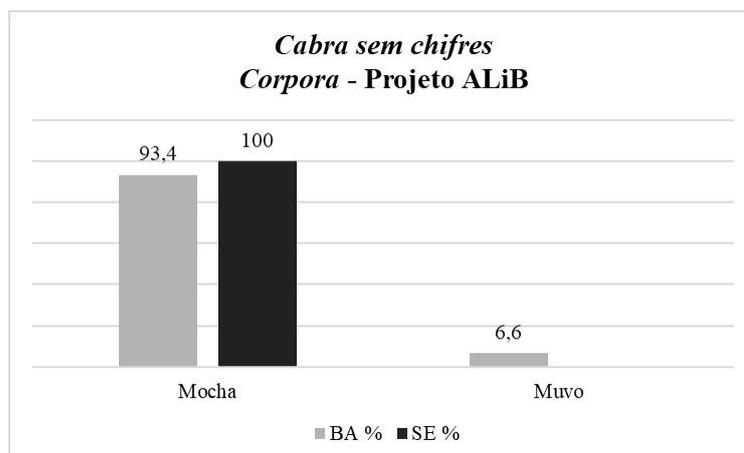
Por seu turno, quanto ao que efetivamente pode ser apurado para a questão, observa-se que *mocha* é categórico nas localidades da Bahia, somando 95,2% percentuais nos dados do Projeto ALiB, enquanto em Sergipe essa lexia aparece com 66,6%. Por outro lado, *muvo* teve apenas uma ocorrência apenas em Sergipe, representando 4,8% do total, conforme evidenciado na Tabela 41 e Gráfico 23.

Tabela 41 – Número de ocorrências / percentuais para *cabra sem chifres*: Projeto ALiB para Bahia e Sergipe

Corpora – Projeto ALiB						
Nomes	BA		SE		Total	
	No.	%	No.	%	No.	%
Mocha	18	100	2	66,6	20	95,2
Muvo	0	0	1	33,4	1	4,8
Total	18	100	3	100	21	100

Fonte: Elaboração própria.

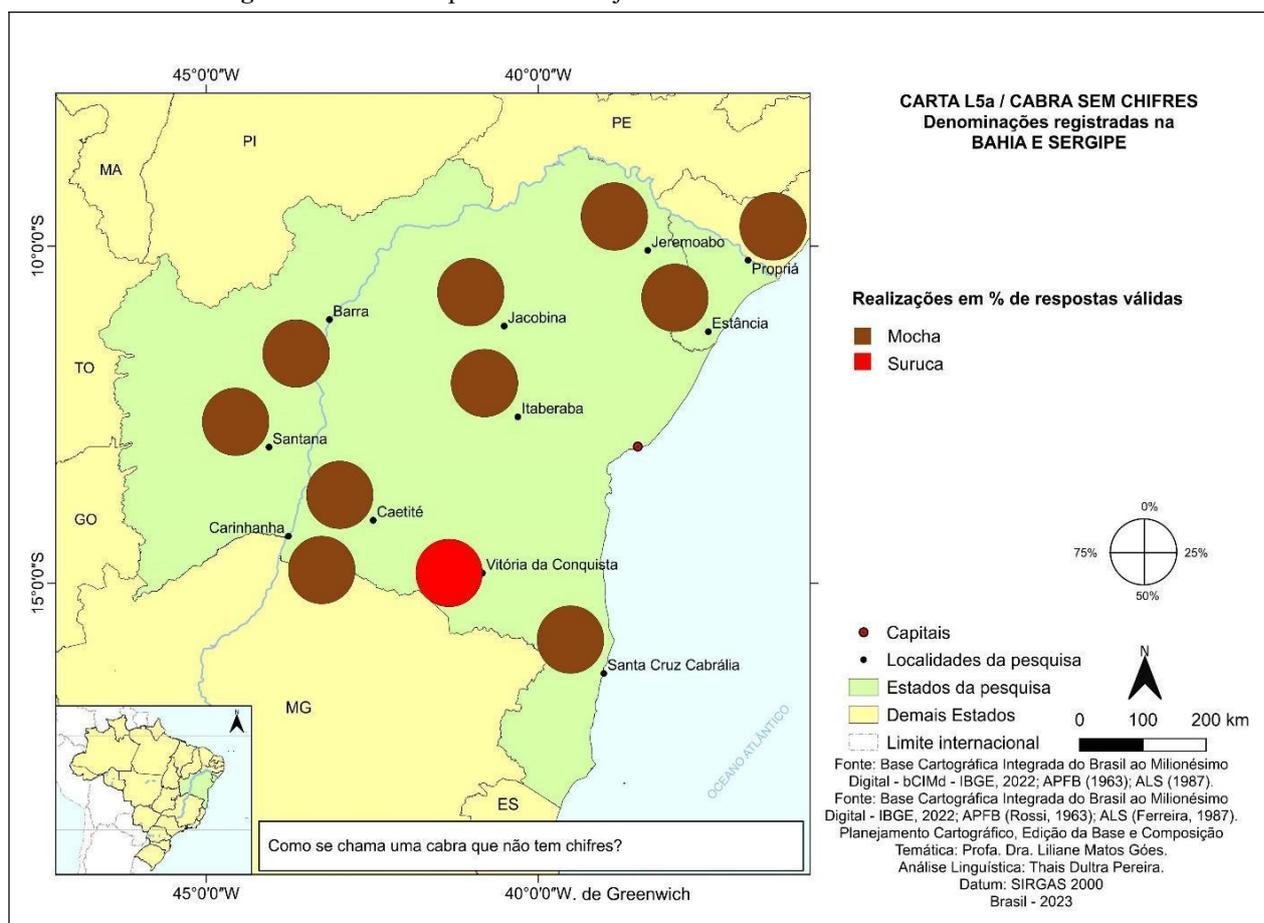
Gráfico 23 – Percentuais para *uma cabra sem chifres* nos corpora: Projeto ALiB para Bahia e Sergipe



Fonte: Elaboração própria.

Em síntese, é possível ver essa distribuição na Carta Experimental L5a.

Figura 39 – Carta Experimental Conjunta APFB/ALS: L5a – Cabra sem chifres



Fonte: Góes (2023), com análise linguística da autora, a partir dos dados do APFB (Rossi, 1963) e ALS (Ferreira et al., 1987).

No que diz respeito ao Projeto ALiB para Bahia e Sergipe, *mocha* também tem ampla distribuição, tendo sido apurada em sete dos nove pontos de inquérito selecionados na Bahia,

sem registros apenas em Barra e Itaberaba. Em Sergipe, *mocha* ocorreu nos dois pontos de inquérito, sendo que, em Propriá, apurou-se, ainda, *muvo*, ocorrência única para a amostra.

Essa lexia chama atenção por ter sido mencionada por um informante de Sergipe, em Curalinho, no ponto 65, entre os informantes do *ALS*. Embora tenha ocorrido uma vez em cada documento, em localidades distintas, e em momentos também distintos no tempo, há mais a ser investigado acerca desta forma lexical, que pode ter motivações na sócio-história do Estado. Na Tabela 42 é possível ver, em valores absolutos, em quais localidades concernentes aos dados do Projeto ALiB as lexias foram apuradas.

Tabela 42 – Síntese da distribuição dos nomes para *uma cabra sem chifres* nas localidades do Projeto ALiB para Bahia e Sergipe

Pontos de inquérito	ALiB - BAHIA									ALiB - SERGIPE	
	84	95	97	90	86	82	92	101	98	78	80
Nomes	Barra	Caetitê	Carinhanha	Itaberaba	Jacobina	Jeremoabo	Santana	Sta. Cruz Cabrália	V. da Conquista	Propriá	Estância
<i>Mocha</i>	3	2	3		4	1	3	1	1	1	1
<i>Muvo</i>										1	
Total	3	2	3	0	4	1	3	1	1	2	1

Fonte: Elaboração própria.

Em continuidade à análise, observam-se três denominações diferentes para *uma cabra sem chifres* nos três documentos da amostra: *mocha*, *muvo* e *suruca*, que, juntas, contabilizam 40 ocorrências no total. Assim como nas cartas, *mocha* se mantém como a forma predominante entre os informantes, sendo mencionada por 38 deles, o que corresponde a 95% do total, com ampla distribuição entre os dados registrados nos três corpora e em praticamente todos os pontos de inquérito.

As outras duas lexias, *muvo* e *suruca*, representam os 5% restantes e apareceram como ocorrências únicas, embora tenham sido citadas em localidades distintas, como será discutido adiante. Na Tabela 43, apresenta-se uma visualização do número de ocorrências para cada lexia nos *corpora*, bem como seus respectivos percentuais.

Tabela 43 – Síntese das ocorrências e percentuais totais, por lexia, nos três *corpora*

Ocorrências/ percentuais por lexia APFB, ALS e Projeto ALiB para BA e SE		
Nomes	Total	
	No.	%
<i>Mocha</i>	38	95
<i>Muvo</i>	1	2,5
<i>Suruca</i>	1	2,5
Total	40	100

Fonte: Elaboração própria.

No que diz respeito ao aproveitamento das respostas, observou-se que, nos atlas mais antigos, com coleta de dados na década de 1960 – *APFB* e *ALS*, as abstenções foram quase nulas entre os informantes da amostra. Apenas uma resposta não foi apurada na Bahia, especificamente no ponto 24, em Vitória da Conquista, já comentado anteriormente na análise da carta. Em relação ao *ALS*, não se registraram abstenções, como pode ser observado na Tabela 44.

Tabela 44 – Respostas para *como se chama uma cabra sem chifres* nos três corpora

<i>APFB, ALS e Projeto ALiB para BA e SE</i>			
<i>Corpora</i>	Aproveitadas		Total
	Nº	Percentual	
<i>APFB</i>	15	37,5%	16
<i>ALS</i>	4	10%	4
Projeto ALiB - BA	18	45%	36
Projeto ALiB - SE	3	7,5%	8
Total	40	100%	64

Fonte: Elaboração própria.

Em contrapartida, como se pode ver, entre os informantes do Projeto ALiB (segunda sincronia), esse êxito não se confirmou. Para a Bahia, quase metade não respondeu à questão: dos 36 informantes, registraram-se 18 ausências, o representa cerca de 50% de aproveitamento das respostas. Estes dados sugerem que, ou a pergunta não foi bem formulada, ou os informantes desconhecem o animal na condição descrita.

É importante registrar que o Projeto ALiB, em relação à metodologia, apesar de não ser mais rural e ter abandonado o perfil HARAS, apresentou, no entanto, semelhanças em relação às dificuldades encontradas nos instrumentos de inquérito anteriores nos atlas aqui investigados. Isso sugere que os problemas persistiram, mesmo com a mudança no perfil dos informantes. Ao menos é o que apontam os dados.

Como se pode ver, para a Bahia, em específico, houve ausências em sete dos nove pontos de inquérito, sendo que, em Itaberaba, nenhum informante respondeu à pergunta. Barra e Jacobina são as únicas localidades em que se teve aproveitamento entre os oito sujeitos inquiridos. Em Sergipe, as ausências parciais ocorreram nos dois pontos de inquérito selecionados da amostra: em Estância, apenas dois dos quatro informantes reconhecem o animal, e em Propriá, apenas um respondeu à pergunta.

Há casos em que se vê possíveis explicações para as ausências, seja por desconhecimento do informante, seja por problemas na aplicação do questionário, mesmo nos casos em que não se obtiveram informações acerca de determinado animal ou característica

relacionada. É o caso das respostas em que se os informantes utilizaram de parte da pergunta para descrever o animal.

Em Jeremoabo, como se pode ver no Exemplo 39, se apurou, na fala de um rapaz mais jovem, tanto para o boi como a cabra, tal descrição:

Exemplo 39:

INQ.- Você já viu boi sem isso aqui? Sem chifre?

INF.- [...] Já, já vi boi sem isso.

INQ.- E o próprio animal sem chifre, como é que você chama?

INF.- *Ele é lisinho, oia, ele não tem chifre não.* Eu acho que eu chamaria assim, né?

INQ.- E a cabra que não tem chifres?

INF.- Tá lisinha. Ih, *essa cabra tá sem chifre.* (082, Jeremoabo-BA, homem, faixa I, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB.

Na mesma localidade, surge um caso semelhante, narrado por uma mulher mais jovem (Exemplo 40). Percebe-se o desconhecimento tanto em relação à cabra quanto ao boi, mesmo diante da tentativa do inquiridor de otimizar a investigação. Essa situação reforça a distância do Projeto ALiB em relação a um perfil cada vez menos rural, mesmo quando a informante é proveniente de uma localidade do interior.

Exemplo 40:

INF.- Quando nasce, né? Ou não? Eu num sei, eu não sei lhe expricar, porque eu não entendo dessas coisas, né?

INQ.- Eu também não entendo não.

INF.- Aí eu não sei.

INQ.- Eu também não entendo não. Mas, eu pergunto assim, se você visse, como é que você diria? Assim: “eu vi uma cabra sem chifre” ou “eu vi uma cabra”? Alguma coisa.

INF.- Eu digo assim, eu vi uma *cabra sem chifre.*

INQ.- Só assim?

INF.- Só.

INQ.- E o boi também?

INF.- Boi, é. (082, Jeremoabo-BA, mulher, faixa I, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

Em Estância, como se observa no Exemplo 41, ocorreu caso semelhante, em que um informante mais velho, embora admita, para um boi sem chifres, as formas *boi sem ponta*, *boi suruco* e *boi banana*, não os reconheceu como possibilidade de nomeação para uma cabra.

Exemplo 41:

INQ.- Como se chama um boi sem chifres?

INF.- A gente chama aqui *boi sem ponta*, *boi suruco*, *boi banana*, chama também. (080, Estância-SE, homem, faixa II, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para Sergipe.

A última transcrição (Exemplo 42) se refere a respostas dadas em sequência para as QSL 77, 78 e 79, também em Estância. Para a primeira, a respeito de *o que o boi tem na*

cabeça, a informante mais jovem utilizou a forma *pontas*. Porém, para as questões seguintes – como se chamam um boi e uma cabra sem chifres, apresentou, apenas, em descrição, a ausência das pontas, o que demonstra desconhecimento acerca de como nomear tal condição nestes animais.

Exemplo 42:

INQ.- O que o boi tem na cabeça?

INF.- *As pontas*.

INQ.- Como se chama um boi sem pontas?

INF. - *Boi sem pontas*.

INQ.- E a cabra que não tem pontas?

INF. - A mesma coisa, *cabra sem pontas*. (080, Estância-SE, mulher, faixa I, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para Sergipe.

No que diz respeito à escolha dos informantes, esta pode ser melhor compreendida ao se observar suas falas, registradas durante a recolha dos dados, que explicitam as denominações dentro de um contexto. É possível que a informação surja relacionada à outra questão, seja anterior ou posterior.

Nesse sentido, em relação ao que esses informantes trouxeram, apresentam-se alguns exemplos de como as lexias estão contextualizadas de diferentes maneiras. Um exemplo é a lexia *mocho*, forma recorrente e amplamente utilizada nas duas sincronias, embora, entre os dados do Projeto ALiB, tenha sido constatada certa dificuldade em nomear e/ou descrever o animal. Observa-se que a resposta para a QSL 79 muitas vezes pode ter sido motivada pela questão anterior.

Na fala do informante mais jovem, de Barra (Exemplo 43), tem-se, primeiro, *mocho*, em resposta à QSL 78, *como se chama um boi sem chifre* e, na sequência, para uma cabra na mesma condição, o sujeito traz resposta semelhante.

Exemplo 43:

INQ. - Como é que se chama um boi sem chifre?

INF. - *Mocho*.

INQ. - E uma cabra que não tem chifres?

INF. - Acho que chama ela de *mocho* também.

INQ. - *Mocho*, né?

INF. - Uma *cabra mocha*. (084, Barra-BA, homem, faixa I, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

O mesmo se pode constatar na fala de uma mulher, mais velha, de Caetité (Exemplo 44), que mencionou, para as QSL 78 e 79, a respeito da ausência dos chifres, os adjetivos *mocho* e *mocha*, respectivamente.

Exemplo 44:

INQ. - Como é que se chama um boi sem chifre?

INF. - É o *boi mocho*.

INQ. - E a cabra sem chifres?

INF. - se não tivé chifre, é a *cabra mocha*. (096, Caetité-BA, mulher, faixa II, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

Em Jeremoabo, um informante masculino, mais velho (Exemplo 45), também em resposta à QSL 78, utiliza *mocho*, reconhecendo, inclusive, a diferença entre a ausência de chifres como uma condição natural (de nascença) e como resultado da retirada (emochar).

Exemplo 45:

INQ.-Você já viu boi sem chifre?

INF.- Já.

INQ.- E como é que chama?

INF.- *Mocho* de nascença, e é *emochar* também.

INQ.- E a cabra sem chifres?

INF.- Chama *cabra mocha* também. (082, Jeremoabo-BA, homem, faixa II, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

Quanto ao caso de única ocorrência, apurado em Sergipe, na localidade de Propriá, ilustrado no Exemplo 46, tem-se, especificamente, a forma *mavu*, utilizada tanto para nomear o boi como a cabra sem chifres, descrita na fala a informante mulher, mais velha, como um *boi que não tem ponta*:

Exemplo 46:

INQ.- Como se chama um boi que não tem chifres?

INF.- *Mavu*. Chama *mavu*. O boi é *mavu*, não tem ponta.

INQ.- É um tipo de boi, um tipo de raça, como é?

INF.- Que é difícil, ele num... tem por aqui. É boi *mavu*.

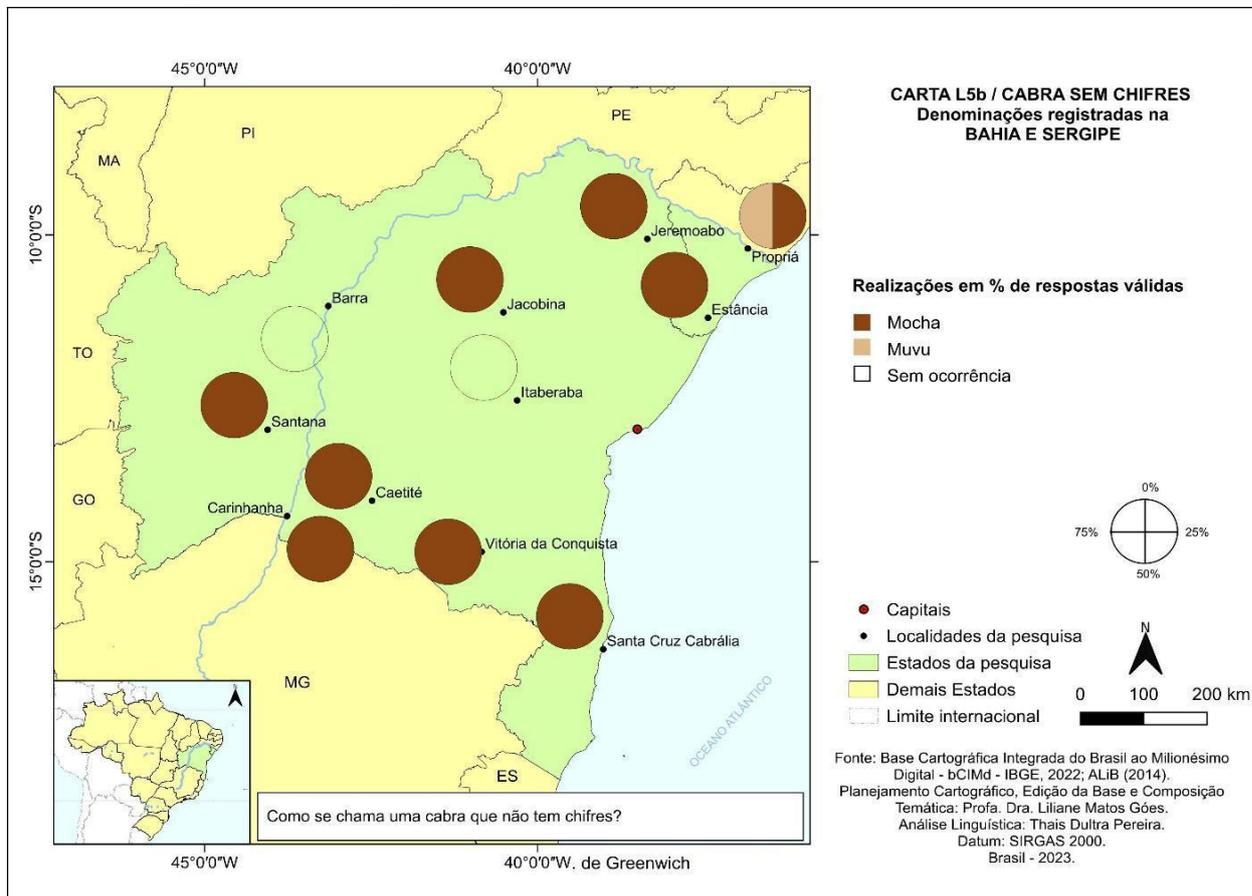
INQ.- E a cabra que não tem chifre?

INF.- Dá o mesmo nome, *mavu*. (078, Propriá-SE, mulher, faixa II, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para Sergipe.

A Carta Experimental L5b ilustra a distribuição das ocorrências, por localidades, nos dados do Projeto ALiB para Bahia e Sergipe.

Figura 40 – Carta Experimental BA e SE com dados do ALiB: L5b – Cabra sem chifres



Fonte: Góes (2023), com análise linguística da autora, a partir dos dados inéditos do Projeto ALiB.

Como se pode ver, nos dados do Projeto ALiB, *mocha* é item categórico, com ocorrência em praticamente todos os pontos de inquérito e *muvo* é o item lexical que reaparece em Sergipe, entre os sujeitos da amostra.

6.6 QSL 84 – COMO SE CHAMA UM BICHINHO QUE SE GRUDA NAS PERNAS DAS PESSOAS QUANDO ELAS ENTRAM NUM CÓRREGO OU BANHADO?

Sanguessugas são organismos vivos com dez estômagos, 32 cérebros, nove pares de testículos e uma mandíbula com três filas de cem dentes cada uma, que se alojam sobre a pele e/ou cavidades de outros animais para sugar-lhes o sangue, de acordo com a BBC News Brasil (2016). Do filo dos anelídeos, estão inseridas junto aos invertebrados vermiformes segmentados, por terem o corpo formado por anéis, como os vermes e as oligoquetas

(minhocas). Fazem parte da classe hirudínea, também conhecidas como aquetas (sem cerdas), justamente por se alimentarem basicamente de sangue – são hematófagas ou ectoparasitas.

Entre os hirudíneos – categoria zoológica que inclui mais de 15.000 espécies de vermes segmentados – há cerca de 680 espécies de anelídeos marinhos, de água doce e/ou terrestres, tendo, na América do Sul, de acordo com Iwama (2017), pelo menos 139 registros de espécies de sanguessugas. Estas são consideradas como um animal invertebrado dos mais especializados, embora possua algumas características comuns às oligoquetas.

Nesse sentido, Ruppert e Barnes (1996) destacam algumas das similitudes, tais como não possuírem parapódios (segmentos de expansão laterais, ou simplesmente “cerdas” fixadoras) e apêndices de cabeça; serem, também, hermafroditas; desenvolverem-se diretamente de casulos secretados por clitelo⁷⁸ (órgão responsável pela reprodução); e serem, em sua maioria, animais de água doce, com algumas inserções na terra e também no mar, desde que seja em ambiente úmido.

No entanto, trazem aspectos que as distinguem. Quanto à anatomia, como descrito por Iwama (2017), apresentam corpo achatado dorsoventralmente, que vai se afinando na parte anterior; possui ventosas nas extremidades – de um lado, tem-se a ventosa posterior (menor, em forma de disco) e, do outro, a ventosa anterior (maior), circundando a boca, onde se localiza o clitelo. Possui de 32 a 34 segmentos metaméricos (anéis) no seu corpo, em que cinco deles estão escondidos na ventosa anterior, e cinco, na posterior. Quanto ao clitelo, por onde é secretado o muco, este não é evidente, exceto em períodos reprodutivos.

De acordo com Ruppert e Barnes (1996), embora muitas sanguessugas sejam predadoras, apenas cerca de três quartos das espécies são, de fato, ectoparasitas hematófagas. Para os autores, a diferença entre a predação para o parasitismo está justamente no tamanho. De maneira geral, as sanguessugas medem de dois a cinco centímetros, entretanto, algumas espécies, como a *Hirudo medicinalis* podem chegar a até doze centímetros. Há registros, inclusive, de uma espécie considerada gigante, de 30 centímetros, que chegam até 50 centímetros: a *Haementeria ghiliani*.

Para Ruppert e Barnes (1996), os hirudíneos estão categorizados em três subclasses: Branchiobdellida, presentes nos lagostins, Acanthobdellida, muito parecidos com as oligoquetas e Euhirudinea, em que se inserem a maioria das sanguessugas. Quanto às ordens,

⁷⁸ Região de tecido glandular existente em alguns grupos de anelídeos, sendo especialmente importante para a reprodução. Conforme Houaiss (2001), consiste em espécie de dilatação glandular do corpo dos oligoquetas, responsável pela produção de muco para a cópula e pela secreção da parede do casulo.

os que estão inseridos na terceira subclasse se subdividem em Rynchobdellida e Arynchobdellida.

Segundo Iwama (2017), as primeiras têm vasos sanguíneos, e incluem as parasitas de tartarugas e de peixes marinhos, e as de água doce, que se alimentam de hospedeiros vertebrados e invertebrados de probóscide eversível⁷⁹ ou faringe protraível. Já as segundas não têm vasos sanguíneos nem faringe eversível, de modo que é através das mandíbulas que estas irão sugar o sangue ou ingerir as presas.

Outra característica importante da sanguessuga consiste em, durante a alimentação, em que a ventosa anterior se prende à superfície do hospedeiro (ou presa), há produção, nas glândulas salivares, de um anticoagulante denominado hirudina, que tem propriedade vasodilatadora, além de ser um anestésico local, de modo que evita que a presa perceba sua presença. Daí terem sido muito adotadas para fins medicinais – a chamada hirudoterapia, ou *Jalaukavacharana*⁸⁰ no sânscrito da Medicina Ayurvédica.

Trata-se de uma técnica bastante utilizada em tempos mais remotos, desde a época do antigo Egito, e que persiste até a atualidade, ainda que em menor proporção, para tratar de dores de cabeça a estrangulamento, incluindo sua adoção para fins cirúrgicos. Segundo Mattos (2018), o registro mais antigo de uso medicinal da sanguessuga teria sido a pelo menos 1.500 a.C., ao terem sido encontradas em uma tumba egípcia.

Severo e outros (2007) mencionam que o primeiro médico a utilizar sanguessugas com fins terapêuticos teria sido, provavelmente, Nicander de Calofon (200-130 a.C). Os profissionais desse período acreditavam que tais invertebrados poderiam curar ou auxiliar na cura de muitas enfermidades, chegando a ser considerada uma espécie de panaceia para todos os males, o que tinha um certo fundamento, dadas as suas propriedades curativas empíricas.

Até o século XIX, profissionais da saúde tinham como base a Teoria Humoral ou Patologia Humoral, que, segundo Vieira e Caverni (2015), era o paradigma que justificava condutas terapêuticas por meio das sangrias. Nesse paradigma, que norteava a medicina antiga e a medieval, a saúde do indivíduo era norteadada pela busca do equilíbrio de quatro

⁷⁹ Probóscide, segundo Houaiss (2001), consiste num apêndice alongado que se localiza na cabeça de algumas espécies de animais. Está presente em alguns dos invertebrados, como anelídeos, além de algumas espécies de vertebrados mamíferos, como o elefante, por exemplo, em que se observa a função preênsil. No caso dos anelídeos, se trata de um órgão protraível alimentar (que pode se alongar para a frente).

⁸⁰ Prática medicinal datada de mais de 3.500 anos na história da humanidade e que detém registros bem descritos nos Papiros de Erbers do Egito antigo e mesmo nos escritos hindus da *Sushruta Samhita*. Para maiores informações, ver: <<https://pt.quora.com/As-sanguessugas-eram-realmente-eficientes-para-tratamentos-m%C3%A9dicos>>. Acesso em: mar. 2023.

“humores⁸¹” básicos: sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra, sendo que se acreditava ser o sangue o humor sobressalente, devendo este ser retirado para garantir o restabelecimento do equilíbrio interno. Tais práticas foram transmitidas para os médicos gregos e romanos, permanecendo durante a Idade Média e tornando-se o padrão para a prática de cirurgias barbeiros.

Dessa forma, nos dizeres de Vieira e Caverni (2015, p. 2):

Cada humor, em excesso ou em escassez, era associado às características pessoais e estas, por sua vez, com algumas condições patológicas. Nessa concepção, o desequilíbrio de um humor específico poderia ser corrigido a partir da manipulação dos demais humores, o que supostamente levaria ao equilíbrio humoral e ao restabelecimento da saúde.

Dentre as sanguessugas medicinais, a espécie europeia, *Hirudo medicinalis*⁸², é a mais famosa e utilizada para fins terapêuticos há mais de 2.500 anos. Conforme dados publicados na BBC News Brasil (2016), era muito comum se fazer uso das sanguessugas para realizar sangrias em países como Roma, Grécia e Síria, pois se acreditava que estas podiam curar desde dores locais e processos inflamatórios até obesidade, gota, tumores, distúrbios mentais, nefrite etc.

Na Grécia antiga, por exemplo, antes da Escola Hipocrática, a medicina se pautava na crença de que as doenças eram atribuídas a poderes sobrenaturais, e que era possível retirar espíritos malignos do corpo junto com a extração do sangue.

Figura 41 – Sanguessuga *Hirudo medicinalis*



⁸¹ Os humores se pautavam na “terceira coisa natural” galênica: trata-se da Teoria Humoral, que versa sobre o estado de saúde e doença em épocas de medicina medieval. Para Hipócrates, médico grego do século V a.C., esses humores eram responsáveis pela saúde, desde que estivessem balanceados e harmônicos (perfeitamente misturados). Por outro lado, caso houvesse qualquer alteração na quantidade ou proporção de um deles, ou até mesmo se um se isolasse, as doenças se manifestariam. Para maiores detalhes acerca do galenismo, ver estudos de Fagundes (2011).

⁸² Quanto às sanguessugas usadas para fins medicinais, Severo e outros (2007) listam, além da *Hirudo medicinalis*, as espécies: *Haementeria troctina*, comum na África do Norte; *Haementeria nipponia*, no Japão; *Haementeria quinquestriata*, na Austrália; *Poecilobdella granulosa*, *Hirudina javanica* e *Hirudina manillensis*, no sudeste da Ásia; *Haementeria officinalis*, no México; *Macrobdella decora*, nos Estados Unidos; *Limnatis nilótica*, no Egito, Israel e Líbano; e *Haementeria amazona* na Amazônia.

Fonte: BBC News Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-37084888>>. Acesso em: mar. 2023.

Na atualidade, as sangrias seguem sendo usadas, sobretudo por não causar efeitos colaterais, como se vê no uso de medicamentos alopáticos. No caso das sanguessugas, ao absorverem o sangue do hospedeiro, estas secretam peptídeos e proteínas que atuam na prevenção de coágulos sanguíneos; estimulam o corpo a renovar a produção de hemoglobina, o que leva à remoção de toxinas do sangue; e, ao liberarem hirudina, promovem oxigenação sanguínea, por conta das propriedades anticoagulantes, que mantêm o sangue fluindo para as feridas, ajudando-as a cicatrizar.

Segundo Mattos (2018), nos últimos anos, tanto nos EUA como na Europa, a hirudoterapia vem se tornando cada vez mais viável para pessoas com doenças vasculares e/ou no pós-operatório de membros reimplantados, ao ajudarem no restabelecimento da circulação sanguínea entre os tecidos.

Em 2004, a *Food and Drug Administration*⁸³ (FDA) deu ao *Hirudo medicinalis* um *status* de dispositivo médico comercializável. No entanto, este deve ser empregado apenas para uso único (como uma seringa descartável) de modo que todas as sanguessugas adotadas em ambientes hospitalares devem ser exterminadas, não podendo ser reutilizadas.

Em seu artigo, Mattos (2018) traz dados sobre a *Biopharm Leech* – laboratório europeu, em Swansea, País de Gales, que cria dezenas de milhares de sanguessugas para fins medicinais para uso em hospitais em várias partes do mundo – e sobre o seu fundador, Roy Sawyer, zoólogo americano. Sawyer acredita ser a sanguessuga medicinal uma “farmácia viva”, pois, para ele, o anelídeo é mais do que uma “arca do tesouro medicinal”, já que sua mordida, em forma tripartida, pode ser, ao mesmo tempo, eficiente e muito menos prejudicial do que uma incisão de um bisturi, que pode lesar o tecido circundante.

Figura 42 – Sanguessuga em uso medicinal

⁸³Administração de Alimentos e Medicamentos (tradução da autora) é uma agência reguladora ligada ao departamento de saúde do governo norte-americano.

A respeito dos usos e comercialização de sanguessugas para fins medicinais, Severo e outros (2007) mencionam que houve a sanção de uma lei provisória, em que se permitiu o uso instrumental médico para tratamento de insuficiências venosas, nos EUA, em 1976, porém, a aprovação pela FDA só ocorreu, de fato, em 2004.



Fonte: Wikimedia. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sucking_leech.jpg>. Acesso em: mar. 2023>.

Como se pode ver, esses anelídeos estão em demanda em todo o mundo, não havendo, até hoje, ferramenta tão eficaz, com tamanha capacidade de evitar que o sangue se acumule nas regiões tratadas, reduzindo pressão sobre veias e formando novas conexões sanguíneas, como apontam os estudos.

A respeito das sanguessugas encontradas no Brasil, Ricci-Silva (2004), em sua tese de doutorado intitulada *Análise proteômica do complexo salivar da sanguessuga Haementeria depressa*, destaca especialmente as do gênero *Haementeria*, ordem Rhyncobdellida, como sendo, inclusive, espécies que possuem como característica anatômica um probóscide no aparelho bucal, utilizado para introduzir no poro do hospedeiro, como descrito por Ruppert e Barnes (1996).

Entre as mais comuns, a autora aponta a *Haementeria depressa*, identificada na Região Sul, que parasita bovinos e equinos; *Haementeria ghilianii*, já mencionada, encontrada no Norte do Brasil e na Guiana Francesa, que utiliza como presa, além dos mamíferos, também répteis; e a *Haementeria officinalis*, comum na América do Sul.

Trazendo as sanguessugas para o cenário brasileiro, pode-se constatar seu uso, também para fins medicinais, desde o século XIX até início do século XX, como apontam os estudos de Santos (2018), em que se tem uma perspectiva histórica do uso da homeopatia e da medicina alternativa no Estado da Paraíba.

Há registros, inclusive, da utilização de sangrias e sanguessugas entre 1900 e 1920, respaldadas por médicos e também por cirurgiões barbeiros, como forma de devolver o equilíbrio dos humores corporais, de modo a repelir as enfermidades do corpo físico. Segundo o autor, os paraibanos recorriam à técnica pelo menos uma vez por ano, fosse para procedimentos de cura ou para prevenção de males diversos.

No entanto, práticas que envolviam a medicina não convencional foram sendo substituídas pela institucionalização do saber científico, que passava a ser atribuído apenas aos médicos. Como aponta Santos (2018), houve, até mesmo, um movimento de deslegitimação de toda e qualquer atividade que não passasse pelo crivo dos médicos, o que inviabilizou não só o uso das sanguessugas, mas de terapias populares desenvolvidas por curandeiros, comuns à época, em distintas classes sociais. Estes profissionais, antes validados socialmente, passaram a ser vistos como concorrentes, sendo, muitas vezes, perseguidos e criminalizados.

Há, também, registros de uso medicinal das sanguessugas no Brasil no início do século XX, em artigo apresentado por Vieira e Caverni (2015), em que discutem as atribuições técnicas da enfermagem em sangrias por flebotomia, ventosas sarjadas e sanguessugas. Nesse estudo, os autores apresentam duas obras em que se têm o registro da sangria com utilização dos organismos vivos: um livro publicado em 1916, do médico Getúlio Santos, no Rio de Janeiro, e outro de 1939, do médico Adolpho Possolo, editado em São Paulo e Rio de Janeiro.

De maneira geral, o que se constata nestas obras, segundo Vieira e Caverni (2015, p. 45), são registros da época, em que se têm orientações de como realizar os procedimentos envolvendo sanguessugas. A prática era rotineira entre as enfermeiras, e considerada “simples e eficiente”, sobretudo por serem “ventosas sarjadas naturais”. Estas deveriam ser utilizadas sempre sob prescrição dos médicos, que por sua vez determinavam a quantidade a ser empregada, de acordo com a demanda do paciente. Constatou-se, também, que o uso de sanguessugas nem sempre era a melhor opção, por conta da escassez de espécies trazidas da Europa.

No final do século XIX, porém, tem-se o declínio das sangrias, com consequente desuso das sanguessugas, primeiramente por conta do advento de novas abordagens, em substituição ao Paradigma Humoral. No Brasil, embora se tenha conhecimento de pesquisas com sanguessugas nas universidades, em caráter experimental, como é o caso da pesquisa de Severo e outros (2007)⁸⁴ e de Ricci-Silva (2004), não foram encontrados registros de uso em humanos em terras brasileiras na atualidade.

6.6.1 Análise Semântico-Lexical

⁸⁴ Os autores pesquisam a eficácia do uso de sanguessugas da espécie *Hirudo medicinalis* no tratamento da insuficiência venosa em retalhos epigástricos de ratos. Para mais detalhes, ver: <<http://www.rbo.org.br/detalhes/1124/pt-BR/-hirudo-medicinalis---sanguessuga---eficacia-do-seu-uso-no-tratamento-da-insuficiencia-venosa-em-retalhos-epigastricos-de-ratos>>. Acesso em: mar. 2023.

Em resposta à pergunta *como se chama o bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado*, os informantes mencionaram, no total, três itens lexicais para nomear o organismo: *sanguessuga*, *chupão* e *mazá*. Das ocorrências, o que se pode constatar é que *sanguessuga* ocorreu em todas as localidades pesquisadas, sendo a forma, obviamente, mais conhecida entre os informantes.

No entanto, há que se reconhecer que, enquanto forma considerada padrão, foi uma das menos apuradas, visto que se registram ao menos oito variações fonéticas, comentadas mais adiante. As outras formas também foram encontradas nos dicionários, mas não em todas as obras, e nem sempre com a mesma aceção mencionada pelos informantes.

Nos dicionários de usos gerais da língua investigados, para a QSL 84, *sanguessuga* segue registrada com o mesmo sentido nas seis obras consultadas, ao passo que *chupão*, em todas, é uma extensão de sentido, tanto nas obras mais antigas como nas contemporâneas. *Mazá*, embora registre dicionarização nas edições mais atuais, apenas em Aulete (1970) se vê a mesma aceção mencionada pelos informantes. Para os demais autores, o que se tem são outras aceções. No Quadro 37 é possível visualizar um resumo do que se constatou nestes dicionários.

Quadro 37 – Síntese das denominações para *um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado*, conforme dicionários de usos gerais da língua portuguesa

DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA						
Itens lexicais	CLÁSSICOS			CONTEMPORÂNEOS		
	Bluteau (1712-1728)	Silva Pinto (1832)	Silva (1789; 1813; 1949)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Aulete (1970)
<i>Chupão</i>	±	±	±	±	±	±
<i>Mazá</i>	∅	∅	∅	≠	≠	=
<i>Sanguessuga</i>	=	=	=	=	=	=

Fonte: Elaboração própria.

Legenda: (=) mesma aceção; (±) extensão de sentido; (≠) outra aceção; (∅) não dicionarizado.

Nos dicionários especializados, exceto para *sanguessuga*, há pouca descrição condizente com o universo dos informantes: nos dicionários etimológicos e de sinônimos, *chupão* está registrada como extensão de sentido, e *mazá* foi identificada como um africanismo, como se pode ver no Quadro 38.

Quadro 38 – Síntese das denominações para *bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado*, conforme dicionários especializados

DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS

Itens lexicais	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	AFRICANISMOS		
	Cunha ([1982] 2010)	Nascentes (1955)	Nascentes (1966)	Nascentes ([1957] 2011)	Lopes ([1996] 2003)	Lopes ([2004] 2011)	Castro (2022)
<i>Chupão</i>	±	±	±	±	∅	∅	∅
<i>Mazá</i>	∅	∅	∅	∅	=	≠	=
<i>Sanguessuga</i>	=	=	=	=	∅	∅	=

Fonte: Elaboração própria.

Legenda: (=) mesma acepção; (±) extensão de sentido; (≠) outra acepção; (∅) não dicionarizado.

Chupão é uma lexia que não está registrada nos dicionários com a mesma acepção, apresentando definições relativas a algum tipo de inseto, por vezes hematófago, além da menção com relação a “aquele que chupa”. Nos dicionários de uso geral da língua, tanto nos clássicos como nos contemporâneos, tem-se sentido associado ao verbo e à ação relacionada a ele. Logo, é acepção genérica, podendo estar relacionada a toda e qualquer ação de sucção com força, ou como uma consequência desta ação.

A diferença entre os dicionários consultados está justamente nas obras contemporâneas, pois que estas apresentam desdobramentos, como a associação da lexia ao inseto barbeiro (*Panstrongylus megistus*), transmissor da doença de Chagas, e ao percevejo-do-arroz (*Solubea poecila*), principal praga do arroz, como o próprio nome sugere, tanto em Houaiss (2001), como em Ferreira (2004) e Aulete (1970). Em extensão de sentido à *sanguessuga*, tem-se a ação de sugar com relativa força, de um lado e, do outro, a marca que tal sorvedura causará à derme dos hospedeiros. No entanto, os autores consultados não fazem menção ao animal com o mesmo sentido utilizado pelos informantes.

Com relação ao que dizem os dicionários especializados, para Cunha ([1982] 2010), *chupão* tem origem onomatopaica. Nascentes (1955) considera, quanto ao étimo, derivação do espanhol, verbo *chupar*; complementa ser também um coleóptero que *chupa* o grão de arroz na espiga ainda em desenvolvimento (Nascentes, 1966). Daí o percevejo-do-arroz ter como um dos nomes populares *chupão*, que, embora os autores dos dicionários contemporâneos tragam a variante, não explicam o porquê.

Mazá não consta nas obras clássicas. No entanto, nos dicionários contemporâneos de usos da língua, tem-se *maza* como uma lexia de origem africana, do quicongo, com o sentido de água, como descreve Houaiss (2001). Nesse sentido, tanto para Houaiss (2001) como para Ferreira (2004) há referência à *maza* com a água utilizada em rituais de candomblé. Aulete (1970) é o único autor que registra a lexia com a mesma acepção utilizada pelos informantes, a de “[...] verme anelídeo, espécie de sanguessuga, que vive nalgumas lagoas”.

Nas obras especializadas, há registro de *mazá* apenas no que se refere aos africanismos. Para Lopes ([1996] 2003), tanto *mazá* quanto *manzá* tem o sentido de *sanguessuga*, com origem no quimbundo. Já Lopes ([2004] 2011) traz a lexia *maza* com o sentido de água potável ou de uso ritual nos candomblés bantos, e do quicongo *maza*, ‘água’, como o fazem Houaiss (2001) e Ferreira (2004), em consonância com Castro (2022), em que constam as mesmas descrições. Para a autora, *sanguessuga* é lesma consagrada a Nanã⁸⁵, que, no candomblé, é a entidade mais antiga das águas; e ainda, do quicongo (*ma*)*nzau*/ quimbundo *mazaia*.

Sanguessuga, como já dito, é a forma convencionalizada pelos dicionários e foi categórica entre os falantes dos *corpora*. Para os autores clássicos, é definido como um “inseto aquático”. Bluteau (1712-1728) o descreve como um

[...] inseto, assim chamado, do verbo latino *sugo*, que vale o mesmo que *chupo*, porque *chupa* o sangue. É um bichinho aquático, do comprimento do dedo meminho. Na extremidade da cabeça tem um buraquinho redondo com três dentinhos, com os quais penetra na pele, e chupa o sangue. Há de muitas espécies, de diversas cores, e grossuras. As de que usam na medicina se acham nas fontes de água clara e corrente. São da cor do fígado, delgadas e redondas; tem a cabeça pequena, barriga tirante a vermelho, as costas verdes, e rajadas de cor de ouro... (Bluteau, 1712-1728, v.7, p. 476). (Grifos da autora).

Silva Pinto (1832) define *sanguessuga* como inseto “bem conhecido”, em que se vê uma apresentação genérica, ao passo que Silva (1813) destaca a sua capacidade de aumentar de tamanho enquanto suga o sangue das presas.

Entre os clássicos, há menção à variação fonética para a lexia, a saber: Bluteau (1712-1728) e Silva (1759-1813; 1949) trazem *sanguexupa* e *sanguexuga*, já Silva Pinto (1832), apenas *sanguexupa*. Nesse sentido, os autores contemporâneos Houaiss (2001) e Ferreira (2004) incluem as formas *sambexuga*, *samessuga*, *samexuga*, *samexunga* como variantes fonéticas, ao que Ferreira (2004) as chamou de variantes “populares”.

A distinção entre os autores contemporâneos está na apresentação da taxonomia, hábitos e usos para fins medicinais, sobretudo em épocas mais antigas, com destaque para a espécie *Hirudo medicinalis*, além do étimo, como o faz Houaiss (2001). Em todos, têm-se *sanguessuga* como designação comum aos anelídeos da classe dos hirudíneos, marinhos, terrestres ou de água doce, que sugam o sangue dos hospedeiros. Trazem também a anatomia, todos em concomitância com a apresentação desta seção.

⁸⁵ “Deusa dos mistérios, é uma divindade de origem simultânea à criação do mundo, pois quando *Odudua* separou a água parada, que já existia, e liberou do ‘saco da criação’ à terra, no ponto de contato desses dois elementos formou-se a lama dos pântanos, local onde se encontram os seus maiores fundamentos”, conforme descrição em *Candomblé: o mundo dos orixás* (Fonte: <<https://ocandomble.com/os-orixas/nana/>>. Acesso em: mar. 2023).

No que concerne à etimologia, Ferreira (20044), Houaiss (2001) e Aulete (1970) consideram a *lexia* como de origem latina, sendo que Houaiss (2001) descreve as declinações, bem como significado das palavras em composição: “[...] *sanguisūga,ae*, de *sanguis,īnis* 'sangue' e *sugo,is,xi,ctum,gēre* 'chupar, sugar'; com remissão à *sangu(i/e)-* e *sug-*”. O autor traz ainda as fontes históricas: 1543, *samesuga*, 1562 *sambexuga*, 1572, *sanguessuga*, 1632, *sambixuga*, 1668, *sanguisuga*, século XVII, *sanguichuga*, 1720, *sanguexuga* e 1789, *sanguexupa*.

De maneira geral, os dicionários apresentam concepções semelhantes para *sanguessuga*, no que diz respeito à família e espécies. Variam pouco em algum detalhamento ou descrição, sobretudo quanto ao étimo. No entanto, há que se analisar a *lexia* no que diz respeito à variação fonética – com destaque para as formas descritas como fontes históricas, mencionadas por Houaiss (2001), uma vez que, entre os informantes, muitas dessas são recorrentes, como será visto mais adiante, configurando um retorno, quanto ao uso, de algumas, em especial *samesuga*, *sanguichuga* e *sambexuga*, tendo esta última ocorrido com maior frequência entre as variantes fônicas utilizadas.

6.6.2 Análise Geolinguística

Em continuidade ao que já foi realizado para as questões anteriores, observa-se que, para responder à pergunta referente ao anelídeo, a análise deve ser feita também sob ótica geolinguística, que incluiu também, excepcionalmente, a investigação da variação fonética. Para isso, foram investigadas as cartas já publicadas nos atlas em questão, a fim de obter um olhar mais abrangente sobre os dados.

Dessa forma, seguem os resultados identificados nas cartas 128 do *APFB* e 127 do *ALS*. O que se verificou não difere muito do encontrado nos dados presentes nos *corpora*, como será visto mais adiante. Foram apuradas 85 ocorrências de *lexias* na carta 128 do *APFB* e 27 na carta 127 do *ALS*. Juntas, essas somam 112 ocorrências, distribuídas de acordo com as variantes encontradas, conforme apresentado na Tabela 45.

Tabela 45 – Número de ocorrências/percentuais para *sanguessuga* no *APFB* e *ALS*

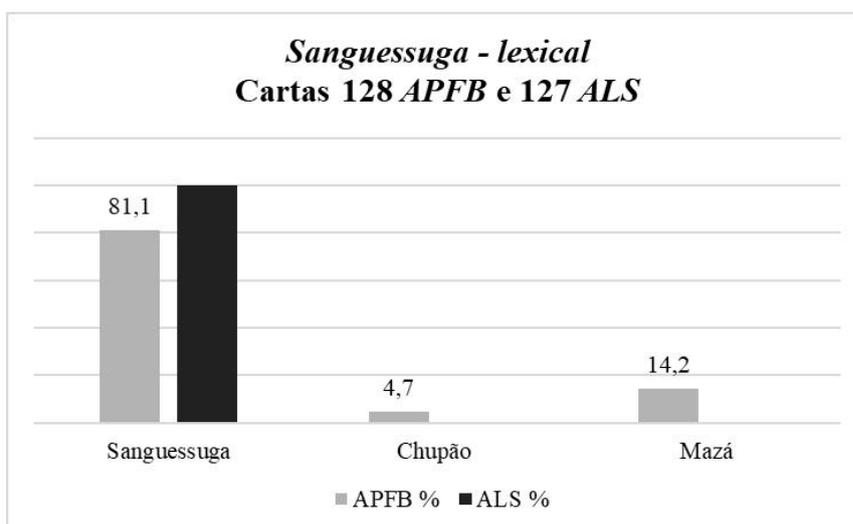
Ocorrências/ percentuais – cartas 128 <i>APFB</i> e 127 <i>ALS</i>						
Nomes	<i>APFB</i>		<i>ALS</i>		Conjunto <i>APFB/ ALS</i>	
	No.	%	No.	%	No.	%
<i>Sanguessuga</i>	69	81,1	27	100	96	85,7
<i>Chupão</i>	4	4,7	0	0	4	3,6
<i>Mazá</i>	12	14,2	0	0	12	10,7
Total	85	100	27	100	112	100

Fonte: Elaboração própria.

Os dados revelam que, do ponto de vista da variação lexical, das três formas diferentes para nomear o *bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado* fornecidas pelos informantes, *sanguessuga* é a forma predominante nos dados do *APFB* e é categórica nos dados do *ALS*. Há, para a lexia, um total de 96 ocorrências, o que equivale a 85,7% da amostra. Na Bahia, no entanto, embora a forma *sanguessuga* tenha um percentual de 81,1% as variações *mazá* e *chupão* apresentam 14,2% e 4,7% das ocorrências, respectivamente. Juntas, essas variações representam, 14,3% do total de 112 respostas apuradas.

Esses dados podem ser observados, apenas em valores percentuais, no Gráfico 24 a seguir.

Gráfico 24 – Percentuais para *sanguessuga* nas cartas 128 *APFB* e 127 *ALS*



Fonte: Elaboração própria.

No que se refere ao aproveitamento das respostas, pode-se afirmar que este foi satisfatório, uma vez que o número de ausências e/ou abstenções não chegou a 20% em ambos os atlas. Dentre essas ausências, 19% ocorreram no *APFB*, enquanto apenas 10% no *ALS*. Por outro lado, observa-se um percentual elevado de aproveitamento, correspondente a 83% do total, conforme demonstrado na Tabela 46.

Tabela 46 – Respostas para *sanguessuga* nas cartas 128 *APFB* e 127 *ALS*

Cartas 128 APFB e 127 ALS			
Corpora	Aproveitadas		Total
	Nº	Percentual	
APFB	85	75,9%	105
ALS	27	24,1%	30
Total	112	100%	135

Fonte: Elaboração própria.

Na mesma linha do que foi observado em outras cartas, como por exemplo QSL67, que se refere a *galinha d'angola*, e QSL59, sobre a *cria da ovelha*, é possível a identificar subáreas para *mazá* e *chupão* no contexto da Bahia. Em contrapartida, *sanguessuga* aparece em praticamente todos os pontos do atlas, e é categórico em todo o estado de Sergipe.

Mazá, depois de *sanguessuga*, teve um número considerável de ocorrências entre os pontos de inquérito: foram doze respostas apuradas, distribuídas em oito localidades, a saber:

- Ipirá, Água Fria, Itaberaba e Mundo Novo integram a mesorregião do Centro-Norte baiano, localizados na microrregião de Feira de Santana, para os dois primeiros, e Itaberaba, para os dois seguintes;
- Conceição do Coité e Monte Santo inseridos na mesorregião do Nordeste baiano, microrregiões de Itaberaba e Euclides da Cunha;
- Rio Fundo (atual Santo Amaro) e Santiago do Iguape (atual Cachoeira), localizadas na mesorregião metropolitana e microrregião de Santo Antônio de Jesus.

Ao olhar a carta, é possível traçar uma linha e destacar as ocorrências para *mazá*, ao visualizar a lexia localizada na região norte, caminhando para o centro e subindo para o nordeste, embora tais ocorrências tenham acontecido em concomitância com a variante *sanguessuga*, que é predominante em todo o estado.

Sobre esse traçado, Simões Neto (2016), ao analisar o item *sanguessuga* em três atlas brasileiros, sugere que a distribuição de *mazá* entre os pontos poderia ser um indício de subárea, visto que a proximidade entre as localidades e entre as mesorregiões do estado caracterizaria uma delimitação hipotética de zona para a lexia.

Chupão tem registro em quatro localidades, distribuídas de formas distintas, de modo que não se pode vislumbrar conexão entre os pontos, com ocorrências na região Noroeste, Sudeste, e Nordeste do estado, assim distribuídas:

- Ipirá integra a mesorregião do Centro-Norte baiano, microrregião de Feira de Santana;
- Condeúba está na mesorregião Centro-Sul, microrregião de Brumado;

- Pilão Arcado⁸⁶ e Barra fazem parte da mesorregião do Vale do São Franciscano, e respectivamente, microrregiões de Juazeiro e Barra.

Simões Neto (2016) também comenta a impossibilidade de delimitação de uma zona ou do traçado de isoglossas para a lexia. Apesar de reconhecer que os pontos integram mesorregiões vizinhas, é perceptível uma distância geográfica entre os pontos, com exceção de Pilão Arcado e Barra, em que se registram as ocorrências *chupa* e *chupão*, em concomitância.

Essas informações permitem dizer, apenas, que, de algum modo, estas lexias fizeram parte do universo dos indivíduos, junto com *sanguessuga*, e podem estar motivadas por questões relacionadas, por exemplo, tanto ao universo religioso, em que se tem *mazá* como consagração a Nanã, como visto anteriormente, ou a usos para fins medicinais por cirurgiões barbeiros, o que era comum nessa época.

Chupão e/ou *chupa*, tidas como extensão de sentido, estão relacionadas com a mordida e o ato de chupar pelo invertebrado, porém, sem uma investigação mais acurada das localidades não se pode avançar em busca de respostas nessa direção.

Com relação ao levantamento da lexia em outros atlas, há, para *bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado*, a investigação em mais três documentos, além do *APFB* e *ALS*, em que se somam cinco atlas ao todo, a saber:

- *ALERS*, carta 090, em que se registram as formas *sanguessuga* (e variantes fonéticas) e *lesma do banhado*;
- *ALMS*, carta 0121, em que se apuraram as lexias *sanguessuga* (e variantes fonéticas), *carrapato*, *percevejo*, *barbeiro*, *pulga* e *papa-vento*;
- *ALAP*, carta L22, em que se tem *sanguessuga* e variantes fonéticas.

Faz-se necessário, no entanto, tecer alguns comentários acerca desta lexia, especialmente no que se refere à variação fonética nas cartas do *APFB* e *ALS* analisadas. *Sanguessuga* é registrada em onze variações no *APFB*: *sanguessuga*, *sanguechuga* [sɒ̃gɛʃuɣɐ], *amechuga* [sami'ʃuɣɐ], *sambechuga* [sɛ̃bi'ʃuɣɐ], *chaguechuga* [ʃãgi'ʃuɣɐ], *chambechuga* [ʃãbi'ʃuɣɐ], *chombechuga* [ʃõbi'ʃuɣɐ], *chumechuga* [ʃumi'ʃuɣɐ], *chamechuga* [ʃãmi'ʃuɣɐ], *chamuchuga* [ʃãmu'ʃuɣɐ] e *chamuchu* [ʃãmu'ʃu]. No *ALS*, apresenta seis formas diferentes: *samechuga* [sami'ʃuɣɐ], *chambechuga* [ʃãbi'eʃuɣɐ], *chumechuga* [ʃumi'eʃuɣɐ] e *chamechuga* [ʃãmi'ʃuɣɐ]. Todas as formas estão distribuídas conforme Tabela 47.

⁸⁶ Nesta localidade registrou-se *chupa*, incluída na análise como variante fônica de *chupão* e no agrupamento como neutralização fonética, conforme descrito no início desta seção.

Tabela 47 – Respostas para *sanguessuga* nas cartas 128 APFB e 127 ALS: variação fonética

Variação fonética - cartas 128 APFB e 127 ALS						
Nomes	APFB		ALS		Total	
	No.	%	No.	%	No.	%
<i>Sanguessuga</i>	6	8,2	1	3,7	7	7,0
<i>sangue</i> [ˈʃugɐ]	1	1,4	1	3,7	2	2,0
[samiˈʃugɐ]	4	5,4	1	3,7	5	5,0
[sambiˈʃugɐ]	3	4,1	0	0,0	3	3,0
[ˈãgiˈʃugɐ]	1	1,4	0	0,0	1	1,0
[ˈãbiˈʃugɐ]	8	10,9	5	18,5	13	13,0
[ˈõbiˈʃugɐ]	1	1,4	0	0,0	1	1,0
[ˈumiˈʃugɐ]	2	2,7	1	3,7	3	3,0
[ˈãmiˈʃugɐ]	45	61,6	18	66,7	63	63,0
[ˈãmuˈʃugɐ]	1	1,4	0	0,0	1	1,0
[ˈãmiˈʃu]	1	1,4	0	0,0	1	1,0
Total	73	100	27	100	100	100

Fonte: Elaboração própria.

A análise da distribuição dos dados revela que a forma dicionarizada *sanguessuga*, sem modificações fônicas, representa uma das lexias de menor ocorrência entre os informantes, com apenas 7% das menções. Em contrapartida, *chamechuga* [ʃãmiˈʃugɐ], que apresenta três modificações fônicas⁸⁷, destaca-se como a mais frequente, totalizando 63% das ocorrências. Estas informações demonstram uma clara preferência, por parte dos indivíduos, pela variante não padrão, seguida de outras formas, como *chambichuga* [ʃãbiˈʃugɐ], que, com 13%, em que possui duas modificações fônicas. Isso evidencia um amplo distanciamento em relação à realização dicionarizada, considerada padrão.

Após o levantamento das cartas 128 do APFB e 127 do ALS, analisou-se a amostra com o objetivo de responder às hipóteses desta tese. Primeiramente, avalia-se, em perspectiva diatópica, os dados referentes à primeira sincronia, ou seja, o APFB e o ALS, seguidos de considerações sobre possíveis nuances extralinguísticas, com o intuito de identificar as variáveis sociais nos *corpora*. Em seguida, são apresentados os dados do Projeto ALiB para Bahia e Sergipe, com o objetivo de refletir sobre os resultados relativos à segunda sincronia.

Foram registradas três formas diferentes para nomear o *bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado*: *sanguessuga*, *chupão* e *mazá*. Essas formas aparecem tanto no APFB quanto no ALS e correspondem a um total de 19 ocorrências. A forma *sanguessuga* predomina com 89,6% das respostas, confirmando-se como a variante preferida entre os informantes dos dois *corpora*.

Das 19 respostas obtidas, 17 correspondem à forma *sanguessuga*, o que representa 89,6% do total. As variantes *chupão* e *mazá* apresentaram apenas uma ocorrência cada,

⁸⁷ Tais modificações são detalhadas mais adiante, quando da análise dos dados em recorte na amostra.

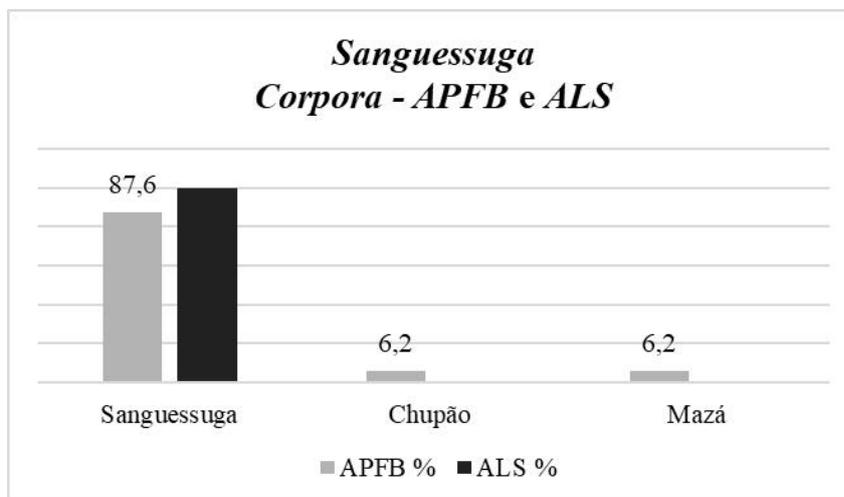
correspondendo a 5,2% das respostas cada uma. Isso reforça a predominância da forma padrão *sanguessuga* entre os informantes, conforme observado na Tabela 48 e Gráfico 25.

Tabela 48 – Número de ocorrências / percentuais para *um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado nos corpora - APFB e ALS*

<i>Corpora - APFB e ALS</i>						
Nomes	<i>APFB</i>		<i>ALS</i>		Conjunto <i>APFB/ ALS</i>	
	No.	%	No.	%	No.	%
<i>Sanguessuga</i>	14	87,6	3	100	17	89,6
<i>Chupão</i>	1	6,2	0	0	1	5,2
<i>Mazá</i>	1	6,2	0	0	1	5,2
Total	16	100	3	100	19	100

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 25 – Percentuais para *um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado nos corpora para APFB e ALS*



Fonte: Elaboração própria.

Quanto às ocorrências entre os informantes do Projeto ALiB, na segunda sincronia, o cenário é semelhante ao dos atlas mais antigos analisados. A forma *sanguessuga* segue em concomitância nos dois estados, mantendo-se categórica em ambos, somando 38 respostas, o que representa 97,4% das ocorrências, confirmando-se como a variante preferida entre os informantes. Por outro lado, *chupão* permanece como um caso de única ocorrência, correspondendo a 2,6% das respostas no total da amostra, registrando-se apenas na Bahia.

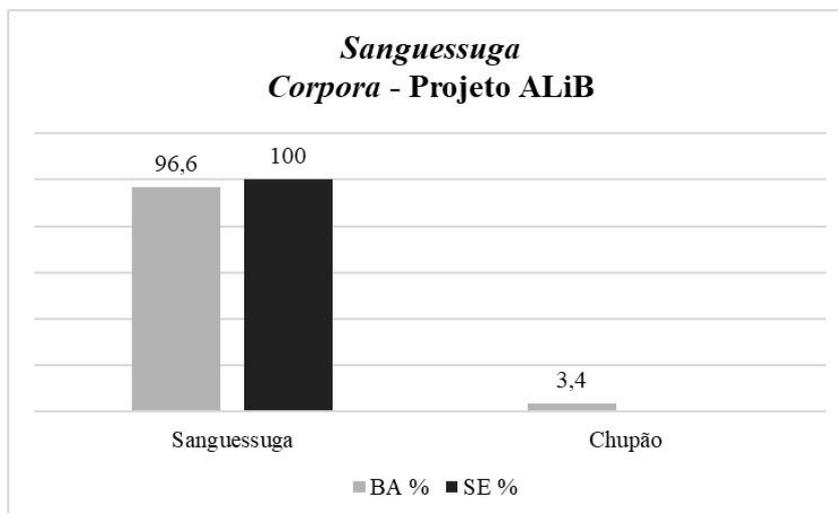
A diferença em comparação com os resultados do *APFB* reside no desaparecimento de *mazá* nos dados da Bahia para esta amostra do Projeto ALiB. Enquanto no *APFB* essa forma ainda apresentou uma pequena porcentagem de ocorrência, na segunda sincronia não foi registrada. Isso reforça a predominância de *sanguessuga* como a forma amplamente utilizada nos dois estados, evidenciando a manutenção da variante padrão entre os informantes, conforme mostrado na Tabela 49 e Gráfico 26.

Tabela 49 – Número de ocorrências / percentuais para *um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado*: Projeto ALiB para Bahia e Sergipe

Corpora – Projeto ALiB						
Nomes	BA		SE		Conjunto Projeto ALiB BA/SE	
	No.	%	No.	%	No.	%
<i>Sanguessuga</i>	28	96,6	10	100	38	97,4
<i>Chupão</i>	1	3,4	0	0	1	2,6
Total	29	100	10	100	39	100

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 26 – Percentuais para *um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado nos corpora*: Projeto ALiB para Bahia e Sergipe



Fonte: Elaboração própria.

Em observação aos três documentos, constatam-se três formas diferentes para nomear o *bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado*, concernentes à amostra *sanguessuga*, *chupão* e *mazá*. Essas equivalem a quase 82% das respostas, confirmando a variante padrão lexical *sanguessuga* como a forma preferida entre os informantes nos três documentos.

Das 58 respostas apuradas, 55 são para essa variante, o que representa 94,9% do total. Isso permite afirmar que o item *sanguessuga* é praticamente categórico entre os dados dos *corpora*, como se vê na Tabela 50.

Tabela 50 – Síntese das ocorrências e percentuais totais, por lexia, nos três *corpora*

Ocorrências/ percentuais por lexia APFB, ALS e Projeto ALiB para BA e SE		
Nomes	Total	
	No.	%
<i>Sanguessuga</i>	55	94,9
<i>Chupão</i>	2	3,4
<i>Mazá</i>	1	1,7
Total	58	100

Fonte: Elaboração própria.

As demais lexias contabilizam apenas três respostas, correspondendo aos 5,1% restantes das apurações. Destas, dois registros são para *chupão* (um no APFB e outro no Projeto ALiB para a Bahia), somando 3,4%, e um para *mazá* entre os informantes do APFB, com apenas 1,7%. É importante ressaltar que Sergipe mostrou-se categórico para *sanguessuga* em ambos os documentos e recortes temporais.

Entre os informantes do Projeto ALiB para a Bahia, constatou-se o maior número de não respostas, com um total de oito ausências, correspondendo a 11,3% do total. O *APFB* apresentou quatro não ocorrências, enquanto o *ALS* teve apenas uma. Em contrapartida, entre os informantes do Projeto ALiB para Sergipe, houve 100% de aproveitamento das respostas, conforme mostrado na Tabela 51.

Tabela 51 – Respostas para *como se chama um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado?* nos três corpora

<i>APFB, ALS e Projeto ALiB para BA e SE</i>			
<i>Corpora</i>	Aproveitadas		Total
	Nº	Percentual	
<i>APFB</i>	16	27,6%	20
<i>ALS</i>	3	5,2%	4
Projeto ALiB - BA	29	50%	37
Projeto ALiB - SE	10	17,2%	10
Total	58	100%	71

Fonte: Elaboração própria.

Esses 18,3% de não respostas ocorreram da seguinte forma: no *APFB*, as quatro ausências (5,6%) foram registradas entre os informantes de Jeremoabo, Vitória da Conquista, Barra e Carinhanha, com uma ausência para cada ponto de inquérito. No *ALS*, apenas um informante (1,4%) de Estância, não respondeu à questão; nos dados do Projeto ALiB, onde ocorreu o maior número das abstenções para *sanguessuga* (11,3%), essas foram registradas apenas na Bahia, em Jeremoabo, Itaberaba, Caetité e Carinhanha.

Em análise à distribuição diatópica, essas ocorrências podem ser melhor visualizadas na Tabela 52, em valores absolutos, levando em consideração apenas a variação lexical, de acordo com o que se apurou em cada uma das localidades investigadas com relação aos sujeitos do *APFB* e *ALS*.

Tabela 52 – Síntese da distribuição dos nomes para *sanguessuga* de acordo com as localidades no *APFB* e *ALS*

Pontos de inquérito	<i>APFB - BAHIA</i>									<i>ALS - SERGIPE</i>	
	42	35	45	29	27	13	44	9	24	62	53
Nomes	Barra	Caetité	Carinhanha	Itaberaba	Jacobina	Jeremoabo	Santana	Sta. Cruz Cabralia	V. da Conquista	Propriá	Estância
<i>Sanguessuga</i>	1	2		2	3	1	1	2	1	2	2
<i>Chupão</i>	1										
<i>Mazá</i>				1							
Total	2	2	0	3	3	1	1	2	1	2	2

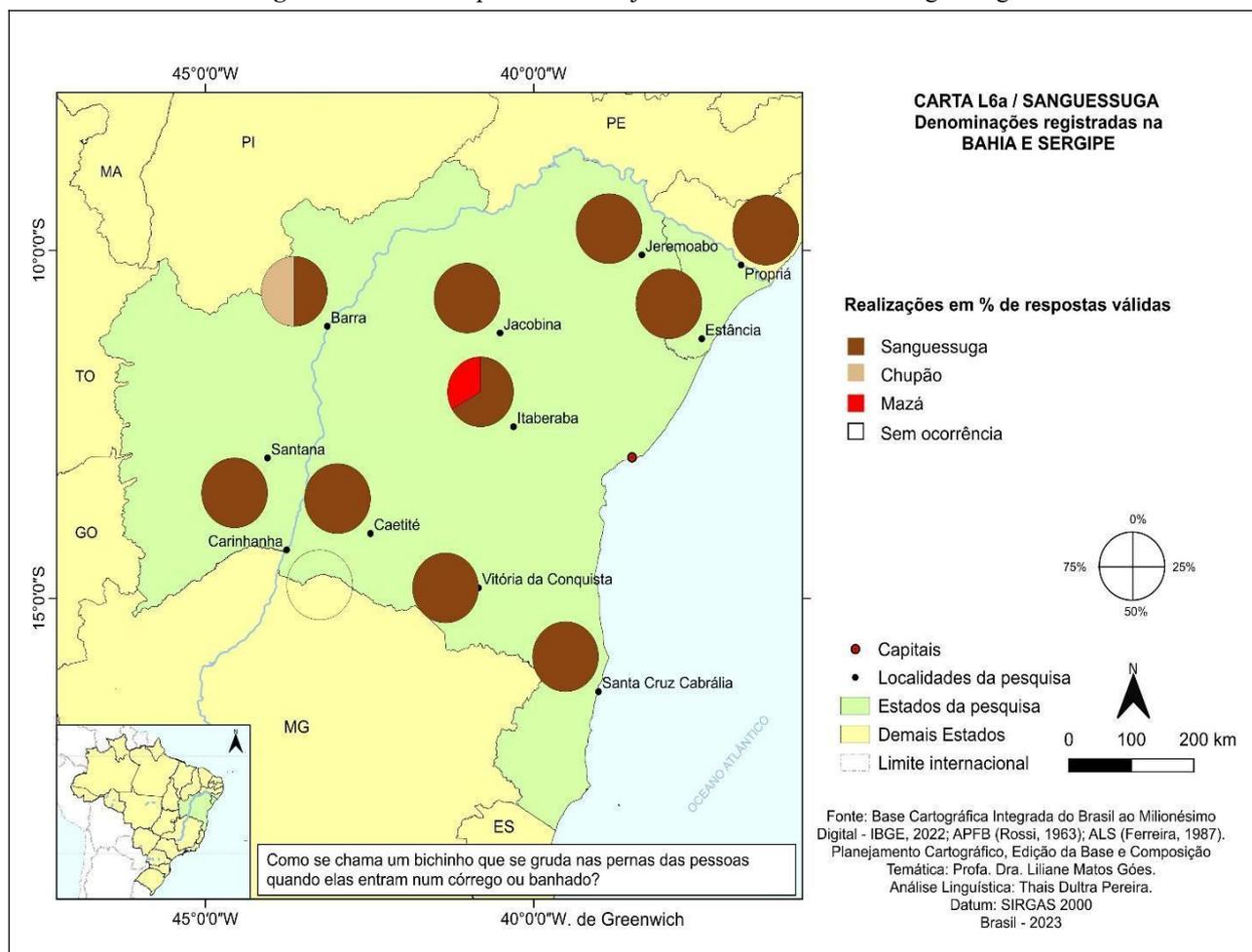
Fonte: Elaboração própria.

Na Tabela 50, fica evidente a presença de *sanguessuga* em praticamente todos os pontos de inquérito, à exceção de Carinhanha, única localidade em que não foram apuradas

respostas para a questão. Em Barra contata-se, também, a ocorrência de *chupão*, e em Itaberaba, *mazá*, em concomitância com *sanguessuga*.

Do mesmo modo, a Carta Experimental L6a (Figura 43) ilustra a distribuição diatópica dos itens lexicais apurados para *um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado* entre os informantes do APFB e ALS.

Figura 43 – Carta Experimental conjunta APFB/ALS: L6a – Sanguessuga



Fonte: Góes (2023), com análise linguística da autora, a partir dos dados do APFB (Rossi, 1963) e ALS (Ferreira *et al*, 1987).

É possível também acompanhar a distribuição dos dados, no que concerne à diatopia, no Projeto ALiB para a Bahia e Sergipe, também em valores absolutos e enfatizando apenas a variação lexical nas localidades investigadas, confirmando a apuração categórica para *sanguessuga* e apenas um único registro de *chupão* na Tabela 53.

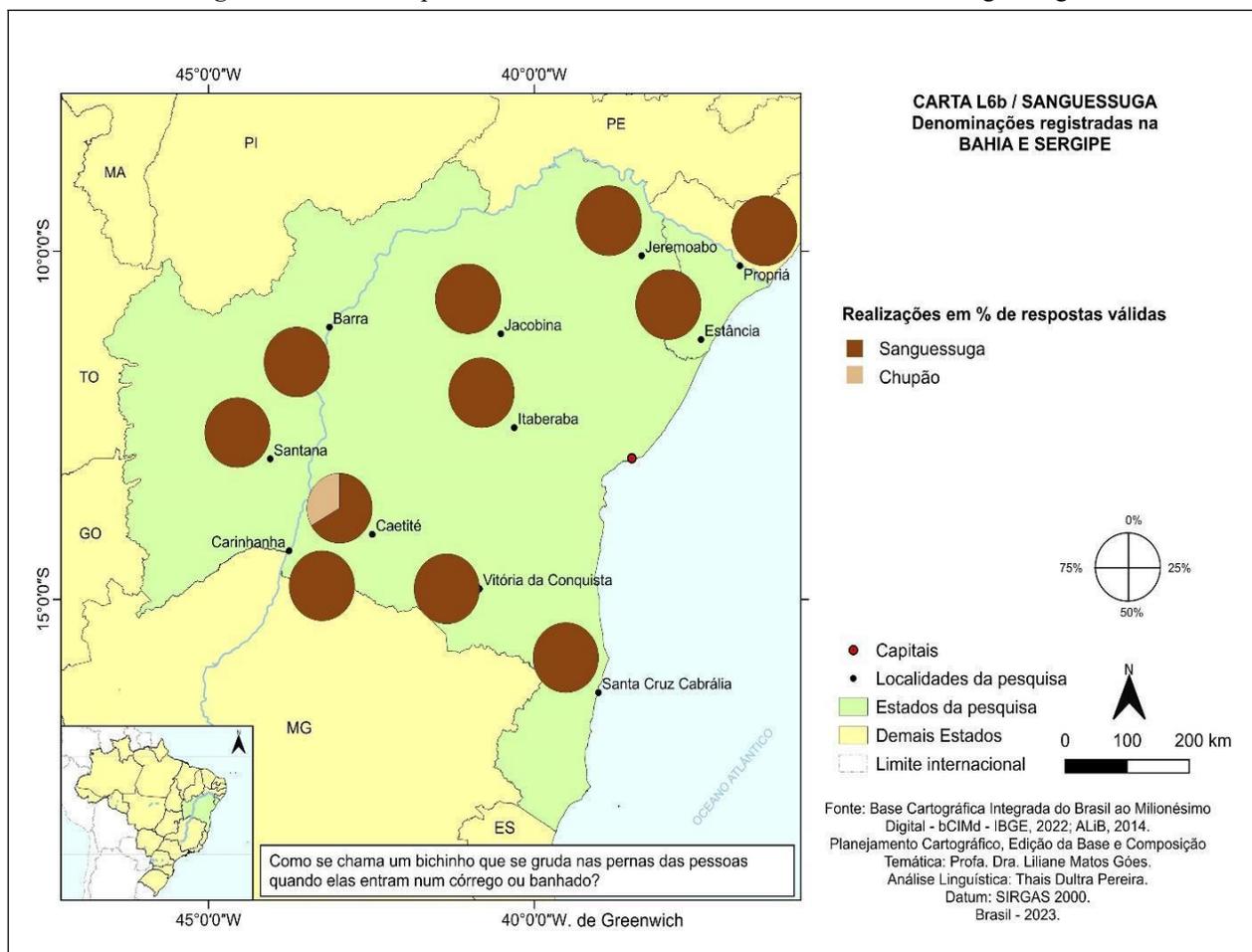
Tabela 53 – Síntese da distribuição dos nomes para *sanguessuga* nas localidades no Projeto ALiB para Bahia e Sergipe

Pontos de inquérito	ALiB - BAHIA									ALiB - SERGIPE	
	84	95	97	90	86	82	92	101	98	78	80
Nomes	Barra	Caetité	Carinhanha	Itaberaba	Jacobina	Jeremoabo	Santana	Sta. Cruz Cabrália	V. da Conquista	Propriá	Estância
<i>Sanguessuga</i>	4	2	1	2	4	3	4	4	4	4	4
<i>Chupão</i>		1									
Total	4	3	1	2	4	3	4	4	4	4	4

Fonte: Elaboração própria.

A mesma distribuição pode ser vista por ponto de inquérito entre os informantes do Projeto ALiB para Bahia e Sergipe na Carta Experimental L6b (Figura 44).

Figura 44 – Carta Experimental BA e SE com dados do ALiB: L6b – *Sanguessuga*



Fonte: Góes (2023), com análise linguística da autora, a partir dos dados inéditos do Projeto ALiB.

A partir do que se constatou nas cartas 128 do *APFB* e 127 do *ALS*, e em análise ao recorte dos dados na amostra, o que se pode concluir é que: (i) em Sergipe, nos dois momentos temporais, não há registros de *chupão* ou *mazá*, variantes presentes apenas na Bahia, nos dados do *APFB*; em contrapartida, (ii) *sanguessuga* co-ocorre de forma

predominante em todos os documentos, com expressiva variação fonética, como se vê nos dados do *APFB* e *ALS* aqui demonstrados.

A respeito da forma *chupão* nos dados do Projeto ALiB há, no relato da informante, certa confusão com o carrapato, que, embora seja um inseto hematófago, tem características outras que o distinguem dos anelídeos. No entanto, com o detalhamento descritivo do animal, feito durante a aplicação do inquirito, a informante o reconhece. Nesse sentido, a habilidade do inquiridor fez toda a diferença, como se vê no Exemplo 46.

Exemplo 46:

INF. - Carrapato?

INQ. - Não... Esse é mais pequenininho assim... molinho... Sabe qual é mais ou menos?

INF. - ele pega, fica na rente.

INQ. - Gruda na gente, a gente tem que arrancar ele. Fica grudado, assim, den'do rio, quando cê entra, ele gruda na gente.

INF. - *Chupão*. É *chupão*, né não?

INQ. - Hum, rum. Tem outro nome? (096, Caetitê, mulher, faixa I, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

Na localidade em que apenas um dos informantes responde à questão, Carinhanha, se vê que a sanguessuga não é comum na região, e tampouco faz parte da vida dos sujeitos, ao menos para os que foram selecionados para a entrevista, visto que os demais relataram não conhecer ou não lembrar. No Exemplo 47, percebe-se que o informante não conhece o anelídeo, embora tenha “visto falar”.

Exemplo 47:

INQ.- Tem um outro bichinho que gruda assim nas pernas ou nos braços assim, quando a gente toma banho, banho no rio. Às vezes, aparece assim um bichinho...

INF.- *Chambichuga*, né? Ah, isso nunca pegou em mim não, e nem conheço se tem não (rindo).

INQ.- Mas já ouviu falar?

INF.- É. Aí, eu vejo falá, mas nunca pegou em mim não. (097, Carinhanha, mulher, faixa II, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

Há que se destacar, entre as localidades, a cidade de Itaberaba onde, entre os informantes, surgiu uma narrativa sobre a utilização de fumo para a sua retirada. Dos quatro sujeitos, dois deles trouxeram explicações de como proceder, caso se depare com sanguessugas grudadas à pele, como se vê no Exemplo 48.

Exemplo 48:

INF. - Ah, *chamichuga* ... Teve uma vez que a gente tava no lago pescano, quando eu saí tinha um bucado... um bucado de *chamichuga* na minha perna. Eu saí bateno, bateno e nada de saí...aí minha vó falô que era pra dexá que vai tirá ele rapidinho...só pegô um fumo e colocô ...ela saiu... caiu.

INQ.- *fumo*?

INF. - é. Não aguenta vê *fumo* que elas cai, embebeda.

INQ. - e como é que faz? Passa o *fumo*?

INF. - Pega um pouquinho de água, joga... no *fumo*, aí joga em cima das perna, elas cai tudo.

[...]

INF. - Ela pega na nossa perna mermo. E... Acho que tem um.. ferrão... exato. Enfia assim, na nossa perna, e, p'a puxá, num puxa não.

INQ. - Ela fica assim, dependurada?

INF. - É. Ela só sai com *fumo*.

INF. - Se puxá assim, ranca a pele com tudo [e ela não solta], não solta. É. Tem cada coisa que a gente, nem sabe que d'as coisa de leite ainda, porque tem tanta coisa que existe nesse mundo... (090, Itaberaba, homem, faixa I, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

Um outro exemplo de narrativa semelhante na localidade foi identificado na fala do informante mais velho, que descreve o uso “do mel de fumo”, corroborando com a transcrição anterior.

Exemplo 49:

INF. - *Chamechuga*.

INQ. - E o senhor sabe o que é que passa pra desgrudar?

INF. - Passa o *mel do fumo*... bota o *fumo* den'da água... Ela não gosta do cheiro, ela cai. (090, Itaberaba, homem, faixa II, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

Há que se considerar, no entanto, a variação fonética para *sanguessuga* nos *corpora*, assim como se observou nas cartas 128 do *APFB* e 127 do *ALS* no que concerne à variação lexical. É o que será pormenorizado na subseção seguinte.

6.6.2.1 Variação Fonética

Dando continuidade ao método adotado nas análises anteriores sobre variação lexical, a variação fonética de *sanguessuga* será apresentada em duas etapas: a primeira sincronia, com os dados do *APFB* e *ALS*, seguida pela segunda sincronia, com os resultados do Projeto ALiB para Bahia e Sergipe. Posteriormente, será feita uma comparação entre os três documentos, proporcionando uma visão mais abrangente das realizações fonéticas observadas em ambas as sincronias.

Com relação à variação fonética de *sanguessuga* da primeira sincronia, ou seja, no *APFB* e *ALS*, foram registradas, além da forma padrão, quatro lexias: *samechuga* [sami'fugɐ], *chambechuga* [ʃãbi'fugɐ], *chamechuga* [ʃãmi'fugɐ] e *chamuchuga* [ʃãmu'fugɐ]. Dentre elas, *chamechuga* [ʃãmi'fugɐ] apresentou dez ocorrências, representando 21,8% do total, enquanto

a variante padrão foi identificada apenas uma vez entre os informantes do *APFB* e não foi registrada entre os informantes do *ALS*, conforme ilustrado na Tabela 54.

Tabela 54 – Variação fonética para *sanguessuga* nos corpora: *APFB* e *ALS*

<i>Corpora - APFB e ALS</i> Variação fonética						
Nomes	<i>APFB</i>		<i>ALS</i>		Conjunto <i>APFB/ ALS</i>	
	No.	%	No.	%	No.	%
<i>Sanguessuga</i>	1	7,1	0	0,0	1	5,9
[sami'fugɐ]	2	14,4	0	0,0	2	11,8
[ʃãbi'fugɐ]	0	0,0	1	33,3	1	5,9
[ʃãmi'fugɐ]	10	71,4	2	66,7	12	70,5
[ʃãmu'fugɐ]	1	7,4	0	0,0	1	5,9
Total	14	100	3	100	17	100

Fonte: Elaboração própria.

Na segunda sincronia, relativa aos dados do Projeto ALiB, os resultados apresentam semelhanças e diferenças em relação à variação fonética de *sanguessuga*. A variante *chamechuga* [ʃãmi'fugɐ] se destaca como a mais frequente, totalizando 14 ocorrências na Bahia e cinco em Sergipe, representando 25,4% e 9,1%, respectivamente conforme se observa na Tabela 55.

Tabela 55 – Número de ocorrências / percentuais para *sanguessuga* – Projeto ALiB para Bahia e Sergipe: variação fonética

<i>Corpora – Projeto ALiB</i> Variação fonética						
Nomes	BA		SE		Conjunto Projeto ALiB BA/SE	
	No.	%	No.	%	No.	%
<i>Sanguessuga</i>	9	32,1	1	10	10	26,3
<i>sangue</i> [ʃugɐ]	0	0,0	1	10	1	2,6
[sami'fugɐ]	1	3,6	0	0,0	1	2,6
[ʃãgi'fugɐ]	0	0,0	1	10	1	2,6
[ʃãbi'fugɐ]	1	3,6	2	20	3	7,9
[ʃãmi'fugɐ]	14	50	5	50	19	50
[ʃãmi'fugɐ]	1	3,6	0	0,0	1	2,6
[ʃãmi'sugɐ]	1	3,6	0	0,0	1	2,6
[ʃãni'fugɐ]	1	3,6	0	0,0	1	2,6
Total	28	100	10	100	38	100

Fonte: Elaboração própria.

Em contrapartida, a forma padrão *sanguessuga* foi mencionada por nove informantes na Bahia, correspondendo a 32% das respostas, e apenas uma vez em Sergipe, resultando em 10%. Além disso, a variante *chamechuga* foi registrada uma vez em Sergipe, mas não na Bahia, evidenciando uma diferença significativa nas preferências fonéticas entre os dois

estados. As variantes [ʃãbi'fugɐ] e [ʃãmu'fugɐ] também foram observadas, com a primeira tendo uma ocorrência na Bahia e a segunda com duas em Sergipe.

Com relação à *sanguessuga* nos três documentos, as ocorrências para a forma tida como padrão quanto à variante fônica se mantiveram baixas, com poucas ocorrências entre os sujeitos, conforme se observou nas cartas.

Nos *corpora*, foram registradas onze variantes: *sanguessuga*, *sanguetchuga* [sãguɛ'ʃugɐ], *samechuga* [sami'fugɐ], *samessuga* [sami'sugɐ], *changuetchuga* [ʃãgi'fugɐ], *chametchuga* [ʃãbi'fugɐ], *chamechuga* [ʃãmi'fugɐ], *chaminchuga* [ʃãmĩ'fugɐ], *chamessuga* [ʃãmi'sugɐ], *chanechuga* [ʃãni'fugɐ] e *chamuchuga* [ʃãmu'fugɐ], e equivalem a 20% do total. Em contrapartida, *chamechuga* [ʃãmi'fugɐ] se manteve como a forma fonética predominante, com 31 respostas e 56,4% do total. As demais somam 24 ocorrências, aproximadamente 43,6%, como se observa na Tabela 56.

Tabela 56 – Síntese das ocorrências e percentuais totais para *sanguessuga* nos três *corpora*:
variação fonética

Ocorrências/ percentuais APFB, ALS e Projeto ALiB para BA e SE		
Variação fonética		
Nomes	Total	
	No.	%
<i>Sanguessuga</i>	11	20
<i>sangue</i> [ʃugɐ]	1	1,8
[sami'fugɐ]	3	5,5
[sami'sugɐ]	1	1,8
[ʃãgi'fugɐ]	1	1,8
[ʃãbi'fugɐ]	3	5,5
[ʃãmi'fugɐ]	31	56,4
[ʃãmĩ'fugɐ]	1	1,8
[ʃãmi'sugɐ]	1	1,8
[ʃãni'fugɐ]	1	1,8
[ʃãmu'fugɐ]	1	1,8
Total	55	100

Fonte: Elaboração própria.

A análise das variações fonéticas e lexicais de *sanguessuga* nos dados do APFB, ALS e do Projeto ALiB destaca as diferenças nas formas de uso entre os *corpora*. Como observado, a forma padrão apresenta baixa frequência em todos os conjuntos, enquanto as variantes fonéticas, como *chamechuga* [ʃãmi'fugɐ], demonstram uma presença mais significativa, especialmente na segunda sincronia. As comparações entre a primeira sincronia (APFB e ALS) e a segunda sincronia (Projeto ALiB para Bahia e Sergipe) revelam que as variantes lexicais e fonéticas podem variar de acordo com o contexto, mostrando um padrão de uso diversificado nos três documentos.

Cardoso e Ferreira (1994, p.3-4) discorrem a respeito da variação fônica de *sanguessuga* apresentada na Bahia e Sergipe a partir do que identificaram nas cartas 128 do *APFB* e 127 do *ALS*. As autoras consideraram os resultados encontrados como um exemplo de “[...] decréscimo da interrelação som-sentido, com conseqüente redução da motivação entre expressão e conteúdo nos nomes compostos”. Parece haver, entre as lexias formadas por composição, a possibilidade de modificações no valor fônico dos elementos da unidade lexical composta, podendo ocorrer em um ou em todos os elementos.

No Quadro 39, tem-se a descrição de como pode ocorrer tal decréscimo entre os elementos da composição, aqui incluídas as onze variantes fonéticas apuradas nos *corpora*.

Quadro 39 – Decréscimo da interrelação som-sentido, com conseqüente redução da motivação entre expressão e conteúdo nos nomes compostos para *sanguessuga*

VARIAÇÕES	DESCRIÇÕES DA MODIFICAÇÃO FÔNICA
<i>Sanguessuga</i>	Sem modificações
<i>Sangue</i> [ˈʃugɐ]	Com apenas uma modificação
[samiˈʃugɐ] [sambiˈ ʃugɐ] [ʃãgiˈ ʃugɐ] [ʃãgiˈ ʃugɐ]	Com duas modificações
[ʃãbiˈ ʃugɐ] [ʃãmiˈ ʃugɐ]	Com três modificações
[ʃumiˈ ʃugɐ] [ʃõbiˈ ʃugɐ] [ʃãmuˈ ʃugɐ]	Com quatro modificações
[ʃãmiˈ ʃu]	Com cinco modificações, entre as quais se inclui a perda da sílaba final

Fonte: Elaboração: própria autora. Adaptado de Cardoso e Ferreira (1994, p.3-4).

Percebe-se que, quanto mais intensas forem as alterações no nível da expressão, maior distanciamento haverá nos conteúdos que serviram de base à composição. Isso permite afirmar, nos dizeres de Cardoso e Ferreira (1994, p. 3-4), que “[...] a modificação fônica será proporcional ao decréscimo da modificação semântica”.

Dessa forma, fica evidente que, para *sanguessuga*, há uma “[...] gama de variação que vai da própria substância da expressão, inteiramente motivada (*sangue+suga*), às substâncias como [sõbiˈsugɐ], com acentuado decréscimo da motivação” (Cardoso; Ferreira, 1994, p. 3-4). Nesse sentido, o que se vê é o distanciamento gradual e cada vez maior da forma motivada inicial, que se repete entre os sujeitos do Projeto ALiB para os estados.

As falas dos informantes, sempre que for possível acessá-las, fornecem a materialização das respostas, sobretudo quando vêm inseridas nos contextos de uso. Sobre

sanguessuga e as variantes fonéticas, traz-se, a seguir, a transcrição da informante mulher, da faixa II, de Santana, na Bahia, referente aos dados do Projeto ALiB.

Fica evidente a manifestação da forma mais aceita socialmente, *sanguessuga*, observada juntamente com a variante *chamechuga*, inclusive com a consciência de que existe uma forma mais aceita socialmente no Exemplo 50.

Exemplo 50:

INF.- San...*sanguessuga*? *Chamechuga*... é (risos)

INQ. - O povo chama assim?

INF.- é, *Chamechuga*, é... mas é *sanguessuga*. (092, Santana, mulher, faixa II, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para a Bahia.

Em Sergipe, também se registra o uso de três variantes fônicas para a *lexia*, como se observa no Exemplo 51, na transcrição do informante de Estância, do sexo masculino, mais jovem:

Exemplo 51:

INF.- Pretinha, que estica às vezes, ela é miudinha, ela chupa o sangue da gente, *chamessuga*, né? Nós conhecemos aqui como *sanguetchuga*, ou então... é *chambechuga* mermo, *chambechuga*, a gente chama de *chambechuga*. (080, Estância, homem, faixa I, Ensino Fundamental I).

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB para Sergipe.

6.7 ANÁLISE DOS DADOS EM SÍNTESE

Nesta seção específica, a análise dos dados é apresentada em síntese, oferecendo uma visão abrangente dos resultados alcançados ao longo da pesquisa. A compreensão aprofundada é desvelada através da análise semântico-lexical, revelando as complexidades e padrões intrínsecos ao léxico relacionado à fauna.

Em seguida, traz-se a análise geolinguística, mapeando tanto aspectos geográficos como linguísticos que influenciaram a distribuição da fauna investigada. Essa abordagem dual possibilita uma avaliação completa dos dados, evidenciados não apenas pela diversidade lexical, mas também nos contextos que desempenham papel fundamental na compreensão da fauna regional.

6.7.1 Resultados da Análise Semântico-Lexical

Sobre a análise das questões investigadas nesta tese, em perspectiva semântico-lexical, destacam-se duas abordagens principais: a taxonomia das espécies e investigação lexicográfica.

A primeira delas consiste na apresentação taxonômica de cada espécie. Esta abordagem revelou-se de suma importância, pois forneceu detalhes específicos que contribuíram para a compreensão das distinções relacionadas à faixa etária e características anatômicas, como exemplificadas na análise da *cria da ovelha* (QSL 59).

Além disso, a pesquisa explorou informações sobre nomes científicos, distinção de espécies e/ou inclusão de subespécies, como no caso do *gambá* (QSL 71). Houve também a investigação de características genéticas e/ou interferência humana na anatomia dos chifres, especialmente para a *cabra sem chifres* (QSL 79).

Outro ponto relevante da taxonomia envolveu esclarecimentos sobre particularidades dos hábitos e manejo na criação e reprodução dos galináceos, seja para as aves exóticas, como a *galinha d'angola* (QSL 67), seja para as aves nativas, como a *galinha sem rabo* (QSL 69). A compreensão histórica dos usos para fins medicinais em tempos remotos, como a *sanguessuga* (QSL 84), também incidiu para otimizar a investigação.

A segunda abordagem, a de consulta às obras lexicográficas, se mostrou fundamental para a análise, pois desempenhou um papel crucial na constatação da dicionarização, investigação quanto ao sentido e pesquisa etimológica. Esse levantamento buscou elucidar as possíveis motivações semânticas que nortearam as escolhas dos falantes.

É relevante destacar que, em muitas instâncias, houve aproximação e /ou coincidência com as informações encontradas nos dicionários e/ou enciclopédias. Quando isso não ocorreu, a compreensão da sociohistória e da cultura, mediante observação das diversas formas de vida e seu relacionamento com a fauna, nas comunidades, ajudou bastante, como se verá mais adiante, na avaliação sobre os resultados da análise geolinguística.

Dessa maneira, são trazidos, em síntese, os resultados encontrados para cada questão, no que diz respeito à investigação semântico-lexical, considerando o levantamento das variantes registradas.

6.7.1.1 Cria da ovelha

Como já visto na análise, foram registradas sete denominações para a QSL 59: *bezerro*, *borrego*, *cabrito*, *carneiro*, *marrã*, *bode* e *ovelha [filhote de]*. Quanto à etimologia, constatase se tratar de lexias antigas, em que praticamente todas são de origem latina:

- (i) *bezerro* (ibérico/ pré-romano **ibicirru*), *carneiro* (latim *carnarius*) e *ovelha* [*filhote de*] (latim *ovicula*) representam as lexias mais antigas, com registros que remontam às suas origens no século XIII;
- (ii) *borrego* (latim *burrus*), *cabrito* (latim *capritus*) e *marrã* (espanhol *marrano*) teriam surgido no século XIV, embora o termo *cabrito* apresente registros mais antigos, datados de 990, em documentos do baixo latim;
- (iii) *marrã*, conforme Nascentes (1955), possui provável origem árabe, datada do século VI (*morran*), o que gera divergência em relação à sua etimologia;
- (iv) *bode*, apesar de derivar do latim, *budū*, é considerada por alguns autores como de origem incerta ou obscura, com possíveis indícios de étimo em línguas africanas, como o protobanto *n-budy*, conforme apresentado por Lopes ([1996] 2003).

De acordo com a pesquisa lexicográfica, para a *cria da ovelha logo que nasce*, tem-se a forma *borrego* e, em alguns casos, *marrã*, condizentes com a amostra. As formas *bezerro*, *marrã* e *cabrito*, respectivamente filhotes da vaca, da porca e da cabra, podem ter sido empregadas por analogia à idade das espécies.

Entretanto, há um registro de regionalismo para *marrã*, indicando *ovelha nova*, especialmente em Pernambuco, conforme Houaiss (2001) observou. *Carneiro* é utilizado para nomear o macho da ovelha em fase adulta, podendo também ser associado ao animal quando ainda é filhote, principalmente quando empregado no diminutivo, segundo as falas dos informantes. Essa designação também se aplica ao feminino, *ovelhinha*. *Bode* é o termo utilizado para macho da cabra.

No entanto, após o levantamento das características gerais para a espécie, nota-se que, no Nordeste, as criações de ovelha apresentam semelhanças fenotípicas com bode /cabra, sobretudo pela ausência de lã. Apesar dessas semelhanças, as espécies se diferenciam notavelmente pelo cheiro característico, associado ao bode como meio para atrair as fêmeas.

6.7.1.2 Galinha d'angola

Da análise semântico-lexical, em resumo, conclui-se que as sete lexias utilizadas para nomear a ave, a saber: *caterê*, *cocar*, *galinha d'angola*, *guiné*, *quem-quém*, *saqué* e *tô-fraco*, têm, em sua maioria, origens africanas, embora haja divergências entre os autores sobre esse aspecto.

Quanto à origem, a maioria dos termos possui registros a partir do século XIX, coincidindo com o período em que as aves exóticas foram importadas para o Brasil, como evidenciado na apresentação taxonômica e histórica da ave. De maneira específica em relação às lexias, os resultados apontam o seguinte:

- (i) *caterê*, embora sem registro nas obras de uso geral da língua, é variante fonética de *cateretê*. Esta, por sua vez, dicionarizada, e provável africanismo, embora haja controvérsias quanto ao étimo;
- (ii) *cocar* tem origem no francês *cocarde*, e, por conseguinte, latim (embora os autores não forneçam seu equivalente latino). Historicamente, sua fonte remonta ao século XV. Contudo, há divergências sobre sua origem, com Lopes ([1996] 2003) aventando a hipótese de ser de origem banta;
- (iii) *galinha d'angola* e *guiné* são topônimos que indicam os países africanos que tiveram envolvimento significativo na exportação dessas aves para outros continentes a partir do século XIX. Essa relação não apenas reflete a origem geográfica das aves, mas também carrega resquícios históricos da colonização, evidenciando as complexidades históricas e culturais associadas a esses termos;
- (iv) *quem-quém* seria de origem tupi, *ake'kê*, e também possui motivação semântica onomatopeica, assemelhando-se ao ruído produzido pela ave, semelhante a *cancãn*;
- (v) *saqué* tem origem japonesa, *saké*, e sentido distinto do utilizado pelos sujeitos;
- (vi) *tô-fraco*, embora dicionarizada com o mesmo sentido nas obras contemporâneas e especializadas, tem motivação semântica iconímica, associada ao som emitido pela ave.

Da consulta aos dicionários, percebe-se que há variantes com a mesma acepção de sentido, na maioria das obras, como *cocar*, *galinha-d'angola*, *guiné*, *saqué*, *quem-quém* e *tô-fraco*. Isso evidencia uma certa uniformidade na definição e no entendimento desses termos ao longo das obras lexicográficas consultadas.

6.7.1.3 Galinha sem rabo

Quanto ao étimo, das oito lexias encontradas – *cotó*, *toco*, *suru*, *sururu*, *suruca*, *mensura* e *pasura* – a maioria possui registros a partir do século XV e XVI, período das grandes navegações e da conseqüente chegada dos portugueses ao Brasil, tem-se:

- (i) Lexias de origem latina, como *cotó* (*cutellus*), proveniente do francês *couteau*.

- a. *Cotó* é também considerado variação fonética de *cotoco*, derivado do quimbundo *katoco*, kikongo *kotooto*, revelando assim possível africanismo, conforme apontado por Lopes ([1996] 2003) e corroborado por Castro (2022).
 - b. *Mensura (mensura,re)*, *pastura (pastūra,ae)* também se incluem na lista dos latinismos;
- (ii) *Sura* apresenta algumas divergências, como sendo considerada do latim *sura*, possível moçárabe *turi*, e também do nhungue (banto), segundo Lopes ([1996] 2003);
 - (iii) De origem tupi, tem-se *inhambu (in'mbu)* e *sururu (seru'ru; suru'ru)*;
 - (iv) *toco*, de origem obscura e/ou controversa, apresenta pistas que indicam sua provável origem pré-romana ou céltica, semelhante ao espanhol *tocon*, com fontes históricas que remontam aos séculos XIII a XIV.

Dessa forma, o que se pode dizer sobre *uma galinha sem rabo*, é que: há pouca significância próxima do que trouxeram os informantes, visto que as lexias estão descritas, em sua maioria, como generalizações, como *cotó*, *toco* e *suro*; existem outras acepções, como *suruco*, *nambu* e *sururu*; e há a ausência de registros, como *passura*.

Exceção ocorre para *suro*, que, embora tenha sido apresentada como genérica para animal sem cauda, foi a única descrita com sentido equivalente ao atribuído pelos informantes, ao menos em alguns casos.

6.7.1.4 Gambá

Das quatro lexias apuradas – *gambá*, *cangambá*, *saruê* e *cassaco* – constata-se que, das análises realizadas, *gambá* e *cangambá* não são animais da mesma espécie, uma vez que os dicionários apresentam designações diferentes que os distinguem. Enquanto o primeiro pertence à família dos marsupiais do gênero *Didelphis*, *cangambá* é um mamífero carnívoro da família dos mustelídeos.

Nesse sentido, embora Houaiss (2001) afirme que o *cangambá* é, por vezes, confundido com o *gambá*, está claro que se trata de espécies distintas. Como se pode ver, esses resultados corroboram com as pesquisas realizadas em obras relativas à taxonomia das espécies.

Sariguê e *saruê* são variantes fônicas, com entradas em alguns dos dicionários consultados, sendo lexias registradas ora como sinônimos, ora quanto à etimologia como

sendo de origem tupi; foram, aqui, tratadas como agrupamento, tendo sido levado em consideração, para fins de análise, apenas *saruê*, conforme descrição pormenorizada na seção de metodologia.

Cassaco, por sua vez, é sinônimo de *gambá*.

Quanto ao étimo *gambá*, *cangambá* e *saruê/ sariguê* são de origem tupi, respectivamente *gã'bá*, *a'kãga am'bá* e *sari'wê/ sar'gwe*; e *cassaco* é um africanismo, provavelmente de origem banta, kikongo *kasakana*, conforme constatado nas pesquisas lexicográficas.

6.7.1.5 Cabra sem chifres

Do levantamento nos dicionários, para *uma cabra que não tem chifres*, pode-se observar que, das três lexias, *mocha*, *suruca* e *muvu*:

- (i) *mocha* é a que atende ao sentido utilizado pelos informantes, embora os autores ampliem a significação para outras espécies, além dos caprinos;
- (ii) *muvu* não está dicionarizada, e
- (iii) *suruca* está registrada com outras acepções.

Quanto ao étimo: há origem latina, como *mocha* (*murculus; murcus*), espanhol mocho, com fonte histórica século XVI, mas com possibilidade, também, de ser um africanismo, vindo do quimbundo *muxingo*, segundo Lopes ([1996] 2003); e africanismo, como *suruca* (já mencionado para *galinha sem rabo*) e *muvu*, este último, provável quimbundo ou quicongo *muviú*.

6.7.1.6 Sanguessuga

Da análise lexicográfica, constatou-se que apenas a forma considerada padrão, *sanguessuga*, de origem latina e registros antigos (século XVI) – o que inclui algumas das variantes fonéticas – está dicionarizada com a mesma acepção presente na amostra, tanto nas obras clássicas quanto contemporâneas.

As demais lexias ora estão registradas com outras acepções, fazendo alusão a insetos também hematófagos, como o barbeiro, mas de espécies diferentes, ora se configuram como extensão de sentido, como *chupão*, do verbo espanhol *chupar*, apenas entre os autores da atualidade.

Quanto à *mazá*, esta consiste em africanismo, do quimbundo *mazaia* e quicongo *maza; manzá*, está presente apenas em obras específicas, à exceção de Aulete (1970).

No que diz respeito aos dados encontrados na tese, com relação à investigação léxico-semântica, pode-se afirmar que a maioria das palavras tem origem latina, embora haja registros de alguns africanismos e tupinismos.

Sobre os tupinismos, além de a amostra ser reduzida – se se considerar que as questões analisadas, são um recorte da fauna – o número reduzido de itens lexicais de base tupi e/ou tupi-guarani, justifica-se principalmente pelo extermínio das populações autóctones e consequente eliminação das línguas indígenas, corroborando com as informações trazidas na seção referente à sócio-história.

Assim, das seis questões, em apenas duas se apuraram tupinismos, como é o caso de *gambá*, *cangambá* e *sariguê*, para *gambá* (QSL 71) e *nambu* e *sururu* para *uma galinha ou pinto sem rabo* (QSL69).

Quanto aos africanismos, embora também sejam minoria em comparação com os latinismos, estes trazem resultados mais significativos. Nas seis questões estudadas, há itens lexicais de base africana em todas elas, apesar das muitas divergências entre os autores, conforme destacado nesta seção de síntese da análise.

Tem-se, assim, *bode* e *carneiro*, para *cria da ovelha* (QSL 59); *galinha d'angola*, *guiné* e *caterê*, para *galinha d'angola* (QSL 67); *cotó*, *suruca* e *suru*, para *galinha ou pinto sem rabo* (QSL 69); *gambá* e *cassaco* para *gambá* (QSL 71); *mocha*, *suruca* e *muviú*, para *cabra sem chifres* (QSL 79) e *mazá* para *sanguessuga* (QSL 84).

6.7.2 Resultados da Análise Geolinguística

Na análise geolinguística, após o levantamento de dados e a investigação lexicográfica, foi necessário avaliar o que foi encontrado, considerando sua distribuição diatópica nos documentos.

O primeiro passo foi realizar uma leitura cuidadosa das seis cartas coincidentes nos atlas já publicados, o *APFB* e o *ALS*, para obter uma visão panorâmica das ocorrências nos dois Estados, Bahia e Sergipe. Somente após esse levantamento, dedicou-se à análise detalhada dos dados da amostra em recorte.

Essa primeira leitura foi crucial para identificar lexias que:

- (i) estavam presentes somente em um dos estados ou em ambos, numa mesma sincronia;
- (ii) se mostraram recorrentes em um dos estados ou em ambos, quando comparadas com as duas sincronias, indicando possível variação estável;

- (iii) deixaram de ocorrer na segunda sincronia (a mais atual), sinalizando variantes em desuso.

O segundo passo envolveu o confronto entre os documentos, nos pontos de inquérito condizentes com a amostra, agora utilizando os dados do Projeto ALiB, conforme descrito na metodologia.

A partir desse confronto, foi possível dimensionar as ocorrências em recorte, identificando presenças, ausências e coincidências. Isso proporcionou uma reflexão sobre as possíveis causas, relacionadas às escolhas dos falantes, inevitavelmente envolvendo fatores linguísticos e sociais.

Como resultado, destaca-se a síntese obtida a partir da análise comparativa nas cartas do tipo “Lc”, que incorporam os três *corpora*, combinando os dados para cada questão, como será apresentado na sequência.

Vale ressaltar que essa abordagem oferece uma visão abrangente e integrada dos resultados já esboçados no primeiro modelo, as cartas “La”, que compararam os dados do *APFB* e do *ALS* (primeira sincronia – dados antigos); e no segundo modelo, as cartas “Lb”, que trazem os dados do Projeto ALiB (segunda sincronia – dados atuais), conforme discutido anteriormente.

6.7.2.1 Cria da ovelha

Em síntese, das seis lexias apuradas nos *corpora* sobre a *cria da ovelha*, pode-se afirmar que há uma distribuição peculiar entre as localidades para nomear investigadas. Com relação à Bahia, comparando as duas sincronias, tem-se o registro de cinco das sete variantes – *cabrito*, *borrego*, *marrã*, *bezerro* e *carneiro*, esta última com ocorrência apenas no ALiB, não tendo sido mencionada pelos informantes do *APFB*.

Quanto à Sergipe, foram apuradas cinco formas: *cabrito*, *borrego*, *carneiro*, *marrã* e *bode*, sendo que apenas as três primeiras ocorreram nas duas sincronias. *Marrã* tem registro apenas no *ALS* e *bode*, só no ALiB para Sergipe.

No Quadro 40 tem-se a síntese do que se apurou nos três documentos, em que se pode constatar a distribuição das lexias a saber:

- (i) nos dois Estados, nas duas sincronias, como é o caso de *cabrito* e *borrego*;
- (ii) em um ou noutro estado, em apenas uma das sincronias, como *marrã*, na Bahia, e *bode*, em Sergipe;

- (iii) em ambos os Estados, mas, ora em uma ora em outra sincronia, como carneiro, que ocorre tanto na Bahia como em Sergipe, mas apenas entre os sujeitos do *ALS* e Projeto ALiB, excetuando-se o *APFB*.

Quadro 40 – Síntese das ocorrências para *cria da ovelha* nos *corpora*

Cria da ovelha			
APFB	ALS	Projeto ALiB	
		BA	SE
Cabrito	Cabrito	Cabrito	Cabrito
Borrego	Borrego	Borrego	Borrego
Marrã	Marrã	Marrã	-
Bezerro	-	Bezerro	-
-	Carneiro	Carneiro	Carneiro
-	-	-	Bode

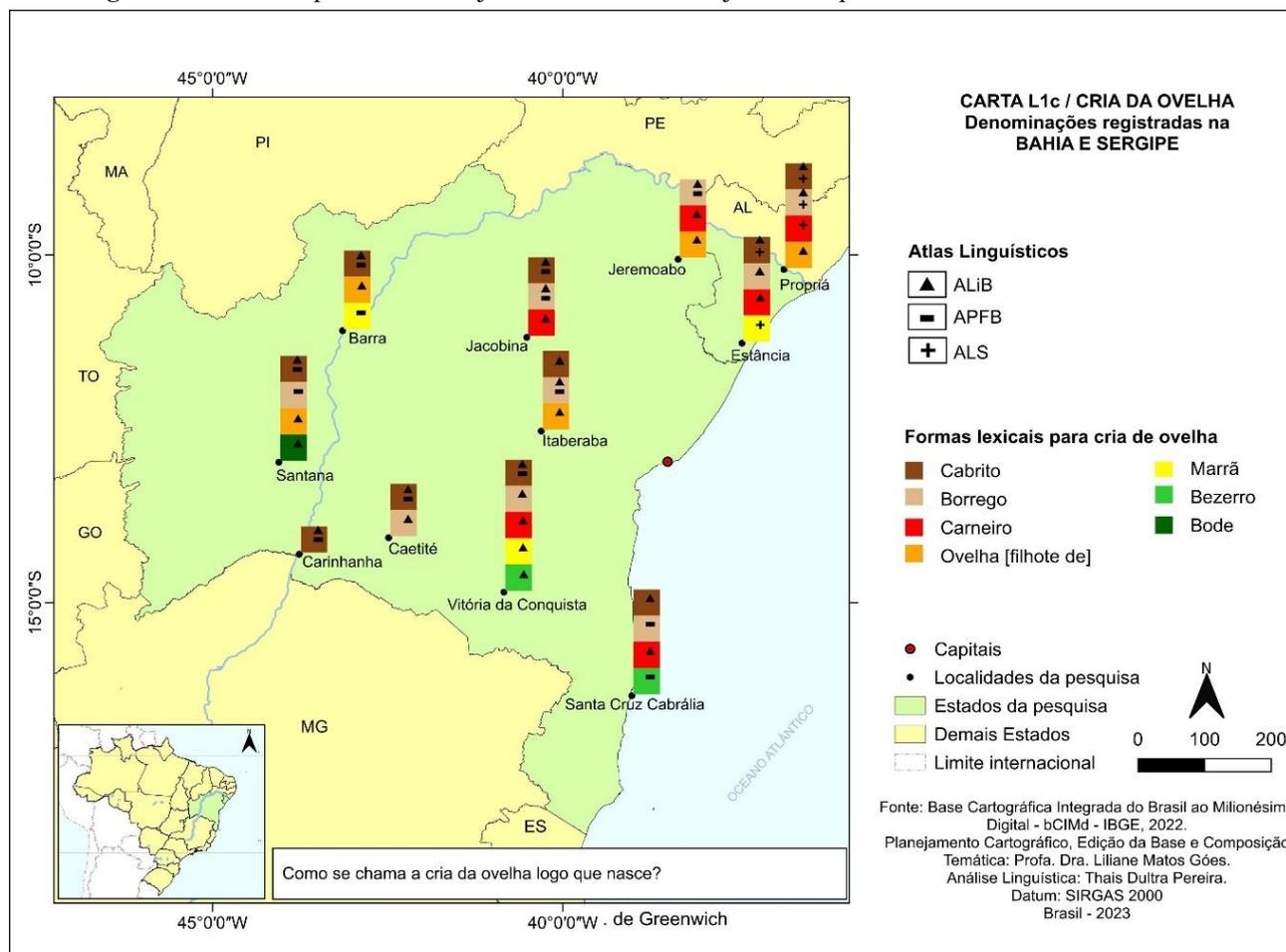
Fonte: Elaboração própria.

Em resumo, fica evidente que:

- (i) *cabrito*, *borrego* e *marrã* são lexias comuns aos três documentos, embora *marrã* tenha sido registrada apenas no Estado da Bahia;
- (ii) *carneiro* foi apurada no *ALS* e nos dados do Projeto ALiB, tanto para a Bahia como para Sergipe;
- (iii) *bezerro* teve registro apenas na Bahia, em dados do *APFB* e Projeto ALiB;
- (iv) *filhote de ovelha*, com registros na Bahia e em Sergipe, e *bode*, apenas na Bahia, tiveram ocorrências apenas nos dados do Projeto ALiB.

No que concerne à distribuição espacial, a Carta experimental conjunta L1c (Figura 45) sintetiza o registro desses dados nos onze pontos de inquérito, no que diz respeito à presença e/ou ausência, as ocorrências para *cria da ovelha* nos *corpora*. Os dados refletem, principalmente, a perspectiva diatópica, uma vez que se dispõem os itens lexicais ora para o *APFB* e *ALS*, ora para os dados do Projeto ALiB em ambos os Estados.

Figura 45 – Carta Experimental Conjunta *APFB*, *ALS* e Projeto ALiB para BA e SE: L1c – Cria da ovelha



Fonte: Góes (2023), com análise linguística da autora, a partir dos dados do *APFB* (Rossi, 1963), *ALS* (Ferreira *et al.*, 1987) e Projeto ALiB.

Como já mencionado e detalhado na carta L1a, reafirma-se a constatação de que a distinção entre as subáreas de *borrego* e *cabrito*, para a Bahia, conforme estabelecido por Cardoso (1994), permanece válida. Esta observação é respaldada pelas análises nas localidades do *APFB*, *ALS* e ALiB para a Bahia, conforme investigado na amostra.

6.7.2.2 Galinha d'angola

A respeito das nomeações utilizadas pelos sujeitos para descrever a *ave de criação* parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas, sobre as sete lexias registradas nos corpora – *guiné*, *cocar*, *quem-quém*, *saqué*, *galinha d'angola*, *tô-fraco* e *caterê* –, fica evidente, no confronto dos documentos, com relação às localidades investigadas, que:

- (i) *guiné* é a forma comum aos três, com registros nas localidades de Jeremoabo e Jacobina, ainda que, no caso de Jacobina, só se tenha registro em dados do

Projeto ALiB para a Bahia. Quanto à Sergipe, apurou-se também o item em ambos os atlas, nas duas localidades, tanto em Propriá como em Estância, chamando atenção para a manutenção do uso da lexia, ao menos para a amostra.

- (ii) *cocar* e *saqué* foram apuradas apenas na Bahia, tanto no *APFB* quanto no Projeto ALiB. No caso de *cocar*, esta é a forma mais recorrente entre as localidades, visto que, no *APFB*, se constataram as lexias nas localidades de Carinhanha, Jacobina, Santana e Santa Cruz Cabrália, já no ALiB, os itens ocorreram em quase todas as localidades, à exceção de Jeremoabo, sendo a forma mais recorrente para este atlas.

O resumo do que se apurou nos documentos, nas duas sincronias, está disposto no Quadro 41.

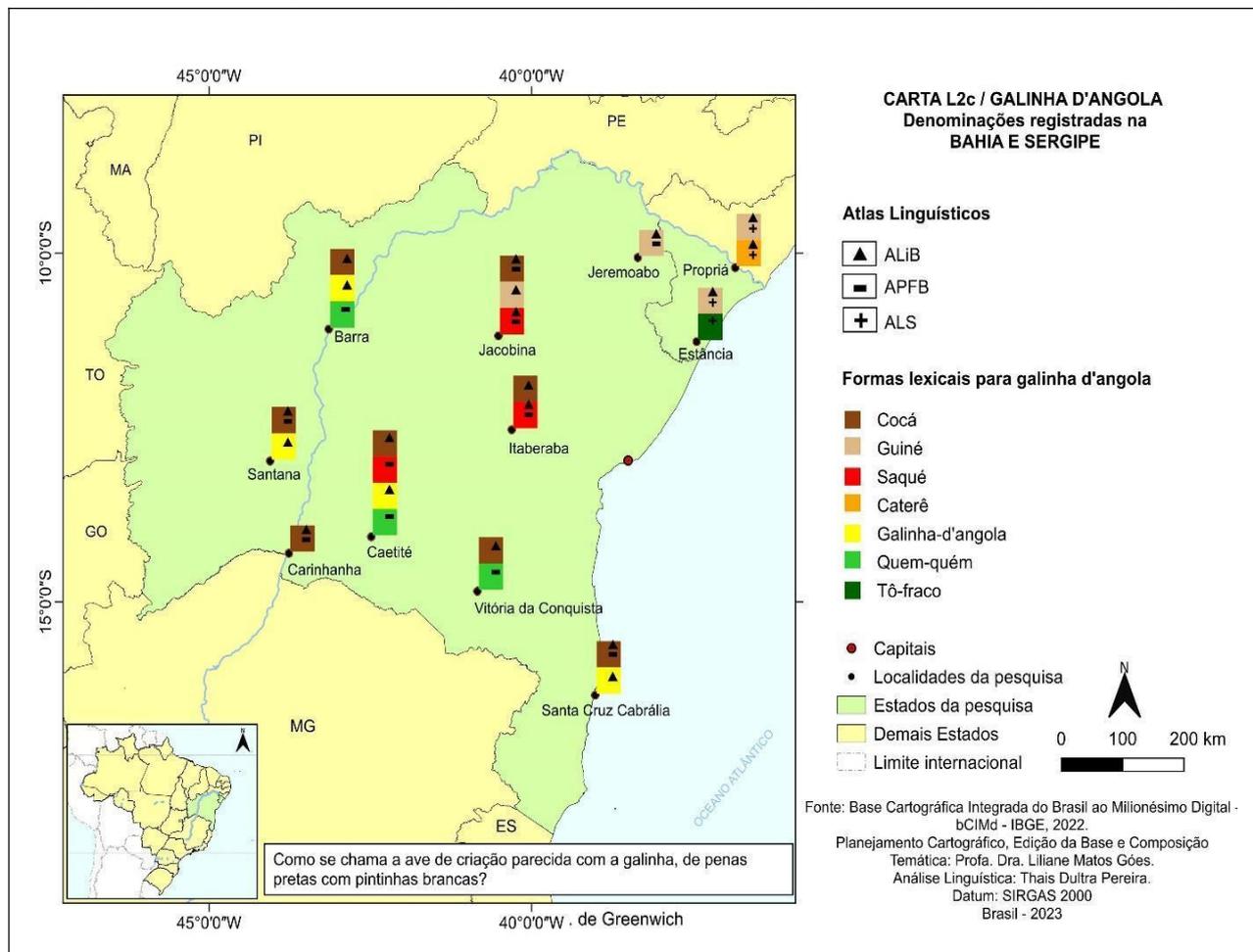
Quadro 41 – Síntese das ocorrências para *galinha d'angola* nos corpora

Galinha d'angola			
APFB	ALS	Projeto ALiB	
		BA	SE
Cocar	-	Cocar	-
Guiné	Guiné	Guiné	Guiné
Quem-quém	-	-	-
Saqué	-	Saqué	-
-	Caterê	-	Caterê
-	Tô-fraco	-	-
-	-	Galinha d'angola	-

Fonte: Elaboração própria.

Na Carta Experimental L2c, por seu turno, tem-se as ocorrências nos pontos de inquérito investigados, de modo a ser possível observar a distribuição das lexias em ambas as sincronias, tanto para os atlas mais antigos, como para os dados do Projeto ALiB, sintetizando o resultado desse confronto.

Figura 46 – Carta Experimental Conjunta *APFB*, *ALS* e Projeto ALiB para BA e SE: L2c – galinha d’angola



Fonte: Góes (2023), com análise linguística da autora, a partir dos dados do *APFB* (Rossi, 1963), *ALS* (Ferreira et al, 1987) e Projeto ALiB.

Um último comentário se refere à análise dos dados do Projeto ALiB, que não confirmou a existência das três regiões específicas identificadas anteriormente por Ferreira (1998), *cocar*, *guiné* e *saqué*, vistas anteriormente. A variante *cocar* expande-se para o centro do estado, enquanto *quem-quém* deixa de ser apurada.

Quanto à *guiné*, esta permanece em uso, especialmente em Jeremoabo, na Bahia, e também em Sergipe, indicando uma continuidade linguística. Essas mudanças refletem dinâmicas sociais e a substituição de variantes locais pela forma padrão, sugerindo influência de políticas educacionais recentes, como já dito.

Em relação a *tô-fraco* e *caterê*, é relevante observar o seguinte: enquanto ambas foram mencionadas em Sergipe, *tô-fraco* apareceu apenas nos registros do *ALS*, indicando um possível desuso entre os informantes do ALiB. Por outro lado, *caterê*, presente em ambas as sincronias, evidencia-se como uma variante persistente para designar a referida ave no Estado.

Na investigação dos dados do Projeto ALiB relacionados à Bahia, no que se refere a *tô-fraco*, é relevante notar que, embora os informantes não tenham utilizado diretamente essa expressão para se referir à ave, há referências ao som por ela produzido nas localidades de Caetitê, Carinhanha e Jeremoabo, como visto na análise. Esse aspecto destaca a utilização do significado sonoro como um meio de identificação do animal.

6.7.2.3 Galinha sem rabo

Sobre as oito lexias listadas entre os dados da amostra para nomear *uma galinha* ou *um pinto sem rabo* – *sura*, *suruca*, *nambu*, *toco*, *cotó*, *sururu*, *mensura* e *pasura*, pode-se afirmar que:

- (i) *suruco* se manteve ao longo do tempo, visto que ocorre em oito dos nove pontos de inquérito investigados, excetuando-se apenas Barra, sendo comum aos três documentos. Nesta localidade, inclusive, a ausência para *suruco*, com relação ao *APFB*, se manteve. Já em Sergipe, só se obteve registro da lexia em Estância, tanto no *ALS* como nos dados do Projeto ALiB, sinalizando estabilidade;
- (ii) *suro* está presente nos nove municípios da Bahia, o que demonstra estabilidade da lexia, entre os informantes do Projeto. Em contrapartida, em Sergipe, esta não se apurou, ou seja, em comparação com o *ALS*, constata-se que Propriá, ao que parece, deixou de realizar a forma, ou esta pode se configurar como item lexical em desuso.

Essas informações podem ser observadas no Quadro 42, que resume as ocorrências nos três documentos.

Quadro 42 – Síntese das ocorrências para *galinha sem rabo* nos *corpora*

Galinha sem rabo			
APFB	ALS	Projeto ALiB	
		BA	SE
Sura	Sura	Sura	-
Suruca	Suruca	Suruca	Suruca
Nambu	-	Nambu	-
-	-	Toco	-
-	-	-	Cotó
-	-	-	Sururu
-	-	Outras	-

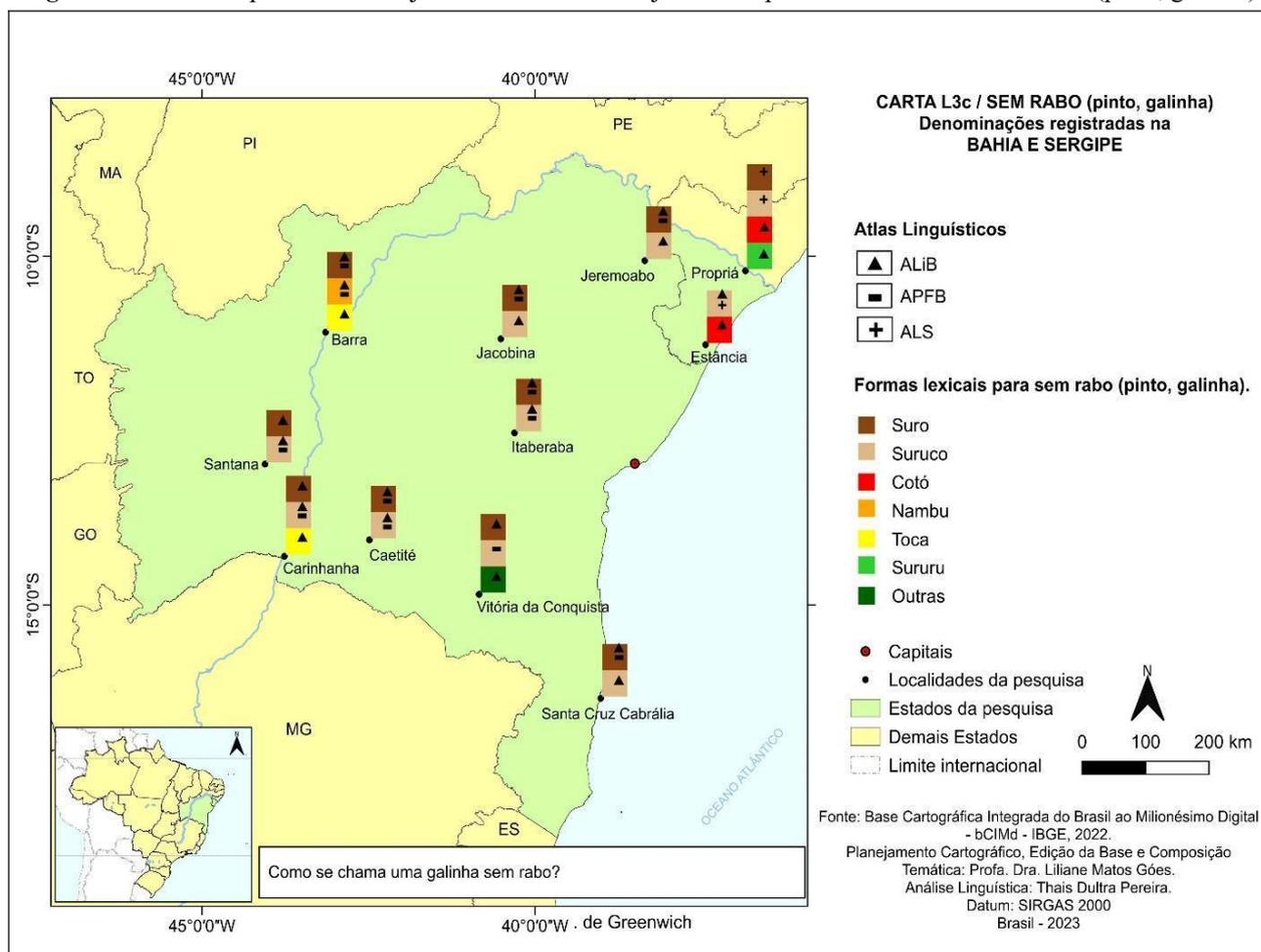
Fonte: Elaboração própria.

Com relação às demais lexias, observa-se que:

- (i) *nambu* se mantém em Barra, com reincidência de registro na localidade, nos três *corpora*;
- (ii) *cotó* ocorre tanto na Bahia, em Barra, como também em Sergipe, nos dois pontos de inquérito, e pode ser um caso de possível inovação, visto que não se registrou em dados anteriores;
- (iii) *sururu* é ocorrência única em Sergipe, mais precisamente em Propriá;
- (iv) *toco* foi apurada apenas na Bahia, nas localidades de Barra e Carinhanha, apenas nos dados do Projeto ALiB e
- (v) *mensura* e *passura*, também ocorrências únicas, como já dito, foram realizadas apenas na Bahia, pelo mesmo informante, em Vitória da Conquista.

A carta Experimental Conjunta L3c (Figura 47) traz o registro do confronto dos dados nos *corpora*.

Figura 47 – Carta Experimental Conjunta APFB, ALS e Projeto ALiB para BA e SE: L3c – Sem rabo (pinto, galinha)



Fonte: Góes (2023), com análise linguística da autora, a partir dos dados do APFB (Rossi, 1963), ALS (Ferreira *et al*, 1987) e Projeto ALiB.

No que diz respeito às duas respostas mais apuradas, em especial, *suruco* e *suro*, constata-se que a primeira se manteve nos dois Estados em todos os documentos, ao menos para as localidades aqui coincidentes e selecionadas; ao passo que *suro* se mantém entre os dados da Bahia, mas não se repete, todavia, entre os informantes de Sergipe, o que pode sinalizar para o desuso da lexia no Estado.

Nambu, embora ocorrências únicas na Bahia, no recorte realizado, perdura no tempo, visto que figura tanto no *APFB* como nos dados do Projeto ALiB, contudo, considerando que a lexia ocorreu, também, em sete pontos, além do coincidente Barra, nos dados da Bahia da década de 1960, seria interessante investigar entre os dados da Bahia, para outras localidades, se há registros, e se fazer maiores considerações acerca dessa lexia.

Observa-se também o aparecimento de outras formas para denominar *uma galinha sem rabo*, como *cotó* em Sergipe e *toca* na parte oeste da Bahia, em três pontos distintos. Essa constatação pode indicar uma possível tendência de redução e/ou substituição gradual do uso de variantes regionais por termos e expressões mais generalizados.

6.7.2.4 Gambá

Com relação à investigação para *gambá* nos *corpora*, as quatro variantes apuradas – *gambá*, *cangambá*, *saruê* e *cassaco* – tem-se o seguinte:

- (i) não há uma lexia comum aos três documentos;
- (ii) *cangambá* tem ocorrência apenas nos atlas mais antigos – *APFB* e *ALS*, o que sinaliza para variação numa perspectiva temporal, visto que está distribuída nos dois estados, como se pode ver nas cartas 141 do *APFB* e 128 do *ALS*;
- (iii) *cassaco* foi apurada apenas no *ALS*, e também pode sinalizar o mesmo tipo de variação relacionada ao tempo, mas, ao menos no que diz respeito às duas localidades em recorte para a amostra;
- (iv) *saruê* tem registro em dados do *ALS* e Projeto ALiB, para ambos os Estados;
- (v) *gambá* ocorreu no *APFB* e ALiB, tanto na Bahia como em Sergipe, nas duas sincronias.

Essas constatações podem ser melhor observadas no Quadro 43.

Quadro 43 – Síntese das ocorrências para *gambá* nos *corpora*

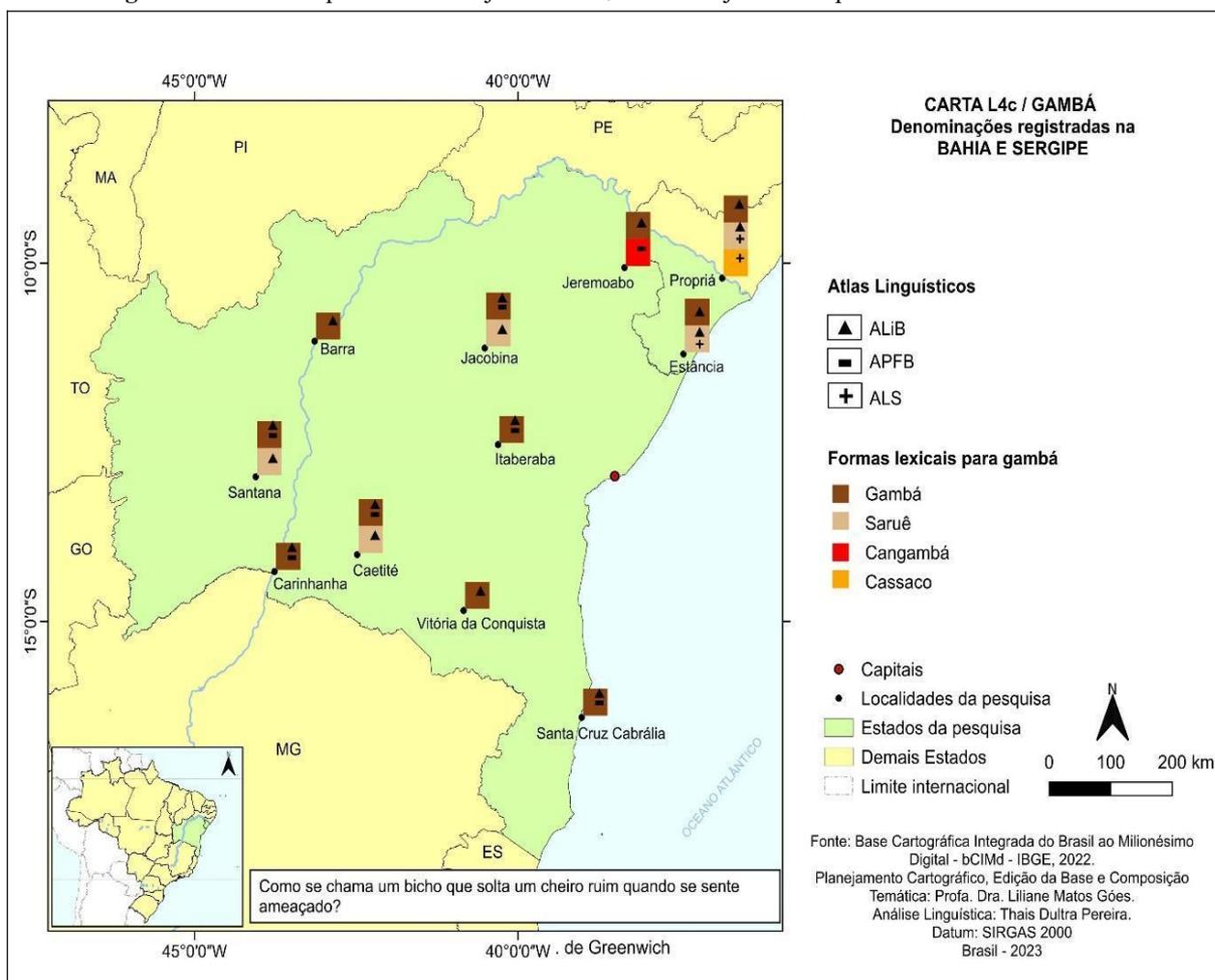
Gambá			
APFB	ALS	Projeto ALiB	
		BA	SE

Gambá	-	Gambá	Gambá
Cangambá	Cangambá	-	-
-	Cassaco	-	-
-	Saruê	Saruê	Saruê

Fonte: Elaboração própria.

Da mesma forma, analisando os três atlas, pode-se visualizar as formas, conforme os pontos de inquérito investigados, em ambas as sincronias, na Carta Experimental L4c demonstrada a seguir.

Figura 48 – Carta Experimental Conjunta APFB, ALS e Projeto ALiB para BA e SE: L4c – Gambá



Fonte: Góes (2023), com análise linguística da autora, a partir dos dados do APFB (Rossi, 1963), ALS (Ferreira *et al*, 1987) e Projeto ALiB.

Por esse panorama, comparando os *corpora* e percebendo a distribuição numa perspectiva atemporal, pode-se observar que as ocorrências por localidade incluem *gambá* em quase 100% dos pontos pesquisados, nos dois Estados.

Quanto à Sergipe, verifica-se a ausência dessa lexia, em contraponto com *saruê*, *cangambá* e *cassaco*.

Em suma, para *gambá*, a representação dos dados coletados nas cartas-resumo permitiu o registro dos itens apurados, em distribuição geográfica na Bahia e em Sergipe, seja em perspectiva sincrônica, seja na junção dos três documentos.

6.7.2.5 Cabra sem chifres

Quanto às ocorrências *mocha*, *suruca* e *muvo*, no que se refere às localidades investigadas nos três documentos, o que se tem, para *uma cabra sem chifres*, é:

- (i) *mocha*, como já dito, é predominante em quase todos os pontos de inquérito, tanto na Bahia como em Sergipe, nos dois recortes temporais;
- (ii) no *APFB* e no *ALS*, a lexia não foi apurada apenas em Vitória da Conquista, onde se registra *suruca*, caso de ocorrência única para a amostra;
- (iii) no *ALS*, *mocha* é categórico;
- (iv) quanto à *muvo*, embora seja caso de ocorrência única, teve registro entre os dados do *ALS*, em ponto distinto dos investigados (65, Curralinho), como já dito, o que evidencia a necessidade de maiores estudos em outros pontos de inquérito do Projeto ALiB.

A síntese desses dados pode ser visualizada no Quadro 44 a seguir.

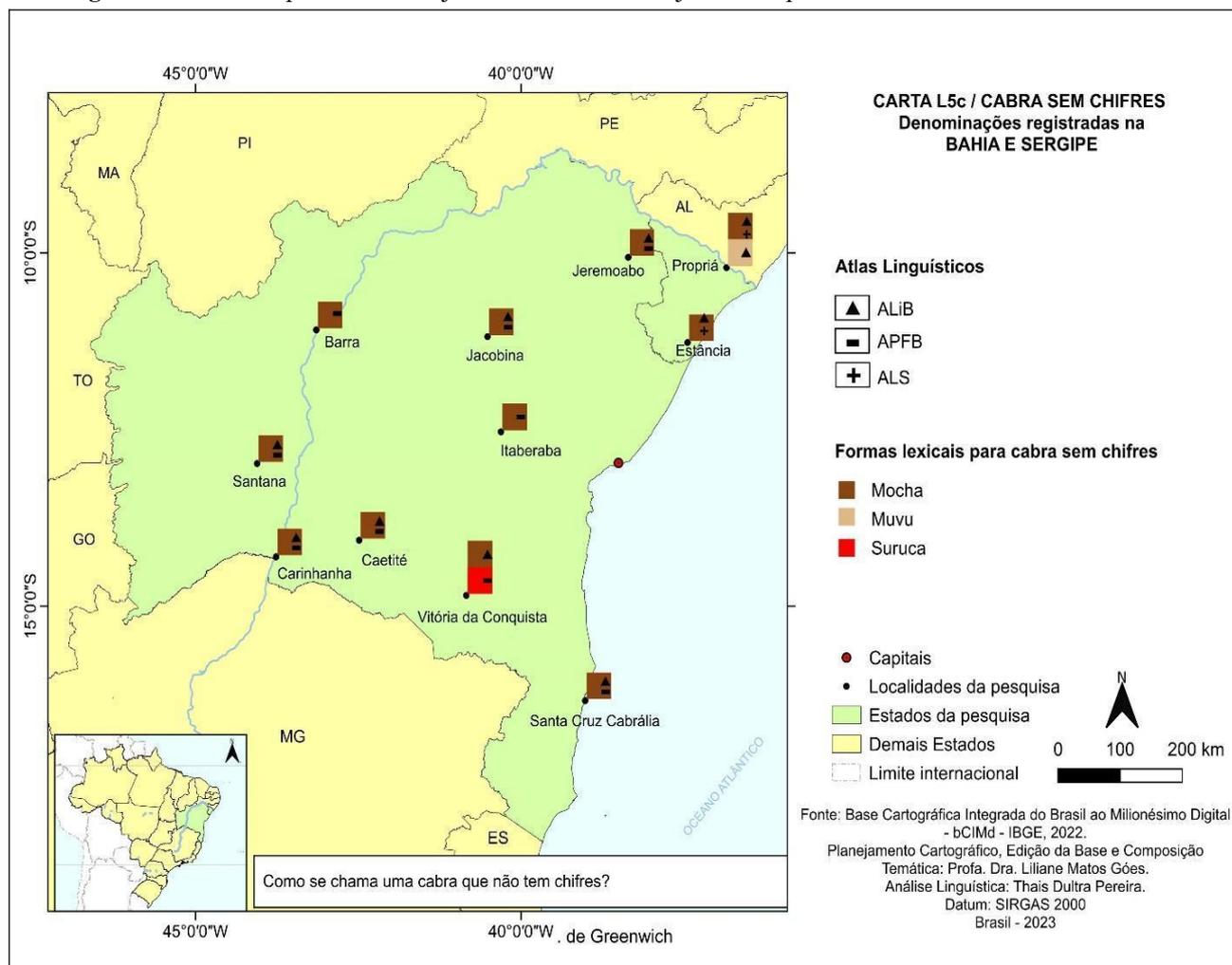
Quadro 44 – Síntese das ocorrências para *cabra sem chifres* nos *corpora*

Cabra sem chifres			
APFB	ALS	Projeto ALiB	
		BA	SE
Mocha	Mocha	Mocha	Mocha
Suruca	-	-	-
-	-	-	Muvo

Fonte: Elaboração própria.

Da mesma forma, a Carta Experimental L5c traz o confronto dos três documentos, permitindo visualizar não só a distribuição das lexias, nos pontos de inquérito, como a comparação dessas nos *corpora* em estudo, em ambas as sincronias estudadas.

Figura 49 – Carta Experimental Conjunta APFB, ALS e Projeto ALiB para BA e SE: L5c – Cabra sem chifres



Fonte: Góes (2023), com análise linguística da autora, a partir dos dados do APFB (Rossi, 1963), ALS (Ferreira *et al.*, 1987) e Projeto ALiB.

Reiterando o que se observou na análise dos dados para uma cabra sem chifres, os registros do Projeto ALiB, evidenciam que *mocha* está presente em praticamente todos os pontos de pesquisa, logo, é categórico, enquanto *muvo* é o termo lexical que ressurge em Sergipe, entre os participantes da amostra.

6.7.2.6 Sanguessuga

Analisando os resultados encontrados na amostra com o levantamento feito nas cartas 128 do APFB e 127 do ALS, tem-se o seguinte cenário para *sanguessuga*, em específico sobre as lexias *chupão* e *mazá*: como já dito anteriormente, *chupão*, embora tenha sido apurada apenas em uma localidade da amostra, tanto nos dados do APFB como no Projeto ALiB, ocorreu também em mais quatro pontos do APFB, o que demonstra que a lexia se mantém firme entre os informantes, ao menos para a Bahia, coexistindo nos dois recortes temporais

presentes nos documentos – década de 60 para o *APFB* e anos 2000 para o Projeto ALiB. As ocorrências apuradas para *sanguessuga* nos *corpora* podem ser visualizadas no Quadro 45.

Quadro 45 – Síntese das ocorrências para *sanguessuga* nos *corpora*: variação lexical

Sanguessuga Variação lexical			
<i>APFB</i>	<i>ALS</i>	Projeto ALiB	
		BA	SE
Sanguessuga	Sanguessuga	Sanguessuga	Sanguessuga
Chupão	-	Chupão	-
Mazá	-	-	-

Fonte: Elaboração própria.

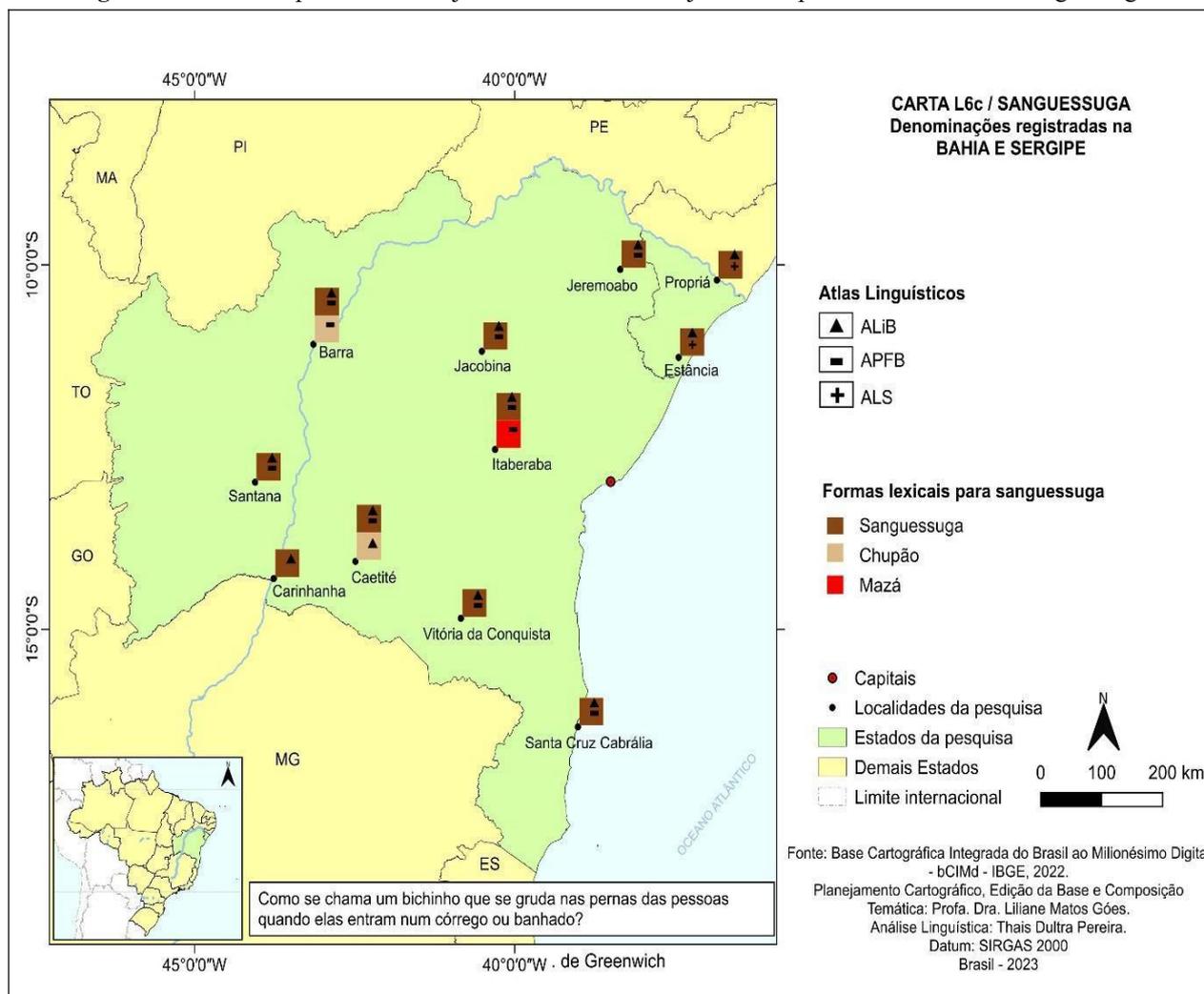
A análise diatópica nas onze localidades demonstrou, como já dito, que *sanguessuga* é a lexia predominante em todos os pontos de inquérito, à exceção de Carinhanha, nos dados do *APFB*; *chupão* teve registro apenas em Barra entre os informantes do *APFB* e Caetité, no Projeto ALiB para a Bahia; *mazá*, por sua vez, ocorreu apenas em Itaberaba, entre os sujeitos do *APFB*; por último, tanto nos dados do *ALS* como do Projeto ALiB para Sergipe, *sanguessuga* foi a lexia categórica.

Em contrapartida, *mazá*, que no *APFB* obteve registro em oito localidades, com doze ocorrências, não foi apurada em nenhum dos pontos do Projeto ALiB para a Bahia, o que demonstra uma lexia em provável desaparecimento, ao menos entre os pontos da amostra.

Para se confirmar tal hipótese, seria interessante investigar, novamente, os pontos nos quais a lexia ocorreu quando da coleta dos dados para o *APFB*, de modo a se constatar se entre os informantes a lexia ainda é utilizada, mas, por ora, o que se tem é que, para a Bahia, *mazá* desapareceu.

Reunindo todos os dados dos documentos em uma única carta, em síntese, pode-se visualizar a distribuição das lexias, com relação à diatopia, na Carta Experimental Conjunta L6c a seguir.

Figura 50 – Carta Experimental Conjunta *APFB*, *ALS* e Projeto ALiB para BA e SE: L6c – Sanguessuga



Fonte: Góes (2023), com análise linguística da autora, a partir dos dados do *APFB* (Rossi, 1963), *ALS* (Ferreira *et al*, 1987) e Projeto ALiB.

E, por último, com relação à variação fonética nos atlas, tem-se as seguintes ocorrências, conforme disposto no Quadro 46.

Quadro 46 – Síntese das ocorrências para *sanguessuga* nos *corpora*: variação fonética

Sanguessuga Variação fonética			
APFB	ALS	Projeto ALiB	
		BA	SE
Sanguessuga	-	Sanguessuga	Sanguessuga
-	-	-	sangue [ˈfugɐ]
[samiˈfugɐ]	-	[samiˈfugɐ]	-
-	-	-	[ˈãgiˈfugɐ]
-	-	[ˈãbiˈfugɐ]	[ˈãbiˈfugɐ]
[ˈãmiˈfugɐ]	[ˈãmiˈfugɐ]	[ˈãmiˈfugɐ]	[ˈãmiˈfugɐ]
-	-	[ˈãmĩˈfugɐ]	-
-	-	[ˈãmiˈsugɐ]	-
-	-	[ˈãniˈfugɐ]	-

Fonte: Elaboração própria.

Comparando os resultados da variação fonética nos documentos, fica evidente que:

- (i) entre os informantes do *APFB*, tem-se, entre os atlas mais antigos, quatro variantes no *APFB*, além de *sanguessuga*, e duas no *ALS*;
- (ii) nos dados do Projeto ALiB para a Bahia, são sete, sendo que cinco ocorreram em Sergipe, totalizando onze variantes fonéticas identificadas;
- (iii) *chamechuga* [ʃãmi'ʃugɐ] é, claramente, a forma predominante nos três *corpora*;
- (iv) *sanguessuga*, tida como padrão, tem ocorrência baixa ou até mesmo nula, como no caso do *ALS*.

Ao término da análise dos dados, em síntese, buscou-se proporcionar uma visão geral, destacando os resultados obtidos a partir das abordagens semântico-lexical e geolinguística. No desfecho dessa pesquisa, dedicada às seis questões fundamentais sobre a fauna (ou parte dela), proporcionou-se uma visão detalhada da dinâmica desses elementos.

O ponto culminante dessa investigação materializou-se na elaboração de seis cartas-experimentais conjuntas, apresentadas nesta seção, cuidadosamente formadas ao amalgamar as sincronias *APFB* e *ALS* (anteriores) com a atual trazidas pelo Projeto ALiB. Essas cartas não só consolidaram as descobertas adquiridas durante a pesquisa, como também proporcionaram uma representação abrangente das complexidades subjacentes à fauna em diferentes períodos temporais.

7 A CASA CONCLUÍDA: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o propósito de refletir sobre o percurso desta pesquisa-tese, desde as sugestões discutidas no Exame de Qualificação até os resultados finais apresentados nesta seção, quer sejam eles conforme esperado ou não, apresentam-se agora as conclusões alcançadas ao longo deste extenso caminho investigativo.

Em primeiro lugar, fez-se um levantamento do que se mostrou relevante a partir do objetivo precípua desta pesquisa, que foi, justamente, analisar o léxico da fauna (e/ou de parte dela) em atlas linguísticos brasileiros, pautando-se nos pressupostos teóricos e metodológicos da Dialetologia Pluridimensional.

Contudo, à medida que os estudos avançaram, percebeu-se que, de um lado, era imperioso priorizar a perspectiva diatópica, visto que os dados da fauna, no que concerne aos fatores sociais, especificamente como sexo, idade e escolaridade, se mostraram irrelevantes para explicar as escolhas lexicais dos falantes.

Nesse sentido, optou-se por não enveredar pelos caminhos da sociolinguística, no diz respeito aos insignificantes dados quantitativos em perspectiva social, como havia se pensado anteriormente (esperava-se avaliar as variáveis sexo para o *ALS* e Projeto ALiB, e apenas a faixa etária no segundo documento, o que se mostrou indiferente).

De outro, as leituras sobre Semântica Cognitiva, em específico, sobre as motivações semânticas, propostas por Alinei (1984), se fizeram necessárias, no sentido de compreender as escolhas dos sujeitos, e tiveram que ser incluídas.

Dito isso, em segundo lugar, as fundações teóricas desse sítio que começou a tomar forma, já no Projeto de Pesquisa, e, baseadas em quatro pilares básicos, foram fundamentais para resolver, os problemas de investigação científica propostos, além de confirmar as hipóteses inicialmente aventadas, as justificativas apresentadas e os objetivos delineados, com vistas a dar conta dos elementos norteadores.

Inicialmente, e tendo como norteador os dados do Projeto ALiB para a fauna, especialmente o Questionário Semântico Lexical (QSL), percebeu-se (e confirmou-se) que, dentre os atlas linguísticos regionais publicados, o *APFB* era, de fato, o que apresentava mais questões coincidentes. Por conseguinte, tinha mais localidades comuns à investigação com o Projeto ALiB, especificamente na área temática da fauna (foram identificados nove pontos de inquérito comuns).

Da mesma forma, durante o percurso, confirmou-se também que o *ALS* se mostrou mais um atlas compatível, seja pelas similitudes com o *APFB*, seja por recobrir as mesmas

áreas temáticas. Além disso, ganhou importância por ser um documento essencial no mapeamento e descrição do falar baiano proposto por Nascentes (1953), apenas para retomar algumas das razões mencionadas na Introdução.

Assim, em resposta à primeira indagação do problema de pesquisa, destaca-se que os fundamentos em Dialetoleologia e Geolinguística, os estudos em Semântica Cognitiva, as Ciências do Léxico e a Etnolinguística desempenharam papéis essenciais.

A proposta de investigar o léxico da fauna, através da análise dos três documentos linguísticos – o *APFB*, o *ALS* e os dados inéditos do Projeto ALiB – revelou-se viável, apesar das dificuldades encontradas pelo caminho. Como evidenciado ao longo dessa construção, o confronto entre esses importantes materiais linguísticos foi possível, embora os desafios, especialmente os de ordem metodológica, tenham sido muitos.

A partir do que se encontrou nos dois Estados e do que se levantou da amostra, os dados possibilitaram a confecção de 18 cartas-resumo, que exibiram a distribuição diatópica dos dados para os documentos analisados. Estas foram organizadas em três modelos, totalizando seis cartas para cada um.

O primeiro modelo, por meio das cartas-resumo La, ilustrou os dados na sincronia mais antiga, trazendo os itens lexicais apurados para a fauna no *APFB* e no *ALS*, com o que já se tinha de registro em ambos os atlas, para os pontos de inquérito estudados. Essa distribuição permitiu a comparação dos dados com a segunda sincronia, mais atual, revelando as características lexicais nos dados do Projeto ALiB para a Bahia e Sergipe, nas cartas-resumo Lb. O terceiro modelo de cartas-resumo, Lc, trouxe a junção do que se apurou nos dois recortes temporais, o que permitiu ter uma visão confrontada desses documentos.

Os fatores extralinguísticos se mostraram fundamentais, especialmente na comparação das duas sincronias e na análise de elementos culturais vinculados ao modo de vida e tradições das comunidades, particularmente no recorte da fauna em estudo. Essa análise, embora baseada em uma amostra limitada de informantes em cada ponto de inquérito, fornece pistas significativas sobre a influência desses fatores.

Constituindo uma resposta direta à segunda pergunta de pesquisa, válida a hipótese de que os fatores extralinguísticos desempenham um papel crucial na configuração do léxico da fauna. Esse impacto se comprova tanto na diatopia, conforme apresentado nas cartas-resumo, quanto na identificação de formas lexicais em declínio, como *quem-quém* para *galinha d'angola* (QSL 67), *cangambá* e *cassaco* para *gambá* (QSL 71), e *mazá* para *sanguessuga* (QSL 84).

Além disso, é notável a influência do modo de vida e das práticas culturais nas referências aos animais, como se constatou nas observações dos informantes sobre a avicultura, caprinocultura e ovinocultura no contexto da agricultura familiar, confirmou ainda mais a importância dos fatores extralinguísticos no processo de variação e mudança linguística.

Pode-se verificar, também, a influência inegável do meio ambiente, especialmente evidente na localidade de Jacobina em relação à sanguessuga. Lá, observou-se o uso da água de fumo para desgrudar do invertebrado. Embora essa não fosse a ênfase principal da investigação, tal informação, apurada por meio das falas dos sujeitos, emergiu de maneira espontânea, quando se realizou a audição e transcrição dos inquiridos entre os dados do Projeto ALiB.

Ao mesmo tempo, a análise revelou aspectos intrigantes relacionados à terceira pergunta de pesquisa. A identificação de muitas dessas formas lexicais em declínio destaca não apenas mudanças linguísticas, mas também aponta para vocábulos em vias de desaparecimento, corroborando a hipótese de que o confronto dos *corpora* permitiu encontrar vestígios dessa transformação lexical.

A abordagem Etnolingüística, nesse sentido, desempenhou um papel crucial ao possibilitar a compreensão mais profunda da interação entre linguagem e ambiente, não apenas ilustrando a consciência da comunidade em relação ao tema, mas também destacando a importância de incorporar práticas ambientais no repertório lexical local. Assim, a Etnolingüística, ao explorar as nuances culturais na linguagem, enriqueceu significativamente a compreensão das dinâmicas linguísticas, revelando camadas de significado que poderiam passar despercebidas em uma análise eminentemente linguística.

Quanto à análise dos dados, a partir das seis questões analisadas, apresentam-se, a seguir, o que se pode concluir dos resultados encontrados.

A respeito de *cria da ovelha* (QSL 59), destaca-se não apenas a reafirmação dos pontos discutidos anteriormente, mas também a confirmação da manutenção das **duas subáreas** para *cabrito* e *borrego*. Essa observação, inicialmente identificada no *APFB* por Ferreira (1994), foi novamente constatada e ratificada nos resultados apurados nos dados do Projeto ALiB.

Esse padrão reiterado entre os *corpora* analisados não apenas evidencia a consistência ao longo do tempo, mas também realça a importância dessas distintas subáreas na descrição das denominações para a *cria da ovelha*, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada da diversidade linguística e cultural nas comunidades estudadas.

Sobre a *galinha d'angola* (QSL 67), percebeu-se uma visível mudança social a partir dos usos lexicais trazidos pelos falantes. As onomatopeias, a exemplo de *quem-quém* e *tô-fraco*, associadas ao ruído emitido pela ave, tendem ao desaparecimento, tanto entre os sujeitos da Bahia quanto os de Sergipe, visto que se verificou a gradativa substituição pelo uso de *galinha d'angola*, tida como padrão. Esse fenômeno foi resultado do processo de escolarização e ampliação dos acessos às políticas sociais de incentivo à educação, além de outras medidas inclusivas nas últimas décadas.

Além disso, muitos espaços eminentemente rurais se modificaram, consequência da inegável influência dos cenários urbanos no comportamento das localidades. Por outro lado, *cocar*, variante regional, manteve-se, tendo surgido, inclusive, em pontos de inquéritos que antes não a utilizaram, como Itaberaba, Vitória da Conquista e Barra, sugerindo a conservação da variante entre os sujeitos. Quanto à *caterê*, visto que foi apurada apenas no Projeto ALiB para Sergipe, carece de mais investigações nos demais pontos, tanto em dados do *ALS* como do Projeto ALiB.

Identifica-se, também, para *galinha d'angola* (QSL 67) a reafirmação de três subáreas analisadas entre os estados: *cocar* e *saqué* – ambas motivadas semanticamente pelo som produzido pela ave tem destaque nesse contexto. *Cocar* permanece presente na Bahia, tendo sido apurada em todos os pontos de inquérito, avançando, inclusive, para o centro-oeste do estado, ocorrendo de forma concomitante com *saqué*. Além disso, *guiné*, se mantém em Sergipe, evidenciando a estabilidade da lexia nesse estado. Observou-se também a ocorrência de *guiné* em Jeremoabo, na Bahia, região limítrofe entre ambos os estados.

Para uma *galinha sem rabo* (QSL 69), constatou-se o uso de *suro* nas duas sincronias e nos pontos da Bahia, enquanto *suruco* está bem distribuído em ambos os estados e nos três documentos, demonstrando assim a sua manutenção ao longo do tempo. *Nambu*, outra forma lexical de motivação iconímica associada à ausência de cauda do galináceo com a ave *nambu*, se manteve na localidade de Barra, tanto no *APFB* como no Projeto ALiB.

Além disso, identificou-se o registro de *cotó* em Sergipe, e *toca* na parte oeste da Bahia, em três localidades, denotando o mesmo desaparecimento de formas lexicais regionais por lexias generalizantes. Quanto aos itens de ocorrência única, registradas, *sururu*, em Sergipe, e *mensura* e *passura*, em Vitória da Conquista, esses necessitam de mais investigações para uma compreensão mais específica.

A respeito de *gambá* (QSL 71), foram identificadas as formas lexicais *cangambá*, *gambá*, *cassaco* e *saruê*, para as quais não se constatou o registro de lexia comum aos três documentos.

Chama a atenção as dificuldades e/ou discrepâncias metodológicas dos documentos investigados, uma vez o *APFB* apresentou um número significativo de não respostas. A inferência a partir disso sugere que não foram aproveitadas formas que poderiam comprovar a sinonímia, como *sariguê/ saruê*, apurada entre os sujeitos do Projeto ALiB nos dois estados e também nos dados do *ALS*, quando se ouviu a gravação dos inquiridos, encontrando lexia *cassaco*, de ocorrência única.

Considerando que *cangambá* teve registro apenas nos dados do *APFB* e *ALS*, ou seja, na primeira sincronia, aponta para indícios de variação numa perspectiva temporal, dada a ausência nos dados do Projeto ALiB, bem como a distância de pelo menos 40 anos entre os documentos. *Gambá* é a forma recorrente entre as duas sincronias para a Bahia, além de ter sido apurada em Sergipe, nos dados do Projeto ALiB.

Para nomear uma *cabra sem chifres* (QSL 79), observou-se a categorização de *mocha* em quase todos os pontos de inquirido na Bahia e em todos em Sergipe, tanto nos documentos mais antigos quanto no Projeto ALiB.

No entanto, foram registrados dois casos de ocorrência única: *suruca*, em Vitória da Conquista, no *APFB*, que pode ter sido motivado semanticamente pela generalização de nomear a ausência de algum membro ou parte amputada, e *muvu*, no Projeto ALiB para Sergipe, mais especificamente em Propriá, além de duas localidades na Bahia em que não se apurou nenhuma lexia.

Para *sanguessuga* (QSL 84), a variante lexical *sanguessuga*, de motivação também iconímica, relacionada à ação de sugar o sangue das vítimas, é categórica entre os documentos, tendo sido apurada nas duas sincronias. Ficou evidente, contudo, que a variante fonética *chamechuga* [ʃãmi'ʃugɐ] se mostrou recorrente entre os sujeitos da Bahia nas duas sincronias, o que, mais uma vez, aponta para o uso de generalizações em substituição às variantes regionais.

Por outro lado, *mazá*, com registro apenas no *APFB* – e, antes, recorrente em vários pontos de inquirido, com sugestão de uma subárea na região central, se aproximando do leste do estado, como visto na análise da carta 137 –, não mais apareceu, indicando claramente o desaparecimento da lexia. Além do mais, a variante lexical *sanguessuga* quase não foi utilizada.

Registra-se também a dificuldade em confrontar os documentos, sendo a principal razão disso a divergência de metodologia de cada um deles: o *APFB* e o *ALS*, por serem os documentos mais antigos, têm em seu cerne a orientação de levantar localidades e sujeitos dentro de um perfil mais próximo do rural e com pouca ou nenhuma escolarização. Isso o

difere do Projeto ALiB, que ampliou o seu recorte social e incluiu informantes com o ensino fundamental I (até a antiga 4ª série), logo, escolarizados.

Ocorre que, embora o fator escolaridade não interfira diretamente nos resultados da pesquisa em relação aos usos do léxico da fauna nas comunidades, percebeu-se, como possível consequência do maior acesso às pessoas à inclusão e permanência nas escolas, e também pelo crescimento das tecnologias nesses espaços, através das políticas públicas já mencionadas, a substituição das variantes mais antigas.

Essas variantes foram identificadas como onomatopeicas pelos usos mais próximos do padrão normativo, e/ou generalizante, como as apuradas para a *galinha d'angola* (QSL 67), *galinha sem rabo* (QSL 69) e *sanguessuga* (QSL 84), conforme descritas anteriormente.

A mudança de perfil das localidades e também dos informantes, não apenas sob o ponto de vista da metodologia, mas também em relação a mudanças de comportamento decorrentes da modernização da sociedade de maneira geral, é outro fator imprescindível a se considerar nos resultados apurados.

Dado que cidades consideradas rurais estão sujeitas às influências do meio urbano, tanto nos espaços familiares quanto nos ambientes de trabalho, muitas vezes próximos ou os mesmos, é evidente que as variantes regionais enfrentarão desafios para se manter nas comunidades de fala. Mesmo que entre os sujeitos mais velhos essas variantes persistam, elas tendem a ser substituídas pelas formas aprendidas pelos mais jovens, resultando em maior homogeneização, como observado em alguns contextos de análise discutidos nesta tese.

Isso inclui a diminuição e até mesmo o desaparecimento de certas espécies do convívio urbano, como o *gambá*, a *galinha d'angola*, a *galinha sem rabo* e a *sanguessuga*, por exemplo. Antes tão presentes entre os humanos, hoje, mesmo nos espaços ditos como rurais, são vistos cada vez menos.

A investigação diatópica suscitou questionamentos sobre a pouca coincidência das ocorrências, decorrentes das lacunas com relação à metodologia dos atlas. Algumas dessas questões incluem:

- (i) Por que se registraram tão poucas ocorrências para *gambá* no APFB? Teria sido somente por conta dos problemas metodológicos que comprometeram a maioria dos casos de “vazios” registrados na carta 141, ou não se considerou outra forma como sinonímia, a exemplo do que se comprovou para o Projeto ALiB, em que se apurou, além de *gambá*, *saruê*, em ambos os estados?
- (ii) Por que a forma *chupão*, registrada em Barra, no APFB, não foi apurada entre os dados do Projeto ALiB, para a mesma localidade, mas teve registro em Caetité?

Ou seja, embora tenha se mantido nas duas sincronias, não ocorreu nas mesmas localidades?

- (iii) Por que Barra é umas das poucas coincidências entre as sincronias, no que diz respeito aos regionalismos, visto que, para uma *galinha sem rabo* (QSL 69), se apurou *nambu* tanto no *APFB* como no Projeto ALiB, para estes pontos de inquérito?

Muitos desses questionamentos, especialmente relacionados ao *APFB*, permanecem sem resposta devido à ausência de recursos técnicos para o registro de áudio dos sujeitos entrevistados na época da aplicação dos questionários. A falta de gravações sonoras impactou a análise de maneira significativa, mas as notas registradas nas cartas e a consulta às transcrições simultâneas ajudaram a atenuar essa limitação, proporcionando, em alguns momentos, informações valiosas para a análise do atlas.

Outro fator importante a ser considerado é a distância temporal entre os documentos, conforme mencionado anteriormente, refletindo as transformações pelas quais as localidades passaram ao longo do tempo, especialmente no contexto da urbanização e modernização, resultando em mudanças e/ou perdas no campo lexical dos falantes.

Para as questões levantadas sobre Barra, a principal hipótese consiste no isolamento da região.

O isolamento geográfico e socioeconômico de Barra ao longo do século XX exerceu uma influência significativa sobre a variação linguística na região, conforme relatado por Souza Sobrinho⁸⁸ (2006). No final do século XIX e início do século XX, Barra prosperava como um importante entreposto comercial, impulsionado pela navegação fluvial e sua posição estratégica na confluência dos rios Grande e São Francisco. Esse contato intenso com o tráfego de mercadorias e pessoas de regiões como o Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste certamente contribuiu para a circulação de termos na região, sobretudo relativos à produção agrícola, piscicultura e de galináceos, que se integraram à comunidade de fala.

No entanto, a decadência da navegação no rio São Francisco e a exclusão de Barra dos planos rodoviários estaduais e nacionais na década de 1960 isolaram o município, que passou a ser economicamente desinteressante para investidores e pouco acessível ao poder público. Como o asfalto só chegou à cidade em 1997, Barra enfrentou aproximadamente três décadas

⁸⁸ Para maiores informações sobre o contexto social e econômico de Barra, sugiro a leitura do estudo realizado por José de Souza Sobrinho, intitulado *Brejos da Barra-BA: comunidades camponesas no processo de desenvolvimento no Vale do São Francisco*, publicado em 2006, disponível em: doi:10.11606/D.8.2006.tde-30032007-165710. Acesso em: jan. 2024.

de relativo isolamento em relação aos municípios vizinhos, com o acesso limitado a estradas de chão e ao transporte fluvial, segundo Souza Sobrinho (2006).

Esse isolamento prolongado pode ter contribuído tanto para o desuso de certos regionalismos quanto para a preservação de outros entre os sujeitos da comunidade. Como visto na análise, lexias como *chupão*, registrada anteriormente em Barra no *APFB*, não foram apuradas nos dados do Projeto ALiB, o que pode ser um reflexo da falta de interação linguística com outras localidades e do consequente distanciamento das influências externas que sustentavam certos usos do léxico.

Já em Caetitê, por outro lado, a manutenção de *chupão* no léxico local sugere uma continuidade dessas práticas culturais, diferente do que se observa em Barra. Por outro lado, termos já utilizados no período de efervescência comercial, como *nambu*, para uma galinha sem rabo, permaneceram no léxico da comunidade de fala devido à continuidade de seu uso em Barra ao longo das décadas de isolamento.

Assim, o isolamento de Barra revela uma dinâmica na qual o distanciamento das inovações linguísticas certamente contribuiu para a perda de lexias ligadas a contextos externos e, simultaneamente, para a preservação de regionalismos que se afirmaram como parte da identidade local.

Mesmo que fossem aplicados os mesmos critérios metodológicos, tanto do *APFB* quanto do *ALS*, nos dias atuais, os resultados possivelmente não seriam muito diferentes em relação ao uso de hiperônimos ou nomes genéricos. Estes são frequentemente empregados como analogia ou por extensão metafórica e/ou metonímica, como exemplificado pelas denominações para a *cria da ovelha* (QSL 59), que incluíram vários filhotes de espécies diferentes, muitos no diminutivo, como *bezerrinho*, *cabritinho*, *marrã*, e até *bodinho*.

De maneira semelhante, observou-se o uso de expressões como *galinha toca* e *galinha cotó* para referir-se a uma *galinha sem rabo* (QSL 69). O mesmo fenômeno ocorreu com o *gambá* (QSL 71) e a *galinha d'angola* (QSL 67), espécies menos conhecidas pelos falantes modernos, uma vez que pertencem a ambientes mais ruralizados, cada vez mais distantes do hoje.

Quanto ao falar baiano, conforme proposto por Nascentes (1958), este continua a se confirmar, pelo menos em relação a algumas das questões investigadas. Nos documentos analisados, as subáreas foram confirmadas, e muitas lexias, apesar das poucas coincidências entre as localidades, permaneceram presentes, mesmo considerando o tempo decorrido entre os atlas.

No que diz respeito aos tupinismos e à sua influência na fauna, pode-se afirmar que há muito pouco de herança etimológica, resultado do genocídio linguístico perpetrado contra os povos autóctones durante o processo de colonização no Brasil, como demonstrado na seção de sócio-história. Exemplos disso são as lexias *gambá*, *cangambá* e *sariguê*, utilizadas para se referir a *gambá* (QSL 71), e *nambu* e *sururu* para designar uma *galinha ou pinto sem rabo* (QSL 69).

Quanto aos africanismos, embora haja um número maior de registros em comparação aos tupinismos, devido à presença cada vez mais expressiva dos africanos e afrodescendentes durante o período da escravidão no Brasil, algumas lexias foram identificadas.

Exemplos disso são *bode* e *carneiro*, para *cria da ovelha* (QSL 59); *galinha d'angola*, *guiné* e *caterê*, para *galinha d'angola* (QSL 67); *cotó*, *suruca* e *suru*, para *galinha ou pinto sem rabo* (QSL 69); *gambá* e *cassaco* para *gambá* (QSL 71); *mocha*, *suruca* e *muviú*, para *cabra sem chifres* (QSL 79) e *mazá* para *sanguessuga* (QSL 84).

No entanto, é importante ressaltar que há divergências entre os autores quanto a muitas dessas lexias, o que indica a necessidade de mais investigações, como destacado na síntese da análise semântico-lexical.

Diante da análise abrangente e minuciosa dos *corpora*, emergiu uma visão enriquecedora das dinâmicas linguísticas e culturais nas comunidades estudadas. A investigação diatópica permitiu não apenas mapear as variações lexicais ao longo do tempo e espaço, mas também desvelou aspectos intrínsecos das relações entre linguagem, cultura e meio ambiente.

Os dados revelaram, por sua vez, o impacto dos fatores extralinguísticos na configuração do léxico da fauna, evidenciando mudanças significativas influenciadas por aspectos socioeconômicos, educacionais e ambientais. Nesse sentido, a abordagem etnolinguística desempenhou um papel crucial ao proporcionar uma compreensão mais profunda da interação entre linguagem e ambiente, enriquecendo a compreensão das nuances culturais presentes nos discursos dos informantes.

A constatação de lexias em vias de desaparecimento, por seu turno, reforçou a importância de preservar e documentar as manifestações linguísticas locais, que estavam intrinsecamente ligadas à identidade cultural das comunidades.

Concluiu-se, assim, que a pesquisa não apenas respondeu às questões propostas, mas também contribuiu para a preservação do patrimônio linguístico e cultural, lançando luz sobre a diversidade lexical e suas transformações ao longo do tempo, além de contribuir para a compreensão do Português brasileiro.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Linguístico do Paraná (ALPR)**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná / Londrina: UEL, 1994.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade; ROMANO, Valter Pereira. As variantes para galinha d'angola: um estudo geossociolinguístico e lexical. In: MOTA, Jacyra; RIBEIRO, Silvana Soares; OLIVEIRA, Josane Moreira de. (Orgs.) **Atlas Linguístico do Brasil: comentários às cartas linguísticas**. v. 3. Londrina: Eduel, 2023.
- ALINEI, Mario. **Lingua e dialetti: struttura, storia e geografia**. Bologna: Il Mulino, 1984.
- ALINEI, Mario. Magico-religious motivations in european dialects: a contribution to archaeolinguistics. **Dialectologia et Geolinguistica**, n. 5, 1997, p. 3-30. [Versão digital]. Disponível em: doi:10.1515/DIG.1997.1997.5.3. Acesso em: abr. 2023.
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto Caipira: gramática, vocabulário**. 3. ed. Prefácio de Paulo Duarte. São Paulo: Hucitec em co-edição com a Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976.
- AMARAL, Gisele Ferreira e outros. **Avicultura de postura: estrutura da cadeia produtiva, panorama do setor no Brasil e no mundo e o apoio do BNDES**. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 43, p. [167]-207, mar. 2016. [Versão digital]. Disponível em: <<http://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/9579>>. Acesso em: 24 dez. 2022.
- ARAÚJO, A.M. e PINHEIRO, A.A.. Caráter Mocho e Infertilidade em Caprinos. Sobral. EMBRAPA-CNPC, 4p (2004). **Comunicado Técnico, 60**. [Versão digital]. Disponível em: <<http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/CNPC/20196/1/cot60.pdf>>. Acesso 24 ago. 2018.
- AULETE, C. Aulete Digital. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: Dicionário Caldas Aulete**, online. Lexikon Editora digital [s.i.]. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>>. Acesso em 05 jul. 2020.
- BBC News Brasil. **Hermafroditas, 32 cérebros e 18 testículos: as sanguessugas e sua utilização pela medicina**. 23 ago. 2016. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-37084888>>. Acesso em: mar. 2023.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2 Ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2001, p. 131-144.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional**. 2 Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dicionários do português: da tradição à contemporaneidade. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 47, n. 1, 2003, p. 53-69. [Versão digital]. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4232>>. Acesso em: 22 jun. 2023.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário português & latino**: aulico, anatomico, architectonico ... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v. [Versão digital]. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5412>>. Acesso em: 19 jan. 2024.

BOTTINO, Flávia e outros. Influência do dimorfismo sexual sobre a morfologia da siringe de galinha d'angola (*Numida meleagris*). **Ciência Rural**, Santa Maria, v. 36, n.5, p.1424-1428, set-out, 2006. [Versão digital]. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-84782006000500012>>. Acesso em: 15 set 2021.

BOUDIN, Max H. **Dicionário de tupi moderno (Dialeto tembé-ténêthar do alto rio Gurupi)**. Vol. I [tembé-português]. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978 [Versão digital]. Disponível em: <<http://www.etnolinguistica.org/biblio:boudin-1978-dicionario>>. Acesso em: 03 jan. 2023.

BOUDIN, Max H. **Dicionário de tupi moderno (Dialeto tembé-ténêthar do alto rio Gurupi)**. Vol. II [português-tembé]. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978 [Versão digital]. Disponível em: <<http://www.etnolinguistica.org/biblio:boudin-1978-dicionario>>. Acesso em: 03 jan. 2023.

BOUDIN, Maxh. **Dicionário de tupi moderno**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, 1966.

BRASIL, Bahia. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI BAHIA). **Polígono das secas**. 2010. Disponível em: <https://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2603&Itemid=664>. Acesso em: 29 set. 2022.

BRASIL, Bahia. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI BAHIA). **Estatísticas dos Municípios Baianos (2009 a 2011)**. Disponível em: <https://sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2441&Itemid=284&lang=pt>. Acesso em: dez. 2023.

BRASIL, IBGE Cidades. **Censo Agropecuário 2017**, Resultados definitivos. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 22 set. 2022.

BRASIL, IBGE Educa. **Conheça o Brasil**: população rural e urbana. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18313-populacao-rural-e-urbana.html>>. Acesso em: 14 out. 2022.

BRASIL, IBGE, **Produção da Pecuária Municipal 2021**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

BRASIL, IBGE. **Censo Agropecuário 2006**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 22 set. 2022.

BRASIL, IBGE. **Censo Agropecuário Bahia**. VIII Recenseamento Geral do Brasil. Série Regional. Volume III. Tomo XIII, 1970. [Versão digital]. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=745>>. Acesso em: jan. 2024.

BRASIL, IBGE. **Censo Agropecuário Sergipe**. VIII Recenseamento Geral. Série Regional. Volume III. Tomo XII, 1970. [Versão digital]. Disponível em:

<<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=745>>. Acesso em: jan. 2024.

BRASIL, IBGE. **Produção da Pecuária Municipal 2006**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 22 set. 2022.

BRASIL, IBGE. **Produção da Pecuária Municipal 2008**. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 22 set. 2022.

BRASIL, IBGE. **Produção da Pecuária Municipal 2017**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 22 set. 2022.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Base de informações sobre os indígenas**. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/images/agenciadenoticias/Serie_COVID/localidades-indigenas.png>. Acesso: em maio 2023.

BRASIL, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Agricultura familiar**. Disponível em: <<https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/agricultura-familiar/agricultura-familiar-1#:~:text=Agricultura%20Familiar%20%C3%A9%20a%20principal,%2C%20aquicultores%2C%20extrativistas%20e%20pescadores.>>. Acesso em: set. 2022.

BRASIL, Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação (MCTI). Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira (SiBBr). **Didelphis Linnaeus, 1758**. [Versão digital]. Disponível em: <https://ala-bie.sibbr.gov.br/ala-bie/species/178717#tab_recordsView>. Acesso em: set. 2023.

BRASIL, Sergipe. Observatório de Sergipe. **Panorama dos municípios sergipanos: Sul sergipano (para Estância) e Baixo São Francisco (para Propriá)**. 2022. Disponível em: <<https://observatorio.se.gov.br/panorama-dos-municipios-sergipanos/>>. Acesso em: dez. 2023.

BRASIL, Sergipe. Observatório de Sergipe. **Perfil da Pecuária Sergipana**. (2015 e 2020). Disponível em: <<https://observatorio.se.gov.br/perfil-pecuaria-sergipana/>>. Acesso em: dez. 2023.

BRASIL, Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Estatísticas dos municípios baianos**. Salvador: SEI, 2010. [Versão digital]. Disponível em: <https://sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2441&Itemid=284&lang=pt>. Acesso em: mar. 2024.

BRASIL. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Volumes VI, XIX, XX e XXI, 1960. Conselho Nacional de Geografia e Conselho Nacional de Estatística. Rio de Janeiro: IBGE, 1957-1964. [Versão digital]. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=227295&view=detalhes>>. Acesso em: dez. 2023.

BUENO, Mauro Sartori e outros. (s.i.). **Santa Inês: uma boa alternativa para a produção intensiva de carne de cordeiros na Região Sudeste**. [Versão digital]. Disponível em: <<http://www.iz.sp.gov.br/pdfs/1178197186.pdf>>. Acesso em: 08 ago 2021.

CALLOU, Dinah. Quando dialetologia e sociolinguística se encontram. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 41, p. 29-48, 2010. [Versão digital]. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/issue/view/1094/10>>. Acesso em: 24 out. 2021.

CAMPOS-DIAZ, Manuel. **Introducion a la Sociolinguistica Hispânica**. The Atrium, UK: Wiley Blackwell, 2014

CANDOMBLÉ. O Mundo dos Orixás. **Nanã**. Disponível em: <<https://ocandomble.com/os-orixas/nana/>>. Acesso em: mar. 2023.

CANGAMBÁ. Disponível em: <<https://animais.culturamix.com/informacoes/mamiferos/pequenos/cangamba>>. Acesso em set. 2023.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino e outros. **Atlas Linguístico do Brasil: introdução**. Londrina: EDUEL, 2014a. v.1.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino e outros. **Atlas Linguístico do Brasil: cartas**

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Atlas Linguístico de Sergipe II**. Salvador: EDUFBA, 2005.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, Suzana. MOTA, Jacyra Andrade (org.) **Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006.

CARDOSO, Suzana, FERREIRA, Carlota. Som e sentido: inter-relações. Publicado originalmente em Anais do III Encontro Nacional de Fonética e Fonologia, João Pessoa, p. 157-170, 1994. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MOTA Jacyra Andrade; OLIVEIRA, Josane Moreira (org.). Londrina: Eduel; Salvador: EDUFBA, 2021.

CARVALHO e outros. **Caracterização fenotípica e genética em populações de galinhas nativas**. In: CARVALHO Débora Araújo de; SARMENTO José Lindenberg Rocha; ALMEIDA Marcos Jacob de Oliveira. (Org.) Conservação, uso e melhoramento de galinhas caipiras. Ponta Grossa, PR: Atena, 2020, cap. 6, p. 48-60. [Versão digital]. Disponível em: <<http://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/handle/doc/1129540>>. Acesso em: mar. 2023.

CARVALHO, Débora Araújo de. **Diversidade genética ancestralidade individual e padrões de introgressões em raças de galinhas ibero-americanas**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Agrárias. Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal. Teresina, Piauí, 2020, 124f. [Versão digital]. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/vtt-217805>>. Acesso em: mar. 2023.

CARVALHO, Moacyr Ribeiro de. **Dicionário tupi (antigo) / português**. Salvador: 1987. [Versão digital]. Disponível em: <<https://www.institutoyba.com.br/v1/dicionario-tupi-antigo-portugues/>>. Acesso em: jan. 2023.

CASCUDO, Luis da Câmara. **História da alimentação no Brasil**. Cardápio indígena, dieta africana, ementa portuguesa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967. [Versão digital].

Disponível em: <<https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/370/1/323%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2022.

CASTRO, Yeda Pessoa. **Camões com dendê: o português do Brasil e os falares afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2022. E-Book Kindle.

CAVALCANTI, Gitana Nunes. **Biologia comportamental de *Conepatus semistriatus* (Carnivora, Mephitidae) em Cerrado do Brasil Central**. Dissertação (mestrado). Instituto de Ciências Biológicas. Universidade Federal de Minas Gerais. 2010, 46 f. [Versão digital]. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-8MTLN9/1/disserta__o__gitana_nunes_cavalcanti.pdf>. Acesso em: set. 2023.

CAVALCANTI, Gitana Nunes e outros. Avaliação do risco de extinção da Jaritataca *Conepatus semistriatus* (Boddaert, 1785) no Brasil. **Biodiversidade Brasileira**, vol. 3, n.1, p. 248-254, 2013. [Versão digital]. Disponível em: <<https://revistaelectronica.icmbio.gov.br/BioBR/article/download/392/299/1590>>. Acesso em: set. 2023.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **La dialectología**. Tradução de Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros, [1994] 1980.

CHIARELLO, Guilherme Pereira. **Bases anátomo-funcionais da locomoção gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*)**. Tese (Doutorado). Departamento de Medicina Veterinária e Zootecnia. Universidade de São Paulo. 2020, 260 f. [Versão digital]. Disponível em: doi:10.11606/T.10.2020.tde-23022021-093129. Acesso em: mar. 2023.

COMITÊ Nacional do Projeto ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil: Questionários**. Londrina: Ed. UEL, 2001.

COSERIU, Eugenio. COSERIU, Eugênio. Fundamentos e tarefas da Sócio- e da Etnolinguística. I CONSEL. João Pessoa: 1978. (Mimeo).

CRUZ, Maria Luíza de Carvalho. **Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004. Vol I: 159 p. mimeo. Vol II: tomo 1: 110 p. mimeo; tomo 2: 260 mapas. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas. [Versão digital].

CUBA, Marigilda Antônio. **Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015. [Versão digital]. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000201252>>. Acesso em: jun. 2023.

CUENCA, María Josep; HILFERTY, Joseph. **Introducción a la lingüística cognitiva**. Barcelona: Ariel, 1999.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1982] 2010.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, [1976] 1998. [Versão digital]. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/392844911/CUNHA-Antonio-Geraldo-da-Dicionario-Historico-das-Palavras-Portuguesas-de-Origem-Tupi-pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

DEMATTE FILHO, L. C.; MARQUES, P. E. M. Dinâmica tecnológica da cadeia industrial da avicultura alternativa: multifuncionalidade, desenvolvimento territorial e sustentabilidade. **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, SP, v. 18, n. 2, p. 1-11, 2015. [Versão digital]. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/san/article/view/8634674>>. Acesso em: 26 dez. 2022.

DICIONÁRIO **Ilustrado de Tupi-Guarani** [s.i.] [online]. Disponível em:

<<https://www.dicionariotupiguarani.com.br/>>. Acesso em: 20 out. 2021.

DOIRON, Maranhão Pereira Barbosa. Análise motivacional para designações do redemoinho de vento no Atlas Linguístico do Estado de Alagoas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; DOIRON, Maranhão Pereira Barbosa. **Estudos geossociolinguísticos brasileiros e europeus: uma homenagem a Michel Contini**. Cascavel, PR: EDUNIOESTE, Londrina: EDUEL, 2016, p. 89-106.

EMBRAPA. **Cordeiro da raça Dorper**. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-imagens/-/midia/4988001/cordeiro-da-raca-dorper>>. Acesso em: 08 ago. 2021.

EMBRAPA. **Cordeiro Morada Nova**. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-imagens/-/midia/4773001/cordeiro-morada-nova>>. Acesso em: 08 ago 2021.

EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária: **Lenda da Embrapa**. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-imagens/-/midia/1976001/lenda-da-embrapa>>. Acesso em: fev 2016.

EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária: **Ovelha Booroola**. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-imagens/-/midia/1420001/ovelha-booroola>>. Acesso em: fev 2016.

FAEB/ SENAR/ Sindicatos. **Agropecuária**. Municípios da Bahia têm os maiores rebanhos de caprinos, ovinos e alevinos do país, aponta IBGE. 02/10/2017. Disponível em: <<http://www.sistemafaeb.org.br/noticias/detalhe/noticia/municipios-da-bahia-tem-os-maiores-rebanhos-de-caprinos-ovinos-e-alevinos-do-pais-aponta-ibge/>>. Acesso em: 14 set. 2022.

FAGUNDES, Maria Dailza da Conceição. O galenismo nos regimentos de saúde dos físicos Pedro Hispano e Arnaldo de Vilanova (Séculos XIII e XIV). **Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS** [Versão digital], v. 3, p. 157-166, 2011. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/download/22297/13111/83148>>. Acesso em: mar. 2023.

FARACO, Carlos Alberto. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIN, F., BENTES, A. C. (Orgs). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. v. 3. São Paulo: Cortez, 2004, p. 27-52.

FERRAN, Vera de. **Pan-biogeografia dos gêneros *Didelphis*, *Philander*, *Metachirus*, *Chironectes* e *Lutreolina* (Didelphimorphia: Didelphidae)**. Dissertação (mestrado) Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes. Universidade do Rio de Janeiro. 2013, 73f., 2013. [Versão digital]. Disponível em: <<https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/5840/1/Dissertacao%20Vera%20de%20Ferran%20-%20FINAL.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2023.

FERRAREZI JR., Celso. **Semântica**. São Paulo: Parábola, 2019.

FERREIRA, Carlota et al. **Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS)**. Salvador: UFBA /Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, Carlota. Atlas Prévio dos Falares Baianos: alguns aspectos metodológicos. In: AGUILLERA, Vanderci (Org.). **A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: UEL, 1998, p. 15-23.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo Dicionário da Língua portuguesa**. Lisboa [Portugal]: Liv. Clássica, [1889] 1913. [Versão digital]. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/ebooks/31552>>. Acesso em: abr. 2023.

GALINHA araucana. Disponível em:

<<https://www.flickr.com/photos/stgonostalgico/12437681844/in/photostream/>>. Acesso em: abr. 2023.

GOMES, Silvânia Pirangê Silvino e outros. **Avicultura caipira: uma proposta da zootecnia para agricultura familiar sustentável**. [[Versão digital]. XIII Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão - JEPEX 2013. UFRPE: Recife, 09 a 13 de dezembro, 2013. Disponível em: <<http://www.eventosufrpe.com.br/2013/cd/resumos/R1031-2.pdf>>. Acesso em: mar. 2023.

HENRIQUES, Cláudio Cezar. **Léxico e semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

HERKENHOFF, Marcos Edgar. **Variabilidade genética da região controladora do mtDNA (alça-D) de galinhas caipiras brasileiras**. Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Agroveterinárias / UDESC: Lages, 2013. 42f. [Versão digital]. Disponível em: <http://www.udesc.br/arquivos/cav/id_cpmenu/1284/dissertacao_marcos_edgar_final_1567091567445_1284.pdf>. Acesso em: mar. 2023.

HYMES, Dell. **Foundations in Sociolinguistics: An Ethnographic Approach**. Philadelphia, University of Pensilvania Press, 1974.

HOUAISS, Antonio. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**. [s.i.] Instituto Antonio Houaiss - UOL. [Online]. Disponível em: <<http://www.houaiss.uol.com.br>>. Acesso em: ago. 2021.

IBGE. **Censoagro 2017**. Agricultura familiar e não familiar. Disponível em: <<https://censoagro2017.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/25786-em-11-anos-agricultura-familiar-perde-9-5-dos-estabelecimentos-e-2-2-milhoes-de-postos-de-trabalho.html>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

ISQUERDO, Aparecida Negri; TELES, Ana Regina. A rede de pontos. In.: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino e outros. **Atlas Linguístico do Brasil: introdução**. Londrina: EDUEL, 2014a. v.1.

ISTOK. **Somali ovinos:** ovelhas e amamentando de cordeiro. Disponível em: <<https://www.istockphoto.com/br/foto/ovelhas-e-amamentando-de-cordeiro-gm184320428-17286565>>. Acesso em: 08 ago. 2021.

IWAMA, Rafael Eiji. **Sanguessugas parasitas da ordem Rhyncobdellida** (Clitellata: Hirudinida) do território brasileiro. 2017. Dissertação (Mestrado em Zoologia) - Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. [Versão digital]. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/41/41133/tde-03042018-094107/publico/Rafael_Iwama.pdf>. Acesso em: maio 2023.

KATZ, John. **Semantic Theory**. Nova York: Harper and How, 1972.

KOCH, Walter; KLASSMAN, Mário S.; ALTENHOFEN, Cleo. **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil**. V. I – Introdução, v. II – cartas fonético-fonológicas. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: UFRGS/UFSC/UFPR, 2002.

KRIEGER, Maria da Graça. O léxico do português do Brasil em dicionários. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., RIBEIRO, S., (Orgs.). **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 391-400.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Social Factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

LAMB, Sydney M. Lexicologia e Semântica. In: HILL, Archibald Anderson (Org.) **Aspectos da Linguística moderna**. 2. ed. Tradução de Adair Pimentel Palácio et al. São Paulo: Cultrix, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974, p. 42-52.

LIMA, Carlos André Ferreira. **Relatório do Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO), realizado no Laboratório de Andrologia e Ambulatório de Grandes Animais do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Medicina Veterinária, Recife, BR-PE, 2018, 37 p. [Versão digital]. Disponível em: <<https://repository.ufrpe.br/handle/123456789/929>>. Acesso em: abr. 2023.

LÔBO, Ana Maria Bezerra Oliveira; LÔBO, Raimundo Nonato Braga. **Desempenho produtivo de raças caprinas especializadas e seus mestiços para produção de leite em regiões tropicais**. Sobral: Embrapa Caprinos e ovinos, 2015. [Versão digital]. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/138223/1/CNPC-2015-Doc117.pdf>>. Acesso em: abr. 2023.

LOPES, Nei. **Novo dicionário banto do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

LÓPEZ, Francisco Javier Pastor e outros. Intersexualidade em caprinos (intersexuality in goats) **REDVET. Revista Electrónica de Veterinaria**, vol. 16, núm. 6, 2015, pp. 1-13 Veterinaria Organización Málaga, España. Disponível em: <<http://www.veterinaria.org/revistas/redvet/n060615/>>. Acesso em: abr. 2023.

MALISZEWSKI, Eliza. **Bahia mantém liderança em ovinos e caprinos**. AGROLINK, 2021. Disponível em: <https://www.agrolink.com.br/noticias/bahia-mantem-lideranca-em-ovinos-e-caprinos_456826.html>. Acesso em: abr. 2023.

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco**. 4 ed. Maceió: EDUFAL, [1976] 2008.

MATTOS, André. **Tratamento com sanguessugas: ainda uma realidade?** Portal PEBMED. 04/11/2018. Disponível em: <https://pebmed.com.br/tratamento-com-sanguessugas-ainda-uma-realidade/?utm_source=artigoportal&utm_medium=copytext>. Acesso em: mar. 2023.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça; SILVA, Paulo Adriano Santos; SILVA, Heberty Ruan Conceição. Configuração espacial da geografia alimentar em Sergipe. **Confins**, n. 40, 2019. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/confins/20412#tocto1n4>>. Acesso em: dez. 2023.

MF Rural. **Borrego Santa Inês**. Disponível em: <<https://www.mfrural.com.br/detalhe/156605/borrego-santa-ines-po>>. Acesso em: 08 ago. 2021.

MICHAELIS. **Dicionário escolar língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo. Idade Moderna (séculos XV-XVIII). In: RAMOS, Ruy (Coord.). **História de Portugal**. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2010, p. 197-435. [Versão digital]. Disponível em: <<https://doceru.com/doc/80xvsve>>. Acesso em: dez. 2023.

MORAIS SILVA, Antônio. **Grande dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Confluência, 1949-1959.

MOTA, Jacyra. A dialetologia na Bahia. In: AGUILERA, Vanderci (Org.). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005, p. 13-43.

MOTA, Jacyra; RIBEIRO, Silvana Soares; OLIVEIRA, Josane Moreira de. (Orgs.) **Atlas Linguístico do Brasil: comentários às cartas linguísticas**. v. 3. Londrina: Eduel, 2023.

NANNINI, Guilherme. Produção avícola da Bahia se destaca e lidera na região Nordeste. **Canal Rural**, 2024. Disponível em: <<https://www.canalrural.com.br/aves-e-suinos/producao-avicola-da-bahia-se-destaca-e-lidera-na-regiao-nordeste/>>. Acesso em: fev. 2024.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário de sinônimos**. 4. ed. Rio de Janeiro: LEXIKON, [1957] 2011.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955. [Versão digital]. Disponível em: <https://falaminhalingua01.files.wordpress.com/2018/09/edoc-site_dicionario-etimologico-da-lingua-portuguesa-anteno.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2024.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico resumido**. Instituto Nacional do Livro, MEC, 1966. [Versão digital]. Disponível em: <<https://ihgb.org.br/pesquisa/biblioteca/item/26463-dicion%C3%A1rio-etimol%C3%B3gico-resumido-antenor-nascentes.html>>. Acesso em: jun. 2023.

NASCENTES, Antenor. Divisão dialectológica do território brasileiro. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, abr./jun, p.213-219, 1955.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca de 1922**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

NASCENTES. **Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC - Casa de Rui Barbosa, 1958. v. 1.

OLIVEIRA, Alfredo Augusto Porto; NOGUEIRA FILHO, Antonio; EVANGELISTA, Francisco Raimundo. **A avicultura industrial no Nordeste: aspectos econômicos e organizacionais**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2008. (SÉRIE DOCUMENTOS DO ETENE, N.23). [Versão digital]. Disponível em: <<http://s2dspg01.dreads.bnb:8080/s482-dspace/handle/123456789/190>>. Acesso em: 24 dez. 2022.

OLIVEIRA, Dercir. Pedro de (Org.). **Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul (ALMS)**. Campo Grande: Editora UFMS, 2007. 271 p.

OLIVEIRA, Márcia Freire; MENDES, Luciano; VASCONCELOS, Andrea Costa van Herk. Desafios à permanência do jovem no meio rural: um estudo de casos em Piracicaba-SP e Uberlândia-MG. **Revista de Economia e Sociologia Rural** [Versão digital]. 2021, v. 59, n. 2. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9479.2021.222727>>. Acesso em: 14 dez. 2022.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Semântica. In: MUSSALIM Fernanda; BENTES Anna Christina (orgs.) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 2. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PAIXÃO, P. **Os Nomes Portugueses das Aves de Todo o Mundo: Projeto de Nomenclatura**, 2. ed., a separata, n.1, suplemento d'«a folha» n. 66 — verão de 2021 [Versão digital]. Disponível em: <https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha66_separata1_pt.pdf>. Acesso em: 28 set. 2022.

PEIXOTO Aristeu Mendes (Coord.); SOUZA, Julio Seabra Inglês de; REICHARDT, KLAUS; MOLINA FILHO, José. **Enciclopédia agrícola brasileira: S-Z**. vol. 6, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006, p. 382. [Versão digital]. Disponível em: <https://www.edusp.com.br/livros/enciclopedia-agricola-brasileira-6/>>. Acesso em: 19 jan. 2024.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. **Camões com dendê: o português do Brasil e os falares afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2022. [Versão digital].

POP, Sever. **La dialectologie: aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguistiques**, J. Duculot, Louvain, 1950, 2 vol. (volume 1). [Versão digital]. Disponível em: <<https://ia801300.us.archive.org/17/items/ladialectologiea01popsuoft/ladialectologiea01popsuoft.pdf>>. Acesso em: mar. 2024.

PORTAL Agropecuário. **Conheça as principais raças deslanadas de ovinos criadas no Brasil**. Disponível em: <<https://www.portalagropecuario.com.br/ovinos-e-caprinos/criacao-de-ovelhas/conheca-as-principais-racas-deslanadas-de-ovinos-criadas-no-brasil>>. Acesso em: 08 ago 2021.

- PORTAL São Francisco. **Inhambu**. 2005. Disponível em: <<https://www.portalsaofrancisco.com.br/animais/inhambu>>. Acesso em: fev. 2024.
- PROJETO Atlas Linguístico do Brasil. Disponível em: <<http://www.alib.ufba.br>>. Acesso em: 21 jul. 2021.
- RIBEIRO, Maria das Graças; TELES, Maria Eloiza de Oliveira; MARUCH, Sandra Maria das Graças. Histologia e histoquímica do magno, um dos segmentos do oviduto de *Numida meleagris* (Linné) (Numididae, Galliformes). [Versão digital]. **Revista Brasileira de Zoologia** [online]. 1997, v. 14, n. 1, pp. 213-219. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-81751997000100020>>. Acesso em: 21 agosto 2021.
- RICCI-SILVA, Maria Esther. **Análise proteômica do complexo salivar da sanguessuga Haementeria depressa**. 2004. Tese (Doutorado em Biotecnologia) - Biotecnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. [Versão digital]. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/87/87131/tde-03082005-091712/pt-br.php>>. Acesso em: mar. 2023.
- RODRIGUES, Renato. Realizando a descorna em caprinos. **Rural News**, 2023. Disponível em: <<https://www.afe.com.br/artigos/realizando-a-descorna-em-caprinos>>. Acesso em: abr. 2023.
- ROMÃO, Tito Lívio Cruz. Sincretismo religioso como estratégia de sobrevivência transnacional e translacional: divindades africanas e santos católicos em tradução. **Trabalhos Em Linguística Aplicada**, v. 57, n.1, p. 353-381, 2018. [Versão digital]. Disponível em:
- ROSSI, Nelson. A Dialectologia. **Alfa: Revista de Linguística**, Marília, n.11, p. 89-115, 1967.
- ROSSI, Nelson. **Atlas prévio dos falares baianos**. Introdução, questionário comentado, elenco das respostas transcritas. Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Cultura /Instituto Nacional do Livro, 1965.
- ROSSI, Nelson. **Atlas prévio dos falares baianos**. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.
- ROSSI, Rogério Vieira e outros. Ordem Didelphimorfia (Cap. 2). In: REIS, Nélio Roberto e outros. **Mamíferos do Brasil**. UEL: Londrina, 2006. [Versão digital]. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/811s10>>. Acesso em: 26 jul. 2021.
- RUPPERT, E. & BARNES, R.D.. **Zoologia dos Invertebrados**. 6. ed. São Paulo: Roca, 1996.
- SÁ, Edmilson José de. **Atlas Linguístico de Pernambuco**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2013. [Versão digital]. Disponível em: <https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/sa_alipe.pdf>. Acesso em: 02 maio 2021.
- SANTOS, Elisangela Santana dos. O estudo do significado sob a perspectiva da Linguística/semântica cognitiva. **Pontos de Interrogação**, v. 5, n. 1, jan./jul. 2015. [Versão digital]. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/2686>>. Acesso em: abr. 2023.

SANTOS, Jocélio Teles dos. Resenha: VOGEL, A.; MELLO, M. A. S.; BARROS, J. F. P. Galinha d'angola: iniciação e identidade na cultura afro-brasileira (1993). In: **Afro-Ásia**, Salvador, UFBA, n. 17, 1996, p. 245-248. [Versão digital]. Disponível em: <https://www.academia.edu/42778228/SANTOS_Joc%C3%A9lio_Teles_dos_Resenha_VOGEL_A_MELLO_M_A_S_BARROS_J_F_P_Galinha_dangola_inicia%C3%A7%C3%A3o_e_identidade_na_cultura_afro_brasileira_1993_In_Afro_%C3%81sia_Salvador_UFBA_n_17_1996_p_245_248>. Acesso em: 15set 2021.

SANTOS, Joice Ferreira dos. Criação de galinha caipira por agricultores camponeses no município de Condeúba- Bahia e os impactos do financiamento para a agricultura familiar. **Cadernos de agroecologia**: Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe. v. 15 n. 2, 2020. [Versão digital]. Disponível em: <<http://cadernos.abaagroecologia.org.br/cadernos/article/view/5274>>. Acesso em: mar. 2023.

SANTOS, Leandro Almeida dos. **A mulher na Dialetolegia brasileira: tinha Nascentes razão?** Trabalho apresentado no I Fórum Internaciol de Sociolinguística (I FIS), modalidade pôster. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

SANTOS, Leonardo Querino Barboza Freire Dos. **Da convivência à perseguição: (des)encontros entre a medicina e outras artes de curar (paraíba, 1900 – 1920)**. [Versão digital]. Anais III CONAPESC... Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/43039>>. Acesso em: 08/03/2023.

SANTOS, Rodrigo Ataíde dos. **Anatomia, histologia e morfometria do estomago do gambá *Didelphis aurita***. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Viçosa, MG, 2012, 42 f. [Versão digital]. Disponível em: <<https://locus.ufv.br//handle/123456789/2354>>. Acesso em: mar. 2023.

SAPIR, Edward. **A linguagem**: introdução ao estudo da fala. Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1954.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye. Com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. Antonio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27. Ed. São Paulo: Cultrix, 3006. [Versão digital]. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4622783/mod_resource/content/1/Saussure16CursoDeLinguisticaGeral.pdf>. Acesso em: abr. 2023.

SEVERO, A. L.; NOLLA, A.; DEBONA, R.; OVIEDO, J.; BORTOLIN, J.; PILUSKI, P. C. F., et al. *Hirudo medicinalis* (sanguessuga): eficácia do seu uso no tratamento da insuficiência venosa em retalhos epigástricos de ratos. **Rev Bras Ortop**. 2007, v. 42, n. 5, p. 52-6. [Versão digital]. Disponível em: <<http://www.rbo.org.br/detalhes/1124/pt-BR/-hirudo-medicinalis---sanguessuga---eficacia-do-seu-uso-no-tratamento-da-insuficiencia-venosa-em-retalhos-epigastricos-de-ratos>>. Acesso em: mar. 2023.

SILVA Augusto Soares da; LEITE Jan Edson Rodrigues. 35 anos de Teoria da Metáfora Conceptual: fundamentos, problemas e novos rumos. (Apresentação). [Versão digital]. **Revista Investigações**, 28, n. 2, Jul, 2015, p. 1-23. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/download/1838/1436>>. Acesso em: abr. 2023.

SILVA PINTO, Luiz Maria da. **Dicionário da Língua Brasileira** por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Província de Goyaz. Na Typographia de Silva, 1832. [Versão digital]. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5414>>. Acesso em: jun. 2023.

SILVA, António de Moraes. **Grande dicionário da língua portuguesa**. 10. ed. Augusto Moreno, Cardoso júnior, José Pedro Machado. - [s.i.]: Confluência, imp. 1949-1959. - 12 v. [Versão digital]. Disponível em: <<https://purl.pt/35356/3/>>. Acesso em: 06 ago. 2021.

SILVA, Augusto Soares da. **A semântica de deixar**: uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1999.

SILVA, Maria Cristina Parreira da. **Estudo comparativo dos substantivos mais frequentes em dicionários bilingües francês-português e português-francês**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras, 2002, 266 f. [Versão digital]. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/items/7d42e502-629b-42f4-94ad-c66d6a4843cc>>. Acesso em 19 jan. 2024.

SILVA, Maria Cristina Parreira da. Para uma tipologia geral de obras lexicográficas. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Orgs.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Vol. 3. Campo Grande, MS: UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007, p. 283-293.

SILVA, Maria Virginia F. da. Como criar galinha d'angola. 2016. **Revista Globo Rural** [Online]. Disponível em: <<https://revistagloborural.globo.com/Revista/noticia/2016/11/como-criar-galinha-dangola.html>>. Acesso em: 21 ago 2021.

SILVEIRA, F. F. **Gambá (*Didelphis albiventris*)**. Fauna Digital do Rio Grande do Sul Bird and Mammal Evolution, Systematics and Ecology Lab – UFRGS, 2018. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/faunadigitalrs/mamiferos/ordem-didelphimorphia/familia-didelphidae/gamba-didelphis-albiventris/>>. Acesso em: set. 2023.

SILVEIRA, F. F. **Gambá (*Didelphis aurita*)**. Fauna Digital do Rio Grande do Sul Bird and Mammal Evolution, Systematics and Ecology Lab – UFRGS, 2018. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/faunadigitalrs/mamiferos/ordem-didelphimorphia/familia-didelphidae/gamba-didelphis-aurita/>>. Acesso em: set. 2023.

SIMÕES NETO, Nival Almeida. Análise linguística do item lexical sanguessuga em três atlas linguísticos brasileiros. **Cenários**, Porto Alegre, vol. 2, n 14, 2016. [Versão digital]. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/344222173_Analise_linguistica_do_item_lexical_sanguessuga_em_tres_atlas_linguisticos_brasileiros>. Acesso em: mar. 2023.

SOUSA SOBRINHO, José de. **Brejos da Barra-BA**: comunidades camponesas no processo de des-envolvimento no Vale do São Francisco. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/D.8.2006.tde-30032007-165710. Acesso em: jan. 2024.

SOUZA Matheus Landim de; CEOLIN, Alessandra Carla. Caprinocultura no Nordeste do Brasil e em Pernambuco. **XIII Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão (JEPEX) 2013**. UFRPE: Recife, 09 a 13 de dezembro. [Apresentação de trabalho – modalidade Pôster]

[Versão digital]. Disponível em:

<http://www.eventosufrpe.com.br/2013/cd/lista_area_01.htm>. Acesso em: abr. 2023.

THUN, Harald. La géographie linguistique romane à la fin du XXe siècle. **Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes: Vivacité et diversité de la variation linguistique**. Travaux de la section Dialectologie, géolinguistique, sociolinguistique. 1ed.Tübingen: Niemayer, 1998, v. 3, p. 367-368.

TARGINO, Luciano Campos e outros. Viabilidade e oportunidade de mercado na criação de galinhas da angola (*Numida meleagris galeata*). **Anais I CONIDIS**. Campina Grande: Realize Editora, 2016. [Versão digital]. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/24257>>. Acesso em: 24 dez. 2022.

TEIXEIRA e outros. Indução a muda forçada em Galinhas D'Angola (*Numida meleagris*) através do óxido de zinco. **Braz. J. vet. Res. anim. Sci.**, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 448-455, 2006. [Versão Digital]. Disponível em: <[https://www.bvs-vet.org.br/vetindex/periodicos/brazilian-journal-veterinary-research-and-animal-s/43-\(2006\)-4/inducacao-a-muda-forcada-em-galinhas-dangola-numida-meleagris-atraves-do/](https://www.bvs-vet.org.br/vetindex/periodicos/brazilian-journal-veterinary-research-and-animal-s/43-(2006)-4/inducacao-a-muda-forcada-em-galinhas-dangola-numida-meleagris-atraves-do/)>. Acesso em: mar. 2024.

TEIXEIRA, Silvana. **Caprinos: conheça as principais raças e faça a melhor escolha**. Centro de Produções Técnicas (CPT), 2021 [s.d.]. [Online]. Disponível em: <<https://www.cpt.com.br/cursos-cabras/artigos/racas-de-caprinos-conheca-as-principais-racas-e-faca-a-melhor-escolha#:~:text=Ra%C3%A7as%20Nativas%20de%20Caprinos,por%20isso%2C%20s%C3%A3o%20muito%20r%C3%BAsticas.>>. Acesso em: abr. 2023.

THUN, Harald. La géographie linguistique romane à la fin du XXe siècle. In: Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes: Vivacité et diversité de la variation linguistique. Travaux de la section “Dialectologie, géolinguistique, sociolinguistique”. (22. : Bruxelles : 1998). **Actes...** Tübingen: Niemeyer, 1998. v. 3, p. 367-386.

TIAGO, Patrícia e outros. **Didelphis imperfecta**. BioDiversity4All, 2023. Disponível em: <<https://www.biodiversity4all.org/observations/152554454>>. Acesso em: set. 2023.

TIAGO, Patrícia e outros. **Gambá comum (Didelphis marsupialis)**. BioDiversity4All, 2023. Disponível em: <<https://www.biodiversity4all.org/observations/10089435>>. Acesso em: set. 2023.

VELARDE, Manuel Casado. **Lenguaje y cultura**. La etnolingüística. Madrid: Síntesis, 1988.

VELDEN Felipe Ferreira Vander. As galinhas incontáveis. Tupis, europeus e aves domésticas na conquista no Brasil. **Journal de la Société des américanistes** [online], tomo 98, v.2, 2012, p. 97-140. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/jsa/12350>>. Acesso em: mar. 2023.

VIEIRA R.Q.; CAVERNI L.M.R. Sangrias por flebotomia, ventosas sarjadas e sanguessugas: atribuições técnicas das enfermeiras brasileiras (1916-1942). **Hist enferm Rev eletronica** [Versão digital]. 2015, v. 6, n. 2, p. 34-48. Disponível em: <http://here.abennacional.org.br/here/Flebotomia_HERE_2015.pdf>. Acesso em: mar. 2023.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUADROS-RESUMO: PESQUISAS NAS OBRAS LEXICOGRÁFICAS
E/OU ENCICLOPÉDICAS:

DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Quadro 47 - Dicionarização - *cria da ovelha logo que nasce*

DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA						
Itens lexicais	CLÁSSICOS			CONTEMPORÂNEOS		
	Bluteau (1712-1728)	Silva Pinto (1832)	Silva (1789-1813; 1949)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Caldas Aulete (1970)
bezerro	O filho da vaca.	Cria da vaca, enquanto não passa de um ano.	O filho da vaca anojo, ou que não tem mais de um ano; vitelho, novilho.	1 cria de vaca ainda em fase de amamentação (ger. até um ano de idade) orig.contrv., prov. ibér. e pré-romana, segundo Corominas talvez de um *ibicirru, der. do lat. hispânico ibex, ícis no sentido de 'cabrito-montês'; ver bezerr-; f.hist. 1056 bezeru, sXIII bezerro	1.Vitelo, novilho. Vitelo: 1.Zool. Novilho menor de um ano. Novilho: 1.Boi ainda novo; almalho.	1.A cria masculina da vaca, até um ano de idade; NOVILHO; VITELLO. Novilho: 1. Boi ou touro novo; AIMALHO; BEZERRO [Col.: novilhada.] Vitelo: 1. Zool. Bezerro com menos de um ano de idade. Almalho: s. in. denominação de animal bovino da idade dum novilho, bezerro. F. lat. Animalium (do pl. Animalia).

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 47 - Dicionarização - *cria da ovelha logo que nasce* (continuação)

DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA						
Itens lexicais	CLÁSSICOS			CONTEMPORÂNEOS		
	Bluteau (1712-1728)	Silva Pinto (1832)	Silva (1789-1813; 1949)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Caldas Aulete (1970)
borrego	Em algumas partes é cordeiro já formado, e de seis ou mais meses.	Dá-se esse nome ao macho da ovelha desde que nasce até a lá fazer um ano.	Os machos do gado ovelhum; tem este nome desde que nascem, até que a lã faça um ano.	1 macho do gado ovelhum até completar um ano. RS carneiro novo, de idade entre a do cordeirinho e a do animal que já pode procriar; cordeiro, anho. Etimologia: 1borro /ô/ + -ego /ê/; f.hist. 1510 borego	1. Cordeiro com menos de um ano. Anho: 1.Cordeiro (1) Cordeiro: 1.Zool. Filhote ainda novo da ovelha; anho.	1. O carneiro, até um ano de idade 2. RS O carneiro que deixa de ser um cordeirinho e ainda não está em idade de procriar; ANHO. Anho: 1. Filhote de ovelha; CORDEIRO [F.: Do lat. agnus, i.] Cordeiro: 1. Filhote de carneiro; ANHO; BORREGO
cabrita,	Cabritas: (termo de meninos) que levam às costas uns depois os outros.	Máquina de guerra antiga para atirar pedras.	Máquina de guerra antiga com que se atiravam pedras.	1 infrm. cabra ('mamífero') nova; chiba	1.Cabra pequena.	1. Cabra jovem.

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 47 - Dicionarização - *cria da ovelha logo que nasce* (continuação)

DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA						
Itens lexicais	CLÁSSICOS			CONTEMPORÂNEOS		
	Bluteau (1712-1728)	Silva Pinto (1832)	Silva (1789-1813; 1949)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Caldas Aulete (1970)
cabrito	O filho da cabra. Cabritinho: cabrito pequeno.	Bode ainda pequeno. Cabritinho: dim. de cabrito	O bode novo e pequeno. Cabritinho: dim. de cabrito.	1 bode jovem. Etimologia: b.-lat. caprītus,i 'pequena cabra, cria masculina da cabra, enquanto mamava'; ver cabr-; f.hist. 990 cabrito, sXIII cabrito, sXIII cabritu	1.Pequeno bode ¹ (1). bode: 1.O macho da cabra; cabrão.	1. Bode jovem.
Carneiro(inho)	O macho da ovelha.	O macho da ovelha, do terceiro ano por diante. N	Animal macho do gado ovelhum, do terceiro ano por diante.	Carneiro: 1 mastzoo design. comum aos mamíferos do gên. Ovis, da fam. dos bovídeos, com sete spp. selvagens, do hemisfério norte, e uma sp. domesticada (Ovis aries), utilizada para o fornecimento de lã e carne, encontrada em todo o mundo 2 o macho da espécie domesticada. Etimologia: lat.vulg. *carnariu 'carneiro, a carne do animal que serve de alimento', prov. substv. do adj. lat. carnārius,a,um 'relativo à carne (alimento)' como nome do animal 'que tem carne macia e boa para a alimentação', em oposição a arīes,ētis 'carneiro de semente (para a reprodução); macho de ovelha'; ver carn-; f.hist. 1272 carneiro, 1278 carneyro. fem.: carneira, marrã, ovelha	Carneiro: 1.Mamífero reduzido à domesticidade como gado lanígero. Carneirinho: 2.Zool. V. caruncho (1). Caruncho: [Sin.: bruco, gorgulho, carpinteiro, carneiro, carneirinho, 5.Bras. Certa raça suína.	1. Zool.-Carneiro: 1. Zool. Denom. comum aos mamíferos da fam. dos bovídeos, do gên Ovis, com sete espécies selvagens e uma domesticada (Ovis aries) no mundo inteiro, que fornece lã e carne.

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 47 - Dicionarização - *cria da ovelha logo que nasce* (continuação)

DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA						
Itens lexicais	CLÁSSICOS			CONTEMPORÂNEOS		
	Bluteau (1712-1728)	Silva Pinto (1832)	Silva (1789-1813; 1949)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Caldas Aulete (1970)
marrã	Marraã: Porca pequena, que acabou de mamar	Marrão: porco ou porca pequena que não é mamote (que ainda mama).	Marrão: Porco pequeno, que deixou de ser mamote. V. marraã.	3 PE ovelha de pouca idade	1. Porca nova que deixou de mamar. 3.Bras. N.E. Ovelha nova.	1. Porca nova, que deixou de mamar. 2. N.E. Ovelha nova
Ovelh (-inha)	A fêmea do carneiro . É animal brando e tímido, símbolo da docilidade, da mansidão.	Fêmea do carneiro.	A fêmea do carneiro., símbolo de mansidão e docilidade. Ovelhinha: dim. De ovelha.	Ovelha: 1 a fêmea do carneiro; carneira. Etimologia: lat. ovicūla,ae 'ovelha pequena', dim. de ōvis,is 'carneiro, ovelha'; ver ov(i)-; f.hist. sXIII ovella, sXIII ovellya, sXIV ovelhas, sXIV ouelha, sXIV ouvelhas	1.Fêmea do carneiro. [Sin. (bras., S.): carneira.]	Ovelha: 1. Zool. A fêmea do carneiro; CARNEIRA. Carneira: 3. S. A fêmea do carneiro
Bode	Macho da cabra. <i>Hircus, i<</i> <i>Mafic. Vir. ilHorat.</i> <i>Colum. (p. 139).</i>	Macho da cabra.	Macho da cabra. “Quadrúpede ruminante cavicórneo, macho da cabra, com pelos compridos debaixo do queixo, a modo de barba e cheiro nauseabundo (p. 534)”.	Macho da cabra. (<i>Capra hircus</i>); cabrão.	Macho da cabra. 1.O macho da cabra; cabrão. [Sin., poét.: <i>capro</i> .] 2.Caprino em geral.	Macho da cabra

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 48 - Dicionarização - *ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas*

DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA						
Itens lexicais	CLÁSSICOS			CONTEMPORÂNEOS		
	Bluteau (1712-1728)	Silva Pinto (1832)	Silva (1789-1813; 1949)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Caldas Aulete (1970)
caterê	-	-	-	<p>- dnç, etn; B dança rural muito difundida pelo território brasileiro em que os participantes formam duas filas, uma de homens e outra de mulheres e, ao som de música, sapateiam e batem palmas; catira.</p> <p>Catira: 1 B, S., MG m.q. cateretê 1.1 TO, GO variedade de cateretê só dançada por homens</p> <p>Etimologia: orig.contrv.; segundo AGC, de prov. orig. africana, mas de étimo indeterminado; segundo JM, orig.onom.</p>	<p>- 1.Bras. S. GO Dança rural, em fileiras opostas e cantada, e cujo nome indica origem tupi, mas que coreograficamente se mostra muito influenciada pelos processos africanos de dançar; catira: “A vista do lago recordava-lhe as noites nas festas ruidosas dos lundus e dos cateretês” (Inglês de Sousa, O Missionário, p. 275). 2.Bras. SP MG V. xiba (1).</p> <p>Xiba: 1.Espécie de dança rural cantada, popular, provavelmente de origem portuguesa, mas cujo ritmo sofreu alterações por influência negra.</p>	<p>- (ca.te.re.tê)</p> <p>sm. 1. S. GO Dança cantada e sapateada, acompanhada de palmas, executada em fileiras opostas; CATIRA</p> <p>2. SP MG Nome de certas danças ou bailes populares rurais; xiba</p> <p>[F.: Posv. de or. africana.]</p> <p>Catira: Bras. S GO MG O mesmo que cateretê.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 48 - Dicionarização - *ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas* (continuação)

DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA						
Itens lexicais	CLÁSSICOS			CONTEMPORÂNEOS		
	Bluteau (1712-1728)	Silva Pinto (1832)	Silva (1789-1813; 1949)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Caldas Aulete (1970)
Cocá	Cocar: as plumas levantadas no chapéu.	Còca: espécie de legume como ervilha; os peixes que o comem ficam bêbados.	Cóca: fruto da feijão de ervilha.	Cocar: 6 orn PI m.q. galinha-d'angola (Numida meleagris)	Cocar: 3.Bras. PI V. galinha-d'angola. [Cf. cucar.]	Cocar: 6. Bras. PI BA Zool. Galinha-d'angola. [F.: do fr. cocarde.]
Galinha d'angola	Para a entrada de galinha: "A Galinha de Guiné é do tamanho das nossas, mas é muito mais alta das nossas." Galinha mourisca. He huma especie de galinha, que vem da Africa. Tem as pennas escuras, salpicadas de branco, & poem ovos, que tem huns pontos, ou manchas pequenas como os ovos do Faisão. <i>Meleagris, idis. Fem. Columel (p. 20, Tomo IV).</i>	-	-	1 orn ave galiforme, campestre, da fam. dos numidídeos (Numida meleagris), originária da África e introduzida e domesticada em diversos países de clima quente; de plumagem cinzenta pintalgada de branco e cabeça nua, vivamente colorida e dotada de uma crista óssea dorsal; angolinha, angolista, capote, cocar, conquém, edu, estou-fraca, galinha-da-guiné, galinha-da-índia, galinha-da-numidia, galinha-do-mato, galinhola, guiné, picota, pintada, sacuê, tô-fraco tb. se diz apenas angola.	1.Zool. Ave originária da África, galiforme (Numida meleagris), dotada, no alto da cabeça, dum capacete ósseo mais ou menos destacado sobre a pele desnuda, e de penas pretas com pintas brancas. [Perfeitamente aclimada no mundo inteiro, conserva, entretanto, resquícios da vida selvagem: o natural espantadiço e o hábito de nidificar longe do convívio com os outros galináceos de capoeira.]	1. Zool. Ave da fam. dos numidídeos (Numida meleagris), de plumagem acinzentada com pintas brancas,originária da África e domesticada em países de clima quente ou temperado.

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 48 - Dicionarização - *ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas* (continuação)

DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA						
Itens lexicais	CLÁSSICOS			CONTEMPORÂNEOS		
	Bluteau (1712-1728)	Silva Pinto (1832)	Silva (1789-1813; 1949)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Caldas Aulete (1970)
Guiné	Ampla Região da África, entre a terra dos Negros, o mar Atlântico e os reinos de Congo, Biassara, E a serra, a que chamam Leoa. Divide-se em três partes, a saber: Guiné, (propriamente assim chamada) Malagueta, e o Reino de Benin.	-	-	3 (1959) orn PE m.q. galinha-d'angola (Numida meleagris) Etimologia: top. Guiné	[Do top. Guiné.] 2. Bras. PE Zool. V. galinha-d'angola.	guiné ² (gui.né) 1. Zool. Ver galinha-d'angola (Numida meleagris); CAPOTA [F.: Do top. Guiné.]
Quenquém	-	-	-	2 orn m.q. câ-câ (Cyanocorax cyanopogon). Etimologia: orig.contrv.; segundo JM, do tupi ake'kê; segundo Nasc, voc.onom.; f.hist. 1887 quêm-quêm. Câ-câ: 1 B ave passeriforme da fam. dos corvídeos (Cyanocorax cyanopogon), Etimologia: segundo Nasc, onom. da voz da ave; f.hist. a1899 cancan.	2.V. cancã ² (1). Cancã: 1.Bras. Ave passeriforme, corvídea (Cyanocorax cyanopogon), do Brasil este-setentrional e centro-oriental, de coloração azul-escura. Distingue-se das outras gralhas pela mancha azul-marinho acima e abaixo dos olhos, e pelas penas azuis na raiz da mandíbula. É a espécie mais comum nas caatingas do N.E. [Sin.: canção, gralhão, piom-piom, quenquém. Cf. gralha (1).]	2. Ornit. O mesmo que cancã. Cancã: ancã ² (can.cã) 1. Zool. Gralha (Cyanocorax cyanopogon) que ocorre apenas no Nordeste e Centro-oeste do Brasil, cuja voz parece repetir o seu nome; GRALHA-CANCÃ

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 48 - Dicionarização - *ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas* (continuação)

DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA						
Itens lexicais	CLÁSSICOS			CONTEMPORÂNEOS		
	Bluteau (1712-1728)	Silva Pinto (1832)	Silva (1789-1813; 1949)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Caldas Aulete (1970)
Quenquém (continuação)				Conquém: m.q. galinha-d'angola (Numida meleagris)		2. Bras. Zool. Designação de várias aves brasileiras (ger. da família das gralhas ou da família dos gaviões) de coloração predominantemente preta [F.: De or. onom.] Conquém: (Bras.) outro nome da galinha-dangola. F. pal. onom.
Saquê	-	-	-	m.q. saquê. Saquê: bebida usual no Japão, obtida de arroz fermentado artificialmente.	1.V. saquê. 1.Bebida japonesa usual, obtida pela fermentação artificial do arroz, e servida em geral quente, durante as refeições. [Var. pros.: saqué.]	2 s. f. (Bras.) galinha-da-índia, pintada, conquem. verbete original]
Tô-fraco	-	-	-	m.q. galinha- d'angola (<i>Numida meleagris</i>)	.Bras. V. <i>galinha- d'angola</i> : “Galinhas e tô-fracos retêm-se entre as pixiricas e malvas-do-campo” (Alberto Rangel, <i>Quando o Brasil Amanhecia</i> , p. 23).	-

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 49 - Dicionarização - *galinha sem rabo*

DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA						
Itens lexicais	CLÁSSICOS			CONTEMPORÂNEOS		
	Bluteau (1712-1728)	Silva Pinto (1832)	Silva (1789-1813; 1949)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Caldas Aulete (1970)
cotó	Coto. pedaço de alguma coisa, particularmente de asa, vela etc. coto de asa é a metade da asa que vai da junta para o corpo da ave. Cotó. deriva-se do francês <i>couteau</i> , que não só significa faca, mas também <i>Epadim</i> <i>Ensiculus</i> , e <i>Masc. Plaut.</i>	Coto, s. m. O pedaço de vela etc. extremidade da asa: a parte do braço, etc, que fica depois de se lhe ter cortado uma parte. Coto, s. m. Espécie de faca Do mato ou espada curta.	Coto. pedaço de vela; de asa, a metade, que vai da junta para o corpo. § Cotos dos braços, o que resta deles cortada alguma porção. COTO', espécie de espada curta, ou faca de mato.	1 indivíduo que tem braço ou perna amputada; aleijado. Etimologia: orig.duv.; alt. expressiva de coto /ô/, segundo Nasc; para Castro, do quicg. kotooto no sentido de 'pedaço que resta de facão'	1.Bras. Que tem um braço ou perna mutilada. 2.V. <i>suru</i> (1). ~ V. <i>sorte</i> —.	2. Diz-de de animal que não tem rabo ou que o tem mutilado.

Fonte: ERlaboração própria.

Quadro 49 - Dicionarização - *galinha sem rabo* (continuação)

DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA						
Itens lexicais	CLÁSSICOS			CONTEMPORÂNEOS		
	Bluteau (1712-1728)	Silva Pinto (1832)	Silva (1789-1813; 1949)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Caldas Aulete (1970)
Lambu	-	-	-	2 orn m.q. inhambu ('designação comum') Etimologia ver em inhambu; f.hist. 1587 nambu, 1624 nãbus; a datação é para a acp. de ORN. design. comum às aves tinamiformes, da fam. dos tinamídeos, dos gên. Tinamus e Crypturellus, restritas aos neotrópicos, de corpo robusto, pernas grossas e cauda rudimentar ou inexistente Etimologia tupi ina'mbu 'ave da família dos tinamídeos', 'ave que corre a prumo' seg. TupGN, pode proceder de iam'bu 'a que se levanta com estrépito'; f.hist. 1618 jnhambu, c1631 ynambu, 1783 inhambu Sinónimia e Variantes inambu, inamu, lambu, nambu, nhambu	Bras. PB Zool. V. inhambu. Inhambu: [Do tupi.] Bras. Zool. Designação comum às aves tinamiformes tinamídeas, gêneros Tinamus e Crypturellus, características da região neotrópica, e desprovidas completa ou quase completamente de cauda	Não dicionarizada. (i.nham.bu, i.nam.bu, i.na.mu, lam.bu, nam.bu, nham.bu) sm. 1. Bras. Zool. Ver nhambu. [F.: Do tupi ina'mbu. Sin. ger.: tinamu.]
<i>Mensura</i>	Medida. Termo de música. sentido moral (A liberdade é mensura do amor comum).	Medida. Compasso na música.	Medida. Medida do tempo, ou compasso na música.	1 ant. ato ou efeito de medir ou mensurar 2 mús na Idade Média, relação preestabelecida entre os valores us. numa composição; mensuração Etimologia: [lat.] <i>mensūra, ae</i> no sentido de 'medida, instrumento de medir, quantidade, dimensão'; ver ¹ <i>mens-</i> ; f.hist. 1489 <i>mēsurā</i>	1. Medida. 2. Desus. Compasso musical.	[verb. orgi.] s. f. (p. us.) medida. Compasso na música. F. lat. <i>Mensura</i> .

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 49 - Dicionarização - *galinha sem rabo* (continuação)

DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA						
Itens lexicais	CLÁSSICOS			CONTEMPORÂNEOS		
	Bluteau (1712-1728)	Silva Pinto (1832)	Silva (1789-1813; 1949)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Caldas Aulete (1970)
Passura	- Pastura: pasto. vid. no tomo 6 do vocabulário. “o pastor, que de plácida pastura, recolhe o seu rebanho cuidadoso. (Manuel de Faria e Sousa, Aganippe, liv. I, Centur. 6. Soneto 43, p. 1639) Suplemento ao vocabulário portuguez e latino, v. II, p. 118	- Pastura: subst., fem. de pasto.	- Pastura: subst., fem. de pasto.	- Mesmo que pasto. Etimologia: lat. <i>pastūra</i> , ae no sentido de 'ação de pastar', de <i>pastum</i> , supn. de <i>pascere</i> no sentido de 'apascentar'; ver <i>pasc-</i>	- Pastura: não dicionarizada.	- Pastura: s. f. (ant.) pasto, pastagem. F. lat. <i>Pastura</i> .

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 49 - Dicionarização - *galinha sem rabo* (continuação)

DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA						
Itens lexicais	CLÁSSICOS			CONTEMPORÂNEOS		
	Bluteau (1712-1728)	Silva Pinto (1832)	Silva (1789-1813; 1949)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Caldas Aulete (1970)
<i>Suro</i>	<p>Monge suro, frade suro. É o que professou monacalmente, e tem coroa, mas não diz missa.</p> <p>Termo dos Cafres das serras de Moçambique e etiópia oriental. Sura doce é o sumo , ou o primeiro vinho da palmneira. Galinha sura: aquela de casta das que não criam rabo.</p>	<p>Suro: que não tem rabo. Derrabado.</p> <p>Sura: o sumo que se tira da bainha do cacho da palmeira, de que se faz licor chamado fula ou nimpa.</p>	<p>adj. derrabado naturalmente, fem. cauda v. g. ., <i>galinha sura</i> ,, <i>Eufir</i>. 2. 3. § <i>Frade suro</i>: o que tem coroa, mas não diz missa.</p> <p>Sura: sub. fem. o fumo, que se tira da bainha do cacho da palmeira, do qual destilado se faz a sula, ou Nipa.</p>	<p>sem cauda ou que apresenta apenas um coto de cauda (diz-se de animal); sura, suri, suru, suro.</p> <p>Etimologia: orig.obsc., ocorrem tb. suri e suru</p> <p>4. Sura: B m.q. suro < um frango s. ></p> <p>Suru: 1 m.q. suro substantivo masculino</p> <p>2 BA pandorga sem cauda e dotada de pequenas barbatanas de papel de seda; sura</p>	<p>Bras. Zool. V. <i>suru</i> (1).</p> <p>Suro: mesmo que suru.</p> <p>Sura⁴: 1.Zool. Bras. Fem. de suru (1).</p> <p>suru [V. suro.]</p> <p>Adjetivo de dois gêneros.</p> <p>1.Bras. Zool. Diz-se de animal sem cauda ou que só tem o coto da cauda; suri, suro, surote, bicó, cotó, nabuco, nambi, pitoco, rabi, rabicó, torado. [Fem.: sura.]</p>	<p>que não tem cauda, derrabado; suru (Bras.): Galo suro cantou no momento.</p> <p>1. Diz-se de animal sem cauda ou que tem apenas um resto dela; COTÓ; PITOCO; RABICÓ; SURA; SURI; SURO.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 49 - Dicionarização - *galinha sem rabo* (continuação)

DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA						
Itens lexicais	CLÁSSICOS			CONTEMPORÂNEOS		
	Bluteau (1712-1728)	Silva Pinto (1832)	Silva (1789-1813; 1949)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Caldas Aulete (1970)
Suruco (a)	-	-	-	Suruca: aguardente de cana; cachaça. Verbo int. vir abaixo, desmoronar, ruir (esp. terra); afundar, desabar <o barranco na beira do rio surucou> Etimologia. prov. de formação expressiva; Nei Lopes relaciona ao quicg. suluka n o sentido de 'aborto'	Suruca: [De or. express., poss.] Verbo intransitivo. Desabar, ruir; afundar. Surucar: Bras. Desabar, ruir; afundar. [Conjug.: v. trancar.]	[Verbete original] Suruca: s. f. (Bras.) nos garimpos, destorroamento do cascalho de cata: Fora da cata, outras turmas. Gente novata na despedração e na despedração e surucas, separando e peneirando o cascalho bruto... (Mário Palmério, Vila dos Confins, 13ª ed. p.]23.) F. cp. Surucar.
Sururu	-	-	-	malac; B design. comum a diversas spp. de moluscos da costa brasileira, da fam. dos mitilídeos, adaptados às regiões estuarinas e amplamente us. na alimentação das comunidades litorâneas; bacucu, bico-de-ouro, maria-preta, marisco-do-mangue, mexilhão-do-mangue, pretinho, siriri, sururu-do-mangue	1.Bras. Zool. Molusco bivalve (<i>Mytilus falcatus</i>) mitilídeo que habita o litoral nordeste e sudeste do Brasil, e as lagoas Manguaba e Mundaú, em Alagoas, estado em que desempenha papel econômico de importância na alimentação humana. A concha tem uma camada nacarada, verde e violácea, externamente parda na frente e escura em sua maior parte. [Var.: <i>siriri</i> ² ; sin.: <i>sururu-de-alagoas, alastrim</i> .]	s. m. (Bras.) molusco mitilídeo comestível, que se encontra na lama das lagoas (<i>Mytilus alagoensis</i> , J. Lima), outrossim siriri 1. Planta tiliácea (<i>Mallia lepidota</i> , Spr.). (Maranhão) Festa em que os estudantes têm entrada franca. (Sul) (pop.) Motim, rolo, banzé, desordem sem graves consequências. Cf. Raul Pederneiras, Geringonça Carioca, p. 44. (Alagoas) Partes sexuais da mulher.

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 50 - Dicionarização - bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado

DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA						
Itens lexicais	CLÁSSICOS			CONTEMPORÂNEOS		
	Bluteau (1712-1728)	Silva Pinto (1832)	Silva (1789-1813; 1949)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Caldas Aulete (1970)
Gambá	-	-	Gamba2: nome comum a diversos marsúpios do gen Didelphis, também conhecidos pelos nomes de <i>micuré, mucura, sariguê, sariqueira, saruê e timbu</i> : possuem dez dedos em cada mão, duas línguas, e, em lugar do ventre, uma bolsa igual à dos gambás, e que chamam 'cofre forte'. Macunaima, 132, artur Ramos, 'O negro brasileiro' 133.	designação comum aos marsupiais do gênero Didelphis, os maiores da fam. dos didelfídeos, com três spp., encontrados do sul do Canadá à Argentina, com até 50 cm de comprimento, cauda preênsil, longa e quase inteiramente nua, com a parte distal branca, pelagem cinza, preta ou avermelhada e fêmeas com marsúpio bem desenvolvido.	“Bras. Zool. Designação comum aos mamíferos marsupiais, didelfídeos, gênero Didelphis, comum ao S. dos E.U.A., América Central e grande parte da América do Sul. Conhecem-se três espécies: D. marsupialis, D. aurita e D. paraguayensis. Os gambás são placentários, as fêmeas com bolsa marsupial, dentro da qual se acham as tetas, às quais se agarram de 10 a 18 filhotes recém-nascidos com pouco mais de 1cm de comprimento, aí permanecendo até abandonarem a mãe. Têm cauda preênsil, e 18 dentes incisivos, enquanto nos demais mamíferos esse número é de 12 no máximo.	Bras. Zool. Nome comum dos marsupiais da fam. dos didelfídeos, do gên. Didelphis, de pelagem cinza, preta ou avermelhada, comprimento de até 50cm, de longa cauda preênsil, encontrados do sul do Canadá à Argentina.

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 50 - Dicionarização - bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado (continuação)

DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA						
Itens lexicais	CLÁSSICOS			CONTEMPORÂNEOS		
	Bluteau (1712-1728)	Silva Pinto (1832)	Silva (1789-1813; 1949)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Caldas Aulete (1970)
cangambá	-	-	Pequeno quadrúpede mamífero do Brasil, da ordem dos carniceiros (<i>Conepactus chilensis</i> e <i>Conepactus suffocans</i> , Asara), também chamado maritaca, marita-fede, gambá e sorrilho. É uma espécie de fuinha mui linda; tem o corpo branco, malhado e negro, e a cauda felpuda. Este animalzinho é muito notável pela arma singular e invencível com que se livra dos seus inimigos; logo que é acometido solta um líquido tão fétido e enjoativo, que o seu agressor não cuida senão em fugir.	sinônimo de jaritataca	[Do tupi = 'cabeça oca'; 'estonteado'.] [Var. de jaratacaca.]	1. Zool. Mamífero carnívoro da fam. dos mustelídeos (gên. <i>Conepatus</i> ; tb. classificado como mefitídeo, gên. <i>Mephitis</i>) que lança um líquido malcheiroso pelas glândulas anais quando atacado; jaritataca [Por vezes confundido com o gambá.].
saruê	-	-	-	“m.q. gambá ('designação comum)’”	[Do tupi.] Bras. N.E. Zool. V. <i>gambá</i>	1. N.E. Zool. Mesmo que gambá. [F.: Do tupi.]

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 50 - Dicionarização - *bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado* (continuação)

DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA						
Itens lexicais	CLÁSSICOS			CONTEMPORÂNEOS		
	Bluteau (1712-1728)	Silva Pinto (1832)	Silva (1789-1813; 1949)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Caldas Aulete (1970)
Sariguê	-	-	Sariguê: s.m. animal brasileiro do tamanho de cão, com cabeça de raposa, focinho agudo, dentes e barbas de gato, as mãos mais curtas que os pés; a fêmea tem na barriga um bolso que lhe cobre as tetas, onde traz os filhos pequenos. (v. 2, p. 670)	o mesmo que gambá.”	Bras. Zool. V. <i>gambá</i> (1).	N.E. Zool. Mesmo que gambá. [F.: Do tupi sari'gwe.]

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 51 – Dicionarização - cabra *que sem chifres*

DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA						
Itens lexicais	CLÁSSICOS			CONTEMPORÂNEOS		
	Bluteau (1712-1728)	Silva Pinto (1832)	Silva (1789-1813; 1949)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Caldas Aulete (1970)
Aleijada	-	-	-	variedade de cana-de-açúcar Aleijado: que ou o que tem alguma imperfeição ou mutilação física	1. Variedade de cana-de-açúcar. Aleijado: 1. Que tem algum defeito, deformidade ou mutilação física; defeituoso, estropiado.	1. Mulher que apresenta algum defeito ou mutilação física 2. Agr. Variedade de cana-de-açúcar. Aleijado: 1. Que apresenta algum defeito ou mutilação física. sm. 2. Indivíduo aleijado.
Mocha, mucha	Pg. 20 – menção à cabra mocha: “adágios portugueses da cabra. A ovelha louçam disse à cabra dá-me a lâ. Anda a cabra de roça em roça, mocha deu na outra. Termo de musica. Alphamocho. Vid. Alpha. Alfamocha: é a primeira das três figuras alfadas da música. Mochar: mutilar.	O mesmo que alphamocho. [t. plebeu] a cabeça. Alfamocha: a primeira das figuras alfadas. Mochar: mutilar os cornos ao animal.	v. alphamocho (alfamocha) – é a primeira das três figuras alfadas. Alfado: notado com alfa. Alfa: Na música, ligadura oblíqua. mochar: fazer mocho, mutilar.	Mocha: fêmea do 2mocho	[F. subst. de mocho2.] 1. Bras. SP Pop. Arma de fogo sem cão.	1. Fem. do mocho . 2. SP Pop. Arma da fogo sem cão.

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 51 – Dicionarização - cabra *que sem chifres* (continuação)

DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA						
Itens lexicais	CLÁSSICOS			CONTEMPORÂNEOS		
	Bluteau (1712-1728)	Silva Pinto (1832)	Silva (1789-1813; 1949)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Caldas Aulete (1970)
Mocho	1. Ave noturna, maior que notivo, menor que coruja. Na palavra coruja acharás outras diferenças destas aves, acharão-lhe mocho, porque tem a cabeça mocha, a modo de carneiro mocho, sem pontas. 2. Mutilado. Diz-se dos animais corníferos, a que se cortarão as pontas. Carneiro mocho, bezerro mocho, vaca mocha.	Mutilado dos cornos.	Sem cornos, porque se cortaram. Carneiro mocho, bezerro mocho. Ou porque naturalmente os não tem.	2 desprovido de chifres, ou com os chifres aparados <vacas m. >. Etimologia: orig. contrv.; esp. mocho 'mutilado, animal cornífero, a que se cortaram as pontas, sem cornos, que tem falta de algum membro'; talvez de orig. expressiva; f.hist. sXV mocho (alcunha), 1611 moucho, 1716 mocho.	1. Diz-se do animal que, devendo ter chifres, não os tem, por ter nascido sem eles ou porque lhos cortaram. 2. Diz-se do animal mutilado, ou a que falta algum membro.	2. Diz-se de animal que não tem chifres (touro mocho).
Suruca	-	-	-	Suruca: aguardente de cana; cachaça. Verbo int. vir abaixo, desmoronar, ruir (esp. terra); afundar, desabar <o barranco na beira do rio surucou> Etimologia. prov. de formação expressiva; Nei Lopes relaciona ao quicg. <i>suluka</i> no sentido de 'aborto'	Suruca: [De or. express., poss.] Verbo intransitivo. Desabar, ruir; afundar. Surucar: Bras. Desabar, ruir; afundar. [Conjug.: v. trancar.]	[Verbete original] Suruca: s. f. (Bras.) nos garimpos, destorroamento do cascalho de cata: Fora da cata, outras turmas. Gente novata na despedração e na despedração e surucas, separando e peneirando o cascalho bruto... (Mário Palmério, Vila dos Confins, 13ª ed. p.]23.) F. cp. Surucar.

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 52 – Dicionarização - *bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado*

DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA						
Itens lexicais	CLÁSSICOS			CONTEMPORÂNEOS		
	Bluteau (1712-1728)	Silva Pinto (1832)	Silva (1789-1813; 1949)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Caldas Aulete (1970)
Chupão	(chupam) aquela nódoa vermelha, que ficou na superfície da carne pela chupadura que nela se faz.	Mancha que fica na parte que se chupou.	A nodoa que fica onde se chupa. Chupar forte.	1 B que ou aquele que chupa, que suga; 3 ato de sugar ou chupar com força; 5 sucção violenta feita na epiderme de alguém; chupada 6 (sXVII-XVIII) p.met. a marca deixada na pele por esse ato; periquito, chupada 7 TRM, BEI chaminé da cozinha 8 ANGIOS; MG m.q. condurango (Vitis sulcicaulis) 9 ent B N. m.q. percevejo-do-arroz (Solubea poecila) Percevejo-do-arroz: percevejo (Solubea poecila) da fam. dos pentatomídeos, de ampla distribuição no Brasil, que mede cerca de 7 mm de comprimento por 4 mm de largura, apresenta coloração marrom, com manchas amarelas no pronoto e escutelo; chupador, chupador-do-arroz, chupão, chupão-do-arroz, frade, percevejo-sugador, pulga-d'anta, pulgão, tamandujá, tamanjuá [Em certas regiões constitui a mais importante praga do arroz.]. 10 ENT; B, S., B, C.-O. m.q. barbeiro 11 ORN; MT m.q. melro Gnorimopsar chopi)	1. Que chupa. 7. Bras. Mancha sanguínea proveniente de tal sorvedura; periquito. 8. Bras. N.E. Zool. V. barbeiro (6). Barbeiro: 6. Bras. Zool. Inseto hemíptero, reduvídeo, triatomíneo, caracterizado por ter o rosto reto e sem impressão transversa ou constrição atrás dos olhos. São conhecidas, no Brasil, acima de 30 espécies, transmissoras da doença de Chagas. Hematófagos, têm hábitos noturnos. 1. Que chupa. 7. Bras. Mancha sanguínea proveniente de tal sorvedura; periquito. 8. Bras. N.E. Zool. V. barbeiro (6).	1. Que chupa, ou costuma chupar. 5. Ação de chupar, sugar, esp. com força. 8. Zool. Inseto hematófago, transmissor da doença de Chagas; BARBEIRO 9. Zool. Inseto hemíptero, da fam. dos coreídeos, que ataca as cápsulas das plantas e provoca clorose.

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 52 – Dicionarização - *bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado* (continuação)

DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA						
Itens lexicais	CLÁSSICOS			CONTEMPORÂNEOS		
	Bluteau (1712-1728)	Silva Pinto (1832)	Silva (1789-1813; 1949)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Caldas Aulete (1970)
Chupão (continuação)					Barbeiro: 6. Bras. Zool. Inseto hemíptero, reduvíideo, triatomíneo, caracterizado por ter o rosto reto e sem impressão transversa ou constrição atrás dos olhos. São conhecidas, no Brasil, acima de 30 espécies, transmissoras da doença de Chagas. Hematófagos, têm hábitos noturnos.	
Manzá	-	-	-	Nos candomblés angola-congo e seitas afins, denominação da água potável ou de uso ritual. Etim. quicg. <i>maza</i> no sentido de 'água'.	Bras. Rel. No candomblé angola-congo e nos cultos por ele influenciados, a água us. em cerimônias rituais. [Variante.: <i>mazia</i> .]	[Verbetes original] verme anelídeo, espécie de sanguessuga, que vive nalgumas lagoas.

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 52 – Dicionarização - *bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado* (continuação)

DICIONÁRIOS DE USOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA						
Itens lexicais	CLÁSSICOS			CONTEMPORÂNEOS		
	Bluteau (1712-1728)	Silva Pinto (1832)	Silva (1789-1813; 1949)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Caldas Aulete (1970)
Xamixuga sanguessuga	Sanguexuga ou sanguisuga. Vid. Sanguesuga. Sanguisuga, ou sanguesuga, ou sanguichuga, ou sanguixuga. Inseto, assim chamado, do verbo latino sugo, que vale o mesmo que chupo, porque chupa o sangue. É um bichinho aquático, do comprimento do dedo meeminho. Na extremidade da cabeça tem um buraquinho redondo com três dentinhos, com os quais penetra na pele, e chupa o sangue. Há de muitas espécies, de diversas cores, e grossuras. as de que usam na medicina se acham nas fontes de agua clara e corrente. São da cor do figado, delgadas e redondas; tem a cabeça pequena, barriga tirante a vermelho, as costas verdes, e rajadas de cor de ouro.... (v.7.p.476)	Sanguesuga: inseto aquático bem conhecido. Sanguexupa: por sanguesuga	Sanguesuga: inseto aquático, preto, que se estende muito, e alarga, pega-se aos animais e chupa-lhe o sangue. Sanguexupa: v. sanguesuga. Sanguisuga. V. sanguesuga. Sanguixuga. V. sanguesuga.	zoo design. comum aos anelídeos da classe dos hirudíneos, marinhos, terrestres ou de água doce, ger. sugadores de sangue de vertebrados; com corpo achatado, dividido externamente em anéis, sem cerdas ou parapódios e dotado de uma ventosa anterior e outra posterior, us. para fixação [Algumas spp. de água doce, como a Hirudo medicinalis, foram muito us. no passado como forma de tratamento médico, para promover sangrias.] Etimologia lat. sanguisūga, ae 'id.', de sanguis, inis 'sangue' e sugo, is, xi, ctum, gère 'chupar, sugar'; ver sangu(i/e)- e sug-; f.hist. c1543 samesuga, 1562 sambexuga, 1572 sanguesuga, 1632 sambixuga, 1668 sanguisuga, sXVII sanguichuga, 1720 sanguexuga, 1789 sanguexupa	[Do lat. sanguisuga.] Substantivo feminino. 1.Zool. Verme do filo dos anelídeos, da classe dos hirudíneos, que habita as águas doces e tem ventosas com que se liga aos animais a fim de sugar-lhes o sangue. É de uso medicinal para provocar sangrias desde a época romana. Ex.: Hirudus medicinalis. [Sin., bras.: bicha.]	1. Zool. Denominação comum aos anelídeos da classe dos hirudíneos marinhos, terrestres e da água doce, sugadores de sangue de vertebrados, com corpo achatado, segmentado e dotado de uma ventosa anterior e outra posterior utilizada para fixação. [Algumas espécies eram us. em sangrias terapêuticas. [F.: Do lat. sanguisuga. Ideia de 'sanguessuga': bdel(o)- e hirud(in)-]

Fonte: Elaboração própria.

APÊNDICE B - QUADROS-RESUMO: PESQUISAS NAS OBRAS LEXICOGRÁFICAS
E/OU ENCICLOPÉDICAS:

DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS

Quadro 53 – Dicionarização - *cria da ovelha logo que nasce*: obras especializadas

DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
Itens lexicais	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	TUPINISMOS			AFRICANISMOS	
	CUNHA ([1982] 2010)	Nascentes (1955)	Nascentes resumido (1966)	NASCENTES ([1957] 2011)	Boudin ([1966] 1978)	Carvalho (1987)	Cunha ([1976] 1998)	LOPES ([1996] 2003)	LOPES ([2004] 2011)
bezerro	Vitelo, novilho. XIII. Tal como o cast. Becerro, o voc. Port. Deve porvir de um lat. Hisp. *ibicerra, *ibicirra, der. De ibex -icis ‘camurça, cabra montês’, em razão do caráter indômito e arisco de ambos os animais.	do vasconço beicecorra, de beia, vaca e cecorra, vitela. o esp. tem becerro. o sufixo é genuinamente vasconço. Cortesão dá um b. lat. becerru, do ár. bocair, pequeno touro.	Bezerra: provavelmente do lat. Hispânico ibex, icis, “cabrito montês”, com o suf. Ibérico -rr, numa forma *ibicirra ou *ibicerra. Bezerro: masc. Bezerra, q. v.	-	-	-		∅	-
bode			De origem incerta, talvez pré-romana.	-	-	-		(1) O macho da cabra. (2) mulato, mestiço. (3) estado de sonolência, geralmente provocado por droga (BH). Nascentes (1988 a) dá origem incerta, assim como Cunha 91982-1b), e diz ser talvez pré-romana. ⁸⁹	Termo altamente difamatório com que no Brasil pré-republicano se designava o mestiço de africano.

Fonte: Elaboração própria.

⁸⁹ A *African Encyclopedia* (1974 c, p. 77), no verbete “Bantu languages”, numa mostra de vocábulos do protobanto, inclui *n-budy*, bode. Veja-se que os termos correspondentes ao português bode são, em suaíle, *mbuzi*; em ronga, *imbushi*; em suto, *podí*. Veja-se tbm, que chifre, em quicongo, é *mbudi*, o mesmo que carneiro em quimbundo. Observe-se, ainda, que, apesar de o étimo consagrado da palavra buzina ser o lat. *bucina*, corneta, trombeta, há um parentesco entre essas raízes. E o que nos chama a atenção para isto é o quimbundo *buzumuva*, divulgar em voz alta (RIBAS b, p. 168).

Quadro 53 – Dicionarização - *cria da ovelha logo que nasce*: obras especializadas (continuação)

DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
Itens lexicais	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	TUPINISMOS			AFRICANISMOS	
	CUNHA ([1982] 2010)	Nascentes (1955)	Nascentes resumido (1966)	NASCENTES ([1957] 2011)	Boudin ([1966] 1978)	Carvalho (1987)	Cunha ([1976] 1998)	LOPES ([1996] 2003)	LOPES ([2004] 2011)
borrego	Borro. Carneiro de entre um e dois anos. 1813. Do lat. <i>Burrus</i> ‘ruço, vermelho. Borrego: cordeiro com menos de um ano.	de borro, cordeirinho, e sufixo ego. A Coelho tira do b. latim *burricu que deu também burrico e diz que primeiramente deviam ser assim os carneiros de -cor ruiva. M. Lübke REW, 1416, prende o latim <i>burrus</i> , ruivo. Cortesão deriva espanhol borrego.	Borrega: fem. Borrego. De bôrra, q.v., e sufixo -erro. Por causa da lã macia de que está coberto. Borra: do lat. <i>Burra</i> “tecido grosseiro de lã”.	-	-	-		Ø	-
cabrita	Cabra pequena.	-	Fem. De cabrito, q.v. era a cria feminina da <i>cabra</i> , enquanto mamava; hoje é a <i>cabra</i> . A cria é <i>cabritinha</i> . Mestiça nova. Cabra: do lat. <i>Capra</i> .		-			Ø	-
cabrito	Pequeno bode. XVI. Do lat. <i>Tardio capritus</i> .	-	Do lat. <i>Tardio capritu</i> . Era a cria masculina da <i>cabra</i> enquanto mamava. Hoje é o <i>bode</i> . A cria masculina é <i>cabritinho</i> . Mestiço novo. V. <i>cabra</i> .		-			Ø	Ø

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 53 – Dicionarização - *cria da ovelha logo que nasce*: obras especializadas (continuação)

DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
Itens lexicais	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	TUPINISMOS			AFRICANISMOS	
	CUNHA ([1982 2010])	Nascentes (1955)	Nascentes resumido (1966)	NASCENTES ([1957 2011])	Boudin ([1966 1978])	Carvalho (1987)	Cunha ([1976 1998])	LOPES ([1996 2003])	LOPES ([2004 2011])
Carneiro(inho)	Mamífero reduzido à domesticidade como gado lanígero. XIII. Do lat. <i>carnariu</i> ‘animal de boa carne’.	do lat. <i>carne</i> e suf. <i>eiro</i> , scilicet <i>animal</i> , animal carnudo, de boa carne; esp. <i>carnero</i> . (M. Lübke, <i>REW</i> , 1706). A. Coelho tira de um tema <i>carn</i> , que se encontra no al. <i>karn</i> , entalhe, significando cortar, castrar. A Academia Espanhola deriva do lat. <i>carnariu</i> , de <i>caro</i> , <i>carnis</i> , <i>carne</i> . M. Lübke repele pelo sentido o étimo <i>crena</i> (Diez, Dc., 437). Cortesão dá citações: <i>Dedisti nobis...</i> II, as. <i>cabras et uno canario</i> (Diplomata, p. 124 – A. 1008). No sentido de <i>ossuário</i> A. Coelho tira de <i>carne</i> e suf. <i>eiro</i> e M. Lübke, <i>REW</i> , 1702, do lat. <i>carnariu</i> . O esp. tem <i>carnero</i> no mesmo sentido.	Carneira : de carneiro, q.v. é feita com pele de carneiro. Como termo filatélico vem do fr. <i>Charnière</i> . Carneiro (animal). Do lat. <i>Carnariu</i> “animal castrado” aproveitado para se tirar a carne, em oposição a <i>aries</i> “o carneiro castiço ou de semente”, aproveitado para a reprodução. Suplantou <i>vervex</i> .	Carneiro: sepultura murada em que se consome a carne dos cadáveres.	-			Ø Ver bode.	

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 53 – Dicionarização - *cria da ovelha logo que nasce*: obras especializadas (continuação)

Itens lexicais	DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS								
	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	TUPINISMOS			AFRICANISMOS	
	CUNHA ([1982 2010])	Nascentes (1955)	Nascentes resumido (1966)	NASCENTES ([1957 2011])	Boudin ([1966 1978])	Carvalho (1987)	Cunha ([1976 1998])	LOPES ([1996 2003])	LOPES ([2004 2011])
marrã	Marrão: porco desmamado. Do ár. Muharram ‘coisa proibida’ em alusão à proibição aos muçulmanos comerem carne de porco. Marrano: dizia-se de, ou cristão novo. Designação injuriosa que se dava aos mouros e judeus XV. Do cast. Marrano ‘marrão’. Marrote: porco pequeno ainda não castrado. XX.	marrano: do esp. marrano (A. Coelho, Cortesão). A academia Espanhola admite três vocábulos idênticos. Um, peça de madeira, o qual está fora de consideração. Outro, significando pessoa maldita e excomungada, que é o étimo português e que ela deriva do anátema maranathá, Nosso Senhor vem, usado por S. Paulo na primeira epístola aos Coríntios, XVI, 22. O terceiro é sinônimo de porco e figuradamente significa homem sujo e desasseado, o que procede mal ou baixamente, derivando ela talvez de maharrana, na Andaluzia toucinho fresco, do ár. moharrana, coisa proibida (V. marrão).	Marrão (porco pequeno) do árabe mharram “proibido”, por alusão à proibição de comer carne de porco, constante do Corão.	-				Ø	

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 53 – Dicionarização - *cria da ovelha logo que nasce*: obras especializadas (continuação)

DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
Itens lexicais	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	TUPINISMOS			AFRICANISMOS	
	CUNHA ([1982] 2010)	Nascentes (1955)	Nascentes resumido (1966)	NASCENTES ([1957] 2011)	Boudin ([1966] 1978)	Carvalho (1987)	Cunha ([1976] 1998)	LOPES ([1996] 2003)	LOPES ([2004] 2011)
Marrã (continuação)		<p>O port. se deriva do segundo, com étimo afastado indicado para o terceiro. Era uma denominação injuriosa que se dava aos mouros e judeus por não comerem carne de porco. (Levítico, XI, 7-8). “Os animais mortos, o sangue, a carne de porco...; tudo isto vos é proibido (Corão V. 4).</p> <p>Marrão: (porco). do ár. moharrana, coisa proibida, part. pass. de harana, proibir (Lokotsch, 1499, M. Lükbe, REW, 5636). V. marrano. A Coelho tirou do esp. marrano, mas o tratamento normal, que deu o ditongo ão, bem mostra que o português tirou do próprio árabe e não do espanhol o vocábulo. Lokotsch derivou do hebr. mar'e, aparência. V. marrão, in fine. Eguilaz tirou do árabe marroquino morran</p>							

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 53 – Dicionarização - *cria da ovelha logo que nasce*: obras especializadas (continuação)

DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
Itens lexicais	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	TUPINISMOS			AFRICANISMOS	
	CUNHA ([1982] 2010)	Nascentes (1955)	Nascentes resumido (1966)	NASCENTES ([1957] 2011)	Boudin ([1966] 1978)	Carvalho (1987)	Cunha ([1976] 1998)	LOPES ([1996] 2003)	LOPES ([2004] 2011)
Ovelha [filhote de]	Femea do carneiro. Do latim ovicula -ae; Ovelho: sec XVI.	Do latim ovicula; espanhol oveja, italiano oveglia, francês ouaille (em sentido espiritual).	Do latim ovicula; dim. De ovis 'ovelha'.	Ovelhum: Na entrada lanígero, ovelhum, ovino – qualificativo da espécie de gado a que pertence o carneiro. O segundo é de menor uso.	-	-	-	∅	∅

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 54 – Dicionarização - ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas: obras especializadas

DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
Itens lexicais	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	TUPINISMOS			AFRICANISMOS	
	CUNHA ([1982] 2010)	Nascentes (1955)	Nascentes resumido (1966)	Nascentes ([1957] 2011)	Boudin ([1966] 1978)	Carvalho (1987)	Cunha ([1976] 1998)	LOPES ([1996] 2003)	LOPES ([2004] 2011)
Caterê cateretê	- Sm 'tipo de dança rural' 1889. De provável origem africana, mas de étimo indeterminado.	- -	- De provável origem africana.	- -	- -	-	- -	- Cateretê: Dança rural cantada, executada em fileiras opostas (BH). Etimologia controversa: Nascentes, em duas de suas obras, ora atribui provável origem africana (1966b), ora origem tupi (1988 a). ⁹⁰	- cateretê: o msm que catira. Catira: dança sapateada bras. que se executa sempre em fileiras que se defrontam. O acompanhamento é feito especialmente por violas, em geral, duas. MT, Goiás, SP. MG são os estados onde a dança ocorre com maior vitalidade. Catetê: restos comestíveis de azeite de dendê.

Fonte: Elaboração própria.

⁹⁰ Schneider (1991 a) chama a atenção para a presença provável de elementos do umbundo na formação da palavra. Para nós, a origem pode estar em CATETE, afro-brasileirismo que, segundo Cândido de Figueiredo (1925 a), qualifica uma espécie de galinha. Em abono a essa ideia trazemos outros nomes de danças afro-brasileiras que evocam animais, como BUÁ, CALANGO, QUIMBETE etc. **Catete:** (adj.). Diz-se de galinha pequena, de penugem lisa e pernas nuas (CF). Do quimbundo *katete*, pássaro africano (RIBAS, 1979 b, p. 215). **Catetê:** restos comestíveis de azeite de dendê. Provavelmente do quimbundo *matete*, papa, na forma diminutiva. cp. MATETÊ

Quadro 54 – Dicionarização - ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas: obras especializadas (continuação)

DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
Itens lexicais	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	TUPINISMOS			AFRICANISMOS	
	CUNHA ([1982] 2010)	Nascentes (1955)	Nascentes resumido (1966)	Nascentes ([1957] 2011)	Boudin ([1966] 1978)	Carvalho (1987)	Cunha ([1976] 1998)	LOPES ([1996] 2003)	LOPES ([2004] 2011)
Cocá (cocar)	Penacho, laço ou distintivo que se usa na cabeça, no chapéu, no elmo, etc. XVIII do francês <i>cocarde</i> , de coq 'galo'.	do francês <i>cocard</i> , antigamente tufo de pena de galo (fr. coq.) o qual se usava no chapéu, ou, segundo outros, crista de galo, depois insígnia encarnada como a crista de galo.	COCA: vocábulo onomatopaico do grito da ave. Cocar (penacho). do fr. <i>cocarde</i> . Cocar (ave). ultracorreção por <i>cocá</i> , q. v.	Como sinônimo de angolinha: angolinha (SP), angolista (SP), capote (Ceará), cocar (Piauí), estou-fracá , galinha-da-guiné , galinha-da-índia , galinha-d'angola , galinha-da-numídia , galinhola , guiné , picota , pintada – Ave da família Numididae (<i>Numida meleagris</i>).	-	-	-	v. intr. Fitar, olhar, espreitar. De possível origem banta.	-
Galinha d'angola		- θ	De <i>galinha</i> , q.v., e do top. Angola. O nome indica a procedência.	Angolinha (São Paulo), angolista (S. Paulo), capote (Ceará), cocar (Piauí), estou-fracá , galinha-da-guiné , galinha-da-índia , galinha-d'angola , galinha-da-numídia , galinhola , guiné , picota , pintada – ave da família Numididae	-	-	-	Ave originária da África, da família dos galiformes (BH). Do top. ANGOLA. Picota: GALINHA-D'ANGOLA (AN). Nascentes liga ao port. <i>pico</i> , <i>picar</i> , sem certeza. Possível, também, origem banta, pelo aspecto.	Denominação comum a três espécies de aves galináceas da fam. dos <i>numilídeos</i> , a saber: <i>Numida meleagris</i> (a mais comum); <i>Numida vulturina</i> (pintada, abutre ou real) e <i>Numida cristata</i> (pintada, com crista). Originárias das estepes da África e Madagascar, hoje estão aclimatadas às regiões quentes das Américas, da Índia, etc. ⁹¹

Fonte: Elaboração própria.

⁹¹ Quanto aos sacrifícios rituais, é a ave preferida pela maioria dos orixás. No candomblé, suas penas são colocadas na cabeça e no corpo da iaô, após o *sundidé*⁹¹. Um dos mitos iorubanos sobre a origem do mundo conta que foi a galinha d'angola que, sobre as águas iniciais, ciscou uma porção de terra e a espalhou por todas as direções, fazendo nascer a terra firme. Por essa e outras razões, é considerada a primeira entre as aves, a primeira iaô⁹¹, o animal mais importante dentro da tradição dos orixás. Diz-se também *conquém* e *etu*.

Quadro 54 – Dicionarização - ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas: obras especializadas (continuação)

DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
Itens lexicais	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	TUPINISMOS			AFRICANISMOS	
	CUNHA ([1982] 2010)	Nascentes (1955)	Nascentes resumido (1966)	Nascentes ([1957] 2011)	Boudin ([1966] 1978)	Carvalho (1987)	Cunha ([1976] 1998)	LOPES ([1996] 2003)	LOPES ([2004] 2011)
Guiné	Guinéu. Relativo à Guiné, natural ou habitante da Guiné.	guinéu, do inglês guinea (A. Coelho), de Guiné, região da África. Foram, a princípio cunhados pela casa da moeda inglesa (1663), para as trocas comerciais com a Guiné e feitas com o ouro provindo desta região (Bonnaffè).	Guiné (ave). Do top. <i>Guiné</i> . Galinha-da-guiné. De <i>galinha</i> , q.v., e do top. <i>Guiné</i> . O nome indica a procedência.	Como sinônimo de angolinha: angolinha (SP), angolista (SP), capote (Ceará), cocar (Piauí), estou-fraca , galinha-da-guiné , galinha-da-índia, galinha-d'angola , galinha-da-numídia, galinhola, guiné , picota, pintada – Ave da família Numididae (<i>Numida meleagris</i>).	-	-	-	-	Guinea: denominação cubana da galinha d'angola.

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 54 – Dicionarização - ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas: obras especializadas (continuação)

DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
Itens lexicais	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	TUPINISMOS			AFRICANISMOS	
	CUNHA ([1982] 2010)	Nascentes (1955)	Nascentes resumido (1966)	Nascentes ([1957] 2011)	Boudin ([1966] 1978)	Carvalho (1987)	Cunha ([1976] 1998)	LOPES ([1996] 2003)	LOPES ([2004] 2011)
Quenquém (Conquém)	Sobre quenquém : na entrada CARRO (p. 131) há, no derismembramento, a menção a quenequém, mas não se pode inferir relação com aves ou alguma acepção de sentido: “ carriEIRA sf. ‘quenquém XX. A base deve ser <i>carrear</i> , de <i>carro</i> .”	- Cancã : do fr. <i>cancan</i> . <i>Cancan</i> , falatório maldizente, é para Stappers onomatopeia do grito do pato. Brachet também julga onomatopeia.	Quenquém : Nome onomatopeico de uma formiga e de uma gralha, pelos ruídos que fazem. Cancã (dança). Do fr. <i>cancan</i> . Cancã (ave). onomatopeia da voz da ave.	Em formiga-mineira : quenquém – formiga <i>Acromyrmex subterranea</i> . Cancã (Amazônia), caracará-preto (Sul) – Ave da família Falconidae <i>Ibyter americanus</i> .	-	-	-	Conquém: galinha-d’angola (oc). Possível origem banta. Quenquém : Inseto himenóptero, da família dos formicídeos (BH). Do quicongo <i>nkenke</i> , muito pequeno, minúsculo. Q. v. tb. <i>*nkenge</i> , formigueiro.	Conquém: Denominação de galinhas d’angola em alguns terreiros brasileiros. O termo correspondente em ioruba é <i>etu</i> . Etu : nos cultos iorubanos do Brasil e de Cuba, nome com que se designa a galinha d’angola. Do iorubá <i>etù</i> .
Quenquém (Conquém) (continuação)	Cancã : espécie de dança tradicional dos cabarés de Montmartre (Paris) <i>cancan</i> 1881 do fr. <i>cancan</i> .	Para Damesteter, Larousse, é alteração do <i>quamquam</i> , conquanto, palavra pelo qual começavam muitas vezes as arengas universitárias. Clédat entende que a dança é palavra diferente de <i>propósito</i> , <i>fastidioso</i> e <i>malévolo</i> .		Cancã (Sul), gavião-caipira (Amazônia) – Ave da família Falconidae (<i>Hypomorphus urubitinga</i>). Cancã (Nordeste), gralha, piom-piom (Nordeste) – Pássaro da família <i>Corvidae</i> (<i>Cyanocorax sp.</i>). Cancã, marreta, marrequinha, paturi – ave da família <i>Anatidae</i> (<i>Nomonyx dominicus</i>).					

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 54 – Dicionarização - *ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas*: obras especializadas (continuação)

DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
Itens lexicais	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	TUPINISMOS			AFRICANISMOS	
	CUNHA ([1982] 2010)	Nascentes (1955)	Nascentes resumido (1966)	Nascentes ([1957] 2011)	Boudin ([1966] 1978)	Carvalho (1987)	Cunha ([1976] 1998)	LOPES ([1996] 2003)	LOPES ([2004] 2011)
Saquê	Outra acepção. Saquê. bebida japonesa usual, obtida pela fermentação do arroz, e servida, em geral quente, durante as refeições. Do jap. <i>saki</i> .	-	- outra acepção. Do japonês <i>sake</i> .	- outra acepção (saquê – bebida oriental)	-	-	-	-	Sacuê: galinha d'angola.

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 55 – Dicionarização - *galinha sem rabo*: obras especializadas

DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
Itens lexicais	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	TUPINISMOS			AFRICANISMOS	
	Cunha ([1982] 2010)	Nascentes (1955)	Nascentes Resumido (1966)	Nascentes ([1957] 2011)	Boudin ([1966] 1978)	Carvalho (1987)	Cunha ([1976] 1998)	Lopes ([1996] 2003)	Lopes ([2004] 2011)
<i>Cotó</i>	Ver cutelo - Cotó: Faca pequena. XVIII. adaptado do francês <i>couteau</i> , derivado do latim <i>cutellus</i> . 1813 p/ acutilador.	Do lat. cubitu, cotovelo. (A. Coelho Ribeiro de Vaconcelos, Gram. Hist. Port., 131, marlo Barreto, Fatos da Linguagem, 176). Houve síncope do <i>i</i> e assimilação do <i>b</i> ao <i>t</i> : <i>cub'tu</i> . o sentido inicial foi do braço mutilado na altura do cotovelo.	Mutilado. de coto. Cotó. faca. do fr. <i>couteau</i> . <i>Cotoco</i> : do cruamento de <i>coto</i> e <i>toco</i> , q.v.	-	-	-	-	- Cotoco: parte que resta do membro amputado (NA). Segundo Nascentes, (1966b), é cruzamento de <i>coto</i> , de or. lat., com <i>toco</i> , que pode ter origem banta. veja-se umbundo * <i>kototo</i> , falange digital e o quimbundo <i>katoko</i> , menor.) para nós é corruptela de <i>catoco</i> .	-

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 55 – Dicionarização - *galinha sem rabo*: obras especializadas (continuação)

Itens lexicais	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	TUPINISMOS			AFRICANISMOS	
	Cunha ([1982] 2010)	Nascentes (1955)	Nascentes Resumido (1966)	Nascentes ([1957] 2011)	Boudin ([1966] 1978)	Carvalho (1987)	Cunha ([1976] 1998)	Lopes ([1996] 2003)	Lopes ([2004] 2011)
<i>Lambu</i>	Ave da família dos tinamídeos. <i>nambu</i> 1587, <i>inhambu</i> 1618, <i>nãbu</i> 1624 etc. [Do tupi <i>ina'um</i> .	-	Forma aferética de <i>inambu</i> , q.v. Inambu: do tupi <i>inã'bu</i> . Inambuí: de <i>inambu</i> , q.v. e tupi <i>i</i> “pequeno”.	Ver codorniz. Inambu, nambu – nomes de aves da família Tinamidae, pertencentes ao gênero <i>Crypturus</i> e, na Amazônia, também ao gênero <i>Tinamus</i> . Ver codorna. Inhambu-anhangá, inambu-saracuíra – ave da família Tinamidae (<i>Crypturus variegatus</i>). Inambucuí, inambu-pixuna, inambu-quiá, inambu-sujo – ave da família Tinamidae (<i>Crypturus cinereus</i>).	[nambu] (B. C. p. 173 – inambú=perdiz): nambu (guarani; inambú).	Inambu: Ornitologia: nambu ou inhambu, ave da família dos tinamídeos, gênero <i>Tinamus</i> . Inhambuxintã – do Tupi Guarani Inhambux-ave; xi-bico; antã-duro. Ave da família Tinamídea, com o nome científico de <i>Crypturellus Tataupa</i> . Nhambu: Nhambu – o que corre emergindo do tupi T-nambu, o que levanta vôo rumorejando.	Inambu: var. nambu; jnambu, nabu, ynambu, inambú, nambú, nhambú. [Do tupi <i>ina'um</i> . VLB I. l. 7[6: codorniz = ynambutininga.] Ave da família dos tinamídeos. (ver p. 153-154 p fontes históricas).	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 55 – Dicionarização - *galinha sem rabo*: obras especializadas (continuação)

DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
Itens lexicais	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	TUPINISMOS			AFRICANISMOS	
	Cunha ([1982] 2010)	Nascentes (1955)	Nascentes Resumido (1966)	Nascentes ([1957] 2011)	Boudin ([1966] 1978)	Carvalho (1987)	Cunha ([1976] 1998)	Lopes ([1996] 2003)	Lopes ([2004] 2011)
Mensura	Mensurar: vb. determinar a medida de, medir. sec. XVII. do latim <i>mensurare</i> .	Do lat. <i>mensura</i> , medida. v. medida.	Mensurar: do lat. <i>mensurare</i> , por via erudita. Mesura: do lat. <i>mensura</i> “medida”. o sentido figurado de reverência vem de serem movimentos <i>regulados</i> .	-	-	-	-	-	-
Passura	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Suro	Sura: seiva da palmeira. XVI. Do concani sur, der. do sânsc. Sura. Sura: panturrilha. Sec. XX. Do lat <i>sura</i> . - <i>sura</i> . suf nom der do latim - (<i>sura</i>)	1955: antigo çuro (Gil Vicente). O espanhol tem zuro, a que a Academia Espanhola atribui a mesma origem que zurito, quiçá do árabe turi, montaraz.	Sura: (seiva da palmeira). do cocani <i>sur</i> . Sura: Do latr. <i>sura</i> , por via erudita. Sura: (papagaio sem rabo). substantivação do fem. do adj. suro. Suri: variante de suro. Suro: de origem obscura. Suru: v. suro.	Bico (Norte), sura (Maranhão), suru (Bahia): papagaio de papel de seda, sem cauda, com pequenas barbatanas. v. arraia. (brinquedo).	-	<i>Çura</i> : subst. altibaixos (na madeira, etc.). <i>çuçura</i> .	-	Suro: diz-se de animal sem rabo, cotó (AN). Possivelmente do nhungue <i>suro</i> , coelho: a cauda desse animal é mínima.	-

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 55 – Dicionarização - *galinha sem rabo*: obras especializadas (continuação)

DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
Itens lexicais	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	TUPINISMOS			AFRICANISMOS	
	Cunha ([1982] 2010)	Nascentes (1955)	Nascentes Resumido (1966)	Nascentes ([1957] 2011)	Boudin ([1966] 1978)	Carvalho (1987)	Cunha ([1976] 1998)	Lopes ([1996] 2003)	Lopes ([2004] 2011)
<i>suruco</i>	-	-	-	-	-	-	-	Suro, sem rabo (SAM). Provavelmente se SURO, ou suru, de origem ameríndia, contaminado por NABUCO (q.v.). Cp. SURUCAR. Surucar: v. int. Desabar, ruir, afundar (CT). Certamente relacionado ao quicongo <i>suluka</i> , aborto. Em quimbundo, os verbos que encerram sentido de desfazimento, desmanchamento, dissolução etc. quase sempre terminam em <i>uka</i> .	-

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 55 – Dicionarização - *galinha sem rabo*: obras especializadas (continuação)

DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
Itens lexicais	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	TUPINISMOS			AFRICANISMOS	
	Cunha ([1982] 2010)	Nascentes (1955)	Nascentes Resumido (1966)	Nascentes ([1957] 2011)	Boudin ([1966] 1978)	Carvalho (1987)	Cunha ([1976] 1998)	Lopes ([1996] 2003)	Lopes ([2004] 2011)
<i>Sururu</i>	Molusco bivalve da fam. dos mitilídeos, mexilhão 1587. Do tupi <i>seru'ru</i> .	-	Sururu: do tupi <i>suru'ru</i> .	-	-	-	Sururu, sururu. tupi <i>seru'ru</i> . molusco bivalve da família dos mitilídeos, mexilhão.	-	-
<i>Toco</i>	Parte do tronco vegetal que permanece ligada à terra depois de cortada a árvore. cacete, bordão. ponta. XVIII. de origem obscura. destocar 1844.	A. Coelho deriva do esp. <i>tocón</i> , it. <i>tocco</i> , pedaço, que Diez liga a <i>touca</i> . Cortesão deriva de <i>coto</i> por metátese do <i>o</i> e do <i>t</i> e manda ver o vocábulo <i>couto</i> (de candeia) no Elucidário de Viterbo. o esp. tem <i>tueco</i> , <i>tocón</i> . Petrocchi tria o it. do céltico, baixo bretão <i>tok</i> .	De origem incerta, talvez pré-romana.	-	-	-		Idem cotó.	-

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 56 – Dicionarização - *bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado*: obras especializadas

Itens lexicais	DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS								
	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	TUPINISMOS			AFRICANISMOS	
	Cunha ([1982] 2010)	Nascentes (1955)	Nascentes Resumido (1966)	Nascentes ([1957] 2011)	Boudin ([1966] 1978)	Carvalho (1987)	Cunha ([1976] 1998)	Lopes ([1996] 2003)	Lopes ([2004] 2011)
cangambá	∅	∅	Do tupi a'kâga am'ba “cabeça vazia, estonteado”. A secreção por ele ejaculada nauseia as pessoas.	Cangambá, iritaca, jaguaritaca, jaritacaca, jaritataca, jeritacaca, maritacaca (Pernambuco), maritafede, maritataca, tacaca – mamífero da família Mustelidae (Conepatus chilensis).	∅	∅	∅	s.m. jaritataca (BH). Étimo controverso. Galvão e Selvagem (1952, p. 188), listando a fauna angolense, incluem <i>ikan-gamba</i> , zorrilho, e Barbosa (1989b) consigna o quioco <i>kangamba</i> , espécie de furão ou doninha. Serão portuguesesismos? s.m. maracá (SC). Provavel origem banta.	∅

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 56 – Dicionarização - *bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado*: obras especializadas (continuação)

Itens lexicais	DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS								
	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	TUPINISMOS			AFRICANISMOS	
	Cunha ([1982] 2010)	Nascentes (1955)	Nascentes Resumido (1966)	Nascentes ([1957] 2011)	Boudin ([1966] 1978)	Carvalho (1987)	Cunha ([1976] 1998)	Lopes ([1996] 2003)	Lopes ([2004] 2011)
Cassaco	∅	∅	De origem obscura.	IDEM p gambá		∅	∅	s.m. (1) gambá. (2) trabalhador em engenhos, usinas de açúcar ou construção de estradas. (3) Servente de padaria (BH). De possível origem banta. Q.v. o quicongo *kasakana, trabalhar, fazer qualquer coisa sob o império da fome ou de outras necessidades (LAMAN, p. 1964b). a primeira acepção pode ter decorrido daquela de trabalhador de engenho, pela folclórica predileção do gambá pela aguardente de cana.	∅

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 56 – Dicionarização - *bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado*: obras especializadas (continuação)

Itens lexicais	DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS								
	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	TUPINISMOS			AFRICANISMOS	
	Cunha ([1982] 2010)	Nascentes (1955)	Nascentes Resumido (1966)	Nascentes ([1957] 2011)	Boudin ([1966] 1978)	Carvalho (1987)	Cunha ([1976] 1998)	Lopes ([1996] 2003)	Lopes ([2004] 2011)
Gambá	Mamífero marsupial do gênero <i>Didelphis</i> 1817. De origem tupi, mas de étimo obscuro.	Gamba: Do italiano <i>gamba</i> , perna (ver Figueiredo)	Do tupi <i>gâ`bá</i> , “seio oco”.	Cassaco (nordeste), gambá (rio e adjacências, Sul), micuré (Mato Grosso), mucura (Maranhão e Amazônia), raposa (S. Paulo e Paraná), sariguê (Bahia), sarigueia (idem), saruê (Bahia e Sergipe), timbu (Nordeste) – nomes das nossas espécies de mamíferos marsupiais da família Didelphiidae, do gênero <i>Didelphis</i> .	V. I - Ml'.kur (idem· m.wlkur; Mont. II p. 213 - mhicú = zorillo), gambá, mucura (Marsupial): m.l'.kur hl'.yê pirêr = a bolsa da fêmea do gambá - vide· tiyé (gUar. . . m.bikú); V II - Gambá; miykur - mucúra (V. MARTIUS); mikur (idem: mwikur) - mbicú (MONT) - mbikú (G); (esp. de . . .) atora (idem: atura).	Ø	Nome comum a vários mamíferos marsupiais do gênero <i>Didelphis</i> .	Designação comum aos mamíferos marsupiais, da família dos didelfídeos (BH). O étimo universalmente aceito é tupi. Mas algumas línguas bantas registram, como o quioco, ngamba, “espécie de doninha ou toirão de dorso e cauda listrados” (BARBOSA, 1989b). Q.v. tb. Cangambá (1). O étimo passa, então, a ser controverso. ⁹²	Tambor na tradição afro-brasileira que conduz a dança de mesmo nome, apresentada como lundu.

Fonte: Elaboração própria.

⁹² E ainda: (2) dança aparentada com o lundu.(1) tambor rústico que conduz a dança do gambá. Abon.: “A parte dançante do gambá consiste numa espécie de lundum...” (SALLES; SALLES, 1969a, p. 275). Étimo controverso: do nome do marsupial gambá; ou de angomba, tambor. Em reforço a esta última hipótese, q.v. Salles e Salles) p. 261: “O gambá tira o nome do instrumento que nele serve: um cilindro de 1 metro de compr., feito de madeira oca (...) com uma pele de boi esticada em uma das extremidades”. Guimaraes Rosa (1970, p. 175) grafa gamba, sem o acento tônico, o que reforça a hipótese. Veja-se tb bamvá e bomba, variantes de nomes de danças brasileiras

Quadro 56 – Dicionarização - bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado: obras especializadas (continuação)

DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
Itens lexicais	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	TUPINISMOS			AFRICANISMOS	
	Cunha ([1982 2010])	Nascentes (1955)	Nascentes Resumido (1966)	Nascentes ([1957 2011])	Boudin ([1966 1978])	Carvalho (1987)	Cunha ([1976 1998])	Lopes ([1996 2003])	Lopes ([2004 2011])
Sariguê	Mamífero marsupial da família dos didelfídeos, gambá/ cerigoê 1576, çariguê c 1584, serigoé 1587, sarige c 1590 etc./ do tupi sari'ue.	sarigueia: do tupi soó-iguê, animal de saco, (Teodoro Sampaio, O tupi na geografia nacional, Rodolfo Garcia, Notas a Ferrão Cardim, Beaurepaire Rohan, Tastevin, Nomes de plantas e animais em língua tupi).	Do tupi sari'wê	Ver gambá.	Ø	Ø	Do tupi sari'ue Sinônimo de gambá (p. 261)	Ø	Ø
saruê	Ø	Ø	Do tupi sari'wê	Ver gambá.	Ø	Ø	Sinônimo de gambá	Ø	Ø
Itens lexicais	DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS								
	TUPINISMOS								
	FIGUEIREDO ([1889 1913])				D. TUPI GUARANI (s.i.)				
Gambá	Gamba: cambito m. Bras. Pernil de porco. Prov. minh. Posta de arraia s'eca. Bras. do N. Gancho de pau. (Cp. it. gambetta, de <i>gamba</i> , perna) gambá. m. O mesmo que sarigueia			Mamíferos marsupiais, didelfídeos, placentários; mucura, cassaco, mocura, soriguê, sarigá, serigüê, seringüê, sariguê, saruê, raposa, taibu, mescla (MA), timbu, micurê, micura, bicure, mcoré, sariguêia, ticaca, caugueá, sariuíá, sariuíê ; V. maritacaca (Conepatus chilensis amazônicas) ; ébrio, beberão ; Folclore – dança de fandango em SP e canto de roda no ES ; cilindro de madeira fechado com couro para produzir som . Fonte: Dicionário de Palavras Brasileiras de Origem Indígena – Clóvis Chiaradia Maritacaca: não há registro.					
cangambá	Ø			Ø					
saruê	Ø			-ver gambá.					
Sariguê	sariguê f. Animal mamífero, da ordem dos marsupiaes, e cuja f'emea tem sob o ventre uma esp'ecie de b'olsa, em que conduz os filhos. (Do guar. çarigueija) çarigueia f. O mesmo ou melhor que sarigueia. sarigueia f. Animal mamífero, da ordem dos marsupiaes, e cuja f'emea tem sob o ventre uma esp'ecie de b'olsa, em que conduz os filhos. (Do guar. ,carigueija)			Ver gambá.					

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 57 – Dicionarização -*cabra que não tem chifres*: obras especializadas

DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
Itens lexicais	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	TUPINISMOS			AFRICANISMOS	
	Cunha ([1982] 2010)	Nascentes (1955)	Nascentes Resumido (1966)	Nascentes ([1957] 2011)	Boudin ([1966] 1978)	Carvalho (1987)	Cunha ([1976] 1998)	Lopes ([1996] 2003)	Lopes ([2004] 2011)
<i>Aleijada</i>	Aleijão. deformidade ou defeito físico ou moral. XVI, aleigom XV, aleijan XV, aleijão 1813 Do latim laesto –onis Aleijado XV Aleijamento XV Aleijar XVI, alejar, 1813.	Aleijão: do latim laesione, lesão; esp. lisióon.	Aleijão: do latim <i>laesione</i> “ação de lesar, com a protético não satisfatoriamente explicado, através da forma anterior <i>leisão</i> . mudou de gênero. Aleijar: do lati. <i>laesiare</i> , por <i>laesionare</i> “causar lesão”. se não calcado diretamente de <i>aleijão</i> .	-	-	-	-	-	-
<i>Mocha</i>	Amochar : verbo. retrair-se, embiocar-se. amochado. part. adj. 1899. Mochos : Sem cornos. Que tem falta de algum membro. Do cast. Mochos, provavelmente de origem expressiva.	(1955) Paul Barbier, no <i>Bulletin de Dialectologie Romane</i> , IV, n.2, p.68, propõe para étimo o lat. <i>murculu</i> , dim. de <i>murcus</i> , que em Amiano Marcelino (sec. IV) tem a significação de “pessoa que para não seguir a vida da milícia amputava o polegar”. (V. RL, XVI, 360).	Mocha: substantivação do fem. do adj. mocho, q.v. Esta arma de fogo não tem cão. Mochos: de origem incerta, talvez criação expressiva.	Coruja, mocho: corujas são todas as aves da ordem Strigiformes. Mochos são corujas que tem a região auricular grande, maior que o olho, e ouvido provido de opérculo; uma grande coroa facial, de cada lado, abrange o olho no meio.	-	-	-	Mochos: banco sem encosto, tamborete (BH). possivelmente do quimbundo muxingo, banco, cadeira.	-

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 57 – Dicionarização - *cabra que não tem chifres*: obras especializadas (continuação)

DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS										
Itens lexicais	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	TUPINISMOS			AFRICANISMOS		
	Cunha ([1982] 2010)	Nascentes (1955)	Nascentes Resumido (1966)	Nascentes ([1957] 2011)	Boudin ([1966] 1978)	Carvalho (1987)	Cunha ([1976] 1998)	Lopes ([1996] 2003)	Lopes ([2004] 2011)	
<i>Mocha</i> (continuação)		Nunes <i>Gram. Hist.</i> , 115, admite que <i>murculu</i> substitui <i>mutilu</i> , que é o étimo A. Coelho e adotado por Pidal, <i>Gram. Hist. Esp.</i> , §37, para o esp. <i>mocho</i> . A Academia Espanhola aceita um lat. <i>muticu</i> . M. Lübke, REW, 5793, admite um radical <i>mutt</i> , que significa truncado, embotado. Cornu, <i>Port. Spr.</i> , §§28 e 136, aceita <i>mutilu</i> apesar da estranheza da transformação do grupo em <i>ch</i> .		Gêneros Otus, Pulsarix e Ciccaba. Praticamente não se faz distinção entre uma coruja e um mocho; daí a sinonímia na linguagem popular.						

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 57 – Dicionarização -*cabra que não tem chifres*: obras especializadas (continuação)

DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
Itens lexicais	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	TUPINISMOS			AFRICANISMOS	
	Cunha ([1982] 2010)	Nascentes (1955)	Nascentes Resumido (1966)	Nascentes ([1957] 2011)	Boudin ([1966] 1978)	Carvalho (1987)	Cunha ([1976] 1998)	Lopes ([1996] 2003)	Lopes ([2004] 2011)
<i>Suruca</i>	Sura: seiva da palmeira. XVI. Do concani sur, der. do sânsc. Sura. Sura: panturrilha. Sec. XX. Do lat <i>sura</i> . - <i>sura</i> . suf nom der do latim - (<i>s</i>) <i>ura</i>	1955: antigo çuro (Gil Vicente). O espanhol tem zuuro, a que a Academia Espanhola atribui a mesma origem que zurito, quiçá do árabe turi, montaraz.	Sura: (seiva da palmeira). do cocani <i>sur</i> . Sura: Do latr. <i>sura</i> , por via erudita. Sura: (papagaio sem rabo). substantivação do fem. do adj. suro. Suri: variante de suro. Suro: de origem obscura. Suru: v. suro.	Bico (Norte), sura (Maranhão), suru (Bahia): papagaio de papel de seda, sem cauda, com pequenas barbatanas. v. arraia. (brinquedo).	-	<i>Çura</i> : subst.. altibaixos (na madeira, etc.). <i>çuçura</i> .	-	Suro: diz-se de animal sem rabo, cotó (AN). Possivelmente do nhungue <i>suro</i> , coelho: a cauda desse animal é mínima. Suro, sem rabo (SAM). Provavelmente se SURO, ou suru, de origem ameríndia, contaminado por NABUCO (q.v.). Cp. SURUCAR. Surucar: v. int. Desabar, ruir, afundar (CT). Certamente relacionado ao quicongo <i>suluka</i> , aborto. Em quimbundo, os verbos que encerram sentido de desfazimento, desmanchamento, dissolução etc. quase sempre terminam em <i>uka</i> .	-

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 58 – Dicionarização - *bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado*: obras especializadas

DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS						
Itens lexicais	ETIMOLÓGICOS			SINÔNIMOS	AFRICANISMOS	
	Cunha ([1982] 2010)	Nascentes (1955)	Nascentes Resumido (1966)	Nascentes ([1957] 2011)	Lopes ([1996] 2003)	Lopes ([2004] 2011)
<i>Chupão</i>	Chupar: sugar, sorver. De origem onomatopaica.	forma dissimilada de chuchar (q. v.) (M. Lübke, REW, 2452); do espanhol chupar. A. Coelho lembra o francês souper, sorver, inglês sip, escorropichar, sup, beber, anglo-saxão sipan. Figueiredo deriva do espanhol, em que a Academia Espanhola reconhece uma onomatopeia	De <i>chupar</i> , q.v. e suf. -ão. (v. chupança). Nome de um coleóptero que <i>chupa</i> o grão de arroz na espiga ainda em desenvolvimento.	Chupador, chupão, pulga-de-anta (Maranhão), tamajuá (Minas gerais) – inseto da família Cimicidae (<i>Mormidea poecila</i>).	-	-
<i>Mazá</i>	-	-	Mazanza: variante desnazalada de manzanza. Manzanza: de origem duvidosa.	-	Mazá: sanguessuga, lesma (YP). do quimbundo <i>mazaia</i> , pl. de <i>dizaia</i> , sanguessuga Manzá: sanguessuga (SP). do quimbundo <i>manzaia</i> , pl. de <i>dizaia</i> , sanguessuga.	- Maza: nos candomblés bantos, água potável ou de uso ritual. Do quicongo <i>maza</i> , ‘água’.
<i>Sanguessuga</i>	Na entrada “sangue”: Sanguessuga. Sec. XVI. Do lat. Sanguisuga -ae.	do latim sanguisuga	do latim sanguisuga	Bichas, sanguessuga – nome dos vermes anelídeos da classe dos hirudíneos. O primeiro nome vem do tempo em que os barbeiros aplicavam em sangrias estes animais (a <i>Hirudo medicinalis</i> , da família Hirudinidae).	-	-

Fonte: Elaboração própria.

ANEXOS

ANEXO A - EXCERTO DO QUESTIONÁRIO (APFB)

56 – [] Pessoa com mau cheiro
Canambá, cangambá

137 – [] Sanguessuga
Manzá

139 – [] Conquém
Saqué

142 – [] Sem rabo (galinha, pinto)
Suro, suruco

147 – [] Cabra sem chifres
Mocha

149 – [] Cria da ovelha
Borrego

ANEXO B - EXCERTO DO QUESTIONÁRIO (ALS)

188 – PESSOA COM MAU CHEIRO

E a pessoa que tem sempre esse cheiro?

395 – SANGUESSUGA

Bicho escuro, compridinho, visguento, que agarra na gente [mímica] quando a gente atravessa certas águas.

414 – GAMBÁ

Bicho que gosta de comer galinha, quando passa deixa um cheiro [mímica]? E tem outro? Diferença.

437 – GALINHA D'ANGOLA

Pintadinha de preto e branco, uma voz engraçada.

455 – CRIA DA OVELHA ASSIM QUE NASCE

460 – CABRA SEM CHIFRES

Preliminar: o quê que a cabra tem na testa? E a que não tem?

ANEXO C - EXCERTO DO QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL FAUNA
(PROJETO ALIB)

71 - GAMBÁ

... um bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?

84 - SANGUESSUGA

... um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado?

OBTER A FORMA INSERIDA EM CONTEXTOS MAIS AMPLOS.

67 - GALINHA D'ANGOLA/ GUINÉ / COCAR

... a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?

69 - SURA

... a galinha sem rabo?

79 - CABRA SEM CHIFRE

...a cabra que não tem chifres?

59 - BORREGO

... a cria da ovelha logo que nasce? E até que idade tem esse nome?